



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

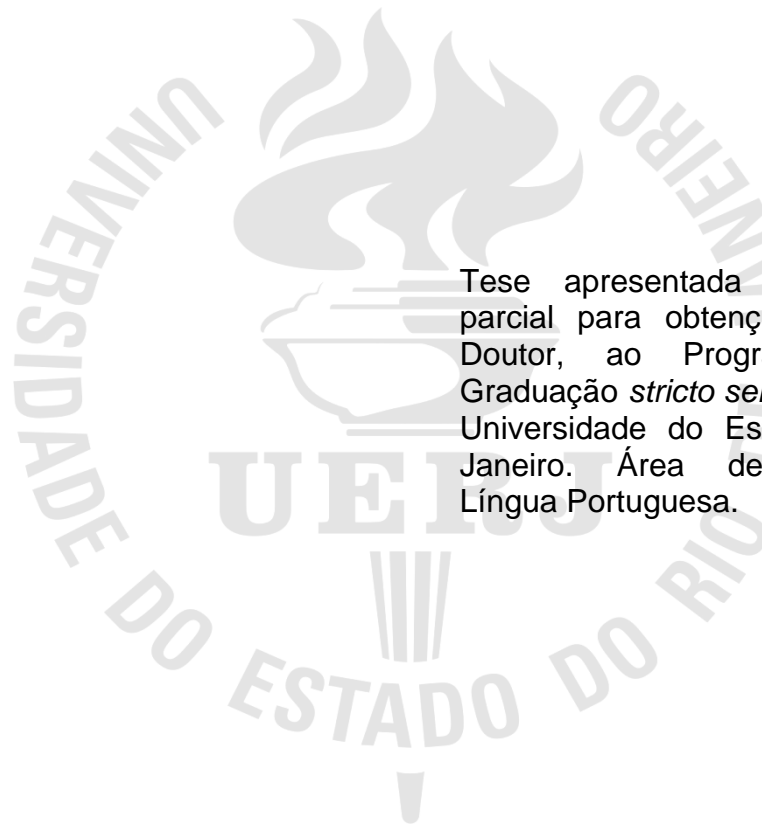
Anderson Ulisses dos Santos Nascimento

**A expressão da futuridade verbal no espaço da lusofonia: Brasil,
Portugal e Moçambique**
v. 2

Rio de Janeiro
2015

Anderson Ulisses dos Santos Nascimento

**A expressão da futuridade verbal no espaço da lusofonia: Brasil, Portugal e
Moçambique
v. 2**



Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2015

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	20
1	PERCURSO HISTÓRICO	29
1.1	Antes do latim	29
1.2	Do latim ao português	34
1.3	A trajetória do verbo <i>ir</i>	49
2	O <i>LOCUS</i> TEMPORAL DO FUTURO VERBAL	62
2.1	Futuro e futuridade	62
2.2	Modo, modalidade, modalização	65
2.3	Modos verbais portugueses	72
2.4	Considerações sobre <i>tempus</i> e tempo	91
2.5	Modo indicativo	96
2.5.1	<u>Presente</u>	103
2.5.2	<u>Pretérito perfeito e pretérito imperfeito</u>	107
2.5.3	<u>Pretérito mais-que-perfeito</u>	114
2.5.4	<u>Perspectiva de <i>locus</i> em <i>continuum</i> modo-temporal para os futuros portugueses</u>	116
2.5.5	<u>Formas compostas</u>	122
2.6	Modo subjuntivo	131
2.7	Modo imperativo	140
3	FUTUROS PORTUGUESES	144
3.1	Futuridade gramaticalizada	144
3.2	Futuro do presente do indicativo	169
3.3	Futuro do pretérito do indicativo	170

3.4	Futuros do subjuntivo	187
3.5	“Gerundismo”	188
4	CONCEPTUALIZAÇÕES DE FUTURIDADE, EM PERSPECTIVA LINGUÍSTICO-COMPARATIVA	197
5	O FUTURO DO PB, PE E PM	210
5.1	Português ou brasileiro?	210
5.2	A questão da lusofonia	219
5.3	Dialetos portugueses: o português moçambicano	231
6	OS CORPORA	251
6.1	Língua escrita e língua oral	252
6.2	Metodologia, identificação e seleção de <i>corpus</i>	263
7	ANÁLISE DOS CORPORA	267
7.1	PB	268
7.2	PE	288
7.3	PM	299
7.4	Visão geral dos dialetos lusófonos	309
	CONCLUSÕES	314
	REFERÊNCIAS	317
	ANEXO A - PB escrito	331
	ANEXO B - PB oral	366
	ANEXO C - PE escrito	474
	ANEXO D - PE oral	496
	ANEXO E - PM escrito	550
	ANEXO F - PM oral	582

Aqui, são apresentados os anexos à nossa tese de doutorado. Tais anexos são compostos pelos textos escritos e transcrições de falas dos *corpora* apresentados ao capítulo 6. Lembramos que à página 262 consta um quadro-síntese da composição desses *corpora*.

O conjunto original de *corpora* totalizava mais de 500 laudas, todas lidas para se aferir a presença de futuro do presente do indicativo. Aqui, trazemos apenas os textos que apresentaram ocorrência do tempo verbal em questão, com vistas à objetividade e à praticidade do material.

As ocorrências de futuro do presente aparecem sinalizadas em negrito. Qualquer outra marcação vestigial nos textos, como sublinhados, por exemplo, devem ser encarados como remanescentes de outros fatos que, por curiosidade ou com o objetivo de observar decorrências secundárias para nossa análise, assinalamos.

Todos os textos são apresentados com a íntegra de suas marcações de transcrição, incluindo ortografia, pontuação, espaçamentos, sinais de separação gráfica, marcações de diálogo/turno discursivo, marca de encerramento de texto e todos os demais sinais ou símbolos, mesmo que, aparentemente alheios aos textos. Permitimo-nos tão somente intervir na formatação/diagramação (tamanho e tipo de fonte, colunas e edições congêneres) de forma a, minimamente, manuseá-los neste espaço.

A ordem de apresentação dos *corpora* dar-se-á assim: PB, PE e PM, respectivamente, primeiro os dados de escrita, depois os de oralidade. Desta forma, escrita e fala serão apresentados em bloco, por cada dialeto, com separação dos dados técnicos de apresentação e catalogação de cada texto. Tais dados são ora mais detalhados, ora mais genéricos, a depender da fonte. Há de se fazer uma ressalva, quanto a isso, a quatro inquéritos moçambicanos que foram retirados diretamente da obra *Panorama do português oral de Moçambique. Vol. I: objetivos e métodos*, de GONÇALVES & STROUD (1998), conforme informado no capítulo 6.

Para agilizar a consulta, uma breve sumarização:

- **PB escrito: página 331**
- **PB oral: página 366**
- **PE escrito: página 474**
- **PE oral: página 496**
- **PM escrito: página 550**
- **PM oral: página 582**

ANEXO A - PB escrito**PB ESCRITO**

1. ANÚNCIOS	332
2. EDITORIAIS	344
3. NOTÍCIAS	350

1. ANÚNCIOS

1. Código no VARPORT

E-B-94-Ja-006

2. Natureza do texto

Jornalístico

3. Fonte

O GLOBO

4. Periodicidade

Diário

5. Data e local

Domingo, 06/09/1998. Rio de Janeiro – RJ.

6. Tipo de texto

Anúncio

-

Alguém aí pode, por favor,
me explicar essa salada
que vejo nos jornais
sobre telefonia celular
antes que me façam de
idiota novamente?

A QUALCOMM tem respostas para esta
e outras perguntas inteligentes.

Nós sabemos como você se sente confusos com tantas | tecnologias diferentes prometendo a última
palavra | em celular. Por isso, antes de sair vendendo um | novo celular para você, preferimos dizer
quem nós | somos. Somos a QUALCOMM, a empresa americana | que inventou a tecnologia CDMA e
revolucionou a | telefonia celular. Dito isto, podemos apresentar | para você os revolucionários
QUALCOMM CDMA digital | phones. Num único aparelho você tem em mãos três | importantes
funções: celular, pager* e voice mail*. | Todos com privacidade inviolável, sem interrupções | e ruídos
de fundo. Antes que você tenha qualquer | outra dúvida ou pergunta, conheça QUALCOMM CDMA |
digital phones. Você **terá** a certeza de que encontrou | a resposta mais inteligente.

Para maiores informações ligue:

0800-55CDMA
(0800-552362)

7. Seção e página

-

8. Autor

-

9. Instituição de registro e cota/código

Biblioteca Nacional / RJ - PR-SPR 54 (1)

10. Número de palavras

164

164

11. Observações

1. Código no VARPORT	Anúncio
E-B-94-Ja-020	7. Seção e página
2. Natureza do texto	-
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	-
O GLOBO	9. Instituição de registro e cota/código
4. Periodicidade	Biblioteca Nacional / RJ - PR-SPR 54 (1)
Diário	10. Número de palavras
5. Data e local	458
Sexta-feira, 04/12/1998. Rio de Janeiro – RJ.	11. Observações
6. Tipo de texto	

O Ponto Frio
garantiu.

20 mil clientes atendidos.

Em 10 dias, mais de 20 mil clientes foram ao Ponto Frio, apresentaram o Passaporte Celular Telerj, compraram e habilitaram os seus | celulares digitais com todo o conforto. Eles marcaram dia e hora e retiraram o aparelho nas lojas ou receberam em suas casas, já habilitado. | Todos os celulares digitais reservados no Ponto Frio foram entregues com todo conforto.

O PONTO FRIO GARANTIU A TODOS OS CLIENTES,
QUE POSSUÍAM O PASSAPORTE CELULAR TELERJ,
O DIREITO DE EXERCER SUA OPÇÃO DE COMPRA

O Ponto Frio
garante.

VOCÊ COMPRA NAS | LOJAS QUE O PONTO FRIO | GARANTE A ENTREGA. | 44 LOJAS NO
GRANDE RIO. | 17.500 CELULARES | VENDIDOS NAS LOJAS

* Você pode comprar o seu celular digital em | qualquer uma de nossas lojas no Rio de Janeiro, que o
| Ponto Frio garante a entrega do seu aparelho já habilitado. * Você sai falando na hora. * São 44
lojas no Grande Rio para a | sua comodidade. Todas estão credenciadas pela Celular Telerj. | * As
melhores condições de pagamento em até 12 vezes, | com ou sem entrada. | * Aceitamos todos os
cartões de crédito.

VOCÊ COMPRA | PELO TELEFONE E | RECEBE EM CASA. | (021) 471-5055 | 2.000 CELULARES |
VENDIDOS PELO TELEFONE.

* Você **poderá** ligar para comprar e habilitar seu celular digital e | receber o aparelho funcionando na
sua casa, na data que você | marcar. O Ponto Frio garante a entrega do seu aparelho já | habilitado. *
Você sai falando. O Ponto Frio garante. * São | 20 operadores exclusivos, preparados para atender
você e esclarecer | todas as duas dúvidas. * As melhores condições de pagamento, em | até 8 vezes
(1+7) com cheques pré-datados. * Aceitamos todos | os cartões de crédito, parcelando em até 12
vezes. * Você compra | das 8 às 20 horas durante toda a semana. O Ponto Frio garante.

VOCÊ COMPRA | PELA INTERNET E | RECEBE EM CASA. | www.pontofrio.com.br | MAIS DE 500
CELULARES | VENDIDOS PELA INTERNET

* Se você tem acesso à internet, vá ao nosso site e compre seu | celular digital. Você recebe o seu aparelho em casa, já habilitado, | *com data marcada e com todo o conforto e segurança. | O Ponto Frio garante. * Lá você encontra informações detalhadas | sobre os celulares digitais Motorola Multitac 725/775 e | Qualcomm QCP 820 aprovados pela Celular Telerj, para facilitar | ainda mais a sua compra. * O site é criptografado, para sua total | segurança. * As melhores condições de pagamento, em até | 8 vezes (1+7) com cheques pré-datados. Parcelamos em | 12 vezes em todos os cartões de crédito.

1. Código no VARPORT

Anúncio

E-B-94-Ja-016

7. Seção e página

2. Natureza do texto

-

Jornalístico

8. Autor

3. Fonte

-

O GLOBO

9. Instituição de registro e cota/código

4. Periodicidade

Biblioteca Nacional / RJ - PR-SPR 54 (1)

Diário

10. Número de palavras

5. Data e local

174

Quarta-feira, 16/09/1998. Rio de Janeiro - RJ.

11. Observações

6. Tipo de texto

Telecomunicações.

Globalização.

Competitividade.

(Olha só o tamanho da nossa responsabilidade.)

A maior rede nacional de telecomunicações da América latina. | A melhor resposta em telecomunicações do Brasil. A única empresa | no país com rede nacional de fibra óptica. E agora, ao completar | 33 anos, a Embratel fica ainda mais moderna e competitiva ao ter seu | controle acionário adquirido pela MCI WorldCom, uma das mais | poderosas empresas de telecomunicações do mundo. A MCI | WorldCom é responsável por 25% do total das comunicações | de longa distância nos Estados Unidos. Está presente em 280 | países, com 70 mil funcionários e faturamento de mais de 20 | bilhões de dólares anuais. Somente neste ano a Embratel | **vai investir** 1 bilhão de dólares na modernização das nossas | telecomunicações. E junto com a MCI WorldCom via **oferecer** | mais qualidade, comum novo portfólio de serviços compatíveis | com as necessidades dos clientes. Como você pode ver, a | realidade agora é outra. É muito maior.

EMBRATEL

A EMPRESA BRASILEIRA DE TELECOMUNICAÇÕES

1. Código no VARPORT	Anúncio
E-B-94-Ja-018	7. Seção e página
2. Natureza do texto	-
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	-
O GLOBO	9. Instituição de registro e cota/código
4. Periodicidade	Biblioteca Nacional / RJ - PR-SPR 54 (1)
Diário	10. Número de palavras
5. Data e local	208
Quinta-feira, 03/12/1998. Rio de Janeiro – RJ.	11. Observações
6. Tipo de texto	
ORLANDO TEMPORADA MÁGICA	

Olha ela aqui de novo !!!

O que nasce para o sucesso faz sempre | sucesso. Este é o terceiro ano que muitos | brasileiros visitam Orlando nesta época, | aproveitando o clima agradável, ficando | menos tempo nas filas e encontrando mais | lugares nos aviões. É a Temporada Mágica, | que vai de 15 de outubro até 15 de | dezembro. Nesta época do ano e Orlando, | você e sua família também **vão aproveitar** | os descontos em lojas e restaurantes. | A Temporada Mágica é uma iniciativa do | Orlando Conventio Visitors Bureau, com o | apoio da American Express, United Airlines | e da Alamo Rent a Car (faça um grande | negócio com ela: o 1o tanque é grátis). | Estas empresas **vão dar** a maior força para | vocês curtirem muito estas férias.

Parece mágica e é mesmo. Ligue para | 0800 550-540 e peça material informativo | grátis sobre a Temporada Mágica.

Fale com o seu Agente de Viagens ... | e Boas férias.

TEMPORADA MÁGICA

É quando Orlando fica ainda melhor:

É mais fácil viajar,
o clima é mais agradável,
as filas são menores...
e o seu dinheiro vale mais.

0800 550-540

peça material informativo grátis

1. Código no VARPORT

E-B-94-Ja-013

Anúncio

2. Natureza do texto

7. Seção e página

Jornalístico

-

3. Fonte

8. Autor

O GLOBO

-

4. Periodicidade

9. Instituição de registro e cota/código

Diário

Biblioteca Nacional / RJ - PR-SPR 54 (1)

5. Data e local

10. Número de palavras

Segunda-feira, 14/09/1998. Rio de Janeiro
– RJ.

156

6. Tipo de texto

11. Observações

Para comemorar os
500 anos do Brasil,
acaba de desembarcar
no Banco do Brasil
o Ourocap 500

Prêmio à vista de R\$ 500 mil. E você ainda
concorre a R\$ 20 mil, quatro vezes por mês.

Se Cabral desembarcasse aqui hoje em busca de riquezas, | iria direto estacionar sua caravela no Banco do Brasil | e fazer o novo Ourocap 500. Para fazer o seu, você só | precisa investir R\$ 500,00, numa parcela única. E, depois, | começar a comemorar os 500 anos do Brasil concorrendo | a R\$ 20 mil durante 96 semanas. Mas o melhor da história | vem agora: no dia 22 de abril do ano 2000, o maior título | de capitalização do País **vai sortear** R\$ 500 mil. Então, faça | o seu e comece a viajar nos seus planos. Porque, com um | prêmio desses, dá até para você | proclamar sua independência.

OUROCAP

Central de Atendimento: 0800-231932

1. Código no VARPORT

E-B-94-Ja-011

Anúncio

2. Natureza do texto

7. Seção e página

Jornalístico

-

3. Fonte

8. Autor

O GLOBO

-

4. Periodicidade

9. Instituição de registro e cota/código

Diário

Biblioteca Nacional / RJ - PR-SPR 54 (1)

5. Data e local

10. Número de palavras

Quarta-feira, 09/09/1998. Rio de Janeiro – RJ.

159

6. Tipo de texto

11. Observações

-

Chegou zipmail

ACESSO ATRAVÉS DE QUALQUER COMPUTADOR CONECTADO À INTERNET

TOTALMENTE SEGURO E GRATUITO!

Zipmail é um serviço totalmente gratuito que permite a você ter um endereço de e-mail personalizado na | internet, mesmo que você não tenha computador próprio ou não seja filiado a um provedor de acesso. | Para cadastrar-se e usar o ZipMail, basta que você tenha a possibilidade de utilizar qualquer computador | conectado à internet: na escola, na faculdade, no trabalho, na casa de um amigo, no hotel em que | você estiver hospedado, até mesmo em outro país. Com isso, você **poderá** receber ou enviar | mensagens rapidamente, no momento que quiser. E ainda terá total sigilo, porque o ZipMail | conta com sistemas de segurança e uma senha secreta de acesso que você mesmo escolhe. | ZipMail. Com ele sua vida acaba de ficar muito mais fácil.

Zipmail

O e-mail que vai aonde você está

CADASTRE-SE JÁ!

www.zipmail.com.br

1. Código no VARPORT	6. Tipo de texto
E-B-94-Ja-003	Anúncio
2. Natureza do texto	7. Seção e página
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	9. Instituição de registro e cota/código
O GLOBO	Biblioteca Nacional / RJ - PR-SPR 54 (1)
4. Periodicidade	10. Número de palavras
Diário	314
5. Data e local	11. Observações
Terça-feira, 01/09/1998. Rio de Janeiro – RJ.	-

Chegou Smart Club

Agora você compra como sempre e ganha como nunca.

Grandes empresas se uniram para | criar o programa de premiação | mais atraente e inovador do Brasil: Smart Club. Todas as suas compras | do dia-a-dia, inclusive em supermercados |, viram pontos que você pode trocar por prêmios | sensacionais; ingressos para cinemas e parques, | locações de fitas de vídeo, jantares em restau- | rantes, diárias em hotéis, passagens aéreas, | além de produtos e serviços das empresas | participantes. No Smart Club você ganha | sempre, sem concursos nem sorteios. Você | só precisa acreditar-se no programa para ter | seu kit Smart Club.. Ele vem com um catálogo | explicativa com a lista de prêmios, uma ficha | de inscrição e dois cartões Smart Club. Um | para você e outro para quem você gosta. Você | pode somar os pontos dos dois cartões para ganhar prêmios melhores e muito mais rápido.

Veja por que Smart Club é melhor:

Você acumula pontos com as | compras do dia-a-dia

Você ganha pontos no Smart Club | independentemente da forma de pagamento.

Os pontos acumulados são válidos por | até 4 anos.

Os pontos são creditados no próprio chip | do cartão Smart Club.

Você escolhe os prêmios no catálogo | do programa e faz a troca simplesmente | apresentando o cartão Smart Club.

Fazendo a sua inscrição no | programa você já **ganha 20 pontos**.

Cada vez mais empresas estão | aderindo ao programa, | aumentando o número de | locais onde você acumula | pontos e ganha prêmios.

Smart Club. O mais atraente e inovador programa de premiação do Brasil.

Faça sua inscrição no programa por apenas R\$ 9,90 (taxa de adesão única) num local credenciado, ou ligue para a Central Smart Club: (021) 297-6121. Se preferir, use a internet: www.smartclub.com.br

1. Código no VARPORT	Anúncio
E-B-94-Ja-004	7. Seção e página
2. Natureza do texto	-
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	-
O GLOBO	9. Instituição de registro e cota/código
4. Periodicidade	Biblioteca Nacional / RJ - PR-SPR 54 (1)
Diário	10. Número de palavras
5. Data e local	99
Sábado, 05/09/1998. Rio de Janeiro – RJ.	11. Observações
6. Tipo de texto	-

Aproveite paquetá no 7 de setembro
sem aquela para de mais de 2 horas

Devido ao grande sucesso das viagens do Catamarã até a ilha de | Paquetá, a transtur **vai colocar** o Catamarã em operação nesse final de | semana prolongado. Assim você **vai ter** mais rapidez, conforto e | segurança para comemorar a sua independência. Sábado, Domingo | e Segunda | 7 de Setembro | com saídas às | 10, 12 e 16:00 h. |

Apenas:
4,85

Promoção
válida também para
os Aerobarco
com saídas de
hora em hora
Crianças
até 10 anos
não pagam
Aproveite Paquetá

1. Código no VARPORT	Anúncio
E-B-94-Ja-022	7. Seção e página
2. Natureza do texto	-
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	-
O GLOBO	9. Instituição de registro e cota/código
4. Periodicidade	Biblioteca Nacional / RJ - PR-SPR 54 (1)
Diário	10. Número de palavras
5. Data e local	212
Sexta-feira, 11/12/1998. Rio de Janeiro – RJ.	11. Observações
6. Tipo de texto	-

É como o gênio da lâmpada: | você passa a mão e seu pedido | é atendido imediatamente.

Crediário Automático Banerj

Dinheiro rápido para você fazer | o que quiser na hora que quiser.

Simple e rápido como um passe de mágica. Estamos falando do | Crediário Automático Banerj. Confira em seu extrato se você | tem um limite de crédito pré-aprovado, escolha um valor dentro | deste limite para financiar e a forma de pagamento.

Basta usar os Caixas Eletrônicos Banerj ou Itaú. São mais de | nove mil pontos de atendimento em todo o Brasil. Você também | pode acessar o Bankline Banerj. Em qualquer um deles o | empréstimo de que você precisa é creditado automaticamente | na sua conta. Assim você não perde aquela oportunidade que | não aparece a qualquer hora. Até porque a qualquer hora você | pode pedir o Crediário Automático Banerj: os Caixas Eletrônicos | Banerj e itaú e o Bankline Banerj funcionam 24 horas, todos | os dias.

Agora, se além de um empréstimo você quiser um sorriso, | solicite seu Crediário Automático Banerj ao seu gerente.

Se você não tem limite pré-aprovado, seu Gerente Banerj | **indicará** outras excelentes linhas de crédito do Banerj

Todo dia um banco melhor para você. BANERJ

1. Código no VARPORT	Anúncio
E-B-94-Ja-015	7. Seção e página
2. Natureza do texto	-
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	-
O GLOBO	9. Instituição de registro e cota/código
4. Periodicidade	Biblioteca Nacional / RJ - PR-SPR 54 (1)
Diário	10. Número de palavras
5. Data e local	428
Terça-feira, 15/09/1998. Rio de Janeiro – RJ.	11. Observações
6. Tipo de texto	-

Estar à frente.

Você já reparou como entre tantas pessoas | que fazem exatamente a mesma coisa | sempre existem aquelas que encontram | uma maneira de fazer melhor? Gente que | se supera. Gente que insiste, persiste, que | acredita tanto nas suas idéias que não | descansa enquanto não consegue colocá-las | em pé. Esse é o tipo de gente que você | reconhece de longe. Porque está à frente, | servindo de exemplo, servido de referência | para todos aqueles que **vêm** depois. São | pessoas assim que movem o mundo | e ampliam horizontes. São pessoas assim | que fazem as coisas acontecerem.

Bradesco. Sempre à frente.

Para o Bradesco, estar à frente só faz sentido se for para | servir você. Nós sabemos que é preciso ter Coragem | para enfrentar o novo. Que a capacidade de Superação | pode vencer obstáculos todos os dias. E que cada novo | trabalho é uma oportunidade para fazer melhor. O Bradesco é um Banco que sempre tomou a iniciativa. | Que tem orgulho em ouvir o cliente. E que desde a sua | fundação fez do pioneirismo um instrumento do seu | dia a dia. Por isso o nosso compromisso vai muito além | dos negócios. É pensando assim que o Bradesco ajuda | a promover o crescimento das comunidades onde atua. | Por isso criou uma rede com mais de 6.300 pontos de | atendimento em todo o país, sendo o primeiro Banco | a interligar on-line, real time suas Agências. Essa vocação | pioneira revolucionou o cotidiano de seus clientes.

Bradesco

Sempre à frente.

Banco sempre à frente,

Cliente sempre à frente.

O Bradesco foi a primeira empresa privada brasileira a ater computador. | Foi através do Bradesco que os conceitos de auto-atendimento, | home banking e internet banking chegaram ao Brasil. O nome | Bradesco sempre esteve à frente de muitas inovações: o primeiro | Cartão de Crédito administrado por Banco, o Talão de Cheques | em Domicílio, o Fone Fácil, o Débito Automático, o Alô Bradesco | e agora o Comércio Eletrônico Bradesco, o primeiro centro de compras | a operar na Internet com absoluta segurança. O Bradesco também | esteve sempre à frente no lado social. Há 40 anos a Fundação Bradesco | oferece gratuitamente cursos

regulares, supletivos e profissionalizantes | por todo o país, tendo formado mais de 300.000 alunos. Como você vê, | coragem, superação, pioneirismo e trabalho fazem parte do dia-a-dia | do Bradesco. Tudo para que você esteja sempre à frente.

Bradesco
Sempre à frente.
<http://www.bradesco.com.br>

1. Código no VARPORT	Anúncio
E-B-94-Ja-017	7. Seção e página
2. Natureza do texto	-
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	-
O GLOBO	9. Instituição de registro e cota/código
4. Periodicidade	Biblioteca Nacional / RJ - PR-SPR 54 (1)
Diário	10. Número de palavras
5. Data e local	122
Terça-feira, 01/12/1998. Rio de Janeiro – RJ.	11. Observações
6. Tipo de texto	-

MENSAGEM DE FIM DE ANO:
A PAGENET GARANTE A
MELHOR TECNOLOGIA OU
O SEU DINHEIRO DE VOLTA.

A PageNet está com uma promoção imperdível. Você compra um PageNet, usa e, se depois de 4 | meses você não estiver satisfeito, a gente **compra** o seu PageNet de volta. Pelo mesmo preço que | você pagou. A PageNet garante o melhor serviço ou compra o seu pager de volta. Garante a melhor | tecnologia ou compra o seu pager de volta. Garante a melhor cobertura ou compra o seu pager | de volta. Experimente PageNet. São menos de 10 segundos para atender | sua chamada e menos de 50 segundos para transmitir sua mensagem.
LIGUE AGORA: 503-6333.

PAGENET
COM VOCÊ ONDE VOCÊ ESTIVER.

1. Código no VARPORT	Anúncio
E-B-94-Ja-021	7. Seção e página
2. Natureza do texto	-
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	-
O GLOBO	9. Instituição de registro e cota/código
4. Periodicidade	Biblioteca Nacional / RJ- PR-SPR 54 (1)
Diário	10. Número de palavras
5. Data e local	106
Sexta-feira, 11/12/1998. Rio de Janeiro – RJ.	11. Observações
6. Tipo de texto	-

Você leva 2 segundo para dizer "Mamãe, estou morrendo de saudades".

A Telefónica Celular dá de presente a chance de você dizer 450 vezes "Mamãe, estou morrendo de saudades."

Neste Natal, a Telefónica Celular **vai lhe dar** 15 minutos *, | ou 900 segundos, interiramente grátis, para você falar | com quem você gosta. E com a Telefónica Celular você | tem acesso à mais moderna tecnologia digital do mundo, | que permite a utilização de aparelhos duais que podem | falar tanto em sistemas analógicos quanto em digitais.

Telefonica
CELULAR

15 MINUTOS GRÁTIS: O PRESENTE DE NATAL DA TELEFÓNICA CELULAR PARA TODOS OS SEUS CLIENTES.

2. EDITORIAIS

1. Código no VARPORT

E-B-94-Je-001

2. Natureza do texto

Jornalístico

3. Fonte

Jornal do Brasil

4. Periodicidade

diário

5. Data e local

11/08/1975. Rio de Janeiro – RJ

6. Tipo de texto

Editorial

Extravagância Partidária

É melancólico o espetáculo oferecido pela Arena nas operações de parto de sua nova direção. Para um observador estrangeiro, estaria ocorrendo um fenômeno raro em política partidária: um Partido não contaria em seu quadros figuras com ambições legítimas e ostensivas. Se existem ambições de mando- objeto substantivo do jogo do Poder- elas estariam ocultadas por uma espécie de pudor apolítico. Ora, compreende-se o apoliticismo como forma burocrática ou tecnocrática de fazer política. De fato ela não é a conduta mais aconselhável. A política para ser praticada com legitimidade precisa ser aparente, visível e afirmada, sem inibições ou hipocrisias. Onde estão, perguntaria o observador, os candidatos (apagado) que idéias defendem? **Estarão** eles exercitando a política de forma tão farisaica, que a aparência da unidade refletiria apenas medo de rejeição pelo Planalto? A simples hipótese seria contrária à índole do Governo federal, que tem favorecido a controvérsia no processo decisório. Por que iria esse mesmo Governo federal opor-se à discussão de idéias e de nomes do Partido oficial? Estão certos os arenistas que pleiteiam participar da escolha dos novos dirigentes nacionais do Partido. Esta é, aliás, a melhor maneira de vitalizar a vida partidária estimulando, ao mesmo tempo, a apresentação formal de novas lideranças na expectativa de oportunidades políticas. Se a Arena não é capaz de debater e escolher sua direção, como admitir-se que tenha vigor para competir com espírito ardente, sob um comando pleno de representatividade, em suas relações com o Poder e com o eleitorado?

Um Partido que receia a polêmica interna não tem condições de representatividade para participar da polêmica externa e eleitoral. Falta-lhe competência- no sentido mais puro da palavra, isto é, autoridade- para disputar os pleitos. Partidos monolíticos ganham eleições quando o sistema é unipartidário. Como o nosso supõe a alternativa no poder de dois Partidos, a situação partidária já passa os limites da extravagância: de um lado, um Partido majoritário mas impotente e mudo, e do outro, uma Oposição que só tem de ser paciente para chegar ao Poder, e, por isso, apóia o Governo federal quando este insite no 'status que' partidário.

7. Seção e página

Seção: - Página: 05

8. Autor

9. Instituição de registro e cota/código

BNRJ- Seção de Periódicos

Cota: CPR- SPR 9

Ano: 1975

Período: 1/08 a 15/08

Ano/Volume: 08/75

No 115 a 129

10. Número de palavras

486

11. Observações

Título: Extravagância Partidária

Impõe-se a ruptura do imobilismo partidário, e a iniciativa precisa partir do Governo, propondo este, mesmo contra a oposição interessada do MDB nacional, a redução do quorum de formação partidária e a maneira de proceder à verificação desse quorum. Queremos dizer: a verificação a ser feita nas urnas eleitorais. Elas diriam se a nova legenda que deve surgir alcançou ou não o quorum partidário mínimo. Só assim **sairemos** da camisa-de-força partidária que está sufocando vocações autênticas de lideranças novas e que estariam sob constrangimento, seja na Arena, seja no MDB.

O espetáculo melancólico da escolha dos dirigentes passa uma mensagem política a ser ouvida. O Partido dito da renovação é incapaz de renovar-se. Está para ser criado o Partido síntese, o Partido do futuro e expressivo do que já foi conquistado na última década.

1. Código no VARPORT	Editorial
E-B-94-Je-002	7. Seção e página
2. Natureza do texto	Seção: Opinião - Pág. 04
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	-----
Jornal do Comércio	9. Instituição de registro e cota/código
4. Periodicidade	BNRJ- Seção de Periódicos Cota: PR- SPR 1(853)
diário	10. Número de palavras
5. Data e local	643
03/04/1981. Rio de Janeiro - RJ	11. Observações
6. Tipo de texto	Título: Nordeste, presente e futuro

Nordeste, presente e futuro

A visita do Presidente da República ao Nordeste, em um quadro tão diverso daquele que, apenas há algumas semanas, ali existia, com o espantinho da seca inquietando as populações e milhares de sertanejos prestes a enfrentarem, pela prolongada falta de chuvas, as incertezas de uma migração compulsória, a nosso ver não altera, apenas impõe que se reitere o compromisso de dotar a região de condições infra-estruturais que a tornem menos vulnerável às conseqüências das estiagens

É o que acentua, por sinal, o governador de Pernambuco, Marco Maciel, quando lembra que "o grande problema do Nordeste, sobretudo do chamado Polígono das Secas- 55% do território nordestino- não é a baixa precipitação pluviométrica, mas a sua irregularidade; estamos permanentemente sob o estigma da seca, porque chove durante um curto espaço de tempo, às vezes com muita intensidade, mas não o suficiente para permitir uma boa produção agrícola e a viabilizar a pecuária."

Por isso o governador considera, e com toda razão, ser imprescindível a adoção de medidas de caráter permanente, como a perenização dos rios, construção de açudes e perduração de poços, de forma a assegurar o controle da precipitação pluviométrica, através do armazenamento das águas que **serão** utilizadas quando necessário. A opção por medidas emergenciais, a qualquer título, já não mais se justifica, pois chegou o momento, isto sim, de

resolver o problema da seca em definitivo, o que implica, como sublinhou o chefe do Executivo pernambucano, em uma tomada de consciência em torno do real potencial da região, não apenas a nível de Governo, mas também dos agricultores, dos empresários e do povo.

Não há úvida que para essa tomada de consciência a mobilização política se faz não só saudável mas, realmente, indispensável, não apenas em termos de formulação de reivindicações porém de debate e esclarecimento que permitam, por todo o tempo, o acompanhamento das providências e sua inserção em esquemas revestidos, afinal de contas, de suficiente organicidade, de tal forma a assegurar os resultados que todos almejam.

Em relação ao combate às secas do Nordeste e das obras a dar concernentes a Nação não pode pagar, realmente, o preço da descontinuidade, e nem permitir que tantas iniciativas, nessa área, revistam-se ainda como lamentavelm/apagado/ se revestiu de um certo conteúdo de improvisação quando o quadro climático se agrava com o prolongamento da estiagem.

Se em alguns municípios havia, algum tempo atrás, carência d'água até para beber, e se agora, em vários Estados nordestinos, há tantos desabrigados pela intensidade das chuvas registradas e precariedade das habitações e do equipamento urbano em numerosas comunidades; não **vamos consentir** remanesça a perplexidade ante essas duas fases do drama da região.

O que se impõe, isto sim, é o planejamento metódico da ação e a não interrupção dos esforços para ampliar o volume dos reservatórios d'água, propiciando, destarte, formulações socialmente corretas para o seu aproveitamento, inclusive mediante a implementação dos sistemas de irrigação nos grandes açudes públicos.

São alternativas que, independent/apagado/ dos respaldo técnico que possuem, o bom senso de há muito torna indicadas, e viza aplicação nem sempre tem contado, infelizm/apagado/ com aquele sentido de continuidade que a esta altura definitivamente se reclama.

As medidas que agora se anuncia constituem, por isso mesmo, um compromisso, e um compromisso que não pode se perder nem se fracionar, ao longo do tempo pulverizando recursos e influindo, desse modo, no nível de rentabilidade social de sua utilização.

O ajustamento deve ser o maior possível entre os órgãos federais e estaduais, preservado e fortalecido, como também deve ser o papel da Sudene, na coordenação do desenvolvimento econômico regional.

Trata-se de um desafio que não se exaure em um determinado espaço de tempo mas se renova incessantemente e como tal deve ser encarado, não comportando atuação espasmódica e de cuja superação depende, ademais, o bem-estar de um terço da população brasileira, com as inegáveis implicações nacionais daí decorrentes.

1. Código no VARPORT

16/10/1988. Rio de Janeiro- RJ

E-B-94-Je-004

6. Tipo de texto

2. Natureza do texto

Editorial

Jornalístico

7. Seção e página

3. Fonte

Seção: Editoriais Página: 04

O dia

8. Autor

4. Periodicidade

Jorge Antonio Barros

diário

9. Instituição de registro e cota/código

5. Data e local

BNRJ- Seção de Periódicos

Cota: CPR- SPR 44

11. Observações

10. Número de palavras

Título: Fantasmas da tortura

665

O texto foi redigido pelo próprio chefe da sucursal paulista do jornal; O texto contém partes em negrito; No 3o parágrafo, há um erro ortográfico: Uma palavra após um ponto iniciada com letra minúscula; No 5o parágrafo, há, na 2a linha, aspas fechando uma frase, mas sem que houvesse antes aspas abrindo-a.

Fantasmas da tortura

ENQUANTO estiverem vivos "os facínoras" aos quais se referiu o Deputado Ulysses Guimarães- em seu bravo discurso de promulgação da nova Constituição- **vai ser** muito difícil virar uma das páginas mais sujas da história contemporânea brasileira- aquela que trata das vítimas da repressão instalada pelo golpe militar de 1964. Isso ficou mais uma vez patente na agressiva declaração do Ministro-chefe do Serviço Nacional de Informação, General Ivan de Souza Mendes, semana passada, a respeito da proibição de cumprir o habeas-data para parentes de mortos e desaparecidos por motivos políticos. "Quem morreu, está morto; desaparecimento é problema da polícia."

Embora o Ministro do SNI tenha garantido que **vai cumprir** a nova Constituição, liberando as informações pessoais requeridas pelos cidadãos vivos- de acordo com o habeas-data- ele próprio admitiu restrições segundo os interesses de "segurança da sociedade e do Estado". Em suma, em nome da segurança nacional- que ainda orienta ação político-militar no País- não **sairá** dos arquivos do SNI nenhuma informação sequer. Sem contar as possibilidades que o Serviço- como é conhecido o SNI- tem de driblar os pedidos de habeas-data, trabalhando com informações parciais dos interessados em conhecer sua ficha política.

Ao contrário do que se propaga a viva voz, a única mudança que ocorreu no SNI nos últimos 24 anos foi a introdução do computador. Facilitou bastante a vida dos agentes que costumavam guardar muito papel, sobretudo recortes de jornais. No mais, a comunidade de informações- que é a base ideológica do SNI. continua mais viva do que nunca e certamente não tem nenhum interesse em abrir suas portas a quem quer que seja. Do contrário, que interesse teriam certos indivíduos- civis e militares- em integrar esse elitizado grupo que vigia a liberdade brasileira.

A ideologia dessa comunidade de informações permeia os movimentos básicos de transição política no País. Para enterrar um passado sujo- recheado de perseguições sórdidas e cruéis- é que a transição foi concebida em conchavos nos palácios, a custa das vidas que lutaram por um País livre, quando era crime ser opositor do regime. Para que os militares concordassem com esse regime democrático que está aí, foi preciso que se "sepultasse" as vítimas da repressão, boa parte delas torturada, indefesa, nos quartéis e porões do regime militar. Aproveitou-se também da memória curta do povo brasileiro, embora a maioria nem sequer soube das atrocidades daquela época.

Imagine agora o que deve representar para um parente de desaparecido desconhecer o que aconteceu com ele. Não receber nem um aviso de que está morto"? Mesmo porque muitos dos parentes dos mais de 120 desaparecidos políticos- só para citar a lista do projeto Brasil Nunca Mais- ainda enfrentam dificuldades com a simples falta de provas de que são viúvas ou órfãs. Não há cadáveres, nem sepultura. Nem mesmo a um enterro cristão tiveram direito.

A declaração do Ministro Ivan Mendes não frustrou somente um dos primeiros habeas-data impetrados no País, logo após a promulgação da nova Constituição, pelo advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, em nome de parente de 18 desaparecidos políticos. Até que haja ordem contrária- obviamente liberada pela própria comunidade de informações- a palavra do Ministro jogou a última pá de cal sobre cova em que enterraram uma página da História do Brasil. Se essa História não for resgatada, as gerações futuras correm o risco de aprendê-la nas conversas clandestinas de pé de ouvido. Apesar da manutenção do sigilo pela comunidade de informações, uma brasileira não perde a esperança de saber como seu marido desapareceu numa viagem de regresso ao País, nos idos de 70. Hoje, uma senhora, a cabeça quase branca, D. Maria Augusta é mulher de David Capistrano da Costa, militante do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro que escapou de um campo de concentração nazista- como combatente da Resistência Francesa- para morrer nos subterrâneos da ditadura brasileira.

Se continuarem a tentar esquecer casos como esse, o regime **vai ter** que aprender a conviver com esses "fantasmas" ou então chamar a Polícia para apurar tudo direitinho, como sugeriu o Ministro.

1. Código no VARPORT	Editorial
E-B-94-Je-006	7. Seção e página
2. Natureza do texto	Seção: Editoriais Página: 06
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	Carlos Correa
O dia	9. Instituição de registro e cota/código
4. Periodicidade	BNRJ- Seção de Periódicos Cota: CPR- SPR 44
diário	10. Número de palavras
5. Data e local	428
10/01/ 1995. Rio de Janeiro- RJ	11. Observações
6. Tipo de texto	Título: PDT passa à oposição

PDT passa à oposição

O PDT tem sido oposição no grande palco da política nacional desde a sua criação, sem que tenha descambado, no entanto, para o terreno do passionalismo. Agora, tanto na área federal como aqui, no Rio de Janeiro, temos de nos preparar para o exercício duro, mas sereno, dessa prática.

Discordamos, frontalmente, dos que consideram o PDT próximo do fim, ante a derrota, na sua segunda tentativa de chegar à Presidência da República. Repelimos, também, a idéia de que não **teremos** maiores espaços na política do Rio de Janeiro com a perda do Palácio da Guanabara. O PDT é a essencia mais pura do trabalhismo de Getúlio Vargas, Jango e Pasqualini. O partido tem uma proposta e não pode, por isso mesmo, ser visto como um mero projeto eleitoreiro.

Vamos voltar a crescer, na oposição. Foi sempre assim ao longo do história. Daqui para a frente, os aventureiros de todas as horas **vão nos deixar**. Eles sempre abandonam o barco, como ratos assustados, quando o poder se exaure. **Será** a depuração do PDT. **Ficarão** os verdadeiros seguidores do trabalhismo que Brizola constituiu praticamente do nada, antes mesmo de encerrado o seu longe e penoso exílio.

Para os fluminenses, um PDT na oposição é sempre sinônimo de fiscalização permanente dos projetos que demandam grandes investimentos públicos. Nós nascemos, enfim, a oposição. Brizola ganhou o governo do Rio de Janeiro, em 1982, de mansinho, impondo as suas idéias. O chagismo estava no auge, mas o eleitorado entendeu, conscientemente, que o tempo era de mudanças.

Nos orgulhamos, em particular de integrar um partido que sempre se mostrou sensível à renovação dos quadros políticos convencionais. Quem é o atual prefeito do Rio? E o governador do estado? Eles só ganharam condições de liderança porque exerceram funções importantes delegadas por Brizola, enquanto representantes privilegiados do PDT.

É tempo de oposição e **saberemos**, como sempre aconteceu ao longo da nossa existência, exercê-la com dignidade. Antony Garotinho, Noel de Carvalho, Jorge Roberto Silveira que

representavam eleições, são novas expressões de liderança que legamos ao Rio de Janeiro. Deles, enfim, **vai depender**, proximamente, o futuro político do estado.

Quanto a Brizola, os brasileiros de todas as condições sociais **vão entender**, cedo ou tarde, que ele tinha as melhores respostas para os velhos problemas do País. Os líderes não morrem. Quando muito, hibernam. E acordam sempre renovados, por mais longo que seja o sono, professando as mesmas idéias. Brizola é o trabalhismo. Um trabalhismo que não **morrerá** jamais, porque se alimenta dos sentimentos nacionalistas que só podem ser encontrados no fundo da alma popular.

1. Código no VARPORT	Editorial
E-B-94-Je-007	7. Seção e página
2. Natureza do texto	-----
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	Marcio Moreira Alves
O Globo	9. Instituição de registro e cota/código
4. Periodicidade	BNRJ- Seção de Periódicos Cota: CPR- SPR 54
diário	10. Número de palavras
5. Data e local	794
26/12/99. Rio de Janeiro – RJ	11. Observações
6. Tipo de texto	Título: Prosa de governador

Prosa de governador

O governador Dante de Oliveira, de Mato Grosso, está eufórico com os resultados da gestão e da economia do estado. Anda todo prosa, com números na cabeça, decorados dos relatórios do IBGE e de outras fontes governamentais. A acreditar-se no que conta, a terra prometida, onde corre leite e mel pelos rios, fica em Cuiabá, apesar dos 38 graus de calor que registra todos os dias.

- Enquanto o PIB brasileiro subiu 37% entre 1985 e 1997, o de Mato Grosso subiu 145%. Comparando com os estados vizinhos, Mato Grosso do Sul teve um aumento de 69% e Goiás de 47%. Nosso estado passou do 20º lugar na Federação para o 15º. E isso quando se dizia que o desmembramento do estado com a criação do Mato Grosso do Sul faria com que nós, ao norte, ficássemos à míngua, sem atividades econômicas, portanto, sem impostos e sem dinheiro. A arrecadação cresceu este ano em 17% em termos reais e o gasto com a folha de pagamento do funcionalismo, que já consumiu 85%, está em 57%, embora o gasto com os poderes Judiciário e Legislativo seja ainda 18% da arrecadação estadual. O 13º salário do funcionalismo foi pago na Terça-feira, 21 de dezembro.

Perguntei ao Dante a que atribuía essa melhora toda. Respondeu que era devido a uma agricultura e uma pecuária excepcionais, que encontravam agora caminhos mais fáceis para a exportação, dado que a ferrovia da soja já chegara ao Sul do estado, devendo ligar Rondópolis ao Porto de Santos em fevereiro do ano que vem, e a produção do Norte seguia para a hidrovia do Rio Madeira, reduzindo em muito o seu custo e, portanto, aumentando a sua competitividade no mercado internacional. A iniciativa privada investiu 3,6 bilhões de reais em Mato Grosso nos últimos cinco anos. O crescimento do produto agropecuário do Mato Grosso foi um espetacular 386%. O rebanho bovino é o 4º do país, com 17 milhões de cabeças por

ano. Como o estado investiu pesado na conscientização dos fazendeiros e na vigilância sanitária, há quatro anos não se registra um único caso de febre altosa, o que permite que a carne mato-grossense possa ser exportada para os Estados Unidos e para a Europa, mercados que oferecem preços melhores que o mercado interno.

A agricultura mato-grossense tornou-se altamente técnica, diz ele, com intenso uso de maquinária agrícola. As feiras agripecuárias, onde os fabricantes mostram as suas máquinas novas, parecem as feiras de Ohio ou Illinois, nos Estados Unidos. O estado mantém uma fundação de pesquisa, a Fundação Mato Grosso, que faz parcerias com a Embrapa e com a iniciativa privada. Nela investe cinco milhões de reais, por ano. A principal pesquisa desenvolvida é sobre variedades de algodão. Obtiveram uma emente resistente à praga do bicudo. O resultado é que, este ano, o Mato Grosso passou a ser o maior produtor de algodão do país, com uma produtividade de 220 arrobas por hectare, quando a média nacional é de 40.

Conta Dante de Oliveira que se encontrou em Brasília com o governador colombiano do estado que tem IQUITOS por capital e perguntou se sabia que o açúcar que abastece a fábrica de Coca-Cola em IQUITOS vem de Mato Grosso, através do Guarapé, do Madeira e do Solimões. O governador não sabia e Dante reclama que nós, da imprensa, não nos interessamos pelo que acontece fora do eixo Brasília-Rio-São Paulo.

O desenvolvimento do Mato Grosso tem, tradicionalmente, dois gargalos: a oferta de energia elétrica e a de transportes. A energia, diz Dante, **estará resolvida** com a chegada, em março do gasoduto da Bolívia, que está sendo construído por uma empresa privada, para alimentar uma termoelétrica de 480 mxts. Transporte é outra história. Dante acha que o Governo federal está indo muito devagar no programa de hidrovias e se lastima de apenas 14% da rede rodoviária ser asfaltada. O pior é que a safra de grãos coincide com a época da chuva e, portanto, da lama.

E o social? Dante de Oliveira diz que, em matéria de educação básica, Mato Grosso já tem 97% das suas crianças na escola. Nos últimos quatro anos, 145 mil professores foram qualificados. Para os pequenos agricultores cria um fundo de aval de dois milhões, que alavanca a possibilidade de empréstimos do Banco do Brasil de 14 milhões, no âmbito do Pronaf. Está ainda investindo em irrigação em núcleos de assentamento rural do MST, o que é necessário devido aos meses de seca no inverno. Quanto à saúde, imita os consórcios municipais de saúde de Minas Gerais e diz que estão fazendo sucesso. Aumentou o número e aprofunda o treinamento dos agentes municipais de saúde. Está procurando implantar um programa de saúde da família.

Paro por aqui para não incentivar ninguém a mudar-se para Cuiabá.

3. NOTÍCIAS

1. Código no VARPORT
E-B-94-Jn-001

2. Natureza do texto
Jornalístico

3. Fonte
Jornal do Brasil

4. Periodicidade
Diário

5. Data e local
Sábado, 15/03/1975. Rio de Janeiro-RJ

6. Tipo de texto
Notícia

7. Seção e página

8. Autor

9. Instituição de registro e cota/código
Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9

10. Número de palavras
635

11. Observações

ESCOLA DA NOTÍCIA UMA AULA VIVA DA FUSÃO DEPARTAMENTO EDUCACIONAL

A partir de hoje, os cariocas da "mui | leal e heróica" Cidade de São Sebastião do Rio | de Janeiro – título outorgado por D. Pedro I | em 9 de janeiro de 1823 e os fluminenses | da antiga província e do território de v á r i a s | Capitania de que deram notícia, pela pri- | meira vez, os navegantes Américo Ves- | púcci e André Gonçalves em 1502 (desco- | berta de Angra dos Reis) são conterraneos | do mesmo Estado. Com a fusão, além de toda | polêmica sobre suas vantagens e desvanta- | gens, há pelo menos uma boa consequência | imediata: desaparece o adjetivo guanabarrino, | definitivamente não pegou. Guanabara | **voltará** a ser

apenas nome de baía | e aí está bem – e de logradouros públicos. O novo Es- | tado e sua nova capital assumem sua identi- | dade através de uma mesma denominação – Rio de Janeiro – e de vontade comum | de enfrentar os desafios e problemas de uma | unidade da Federação que é a segunda em | importância econômica, a terceira em popu- | lação – só superada por São Paulo e Minas – | e a primeira em significado e projeção cul- | tural.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A cidade do Rio de Janeiro | e a província fluminense viviam | natural e politicamente integra- | dos até o Ato Adicional de 1834 | à Constituição de 1824 que trans - | forma o Rio em município neu- | tro. Na Proclamação da Repúbli- | ca, o Decreto no 1 de 15 de no- | vembro de 1889 estabelece que | a antiga capital dos vice-reis | (desde 1763); e do Império pas - | saria à sede do Governo provisório. A Consti- | tuição de 1891 – Artigo 3, Para- | gráfico Único – determina que o | então Distrito Federal se torna- | ria, um novo Estado da Fede- | ração a partir da mudança da | capital federal para o planalto | central – o que se consuma em | abril de 1960, com a transferên- | cia para Brasília e a criação do Estado da Guanabara.

A fusão agora consumada | teve seu primeiro projeto em | 1959 através de plano elaborado | pelo economista e sociólogo Paulo de Assis Ribeiro, atendendo a | pedido do Centro Industrial do | Rio de Janeiro. Logo esquecida, a idéia renasce em janeiro de | 1970, quando a Federação das | Industrias do Estado da Guana- | bara (FIEGA) entrega ao Gover- | no federal um estudo e antepro- | jeto de lei complementar, sugere- | rindo a medida como um remé- | dio para a estagnação industrial do Estado-município.

Daí em diante, as especu- | lações e rumores quanto à fusão | ganham corpo definitivamente. | Em abril de 1974, o Ministro da | Justiça Armando Falcão anuncia | pela primeira vez, oficialmente, | que o assunto estava sendo estu- | dado. O projeto chega ao Con- | gresso em inícios de junho, seu | substitutivo (de autoria do ex- | Deputado Djalma Marinho) é | aprovado no fim do mês e final- | mente, em 10 de julho do ano | passado, o Presidente G e i s e l | sanciona o texto da lei comple- | mentar que determina a fusão. | A cidade do Rio e o Estado do | Rio de Janeiro estão de novo in- | tegrado na mesma unidade polí- | tica, cuja Constituição **começará** | a ser elaborada em 31 de março | próximo, com a instalação da | Assembléia Constituinte. Apro- | vado pelo Senado, o Almirante | Floriano Peixoto Faria Lima é | nomeado Governador em 3 de | outubro de 1974.

1. Código no VARPORT
E-B-94-Jn-002

2. Natureza do texto
Jornalístico

3. Fonte
Jornal do Brasil

4. Periodicidade
Diário

5. Data e local
Segunda-feira, 10.11.1975. Rio de Janeiro-RJ

6. Tipo de texto
Notícia

7. Seção e página

8. Autor

9. Instituição de registro e cota/código
Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9

10. Número de palavras
132

11. Observações

Angola ganha | amanhã sua | independência

A um dia da proclamação da in- | dependência, o Movimento Popular de | de Libertação de Angola (MPLA) con- | trola a capital Luanda e mais sete | capitais provinciais das 16 que com- | põem o país, estando as demais nas | mãos da FNLA e da UNITA, aliadas | contra o movimento de Agostinho Ne- | to e que tentaram sem êxito conquis- | tar Luanda.

O líder do FNLA Holden Roberto, | anunciou que não **realizara** comemora- | ção de independência nos territórios | que controla e advertiu que **continuará** | a luta, combatendo qualquer Governo | separatista se couber a Agostinho Neto | e seu MPLA a tarefa de assumir o Po- | der a partir de amanhã. (Página 10)

1. Código no VARPORT E-B-94-Jn-003	6. Tipo de texto Notícia
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9
5. Data e local Sexta-feira, 01.04.1977. Rio de Janeiro-RJ	10. Número de palavras 380
	11. Observações

Geisel anuncia hoje recesso do Congresso

O presidente Ernesto Geisel **reú-** | **ne** hoje, ,às 8h, o Conselho de Seguran- | ça Nacional para examinar a situação | política do país e, 12 horas depois | (20h), **anunciará** à Nação o recesso | do Congresso, por um a cadeia de rádio | e televisão.

Ao discursar ontem na Vila Mil- | litar, onde almoçou com 270 oficiais | das três Forças em comemoração ao | 13o aniversário da Revolução de 64 | o Presidente da República garantiu que | a reforma do Judiciário **será** feita. Ele | atribuiu a rejeição do projeto, pelo | Congresso, à situação "de uma minoria | que praticamente, dentro do Congres- | so, se transformou na ditadura."

Disse o General Geisel que no | Brasil só não há liberdade para os que | desejam utilizá-la para destruir a Na- | ção. " Estes, sem dúvida, não tem liber- | dade." Mas aqueles que trabalham, que idealizam um futuro melhor, que | pensam no país, que têm espírito na- | cional vivem numa liberdade que, | creio, **será** difícil encontrar em outros | países de nosso planeta."

Em Brasília, o presidente do | MDB, Deputado Ulisses Guimarães, | pediu ao líder em exercício da banca- | da oposicionista na Câmara, Deputado Freitas Nobre, que se mantenha aten- | to para a necessidade de ser convoca- | da uma reunião de urgência da Comis- | são Executiva Nacional.

Na reunião do Diretório Nacional | arenista, que teve a presença dos | Ministros Golbery do Couto e Silva e | Armando Falcão, o ministro da Justiça elogiou o comportamento do Partido, que garante o "front político do | Governo", e lamentou a derrubada | do projeto de reforma do Judiciário.

O substitutivo votado pelo Con- | gresso, embora tenha recebido 241 | votos favoráveis dos arenistas (apenas | a Deputada Lígia Lessa Bastos votou | contra) e 156 contrários, por se tratar | de emenda constitucional, precisava | de dois terços do total (282 votos) | para ser aprovado. A câmara, ontem, | teve uma reunião tranquila – com a presença de 177 deputados – e não | houve discussões sobre a reforma. (Págs. 2, 3, 4, 18, 19, Coluna do Cas- | tello, editorial pág. 10 e Caderno B)

1. Código no VARPORT E-B-94-Jn-004	6. Tipo de texto Notícia
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9
5. Data e local Quinta-feira, 23.06.1977. Rio de Janeiro- RJ	10. Número de palavras 274
	11. Observações

Emenda que inclui | divórcio **vai ser** | votada às 9h30m

A emenda do Senador Néelson | Carneiro (MDB-RJ) que inclui o di- | vórcio na Constituição para benefi- | ciar desquitados e casais separados | **começa** a ser votada hoje às 9h30m, | em segundo e último turno pelo Con - | gresso Nacional. Membros da hierar - | quia da Igreja como o Arcebispo de Juiz de Fora, D. Geraldo Penido, con - | sideraram o divórcio como "fato con- | sumado."

Encontravam-se em Brasília, on- | tem 347 parlamentares – a emenda | precisa de 212 votos para ser aprova- | da – e o Sr. Néelson Carneiro estava | otimista porque entre eles havia di - | vorcistas que não

tinham compareci- | do ao primeiro turno da votação | (219x162), na semana passada. Pou- | cos divorcistas mantinham-se esperançosos de uma reviravolta.

Em quase todas as dioceses se rea - | lizam ontem e continuam hoje re- | flexões e preces conjuntas para que | os congressistas rejeitem a Emenda | Nelson Carneiro que, aprovada, **será** | promulgada em sessão solene do Con- | gresso Nacional na próxima semana, | ficando a prática do divórcio depen- | dente de lei ordinária, que está sendo | elaborada pelos Srs. Nelson Carneiro | e Aciolly Filho (Arena –PR).

O sociólogo Gilberto Freyre, res- | salvando que é "acatólico", manifes- | tou-se favorável ao divórcio por acre- | ditar que "corresponde aos anseios e | solicitações de numerosos brasileiros | descomprometidos com a Igreja Cató- | lica", mas ressaltou não compreender | a existência de católicos divorcistas. (Página 16 e editorial na página 10)

1. Código no VARPORT
E-B-94-Jn-005

6. Tipo de texto
Notícia

2. Natureza do texto
Jornalístico

7. Seção e página

3. Fonte
Jornal do Brasil

8. Autor

4. Periodicidade
Diário

9. Instituição de registro e cota/código
Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9

5. Data e local
Sexta-feira, 12.05.1978. Rio de Janeiro-RJ

10. Número de palavras
455

11. Observações

Operários da Ford seguem os da Mercedes Benz e criam comissão de salários

São Paulo O Sindicato dos Metalúrgicos de | São Bernardo e Diadema confirmou ontem que nos | últimos dias houve ligeiras paralisações do trabalho | em setores da indústria, mas desmentiu que | os trabalhadores tenham feito greve. O vice-presidente | do Sindicato, Rubens Teodoro de Aruda, infor- | mou que as paralisações tiveram por objetivo, es- | sencialmente a formação de comissões para discutir | salários.

A exemplo do que ocorreu na Mercedes Benz do | Brasil no mês passado, trabalhadores da Ford do | Brasil formaram comissões para discutir | salário. | com a gerência industrial da empresa. Na Merce- | des, um grupo de operários manifestou-se descon- | tente com o aumento de 39% concedido pelo Go- | verno. O mesmo ocorre na Ford e, segundo o Sr, Ru- | bens de Arruda, **poderão** ocorrer casos semelhantes | em outras indústrias, "pois estamos sentindo um | descontentamento generalizado entre os metalúr- | gicos".

EMPRESA DESMENTE

Através de sua Asses- | soria de Imprensa, a di- | retoria da Ford do Brasil | desmentiu que t e n h a | ocorrido paralisação de "máquinas ou de ho- | mens" em algum setor | da empresa. Diz q u e | "simplesmente alguns | funcionários em grupos | procuraram a gerência | industrial para pletear | um reajuste de 15% , | além dos 9% em seus sa- | lários ou o não descontos da antecipações salari- | ais recebidas em novem- | bro (10%) e fevereiro | (5%)."

Ainda que segunda a mês- | ma fonte, o pedido foi | analisado. | Segundo o Sindicatos dos | Metalúrgicos, os setores | a que pertencem os fun- | c i o nários insatisfeitos | são os de ferramentaria, | estampanaria e inspeção.

ACIDENTE

A Ford do Brasil des -| mentiu também notícias | de que o departamento | médico encerra o expedi- | ente às 23 h, informando que, além do trabalho | ininterrupto desse setor os funcionários dispõem | de convênio firmado pela | empresa.

O Sindicato, por sua | vez, esclarece que não es- | tá a frente do movimen- | to, pois os próprios ope- | rários pediram p a r a | fazer suas negociações | internamente por conta | própria.

- E s c l a r e c e m o s | apenas alguns pontos, | como, por exemplo, o das | comissões s e r e m for- | madas por operários es - | táveis, para i m p e d i r | demissões, como foi o | caso da Mercedes Bens | - disse o Sr. Rubens Ar- | ruda.

1. Código no VARPORT E-B-94-Jn-006	6. Tipo de texto Notícia	
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página	
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor	
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9	
5. Data e local Domingo, 31.12.1978.Rio de Janeiro-RJ	10. Número de palavras 431	
	11.	Observações

Regime do AI-5 **acaba** à meia - noite de hoje

A meia – noite de hoje o Brasil **sai** do | mais longe período ditatorial de sua His- | tória. Dez anos e 18 dias depois de sua | edição, o Ato Institucional no 5 que sus- | pendeu liberdades individuais, eliminou o equilíbrio entre os Poderes e deu atribui- | ções excepcionais ao Presidente da República, **encerra** sua existência.

O Presidente Ernesto Geisel, que go- | vernou com o Ato e comandou a política | de distensão que o revogou, **passa_a** últi- | ma noite do ano – e do regime – na | Granja do Riacho Fundo. O General Fi- | gueiredo, que **receberá_o** Governo sem | poderes arbitrários, **começará** i abi ba | Granja do Torto, também em Brasília.

A partir de meia-noite

O brasileiro **volta** a ter direito | a habeas-corpus nos casos de crime po- | lítico.

Os mandatos parlamentares | **voltam** a ser invioláveis. O Executivo | não **pode** mais cassá-los.

Os direitos políticos **tornam-se** | permanentes. O Executivo não **pode** | mais suspendê-los sem amparo judicial.

O Congresso **passa** funcionar | por delegação popular. O Executivo | não **pode** mais colocá-lo em recesso.

O Poder Judiciário recupera suas prerrogativas.

Os funcionários públicos **re- | cuperam** o direito de só sofrerem pu- | nição de acordo com as leis. O Executi- | vo não **pode** mais demiti-los ou apo- | sentá-los.

O Direito brasileiro **livra-se** da | pena de morte, da prisão perpétua e | do banimento.

Os Estados **recuperam** parte de | sua autonomia. O Executivo não **pode** | mais colocá-los sob intervenção sem li- | cença do Congresso.

Desapareceram da legislação na- | cional as siglas AI (Ato Institucional) | e AC (Ato Complementar).

Exilados **retornam**

Com a extinção do AI-5, prevê-se a | chegada de diversos brasileiros que se en- | contram exilados, banidos ou simples- | mente temerosos de voltar. Sabe-se, po- | rém, que os dispositivos de vigilância dos | principais aeroportos nacionais já estão | eficientemente testados e prontos para a | identificação de cada um, na ocasião do | (3 linhas do jornal corroído) dente da República o decreto que anulou | a pena de banimento aplicada a 127 bra- | sileiros. Já o Cardeal Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão Vilela, afirmava | que a revogação das penas de banimento | e a extinção da CGI representam um | passo inicial para a anistia." (Páginas | 3, 4, 5, 6 e 7 e editorial na página 10)

1. Código no VARPORT E-B-94-Jn-007	6. Tipo de texto Notícia
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9
5. Data e local Sábado, 20.10.1979. Rio de Janeiro-RJ	10. Número de palavras 460
	11. Observações

Luta pela anistia

Saudado inicialmente por Maxime Gremeta, | uma das estrelas em ascensão do PCF como | "uma figura prestigiosa em seu país e no plano | internacional Luís Carlos Prestes fez uma breve | declaração inicial "Meu retorno, como o de outros | compatriotas se deve à anistia" – explicou as- | lientando que ela só foi possível graças à ação popular e à luta pelas liberdades democráticas. | Graças também a diversas forças da Oposição | que foram capazes de se unir em torno desses | ideais.

Depois de prestar homenagem a todos que, | durante estes 15 anos, "tombaram pela felicidade | do povo e a independência do país" o secretário - | geral do PCB disse que ainda falta muito, no | Brasil, para se chegar a verdadeiro Estado demo- | crático. A anistia deve ser ampliada, porque ain- | da há muitos brasileiros nas prisões e outros que | não podem retornar à sua pátria.

A seguir, Prestes disse que falta atacar os | problemas de fundo, que, a seu ver, não apenas | persistiram ao longo de 15 anos de ditadura, como | se agravaram "Aumentou o número de latifundiá- | rios" frisou. "A dependência do estrangeiro igual | mente se ampliou. As contradições sociais e regio- | nais se aprofundaram e também o abismo que | separa a [corroído] [corroído] das grandes massas | cada vez mais pobres e miseráveis.

Por isso o líder comunista decidiu "lutar ao | lado do povo". E com esse objetivo em mente que | retorna ao Brasil, afirmou: "Volto para lutar pela | legalização do Partido Comunista Brasileiro. Sem a participação de comunista e progressistas, | não há democracia. E uma democracia mutilada é | a negação da democracia. Volto para participar da | luta popular pela livre organização de todas as | correntes e movimentos de opinião políticos.

Lembrando a difícil [corroído] [corroído] [corroído] | uma grande parte da população brasileira. Luís Carlos Prestes declarou: "Não tenho a pretensão | de ter soluções para problemas tão graves. Sou | comunista e luto pela aplicação da ciência socialis- | ta à realidade concreta do país. O que desejo após | 15 anos de afastamento do povo, na clandestinida- | de ou no exílio, é conhecer melhor a realidade | brasileira

Para ele, a solução dos problemas **virá** do | próprio [corroído] [corroído] por um grande debate | não apenas das elites mas do conjunto de trabalha- | dores brasileiros "Volto a insistir" – declarou - | "que o essencial é a conquista das liberdades | democráticas, bem como a organização da união | de forças da Oposição contra as manobras divisio- | nistas da ditadura, porque a divisão é o objetivo | real da chamada reformulação dos Partidos."

1. Código no VARPORT E-B-94-Jn-008	6. Tipo de texto Notícia
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9
5. Data e local Sabado, 19.04.1980. Rio de Janeiro-RJ	10. Número de palavras 523
	11. Observações

DOPS ameaça enquadrar líder sindical na Lei de Segurança

São Paulo – Luís Inácio da Silva pode ser indiciado por in - | frigir a Lei de Segurança Na- | cional, concluiu o delegado de | Ordem Política do DOPS, Ed- | sel Magnoati, depois de consultar a 2ª auditoria militar. Depois de decretada a inter- | venção e ante as manifestações | de Lula, consideradas hostis ao | Governo, houve ordem da Polí- | cia Federal, de Brasília, para | que fossem reexaminadas to- | das as declarações anteriores | do líder metalúrgico desde os | primeiros [corroído] [corroído] | [corroído] A formalização do inquérito e | eventual enquadramento de | Lula na Lei de Segurança Na- | cional **dependerá**, informam na | polícia, política, do seu compor- | tamento nos próximos dias.

TRANQUILO

Enquanto sua mulher Sra | Marisa Leticia da Silva, preocu- | pava-se com a hipótese de ele | vir a ser preso, Luís Inácio da | Silva, tranqüilo, dormiu das | 15 as 19h30m. Depois, se reu- | niu com parte da diretoria de- | posta do Sindicato dos Meta- | lúrgicos de São Bernardo do | Campo e Diadema | ora discu - | [corroído] [corroído] [corroído] |

Depois do almoço, às 15 h, Lu- | la chegou a sua casa, no Jardim | Assunção, bairro operário de | São Bernardo do Campo, acom- | nhado pelo Deputado esta - | dual Geraldo Siqueira, do PT, e | do seu hóspede, Frei Beto. "Es- | tou satisfeito com a mobiliza- | ção dos trabalhadores e tam- | bém com o fato de os metalúrgi- | cos terem atendido a minha de- | terminação de irem para casa". | disse ao chegar.

A FAMÍLIA

Lula foi logo para o quarto do | casal com a Sra. Marisa Leticia | da Silva. Os dois filhos mais | velhos, Marcos, de 10 anos, e Fábio, de cinco, foram para a | casa de um parente. O menor Sandor, de um ano e sete me- | ses, dormia no outro quarto da | casa.

Na sala de visitas, o telefone | não parou de tocar, mas nin- | guém incomodou o casal. Frei | Beto atendeu a todos os telefo- | nemas e recebeu a secretária de | Lula, D. Ivonete, que foi lá á | procura de instruções. Frei Be- | to incumbiu-lhe de comprar um | presente para Marcos, que ani- | versariou na semana passada, | mas o pai não tivera tempo de | comprar presente.

ASSEMBLÉIA

Sem policiamento nem inci- | dentes, a assembléia dos meta- | lúrgicos de Santo André foi rea- | lizada às 16h, no Estádio Jaça- | tuba, com cerca de 6 mil traba- | lhadores que votaram pela ma- | nutenção e, pela primeira vez, | aclamaram o presidente depos- | to, Deputado Benedito Mar- | cílio.

Todos os oradores protesta- | ram contra a intervenção e afir- | maram que sem negociações | não **voltam** ao trabalho. Termi- | nada a assembléia, todos os tra- | balhadores se dispersaram. Até | as 19h, em Santo André, não foi registrado nenhum conflito.

1. Código no VARPORT
E-B-94-Jn-010

2. Natureza do texto
Jornalístico

3. Fonte
Jornal do Brasil

4. Periodicidade
Diário

5. Data e local
Sabado, 19.04.1980. Rio de Janeiro-RJ

6. Tipo de texto
Notícia

7. Seção e página

8. Autor

9. Instituição de registro e cota/código
Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9

10. Número de palavras
157

11. Observações

Prefeitura culpa hábito de urinar nas pilastras pela deterioração dos viadutos

O hábito de urinar nas pilastra é uma das causas | da deterioração dos viadutos da cidade, porque a urina | provoca a oxidação dos ferros, segundo explicou o | diretor da Divisão de Conservação da Secretaria Muni- | cipal de Obras, Joberto Pimentel. Há ainda o aumento | excessivo do tráfego, problema que também afeta as | pontes que sofrem, inclusive, os efeitos da água po- | luída.

A Prefeitura já recuperou os viadutos de Ana Néri e | três pontes nas Avenidas Francisco Bicalho e Rodri- | gues Alves. Agora está terminando as obras dos viadu- | tos de Realengo, Bento Ribeiro, Magalhães Bastos, | Engenheiro Leal, Del Castilho e Deodoro. Até o final do | ano **vai recuperar** a antiga Ponte dos

Marinheiros, o | Trevo dos Estudantes e uma ponte na rua Francisco | Eugênio, e executar laudos técnicos de oito viadutos.

1. Código no VARPOT E-B-94-Jn-012	6. Tipo de texto Notícia
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9
5. Data e local Sabado, 14.05.1981. Rio de Janeiro-RJ	10. Número de palavras 755
	11. Observações

Papa sofre atentado mas está fora perigo

O Para João Paulo II foi ferido por | dois tiros às 17h19m (12h19m no Brasil) | quando chegava, ontem, na Praça São | Pedro, para a audiência semanal. As ba- | las o atingiram no braço, na mão esquer- | da e uma entrou pelo abdômen saindo | pelo reto. A operação durou mais de cinco | horas, e os médicos da Policlínica Gemel- li, para onde foi imediatamente transpor- | tado, confiam em sua recuperação.

O autor do atentado, o turco Moha- | med Ali Agca, estava a cinco metros do | jipe em que João Paulo percorria a praça. | Os tiros foram disparados logo após a | primeira volta, quando o Papa acabava | de apertar as mãos de algumas das 30 mil | pessoas que estavam na praça. O Papa, | com o rosto transtornado pela dor, aper- | tou o abdômen e, em seguida, caiu em | cima de seu secretário particular.

Duas mulheres, uma americana e | uma jamaicana, também ficaram feridas. | O jipe foi envolvido pelos agentes de | Segurança do Vaticano, e o Papa levado | para a Policlínica. O agressor ainda ten- | tou fugir, mas foi logo cercado por populares e | policiais que o livraram de um massacre.

Durante a operação, em que lhe foi | tirada uma parte do intestino, João Paulo | recebeu quase dois litros de sangue, por | causa da forte hemorragia. **Passará** a noite de hoje e possivelmente todo o dia de | amanhã no centro de tratamento intensi- | vo. Os médicos estão otimistas, pois "ne- | nhum órgão vital foi atingido."

Mohamed Ali Agca, 23 anos, entrou | na Itália há duas semanas, vindo da Espa- | nha, desembarcando em Milão. Chegou a Roma há dois dias e se identificou no | hotel, com passaporte falso, como Farouk | Osgum, estudante turco matriculado na | Universidade de Línguas de Pérugia.

Em novembro de 1979, Mohamed en- | viou uma carta, assinada com seu próprio | nome, ao jornal Millyet, de Istambul, | anunciando disposição de matar o Papa | João Paulo II durante sua visita à Tur- | quia. Pouco antes fugira de uma prisão de | Istambul, onde cumpria pena por partici- | par do atentado que causou a morte do redator-chefe do jornal, Abdi Ipecki.

A arma usada no atentado foi uma | pistola semi-automática Browning Hi - | Power, calibre 9mm, Parabellum, consi- | derada de boa potência, tiro preciso e | grande penetração. O ataque ocorreu no | dia da peregrinação anual ao Santuário | da Virgem de Fátima, em Portugal, onde | peregrinos choraram e rezaram ao ter a | notícia.

Calcula-se que 30 Papas tiveram mor- | te violenta na história do Pontificado, a | partir do Apóstolo Pedro (ano 64 ou 67 | d.c.). Em 1970, um boliviano disfarçado | quando desferia um golpe de punhal con- | tra Paulo VI. O Camerlengo, Cardeal Pao- | lo Bertoli, assumirá o Governo da Igreja, | com poderes limitados, se João Paulo II | ficar impedido de exercer suas funções.

Em Washington, o Presidente Ronald | Reagan – que ainda convalesce do aten- | tado a bala de 30 de março – declarou-se | chocado com a tentativa de assassinato | de João Paulo II. Em Varsóvia, homens | e mulheres choraram pelas ruas. O primeiro-secretário do PC polonês enviou | telegrama desejando "rápida recupera- | ção do Papa." O Presidente Figueiredo, que recebeu | a notícia quando almoçava no Regimento | de Cavalaria de Guarda, enviou mensa- | gem na qual faz os seus "desejos e as | preces de toda a nação brasileira pela | pronta recuperação de Vossa Santidade."

O presidente do CNBB [corroído] [corroído] [corroído] [corroído], pediu: "Deus tenha piedade do | [corroído] [corroído] [corroído]."

Em Recife, Dom [H]elder Câmara disse | em lágrimas que o Papa estava ferido, | "sangrando pelos crimes do mundo" e | que, "se Deus quiser levá-lo, ele se **ofere-** | **cerá** em holocausto." No Rio, onde à noite | cerca de 5 mil pessoas rezaram nas ruas | pelo restabelecimento de João Paulo II, | durante a procissão de Nossa Senhora de | Fátima, Dom Eugênio Salles afirmou que | atentados são graves, sejam contra uma | pessoa

importante ou contra um humilde. | Referindo-se ao criminoso concluiu: "Por | mais grave que tenha sido o atentado, | esse homem merece perdão." (Págs. 12, 13, 14 e editorial O Atentado a um Símbolo.)

1. Código no VARPORT E-B-94-Jn-015	6. Tipo de texto Notícia
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional – RJ. CPR – SPR 9
5. Data e local Quinta-feira, 26.04.1984 – Rio de Janeiro 298 sim, 65 não, 113 ausentes	10. Número de palavras 803
	11. Observações

CONGRESSO REJEITA DIRETAS

Ao final de mais de 60 discursos, numa das mais longas (16 horas) e tebsas sessões de sua história, o Congresso Nacional rejeitou | as primeiras horas de hoje, por não | ter alcançado quorum constitucional, a emenda Dante de Oliveira | que previa eleições diretas já para a | Presidência da República. Houve | 298 votos favoráveis, 65 contrários | e 3 abstenções. Não compareceram | 113 deputados. As ausências - | estratégia do PDS – provocaram a | rejeição da emenda. A aprovação | exigia 320 votos para, a seguir, a | proposta ser submetida ao Senado. | Foi, sem dúvida, a votação a votação mais | vivamente acompanhada pelo povo: 7 mil pessoas nos jardins em | torno do Congresso e 1 nas 200 nas | galerias.

A sessão foi aberta às 9h45min | pelo presidente do Congresso, Senador Moacir Dalla; e até o meio | da tarde havia 153 oradores inscritos. O número acabou sendo reduzido, a pedido de Dalla, pois do | contrário não teria sido possível | votar a emenda. Apesar do clima | tenso e da duração da sessão, houve apenas um incidente: o Deputado Sebastião Curió (PDS-PA), | aos brados, acusou o Deputado | Ademir Andrade (PMDB-PA) de | comunista. Por volta de 23h, Dalla | encaminhou a votação, durante a | qual os acessos ao Congresso foram | bloqueados por tropas da Polícia | Militar.

Por todo o país o povo reuniu- | se nas praças para acompanhar a | contagem de votos em painéis chamados de placares das diretas. Em | alguns lugares os votos dos parlamentares eram anunciados por sistemas | temas de alto-falantes. No Rio, a | concentração começou cedo, na Cinelândia. Comícios relâmpagos e | queima de fogos foram incluídos | nas vigílias. No ABC paulista, houve manifestações de trabalhadores | em 40 empresas metalúrgicas e, na | Capital, o povo reuniu-se na Praça | da Sé.

Em Brasília, universitários e | secundaristas, ao estilo dos atletas | olímpicos, escreveram com seus | corpos a frase DIRETAS JÁ, nos | gramados do Congresso. Motoristas que os viram, por volta de | meio-dia começaram a buzinar | seus carros, o que provocou violenta reação do executor das medidas | de emergência, General Newton | Cruz. "Não podem me desmoralizar em frente ao meu quartel", disse Cruz. "**Vai custar** muito caro | para alguém fazer isso." Em seguida, o General desceu de seu gabinete, bastão de comando em | punho, apreendeu cerca de 100 | automóveis e sete ônibus. Um dos | carros teve os pneus furados a bala.

As 22h45min, a TV Gazeta, de | São Paulo, recebeu autorização para voltar a transmitir, depois que | sua suspensão, à tarde, foi classificada pelo Dentel como um mal-entendido. No início da noite, a censura foi parcialmente levantada das | emissoras de rádio e televisão. A | Rádio Guarany (AM-FM) , de Belo Horizonte, também punida, ficou | seis horas fora do ar.

Em despacho de oito linhas, o | Juiz da 1ª Vara Federal do DE, | Jacy Garcia Vieira, indeferiu a liminar do mandado de segurança | impetrado pela Rádio JORNAL DO BRASIL contra o ato do Dentel que exigia a | submissão de seus | textos de informação à censura. Ao | longo do dia, o STF rejeitou cinco | habeas corpus e mandados de segurança requeridos contra as medidas | de emergência..

Em Belo Horizonte, os vidros | da seção de cadastramento técnico | do Dentel foram quebrados pela explosão de uma bomba rudimentar, no momento em que o diretor | regional, Luís Vilela, concedia uma entrevista. Em Brasília, a violência | da censura e das medidas de emergência recebeu duras críticas em | vários discursos durante todo o dia.

"Mas que país, afinal de contas, é este?" questiona o editorial | desta edição. "Uma democracia | certamente não é e nem, será, enquanto o Estado pretender que a | vontade nacional continue a ser | ditada pelos instrumentos de coação da sociedade."

"Não entende este governo que | 20 anos de equívocos desautorizam | a aplicação de medidas odientas ? Se o Goveno Figueiredo quer vol- | tar atrás, deve saber em tempo que | a Nação quer seguir em frente: ela aceita as responsabilidades democráticas que ele recusa assumir."
(Páginas 2 a 4 [corroído] [corroído] [corroído] [corroído], Informe JB e "Coisas de Política")

1. Código no VARPORT E-B-94-Jn-016	6. Tipo de texto Notícia
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9
5. Data e local Sexta-feira, 28.02.1986. Rio de Janeiro-RJ	10. Número de palavras 458
	11. Observações

Sarney lança plano da Inflação Zero. Todos os preços estão congelados. Salário mínimo aumenta amanhã. Cruzado substitui o cruzeiro. Caderneta dá 14,93% este mês. Poupança **renderá** por trimestre. ORTN deixa de ser reajustável

O Presidente José Sarney, ante a | perspectiva de a inflação este ano | alcançar 500%, resolveu aditar me- | das de choque que **serão** anuncia- | das hoje às 10h em cadeia nacional | de rádio e televisão. O plano tem o | objetivo de obter taxa zero de inflação a curtíssimo prazo.

O cruzeiro **vai desaparecer** e **será** | substituído por uma nova moeda, o | cruzado, com um corte de três zeros. Com isso, CR\$ 100.000(cem mil | cruzeiros passam a valer 100 cru- | zados.

Todos os preços estão congela- | dos a partir de hoje, inclusive álcool, | gasolina e tarifas públicas. O Estado | **utilizará** a Lei Delegada n o4, que | permite o fechamento de estabeleci- | mentos industriais e comerciais que | não cumprirem as determinações.

A data base do salário mínimo | foi antecipada para o dia 1o de março. De acordo com a variação | real dos salários de novembro até | hoje, acrescida de um bônus, o go- | verno **deverá** fixar o novo valor do | salário mínimo em cerca de 750 cru- | zados (Cr\$ 750 mil). Os trabalhador- | es com dissídio em março **terão** | reajuste equivalente à variação média da ORTN nos últimos seis meses.

Nos próximos meses, os aumen- | tos salariais **passarão** a ocorrer uma | vez por ano, por ocasião dos dissí- | dios de cada categoria, com liberda- | de total para a negociação dos rea- | justes entre trabalhadores e empre- | sas. A escala móvel **será** adotada | para proteger o poder aquisitivo dos | salários. Dessa forma, tida categoria | profissional **poderá** optar por um | reajuste imediatos dos salários, sem- | pre que a inflação atingir 20%.

Em vez de correção monetária, o | governo **oferecerá** aos poupadores | uma remuneração trimestral equi- | valente a inflação no período. A | ORTN foi substituída pela OTN, | cujo valor nominal **será** congelado por um ano. Esse valor da OTN foi | fixado em 107 cruzados, a vigorar a | partir de amanhã.

O FGTS e o PIS/Pasep **serão** | corrigidos automaticamente toda vez | que houver elevação de preços. Aca- | baram as desvalorizações cambiais | diárias. O Banco Central **vai fixar** | uma nova taxa de câmbio, que se | **manterá** fixa até o governo en - | tenda ser conveniente outro rea- | juste.

O presidente José Sarney con - | vidou todos os governadores do | país para uma reunião domingo em | Brasília. (Páginas 22, 23 e 26)

1. Código no VARPORT E-B-94-Jn-017	6. Tipo de texto Notícia
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9
5. Data e local Terça-feira, 30.06.1986. Rio de Janeiro-RJ	10. Número de palavras 143
	11. Observações

Passagem de ônibus sobe 50% no Rio

A partir de zero hora de hoje, as passagens de ônibus de empresas particulares **passam** a custar 50% mais caro. A tarifa padrão de CZ\$4,80 passa para CZ\$ 7,20. O aumento foi determinado sexta-feira, quando o juiz Ivaldo Correia de Souza concedeu liminar a medida cautelar pedida pelo sindicato das empresas contra o congelamento.

A CTC e as empresas encampadas não recorreram ao Judiciário e, por isso, suas tarifas permanecem inalteradas, cumprindo a promessa do prefeito Saturnino Braga de suspender reajustes em obediência ao congelamento. Esse é o terceiro aumento das passagens em menos de três meses: em abril houve a elevação de 50% e em maio outra de 44,9%. (Cidade. p. 3)

1. Código no VARPORT E-B-94-Jn-019	6. Tipo de texto Notícia
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9
5. Data e local Quarta-feira, 05.10.1988. Rio de Janeiro-RJ	10. Número de palavras 403
	11. Observações

Carta entra em vigor hoje

Depois de exatos 8.955 dias de incertezas institucionais a contar do dia 31 de março de 1964, o Brasil **inaugura** hoje uma nova era. Por volta das 15h, na Tribuna do Congresso Nacional, perante o presidente José Sarney, o presidente do Supremo Tribunal Federal, Rafael Mayer, deputados, senadores, governadores e representantes de 30 países, o presidente da Assembleia Nacional Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, **dirá**: "Declaro promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil."

A nova Constituição **entrará** imediatamente em vigor. A partir desse momento, por exemplo, ninguém **poderá** ser preso a não ser em flagrante ou com expressa ordem judicial, nem um empregado **poderá** ser demitido sem receber multa no valor de 40% do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Uma risada dissolteu as últimas dúvidas a respeito da entrada em vigor da Carta - única reação do presidente do Supremo Tribunal Federal quando lhe perguntaram se não seria preciso esperar a publicação pelo Diário Oficial.

As cerimônias de promulgação da Constituição de 1988 **coincidem** às 9h, com a celebração de um culto ecumênico em frente ao Congresso, e se **encerrarão** com um jantar oferecido às delegações estrangeiras. A sessão no Congresso **será** realizada entre 15h30 e 17h e **terá** transmissão direta por todas as redes de televisão. Quando Ulysses Guimarães declarar promulgada a Constituição, a oitava na história do Brasil, e a quarta emanada de um legítimo poder constituinte, os sinos **repicarão**

em todo o | país. Ontem, falando em cadeia | de televisão, o presidente Sarney | disse que **será** o "maior servidor" | da nova Carta e elogiou Ulysses | Guimarães, "essa figura históri- | ca, simbólica." (Páginas 2 a13)

1. Código no VARPORT E-B-94-Jn-020	6. Tipo de texto Notícia
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9
5. Data e local Sexta-feira, 05.10.1989. Rio de Janeiro-RJ	10. Número de palavras 328
	11. Observações

Festa celebra fim do Muro de Berlim

Construído de surpresa e em tem- | po recorde, na noite de 17 para 18 de | agosto de 1961, o Muro de Berlim, | com 160 Km de comprimento e média | de 3m de altura, conheceu ontem, na | prática, um fim tão fulminante | quanto seu começo. Pouco depois de | o governo a Alemanha Oriental | anunciar que decidira abrir todas as | suas fronteiras com a Alemanha | Ocidental, multidões excitadas já se | aglomeravam, em Berlim, nos postos | de passagem entre os dois setores da | cidade e cruzavam para o outro lado | - nem que fosse apenas para fazer um | passeio.

Com a decisão do governo alemão- | oriental, termina uma era. "As via- | gens para fora do país **poderão** ser | feitas por todos os posto fronteira- | ros entre nosso país e a Alemanha Oci- | dental ou outros vizinhos", anunciou | Guenther Schabowski, novo dirigente | reformista da Alemnha Oriental. Embora o muro de Berlim, a marca | geográfica mais grotescamente pode- | rosa com que o mundo aprendeu a | conviver nesta segunda metade de sé- | culo, permaneça intacto, na prática | perdeu todo seu significado.

"Os acontecimentos agora são im- | previsíveis", disse o chanceler da | Alemanha Ocidental, Helmut Kohl, | que se encontra em visita à Polónia. | Kolh afirmou que talvez tenha de | voltar antes do previsto à Alemanha | e pediu uma reunião urgente com o | novo líder da Alemanha Oriental, | Egon Krenz.

Desde o início do do ano, 225 mil | alemães-orientais já fugiram para a | Alemanha Ocidental. Desses, 50 | mil viajaram desde sexta-feira, via | Tchecoslováquia, e calcula-se que | mais de 1,4 milhão de Alemães-o- | rientais ainda queiram emigrar. | A Cobertura das fronteiras, segundo | explicou, emocionado, Guenther | Schabowski, foi para "evitar o êxo- | do dos nosso cidadãos." (Pág. 8)

1. Código no VARPORT E-B-94-Jn-022	6. Tipo de texto Notícia
2. Natureza do texto Jornalístico	7. Seção e página
3. Fonte Jornal do Brasil	8. Autor
4. Periodicidade Diário	9. Instituição de registro e cota/código Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9
5. Data e local Sábado, 17.03.1990. Rio de Janeiro-RJ	10. Número de palavras 1247
	11. Observações

REFORMA DE COLLOR FAZ TERREMOTO NA ECONOMIA

Em seu primeiro dia de go- | verno, o presidente Fernando | Collor de Mello colocou em | funcionamento, ontem, o mais | amplo, radical e audacioso | plano econômico já experi- | mentado no Brasil, cujo ele- | mento mais explosivo é um | bloqueio em contas correntes, | cadernetas de poupança, over- | night e demais aplicações fi- | nanceiras que configura um | virtual confisco de extensa | parcela do dinheir em poder

das pessoas e das empresas. | "Não temos alternativas", | disse Collor, durante a reu- | não em que, presentes seus | ministros e líderes partidários, | anunciou as linhas gerais do | plano, às 7h da manhã. "O | Brasil não aceita mais derro- | tas. Agora é vencer ou vencer. | Que Deus nos ajude."

A moeda nacional, desde | ontem, voltou a ser o cruzeiro | - mas, ao contrário dos pla- | nos anteriores, não se corta | nenhum zero para passar de | uma moeda para outra, nem | desaparece automaticamente | o cruzado novo. Na verdade, | a troca de unidade monetária, | serve fundamentalmente para pro- | mover o monumental blo- | queio do dinheiro em poder | do público. Nas contas cor- | rentes das pessoas, só até um | limite de NCz\$ 50.000,00 **será** | convertido em cruzeiros, que | **poderão** ser usados normal- | mente. O que exceder disso | continua cruzado novo – e só | 18 meses depois, engordado | com correção monetária e ju- | ros de 6% ao ano, **começa** a | ser resgatado em 12 parcelas | mensais iguais e não corrigi- | das.

O mesmo ocorre com a caderneta de poupança. No caso | do overnight e fundos nomi - | nativos, o mecanismo ainda é | mais draconiano; só **vai virar** | cruzeiro, e portanto **continuar** | podendo ser usado livremente | por seu dono, 20% do total | que ele tiver no banco, ou | NCz\$ 25mil – das duas op- | ções, a que for maior. O res- | tante **será** bloqueado para | também só poder ser liberado | 18 meses depois, em 12 parcelas mensais. No total, graças a | esses artifícios, calcula-se que, | dos US\$ 120 bilhões que re- | pousam, em todo o país, em | contas correntes, cadernetas, | over e assemelhados, US\$ 95 | bilhões **serão** confiscados pelo | governo – ou, caso se prefira, | seqüestrados, uma vez que **se-** | **rão** devolvidos um ano e meio depois.

O plano de ajuste anuncia- | do por Collor mexe com vir- | tualmente tudo na vida dos | brasileiros. Os preços das | principais produtos **serão** ta- | belados, de acordo com listas | que **serão** divulgadas a partir | de hoje pela Sunab, e só **pode-** | **rá** ser alterados mediante au- | torização do governo, num es- | quema que dura até 1o de | maio. A partir daí, **começara** a | ser observado o índice de in- | flação prefixada a ser estabe- | lecido antes de cada mês. Os | salários, no dia 1o de abril, | **serão** corrigidos pela inflação | de fevereiro – 72,78%. A partir do mês seguinte, porém, | também **passam** a ser corrigi- | dos de acordo com a prefixa- | ção estabelecida pelo governo. | Considerado em seu todo, o | plano de Collor não tem com- | parações, em seu alcance e | profundidade, no Brasil ou em | qualquer país senão com mu - | danças produzidas por guer- | ras ou revoluções – e mexeu | muito mais, de uma vez só, | nas relações dos empresários | com seu dinheir, do que toda | a Constituinte em 20 meses.

Nesta edição, um suplemento com o Plano Collor e outro com as íntegras das principais medidas

Mudança dá novo perfil ao governo

Tão ampla e radical quanto | plano econômico, a reforma ad- | ministrativa do governo Collor | determinou a extinção de 11 mi- | nistérios, 5 autarquias, 8 funda- | ções, 3 empresas públicas e 8 | sociedades de economia mista, | além de dezenas de comissões, | secretarias e outros órgãos; colo- | cou à venda virtualmente a tota- | lidade dos imóveis funcionais do | Executivo e mansões, dos auto- | móveis (calcula-se que mais de | três mil) e aviões (algo em torno | de uma centena) do governo; | criou novos e fundiu vários ór- | gãos públicos; proibiu a contra- | tação e o acúmulo de cargos, | regulou a dispensa de funcionár- | rios e criou um banco de recur- | sos humanos para cuidar da si- | t u a ç ã o d o s f u n c i o n á r i o s | excedentes.

De acordo com cálculos da | ministra da Economia, Zélia | Cardoso deMello, a reforma de - | **verá** representar uma economia | para o governo de US\$ 2 bilhões, | que **começam** a ser contabiliza- | do ssegunda-feira, quando o | funcionalismo voltar as reparti- | ções. Os que não têm estabilida- | de – contratados com nexos de | cinco anos – e trabalham nos | órgãos extintos **serão** demitidos. | Os que têm estabilidade vão para | casa, em disponibilidade, aguar- | dando realocação, e os que têm | duplo emprego **terão** que optar | por um. Na área de pessoal fo- | ram revogadas as cessões de fun- | cionários, obrigando todos os | cedidos a se reapresentarem às | repartições de origem até o dia 1o | de maio. Além disso, foi abolido | o sistema de contratação tanto | de pessoal como de veículos de | empresas particulares prestado- | ras de serviços. Novas normas | restringem grandemente as via- | gens ao exterior.

Entre as autarquias extintas | estão o Instituto Brasileiro do | Café (IBC), o Instituto do Açú- | car e do Álcool (IAA) e o De- | partamento Nacional de Obras e | Saneamento (DNOS). Das oito | fundações que acabaram, desta- | cam-se a Funarte (Fundação | Nacional de Artes), Pró-Memó- | ria

(Fundação Nacional Pró- | Memória) e Fundação para | Educação de Jovens e Adultos | (Educar). Não mais existem a | Portobrás (Empresa de Portos | do Brasil S. A.), EBTU (Empresa | Brasileira de Transportes Urba- | nos) e Embrater (Empresa Brasi- | leira de Assistência Técnica e | Extensão Rural). Nas sociedades | de economia mista foram atingi- | das, entre outras, a Petrobrás | Comércio Internacional (Inter- | brás), a Siderbrás (Siderurgia | Brasileira S.A.) e o BNCC (Banco Nacional de | Crédito Cooperativo S.A.).

A Presidência da República | cresceu, com a criação das secre- | tarias de Administração Federal, | Assuntos Estratégicos, Ciência e | Tecnologia, Cultura, Meio Am- | biente, Desenvolvimento Regio- | nal e Desportos. O Iapas (Insti- | t u t o d e A d m i n i s t r a ç ã o d a | Previdência Social) fundiram-se, | dando origem ao novo Instituto | N a c i o n a l d e S e g u r o S o c i a l | (INSS), subordinado ao Minis- | tério do Trabalho e Previdência | Social. Para reduzir a interferên- | cia do Estado na vida e nas ativi- | dades do indivíduo, foi criado o | Programa Federal de Desregula- | mentação. (Páginas 6, 7 e 8)

1. Código no VARPORT
E-B-94-Jn-023

2. Natureza do texto
Jornalístico

3. Fonte
Jornal do Brasil

4. Periodicidade
Diário

5. Data e local
Domingo, 16.12.1990. Rio de Janeiro-RJ

6. Tipo de texto
Notícia

7. Seção e página

8. Autor

9. Instituição de registro e cota/código
Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9

10. Número de palavras
467

11. Observações

Acusação pede que o júri de Xapuri sirva de exemplo
Marcelo Auler

XAPURI., AC – Depois de quatro | dias de sessão, o julgamento de dois dos | três acusados pela morte do líder sindi- | cal e ecologista Chico Mendes chegava | ao final ontem à noite em Xapuri (ma- | drugada deste domingo, no Rio). Usan- | do a mesma roupa desde quarta-feira, | Darli Alves da Silva, de 54 anos e seu | filho Derci Alves Pereira, 23 anos, fo- | ram chamados de covardes pelo promo- | tor Eliseu Bouchmeier de Oliveira e seus | assistentes de acusação. Darci, como | sempre, permaneceu de cabeça baixa. Darli, sempre esfregando um lenço no | rosto, vez por outro passava os olhos na | platéia. O terceiro acusado, Jardeir Pe- | reira, não foi a julgamento porque se | encontra foragido. A acusação pediu | que a condenação dos réus sirva de | exemplo na luta contra a violência fun- | diária no país.

A sentença contra o s dois – a pró- | pria defesa sabia que uma absolvição | era quase impossível – coincidente- | mente seria lida no mesmo dia em que | vítima completaria 46 anos. "Não é | tudo, uma vez que existem outras pes- | soas envolvidas, mas é um presente pa- | ra Chico Mendes", comentou Ilzamar | Gadelha Bezerra, viúva do líder ecoló- | gico.

O julgamento foi assistido por cerca | de 120 jornalistas, 30 dos quais repre- | sentavam empresas de comunicação es - | trangeiras. Estiveram presente, em pe- | lo menos uma das quatro sessões, o | governador eleito do Acre, Edmundo | Pinto; o diretor- geral da Polícia Fede- | ral Romeu Tuma representado o pre- | sidente da República; o deputado Luís | Inácio Lula da Silva; o presidente da | CUT, Jair Meneguelli; e o ator Antonio | Grass. O bispo do Acre, Dom Moacir | Grecchi, o diretor do departamento ru- | ral da CUT, Avelino Ganzer, e o repre- | sentante do Banco Interamericano de | Desenvolvimento (BID) no Brasil, Da- | vid Atkinson, permaneceram em Xapu- | ri de quarta-feira até ontem.

Nestes quatro dias, a cidade esteve | sob forte esquema de segurança do | qual participaram as polícias Civil, Mil- | litar e Federal. Mas nenhum incidente | foi registrado. O juiz Adair Longuini, cumprimentado ontem publicamente | pelo advogado de acusação Márcio To- | más Bastos, possibilitou, sem deixar de | ser enérgico, que um grande número de | pessoas – na maioria seringueiros - | participasse da platéia em sistema de | rodízio. O único problema ocorrido em | quatro dias foi a intoxicação intestinal | que o perito Fortunato Palhares, da | Unicamp, sofreu enquanto estava inco- | municável junto com as demais teste- | munhas.

1. Código no VARPORT
E-B-94-Jn-024

2. Natureza do texto
Jornalístico

3. Fonte
Jornal do Brasil

4. Periodicidade
Diário

5. Data e local
Quarta-feira, 30.12.1992. Rio de Janeiro-RJ

6. Tipo de texto
Notícia

7. Seção e página

8. Autor

9. Instituição de registro e cota/código
Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 9

10. Número de palavras
378

11. Observações

Collor cassado só pode voltar à política depois do ano 2000

Fernando Collor de Mello | entrou ontem para a história do | Brasil como o segundo presi- | dente da República a renunciar | ao mandato conquistado nas | urnas. Em bilhete manuscrito, | lido às 9h35 por seu advogado | quando sua primeira testemu- | nha de defesa começava a depor | na sessão em que o Senado jul- | garia seu impeachment, Collor | renunciou, solicitando a suspen- | são do julgamento. Mas o Sena- | do prosseguiu e, às 4h20 da | madrugada de hoje, por 76 vo- | tos a 3, decidiu cassar os direi- | tos políticos de ex-presidente | por um período de oito anos, | condenando-o por suas ligações com Paulo César Farias, o PC.

O presidente do Supremo Tri- | bunal Federal (STF), Sydney | Sanches, reconvocou o Senado | para nova sessão, a partir das | 13h40 e, por 73 votos contra 8; os | senadores decidiram julgar Col- | lor, sob protestos do advogado | de defesa, José Moura | O advogado de acusação, Evan- | dro Lins e Silva, defendeu a tese | de que a renúncia "é o reconhe- | cimento de sua própria culpa" e | não exclui a punição pelo com- | portamento do presidente.

No início da noite, o ex-presi- | dente da República informou | que **irá recorrer** ao STF contra a | decisão do Senado e prometeu | para hoje, às 11h, um "duro pro- | nunciamento." O presidente **vai | recorrer** a todas as instâncias pa- | ra preservar seus direitos polí- | ticos", disse o jornalista Etevaldo | dias, porta-voz de Collor.

Para o colunista político, Car- | los Castello Branco, "ao mandar | sua carta de renúncia à Presidên- | cia da República, Fernando Col- | lor desmistificou sua causa. Não se trata mais de alguém que se | dispõe a correr todos os riscos | para defender seus direitos e sua | honra, mas de um político que | luta pela continuação da sua | carreira." Segundo Castello, a | renúncia não é uma "estratégia | ética", mas um "cálculo políti- | co". (Páginas 2 a 19, Coluna do | Castello, página 2, e Informe JB)

1. Código no VARPORT
E-B-94-Jn-026

6. Tipo de texto
Notícia

2. Natureza do texto
Jornalístico

7. Seção e página

3. Fonte
O Globo

8. Autor

4. Periodicidade
Diário

9. Instituição de registro e cota/código
Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 00054

5. Data e local
Quarta-feira, 29.01.1997. Rio de Janeiro-RJ

10. Número de palavras
333

11. Observações

Câmara diz sim a FH Aprovação da reeleição derrota ao mesmo tempo Maluf, Quércia e Paes de Andrade Aos gritos de "Uh Tererê", usado por torcidas | de futebol e em bailes funk, deputados gover- | nistas comemoraram ontem a aprovação da | emenda da reeleição em primeiro turno no ple - | nário da Câmara. A vitória acabou sendo tran- | quilizadora: o substitutivo do deputado Vic Pires Fran- | co (PFL – PA) foi aprovado por 336 votos a favor, | 17 contra e seis abstenções – 28 a mais do que | os 308 necessários. A emenda **passará** ainda por | um segundo turno de votação na Câmara e em | dois turnos no Senado. A vitória foi obtida de - | pois que o Governo conseguiu rachar o PMDB e | o PPB: 67 dos 98 deputados do PMDB e 44 dos | 87 do PPB votaram a favor – resultados que | representam derrotas do ex-governador Orestes | Quércia, do presidente peemedebista Paes de | Andrade e do ex-prefeito Paulo Maluf, contrários | à reeleição. A votação em primeiro turno se en - | cerra hoje com a apreciação dos destaques, que | **vão determinar** se **haverá** ou não desincompa - | tibilização do ocupante do cargo. O presidente | da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL – BA), | principal articulador da reeleição, comemorou a | vitória com ministros, governadores e líderes | governistas no gabinete de Fernando Henrique. | O presidente divulgou nota oficial afirmando | que se **lançará** com entusiasmo para completar | a votação das reformas econômicas e na luta pa- | ra superar as desigualdades sociais. Principal | derrotado, Maluf não quis fazer comentários. | Horas antes da votação, ele apostara na derrota | de FH: "Faço uma roleta russa com seis balas no | revólver se ela for aprovada." O presidente da | Argentina Carlos Menem telefonou para dar os | parabéns a FH. Páginas 3 a | 14, 25 e 26 e Panorama Político, página 2.

1. Código no VARPORT
E-B-94-Jn-027

2. Natureza do texto
Jornalístico

3. Fonte
O Globo

4. Periodicidade
Diário

5. Data e local
Domingo, 09.08.1998. Rio de Janeiro-RJ

6. Tipo de texto
Notícia

7. Seção e página

8. Autor

9. Instituição de registro e cota/código
Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 00054

10. Número de palavras
140

11. Observações

Urna eletrônica chega a interior do estado

Eleitores analfabetos demoram a votar e erram em simulação feita pelo TRE

Com a adoção da urna eletrônica em todo o Estado do Rio de Janeiro, eleitores como o ordenador Américo Luís Barcelos, de Sumidoro, pela primeira vez, **vão escolher** seus candidatos em outubro usando computador para votar. A exemplo de outros moradores do interior, Américo, analfabeto, demorou e errou em simulação feita pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE). A formatação das zonas eleitorais é uma tentativa de acabar com as fraudes eleitorais, mas ensinar a votar o eleitorado rural e de baixa escolaridade é o grande desafio do TRE. Páginas 10 e 11.

1. Código no VARPORT
E-B-94-Jn-030

2. Natureza do texto
Jornalístico

3. Fonte
O Globo

4. Periodicidade
Diário

5. Data e local
Sábado, 12.12.1998. Rio de Janeiro-RJ

6. Tipo de texto
Notícia

7. Seção e página

8. Autor

9. Instituição de registro e cota/código
Biblioteca Nacional/RJ. Cota: CPR – SPR 00054

10. Número de palavras
258

11. Observações

Lula encontra FH e diz que PT está disposto a dialogar

Reunião de uma hora e meia no Alvorada recebe críticas de Brizola e ACM

Após quatro anos sem se encontrarem, o presidente Fernando Henrique e o principal líder da oposição, Luiz Inácio Lula da Silva, conversaram por uma hora e meia na noite de quinta-feira, no Palácio da Alvorada. Segundo Lula, Fernando Henrique agradeceu o comportamento ético do PT nas eleições, referindo-se ao suposto dossiê com acusações ao Governo que o partido decidiu não divulgar. O presidente definiu o encontro como uma conversa entre pessoas que se respeitam. "Eu gosto do Lula, disse isso a ele e ele sabe que é verdade." Lula acha que pode ser o início de um diálogo com o presidente "Se o Governo estiver disposto a ouvir a oposição sobre o que ela pensa do Brasil, o PT e a oposição têm muito a dizer". O senador Antônio Carlos Magalhães minimizou a conversa: "Foi só o encontro de um metalúrgico com um professor." Para o presidente do PDT, Leonel Brizola, a reunião "enfraquece a oposição". Segundo a colunista Tereza Cruvinel, Lula foi recebido pelo presidente no Palácio com a seguinte frase: "É bom que você veja tudo, pois ainda pode vir a morar aqui." A próxima conversa já está marcada **se- rá** em janeiro. Páginas 3 a 9 e Panorama Político.

PB ORAL

1. DID CULTO	367
2. EF NURC	442
3. DID POPULAR	458

1. DID CULTO

Tema: "Meteorologia"

Inquérito 0267

Locutor 322

Sexo feminino, 62 anos de idade, pais não-cariocas

Profissão: Belas-Artes

Zona residencial: Sul

Data do registro: 02 de abril de 1975

Duração: 40 minutos

D

(inint.) curiosa, não sei se depois (riso) **será** oportuno lembrar.

L

Mas sobre o tempo, eu acho que a pessoa viveu, nasceu no seu país, sabe, está tão habituada ao tempo daquela área, daquela re... daquela região onde ela se criou, não é, que pode ser difícil adaptar-se ao tempo de um outro clima, de um outro país diferente. Eu sou apaixonada aqui pelo Brasil, aqui particularmente pelo Rio de Janeiro, justamente até quando eu voltava dos Estados Unidos eu pude realizar isso, eu sentia quando eu comecei a ver essas montanhas e a, a nossa paisagem, eu sentia que nem se fosse uma, uma sinfonia dentro de mim, né, uma coisa violenta vibrando de, de emoção, de entusiasmo, só pra, por ver o, o, o nosso, o nosso céu azul, o nosso sol forte e as nossas montanhas e a beleza do nosso mar. Mas em relação ao tempo, embora eu sempre fosse assim afeita aqui ao clima aqui do Rio de Janeiro, onde eu, a minha vida toda eu tenho estado passando especialmente, embora vez por outra eu tenha viajado inclusive, eh, no estrangeiro e também aqui no Brasil. Mas quando eu tive a oportunidade de passar uma temporada maior nos Estados Unidos, que eu fiquei localizada em Chicago, justamente um clima, um tempo inteiramente diverso do nosso, e fui para lá em ou... cheguei em, no início de outubro, cheguei na, na universidade de Chicago, justamente nessa época eu havia passado, chegado no fim de, de setembro a Washington e depois então Miami, Washington e, e cheguei logo em Chicago dentro da primeira semana. Aí eu me lembro bem, aqueles primeiros dias o tempo ainda estava se agüentando razoavelmente normal pra mim que era brasileira, não estava sentindo frio propriamente e só em novembro ... Eles diziam mesmo que lá era 'indian Summer' que era um, um, um verão longo, como eles dizem, que o ve... o inverno estava custando a chegar. Então foi só assim em cinco de novembro que, pela manhã, quando eu abri a janela do meu quarto ... Eu ficava localizada na universidade de Chicago numa torrezinha com cinco janelas, uma seguida da outra e era redondo, o quarto era redondo, então era uma janela seguida da outra assim. Então quando eu de manhã levantei e olhei pra fora o Midway Park é que ficava em frente do, do alojamento onde eu estava, eu vi tudo branco, a neve, né, tinha caído de madrugada e estava aquilo tudo branco, então eu fico até arrepiada só de me lembrar. As árvores por essa, por esse tempo já não tinham mais folha, j'a haviam perdido a folha então a gente via aquele desenho, aquele arabesco escuro dos galhos das árvores, assim não é, eh, feito uma renda negra sobre o contraste da, da neve, né? Que de cima, eu ficava no quinto andar, eu, eu via assim, ah, nessa circunstância. De maneira que me deu uma emoção, uma coisa, eu acho mesmo uma coisa quase que ancestral dentro de mim, foi uma coisa muito curiosa em relação ao tempo, que eu fiquei ... Eu me senti como se fosse chocada, apavorada, aquele dia eu não saí da universidade, não consegui sair da universidade. Parecia mesmo assim que uma, uma lembrança longínqua essa que está na, na gênese da gente que, que me apavorou. Então, embora eu tivesse até, ah, equipada, digamos, pra enfrentar um, um tempo, eh, um, um, um clima frio como era aquele que eu sabia pra onde iria, né, eu tinha um casaco de pele que evitaria qualquer problema desses. Mas eu fiquei, eu me senti assim tão assustada que eu não saí naquele dia (sup.)

D

(sup.) A senhora ...

L

(sup.) Só no dia seguinte que eu saí. Não saí, não saí, não atravesssei nem o 'campus' da universidade naquele dia. Foi engraçado, foi, foi um choque, um choque emocional, mas assim, sabe como é, violento que eu senti, me senti apavorada. Não fui brincar de neve nada daquilo.

D

Era isso que eu ia perguntar, porque é uma experiência nova, né (sup.)

L
(sup.) Foi (sup.)

D
(sup.) A senhora não, não ...

L
Mas, eu estou dizendo, foi que nem uma coisa ancestral dentro de mim gri... que estivesse assim gritando, está entendendo? A emoção. Porque pra mim além do frio eu tinha a parte visual, pode ser que para os outros essa parte visual não choque, está entendendo, não, não, não emocione. Mas pra mim que sou afeita às artes, né, às belas-artes eu, eu senti demais ver, ver que a natureza tinha toda se transformado, ela estava toda coberta de branco, não é? Então o, o, o, os prédios e, e as árvores, aquilo tudo então se con... contrastava assim muito violento, né, era um branco e um preto, um branco e um preto. De modo que foi muito curioso isso. Agora noutras oportunidades eu sou apaixonada justamente pelo verde, né (inint.) viajar em campos verdes, né, pelo meio do, ah, por uma estrada. De maneira que o tempo pra mim está sempre influenciando e aliás toda noite eu sempre presto atenção qual **será** o tempo do dia seguinte (riso), pra me precaver, né, e estar protegida de acordo. Mas (sup.)

D
(sup.) Nessa ocasião em Chicago, depois, a senhora não teve curiosidade de tocar na neve (sup./inint.)

L
(sup.) Ah, no dia seguinte sim.

D
A senhora poderia descrever essa experiência?

L
Inclusive eu fiz até depois um trabalhinho de escultura com floco de neve. Depois eu adorei ficar na neve, quando eu via ... Porque depois a gente aprende, ah, a gente percebe quando vem uma neve, ah, a gente já sente que o, o, o vento muda, não é, o vento não fica um, um, eh, ele já antecipa a, ah, aquele vento gelado, ele, antes da neve, ele, ele vem aquele vento gelado. De maneira que a gente já sabe, ah, **vai, vai nevar, vai nevar**, aí então eu ficava até contente, né, porque eu gostava, depois eu gostava de andar na neve. Mas aí eu estava sempre protegida em relação ao tempo. Aliás, logo que eu cheguei eu ouvi um conselho de uma pessoa, é, é curioso quando a pessoa está assim numa viagem assim ... Eu, eu fui em intercâmbio cultural, não é, **ia fazer** lá uma pesquisa sobre método de ensino de escultura nos Estados Unidos, ia fazer conferências e, enfim, ver todo o ambiente assim artístico e cultural lá dos Estados Unidos em relação à escultura, mas eu ... Então é curioso que, uhn, na, na casa internacional particularmente, que ficava perto até de Chicago, e vez por outra eu freqüentava lá, porque haviam duas ou três pessoas brasileiras, então eu gostava vez por outra de falar português e ia lá na casa internacional. Então, nessas conversas que se vão fazendo, alguém tinha me esclarecido: olha, você que vem de um clima quente, tenha sempre os pés quentes, nunca fique com os pés frios, pra evitar resfriados, doenças e tudo mais. Então eu passei dez meses nos Estados Unidos vendo todas as americanas ficarem resfriadas à minha volta, as minhas colegas lá que moravam no mesmo dormitório que eu e eu não peguei nenhum resfriado. Elas até se espantavam: como é, é engraçado, C., você vem de um clima quente e você não pega resfriado e nós que somos daqui estamos, volta e meia tem uma resfriada, uma doente e tal. E eu não pegava resfriado, mas era unicamente isso, eu estava sempre protegida com os pés agasalhados, não é? Punha aquelas palmilhas quando, mesmo quando não estava, quando não tinha neve, quando tinha neve eu saía só de bota, né, bota própria pra gelo, mas fora disso quando eu via que o tempo **ia mudar** assim eu botava uma palmilha no pé. De maneira que estava sempre protegida e o clima não me atingiu não. Mas eu acho um, eh, aqui dentro do Brasil eu já viajei por muitos estados, fazendo sempre conferências sobre artes plásticas e é difícil assim me, me, eh, recordar particulares desse ou daquele estado onde eu estive, porque eu passava poucos dias assim muito atarefada com as conferências que eu **ia fazer** e não dava assim pra me, prestar muito atenção ao tempo. Agora, me lembro bem quando eu fui, (riso) quando eu fui ao Pará fazer a conferência lá, até aconteceu uma coisa curiosa, eu não sei lá por que havia posto um casaquinho de malha no, na minha bagagem e por incrível que pareça, quando eu cheguei lá eu tive que usar o casaquinho de malha, porque fez frio e choveu, não é? Então, mas fez frio, de maneira que aquilo foi um sucesso lá, todo mundo se espantou que fizesse frio, era janeiro! Inteira... parece que foi uma coisa inteiramente fora de hora, né, chover lá. Mas em relação aos outros estados, que eu me lembre assim em relação ao tempo, aqui no Brasil, que, que me recorda é a luminosidade. Porque, como eu ia assim com um prazo muito curto, para chegar e já no dia seguinte estar fazendo conferência ou então às vezes mesmo ... Não, de noite não, sempre no dia seguinte que eu fazia conferência, às vezes já chegava um pouco mais tarde ou no meio do dia e no outro dia ia fazer a conferência, mas naquele dia que eu chegava, eu já tinha que tomar uma porção de providências. Eu tinha que ver o local onde ia ser feita a conferência, enfim, ah, tomar contato com uma porção de autoridades, de maneira que uma coisa que eu sentia e que eu atribuía unicamente ao tempo era em relação à luminosidade, o cansaço que eu, que me dava na vista e, e era um ... Cada, cada região dessas do Brasil a luz é diferente, não sei se é porque eu tenho olhos claros, eu, eles ficam muito sensíveis nessa circunstância. Então eu senti uma, uma diferença grande, especialmente na Bahia. Na Bahia eu senti, quando sai daqui e fui pra Salvador, já tinha estado lá outras oportunidades, né, mas quando

fui assim pra ficar uns três, quatro dias, eu senti muita diferença na, na parte da, justamente da luminosidade da capital, né, de, de Salvador em relação, eu estou comparando sempre aqui com a nossa aqui do Rio de Janeiro. Mas o tempo ...

D

Voltando a, a Chicago, a senhora disse que chegou lá em outubro, no dia cinco de novembro a senhora teve essa experiência da neve (sup.)

L

(sup.) Da neve, foi (sup.)

D

(sup.) Mas eu suponho que o inverno não chegue assim, de uma hora pra outra. A senhora não percebeu, não houve indícios assim de (sup.)

L

(sup.) Não eu não disse que (sup./inint.)

D

(sup.) Sintomas de que o inverno estava se aproximando? (sup.)

L

(sup.) Eu não podia perceber, eu nunca tinha passado o inverno num clima frio.

D

Mas quando, quando a senhora chegou lá que idéia a senhora teve do clima de Chicago?

L

Eu cheguei lá, como eu disse (sup.)

D

(sup.) A senhora chegou em outubro, não é? (sup.)

L

(sup.) No começo de outubro (sup.)

D

(sup.) Sim, como estava a cidade, a vegetação?

L

Bom, ainda tinha, tinha campos verdes, havia ainda ... As, as árvores já estavam perdendo muito as folhas, não é, isso sim, as árvores estavam perdendo muito as folhas, até eu me lembro, uma vez me levaram numa cidadezinha ali perto de Chicago (inint.) uma coisa assim, um nome desses, não me lembro exatamente qual seja. Mas então as folhas ali (inint.) eh, essa cidadezinha, esse local, não sei se é um bairro, uma zona, sei lá o que seja, eu estava na companhia de umas moças lá da universidade, num automóvel ... E então são uma porção de casas numa montanha e elas me levaram porque elas achavam justamente que naquela época do ano era uma beleza fazer um passeio naquela região. Então a, as folhas eram to... das árvores todas, eh, queimadas, né, elas estavam todas assim num tom marrom, vermelho. Agora o perfume que saía daquelas árvores ... Porque as casas ali naquele trecho não têm muro, o limite de uma ele sabe exatamente onde é, através de um arbustozinho ou outro, então as casas ficam todas assim, para nós que estamos assim acostumados a ver uma casa murada e tal, não é, isso era uma novidade, não, não havia. E aquelas casas muito bonitinhas, pequenininhas, assim no meio da, da floresta ali na montanha, não é? E agora, o perfume eu nunca me esqueci, uma coisa fantástica, chegou até a me, me dar dor de cabeça tão, tão intenso e tão forte era o perfume daquelas, daquelas árvores, né? Não sei que, que tipos de árvores seria exatamente, mas é uma dessas lembranças assim em relação ao campo que eu nunca esqueci. Parecia que eu estava vendo a folha de uma história quando eu era criança, que a gente fica vendo aquelas, aquelas histórias com aquelas gravuras fantásticas, extraordinárias, diferentes assim foi a id... a idéia que me ocorreu quando eu fiz aquele passeio. Muito bonito (inint./sup.)

D

(sup.) Durante o tempo que a senhora ficou em Chicago, a se... eh, foi só durante o inverno ou a senhora (sup.)

L

(sup.) Não, eu estive dez meses. Chicago era como eles diziam, a minha, o meu lar nos Estados Unidos, porque eu, eu estive nuns dezesseis estados diferentes.

D

Então a senhora teve experiências de climas diferentes, não é? (sup.)

L

(sup.) Diferentes mas ... Porque eu passei dez meses, eu fiquei quase praticamente um ano, não é, peguei um, uma faixa de tempo grande lá nos Estados Unidos e fui inclusive a Mineápolis, lá mais ao norte de Chicago ainda, não é, e, e foi muito bonito também, eu me recordo, poder andar, eu nunca tinha andado assim em cima de um rio inteiramente gelado, duro, vendo as pessoas pescarem feito que fossem um esquimau, né, fazendo aquele buraco, pescando assim, né, aquilo pra mim foi um sucesso fantástico, achei aquilo extraordinário. E me levaram também pra ver uma cascata, a cascata era uma renda, dura, gelada assim, não é, uma coisa linda! De maneira que são, em relação ao tempo são lembranças magníficas. Agora noutras oportunidades também a gente se lembra, às vezes, choveu aqui, né, fez um sol lindo acolá.

Agora, por exemplo, na Espanha, noutra ocasião, quando eu estive viajando na Europa, eu sempre me lembro também do tempo na Espanha, que o céu, às vezes até aqui, no Rio de Janeiro eu digo: hoje está fazendo o céu da Espanha, lá de Madri. É um azul assim, muito comumente, é um azul assim meio aguado. Naturalmente que tem aqueles dias de céu de azul muito intenso, mas pra mim, o que me ficou do céu da Espanha não é o, o nosso céu aqui, azul forte, pra mim o que me caracterizou mais o céu de lá é aquele, o céu assim de, de, de um azul meio aguado, né, uma beleza! Uma transparência de azul, uma coisa linda!

(sup.)

D

(sup.) Em que época do ano a senhora esteve na Espanha?

L

Na Espanha, eu estive em setembro, foi em (inint.) em cinquenta e nove.

D

Setembro na Espanha que estação é?

L

É, é antes do, é ante... eh, verão, primavera, verão. Olha, fim de primavera, não é? Não, ou verão, sei lá, é o, é o, justo o oposto ao nosso. Aqui o setembro é outono, outono, né, é, então lá é primave...

D

Não (sup.)

L

(sup.) Não?

D

Não, setembro pra nós é primavera.

L

Primavera.

D

E depois começa o verão, no Rio, né? É.

L

Então é outono lá.

D

Outono.

L

É, outono.

D

Outono. Pois é, eu queria, eh, saber se a senhora não ... Porque no Brasil nós não temos essas diferenças

(sup.)

L

(sup.) Não (sup.)

D

(sup.) Tão acentuadas, mas na Euro... na Europa existe, não é, uma diferença acentuada entre, entre as estações do ano (sup.)

L

(sup.) Agora, engraçado, por exemplo, lá, lá quando eu estava na universidade de Chicago, né, que eu, fica o Midway Park na frente da, da universidade, justamente. Então eu ficava vendo quando mudava, estava mudando a estação, saindo do inverno, primavera, né, passando pra primavera, então eu pensava assim, ah, está todo mundo feliz, só a minhoquinha que deve estar desesperada porque os passarinhos ficam mergulhando a cabeça na terra e apanhando minhoca (risos). Ah, coitada (inint.) é uma coisa fantástica, é lindo depois ver, então, aquelas florezinhas assim, apontando, né, no meio do verde, uma beleza! Mas uma coisa que eu também achei belíssima, quando eu, assim em relação ao tempo, a natureza, o interior da França quando eu estive lá justamente nessa (inint.) em cinquenta e nove, quando eu estive na Espanha, depois eu passei um mês na França e fui até a parte da Dordonha, para ver as cavernas da época pré-histórica, e então é uma, é uma coisa, é uma emoção, é uma, é uma lembrança a mais extraordinária que eu acho que um artista possa ter é, é ver justamente as artes plásticas como se iniciaram, como a gente tem ocasião de apreciar naquelas cavernas. Eu visitei lá as (inint.) de Altamira e uma infinidade de outras cavernas mais daquela área lá aquele ... São tantas naquele trecho lá da Dordonha, lá pro sul da França, que eles dizem que é a capital da pré-história. Mas a natureza, o tempo é belíssimo na (inint.) da Espanha, e lindo! Engraçado **será, serão** uma porção de circunstâncias (inint.) mas o povo também como se modifica, não é? O povo assim de interior, como ele é acessível. É aquele francês diferente do, do francês de Paris, não é, um francês muito gentil, muito humano. Naturalmente o parisiense tem a sua, ah, tem, tem que lutar pela sua sobrevivência do dia a dia, né, com um esforço extraordinário, de modo que ele tem que ter um caráter diverso daquele que é do interior, do campo. Mas o, eh, eh, ter oportunidade de apreciar também o, o tempo, o campo no interior, é um (inint.) magnífico, belíssimo.

D

A senhora teve alguma vez (sup.)

L

(sup.) Na Inglaterra também, né, dois meses eu estive na Inglaterra nessa ocasião, mas justamente eu desejava até ver o 'fog' na Inglaterra porque eu nunca vi. Mas eu acho que o, o clima, o tempo da Inglaterra caprichou tanto pra me esperar que não houve um dia de 'fog', alguns dias foram chuvosos, poucos. Eu fui na época do verão e eu cheguei em cinco de setembro lá na Inglaterra, mas ... Então eu fui à Espanha, eu fui antes, eu fui em a ... em julho e ago... eh, julho, é, entre julho e agosto que eu fui pra, em cinco de setembro é que eu cheguei na Inglaterra. Mas aí eu estava desejosa de ver o 'fog' que pra mim ia ser uma, uma emoção, uma novidade, a gente ouve falar e eu nunca tinha tido a oportunidade, como nunca tive. Mas durante dois meses que eu estive em Londres, Londres e nos arredores, né, viajei também, fui lá pro sul da Inglaterra estive em Cornwall, estive em Stratford on Avon, fui ver lá a casa do Shakespeare e enfim em uma porção de outras cidadezinhas lá do interior, estava também fazendo o trabalho assim de intercâmbio cultural lá (sup./inint.)

D

(sup.) Como é que a senhora ima... imaginava que fosse o 'fog'?

L

Bom, a gente sabe, é tudo, tudo fumarento, né, tudo embaçado, não dá pra ver, né, mas eu queria ver como é que ele, ele se apresenta. Agora, justamente no dia que eu saí de avião da Inglaterra e voltei pra França, onde eu fiquei mais quinze dias antes de voltar ao Brasil, aí os jornais todos noticiaram que deu um 'fog' tão terrível lá, que os aviões ficaram retidos, os outros aviões mais tarde do dia não saíram, foi um 'fog' tremendo! Então (riso) eu acho que o tempo na Grã-Bretanha caprichou muito, em Londres, pra não me dar assim uma demonstração violenta.

D

Nessa, nessas viagens que a senhora fez, alguma vez a senhora teve alguma experiência desagradável relacionada com clima, com o tempo que fazia? (sup.)

L

(sup.) Não. Bom, eu me lembro, não foi desagradável, mas (inint.) em relação ao tempo é uma coisa que eu nunca me esqueci. Uma vez quando eu estava nos Estados Unidos, na Filadélfia, eu tinha ido visitar um museu lá e não me dei conta que o tempo estava mudando, então quando eu saí do museu estava um temporal terrível, né, tinha caído uma chuva terrível e eu estava com meu casaco de pele, estava bem protegida, mas não estava, não estava de bota não. Então eu me lembro, eu, o único, a única, o ... Só o que podia me proteger era um jornal que eu comprei então num jornaleiro logo depois do museu. Eu vinha então com aquele jornal aberto assim sobre a cabeça, estava com meu casaco e tal e abri aquele jornal porque era um, era uma chuva gelada que batia, né, terrivelmente gelada. E eu não conseguia táxi, não conseguia nada, então eu tive que andar uma extensão enorme a pé, inclusive num momento lá fiquei até com câimbra no pé, ah, na sola do pé parecia que de repente ficava feito uma corda. Mas eu me lembro, nisso que eu estou andando num sentido, vem no outro sentido oposto então um rapaz, coitado, esse não tinha casaco, ele teria sido surpreendido pelo tempo lá no escritório onde ele trabalhava e ele não, ele só estava com, com a roupa dele comum mas não tinha assim um sobretudo nada que protegesse, nem guarda-chuva, nem tinha jornal, nem tinha nada, ele vinha com as duas mãos no bolso assim, eh, enfim, a gente sentia o gelo que ele havia de estar sentindo no corpo, né? Então quando nós dois passamos um num sentido, o outro no outro, (riso) eu dei metade do meu jornal pra ele, eu digo: bom, a gente sempre tem alguma coisa pra dar não é? Aí ele não, não agradeceu nem nada, né, foi só pegar aquilo e botou na cabeça dele assim, enfim, foi uma lembrança que sempre me ficou, que eu fiquei feliz o resto da vida de ter dado um pedaço do meu jornal pra ele, porque eu afinal de contas ainda estava frio sobretudo, não é, meu casaco, meu casaco de pele e ele, coitado, não tinha nada. Então eu passei metade do jornal pra ele (inint.)

D

Eu perguntei isso porque a senhora sabe que os Estados Unidos é um país que sofre de vez em quando, eh, fenômenos assim violentos (sup.)

L

(sup.) Não, mas eu não tive, não, não peguei nada assim desses fenômenos assim terríveis que vez por outra acontecem. Só, só me lembro assim de coisas ocasionais, por exemplo quando eu cheguei, quando eu cheguei a Nova York que eu fui pra casa internacional, né, peguei um táxi na estação, eu já fui, cheguei a Nova York já estava há quatro meses em, nos Estados Unidos, aí cheguei de trem, peguei um táxi e fui pra casa internacional que tinha alojamento guardado lá pra mim. Mas quando eu cheguei em Nova York lá, lá defronte da casa internacional deu um vento mas tão, uma rajada tão violenta, tão violenta que arrancou meu chapéuzinho que eu nem sei, nunca mais soube por onde ele foi parar. Todo mundo dizia que, que era Chicago que é o, o, enfim, o, o estado mais ventoso deles, né, mas pra mim a lembrança que me ficou foi de Nova York, né? Não posso (interrupção). Mas em relação a tempo assim, eh ...

D

A senhora sabe o nome de vento?

L

Não, não sei nome de vento, mas por exemplo quando eu fiz o mausoléu dos aviadores militares, o primeiro mausoléu, porque eu fiz os dois, né, eu fiz o primeiro e o segundo que estão no São João Batista, o

primeiro até foi uma, era uma concorrência internacional e eu fiquei muito contente de ter tirado o primeiro lugar, até por unanimidade, e isso aconteceu porque eu fiz toda a concepção, ah, tanto arquitetônica quanto escultórica fugindo de tudo que lembrasse desastre. Embora fosse a finalidade um mausoléu, mas eu propositadamente fiz todo o trabalho dentro de um aspecto de, eh, tanto na arquitetura quanto na escultura, assim que puxasse mais prum aspecto simbólico, mais para de... decorativo, não uma coisa que fosse causar algum choque emocional assim depressivo pra quem visse e os outros concorrentes todos haviam feito desastres, coisas tremendas assim representadas ou nos relevos ou, ou nas figuras em vulto. Então nesse trabalho um dos relevos representa justamente a vida do aviador e o outro relevo é quando o aviador já morreu mas então eu fiz ele de pé sendo levado pelo espaço, pelo gênio da aviação. Então para interpretar escultoricamente o tempo nesse trabalho em que o aviador é visto ... Ele já morreu está sendo levado para a glória, então o gênio da aviação o segura e vão os dois pelo espaço, de pé, mas então pra dar idéia que eles estão justamente no espaço, então eu fiz assim como um arco-íris, aqui um trecho assim em arco, né, em diversas, em diversas, eh, al... alturas do relevo. E no outro baixo-relevo que focaliza a vida do aviador eu fiz um, como se fosse uma esquadriha de, de aviões e representei então umas, umas nuvens. Aí nessa ocasião (riso) eu tive que aprender quais eram os nomes das nuvens e tal, andei lá às voltas com aqueles aviadores, eles me esclareceram quais são as, as, eh, esse tipo de nuvem, aquele tipo de nuvem (sup.)

D

(sup.) A senhora podia contar pra nós, né?

L

Ah, mas isso já faz muito tempo, agora (sup.)

D

(sup.) Não, conta. Mais ou menos, né?

L

Ah, cirros, nimbos.

D

É um negócio interessante! A senhora sabe a diferença entre umas e outras?

L

Eu sabia, agora quando eu quero saber eu vou exatamente em cima do livro pra recordar, né, mas naquela ocasi-ao eu fiquei sabendo tudo direitinho, mas agora, depois me esqueci. Eu acho uma beleza quando eu vejo assim as nuvens no céu, o que me encanta na nuvem não é o nome, é justamente a forma, não é, aquele volume, aquelas massas. Então eu procuro ver, a gente encontra figuras de, humanas, de animais, entes fantásticos, né, a gente vê na, nas nuvens. Aliás isso era uma, uma sugestão até do Leonardo da Vinci, não é, que a gente visse assim na, na umidade dos muros, nas nuvens, eh, o apelo da forma justamente, não é, a, a, a natureza, né, sugerindo a forma pro artista, de maneira que isso é ... Eu faço muito comumente isso. Mas (sup.)

D

(sup.) A senhora disse que se preocupa muito todos os dias em saber o tempo do dia seguinte.

L

É.

D

Então quando isso é transmitido, é noticiado existem sempre certas fórmulas, não é, pra, pra, pra previsão desse tempo, né?

L

Tempo bom sujeito a (riso/sup.)

D

(sup.) Exato (sup.)

L

(sup.) A chuvas e, e, enfim, essas previsões eu procuro guardar, me, me prevenindo de acordo. Mas outro dia, coisa de dois dias atrás até, saiu no jornal uma coisa muito engraçada. Não sei se vocês tiveram ocasião de ler. Então foi o, o, esse, eh, o, o, o artigo se referia a um fazendeiro americano que tinha percebido que uma das vacas que ele possuía no campo quando ia chover ela se deitava na sombra dela e quando o tempo ia ficar bom então ela saía passeando. E ele começou a testar em relação ao meteorológico como avisava que seria o tempo e a previsão feita pela vaquinha que ele possui, né, então a vaquinha em trinta, em trinta testes que ele fez a vaquinha estava ganhando por dezenove pontos (riso) e então essa, esse, essa pesquisa que ele estava fazendo, ah, chegou, ah, ao conhecimento de um jornal e o jornal então ... Já tinha uma porção de pessoas que ficavam fazendo apostas, quem é que iria ganhar, (riso) se seria o meteorológico, se seria a vaquinha, dava o nome do fazendeiro e tudo, né? De maneira que há dois dias atrás eu estava até me referindo a isso, lá, conversando na escola, a, a graça, enfim, a, a idéia desse fazendeiro, não é, se, de pesquisar um assunto dessa natureza. Mas no outro dia também saiu no jornal em relação aos animais, diferentes tipos de animais, como eles ficam ansiosos especialmente em relação a terremotos, não é, quando **vai haver** assim uma, uma mudança violenta dessas de, de estrutura da terra. Agora, eu me lembro, ainda, morando já nesta casa, uma vez nós tivemos um, uma, a, a terra se

deslocou do Sumaré e pegou uma área grande e eu justamente vinha andando nesse corredorzinho aqui, quando eu senti o chão balançar assim mais pra baixo. Minha irmã estava na sala de jantar e eu disse: ô G., parece que o chão me, me fugiu do pé! Eu não podia imaginar o que fosse, não é, e no dia seguinte então é que davam, os jornais todos davam a notícia, né, que tinha havido um grande deslocamento de área, né, uma corrida dessas de, de subsolo e um, um deslocamento grande que pegou até Espírito Santo, não é, Rio de Janeiro, Guanabara, e eu achei curioso como é que eu cheguei a perceber, justamente eu estava andando, talvez fosse essa a circunstância, não é, eu senti quando estava trocando o, o passo que o chão desceu um pouquinho.

D

Essa história que a senhora contou do americano e da vaquinha que pressentia o tempo, eh, em relação assim à, à lua, hum?

L

A lua?

D

É.

L

Não sei. Agora (sup.)

D

(sup.) A lua, eh, a lua e as pessoas existe uma série de, de (sup.)

L

(sup) Ah, isso também a gente ouve sempre falar, não é, e muita gente fica nervosa. Agora, em relação ao tempo, eu também me lembro, houve uma época em que eu tinha sinusite e era uma sinusite que me castigou uma temporada muito longa, muito grande. Eu pa... eu, certa ocasião eu fui, passei uns dias até, minha irmã morava na Volta Redonda, eu estive lá e especialmente lá mas aqui também, quando o tempo mudava, o céu podia estar lindo, o sol podia estar aquela maravilha eu dizia: **vai chover**. Eu sentia um, uma dorzinha tão terrível aqui assim no nariz em cada lado da, do nariz que era exato, no a... eu, eu acho que era a umidade do ar, não é, mas era, era a coisa mais exata que podia haver, melhor que o meteorológico. É, ah, essa, essa previsão que eu também podia, podia fazer nessa circunstância. Agora isso é comum também quando a gente é operada, não é, a gente sente (sup.)

D

(sup.) É? (sup./inint.)

L

(sup.) O corte. É, eu fiz, já morando nessa casa também, eu fiz uma operação de vesícula. A gente sente no corte, dói, logo depois, né, os, um ano, dois anos depois a gente pode prever (riso) o tempo através dessas sensibilidades.

D

E, e essas coisas em relação à lua, às fases da lua, existem uma série de, né, de, de tradições, de lendas, de superstições mesmo, em relação às pessoas, aos animais.

L

É, mas isso a gente ouve quando o cachorro está latindo pra lua, não é, que é alguma coisa de terrível que vai acontecer. Essa, isso eu só me lembro assim quando eu era pequenina, ficava apavorada assim quando via cachorro uivando, né? Mas fora disso eu sempre vivi na cidade, nunca, não dava muito (sup.)

D

(sup.) Não dá nem pra perceber a lua, né?

L

Não, não dá. Quando a gente, quando a gente percebe a lua, ela, ela está lá em cima já, né? Agora eu acho uma beleza, está aí, é das coisas mais lindas que eu acho em relação ao tempo ... Esse ano ainda não aconteceu, né, mas nuns outros anos atrás, eu, eu tive essa oportunidade. A escola de uns tempos pra cá tem feito o horário da minha disciplina iniciando às sete horas da manhã, então eu tenho que sair de casa muito cedo. Esse ano 'e porque ainda não chegamos em junho, julho, por aí, né, mas nessa época do ano, então quando saio, eu tenho um carro e quando saio e vou entrando na praia de Botafogo é maravilhoso ver o sol à direita e a lua à esquerda na mesma ocasião. Aquilo me compensa da madrugada que eu estou fazendo, eu digo: ah, meu Deus, vale a pena acordar às cinco horas da manhã pra estar passando por aqui às seis e meia da manhã só pra poder ver essa beleza que é aquele sol redondo, vermelho, feito uma bola no espaço, não é, e a lua branquinha acolá, né, um fazendo frente ao outro! A lua fica aqui pra esquerda e o sol fica ali pra direita, não é, uma coisa linda! Eu nunca, sabe que eu não imaginava isso! (sup.)

D

(sup.) Quando a senhora era criança, a senhora não pensava que a lua era habitada, não?

L

Não, eu nunca me preocupei muito com a lua não, só (inint.) diziam: ah, São Jorge, não é? Aquelas manchas da lua, aquela coisa, mas nunca me, me atingiu assim. Mas céu estrelado também é uma coisa belíssima, né, que a gente pode lembrar em relação ao tempo. Agora eu me lembro também uma vez

quando eu estava em Nápoles até, de madrugada assim eu estava num hotel lá defronte da baía de Nápoles e tal, de madrugada me deu assim vontade de chegar na janela, mas eu nunca me esqueci dessa emoção também que, que eu tive olhando pro céu. Havia estrelas que pareciam umas verdadeiras lâmpadas elétricas, enormes assim, não é? Ah, a, a luminosidade de, de alguns daqueles astros eram, era tão grande, tão grande que, rarefação, sei lá o quê ... Coisa linda! Nunca me esqueci, coisa fantástica! Aqui pode ser (inint./sup.)

D

(sup.) Aqui a gente custa a (sup./inint.)

L

(sup.) É, porque aqui, as casas onde eu tenho morado, eu quando estou no Rio de Janeiro nunca estou em hotel, estou sempre em casa, né, de modo que não me dá essa chance. Mas essa noite que eu estive lá foi belíssimo, que eu me lembro, quando eu olhei pro céu assim, de madrugada, seria quatro horas da manhã, quatro e meia, não é, uma coisa assim, uma coisa fantástica! São, são lembranças justamente que ficam que a pessoa não esquece nunca.

D

Está bom, dona C.

L

Está bom? (riso).

DIÁLOGOS ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID):

Tema: "Meteorologia"

Inquérito 0021

Locutor 0023 - Sexo feminino, 32 anos de idade, pais não-cariocas, publicitária. Zona residencial: Sul

Data do registro: 23 de novembro de 1971

Duração: 46 minutos

LOC. - Pode ser. Começa que a gente sai de casa se molhando. Depois as dificuldades que encontra pra se chegar nos lugares é assim irritante. Ho... eu, pelo menos hoje levei quase duas horas pra chegar no trabalho. Cheguei irritada, com um péssimo humor, né, e aí começou a complicar tudo. Quer dizer, então, a saída, o começo de um dia chuvoso, como hoje, não só assim já te deixa desanimada pelo aspecto dele, não é, como também te acarreta uma série de outras reações que, isso, vão se acumulando e chega o final do dia assim deu tudo errado (riso). Eu acho que realmente um, um dia como o de hoje, nublado, feio, molhado é o, aquele dia que a gente nunca quer, entende? Nunca, nunca espera acordar e olhar na janela. Pra mim pelo menos.

DOC. - O que é o contrário de um dia nublado?

LOC. - Um dia cheio de sol, de luz, alegre, que hoje inclusive o dia está triste, não é? Bom, depende também, há quem consiga, não sei se há quem consiga ver num dia como hoje, vamos dizer assim, um, sentir assim um, um, algum estímulo assim, no, no, que o tempo possa te fornecer, porque o tempo fornece, tem condições assim de fazer, mudar, vamos dizer, até o estado de espírito das pessoas. Um dia alegre, cheio de sol, bonito, você mais facilmente pode realizar coisas, como também se sentir melhor. Então acho que é decisivo assim, dep... Não sei se é pelo meu temperamento ou se essa influência assim as outras pessoas também ... Acredito que sim, porque hoje pelo menos eu vi que estava todo mundo, quer dizer, molhado, entende, sujo, quer dizer, enfim, até esteticamente é uma coisa assim desagradável, num dia chuvoso e feio como o de hoje. Então eu acho que o dia, o contrário de hoje que seria o dia cheio de luz, de sol, é bem mais agradável. (riso)

DOC. - Você falou em caráter nublado do dia chuvoso.

LOC. - Hum.

DOC. - Você podia falar sobre ...

LOC. - Cinza, né, nu... nu... nublado é sen... sensação assim de, da coisa ... O cinza, o cinza já, por si só, eh, o dia, quando não sei se, quando a gente olha pro céu num dia como hoje, ele está cinza. E o cinza é uma cor assim neutra, mas é uma cor triste. Então, não sei se é, é esse tipo de coisa que você queria que eu falasse, mas é a sensação assim que ...

DOC. - É. É uma descrição do céu.

LOC. - Do céu.

DOC. - Em diferentes oportunidades, por exemplo (sup.)

LOC. - (sup.) Hum (sup.)

DOC. - Num dia chuvoso e em outros dias, como se apresenta? (sup.)

LOC. - Ele é, ele é cinza. E o cinza pra mim é uma cor triste e austera, assim uma cor, eh, mui... meio indefinida assim, não, sabe, assim meia ... Quer dizer, não, não é uma cor que me agrada o cinza, se bem que, que eu acho que, não se tratando assim de, de tempo, se fosse uma questão de, de moda, de você se vestir, assim, vestuário, seria até assim, poderia até ser muito chique, muito alinhado, entende? Mas

tratando-se do tempo, você ver o tempo cinza é prenúncio assim, uhn, uhn, dum dia desa... chato, desagradável.

DOC. - Como é que se apresenta o céu, quando não está nublado?

LOC. - Bom, quando não está nublado, quando ele está realmente assim muito claro, muito límpido, a gente tem até a sensação assim que está vendo mais do céu. E o cinza é quase que uma barreira que te tapa a visão, vamos dizer, do céu, você não ... Barra a sua imaginação até. Você não vê, quer dizer, é como se fosse assim uma, uma camada, entende, intermedi... que te impedisse de ver o céu, entende? E já com o dia assim, vamos dizer, límpido, um dia azul, ah, claro, é transparente, você, entende, você vai muito mais longe, olhando pro céu. E vo... num, num dia assim, num dia como hoje nublado assim você pára, é uma barreira, você pára ali na, no, vamos dizer, na nuvem, na, nas con... na con... nas condições atmosféricas, aquela camada assim que realmente é intermediária e que te impede de, de ver o que está além.

DOC. - Mas pode haver nuvem num dia claro?

LOC. - Pode.

DOC. - Como é que elas são?

LOC. - As que eu vejo, as que eu me lembro no momento são brancas. São nuvens brancas que às vezes atrapalham o sol da gente na praia, mas, mas são bonitas porque inclusive elas formam assim, se você quiser se, se distrair, não tiver outra coisa que te prenda a atenção, você pode inclusive ficar olhando pras nuvens e elas te oferecem assim um espetáculo muito variado. Porque elas formam figuras, elas dançam, elas se juntam, elas, enfim, mudam e eu acho que a nuvem é assim um, um elemento assim essa nuvem que eu estou falando, que no dia azul, o céu azul, é uma nuvem agradável.

DOC. - Mas as nuvens são sempre brancas?

LOC. - Não. (riso) Lógico que não. Não, mas ...

DOC. - Você disse que elas são cinzentas num dia de chuva, né? Mas fora as brancas e cinzentas?

LOC. - Elas podem ser até quase pretas, vamos dizer, cinza-chumbo. Numa, eh, vamos dizer assim, na formação de uma tempestade, elas são assim terríveis, são carregadas, elas chegam a ser quase negras e, e metem até medo, apavoram, quer dizer, porque a gente sabe que depois dali provavelmente vem um temporal, vem um raio e mil coisas podem acontecer, entende? Então há realmente uma variedade assim imensa de, de, de nuvem, (riso) dependendo das condições, evidentemente, atmosférica.

DOC. - Você falou em temporal, né?

LOC. - Hum, hum.

DOC. - Tempestade também.

LOC. - É.

DOC. - Raio. Qual é a diferença entre isso e um simples dia chuvoso como o de hoje? Você tem alguma lembrança da sua infância que você pudesse descrever, nesses termos? (sup.)

LOC. - (sup.) Temporal? Raio? Tenho sim. Tenho porque eu tenho uma irmã que, mais velha que eu, que era dentuça. E, lá em casa, não sei como, eu me lembro assim muito por alto, mas ela fo... eu me lembro dela correr pra debaixo da mesa com medo do raio, não sei se foi mamãe ou alguma empregada, enfim, alguém disse a ela, que ela usava aparelho, que o aparelho atraía o raio. E então ela pra isolar, pra ela ficar isolada, protegida do raio, ela se metia debaixo da mesa. Isso realmente é uma lembrança que eu tenho assim de temporal. Outra também que eu tenho, em fazenda, não praticamente fazenda, mas era uma chácara que nós tínhamos, temporal muito forte, minha mãe queimar aquela palma santa, tem um nome, eu não, aquela que dão na igreja, aquela, é palma santa mesmo, pra, enfim, diminuir assim, pra passar o, o temporal. E, não sei se por coincidência, realmente pa... depois que queimava a palma de não sei, benta, o temporal parecia assim que, que tinha diminuído. De temporal que eu me lembro assim, da infância, são os fa... dois fa... fatos assim mais marcantes são esses. Agora, fora esse de temporal, eu correndo, pra me abrigar em algum lugar, caso eu não ... Temporal me ... Eu acho que todo mundo já foi surpreendido por um temporal no meio da rua. Então a primeira coisa que a pessoa faz é correr. E eu tenho uma certa superstição. Apesar de morar na cidade eu procuro não ficar debaixo das árvores. (riso) Eu procuro sempre assim correr pra debaixo de uma marquise, enfim, uma coisa que todo mundo faz, porque é instintivo, todo mundo corre. E é pra se proteger.

DOC. - Tem medo de temporal?

LOC. - Não. Medo não. Eu acho ... Medo, medo, medo propriamente não. Eu tenho é um, eh, eh, vamos dizer assim, é um, eh, necessidade assim de fugir do temporal porque não quero me molhar, não, não ... Realmente a, a chuva é mais forte e mais violenta, então se eu não estou dentro de casa ... Dentro de casa eu acho até bonito. Várias vezes eu fiquei olhando até pela janela o temporal, eu acho uma coisa bonita, acho uma, uma força, eu acho assim, uma coisa assim, né, chega até a impressionar pela, pela violência. Isso dentro de casa, agora eu na rua não acho graça nenhuma. Porque eu **vou ficar** molhada que nem um pinto, vou, **vou chegar** em casa encharcada e, enfim, **vai atrapalhar** em mil coisas. (riso) Mas dentro de casa não.

DOC. - Você falou em raio, há mais alguma coisa ligada a temporal?

LOC. - Ligada a temporal? Eh, trovoada, né? Primeiro... antes do raio ... Não. Espera aí, agora que ... É. Antes do raio, evidentemente, a trovoada, depois ... Não, o contrário. (riso) Primeiro o raio, depois a trovoada. É, porque quando a gente escuta o barulho é que o raio já caiu, não é isso? E eu me lembro que

em criança eu tinha medo da trovoada e não do raio, porque realmente eu não tinha essa noção de que, quando vinha a trovoada, o estrondo, aquela coisa toda, o raio já tinha caído, eu não tinha que ter medo coisíssima nenhuma. Mas tem assim tem o raio, depois, em seguida o barulho, que é a trovoada.

DOC. - O que que você acha do tempo no Rio?

LOC. - Tempo?

DOC. - No Rio de Janeiro.

LOC. - Eu, como aprendi a gostar de novo do Rio, porque eu andei um tempo que eu esqueci o que era o Rio, eu aprendi ... Hoje, apesar do calor que realmente é uma das coisas assim desagradabilíssimas no verão, a maior parte, que nós temos quatro, cinco meses, sei lá, calor infernal, eu acho que, que o tempo no Rio, seja ele qual for, é sempre melhor do que em qualquer outro lugar. Eu acho que, talvez porque eu tenha aprendido a gostar da cidade de novo, então realmente, eu, eh, por exemplo, eu acho, eu suporto muito mais um dia como hoje no Rio do que um dia como hoje em São Paulo.

DOC. - Por quê?

LOC. - Bem, talvez seja por isso, porque eu aprendi a, a gostar do Rio, eu acostumei com o Rio, eu acho que o Rio tem elementos sufici... Mesmo com chuva se você dá uma volta pela praia, a praia está bonita com chuva. É um outro cenário que você tem da praia, ela está deserta, o mar está, enfim, escuro, é um outro quadro que você tem da praia, mas te proporciona inclusive essa variedade de cenários que noutra, nas outras cidades a gente não tem e o Rio tem.

DOC. - Então a diferença estaria no cenário e não propriamente no tempo?

LOC. - Sim. Mas no tempo ... Ah, sim, a diferença (sup.)

DOC. - (sup.) O verão no Rio é o mesmo de São Paulo? Qual é a diferença?

LOC. - Não. Evidente que no Rio, eh, é muito mais agradável, porque você tem pra onde correr. Em São Paulo por maior conforto você tenha, você tem que, eh, mesmo que seja uma, tenha uma piscina dentro de casa, não é a mesma coisa do que você passar um dia e ficar ali numa praia. Então eu acho que isso é, eu acho que a praia é assim da maior importância na vida do carioca, da, da cidade e do, do, das pessoas que, que vivem nela. Eu acho que inclusive é uma válvula de escape, é uma coisa da maior importância. Eu acho. Pra mim pelo menos é.

DOC. - E, mas fora esse aspecto de cenário há, no verão mesmo, alguma diferença entre o Rio e São Paulo?

LOC. - Há. Porque no Rio há sempre, vamos dizer assim, uma vira... não sei se é bem, é viração. E em São Paulo, eh, na capital, foi onde eu vivi, é a cidade de concreto, maciça. Então ali, vamos dizer, o calor fica concentrado, as, as pessoas se sentem mais sufocadas, pelo menos era o que eu sentia quando estava lá. Faz muito calor. Ah, inclusive a gente tem sensação que sente mais calor do que no Rio. Porque realmente é ... Ele fica, vamos dizer, concentrado mesmo, eh, né, no asfalto, no, no, no, no cimento, enfim é um, não tem, você não tem como, eh, aliviar. Se bem que, que o termômetro marque temperatura menor em São Paulo e muito maior no Rio. No Rio é quarenta graus. São Paulo você sente, o termômetro está marcando, vamos dizer, trinta e dois graus, você está morrendo. Está no ma... está morrendo mais lá do que aqui com quarenta. É a sensação que eu sempre senti. O verão em São Paulo é detestável. E no Rio não, no Rio é agradável, apesar dos quarenta graus.

DOC. - Mas há um outro aspecto em que, quanto ao tempo, São Paulo é, é bem mais diferente do Rio. O que é?

LOC. - Bem mais diferente? Bem mais frio (sup.)

DOC. - (sup.) Sim (sup.)

LOC. - (sup.) Ele é bem mais frio. E há, vamos dizer assim, talvez, se bem que a gente não tem assim estações bem marcadas, mas em São Paulo o maior tempo é de frio mesmo, né? O verão lá, o calor, são poucos meses. Aqui não, já é ao contrário. Já é o inverso. Aqui a gente tem sempre mais calor do que frio. São duas cidades realmente em condições assim de tempo, a gente pode até dizer que são opostas. Porque realmente não ... Vamos dizer, uma é praticamente o ano todo fria e a outra o ano todo quente. Porque o, o que se tem de, de inverno no Rio é piada, né? A gente faz aquela força pra, pra sentir frio, não é? Em São Paulo não, em São Paulo a gente bate o queixo mesmo.

DOC. - Há alguma relação entre frio e chuva?

LOC. - Há. Há relação porque geralmente quando chove esfria. Se bem que uma coisa não tenha nada a ver com outra, pode chover num dia de, quentíssimo. E aquele e aquela chuva até aumentar o calor porque aí depois há, vamos dizer assim, a evaporação, não é, e, e aí fica abafadíssimo. A chuva não adiantou de nada, seca na hora e, e aumentou o calor porque aí há evaporação e, e, fica mais quente ainda. Mas quando a gente fala em chuva, eu acho que é quase que sintomático assim a gente sempre pensa em frio, porque ... Se bem que nesse exemplo que eu dei e... exista mais o fri... a chuva é sempre, vamos dizer, a água, vamos dizer assim, sempre esfria alguma coisa e no caso ...

DOC. - Por que será?

LOC. - Por que será?

DOC. - Hum. Que elemento há na água que relaciona a água com o frio?

LOC. - Bom, a água, quando ela não é esquentada, ela é fria, não é? Naturalmente ela é fria. Se não se usa o, os inventos, fo... o fogo, e ... Não, inventos não, mas, vamos dizer, se não se utiliza o fogo ou então

de, inventos, gás e outras co... entende, eh, pra esquentar água, ah, ela, ela normalmente é fria, então daí a ligação talvez de que a ...

DOC. - É um fato de temperatura só?

LOC. - Temperatura? Eh, da água ser fria?

DOC. - Hum. A relação (inint.) com o frio é só da temperatura normal da água.

LOC. - Bom, eu não conheço água quente, sem, sem ser esquentada por outros, vamos dizer, outros, por outras maneiras. Pode ser que exista alguma fonte quente, eu não conheço. Talvez, vamos dizer, ah, ah, ela quando vem da chuva, é que houve uma, uma mudança atmosférica, então, precipitou, né? Ela se transforma em água e ela cai fria. Quando ela vem do rio normalmente é fria também. Tanto leite de pedra como de barro, eu nun... nunca vi água (riso) de rio quente. E mar. Mar também, eu sempre vi a água do mar fria, quer dizer, há ocasiões que elas estão... ela, que ela está mais quente, mas aí é devido ao contraste. Por exemplo, num dia menos quente, se você entra na água, a água está mais quente. Agora num dia muito quente, num verão muito forte, a água está gelada, mas aí evidentemente porque o seu corpo está na, está quente e, e há o, o choque. Então a água, não sei talvez por correntezas, aí depende de uma série de coisas, ela está mais fria. Mas também há esse, há essa possibilidade, eu não sei se é isso, mas estou falando apenas por falar. (riso)

DOC. - É, é isso também. Eu formulei mal a questão (sup.)

LOC. - (sup.) Eu não sei, ah, o que que ... Não ... Talvez eu não tenha pegado bem o que que você me perguntou.

DOC. - É, mas depois você **vai chegar** aonde que eu quero.

LOC. - Ham, ham.

DOC. - Eu queria te perguntar a respeito da chuva em São Paulo.

LOC. - Peguei temporais horríveis. Quando eu morei lá, eu ... No verão sempre chove muito. E nessa época eu trabalhava e era um inferno porque aí não tem condução, não tem nada, desaparece tudo, alaga. Então a chuva em São Paulo é horrível. Como eu detesto chuva, então eu acho a chuva, tanto em São Paulo como no Rio, horrível. Por exemplo, hoje está, está, não é um temporal, não houve temporal, é uma chuvinha chata, miúda, impertinente, não adianta usar guarda-chuva porque ela vem de todos os lados, quer dizer, te molha mesmo e, e eu detesto.

DOC. - Essa chuva impertinente existe também em São Paulo?

LOC. - Existe em forma de garoa, né? Sempre.

DOC. - Como é que é a garoa?

LOC. - A garoa, a garoa é aquela ... Não é chuva, é aquela, eh, a garoa não chega a ser chuva porque ela não forma pingos, ela é quase assim como se fosse uma ... Garoa, deixa eu ver bem a garoa ... Como se fosse ... É, não ... É, é uma chuvinha muito miúda, muito miúda, que, que também é fria, que é, que te molha mesmo todo e não adianta. Agora a garoa já foi cantada em prosa e verso, há quem ache graça na garoa, não é? E que tenha tirado da garoa o máximo. Coisas lindas já se falou. Os, os ... E inclusive os paulistas, daque... até vendem a garoa. Eles, é, é assim, vamos dizer, é um motivo de promoção pra São Paulo, a terra da garoa, pra eles. (riso) Agora, pro carioca não, o carioca acha graça, assim como uma curiosidade como ... Nunca viu a neve, um dia vai e vê a neve e, e, e, e acha formidável, mas não, não, a, a neve não é o seu, o elemento, como não é, a garoa não é o elemento do carioca. Então ele não, ele pode, pode achar curioso se ele nunca viu, se ele vê a garoa pela primeira vez, ele acha curioso: puxa, garoa é isso e tal e coisa. Mas fica por aí. Já o paulista não, o paulista ele deve até gostar da garoa, ele ... Há literatura sobre a garoa, há, há mil coisas, eles, e o paulista, e o paulista inclusive ... São Paulo é conhecido como a terra da garoa, né? Então já serviu até como promoção da cidade.

DOC. - Agora, além de chuva, sob diversas formas, de garoa, etc. há outras formas de água que cai do céu que a gente (inint.)

LOC. - Água?

DOC. - Sim. Alguma coisa que contém água que cai do céu.

LOC. - Neve, né?

DOC. - Neve é uma.

LOC. - Neve. O que é mais? Neve, que infelizmente nunca vi.

DOC. - O que que a neve evoca pra você?

LOC. - Pra quem não conhece, no meu caso, é assim meio infantil, meio pueril, mas é o tal negócio, é ... Evoca assim época de natal, né, porque eu sempre, os cartões de natal, papai Noel aquela coisa toda, quer dizer, a imagem que ficou desde criança pra mim de neve. Fora isso evidentemente depois com o tempo, a von... a vontade de poder esquiar, de poder pe... fazer bola de neve, de poder fazer boneco de neve, enfim, coisas que a gente vê que outras pessoas já fizeram e tem vontade de fazer um dia, que eu não fiz ainda mas (riso) espero fazer. E sentir a sensação da neve, por exemplo, sentir como é a neve, que eu realmente não sei, como dizer, fi... fisicamente a neve, como ela é. Eu desconheço, porque eu nunca tive oportunidade de, de pegar na neve, saber como ela é. A não ser por filme, cartão postal e só. E o relato de pessoas que, que contam as coisas que já fizeram na neve. Então realmente juntando isso tudo, a gente vai criando uma imagem da neve, não é, que eu não sei se é a verdadeira, que não deve ser, talvez esteja perto de ser a verdadeira, mas eu realmente não, eu desconheço, eu não, não senti ainda a neve.

DOC. - Você já esteve no interior.

LOC. - Já.

DOC. - E quando a gente acorda de manhã no interior e olha a relva, às vezes a gente (sup.)

LOC. - (sup.) Orvalho? Orvalho?

DOC. - O que que é o orvalho?

LOC. - O orvalho é, o orvalho é, vamos dizer, a noite é fria.

DOC. - Sim.

LOC. - E o dia, com a che... vamos dizer, com, com a chegada, vamos dizer, do dia, evidentemente chega o, o sol. Então, deve ser ... Eu inclusive, esses conhecimentos todos assim, entende, vamos dizer, assim de, eu não tenho, mas é va... é o que eu calculo que seja. A noite sendo fria e com a chegada do dia, vindo o calor, normalmente vem o sol, vem a luz e a luz é calor, há uma diferença atmosférica. Então evidentemente, eh, amanhece, vamos dizer, molhado, a grama ou o campo e, e, por causa dessa, dessa, mudança de temperatura, da noite pro dia. Acredito que seja isso, não sei.

DOC. - Você falou na chuva, nos inconvenientes dela. Como é que as pessoas se, se protegem contra a chuva, assim em geral? (sup.)

LOC. - (sup.) Bom (sup.)

DOC. - (sup.) Como se vestem pra enfrentar a chuva? (sup./inint.)

LOC. - (sup.) Normalmente usam guarda-chuva, capa, há quem ponha lenço. O sapato a gente sempre escolhe o pior, porque sabe que **vai estragar** mesmo, então a gente pega o pior sapato, aquele assim mais surrado, que é pra molhar mesmo, e geralmente, eh, é muito difícil (riso) num dia de chuva, a não ser quem seja realmente muito elegante, estar bem vestida num dia de chuva. Porque a gente procura sempre pôr assim, vamos dizer, o mais velho, o mais surrado, pra enfrentar a chuva, porque sabe que vai estragar mesmo, porque chuva estraga, molha, então é o, o comum, não é? A maioria das pessoas fazem isso. Eu pelo menos faço. (riso)

DOC. - E pra se proteger do frio?

LOC. - Bom, proteger do frio, primeiro você procura um agasalho.

DOC. - Tipos.

LOC. - Ah, uma infinidade de agasalhos, não é, uhn, casaco, paletó, um suéter, enfim, sei lá, um suéter, sei lá, calça comprida, meias, enfim, luvas e, e gorro, no caso, (riso) touca, (riso) uma porção de coisas. Acende-se lareira se se tem lareira e há os que tomam sua cachaça, né, que, que é o, o cobertor de muita gente, né? É a cachaça, a pingazinha, que aquece mesmo. E quem pode toma seu uísque ou toma outras coisas também pra se aquecer. Hum?

DOC. - Agora para se aquecer só há essas formas que nós conhecemos no Brasil? Por exemplo, lareira (sup./inint.)

LOC. - É, lareira, lareira no, no Rio eu não conheço nenhuma, não conheço casa nenhuma que tenha, a não ser assim uma lareira decorativa mesmo, porque não tem função. Já em São Paulo não, São Paulo, muitas casas usam inclusive a lareira. E outros estados, outras cidades mais frias do que São Paulo fazem uso da lareira. Aquecedor. O que é mais? Há quem ponha dentro de casa animais pra, pra, pra se proteger do frio, por, vamos dizer assim, em fazenda, gente mais pobre, sem recurso, evidentemente o frio quando é rigoroso, entra vaca, entra carneiro, entra cabrito, fica todo mundo junto, evidentemente, porque inclusive ali ... (riso) Há o jornal pra forrar a cama de muitos, vamos dizer, a maior parte do, do brasileiro forra a cama com jornal ou papel, se não, se não tem jornal, papel, dorme todo mundo junto, quer dizer, eh, depende, entende? Vamos dizer, dentro das suas condições sociais, dos seus recursos, o que você tem no momento pra utilizar, pra fazer uso daquilo, depende, isso aí ... Mas há mil maneiras, há mil maneiras que são utilizadas pra se aquecer, se aquecer, não é?

DOC. - Você falou em tempestade, temporais, eh, no Brasil. Agora há associadas a esses elementos atmosféricos outras coisas em outros países, que não existe no Brasil, ham?

LOC. - Há terremotos, não é? Vam... ah, não. Atmosféricos que você está falando, está falando, é ... Atmosférica, que eu conheça, que não há no Brasil?

DOC. - Hum.

LOC. - Bom, já falei da neve, né?

DOC. - É.

LOC. - Fora isso, que mais? Atmosférica ... Ah, não, não é atmosférica. Eh ...

DOC. - O que que há na atmosfera, o que que caracteriza a atmosfera que nos cerca?

LOC. - O ar, né?

DOC. - Ham.

LOC. - Ar.

DOC. - Ham.

LOC. - A poluição pode entrar? Não é, mas não é característica atmosférica aí. Porque na Inglaterra tem o 'fog', mas é, entende? Vamos dizer ... Mas aí não é cara... não é atmosférica. Aí ...

DOC. - O 'fog'?

LOC. - É atmosférica?

DOC. - É.

LOC. - É? Não é em função, vamos dizer, da, da ...

DOC. - Como que nós chamaríamos o `fog' em português?

LOC. - Garoa mais violenta, mais forte? Eu não conheço. Não sei. Nunca vi também, mas a impressão que eu tenho é que talvez fosse uma ... Mas aí é, é, é um outro elemento, não é? Não é, por exemplo, a garoa. É, eu acho que, talvez, por eu não ... É assim como se fosse ... É mais sufocante, não é? Assim mais, mais intenso, assim mais ...

DOC. - Mais denso.

LOC. - Denso.

DOC. - Então é o quê?

LOC. - Mas é? Aí, então, essa minha ignorância é total. É, é, é atmosférico?

DOC. - É. É um fato, um fenômeno ligado ao ar, não é?

LOC. - Ah, mas então aqui nós temos também (sup.)

DOC. - (sup.) E o que que nós temos aqui? (sup.)

LOC. - Na, na, nas ci... na ci... nas, na, na ci... nas cidades industriais nós temos, vamos dizer, eh, fuligem e mil coisas, entende? De... mas aí são decorrências, mas entram, elas passam a, a, a fazer parte do ar da cidade, entende? Mas aí, eh, pra mim não é uma (sup.)

DOC. - (sup.) Mas o `fog', ô L. (sup./inint.)

LOC. - (sup.) Eu não estou talvez enfocando assim o, a atmosfera co... como você está falando (sup.)

DOC. - (sup.) É. Estaria associado por exemplo à, à chuva ou ao calor? (sup.)

LOC. - O quê?

DOC. - Ao, ao (sup.)

LOC. - (sup.) O `fog'? (sup.)

DOC. - (sup.) O fenômeno que você está encarando ele está mais ligado à chuva ou mais ligado a um, um dia de verão?

LOC. - Aí eu, eu não sei porque eu não conheço. Eu não, não (sup.)

DOC. - (sup.) Mas nós teríamos alguma coisa semelhante?

LOC. - Mormaço? (sup.)

DOC. - (sup.) Você tem dificuldade de ver (sup.)

LOC. - (sup.) Não? De ver?

DOC. - É, à distância, em virtude (inint.)

LOC. - Eh, nubla... Não, nublado não é.

DOC. - Você falou aí em outras condições (sup.)

LOC. - (sup./inint.) sim, mas o `fog' é, é, é baixo, né? Ele se circula, né? É, o `fog' é um, é um, vamos dizer, é, é, é como se fosse assim, como você falou, mais denso que uma garoa, mas então ela, ela, é baixa, não é como uma nuvem, não é? Nublada, aí é diferente. Agora o que ... Eu acho que o, o mor... o mo... o mormaço, o mormaço ... Que impede de ver, o que você quer é assim, é alguma coisa que exista que impeça de ver além? No Rio?

DOC. - Há. No Rio há também. Muito tipicamente daqui há alguma coisa que impede os aviões de sair, às vezes.

LOC. - Quando não tem teto, eh, porque a atmosfera está carregada, está, está pesada, eh ...

DOC. - Às vezes é isso.

LOC. - Está densa? Não, eu não, eu não, não sei. Eu não, eu não, eu não ... (riso)

DOC. - Bom, vamos ver, você falou de outros tipos de nuvem que você conhece.

LOC. - Ham.

DOC. - E falou das suas preferências pelas nuvens brancas, disse que as nuvens podiam ser negras, que precediam temporais, etc. Eh, você conhece nuvens particularmente associadas ao verão e a uma determinada hora do dia, com uma cor particular.

LOC. - Ao verão e a uma determinada hora do dia?

DOC. - Hum.

LOC. - Bem cedo, vamos dizer assim, madrugada, a madru... a madrugada, ela ... Quer dizer, ela te dá uma idéia do que vai ser o dia, vamos dizer, ela pode ser, eh, a gente pode pela madrugada saber se o dia vai ser límpido ou se vai ser um dia chuvoso. No verão, a madrugada ainda é assim coberta, ela não, ela não, não, ela ainda não, não tem, vamos dizer assim, que o céu ainda não está azul, branco, com, quer dizer, assim, sem nuvem nenhuma, entende? E no verão, o tem... os dias normalmente amanhecem sem uma nuvem, que começam a aparecer, vamos dizer assim, por volta de meio-dia, uma hora. Isso é o que tenho assim, tenho percebido. Nunca parei muito pra pensar nisso nem prestar muita atenção, vamos dizer assim, nessa transformação do dia e da, das nuvens e tal, mas, pelo pouco que eu já tive ocasião assim de olhar e ver, me pareceu ser isso, entende, assim, por volta de meio-dia, uma hora, começam a surgir as, as nuvens. Isso no verão.

DOC. - Está certo. Você me falou que a água quan... quando muito a... aquecida, eva... evapora. E o contrário? Quando há muito frio, o que é que acontece com a água?

LOC. - Ela fica, ela condensa. Ela inclusive se gela, ela se ... Não é? Ela chega até a gelar. Dependendo da, da, do frio, ela gela, né?

DOC. - Que usos é que a gente faz da água assim gelada ou do resultado dela, do congelamento da água?

LOC. - Que uso a gente faz? Mas uso, eh, ahn ... Que, que tipo de uso assim? Eh, uso, vamos dizer, de, que seja de alguma atividade pra gente?

DOC. - Sim.

LOC. - A água gelada?

Tema: "Meteorologia"

Inquérito 0135

Locutor 153

Sexo masculino, 37 anos de idade, pais cariocas

Profissão: arquiteto

Zona residencial: Sul

Data do registro: 20 de março de 1973

Duração: 51 minutos

D

(inint.) exatamente doze horas, quer dizer, daqui a quarenta minutos, nós paramos (sup.)

L

(sup.) Estou, estou inteiramente (sup./inint.)

D

(sup./inint.) que é que você está achando do tempo no Rio nesse, nesse começo de verão (inint.)

L

Há necessidade fundamental de conversar sobre o tempo?

D

Infelizmente, nós temos, eh ... Agora, a partir daí, se você quiser falar sobre outras coisas, você está completamente livre, que nós **vamos conversar** da seguinte maneira, quer dizer, o que importa é o que você **vai dizer** e não o que eu **vou te perguntar**, porque a minha fala é suspeita.

L

Perfeito.

D

Bom, então, quer dizer, nós temos vinte áreas semânticas e vinte assuntos, né, e que distribuimos pelas faixas de idade dos nossos, eh, entrevistados, né, de modo que, pra você, infelizmente, eu tive que escolher entre três, que eram péssimas e a melhor que eu achei foi essa ... Eu digo não (inint.) e não é tão boa, de modo que a gente ... Agora, evidentemente, isso ... Tudo que você disser é importante pra nós, quer dizer, se o tempo for um pretexto pra você, né, eh, falar sobre outras coisas também, essas outras coisas também são importantes. Agora, eu, evidentemente, **vou amarrar** o que eu puder em torno do tempo, né, quer dizer, você vai falando sobre o tempo, né, suas experiências com ele, como é que você se sente, né, tal, em determinadas estações mais do que em outras, tarará, e você fica completamente livre. Agora, se você parar, por ... Acabou a inspiração, aí eu posso lhe fazer uma perguntinha para engrenar outra vez, entendeu, mas se você falasse quarenta minutos sem nenhuma interferência nossa, perfeito, tanto melhor.

L

Ótimo.

D

Quer dizer, você está completamente livre para a partir daí (inint.)

L

O problema em torno do tempo é o seguinte, eh, o tempo enquanto meteorologia ... Preciso falar mais alto? O tempo, enquanto meteorologia, pro tipo de vida que eu desenvolvo, eh, normalmente não dá muito pra perceber o tempo. Uma coisa errada, né, mas a gente acorda, cai no, no trabalho, no dia-a-dia e aí se esquece do tempo, quer dizer, o tempo aparece no sábado ou domingo, quando tem praia ou não tem praia e, se a gente está muito cansado, dorme e, depois, tem o aspecto do tempo artificial. Um dia a gente trabalha, não é todo mundo, é uma minoria, mas a gente trabalha com ar-condicionado, com ... Então, eu estou aqui dentro dessa sala, se está chovendo ou se está, ou se está sol, eu, pra mim, eh, pouco interfere, evidentemente eu estou exagerando, mas pouco interfere porque só se fica um pouquinho mais claro ou menos claro na cortina. Isso talvez seja uma contradição com, com o arquiteto, com uma coisa dessa natureza, mas realmente eu acordo, pego o carro, entro embaixo na garagem, subo, aí, a partir daquilo meu

tempo, o ano inteiro é esse aqui, a não ser quando eu saio pra viajar, então, a gente, às vezes ... Mas mesmo assim, a gente corre para o aeroporto, pega o avião, o avião também está climatizado, né, (riso) a gente salta, tem um outro carro esperando, no fundo é uma loucura, você está sempre (inint.) num tempo artificial, isso é que eu vejo. E chega sábado e domingo, numa determinada fase, eu dormia que nem um louco e hoje às vezes a gente sai, pega as crianças, vai ao clube e, enfim, aí tem o sol, mas assim o próprio tempo, num sentido geral, não, não me afeta muito, aí é um problema de comportamento individual, né, se está sol, está bom, eu não me preocupo muito com isso, não. Se está, está chuva, está ótimo, está frio, eh, é raro ... Eu tenho uma capacidade de adaptação muito grande, então eu sempre arranjo um jeito de tirar o melhor partido da, da situação. Se a situação for ótima, formidável, vamos tirar, aí não precisa fazer força pra tirar, pra encontrar o jeito, ela é ótima, né, então a gente só usufrui.

D

(inint.) você chama uma situação ótima, assim?

L

Heim? Por exemplo, o rapaz, agora, que ganhou, lá na Bahia, a loteria esportiva, os treze bilhões, ele deve estar numa situação ótima, né, e, embora eu não jogue na loteria, mas, enfim, deve estar tudo bem pra ele e daí é só ele pensar que vai pra frente, mas, né, obviamente não é uma ... Eu estou exagerando, estou brincando. Uma situação ótima é um, um nível mínimo de problemas (inint./sup.)

D

(sup.) Em relação ao tempo?

L

Em relação ao tempo não, mas o tempo pra mim não ... Como eu disse, ele não, não conta muito, quer dizer, se está frio, a gente tem uma suéter, põe, ou põe um casaco, etc. se está quente, eh, eh, tira a suéter, tira o casaco. O que muita gente se preocupa de ter que usar terno, etc. essa barreira eu já, eu já venci, a gravata, o paletó, é um, isso é uma outra luta especial, que eu, que eu fiz e consegui pelo menos dentro do trabalho vencer. Hoje é raro eu ter que botar uma gravata, precisa ser assim o presidente da república, não há essa hipótese, não. O presidente da república **vai falar** contigo, então tem que botar uma gravata, porque senão bagunça. Mas normalmente eu não uso. Então (inint.) então a camisa, a gente, se está calor, está bom, se está frio, está, também está bom, eu não tenho nenhuma ... Pra mim tanto faz verão como inverno. Eu sinto vibração assim por eu achar um tempo mais, mais interessante, mais agradável assim. Eu gosto muito de, de fim de, de ano assim, em termo de dezembro, quando começa a chegar o calor, a praia, mas aí não é bem o, o tempo, quer dizer, o tempo físico, assim material, que está calor ou que está frio, seria mais assim a própria população, o comportamento. Talvez isso seja uma deformação profissional de minha parte, quer dizer, eu trabalhando em urbanismo e vivendo com cidade, então eu vibro muito em, em luz e casa e gente mexendo e chega aquela véspera de natal, assim, pô, lance de 'frisson', sei lá, eu gos... aquela confusão que existe, eu gosto muito de ver. É gente na praia, então, não só de praia, compra, aquela confusão na rua, gente de calção, de maiô, faz compra, pega e paga e supermercado, enfim, e natal, aquele corre-corre, eu acho aquilo muito (inint.) a cidade se arrumando, etc. Então, mas aí já é um tempo com uma outra característica, não é tempo meteorológico. É claro que ele está por trás ajudando no verão, mas eu acredito que essa mesma coisa ocorra num país de clima frio e que véspera de natal ou alguma comemoração dessa natureza e que todo mundo se mexe também, quer dizer, eu gosto muito é de ver um outro tipo de tempo, quer dizer, talvez o tempo social ou o tempo da comunidade (inint.) as estações, quer dizer, época de carnaval, é um outro tipo de comportamento. Tem um tempo material enfim pra mim, um tempo meteorológico, se é verão, se é inverno, se é primavera, pelo menos aqui, a gente praticamente ... Eu não sinto isso, né? Eu vi agora um pouquinho, eh, nessa viagem, deu pra ver, eu fui nas três vezes, eu fui em vezes diferentes, então dá pra sentir a dife... claramente, a diferença de estação. Aqui não, né? Lá caem as folhas e depois a árvore aparece, as flores aparecem, tem frio, não tem frio, quer dizer, lá quando é frio, é frio mesmo. O verão da... o inverno daqui é uma brincadeira, você põe um casaco, um negócio assim, acabou, não tem, não chega a ter um frio assim, a não ser no Rio Grande do Sul, que aí esfria mesmo e ... Mas só lá pra baixo, verão, verão é, é sempre, né? E agora então o tal de clima está maluco, faz, faz frio no verão, faz calor (riso) no, no inverno. Então, e, e o problema de clima mesmo, nesse sentido, quer dizer, pouco me toca, então é muito difícil a gente desenvolver, a não ser se a gente partisse pra teoria, se fosse ficar chutando, eh, coisas que leu ou que ouviu falar, que aí não, não vem ao caso.

D

Agora, dentro dessa vivência assim profissional sua e desse interesse seu pela coisa social, eh, no plano do planejamento urbano, etc. o Rio tem sido, assim, atingido por uma série de, eh, fenômenos meteorológicos importantes. Você tem alguma vivência disso (inint./sup.)

L

(sup.) As chuvas do Negrão, aquelas famosas? Eu tenho impressão que isso, o fe... com esse fe... esse fenômeno que eu me lembro, que vem logo à cabeça são mais as chuvas do Negrão, que aquela época que choveu um bocado e andou desabando aí coisa, favela, gente atrapalhada, etc. A experiência, a vivência que eu tenho quanto a isso é trabalhando no Instituto de Arquitetos, a gente, normalmente, é chamado pra dar opinião e, e é aquela opinião que já está meio tradicional, ou seja, de uma cidade que (tosse) já foi capital da república, pretensamente o centro cultural do país, essas conversas todas, e até hoje não tem um

plano, ninguém sabe o que que **vai fazer**, ninguém sabe o que que **vai ser** a cidade, se isso **vai ser** centro comercial ou centro cultural, centro de turismo, cada dia inventam uma coisa. E é incrível, volto a cha... a chamar a atenção, enfatizar a possível deformação profissional, é uma coisa, a gente trabalha e vê que não existe, não é específico da minha profissão, deve ser ... Em termos de Rio, ou em termos de Brasil, de várias profissões, essa é a situação de sociólogos, situação de professor, situação de cada profissional que vê querer fazer a coisa direito e nem sempre a coisa é feita. Mas, no nosso caso, voltando ao Rio, nós achamos que a cidade devia ter uma idéia, não precisava nem um plano, nessa altura dos acontecimentos, eu não exijo nem um plano, alguma noção do que se pretende fazer daqui a três, quatro, cinco anos e isso é impossível. Quer dizer, nós chegamos a, a uma situação meio kafkiana, que a cidade tem um plano que foi feito pelo, pelo quê, por uma firma grega, no tempo do Lacerda, que nós combatemos adoidadamente, mas o plano está guardado, quer dizer, fizeram o plano e não aplicam o plano. Bom ou ruim tinha um, pelo menos, e era alguma coisa, mas nem isto aplicam, então é o negócio mais maluco do mundo, né? E a gente fala em fazer plano, diz que é um negócio muito complicado e que não é, não é o caso. Então cada secretaria tem um plano, então a gente vê um, uma área do governo (interrupção/telefone/inint.) um jardim todo alinhado, então no dia seguinte **vem** uma outra secretaria e **crava** no meio do jardim um, um pilar de um viaduto, simplesmente, pra não se acertar e **dá** aquele bolo e **dá** esse panorama urbano aí, que a gente sabe, muito lindo, que todo mundo acha o Rio formidável. Copacabana é uma curtição, mas é o fim do mundo pra viver, do meu ponto de vista, agora, tem gente que briga um bocado pra morar em Copacabana, se bem que a moda agora, Copacabana já era, agora é Leblon, Ipanema, mas **vão transformar** Leblon e Ipanema em outras Copacabanas. Então, o que que a gente pode fazer? Nada. É isso minha (inint.) apenas berrar, é o que a gente faz, um, um grupo aí vem fazendo há uns dez, doze, sei lá, desde que eu me formei, em sessenta, a gente vem nessa briga e talvez antes ainda, com o Diretório Acadêmico, etc. (inint.) **vamos fazer** um plano? Ah, não pode, e cada um promete, eh: **vamos pensar**. É muito difícil. Então, com isso, quando vem uma chuvinha dessa, não tem nada preparado, então, quando a chuva é um pouco maior, cria um problema tremendo, quer dizer, despencam os barracos todos e não tem como despencar, né, quer dizer (inint.) o barraco tem, em cima do morro e choveu, correu a terra, choveu, correu a terra, o barraco veio embaixo, o barraco veio embaixo naturalmente. Aí é aquele corre-corre: que que faz com isso, com isso, né? Na hora que o sujeito assim ficou doente, está doente (inint.) teve um enfarte, a tendência é morrer, tem que prevenir a coisa, agora eles só conseguem a ação curativa, então está bom. Então, realmente não tem saída, fala-se, fala-se, fala-se e não se tenta nenhuma solução. Quando procura-se resolver o problema, não é, ah, com uma preocupação social, aí é um monte de outros assuntos, então **vamos acabar** com as favelas, ou seja, não há outra maneira, esconder as favelas na, esconder as favelas atrás do morro. Aí vem a história do Rio de Janeiro, que é um, é um morro muito bonito, que tem ali o Corcovado e Rio de Janeiro é do Corcovado pra praia, né, depois, atrás, tem o resto e vem o Cristo que (inint.) frente, que está de braços abertos, pra frente é o Rio, pra trás é o resto. E então eles procuram esconder as tais favelas, mas isso não é solução de coisa nenhuma. Então o Departamento de Estradas de Rodagem faz lá su... suas vias, seus viadutos, sua, suas estradas, a turma do, da, de COHAB **vai construir** suas vilas Kennedy com todos os problemas e por aí a gente vai embora. Mas aí eu já começo a, a fugir do, da história do tempo, que eu quero disciplinadamente ficar. Quer dizer, eu não vejo, em termos de Rio, grandes problemas de, de clima, a não ser aquela chuva, aquelas chuvas que uma vez ou outra caem em, em vários centros. O problema de clima sério, isso aí não ... Isso a gente pega em, em ... Só nos Estados Unidos e eu não conheço nada da União Soviética, mas o frio lá é parada, da última vez que, que eu soube de alguma coisa, eles esta... eles estavam muito felizes, que tinha passado de cinquenta e não sei quantos abaixo de zero pra quarenta e oito, um troço assim (riso) que, pra mim, é uma abstração, é, é uma abstração e ... Mas problema não tem, honestamente, não tem nada. Quer dizer, não tem terremoto, não tem grandes enchentes, em termos de Rio de Janeiro. Agora, vira e mexe tem uma enchente aí solta no, no país, mas aí a gente, eh, não pode escapar. Não tem um furacão como aqueles que os americanos gostam muito de curtir, cada um tem um nome, então vem, com antecedência, já o sujeito sabe há cinco dias que a cidade **vai ser arrasada**, então eles sa... saem. Isso realmente é um movimento de clima, aqui não, eu acho que, que não pode se considerar assim o problema. No caso específico, foi um azar desgraçado do Negrão de Lima, quer dizer, o sujeito sentar na cadeira de governador e três dias depois caiu um toró daquele e líquida todo o esquema de, de Rio. No meio disto tudo, nós **vamos fazer** uma briga aqui, interessante.

D

E você acompanhou (inint.) a tragédia que se deu na Guatemala aí no fim do ano (inint.)

L

Acompanhei por jornal, por revista. Eu estava pensando agora, quando estava falando, naquilo também, quer dizer, no caso do terremoto, até que ponto aquele negócio foi ... A gente pode considerar tempo ou clima, por isso é que eu não, não, não situei bem. Ah, todo mundo acompanhou o que deu no jornal, quer dizer, realmente, teve o terremoto, líquidou grande parte da população. Eles estavam estudando ... Parece que a cidade estava mal situada, eh, agora, essa história de mal situada, o que que faz com a cidade? **Vai raspar** assim e botar num outro lado? E, enfim, mas esse acompanhamento foi um acompanhamento que eu acho que todos nós tivemos, né? Queira ou não queira, você passa na cidade, você dá com o olho num,

numa banca de jornal e mesmo que você não leia jornal, você não escapa muito da coisa e dependendo do clima da, do país ou da área afetada, inúmeras vezes notícia dessa natureza passa a ser um deus-nos-acuda, né? Então, fizeram a maior, eh, a maior publicidade possível daquela notícia (inint.) talvez seja a minha maneira de ver a coisa, porque milhões de pessoas estavam morrendo de maneiras talvez menos espetaculares ou mais rotineiras. Morria de fome, morria de guerra, morria de uma porção de coisa, então não chega a me comover um, um tipo de problema daquele, daquela natureza. Talvez eu seja um pouco, eh, diferente, cético, alguma coisa assim. Outro dia estavam muito preocupados que desabou o supermercado Ideal, você deve ter visto aí. E a coisa nos atingiu de certa forma. Estava desabando uma porção de coisas por aí, a Paulo de Frontin desabou, não sei o quê, a ponte Rio-Niterói (ruídos externos) não desabou porque ainda não existia, mas nas primeiras tentativas, ela já desabou oito vezes, né? Agora desabou um pedacinho, um buraco lá, matando uns operários. Bom, mas isso tudo é engraçado porque dá ... Na oitava desabada já passou a ser rotina, não chama mais a atenção, mas no caso do supermercado, talvez a, a novidade, ah, enfim, daquela de cinco minutos de impacto fosse o desabamento assim, mas isso não é novidade que o arquiteto responsável pela obra, então geralmente é o engenheiro, é a firma, etc. e ali era um negócio mais, eh, mais elementar, assim mais primário, um projeto que não tinha grandes novidades e o arquiteto que estava lá dentro (inint.) era um indivíduo, não era uma firma, e do meu ponto de vista, eu não conheço o arquiteto, não, não pretendo defendê-lo coisa nenhuma, mas descobriram um bode expiatório, né? Disseram: vamos aí nesse. Esse então seria a vítima. Não precisa ser sociólogo, psicólogo (inint.) professor, não tinha importância, era um, um careta. E então a coisa voltou em cima disso tudo (inint.) é outra história, né? E eu tive ocasião de, de dizer assim em termos de brincadeira, mas botei no papel, escrevi mesmo, porque eu não me surpreendia muito com o que estava desabando não, o que eu me surpreendia é com coisas que estavam ficando em pé, quer dizer, o 'nonsense' que a gente estava vivendo, eh, uma anarquia (inint.) prazos políticos menores do que os prazos técnicos, tantas horas pra fazer uma coisa e se quiser antes pra inaugurar não dá ou então, por problemas de lucro rápido ou coisas dessa natureza, estavam fazendo os maiores absurdos (inint.) a gente, grande parte intuía, algumas, eh, algumas coisas a gente sabia, outras, a gente intuía porque dava pra extrapolar e, e como é que ficava em pé, a gente não sabia. Então, ainda tem muita coisa em pé aí. Com isso eu não pretendo ... Sim, eu não pretendia criar um clima de terror, de que **vai desabar** a cidade ou **vai desabar** o nosso século, mas, realmente, uhn, desabou um supermercado, parece que esse tem cinqüenta e fizeram todos eles da mesma maneira, quer dizer, puxa, foi azar, quer dizer, azar chato que tinha gente embaixo, né, morreu com um monte de problema. Mas em cinqüenta cai um, quer dizer, foi um ... Aquele, talvez, risco calculado que era natural, o chato é que, quando cai esse um, deixam de sentir o universo da coisa, de sentir o problema, eh, maior e pega esse um, porque aqui morreu dona Chiquinha, dona não sei quê, aí cria todo aquele caso, aí, publicitário em torno desse aqui, sem saber que já estouraram bomba atômica, já fizeram várias guerras no mundo e que continuam fazendo e que morre, só que todo dia morre, né? A gente pega os números do Vietnã, uma glória saber o que que já fizeram, o que fizeram com o Vietnã, quer dizer, um terço da floresta não tem mais, quer dizer, liquidaram um terço do país com 'napalm', com não sei quê. Mas isso como é assim à prestação, acho que não foi à vista, foram destruindo aos bocadinhos e era uma guerra, então, na guerra vale tudo, então (inint.) engraçado, eu não tenho ... Uma quantidade de gente que morreu de cada lado e que ainda está morrendo vale assim por uns três mil super... um trilhão de supermercados, e o negócio está lá, né? Então eu vejo a coisa, nessa altura dos acontecimentos eu já me perdi um bocadinho, quer dizer, voltando ao problema da Guatemala, agora que eu voltei, o problema da Guatemala eu vi, acompanhei e eu me preocupo muito mais é com a situação política da Guatemala, que me parece que é (risos) um terremoto permanente, uma questão lá, há não sei quantos ... Tem um presidente lá, o Somoza, não sei o quê, um daqueles presidentes lá, que estão lá há uns cinqüen... quinhentos anos e eu me interessei mais não foi por quantidade de gente que morreu, nem quantos edifícios caíram, eu fiquei muito ma... mais interessado, não por, por 'hobby' ou por coisa parecida, mas, digamos assim, que a gente chama hoje de curtir, eu curti muito mais, eh, ver a turma querendo tirar partido da desgraça do próprio povo. Então, gente da ONU, do próprio Brasil, que não queria mandar mercadoria pra lá ou o socorro, enfim, porque eles já estavam dividindo entre eles mesmos, aquela cúpula, que é, que é uma, que é uma loucura. Isso, realmente, me atinge mais do que um desabamento. Talvez eu, eu esteja vivendo uma época em que a gente vê tanta gente morrer, tanta coisa errada, que morrer mais um menos um, não que não me atinja, mas eu, eu já fiz uma casca. Agora, tem determinadas coisas, quer dizer, o, eh, o sentido assim de pouca vergonha, não é pouca vergonha moralista, não, o sujeito bater a carteira do outro, assim formalmente, sem a menor compostura, talvez a coisa seja (inint.) isso ainda me choca, não que eu aceite matar, nem que aceite bater a carteira com compostura. Mas realmente tem um determinado nível que eu não consigo ... Puxa, o sujeito que faz um negócio desse, quer dizer, aproveita, pode até roubar, rouba com classe, não é? Bater na hora do terremoto, está chegando assim meia dúzia de garrafinhas de leite pra quebrar o galho de, de uma população, o sujeito ainda quer tirar três pra ele, vendo a coisa. Re... enfim, isso tudo, quer dizer, não é um problema só da atitude, isso fica impune. Isso é que realmente me choca, na medida que, que essa impunidade cada vez não sei se aumenta mais, mas também eu não conhecia anteriormente. Quer dizer, um imperador daqueles, de uns, de uns séculos atrás, eh, obviamente, era muito mais impune do que um homem desse, eu não sei quanto mais, mas aí entra num nível que pra mim, não consigo raciocinar,

que é o do mais ou menos, já num, num estado do absurdo. A história do, do frio lá da União Soviética e que o (inint.) era menos cinqüenta e três passou pra menos quarenta e oito, pra mim é frio pra burro e, e realmente não vem ao caso, a partir de zero já me apavora (sup.)

D

(sup./inint.) esse tipo de preocupação sua (sup.)

L

(sup.) Hum (sup.)

D

(sup.) em, em termos de Brasil, há uma série assim de empreendimentos, talvez a gente pudesse ligar à extensão territorial brasileira e à diversidade climática brasileira.

L

Hum.

D

Favela, por exemplo, em relação ao êxodo rural, êxodo rural a condições climáticas, eh, problema amazônico, por exemplo, agora mesmo o conflito com a, com a Argentina, etc. dentro de todo um (inint.) como é que você vê isso em termos de Brasil? (sup.)

L

(sup.) Eu acho que não tem ... Do ponto de vista climático, se tem, eh, tem muito pouco.

D

(inint.) qual que seriam essas ligações? (sup.)

L

Obviamente não ... Aí você citou mil coisas diferentes, uma que é a favela, uma outra que, essa que está ligada, que seria o êxodo rural, um outro, a Amazônia, que não tem nem gente pra fazer êxodo pra lugar nenhum, o outro, a Argentina, cá embaixo. Bom, eu, eu acho que clima aqui não tem, a não ser que, que pro lado da Argentina é mais frio, lá pro lado da Amazônia é mais úmido e o êxodo rural, se, com muita boa vontade, se a gente tivesse que falar do tempo, tinha a famosa seca. Bom, então a seca funcionando aqui como um dos fatores que teoricamente expulsariam o, o camponês daqui da, da área da zona rural, etc. Eu acho que a coisa não, não, não é, o fenômeno não é, está longe de ser, eh, do ponto de vista assim físico da coisa, problema fundamentalmente econômico e social. O clima ajuda um bocadinho, no caso do nordeste, mas não tem nada com a Amazônia, na Ama... (inint.) do, do, em termos de nordeste, esse êxodo existe, não é, por um lado, está bem, tem seca, é uma parada o sujeito sobreviver na seca, mas há toda ... No próprio nordeste você tem áreas que poderiam assimilar esta população ou parte dessa população, eh, em termos de trabalho, e que não expulsaria com, com essa facilidade em que a coisa vem o... ocorre. Eu tive uma época lá, trabalhando lá, uns dois meses, em Pernambuco e deu pra sentir de perto, ah, alguma coisa, algum fenômeno. Nunca estudei isso profundamente, mas existe uma coisa, há um momento que a seca dá lá dentro, no sertão, aí a turma vem para, pouco a pouco vem, vai chegando pra cidade e tem, chega na zona da mata que tem todo aquele plantio de cana, etc. mais ou menos, quer dizer, papai do céu sempre joga do lado da gente, quer dizer, ele dá condições de, de sobrevivência, se a gente utilizar, muito bem, se não ... Aí é que é a entrada do papai do céu, aí entra o clima e, e toda, toda a natureza. Mas o, o que eu vi é o seguinte: chegava uma hora em que coincidia esse êxodo chegar com a época de cortar cana, então era relativamente fácil absorver uma grande parcela daquele êxodo cortando cana. Mas chega um dia em que acabou de cortar cana, agora é esperar crescer outra vez e não tem nada pra fazer lá de mais, é só isso, então está na hora da turma voltar, mas quando coincide da turma ter que voltar e não ter condições lá dentro, aí o bolo dá, e o bolo dá todo pela seguinte maneira: só fazem uma coisa nessa área da cana, é incrível, aí volto aí a falar do problema do espaço urbano, a luta daquele pezinho de cana com o tijolo, está um coladinho no outro, você corta assim a cana assim pra fazer uma casinha, num cantinho, o canal é encostado na casa e mais um (inint.) pedacinho de terreno pra plantar milho, etc. uma coisa pequenininha dessa natureza. Então, o problema ... Se isso aqui houvesse um outro tipo de concepção, um outro tipo de desenvolvimento, não é porque é um outro tipo de concepção, um outro tipo de estrutura funcionando, econômica, aí, aí era possível ajeitar uma série de coisas, inclusive ter maior recursos da própria região e desenvolver pra poder ter, poder aplicar, problema de irrigação, não sei quê, porque hoje em dia, a tecnologia já mostrou que não tem, eh, esses problemas de seca, de clima, não tem nenhum mistério, o sujeito já foi à lua, a gente chega, eu vi lá em Israel uma coisa que eles fazem que é de certa forma é uma maldade, mas está muito claro, toda aquela área que eles tomaram da Jordânia, etc. lá pra dentro, conhecida, Jerusalém, então tem umas estradas assim, então tem morrinhos assim, como a gente vê aqui, morro de meia laranja assim aí pra dentro, e tem um que é verdinho e tem até aquelas árvores grandes e outro é pedra pura, então eles mostram os dois, era assim e depois do biotônico Fontoura ficou assim, quer dizer, antes e depois. E então, dá pra fazer, não tem mistério nenhum, o que interessa, o importante é que se faça, agora há interesse nesta área aqui pra se fazer isso, há condições de se fazer isso aqui? Aí começa uma outra história, aí é um clima de outra natureza, não é um (inint.) não é um clima de na... ah, natural, físico, seria um clima econômico, um clima político, um clima social e um clima sem natureza, aí uma outra na... outra característica, outro conjunto, outro universo meteorológico.

D

Agora, a destruição da floresta amazônica, você não vê conseqüências graves, não só pro Brasil, mas para o mundo em termos de condições atmosféricas? (sup.)

L

(sup.) Se eles, se eles partirem realmente ... Bom, isso aqui é no nordeste, se eles partirem realmente pra destruição eu tenho a impressão que **vai se conseguir** não a curto prazo se destruir aquilo, mas a, a, a luta está apenas começando, no meu ponto de vista. Quer dizer, com toda ... Outro dia mesmo eu estava conversando com um grupo de pessoas aí, papo, cafezinho, com todo esforço que eles estão fazendo, de Transamazônica, perimetral, etc. eles **vão ter** que botar um burro dum dinheiro aqui dentro pra poder manter esta estrada, porque por enquanto eles estão fazendo um risquinho de lápis. Se a gente chegar no quintal da nossa casa e sair cavocando, brincando de soldadinho ou de carrinho, quando a gente era garoto, a gente ficava com o dedo assim, uma, uma retinha no capim, três dias depois o capim tomou outra vez, eles **vão ter** um trabalho enorme pra conservar aquela estrada, senão a floresta engole aquela estrada ainda, com a maior tranqüilidade. Eu não acredito que a curto prazo, eh, gere o, quer dizer, essa Transamazônica, etc. gere uma nova civilização, uma coisa assim. Belém-Brasília tem dez anos, né? Eu sei que já tem uma população enorme em torno dela, mas não chega a ser, assim ... Se você passar de avião e assim, quer dizer, ela não chega nem a ferir. Até aí já estou falando fisicamente, né? Seria se a gente pudesse botar aqui um, um, nessa mesa, se transformasse assim num, num gramado, numa coisa assim e a gente no fim está brincando, está fazendo um risco de lápis, tem um monte de microbinho, que seriam as pessoas ali funcionando, coisinhas ocorrendo naquele, naquele risquinho, mas não afeta o conjunto (inint.) mas apenas, o único, eh, o único perigo aí já é em termos de humanidade, eu tenho a impressão de que a humani... que a humanidade é extremamente preda... predatória, então ela **vai, com a maior tranqüilidade, destruir** aquela floresta e aí o problema não é desse governo nem de governo nenhum, nem do próprio país. Quer dizer, se **vão dar sopa**, eles **vão destruir** aquela e todas as florestas, a não ser que baixe aquele juízo assim que todo mundo espera, mas eu acho muito difícil. Essa ganância de espaço, de não sei quê, de lucro, de problema de faturar mais dinheiro, etc. é o negócio mais louco. Então, isso me lembra muito, quer dizer, muito porque eu li recentemente aquela, aquele livro sobre a história dos, dos índios americanos. Não sei se vocês leram. E, e agora está, está estourando, ah, essa última coisa que eu li no carro, antes de chegar aqui, ah, uma coisa, oitenta anos depois, repetindo a mesma coisa, trocando cavalaria americana por tanque, mas é a mesma coisa. E os índios lá, meia dúzia de índios brigando contra um país inteiro. Até aí não tem nada, só pra gente poder então voltar, o que foi, quer dizer, a invasão do homem branco em todos Estados Unidos em busca de, de ouro, daquelas corridas de ouro, de espaço pra plantar, pra criar, etc. que é a outra face do filme de 'Western', de 'cowboy', né? E a gente vendo o livro, quer dizer, o, o índio como era um sujeito sensacional assim, era, porque já está, já não existe (inint./risos) e o susto do índio dizendo ... É incrível. Eu não me lembro qual foi, de que tribo ou coisa assim, eu li o livro muito rapidamente. Li em três dias. E o (inint.) um daqueles caciques lá: impressionante a capacidade que o homem branco tem de destruir a natureza pro próprio consumo. Então tinha uma história (inint.) interessante que eles ficavam realmente, eh, abestalhados e (inint.) simplesmente liquidados, o próprio homem branco liquidou, né, (inint.) foi formidável, que é um boi como outro qualquer, né, que se aproveita tudo e eles aproveitavam aquilo pra sobrevivência, né? Então, cada coisinha daquela tinha uma função pro índio e o homem branco matava aquela tonelada, com ... O homem não tinha metralhadora ou, mas aqueles rifles de repetição, etc. Tiravam a pele, empilhavam as carcaças e ia embora. Então, eu acredito que aí também, eu não tenho nenhum preconceito racial, no caso, contra o homem branco, mas aí o homem aspas civilizado, esse troço é que me assusta, e ele entra com a, com a maior falta de compostura, com a maior falta de pudor, e líquida. Então eu acho que a Amazônia, que a tendência é liquidar, em nome do bem-estar social da humanidade, todo mundo está defendendo a humanidade, em nome de tudo, quer dizer, eles liquidam, fundamentalmente em nome do, do tutu, quer dizer, do dinheiro no bolso, isso é que é o fundamental, eles **vão liquidar** a Amazônia. Não acredito que seja um problema agora, a curto prazo (inint.) eles **vão acabar** com a Amazônia logo, **vai mudar** o mundo, eu tenho a impressão que o mundo está mudando e cada dia muda mais, quer dizer, se os caras estão ... Proibiram, combinaram que não **vão soltar** mais bomba atômica em cima, mas estão soltando embaixo, e não é, não é bem atômica, é de hidrogênio e já, já eles inventam mais outra ignorância e isso **vai até um dia chegar** que baixe o bom senso, embora não acredite muito nesse bom senso, não. Mas tem isso aí, tem um grupo que luta por ele e tem um grupo que manda e que acha que a história é outra, é processo, é inexorável e a gente tem que ganhar dinheiro cada vez mais. E, e realmente aí é o problema do poder, quer dizer, é muito difícil eu chegar hoje num sujeito e ele poder parar. A engrenagem é de tal maneira que, ou junta ... A gente, pode ser, entra na fase que eu considero bastante utópica, mas é a alternativa que se tem, que é um dia o povo **vai se entender** e **diz**: olha, basta! Mas esse coitado do povo está tentando fazer isso há muito tempo. Pode ser que criem condições futuras e mude. Hoje em dia, eu estou convencido que se tiver que dar um basta ou mudar mesmo alguma coisa significativamente **vai ocorrer** nos Estados Unidos. A gente vê que milhões de problemas lá ... Está pegando fogo. Eu não acredito num ... Porque aí chegamos já, politicamente, num, em movimentos assim do tipo a revolução na América Latina, esse troço, eu não curto muito essa não, acho que realmente não dá pé. Se tiver que virar alguma coisa do lado ocidental, **vai virar** é lá de cima. **Vai ser** uma frustração. **Vai ficar** todo mundo: pôxa, o americano é que manda na gente (inint.) muito pobre. Mas se

tiver que virar é lá em cima mesmo. Aí mistura índio com negro, com porto-riquenho, com drogado, com não sei que bicho se superpõe (inint.) com mulher, o diabo, né, o 'gay power', o terceiro sexo, o quinto sexo, a gente já não está entendendo mais nada nesse bolo que está formando. Lá é que o negócio tende a virar, lá é que eu senti pela primeira vez, quer dizer, quando eu entrei num ambiente, quer dizer, a barra está pesada. Você não sabe onde que está pisando e, e eles notaram que o sistema aqui vale tudo, então eles estão presos no próprio sistema, vale tudo em termos, né? Mas **vai chegar** um momento em que o negócio **vai mudar** de qualidade, alguém **vai dar** um basta e aquele treco vira, eu não sei como **vai ser**, mas isso pelo menos é o que me orienta hoje. Então, como eu estou de quintal, quer dizer, aquele guri que mora no fundo do quintal, então que é que eu posso fazer? Como eu não vou pra lá, que eu não gosto de (inint.) e de clima quente, não é o meu, o meu jeito, então (inint.) trabalhar aqui no quintal, ver como é que a coisa fica, criar condições pra quando virar, respingar o menos possível pro lado de cá, mas isso é, é natural que, que vá acontecer. Então, voltando a, voltando à historinha da Amazônia, é ... Depois eu chego na Argentina. Mas o problema da Amazônia é que ... Eu acho ... O meu ponto de vista é esse, quer dizer, ainda não vão ... Esse ... Hoje em dia isso não tem grandes perigos, em termos de Amazônia, mas pode ser que eu esteja completamente equivocado, esteja entrando de anjo, mas, provavelmente, pelo que eu ... Essa, essa historinha que está aí dando sopa, quer dizer, eles **vão liquidar** essa Amazônia (inint.) tudo muito, muito irresponsável. **Vão liquidar** isso com a maior tranquilidade (inint.) besteira, não sei quê, não faça isso. Mas não adianta. O que eles estão fazendo, que a gente reclama pra burro, é que abre a estrada, e é ... Isso acontece cá embaixo também, é que abre a estrada pra ver que bicho dá. É, é o problema agora da Rio-Santos, por exemplo, fizeram a Rio-Santos, então, vamos fazer o aproveitamento da área da Rio-Santos, então, quem traça, quer dizer, quem faz a estrada, como esse troço é um, é um problema só, então, eu traço a estrada assim, eu acho legal, curva de nível, tecnicamente, não sei quê, inclinação, palhaçada, depois **vamos ver** o que que acontece aqui em torno, se **vai ser** turístico, se **vai ser** industrial, se **vai ser** ... Ninguém sabe (inint.) quanto **vai dar** de tutu, pra mim, quer dizer, toda a luta em torno disso. Por que não estudar toda essa área e dizer: olha, não é ... Entre, entre outras coisas, passar uma estrada nesta área. Agora vamos fazer isso, isso, tomar conta da área, para não haver especulação imobiliária, etc. até quando estiver tudo arrumadinho. Eles fazem sempre 'a posteriori'. Aí, a gente traça a estrada, que pode, eventualmente, ser exatamente essa, mas poderia ser alguma coisa que ... Um pouquinho diferente assim. Bom, isso ocorre aqui na Rio-Santos e na hora, aí vem um, um dos grilos profissionais, na hora que esse negócio está armado, aí contratam uma firma francesa pra fazer o projeto. Aí a gente morre de raiva aqui, briga e xinga todo mundo, porque tem mil firmas brasileiras que podiam fazer isso com o pé nas costas, inclusive que são contratadas pra fora pra fazer, mas aí vão contratar um francês lá. Está legal, já foi um grego, vai um francês (inint.) o fim da picada! E pega-se o filé-mignon, que é a decisão do que **vai ser** isso, e entrega-se pro estrangeiro, em nome da segurança nacional, que Deus perdoe, e esse é o 'nonsense', quer dizer, a Rio-Santos foi um tubo de ensaio da Belém-Brasília, da Transamazônica, e agora com a Supertransamazônica, que é a periférica não sei das quantas. Mas então a nossa luta, a nossa incompreensão, a perplexidade ou a minha, quando eu digo a nossa (inint.) é ... Poxa, está bem, abriu a, a Belém ou a Transamazônica, aí o que que **vai acontecer**? Então tem agrovila, não tem agrovila. E, e como é que você **vai deslocar**? Não, a turma do nordeste vai pra lá, mas parece que é um jogo de xadrez, que você tira daqui dum cantinho um peão e põe pra cá. Na verdade é família, é problema social. Às vezes morre gente que nem sabe, **vai saber** historicamente, quando aparecer um, um pesquisador e for estudar aqueles negócios, relatos lá. Está morrendo gente que ninguém nem sabe como é que é. Mas vamos pra frente, né? E aí é aquele 'nonsense' que acontece, esse do caso da Transamazônica eu estou mais ou menos de perto porque dentro do (inint.) a gente (inint.) tem que atender a Transamazônica e, Deus me livre, parece que é um negócio simples, não ... Então: vamos atender a Transamazônica! E como é que faz? Mil órgãos: INCRA e (inint.) IBA não tem mais, mas INCRA, ministério da fa... da Saúde, ministério do não sei quê, milhões de caras trabalhando lá dentro, cada um no, ministério do Interior, não faz plano, não faz (inint.) então você sai correndo, quer comprar um terreno pra fazer um, um centro social, um treco dessa natureza, aí não pode, que a terra está guardada por não sei quem, enquanto não fizer o plano. Mas o plano não dá tempo pra fazer, quer dizer, quando a bomba já estourou, trator já passou, é que vão fazer o plano. É realmente um negócio de fundir a cuca de cada um. Prum cara metido a planejador ou que vive de planejamento ou que pretende ensinar planejamento, essas coisas todas, isso realmente enche a paciência da gente. Antigamente, eu ficava uma fera, brigava, xingava. Hoje em dia eu já, já acho que é ruim, aí eu já começo a rir de determinadas coisas (inint.) talvez a ... Essa aparente serenidade ou outra coisa, é que a gente vai vendo que a coisa é muito mais complicada do que a gente pensa. Às vezes, um determinado fato assim isolado, menor, deflagra nesse 'nonsense' do subdesenvolvimento ou país grande ou em via de desenvolvimento ou "milagre brasileiro", sei lá, deflagram uns processos que a gente realmente não entende. Hoje em dia, eu estou estudando, ou curtindo muito melhor que estudando, o planejamento de um processo decisório (inint.) então, é como é que forma determinadas coisas. Então, é a importância do filho doente, da mulher que brigou com o cara, os troços mais michas assim deflagram os processo decisivos no país. Então a mulher briga com o cara, o cara veio de mau humor, porque tinha que acertar um negócio, ele mudou de idéia, está brabo, mas ele tem o poder, então, brum, cai tudo por terra. Aí que **vai procurar** o que é que houve, foi a mulher que deu uma bronca, que o bife não estava quente (inint.) fica perplexo, mas

funciona mesmo. Então, o sujeito que não veio porque encontrou uma namorada legal, então o plano não saiu, não saiu (inint.) não entregou no prazo e naquele dia não acontece nada, mas cinco dias depois, tem umas duas namoradas, uma curtidão, não sei quê (inint.) quer dizer, uma total irresponsabilidade. Então não entregou, não deu jeito e aquilo vai acumulando besteira e quando ... A besteirinha em si não tem nada, mas como ninguém controla coisa nenhuma, aquilo vai crescendo, vai crescendo, de repente você perde o controle das coisas, você já não controlava, mas você, pelo menos o processo permitia um controle, você não controlava por omissão. Chega um determinado momento que ele desanda, ele acelera e você perde completamente aí a possibilidade de controlar. Aí é, realmente é difícil. O país subdesenvolvido, falta tecnologia, 'know-how', falta vergonha pra se trabalhar, mas estamos aí, vamos fazer curso, muito computador eletrônico, PERTS excelentes, eu acho que o troço mais ouvido hoje em dia é PERT (inint.) você faz um PERT, é a melhor maneira de gastar papel e tempo, pra furar, quer dizer, não funciona mesmo, a não ser numa coisa que, que você tenha perfeito conhecimento de cada momento. Mas agora ficou, agora não, já está meio fora de moda, mas fazer PERT (inint.) e eu tenho tido experiências sensacionais com (inint.) com mapa, hora por hora o que **vai acontecer**. Geralmente é feito pelo estrangeiro, que não desconfia o comportamento do carioca ou do brasileiro, e o carioca, então, fica o negócio mais engraçado do mundo e este tipo de experiência eu tive assim no metrô do Rio de Janeiro, que eu morri de rir do primeiro dia. Vieram os alemães, cobríssimos, bacaníssimos (inint.) e eles foram, pra você ter uma idéia, eles foram contratados ... Não sei se você se lembra de uma represa que iam, que iam não, estão fazendo, Assuã, no Egito, e que ia afundar, inundar um templo lá daquele bacana e houve um movimento internacional, a ONU, a UNESCO, não sei quê, pra salvar o negócio. Fizeram mil projetos, descobriram um bacana e foram escolher a firma do mundo que poderia fazer, executar esse projeto. O projeto foi executado com o maior sucesso, o negócio correu religiosamente, deu certo. Pra você ter uma idéia, o templo era uma, uma caverna, aquele negócio cavocado. Os caras tiveram que fazer, cavar o morro, retirar aquele buraco, que era o buraco maior e tirar o buraco de dentro, levar essa porcaria toda pra cima do morro, fazer um outro morro em cima do morro, pra água chegar, tampar esse aqui e você ter a caverna lá em cima. Mas igualzinho, com aquela sutileza de, de egípcio.

D

(inint.) nesse filme "Eram os Deuses Astronautas" (inint.)

L

(inint.) eles reproduzem isso (sup.)

D

(inint./sup.) fases desse trabalho (inint.)

L

Eu vi, eu vi o filme da companhia, então toda, todo o projeto, toda a execução do projeto e é um negócio louco, porque os russos, que estavam financiando lá com os egípcios, eles estabeleceram o prazo, disseram: ah, não temos nada com isso, não. E todo dia represam lá em cima (inint.) e a água ia subindo, se tivesse errado, aquele negócio virava mar, acabava. Bom, então, era um negócio pra valer mesmo, e está subindo, o concreto está baixando e a água está subindo. Bom, eles conseguiram fazer o negócio. E um negócio assim que aquele templo tinha um dia tal, o sol batia, e no fundo a coisa tinha quatro deusezinhos ou, e diabos e não sei quê, e o sol ... Não sei se um deus e três diabos, um troço assim. E o sol um dia entrava pelo buraco, iluminava só o deus, lá no fundo. Bom, um negócio assim superbacana, matemático. Eles fizeram esse troço. Bom, esta mesma firma veio pro Brasil pra fazer o metrô. Então: meus parabéns, **vamos trabalhar!** O fino, né? Então eles resolveram contratar a gente em fevereiro, eu morri de rir. O, o alemão que tinha comandado lá, sujeito simpaticíssimo, muito inteligente, não entendia por que em fevereiro não se contratava ninguém. Eu fui lá: você quer trabalhar comigo? Trabalho, a partir de março você pode contar comigo, mas fevereiro não dá, né? Então, o negócio (inint.) pro carnaval, que depois eles aprenderam, muitos deles ficaram no Rio, que fevereiro (inint.) o país começou no dia doze de março. Até então nós estávamos fazendo relatório do ano passado, preparando a fantasia, esperando ver o que que a Mangueira fazia, praia (inint.) fundamental no planejamento. Dia doze de março, o outro dia, começou o ano, e aí **vai acabar**, não sei (inint.) **vai acabar** em dezembro mesmo, se não tiver nenhuma copa do mundo, que aí o negócio está uma parada. Isso tudo, esse lado cultural, é fundamental que se observe, então os caras fizeram um PERT. Outra coisa que eles não conheciam era um negócio chamado virada, você deve conhecer, porque qualquer universitário sabe o que que é. Então a gente ia, era uma dúvida assim: como é que a gente faz? Então os técnicos vieram pra cá, disse: bom, o método é muito fácil, vocês vêm a cidade como era em mil novecentos e ... Mil oitocentos e oitenta, o metrô ia ser projetado pra mil novecentos e oitenta. O que ela é hoje em termos de, e o que ela **vai ser** em mil novecentos e oitenta, e tivesse um plano, ia ser ótimo, mas não tem. Mas como é que não tem plano? Toda cidade tem plano. Eu digo: bom, lá na terra de vocês, mas aqui não tem. E isso foi em sessenta e oito, em que estudantes estavam numa briga danada aí na rua com a polícia. Então, era mais engraçado que estavam falando em intervenção na Guanabara, MDB, governo da ARENA. Disse: olha, eu não garanto a você (inint.) pra pagar o contrato. E pode garantir? Não, vocês estão trabalhando numa outra área, num outro tipo, num outro ritmo e ... Aí o negócio fura. Você ter que inventar um sistema de planejamento pra isso, um esquema ... E, e essa historinha contada até que diverte legal. Então, todo dia, o cara tinha que dar um, um desempenho

físico e tinha um, um cara que tomava conta religiosamente sério. Eles todos acordavam cinco, seis horas da manhã, estudava uma hora de português, vê que troço sensacional, sete horas da manhã eles estavam lá, pá, pá, pá, trabalhavam sete horas, acabavam o trabalho, iam pra casa. E a turma chegava (inint.) estavam pagando bem. A turma chegava sete e meia, sete e quinze, ninguém chegava sete horas e antes das seis já estava se mandando e às vezes estava até às sete (inint.) e então (inint.) então tinha que inventar, tinha que botar a cabeça pra funcionar, não estava de preguiçoso não, mas passava dias, ficava conversando, como é que quebra esse galho? E não existe a teoria do quebra-galho pro alemão (inint.) um amigo meu: pô, por isso que esses imbecis perderam a guerra, não têm flexibilidade nenhuma. Aquele negócio está todo marcado, taque, taque, taque. Tem que dar certinho. Bom, então, dia tal tem que entregar o trabalho, dia tal tem que ... Isso é que interessa pra gente, são os grandes prazos. Então, nós fomos, fomos, chegou nos três últimos dias, nós dormimos no trabalho, era aquele negócio assim de dormir na mesa, pá, pá, pá. Dia tal, para surpresa geral do consórcio, o trabalho estava lá! Bem feito, de nível, etc. Mas esse prazo (inint.) não é tudo vagabundo, tudo índio, não fez nada esse período (inint.) não, isso aqui foi o tempo de maturação, de ficar imaginando possíveis saídas, inventando (sup./inint.) criando determinadas, eh, saídas, quer dizer, ousando. Na verdade, é um negócio que eles não costumam fazer muito, quer dizer, isso é incompatível com a tecnocracia, que você ousar (inint.) e por que não? Aí tinha que fazer certas experiências. No fim, quando o negócio deu certo, bom, está legal, agora **vamos fazer**, mas aí o prazo, o prazo já estava, estava virado. Não tem nenhum preconceito, dorme em cima da mesa, come sanduíche, dia tal, estava lá, bom, o quei. Bom, esse tipo de coisa, que hoje em dia, me preocupa, cada dia isso aqui é mais maluco, é mais (inint.) o que está no livro, porque aí entra, aqui, sarampo do filho, mulher do não sei quê, a secretária, é que o filme bacana que o cara viu, ou o que que o Ibrahim disse, e por aí vai embora.

D

Acho que é melhor terminarmos (riso).

Tema: "Meteorologia"

Inquérito 0118

Locutor 135

Sexo masculino, 60 anos de idade, pais cariocas

Profissão: médico

Zona residencial: Norte

Data do registro: 16 de outubro de 1972

Duração: 51 minutos

L

... o clima do Rio, quando começar. Essa distância está boa?

D

Está, está ótima.

L

Pode começar? Quando quiser, dá o sinal.

D

Pode começar.

L

Considero o clima do Rio profundamente desagradável, porque é um clima úmido e quente. Embora nascido e criado aqui, jamais pude apreciar este clima. Considero indesejável, prefiro o clima frio e seco. Muitas vezes indago por que os colonizadores teriam fundado a capital no Rio, não obstante as vantagens portuárias, transportes, comunicações etc. que incluem a capital, o Rio, digo, incluem o Rio como uma cidade, eh, naturalmente, eh, eh, localizada, para ser a capital do país. Mas isso não impediria que mais tarde se mudasse, pouco mais tarde se mudasse a capital para um sítio mais ameno. É fato que as figuras, eh, do império sofreram quando dom João VI teve que emigrar pro Brasil, houve queixas muito grandes da sua comitiva e, de dona Carlota Joaquina nem se fala, tinha horror ao clima do Rio. É a umidade, o calor que tornam o Rio assim desagradável. Muitas vezes tenho considerado São Paulo, em comparação com o Rio, superior a ele, porque São Paulo estando a oitocentos metros de altitude, embora seja um pouco úmido, já tem a favorecer a amenidade do clima. Petrópolis, perto do Rio, embora úmido também é um, é um clima agradável, muito bom. Não se pode negar a influência que tem o clima sobre a saúde e sobre o

comportamento das pessoas. Como disse, eu posso falar à vontade mal do Rio, porque sou carioca, filho de pais, pai e mãe carioca e dos quatro avós, um deles é carioca. Portanto, eh, sou credenciado a criticar a minha própria terra e mais ainda, sou bairrista. Acho que a mudança do, da capital pra Brasília foi um benefício para o Rio que ao tempo em que era a sede da capital sofria o mal das, dos políticos, eh, virem para cá. Eles traziam os seus protegidos, os seus desvalidos para protegê-los à custa do contribuinte carioca. Acho que foi um negócio excelente pra nós cariocas a mudança do, da capital para Brasília. Agora os pedintes vão pra lá, pra Brasília, para que os seus protetores, os seus padrinhos, os seus políticos cuidem deles. O clima do Rio, eh, como já disse, é desagradável. Torna-se pior ainda com a poluição atmosférica, fenômeno generalizado em todas as partes do mundo, as grandes cidades do Brasil não podem fugir a essa contingência, dizia eu, torna-se pior ainda e a poluição sonora também existente no Rio em alta escala, ah, fábricas de doenças, eh, cada vez mais numerosas e já a ponto de chamar atenção das autoridades para isso. O número de surdos e pessoas com hipoacusia, que é a diminuição da acuidade auditiva, já é muito elevada, muito elevada. As, as medidas pra esse fim não podem tardar, pra tornar o Rio mais habitável, menos difícil.

D

Agora, eh, o senhor vê uma diferença, assim entre Rio e São Paulo e Brasília (sup.)

L

(sup.) Sim (sup.)

D

Concretamente.

L

Bom (sup.)

D

(sup.) Do ponto de vista assim de clima, qual seria a diferença (sup.)

L

(sup.) Sob o ponto de vista de clima, eu nunca estive em Brasília, mas conheço os dados sobre, climatológicos de Brasília e considero o clima de Brasília muito superior ao do Rio e de São Paulo. Eu diria que o pior dos três é o Rio pelo seu elevado teor de umidade e temperatura (sup.)

D

(sup./inint.) durante o ano inteiro, ou o senhor acha que há diferença (sup.)

L

(sup.) Não, diferenças, eu digo, eu falo em termos médios. O verão no Rio é pior do que o verão de São Paulo e o verão de São Paulo é pior que o verão de Brasília. Brasília tem um clima ameno, pode ser criticado apenas pelo excesso de secura, o, o grau de umidade é mínimo em Brasília. Isso que também cria problemas, também cria problemas, mas o, o bem-estar é muito melhor em Brasília. Belo Horizonte é famoso pelo seu, pela amenidade do seu clima. Todo mundo elogia o clima de Belo Horizonte. O, o que é o clima de Belo Horizonte? É um clima seco, frio e seco. Faltando umidade o clima torna-se agradável. O próprio frio suporta-se muito melhor, como o calor suporta-se muito melhor, porque a umidade impede que o corpo perca calor, ceda calor ao ambiente. O equilíbrio térmico é um princípio pelo qual todos os corpos desigualmente aquecidos, quando em contacto, o mais, eh, o mais quente cede calor ao menos quente e o menos quente recebe calor do mais aquecido. O, o, o corpo humano e o ar que o cerca, eh, não foge a essa regra, cedendo calor, procurando ceder calor ao ambiente, se o corpo encontra um ambiente úmido, como é o caso do Rio, eh, o, tem muito mais dificuldade em compensa... e em consequência o mal-estar é grande. Essa é que é, é a dificuldade ... Para uma mesma temperatura, digamos, trinta graus centígrados, se o ambiente é úmido, o mal-estar é pronunciado, se o ambiente é seco, é um calor perfeitamente suportável.

D

Agora (inint.) em sua permanência no exterior (inint.) Estados Unidos, o senhor teve (inint.) do ponto de vista de clima, climáticos, diferente do que nós tivemos aqui?

L

Bom eu tive ... Sim, sem dúvida alguma, sem dúvida alguma. Nosso clima é tropical. Eu estive na Califórnia uma boa temporada onde o clima tem tonalidades tropicais, tem este sol intenso de grande luminosidade, tem poucas chuvas, mas não há termo de comparação, o clima lá é muito mais ameno. Já na costa atlântica, Nova York, por exemplo, é muito úmido, assemelha-se um pouco ao Rio. A Flórida é extremamente úmida e quente, o clima da Flórida já é tropical. O verão numa cidade da Flórida é muito parecido com o verão no Rio ou n... em Santos ou qualquer dessas cidades (sup.)

D

(sup.) O senhor esteve assim no exterior sempre foi em período de verão?

L

Não, não. Estive diversos climas, diversos, diversas estações, verão, inverno, primavera, etc. (sup.)

D

(sup.) Inverno, por exemplo.

L

Ah, inverno é sempre muito agradável, né, pra quem gosta de frio (sup.)

D

(sup./inint.) sua experiência (sup.)

L

(sup.) Como eu (sup.)

D

(sup.) De inverno.

L

O, o, o inverno a gente se agasalha e tem os recursos, principalmente nos Estados Unidos onde o conforto é uma, uma mística da população, encontram-se recursos capazes de compensar o desconforto do inverno. É mais difícil se compensar o desconforto do verão, embora con... consiga-se, o ar-condicionado melhora consideravelmente, e, e nos Estados Unidos o ar condicionado é, é comum, não há uma loja, uma casa comercial, um escritório, uma igreja que não tenha ar-condicionado pros ... Até os fiéis perdem a fé na sua religião se tiverem que enfrentar uma igreja desconfortável (riso). Os hospitais, eh, a, os centros cirúrgicos, as salas de operação, todas elas são graduados pra ser, eh, ter uma tem... a mesma temperatura o ano inteiro, agradável no inverno ou no verão. Bom ...

D

Eh, apesar de haver assim um inverno mais rigoroso, há também o, o mesmo problema de no... nosso calor (sup.)

L

(sup.) Há, há, conforme a região, os Estados Unidos, como o Brasil é um país enorme, de grande extensão geográfica e, e ainda com a, a, mais amplo porque tem costa no Pacífico e costa no Atlântico e nós só temos costa atlântica, não é?

D

(sup.) Hum, hum (sup.)

L

(sup.) De modo que pela sua extensão, os Estados Unidos tem praticamente todos os climas e embora em latitude diferente, ele tem climas muito parecidos, zonas onde os climas são muito, onde o clima é muito parecido com o nosso. E nós temos no Brasil frio intenso, nos, nos estados do sul, temos Porto Alegre um inverno ri... muito rigoroso, já estive no inverno em Porto Alegre e testemunhei isto, e (sup.)

D

(sup.) Como é que era isso?

L

Ah, é o, Porto Alegre é muito úmido e é um frio cortante, é um frio duro de se, de ser suportado, porque o frio úmido é tão desagradável quanto o calor úmido (sup.)

D

(sup.) Hum, hum (sup.)

L

(sup.) A, a umidade é a grande inimiga do bem-estar, do conforto.

D

E assim em termos de ausência de comodidades (riso) como há nos Estados Unidos como será, seria assim possível suportar esse frio nessas áreas do Brasil, do sul?

L

Aí, é evidente que depende da situação de cada local considerado. Lembro-me que quando estive em Porto Alegre, há muitos anos, o hotel dispunha de aquecimento, aquecimento nos corredores, aquecimento generalizado, era um hotel considerado de primeira classe em Porto Alegre. Acredito que hoje, eh, todos os hotéis tenham aquecimento e até mais amplo, aquecimento elétrico, aquecimento melhor, mais modernizado, mais adiantado. Mas na, na época que lá estive era aquecimento por meio de aquecedores a vapor (sup.)

D

(sup.) Hum, hum (sup.)

L

(sup.) Mas que eram al... altamente satisfatórios. Agora saía-se do hotel, entrava-se no frio da rua e nas lojas não havia aquecimento, uma ou outra casa particular, geralmente de pessoas estrangeiras, encontrava-se com lareiras (sup.)

D

(sup.) Hum (sup.)

L

(sup.) São Paulo algumas casas antigas têm lareiras, também. No Rio não há lareira, a não ser pra enfeitar, mas pra funcionar não (riso).

D

Agora me diz uma coisa (inint.) estava no Rio (inint.) atrás, chuvas (sup./inint.)

L

(sup.) Ah, estava. Começo do governo Negrão de Lima (sup./inint.)

D
(sup./inint.)

L
(sup.) Fiquei muito agradecido àquelas chuvas porque os políticos nunca deixaram demolir barracos, né, e aquelas chuvas fizeram o favor de demolir barracos, botar abaixo, seja por que processo for, embora desumano, era preciso demolir barracos e as chuvas fizeram esse favor. Sob esse ponto de vista, Cristo mostrou-se muito amigo do carioca, ah, diminuindo o número de barracos, porque os barracos do Rio são um fruto da politicagem (sup.)

D
(sup.) Hum (sup.)

L
(sup.) Desde que se inventou, desde que se deu voto a todo mundo, ah, os políticos passaram a proteger os favelados, porque os favelados, eh, votam. Se o favelado não vo... votasse, estaria entregue ao deus-dará. Mas como ele vota, tem sempre um político para, eh, protegê-lo, para encobri-lo. Não importa que isso resulte um prejuízo para a população inteira. Repare que sob o ponto de vista de saúde pública, a existência de favelas é uma, um insulto, é uma barbaridade, é inadmissível, sob o ponto de vista de saúde pública, nós temos alguns milhares de pessoas morando nos morros, eh, lançando seus dejetos no chão, urinando e evacuando no chão, e quando a chuva vem esses, esses dejetos são trazidos pra quem mora cá embaixo, pra quem não está no morro (sup.)

L
(inint./sup.) o senhor está fazendo uma relação com, com o problema topográfico, a topografia da cidade do Rio de Janeiro, eh, problema do Rio que foi construído em vales e (sup.)

D
(sup.) Sim, mas foi, esta... sempre existiu assim, mas não foi pra que os, os, os sem teto fossem fazer teto lá em cima, vivendo em condições sub-humanas e tornando as condições de vida dos que não moram em favelas ruins, piores. Sob o ponto de vista de saúde pública, o Rio é uma cidade, eh, péssima, uma cidade de baixíssimo índice, ou, aqui já é rotina os desarranjos inter... intestinais. De onde vem isso? Vem das péssimas condições sanitárias da cidade, principalmente devido à existência de favelas. Durante uma fase da minha vida eu trabalhei em saúde pública aqui no Rio e tive a oportunidade de conhecer bem esse problema. Mas tudo vale, menos falar-se em demolir barracos. Falou em demolir barracos ... Já há até uma classe, classe de favelados. Como se ... Eles não pagam impostos. Vá-se ver quanto paga um favelado de imposto de renda ou de imposto ... Não paga imposto nenhum, não paga nada. É, é uma classe que chega, invade um terreno de terceiros ou do governo que seja, então go... é de nós todos. Não é permitido que um vá usufruir aquele terreno pra produzir, eh, mal para os outros, pra trazer prejuízos, pra trazer aborrecimentos. Acho benemerita essa campanha do BNH e da COHAB de construir casas e remover os favelados e peço a Deus que isso se efetive o mais depressa possível pra livrar, livrar o Rio desta praga, deste (sup.)

D
(inint./sup.) eh, eh, o senhor acha que esse problema também atinge problema de poluição de mar?

L
Atinge tudo. Problema de poluição de águas de modo geral. O, o, a, as condições, aí, já aí os favelados não têm nada com isso mais, que o nosso mar já é poluído, não se pode mais tomar banho em, em Copacabana, em Ipanema, no Leblon, em nenhuma praia da zona sul, na Urca, Praia Vermelha, onde seja, porque a água é poluída, quem quiser vê lá detritos de lixo boiando na água e fezes, é, é só entrar na água, não precisa entrar na água não, chegar na beira da praia, na arrebentação e olhar, com água pelo tornozelo e ver a quantidade de fezes e de lixo que existe boiando na a... na, na água. Por quê? Porque antigamente quando era uma cidade pequena, este, eh, essas, esses dejetos eram levados em chatas e lançado no mar alguns quilômetros de distância daqui, onde as correntes marítimas já, já conhecidas, levavam para longe. Com o crescimento da cidade e a entrega dos serviços ao estado, porque antigamente quem fazia serviço com as chatas era uma concessionária chamada City Improvements, passou ao go... ao governo do estado e o estado não deu aos navios, às chatas que faziam, ah, o transporte dos dejetos para os locais adequados e passaram a lançar por aí mesmo, aqui nas proximidades e as correntes trazem pra praia, o número de casos de hepatite cresceu fabulosamente, as diarreias, as perturbações de toda ordem, as dermatoses, etc. As doenças que se apanham na praia são imensas e são numerosas, digo eu.

D
E isso varia assim com a fase do, do mar?

L
Não. Varia com a freqüência às praias. No verão a incidência dessas doenças são muito maiores porque é muito maior o número de pessoas que toma banho de mar (sup.)

D
(sup.) Hum (sup.)

L
(sup.) Nos meses mais frios e chuvosos diminui a freqüência às praias, diminui o número de vítimas (sup.)

D

(sup.) Hum (sup.)

L

(sup.) De candidatos à infecção. Eu sou um carioca que lamento muito ter deixado de tomar banho de mar, coisa que eu sempre gostei a vida inteira. Depois que o mar ficou desta forma, deixei de tomar banho no Rio e Icarai, as praias de banho é a mesma coisa, pior ainda porque as que estão dentro da baía são mais sujas ainda.

D

(inint.) o senhor tem assim tido hábito de sair durante as férias pra (sup.)

L

(sup.) Ah, tenho, tenho (sup.)

D

(sup./inint.) pra onde? (sup.)

L

(sup.) Como eu vou sempre pra montanha, vou sempre pra lugares frios, gosto muito do sul de Minas e gosto de permanecer nesses lugares, eh, onde há repouso, onde há ar puro, ainda a poluição atmosférica e a sua (inint.) ainda não atingiram essas cidades (sup.)

D

(sup./inint.) dar uma idéia desse, nesse contato que o senhor procura com a natureza (sup.)

L

(sup.) Pois não (sup.)

D

(sup.) O que que o senhor observa, o que que o senhor vê, o que que o senhor valoriza, o senhor acha que (sup./inint.)

L

(sup.) Eu valorizo a minha saúde, valorizo o, o que eu vejo é um ambiente que eu gostaria de ter na minha terra. Eu costumo ir pra Caxambu, é uma cidade no sul de Minas, a cerca de mil metros de altitude, clima seco, dotada, a cidade dotada de todo conforto, de modo que tem-se no Rio tudo que se precisa ter numa cidade, tem-se, digo, em Caxambu, tudo que se precisa ter numa cidade civilizada, com um clima privilegiado, uma tranqüilidade invejável.

D

O senhor sai assim pra passear?

L

Caminho pelas montanhas, pelas estradas, ah, diariamente ando a cavalo, ando a pé, faço banho, tomo banho de piscina, faço esporte, eh, durmo durante o dia e sobretudo não olho para o relógio, porque o relógio é o maior inimigo dos que têm o que fazer nesta cidade, estar-se sempre com o olho no relógio para que a próxima obrigação a cumprir não seja atrasada. Os dias de férias são os dias da minha forra. A forra do relógio, vou pra Caxambu sem olhar pro relógio, a não ser no dia da volta.

D

Sei. Agora, como é que são os passeios (inint.) o relaxamento, aí esse, esse contato com a natureza é mais, eh, não é sob a pressão do relógio, certo, então ele se faz pela natureza em si, que na cidade nunca se tem essa oportunidade, né?

L

Perfeito. E (sup.)

D

(sup.) E o que que o senhor observa de noite, durante o dia?

L

Observo que é, é aquele ambiente ideal de paz e de tranqüilidade, de calma, eh, pode-se olhar uma paisagem nova sem preocupação, sem ruído, sem ser amolado, sem ser incomodado, sem ter obrigação de ir daqui para ali, pra fazer aquilo ou aquilo outro. Pode-se ler um livro, pode-se estudar num ambiente ideal de tranqüilidade. Isto é o que representa esses lugares. E eu sempre recomendo aos meus clientes, eh, às pessoas que precisam de repouso, que não vão, que não vão pra esses lugares em ocasiões de veraneio, porque uma porção de gente vai e esses lugares perdem a tranqüilidade!

D

Hum, hum.

L

Deve-se ir para esses lugares em ocasiões fora do veraneio. Agora, por exemplo, é ótimo porque esses lugares estão vazios, só tem a população local. Raríssimos veranistas, raríssimos visitantes. De modo que pode-se usufruir de todo aquele sossego, de todo aquele bem-estar e sobretudo de uma população inteira querendo servir a gente, porque são poucos os que têm lá, para, que eles têm obrigação de atender, de modo, os que, eh, os que lá estão são muito bem servidos e atendidos. Há um, um lucro muito grande de saúde, há um, um, é, é um investimento grande. Eu me refiro a Caxambu como pode ser qualquer outro

lugar, quem gosta de praia pode ir pra Ubatuba, pode ir pra São Sebastião, pode ir pra U... pra Cabo Frio, para lugares onde se tem o mesmo repouso à beira-mar.

D

Agora, eh, eh (inint.) Caxambu a mil metros de altura (sup.)

L

(sup.) Cerca de mil metros de al... (sup.)

D

(sup.) Não há vento lá (sup.)

L

(sup.) Não há vento (sup.)

D

(sup.) Não? (sup.)

L

(sup.) Não, não. Como de resto, Campos do Jordão também não. Cidades, eh, de beira-mar são mais sujeitas a correntes de vento do que as cidades de montanha.

D

Normalmente?

L

Normalmente.

D

Mesmo no período de inverno?

L

Mesmo no período de inverno. Caxambu não tem, não tem vento.

D

E, por exemplo, o Rio teve, já teve as grandes enchentes aqui, tudo no período de verão, né?

L

Sim, mas é uma, é uma consequência da nossa geografia. Montanhas à beira-mar, a água cai nas montanhas tem que escorrer pra o, a, o, o, para a parte baixa, onde estão as ruas da cidade, daí as enchentes. Se nós morássemos nas montanhas e nunca precisássemos vir à parte baixa, não tomaríamos conhecimento das enchentes. Se fosse possível todo mundo morar no Alto da Boa Vista, no Sumaré, no Corcovado, em todos esses morros, no morro do Andaraí, eh, morro da Gávea, pedra da Gávea, etc. se morássemos lá, sem jamais descermos, não tomaríamos conhecimento das enchentes, não é verdade?

D

É, e, a, e, por exemplo, eu atribuo muito a, a um, teria chovido demais e, e não ao, ao (sup.)

L

O excesso de chuvas, só, não pode ser responsabilizado. O excesso de chuvas é um componente do quadro, um, uma das geratrizes, um dos fatores da enchente. Há outros fatores como a dificuldade em escoar essas águas. A cidade é pavimentada e quando se pavimenta uma rua, cuida-se de fazer um sistema de escoamento para as águas, naturalmente a previsão não é para águas em excesso, porque então não haveria dinheiro que chegasse para as obras públicas de escoamento. E o excesso de água é que gera as enchentes, como de resto acontece em todas as cidades em todas as partes do mundo. Se a água que cai é excessiva, é uma tromba d'água, é uma, uma tempestade de grande precipitação volumétrica, aí então há a enchente at... que é uma consequência da impossibilidade de se prever toda a quantidade de água que vá cair (sup.)

D

(sup./inint.) tem idéia assim, por exemplo, desses informes a respeito das condições de tempo, eh, em jornais, televisão (sup.)

L

(sup.) Sim. Olha, pode reparar que o interesse público pela meteorologia aumentou à medida em que os serviços meteorológicos melhoraram a, a sua, a sua previsão. Antigamente era objeto de troça a previsão do tempo, porque falhavam com frequência e erravam muito. Os meteorologistas não dispoem de equipamento adequado, eh, faziam uma espécie de adivinhação na previsão do tempo. Há uns tempos para cá, eh, devidamente equipados e com gente treinada, o serviço de meteorologia passou a oferecer ao público um serviço, eh, no qual se pode confiar. Raramente há um erro de previsão e o povo interessou-se, o, eh, pode reparar que a maioria das pessoas comenta hoje favoravelmente os serviços de previsão do tempo, eh, dizendo: eles acertam. E passaram a acreditar e porque, de fato, raramente, eles erram. Eh, há um interesse. Em consequência desse bom serviço de previsão do tempo, há um interesse geral, o povo já lê, eh, o, as previsões e acredita nas previsões porque sabe que elas são certas. É, é um aspecto muito interessante que os, as pessoas idosas como eu, ah, notam. A, a desmoralização antiga do serviço de meteorologia e o bom conceito que tem hoje esse mesmo serviço, explicados pelas falhas antigas e pelas, pelo acerto das previsões de hoje. O, a mais, o povo entra nesses nu... nesses detalhes, eh, técnicos, eh, zonas de pressão alta, linhas isobáricas e outras expressões técnicas (sup.)

D

Costuma ler, assim, as, as indicações em algum jornal? (sup.)

L

(sup.) Costumo, costumo ler mas sem me deter, procurando apenas ver a previsão. É meu hábito como penso que mui... de muita gente ler a previsão do tempo.

D

(inint.) por exemplo, há, há uns quinze dias atrás eles estavam anunciando uma mudança no tempo e realmente houve essa mudança. O senhor acompanhou o que foi?

L

Acompanhei e, e durante esses dias todos (sup.)

D

(sup.) Acompanhou. Podia mais ou menos descrever o que foi que houve assim do ponto de vista de temperatura, de (sup.)

L

(sup.) Não, não havia nada de especial só aquela previsão do tempo sempre, eh, dando previsão do tempo nas próximas vinte e quatro horas, eh, tempo instável, sujeito a chuvas, eh, eh, eh, possivelmente prolongado, devido achar-se a caminho uma frente fria, ele sempre informando as frentes frias que estavam a caminho, de onde vinham, que deviam atingir dentro de tantos dias, dois dias, três dias, atingir o Rio, às vezes uma frente fria que vem a caminho se dissipa e a, a, eles corrigem a previsão, não haverá mais a chuva, sempre com bastante tempo, eh, de modo a que isso eu lia com um, um interesse normal que todo mundo tem pra saber se **vai chover ou fazer** bom tempo. (riso)

D

E agora outra coisa que eu acho que também é interessante como objeto de observação é que eles sempre fazem uma espécie de comparação com outras regiões. O senhor tem olhado isso também ou, ou não?

L

Não (sup.)

D

(sup.) Não (sup.)

L

Não. O tempo que nas outras regiões vem informado, mas eu não, nem leio, não me interessa. O que me importa o tempo em Pernambuco ou o tempo em, eh, Brasília. Agora, acho úteis essas informações porque quem **vai viajar** pra Pernambuco ou mesmo viajar pra Brasília **gostará** de saber como está o tempo lá, no dia da sua viagem. Principalmente os que viajam de avião, pra não estarem sujeitos ao, ao desconforto de uma interrupção de viagem, de uma demora, de não poder descer porque o aeroporto está interdito devido ao, ao mau tempo, a visibilidade zero e a outros fatores desse tipo que, eh, influenciam as viagens de avião. Quem vai de automóvel também, porque a viagem com chuva é muito mais penosa e mais arriscada do que a viagem com tempo seco.

D

O senhor, por acaso, já teve assim alguma experiência assim de viagem com tempo (inint.)

L

Já, já. Por diversas vezes já tive experiência de viajar, principalmente de avião e prefiro não viajar de avião se a previsão do tempo não é boa.

D

Como é que foi que ...

L

Ah! São choques que o avião leva, né, naquelas quedas que os, os, os aviões dão ao passar nas zonas de tumulto atmosférico, ao passar naquelas bolsas, que eles chamam bolsas de vácuo, que determinam a, a queda do avião, é muito desagradável pra quem está no avião embora não represente perigo de vida, mas é muito desagradável.

D

Agora, há, há pessoas assim às vezes observadoras e notam, por exemplo, diferenças no céu, tipo de nuvem, reconhecem, eh, qual é a nuvem que é nuvem de chuva, qual que não é. O senhor por acaso tem alguma vivência, experiência desse tipo?

L

Não nenhuma (sup.)

D

(sup.) Nenhuma? (sup.)

L

(sup.) Nenhuma, sou completamente desinteressado e desinformado a esse respeito. Me limito a ler as previsões e, e me guiar por elas. Em uma fase da minha vida eu fui fazendeiro e, no sentido de que tinha uma fazenda, embora morasse no Rio e só fosse à fazenda em fins de semana. Nessa ocasião eu me interessei muito porque a, o tempo é um fator importantíssimo para quem tem fazenda, porque a água é a essência do fazendeiro, da vida do fazendeiro. Sem água os pastos, o verde morre, o verde seca e sem

verde não há vida animal possível. As, o prejuízo é enorme. O fazendeiro não pode dar um cruzeiro a cada vaca e mandar ela comer no restaurante (sup.)

L

(sup.) Sei (sup.)

L

(sup.) Ele tem que providenciar comida todo dia pra vaca de qualquer maneira. Eu digo a vaca como pode ser o carneiro, pode ser o cavalo, pode ser o animal que for, que ele cria, ou o porco, ou o que for, ele tem que providenciar a comida, não pode comodamente meter a mão no bolso e dar um, um dinheiro: vá comer no restaurante. Não pode fazer isso, então a, a, a comida de quem mora na fazenda, dos animais que, que estão na fazenda, depende da água, a água é fundamental. Tive muitos prejuízos por falta d'água e prejuízos por excesso de água. O fazendeiro sofre barbaramente.

D

Qual é a, a região, a área em que o senhor tinha (sup./inint.)

L

(sup.) Estado do Rio, vale do Paraíba (sup.)

D

(sup./inint.)

L

(sup.) E município Paraíba do Sul e criava, produzia leite (sup.)

D

(sup.) Sim (sup.)

L

(sup.) Criava gado leiteiro, atividade que eu algum dia **retornarei** se ficar rico (sup.)

D

(sup.) Sim (sup.)

L

(sup.) Em vez de comprar um iate, eu compro uma fazenda, mas sempre pensando que a fazenda é como o iate, um lugar de recreio, porque ninguém pode pensar que seja lucrativa uma atividade, cujo produto de renda, cuja, eh, venda do produto é tabelada, mas produto esse que para ser produzido custa muito caro, depende de uma porção de coisas que não são tabeladas. Então é uma injustiça muito grande, o fazendeiro tem que comprar sal, arame farpado, torta, eh, mão-de-obra, paga impostos, cimento, parece mentira mas cimento é, é indispensável a quem está em fazenda, grampos, moirões de cerca, uma quantidade enorme de materiais que ele precisa e, eh, produtos veterinários, que ele tem que comprar a qualquer preço, do contrário ele tem um prejuízo enorme, para que ele possa produzir leite. Agora, o que ... Toda semana sobem o, os preços dessas utilidades, mas o leite do fazendeiro é tabelado, porque na hora que o fazendeiro quer um centavo a mais pelo seu preço, as autoridades chamam-no de tubarão, que é ali... alimento das crianças, alimento dos pobrezinhos, alimento dos desvalidos, e o fazendeiro então entrega todo o seu patrimônio e **vai ser** desvalido, **vai passar** pro outro lado e pedir esmola, porque é, é uma, um sistema de dois pesos e duas medidas, com, tudo é tabelado, tudo aquilo que o fazendeiro precisa é tabelado e o seu, preço do seu leite está vinculado a estas coisas e basta subir um item que ele **terá** que subir imediatamente o preço do leite, ou então nada é tabelado e o leite também não é tabelado. O sistema que existe é um sistema injusto para com o fazendeiro. Talvez se não houvesse essa injustiça, em vez de eu ser médico, eu fosse fazendeiro. Mas como é, atualmente, não é possível ninguém sobreviver. A senhora pode ponderar: ah, mas existem muitos fazendeiros que até enriquecem! Perfeitamente. Como há pessoas que enriquecem com salário mínimo, basta não comer, não se vestir adequadamente, não cuidar da saúde, viver como animais, dormindo em choças, vivendo em condições infra-humanas e todo ... O dinheiro funcionando em mão única, o dinheiro só entra, não sai. Então é possível qualquer um ficar rico, até quem ganha salário mínimo.

D

É, agora, e o aproveitamento (inint./sup.)

L

(sup.) O gado de corte é um, é um tipo de atividade diferente. Exige capitais imensos porque é preciso um latifúndio para que se crie um gado de corte. O (sup.)

D

(sup./inint.) depende da extensão?

L

Depende da extensão de terras, o que não, não é possível em, em áreas próximas aos grandes centros. O gado de corte é criado em Mato Grosso, é criado no norte de Minas, em áreas onde a terra é mais barata, para que possa ser possível a criação do gado de corte.

D

E in... influi nisso o clima?

L

O clima influi, muito, muito, porque, eh, do clima decorrem as condições da, da, de vida do animal nessas áreas. Por exemplo, o vale do Paraíba, onde eu tive fazenda, é absolutamente inadequado porque é calor, eh, clima quente e úmido. Há grande quantidade de parasitas, como, como o berne, por exemplo, que dá nessas regiões. No pantanal do Mato Grosso, não há berne, no Triângulo Mineiro não há berne, o berne está vinculado a certas áreas e o berne é um inimigo tremendo do gado, o carrapato é outro parasita, eh, causador de grandes prejuízos, grande sofrimento, o, o, o gado não engorda devido ao berne, o gado sofre devido a, ele transmite doenças, o carrapato, em certas áreas não existem carrapatos. Então isso tudo está vinculado ao clima, a, a área, a zona e isso pra não falar nas pastagens. Em certos lugares, por exemplo, no Triângulo Mineiro que é uma zona de criação, o capim jaraguá é nativo, ele cresce com uma força extraordinária o ano inteiro. O fazendeiro não tem seca, não precisa comprar torta pra sustentar o gado, ele pode comprar pra suplementar a alimentação de certas fases do ano, mas se ele não tiver dinheiro pra comprar, o gado dele também não morre de fome, porque ele tem o capim jaraguá o ano inteiro.

D

Eh, o, outro problema também é a influência de raça animal, pra ser, dar mais lucro? (sup.)

L

(sup.) Ah, isso é evidente, há raças leiteiras e há raças de corte. Dentro das raças leiteiras há umas mais, eh, umas cuja produção o leite é mais gordo, tem mais teor de gordura e outras de leite de menos teor de gordura. A raça 'jersey', por exemplo, é uma raça de alto teor de gordura, em compensação, o volume de leite produzido por uma vaca 'jersey' não é tão grande quanto o volume produzido por uma vaca holandesa. A vaca holandesa produz maior volume, em compensação menor teor gorduroso. Uma coisa compensa a outra (sup.)

D

(sup.) Por acaso ... Nós estamos fugindo completamente da área, mas está me interessando assim ter uma informação, eh, sobre ... Hoje em dia fala-se muito assim no, eu não sei exatamente o que que é, mas uma coisa, semi-estabilização, estabilização, tipo de (sup.)

L

(sup.) Ahn (sup.)

D

(sup.) Eh, desfrute mínimo no Brasil, então, pra aumentar (sup.)

L

(sup.) É, é (sup.)

D

(sup./inint.) seria possível assim o senhor dar alguma idéia (sup./inint.)

L

(sup.) Não muito, mas tenho idéia do que seja. Ah, pode ser o, o, o gado pode viver em regime de campo, que é o gado livre, que a maioria das fazendas adota esse regime, e o regime de estabulação, que é o gado preso no estábulo e o chamado regime misto ou de meio campo, meio estabulação, meio campo, o gado passa parte do tempo no estábulo e parte do tempo solto. O, o, o, esse regime chamado de confinamento mantém o gado preso ce... num, num cercado e, e sempre com alimentação à dis... ao dispor. Então o gado come freqüentemente e fica parado, não tem como gastar suas energias e aquelas calorias transformam-se em gorduras, o gado vai aumentando de peso constantemente. Essa é que é basicamente, eh, o quadro que é a razão de ser dessa, desse regime (sup./inint.)

D

(sup.) E é mais econômico?

L

Aparentemente sim, dependendo da área, da região, tudo depende do, da, da, dos recursos que dispõe o fazendeiro. O fazendeiro é um desamparado, é um pobre, embora seja um, um dono de terras, muitas vezes la... latifundiário até, mas ele não dispõe de, de dinheiro nenhum, nenhum. Esse, eh, daí ele não poder adotar, eh, métodos modernos do tratamento do gado, pra melhoria da sua qualidade, da sua produção, da alimentação do gado. Vital, a alimentação do gado é vital para que o gado possa ou crescer e dar carne mais depressa, porque enquanto o fazendeiro está esperando, o fazendeiro do gado de corte, enquanto ele está esperando o bezerro crescer, ele não está ganhando nada, está gastando. Quanto mais depressa o bezerro crescer e chegar no ponto de poder ser vendido pro corte, me... melhor para o fazendeiro. E o fazendeiro do gado de leite quanto maior número de litros de leite produzir por dia uma vaca, melhor para ele. Esses são os, os, os dados fundamentais da atividade de cada um deles. Ou corte, ou, ou pecuária, ou corte ou pecuária do leite (latido)

D

E em termos de desgaste (inint.) conteúdo protéico do leite é imenso, quer dizer, o que deve ser em termos de exigência da produção de leite é muito grande, né (sup./inint.)

L

(sup.) Bom, o ministério da Agricultura, os técnicos, etc. têm tabelas adequadas pra isso. Os fazendeiros se guiam por aí, a quantidade de tortas corresponde a tantas calorías, etc. isso ... Empiricamente o fazendeiro solta o, eh, o gado no pasto, havendo pastagens verdes não há problema nenhum, o gado por si mesmo

sabe qual é a quantidade que ele precisa, o que o fazendeiro tem que dar é o sal no coxo, porque o sal, eh, o animal precisa e não tem como obter se o fazendeiro não der, fora disso ele solta no pasto, ele come à vontade. Agora, faltando pasto o fazendeiro tem que suprir as necessidades calóricas, calóricas do gado com as rações, com os outros recursos. Mas nós começamos falando em clima (sup.)

D

(sup.) É e acabamos (sup.)

L

(sup.) E acabamos falando em gado.

D

E eu agradeço.

Tema: "Tempo cronológico"

Inquérito 0234

Locutor 279

Sexo masculino, 44 anos de idade, pais cariocas

Profissão: dentista

Zona residencial: Sul e Norte

Data do registro: 27 de junho de 1974

Duração: 38 minutos

D

A gente podia começar (sup.)

L

(sup.) Pois não (sup.)

D

(sup.) Com tempo cronológico na sua, em relação ao seu trabalho por exemplo.

L

O meu trabalho?

D

É, como é que é dividido o seu tempo?

L

Bom, o meu tempo eu divido, eu tenho dois, vamos dizer, eh, dois tipos: um, sou funcionário. Sou funcionário, trabalho para uma repartição que é o INPS, então eu divido, a parte, de manhã eu dedico ao INPS e a parte da tarde dedico à minha clínica. É essa a minha, minha divisão, vamos dizer, né, a divisão do meu tempo profissional, é o tempo que eu gasto com a minha profissão, de manhã, numa parte, como já disse, é função pública e outra, particularmente, o meu consultório.

D

Nessa parte da manhã o senhor tem, eh, um horário rígido?

L

Não, horário rígido não. A senhora sabe que funcionário público não há horário rígido não, e nem o profissional liberal tem um horário rígido. Pela lei tem, mas cumprimos, cumprimos praticamente horário rígido, uma vez ou outra, como todo mundo faz, há uma necessidade de sair mais cedo um pouquinho ou de chegar mais tarde um pouco. Mas em geral o horário é cumprido.

D

Chegar mais cedo ou sair mais, eh, sair mais cedo ou chegar mais tarde pressupõe uma hora, né?

L

É, pressupõe-se uma hora, é. (sup.)

D

(sup.) Qual seria o horário oficial então?

L

Vamos dizer, de oito às onze. Mesmo porque eu trabalho, eh, numa zona sul da cidade, aliás eu moro na zona sul e meu trabalho é na zona norte, então é de, é no bairro de Coelho Neto. Para melhor explicar, quem vai ao Rio, quem vem ao Rio, que vai para São Paulo, é depois da entrada da, da estrada Rio-São

Paulo, então mede mais ou menos uns trinta e pouco quilômetros de casa. Quer dizer, pra mim chegar lá às sete horas da manhã, mesmo porque não pode chegar às sete horas da manhã, porque **vamos chegar** lá às sete horas da manhã, então o serviço inicia, iniciando o serviço às sete horas, **vai ser** esterilizado, então nós **vamos ter** que ficar esperando o pessoal subalterno preparar todo o material. Então a nós praticamente não interessa chegar no horário de sete horas que é o horário oficial, porque nós não **vamos ter** nada o que fazer. Então temos que esperar, chegar um pouco mais tarde, que é pra dar tempo de haver esterilização, apanhar as fichas no arquivo, pra deixar tudo em ordem, pra quando nós chegarmos. Quer dizer, então esse horário rígido, pra nós, profissionais, não pode praticamente ser cumprido por essa razão, a não ser que o subalterno chegasse mais cedo ainda, que aí já, a lei já não, não ampara muito.

D

Quanto tempo o senhor leva da sua casa até Coelho Neto?

L

(riso) É longe. Pode botar aí uns trinta, quarenta minutos de automóvel.

D

Pra voltar a mesma coisa?

L

Pra voltar também, uns vinte, trinta minutos, porque aí eu fico mais perto do consultório. Meu consultório aí já não, é mais perto do meu local de trabalho, quer dizer, desse trabalho aí de manhã do que da minha residência.

D

O senhor vem de lá direto pra cá pro consultório?

L

Venho de lá direto pra cá (sup.)

D

(sup.) E o almoço?

L

Ah, almoço aqui pela praça, almoço na casa de meu pai, que também é aqui na Tijuca, eh, meu, almoço ... Eu nunca vou em casa almoçar, nunca vou em casa almoçar.

D

E o senhor tem (inint.) um tempo estipulado pra almoço?

L

Ah, tenho, porque infelizmente a odontologia, eh, quase todas as profissões, mas a odontologia requer muito a precisão de horário e eu gosto de precisão de horário, gosto que o cliente chegue na hora e como gosto de atender também o cliente na hora. Então eu inicio uma hora, uma e meia, geralmente uma e meia, que eu inicio. Eu saio de lá por exemplo às onze, chego onze e meia, quinze pra meio-dia, às vezes, vou almoçar, quer dizer, pra uma e meia, então não dá tempo de vim aqui, ver alguma coisa ou ter alguma coisa, ir ao banco, ir a um protético, tratar de algum assunto, então é uma faixa muito curta, é muito rápida, né? Mas então é essa correria, a senhora fala de pro... problema cronológico, não é, o assunto é esse, então o problema é muito sério, pra mim é, porque eu respeito muito o horário, gosto de respeitar e quero que os outros respeitem também. Sou muito, procuro sempre ser assíduo no meu, no, nos meus encontros.

D

Me diga uma coisa, o senhor disse que gosta que seus clientes cheguem na hora, não é, na hora certa (sup.)

L

(sup.) Gosto.

D

Como é que o senhor faz na sua, aqui na sua clínica (inint.) atendimento? (sup.)

L

(sup.) Marco hora, marco a hora (sup.)

D

(sup.) Ah, porque alguns profissionais fazem diferente, não é?

L

Fazem.

D

Por exemplo o tempo que eles marcam e, digamos assim, o, o que eles cobram.

L

O que eles cobram. Bom, cobrar por hora, eh, sim, cobrar por hora ou não. Eu não, não uso esse sistema ainda não e, eh, já habituei, mas gosto de marcar hora para que eu possa trabalhar com calma e também o cliente não ficar esperando, porque é uma coisa horrível, é muito cliente na sala de espera, sabe? Isso, eh, isso é debatido entre os profissionais, os comentários, eh, de maneira que eu procuro, e o cliente também não gosta de esperar, é desagradável ficar esperando, é desagradável. Lá no INPS eu, quando posso atender, atendo o mais rápido possível, porque acho que esse negócio de ficar conversando, vamos tomar um cafezinho, bate-papo e o cliente ficar esperando é bem desagradável pra quem está esperando e

quem precisa principalmente. Eu sou contra isso, eu acho que tem que fazer, deve fazer logo. Às vezes fico depois sem fazer nada, às vezes termino, não tem mais cliente, fico às vezes sem fazer nada, mas atendo os clientes primeiro, porque chegam cedo, não gostam de ficar esperando e aqui também, estão pagando e é desagradável chegar aqui, ficar uma hora, hora e meia esperando que o profissional atenda. De maneira que eu, é, é um ponto que eu sempre me bato aqui e digo aos clientes que cheguem na hora e procuro atendê-los. Se eu atraso, às vezes acontece, a senhora por exemplo chegando numa, com um problema de solução imediata, problema de dor, uma hemorragia, um problema qualquer, então eu atendo. Às vezes **vai me atrasar**, aí sim, hoje eu tive um atraso aqui (inint.) meio atrasado, porque houve um conserto aqui (inint.) deveria trazer um cliente e os outros então, pela ordem os outros também foram atrasando, mas não gosto de atrasar e nem gosto que se atrasem. E nos meus compromissos também. Fora daqui eu procuro ser sempre pontual.

D

No INPS, eh, (ruído) o senhor tem sempre uma quantidade certa de clientes (sup.)

L

(sup.) Sempre uma quantidade (sup.)

D

(inint./sup.) o tempo, eh, dado a esses clientes é mais ou menos médio pra todos eles? Como é mais ou menos o trabalho?

L

Não entendi, o tempo, eh, tem um número certo de atendimento. E agora a outra sua pergunta eu não entendi.

D

Se cada cliente ... Como é que o senhor distribui o tempo da, da sua manhã por esses clientes?

L

Bom, não, não se distribui não, nós vamos, olha aqui, eh, vam... vamos atendendo, atendendo o mais rápido possível, porque o número é muito grande para o horário. Em, em relação ao horário, o número de clientes 'e grande, são dezesseis, dezoito clientes, pra três horas, quatro horas, se dividir isso em minutos, **vai ver** que é muito pequeno. Então nós procuramos atender o mais rápido possível, porque alguns casos existem dificuldades, tem alguns casos mais difíceis, que se demora mais, que se demora, eh, então nós procuramos atender porque, para que, porventura apareça, se porventura aparecer um desses problemas, nós temos tempo ainda pra não nos atrasarmos na saída, mas não há um tempo assim certo para, por cliente não. Há tantos clientes, tantos, tantos minutos, tantos clientes, não. Atende-se na medida de que vai, vai atendendo: ah, terminou um, entra outro, terminou um, entra outro. De maneira que um número assim certo, eh, tempo certo por cliente não tenho.

D

Agora particularmente o senhor tem uma certa regularidade por exemplo pra dormir, pra acordar (sup.)

L

(sup.) Tenho, tenho, regularidade tenho. Tenho por força da profissão, que eu acho que a profissão é muito cansativa, então eu procuro deitar cedo, geralmente dez, entre dez, dez e meia, e acordo seis horas, isso é hora de acordar. Seis horas eu acordo todo dia e deito, procuro deitar cedo, porque a profissão é cansativa, né, chega no fim do dia as pernas estão cansadas e, e a posição, é lógico que se trabalha um pouco sentado, mas então vamos prevenir.

D

O senhor acorda seis, seis e meia, o senhor acorda naturalmente ou o senhor precisa (sup.)

L

(sup.) Não, não, não, não acordo naturalmente não. É despertador mesmo. Agora o problema é o seguinte: é que, chega no domingo, eu acordo cedo, né? Só se eu dormir bem tarde, então às vezes eu procuro dormir tarde para poder acordar mais tarde, sentir o prazer às vezes um pouquinho, de ficar na cama, é, porque não tem, não tem, minha mulher às vezes reclama: ah, mas ... Minha mulher também acorda, por força das circunstâncias ela acorda cedo, minhas filhas também acordam às seis horas, entram sete horas no colégio, então ela acorda cedo, então por força das circunstâncias, ela acordando cedo, habituou também a acordar cedo, e ela às vezes se revolta contra isso: poxa, nós não conseguimos nunca acordar tarde e tal. Só quando saímos, vamos com amigos às vezes a um teatro, depois **vamos fazer** uma ceia ou, ou **tomar um chope**, aí acho que dormindo mais tarde, aí sim, fica se um pouquinho mais, né? Mas via de regra eu, domingo, sete horas, no máximo, já estou acordado e não consigo mais.

D

Agora uma, uma coisa, uma, um detalhe que me interessaria muito, o senhor podia descrever o seu relógio minuciosamente?

L

Meu relógio?

D

É. Todas as peças que compõem o seu relógio, porque os relógios não são todos iguais (sup.)

- L
(sup.) Não (sup.)
- D
(inint./sup.) o do senhor é diferente do meu, né? (sup.)
- L
(sup.) Bem, não, todo, quase todo relógio tem um mostrador, eh, os ponteiros minuto e segundo, ah, esse aqui marca a hora.
- D
O do senhor tem de segundo, o meu não tem (sup.)
- L
(sup.) Tem de se... Pois é, o meu tem de segundo, o ponteiro de minuto, segundo e hora, tem o mostrador de dia, não tem número, são, são, não tem número, relógio não tem número, são, vamos dizer, traços.
- D
Hum, hum.
- L
Bom, o relógio em si ou o, ou o conjunto, também a correia, também entra ou só o relógio? (sup.)
- D
(sup.) Também nos interessa.
- L
Correia de metal, eu acho que nada mais de especial nele.
- D
O senhor tem problema com eles, com ele?
- L
Não, não tenho tido problema não, com ele não. Isso foi um presente de um amigo, não tenho tido problema não.
- D
Esse relógio o senhor já tem há muito tempo?
- L
Já.
- D
O senhor já teve algum outro (inint./sup.)
- L
(sup.) Já, já. Tenho, tenho dois relógios, porque também de vez em quando essa correia costuma soltar, até eu preciso ver. E, mas, ele, eu gosto de mandar fazer limpeza, fazer a limpeza de vez em quando, então eu uso o outro relógio também, tenho dois relógios.
- D
O outro como é, igualzinho a esse?
- L
Não, o outro é diferente, o outro é, esse é prateado, o outro é dourado, é quadrado, esse é redondo, o outro é quadrado, a pulseira do outro é de couro e essa eu gosto mais. É esses dois relógios que eu tenho (sup.)
- D
(sup.) Também é assim com tracinhos?
- L
Não, eh, bom, agora são, não, tem número, tem quatro números se eu não me engano. Aliás, são quatro números e, se não me engano, eles, eu hoje, eles, olha, por acaso hoje, por acaso hoje mandei consertar. São quatro números, como eu disse, quatro números: o, o nove, o doze, o três, aliás (inint.) e o seis não tem, são três números.
- D
É, não tem o seis por quê? (sup.)
- L
(sup.) Mas não, não sei, não, não sei, isso o fabricante poderia informar melhor. (riso)
- D
(inint./sup.) é funcional (inint.) seis.
- L
Por causa dos segundos (sup.)
- D
(sup.) É.
- L
Por causa do, da, vamos dizer, ah, observar melhor o ponteiro dos segundos (inint./sup.)
- D
(sup.) Está bem em cima do seis.
- L

Bem em cima do seis. É quadrado, folheado, a marca é diferente (sup.)

D

(sup.) O senhor mandou consertar, mandou consertar por quê?

L

Porque ele caiu no chão, caiu no chão e quebrou. E o balanço, diz o homem lá que foi o balanço, não entendo de relojoaria, relógio, né, então ele disse que foi o balanço, mandei consertar até lá no INPS mesmo.

D

Agora o seu, o senhor tem que aju... eh, ajustar todos os dias, o seu relógio?

L

Não, não. Esse, esse funciona bem. Esse que estou com ele no pulso, aliás todos dois funcionam bem, todos dois funcionam bem. Não tenho, não há necessidade, assim todos os dias não. Às vezes passo uma semana, às vezes eu dou um ajuste, eu olho, mas todo, diariamente não, não há necessidade. Esse meu relógio (inint./sup.)

D

(sup.) Porque alguns relógios as pessoas, a pessoa só tem simplesmente que botar no pulso, mais nada (sup.)

L

(sup.) Esse, bom, bom, esse não é ... É, é o automático, né, esse não é automático, esse é de corda. Esse é de corda, mas ele com relação ao funcionamento dele não apresenta problema algum não.

D

Os relógios assim pessoais sofreram uma evolução muito grande.

L

Muito grande.

D

Lembra como era antigamente?

L

Lembro, lembro. O relógio, eh, eh, eh, tinham relógios redondinhos e ... Ó, eu me re... Bem, a minha mulher inclusive tinha, ela ainda tem uns relógios lá, que eu dei pra ela, eram bem menorezinhos e tinham, eu, eu não sei bem explicar não, porque esse relógio aqui ele já tem algum tempo, sabe, e é um relógio que simpatizei com ele, que me agrada. Agora tenho vontade de ter um outro tipo de relógio.

D

Por exemplo, como?

L

Um mais moderno, porque eu acho que é necessário, né? Eu acho que é necessário hoje a pessoa evoluir, então isso mostra alguma evolução, mostra, eh, o 'status' ... Você vê o automóvel. Meu automóvel agora ainda, eu tenho um Volks ainda, não é novo, mas como eu estou num investimento de apartamento maior, apartamento de três quartos ... Minha mulher: ah, três quartos, dois banheiros. Porque geralmente o problema do banheiro de manhã, né, então eu ainda não troquei meu carro. Mas acho que hoje, é como eu disse, faz parte do 'status'. Mede-se um pouco a pessoa pelo que tem e não pelo que é, pela aparência também. De maneira que o relógio é uma coisa também que dá outra aparência. Um relógio mais moderno dá outra aparência. E bom, e bom.

D

Como seria assim um relógio mais moderno e bom?

L

Olha, minha filha, eu tenho visto relógios bonitos aí, eu não, não posso assim medir assim o tipo de relógio de imediato: ah, é assim, é assim não. Tenho visto vários modelos que me agradam. Eu até acho que nem saberia comprar de imediato assim, entraria numa loja, ainda iria ver alguns tipos.

D

O senhor conhece marca de relógio?

L

Não, não sou ...

D

Não se preocupa com a marca?

L

Não, não me preocupo. Esse relógio que eu tenho aqui, esse que é bem mais antigo, Classic, que é um relógio popular, é um relógio popular, pra mim é excelente, pra mim é excelente, ele funciona otimamente bem. Agora não sei se ele é bom ou não. Pra mim, ele não me, não, não dá problema, não me traz problema algum. Agora, existem marcas famosas, Omega, Sigma, e agora tem uma porção delas, japonesas, então, aí (sup.)

D

(sup.) Japoneses (sup.)

L

(sup.) Japoneses. É descendente de japonês? (sup.)

D

(sup.) Ah, va... Não. Por falar em japoneses, existem uns relógios agora, porque o seu, eh, não tem tracinho, mas os tracinhos simbolizam os números, não é? (sup.)

L

(sup.) Hum, hum.

D

O meu tem número mas é um número diferente, ó (inint.) veja! (sup.)

L

(sup.) Hum. É.

D

Né? É diferente o número dele (inint./sup.)

L

(sup.) 'E por causa do algarismo romano (sup.)

D

(sup.) É diferente dos números do seu.

L

É. Um, arábico, outro, romano.

D

Exato. Agora já reparou (sup.)

L

(sup.) A senhora, a senhora força tudo pra ver, né? O arábico e o romano. (risos) Isso **vai sair**. (risos)

D

(inint./sup.)

L

(inint./sup.) eu já reparei que a senhora procura saber, aquilatar um pouco do conhecimento. (riso)

D

Não, não é, não é saber o seu conhecimento, é saber qual é o seu vocabulário mesmo (sup.)

L

(sup.) Ah, o meu vocabulário? Sim (sup.)

D

(sup.) É, não é que, eu sei que o senhor sabe (inint./sup.)

L

(sup.) Não, eu, não, eu, aliás eu, eh, eu me expressei mal. Não é de aquilatar o conhecimento (sup.)

D

(sup.) Eu quero ver qual é a palavra exata que o senhor usa, entende? (sup.)

L

(sup.) Ah, a palavra exata, é. É, esse algarismo nessa cor é diferente, é, esse número é diferente, é de várias ...

D

Mas já reparou nos relógios que existem agora?

L

Os digitais?

D

É, como é esse, esse papo de relógio digital?

L

Olha, eu (sup.)

D

(sup.) Porque inclusive dá pra botar no braço, né? (sup.)

L

(sup.) Hum, hum. Não tomei conhecimento ainda disso (sup.)

D

(sup.) Tem uns de cabeceira (inint.) já viu?

L

Não. Olha aqui, eu não reparei não. Eu, eu infe... infelizmente eu vivo pra trabalho, sabe, do trabalho para o trabalho. E eu saio do consultório, lá do INPS, venho pra aqui, saio, a única relojoaria que eu vejo é essa aqui da entrada.

D

Tem uma importadora aí embaixo.

L

Tem, tem, mas eu mal paro aí, porque eu sou desses que, eu, quando olho uma coisa, vou com... vou comprar, bom, saio pra comprar uma coisa, então vou numa loja e compro. Esse negócio de passar e ficar olhando, olhando e dizer: ah, algum dia ... Estou com vontade de comprar isso. Eu não, não, não, não é do

meu feitio. Meu feitio é chegar e dizer assim: bom, quero comprar isso. Então eu saio e vou comprar aquilo. De maneira que, eu sei que aqui tem relojoaria, tem uma joalheria que tem relógio, mas nunca, eh, tive curiosidade de parar assim não ... Desculpe.

D

Não, não se preocupe não (sup./inint.)

L

(sup./inint.) mas eu nunca me, me preocupei em parar para olhar os relógios. Sempre que eu leio nos jornais, nos jornais eu vejo anúncio: relógios digitais. Mas não sei o que representa o relógio digital não, não tenho assim a idéia formada do que é relógio digital.

D

Porque inclusive deve ser um problema. Nós todos estamos muito acostumados com esse tipo de relógio, né? (sup.)

L

(sup.) Muito (sup.)

D

(sup.) Com número ou, quando não tem número, tem traço.

L

Tem traço, é.

D

Mas, eh, de repente, você passar prum outro tipo que tem número também, mas o número, eh, é mostrado diferente, deve ser (sup.)

L

(sup.) Aliás, espera aí, o digital é esse que mostra, é que tem o número, que mostra em, em vez de, em vez de estar (inint.) os números vão aparecendo? Esse que é o tipo digital, né? (sup.)

D

(sup.) Isso (inint.) é, deve exigir um ajuste, né? (sup.)

L

(sup.) Deve, deve (inint./sup.)

D

(inint./sup.)

L

(sup.) Eu acredito que exista, que deva existir sim, que haja necessidade de um ajuste (sup.)

D

(sup.) Não é?

L

Eu acredito que haja. Mas também não deve ser grande problema não, eh, eu acho que aquilo ali, eh, é um ajuste mental, visual, né, mas aquilo eu acho que rapidamente, quer dizer, a pessoa pode, eh, como é, como eu **vou dizer**, a pessoa pode, ah, como eu disse, eu sou inibido, sabe? (risos) Mas a minha mulher até achou graça: você **vai falar**? Eu digo: minha mulher, a cliente amiga pediu. (risos) E eu não, não, não sei me expressar, falta expressão assim, eu por exemplo estava falando com uma cliente, que saiu ainda há pouco, eu digo: vem uma moça fazer uma entrevista aí, mas eu não sei falar. Se me pedirem pra falar sobre o assunto mais bobo deste mundo eu, eu, eu paro, eu não falo.

D

Ah, mas a gente está indo muito bem!

L

Não, que bem nada, eu devo ir, devo estar indo pessimamente! (sup.)

D

(inint./sup.) quando eu perguntei pro senhor, eh, os relógios de antigamente, há muitos anos atrás, os homens eram muito elegantes. Eu achava. A gente via fotografias do Rio antigo ...

L

Os relógios (sup.)

D

(sup.) Fim do século, é.

L

Ah, mas os relógios de, de, com, com corrente?

D

São muito alinhados estes relógios, não é?

L

Eu não acho (sup.)

D

(sup.) As pessoas, não é, não usavam o relógio (sup.)

L

(sup.) Quer dizer (sup.)

D

(sup.) Eh, no braço não (sup.)

L

(sup.) Sim (sup.)

D

(sup.) Usavam ...

L

Mas isso também ... Isso é da época. Também a indumentária pedia. Hoje, o problema da indumentária, do vestuário do homem hoje não pede isso. O colete já não se usa mais, o bolso já não tem mais, as calças não têm mais bolso. É, eu passei a usar bolsinha, que eu não usava e detesto, mas porque minha mulher reclamava. Toda hora eu dizia assim: ah, (inint.) carrega esse documento, carrega isso, carrega aquilo. E minha mulher ia carregando. Então, um dia, ela zangou e disse: ah, eu não carrego mais nada! Era cigarro, tudo eu empurrava na bolsa dela, então ela me comprou a bolsinha. É o problema então desse relógio antigo, né? Agora antigo porque o vestuário também, eh, aparecia. Hoje, com essa roupa moderna, não pode mais usar aquele relógio, né, fica até meio pedante ou então querendo ficar diferente, né, aparecer mais, né, eu acho.

D

Olha, o senhor tem um relógio aqui lindo (sup.)

L

(sup.) Tenho (sup.)

D

(sup.) Na sua parede (sup.)

L

(sup.) Aliás nem dei corda, esse aí é de corda, não dei corda hoje porque não tive tempo. Hoje eu cheguei aqui a uma e pouco, comecei a trabalhar até agora, sem parar, quando a senhora chegou, não tive nem tempo ... Foi um dia hoje atarefadíssimo e, a, uma cliente ainda comentou sobre esse relógio, eu digo: é, **vou dar corda**. Mas entrou outra cliente e eu não tive tempo.

D

Eu queria, porque eu digo assim, esse relógio é muito bonito, então depois quando a gente for ouvir a gravação, não **vai adiantar** muito, né? (sup.)

L

(sup.) Hum, hum (sup.)

D

(sup.) Porque a gente não está vendo o relógio. Então eu queria que o senhor descrevesse porque eu estou vendo que ele tem (sup.)

L

(sup.) É em oito (sup.)

D

(sup.) dois furinhos ali, então eu queria que o senhor descrevesse ele (sup.)

L

(sup.) É esti... é estilo antigo.

D

Hum.

L

É estilo antigo em oito, né?

D

Sim.

L

Aquele relógio em oito com o pêndulo.

D

Sim.

L

E com os dois furinhos correspon... deveriam corresponder ao antigo, porque isso é imitação ao antigo, a, a um badalo, a um, a um som que ele deveria ter, os antigos e maiores, esse não, esse é um relógio imitando o antigo, mas (sup.)

D

(sup.) Ah, eu, eu pensei que esses dois furos (sup.)

L

(sup.) Não, não (sup.)

D

(sup.) fossem pra dar corda, pra acertar (sup.)

L

(sup.) A corda é aqui atrás.

D

Ah!

L

A corda é aqui atrás e pra acertar tem que abrir aqui e acerta-se aqui.

D

Hum!

L

Esse é mais, é um estilo antigo, mas que hoje é moda, né, o antigo hoje é moda e decorativo, isso tudo é minha mulher que sabe, porque eu não estou muito a par dessas coisas não. Minha mulher é que vem, é que mexe e decora e que compra essas coisas todas aí fora e (inint.) eu deixo tudo a cargo dela, minha mulher faz tudo.

D

E na casa de vocês, vocês, eh, têm relógios de parede antigos? (sup.)

L

(sup.) Não, não, não tenho, não tenho nenhum relógio de parede antigo assim não (inint.) relógio de mesinha de cabeceira (sup.)

D

(sup./inint.) é muito bonito esse tipo de relógio, não acha não, relógio antigo? (sup.)

L

(sup.) Eu acho, eu acho, eu, eu, eu, às vezes, eu não, não sou assim espírita, não, acredito que exista alguma coisa, mas, às vezes eu, parece que me transporto para uma outra época, eu acho que gostaria de viver em outra época. Quando eu vejo aqueles filmes antigos da década de, de trinta ou, ou antes um pouco, eu acho que devia ser mais gostoso viver naquela época do que hoje. Essa correria, essa afobação, essa angústia que existe atualmente, eu acho que isso acaba com o indivíduo, física e mentalmente, não se vive mais, pelo menos as famílias já não têm mais ... Eu escutei, não sei, a senhora é do Rio?

D

Não, eu sou do norte.

L

É do norte. Existiu aqui no Rio um homem, foi, se eu não me engano, foi da polícia (inint.) parece, se não me engano, coronel (inint.) até da, é do Maracanã. E ele foi um homem ar... arbitrário, mas então dando uma entrevista uma vez na televisão, ele disse uma coisa que eu acho que falta hoje, essas moças, pode ser que me contrariem, agora não, mas pode ser que por dentro elas achem que não, mas falta hoje é o centro da família, é o jantar, é o, como ele disse, o almoço ajantarado que existia antigamente.

D

Almoço ajantarado, como é isso?

L

Eu acho (inint.) era o almoço que no domingo fazia-se duas horas da tarde, pra não ter almoço depois, fazia um lanche, então é o aj... ajantarado: faz um ajantarado. Aí é um, é um linguajar muito bom pra pesquisa, né? (risos) É o, o ajantarado. Então a família reunia-se aos domingos naquele almoço, bem tarde, então eu acho essa época, ela era mais gostosa e a época, uma anterior ainda, eu acho, eu não peguei, mas eu acho que, pelos filmes, pelo que eu vejo, devia ser muito mais atraente, vivia-se mais, sentia-se mais a vida do que hoje, embora digam o contrário, que hoje sente-se mais a vida. A vida hoje, a pessoa nessa, eh, tem mais coisa pra viver, apresenta, a vida apresenta mais atrativos, não sei. Eu gostaria de ter uma vida mais calma do que eu tenho, não sei se é por isso que eu vivo numa lufa-lufa, um termo bom, lufa-lufa, (risos) ah, é, isso é um termo meio antigo já, eh, então nessa correria que eu vivo, eu acho que isso não é vida. Eu saio de casa seis e meia da manhã e chego sete e meia da noite. Sábado eu trabalho também de manhã. Eu venho trabalhar sábado de manhã.

D

E o senhor não tem um, um período maior de descanso, não? (sup.)

L

(sup.) Não (sup.)

D

(sup.) É sempre assim? Sempre? (sup.)

L

(sup.) Sempre. Tiro dez a quinze dias de férias por ano, só.

D

E essas férias, o senhor tira sempre na, na mesma época ou (inint./sup.)

L

(sup.) Mesma época, geralmente na mesma época. Esse ano até que nem tirei, porque com esse problema de apartamento e tal, não posso parar, porque o profissional liberal vive do seu trabalho. Ele parou de trabalhar, a renda diminui, a renda é, é a proporção de trabalho. De maneira que, eh, eu vivo essa vida agitada, não sei se é por essa razão que, quando eu vejo esses filmes antigos, ou então leio alguma coisa sobre antigamente, eu acho que seria uma vida mais, mais gostosa. Ainda me lembro do bonde, ainda sou

do tempo do bonde. No tempo de colégio ainda era tempo de bonde. Ainda me lembro, antigamente pegava o bonde, era muito melhor do que esse ônibus. Hoje eu vou de automóvel, mas também, engarrafamento. De maneira que eu acho que a vida antigamente devia ser bem melhor.

D

O senhor disse que, eh, tira sempre férias na mesma época. Em que época?

L

Janeiro, janeiro, porque ...

D

O senhor fica (inint.) no Rio (sup.)

L

(sup.) Não, eu alugo uma casa lá em Lambari e é um grupo muito grande que vai todo ano e as minhas filhas adoram, né? Então é um grupo que às vezes sai de casa, lá de casa, às vezes, eh, à noite assim sai doze, treze moças e rapazes, garotos, meninas e tal, passeios a cavalo, doze cavalos, quer dizer, elas adoram isso, né? Então eu vou pra lá, que é um lugar calmo, tranqüilo, aí, sim, eu faço um pouco de 'relax', de manhã ando de bicicleta, um banho de ducha, almoço, durmo e, de noite, bater papo. É (inint.) dez a quinze dias só, por ano. Então com isso ganhei uma úlcera também. Bem, se bem que é, é o meu biotipo, né, agitado, magrinho, nervoso, agitado, é o biotipo, de maneira que ... Mas a vida agitada dessa, eu acho horrível essa vida!

D

Olha, eu tinha curiosidade de saber se os, os profissionais, profissionais (inint.) da justiça (inint.), advogado, se ocorre muito um fenômeno que ocorre por exemplo com o comércio, que não é um problema de dinheiro (sup.)

L

(sup.) É, eu sei.

D

É um problema de época.

L

Época.

D

(inint.) do comércio (inint.) há determinadas épocas que são mais propícias.

L

Também, também.

D

Quero saber se para os profissionais (sup.)

L

(sup.) Também, também. Bom, eu posso responder assim pela medicina e odontologia. Já direito, eu não, eu não entro nessa área (sup.)

D

(sup./inint.) na sua área (sup./inint.)

L

(sup.) É. É uma área bem diferente da minha, né? Mas dentro da odontologia e da medicina, também um pouquinho, pelo que eu escuto, alguns amigos, que eu trabalho em meio médico, em ambulatório, época de por exemplo, eh, dezembro, janeiro, são épocas em que cai muito o movimento em consultório, porque dezembro vem época de festas, muita gente: ah, ó, doutor, eu venho mais tarde. Ainda mais odontologia, que não é, às vezes não é problema imediato, é problema mediato. Já a medicina, não, tem problemas imediatos: uma crise de apêndice, um, um problema de parto, uma cirurgia de urgência, isso é problema imediato e (inint.) mas em geral, eu já converso com amigos que, inclusive donos de casa de saúde, em janeiro o movimento é bem menor. E aqui também, por essa razão é que eu tiro mais em janeiro.

D

E o senhor por acaso alguma vez se preocupou em perceber se, se há algum, se coincide de haver algum, algum momento, alguma época em que a procura é maior por parte dos clientes?

L

Não, eu, eu, bom, eu, para dizer francamente, eu tenho tido sempre, todos os meses, eu tenho, tem, tem muito trabalho todos os meses, eu tenho tido todos os meses, mesmo em época de janeiro, esse ano em janeiro, ano passado eu tirei férias, mas me surpreendeu, janeiro e esse ano também. Agora quando é essa época de carnaval é que cai também um pouco. Janeiro e, depois, quando é nas proximidades do carnaval. Nas proximidades do carnaval é, é geral, né, em todo ... É o tal negócio, os problemas imediatos aparecem, os mediatos ficam pra depois. Mas eu não, eu e alguns colegas têm comentado, eu não tenho sentido muito assim janeiro não, mas cai um pouco sim, e dezembro também. Agora no meio do ano é sempre o movimento normal, pelo menos comigo, né? (sup.)

D

(sup.) Sim. O Rio de Janeiro é uma cidade que, no, no verão, ela fica mais ou menos insuportável, né?

L

É, mas eu gosto.

D

Agora, lembra de uma, acho que já acabou isso, houve um, houve uma, um tempo em que, no verão, eh, o horário oficial era modificado (sup.)

L

(sup.) Era modificado, sim. Me lembro disso.

D

O senhor seguia isso?

L

Seguia, porque era necessário (sup.)

D

(sup.) Mesmo na sua clínica particular?

L

Seguia. Seguia, porque era o, era o horário normal, oficial, né? Era o nor... o, o, o horário oficial, tinha que ser seguido por todos, né?

D

Porque inclusive a gente sente uma diferença (sup.)

L

(sup.) Ah, sente (sup.)

D

(sup.) do inverno pro verão, não é? (sup.)

L

(sup.) Sente, sente uma dife... Ah, muita, muita diferença. A gente sai no inverno, no verão, sai daqui seis e meia às vezes chega em casa ainda com o sol, vendo aquela lagoa bonita, aquele ambiente, aquela paisagem bonita, agradável, até aos olhos, aquilo é repousante. Já no inverno não. Eu chego também, às vezes por exemplo segunda-feira, é dia de Jóquei Clube, tem o Jóquei à noite, então a lagoa fica bem iluminada, que a iluminação do Jóquei é muito grande.

D

Mas segunda-feira o Jóquei (inint./sup.)

L

(sup.) À noite, à noite tem. Então à noite tem corridas. Então você chega, quando sai do túnel que desemboca na Lagoa, ainda acha um espetáculo bonito. Agora, o verão é mais gostoso. E dá a sens... e me dá a sensação de que eu cheguei mais cedo em casa, né, a sensação é essa: bom, hoje estou chegando mais cedo. Porque eu vibro, eu sinto quando eu chego mais cedo em casa. Ah! Parece, é psicológico, é puramente psicológico, parece que eu trabalhei menos, que eu estou menos cansado. E não é, às vezes não é, como no verão, eu chego no mesmo horário, mas a mim, a impressão que dá é que eu trabalhei, que eu estou menos cansado, porque eu trabalhei menos: não, eu cheguei mais cedo hoje. Puramente psicológico, mas traz um bem-estar, e eu gosto do verão, né? Gosto das noites de verão, que as noites, são noites mais agradáveis, que eu gosto da noite, infelizmente não posso fazer vida noturna, adoro a vida noturna. Se eu pudesse, trabalhava à noite e dormia de dia, adoro, mas não posso, por força da profissão, como eu disse, acordo seis horas da manhã, tenho família, tenho que me, me resguardar um pouco, mas acho, o verão, pra mim, tem essa, essa vantagem, se pode fazer uma vida noturna mais agradável, né, fica mais gostosa a noite, né?

D

O senhor, o senhor tinha uma, uma atividade, atividade não profissional (inint.) divertimento noturno, antes de, de o senhor começar a trabalhar (inint./sup.)

L

(sup.) Ah, tinha! Ah, tinha minhas serenatas!

D

Serenatas?

L

Oh, tinha minhas serenatas!

D

Como é, conte essa história de serenatas.

L

Ah, eu, serenatas, eu sempre, eu tinha um grupo de amigos, inclusive, aquele que já morreu, que fazia o Amigo da Onça, o P., também fazia parte do grupo, e depois que eu vinha da casa da namorada, da noiva, nós íamos então fazer serenata, não, não diariamente, né, não diariamente, mas tinha muitas vezes. Nós fazíamos serenata até duas, três da manhã, saíamos cantando na praça, ficávamos até três, quatro horas da manhã, ou então ia com amigos ao cinema, depois ia, ia dançar um pouquinho, ou ficava conversando mesmo, até tarde, porque era gostoso aquilo. Eu adoro, adoro a noite. Acho a noite uma delícia. Para tudo (sup.)

D

(sup.) O senhor disse que vinha, vinha da casa da namorada, quando o se... o senhor namorava, eh, o senhor tinha, tinha um horário estipulado pela família da namorada? Porque isso era comum antigamente, né? (sup.)

L

(sup.) É, não, não a ... Não, eu, eu não tinha horário estipulado pela família não, porque a minha senhora, ela veio de São Paulo e foi morar com a família, uma das descendentes de Vital Brasil, uma das filhas do doutor Vital Brasil. Então ela, a família dela ficou em São Paulo e ela ficou aqui, porque havia uma senhora, era doente, ela fazia uma dama de companhia, né? Quer dizer, não havia mãe assim pra tomar conta não. Mas nunca exagerávamos não. Eram dez e meia, dez horas, é a hora que eu ia-me embora. Aí eu encontrava com o resto do grupo também dos amigos que nessa hora deixava suas namoradinhas, suas noivas e tal, e eu, então íamos conversar, e ia outro grupo, ia fazer serenata às vezes.

D

E vocês se viam todos os dias, o senhor e a sua mulher?

L

Olha, eu, quase sempre, sabe, quase sempre, quase sempre. Não era, va... não posso dizer diariamente não. Mas, muitas vezes durante a semana. Diariamente não chegava, mas muitas vezes durante a semana. Até às segundas-feiras às vezes porque era um dia, né, morto pra todo mundo, às vezes nós nos encontrávamos, às vezes não, não havia assim dias certos pra namorar: ah, vou terça, quinta e sábado. Não. Inclusive, ela trabalhava, depois de noiva, quando era noiva, ela já trabalhava, como eu já disse, ela fez o curso de enfermagem, tinha, às vezes ela tinha que trabalhar, tinha que acordar cedo, outras vezes tinha plantão, então nós não, não, não, nós não nos encontrávamos. Às vezes até domingo mesmo eu ia buscá-la à tarde, que ela estava trabalhando. Mas era uma época boa.

D

O senhor fazia serenata pra ela também?

L

Não, pra ela nunca fiz.

D

Ah, não?

L

Não, porque o meu grupo era daqui, ela morava no Flamengo e eu morava na Tijuca, então eu vinha pra aqui, fazer na Tijuca. Serenata era, saíamos por aí, mas nunca fiz serenata pra ela, e ela morava em edifício, sexto andar, daqui que a minha voz chegasse ao sexto andar, (risos) sabe, precisava ter uma potência muito grande, né? (sup.)

D

(sup.) A sua mulher (inint./sup.)

L

(sup.) E eu não era nenhum Giles, né (risos), não era nem o Giles, nem o Di Steffano, pra falar, pra ter uma potência de voz dessa. De maneira que pra ela eu nunca fiz serenata não. Fiz música pra ela, mas serenata não.

D

Ah, o senhor fazia música também?

L

Não, eu não fazia. Eu fiz pra ela porque, eh, sempre ... Ó, ela, sempre gostei dela, desde o primeiro dia e até hoje e, de maneira que, quando eu vi, eu fiz a música. Conheci em Lambari, vim-me embora e quando vim embora, fiz a música durante a viagem.

D

Está bom.

RECONTATO:

Inquérito 096 (masculino / 45 anos)

Tema: Vestuário

LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1992

TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador

DOCUMENTADOR: M A

DOC. - Bem, o tema [você já deve tá] sabendo né, aí vem, você falou agora que, que a sua esposa é que ia ser boa pra, pra falar de vestuário, por quê? Como é que, o senhor descreveria a sua esposa em relação à roupa?

LOC. - Porque ela é uma pessoa que, que curte, que valoriza-se né, essa, essa, produção, é uma pessoa que se cuida que, que gosta de, ir ao shopping center comprar, roupas e aquele negócio, ela tá sempre, querendo ficar atualizada em relação à moda.

DOC. - Como é que é o ...

LOC. - Critica o meu modo de vestir, acha que eu não sou, sou relaxado com a, na verdade ela é que me veste né. Eu não vou a, assim, eu sou tão desligado dessas coisas, não procuro ir a loja comprar etc, quando chega no limite que eu, fico, realmente sem, sem, roupa como agora por exemplo, há coisa de um mês eu fui comprar roupa, que há dois anos eu não comprava, então, é assim, mas ela não, ela valoriza muito, isso, tá sempre atrás, da moda, da última moda, coisa desse jeito.

DOC. - E, como é que o jeito dela se vestir, como é que o senhor descreveria, a moda dela?

LOC. - Bom é um jeito que, que vai acompanhando, não só a moda mas também o próprio, amadurecimento né, é uma pessoa que, por exemplo, quando nós nos conhecemos, ela curtia, a moda da época, que era, mini-saia. Então ela procurava se vestir, daquela maneira. Hoje em dia ela se veste bem, eu acho que ela se veste bem e, vai acompanhando quer dizer, hoje, de uma forma mais solene, de se vestir mas, nem por isso deixa de ser uma coisa assim, é, atualizada, última moda, eu acho que ela se veste bem.

DOC. - E o que que o senhor chama, moda solene de se vestir?

LOC. - Não, solene no sentido que vai ... a pessoa que, quer dizer, há vinte anos atrás por exemplo, era uma, era uma pessoa né, jovem, é, hoje, ela já tem os seus, seus quarenta anos. Então, você não pode se vestir da mesma maneira. Eu acho que é, juntamente com o amadurecimento da pessoa também vai, vai amadurecendo outras coisas né, vai acompanhando esse, amadurecimento e a forma que, de se vestir, é uma das coisas que, fazem parte desse amadurecimento, né. A pessoa não **vai ter**, como se vestir como um jovem de vinte anos tendo quarenta e, poucos anos. Então eu acho que é isso quer dizer, ela, acompanha a linha da, do tempo né.

DOC. - Mas eu queria saber assim, se o senhor fosse descrever o, por exemplo: Ah o senhor **vai se encontrar** com a minha esposa lá no aeroporto! A pessoa que não conhece ela, como é que o senhor: Ah! Ela **vai estar** vestida assim ... Como é que ela estaria vestida?

LOC. - É o tal negócio, é, agora, acho que eu tô até me lembrando da entrevista de vinte anos atrás, ou seja, eu não tenho, é, diria até, é, palavras vocabulário pra poder descrever ela. Ela tá vestida com, com estampado, de, de seda, um outro tecido quer dizer, eu até desconheço a, os detalhes né e tal. Mas tentando ser, responder a sua pergunta, seria uma pessoa, que estaria com uma roupa assim, uma né, uma roupa muito, um tecido, que não é uma coisa, aí, quando eu falo solene, não quer dizer que seja também uma coisa, de luto né, a pessoa, vestida assim. Não, ela estaria, num, tecido vistoso, é, provavelmente em, estampado, um corte moderno, uma coisa que chamaria certamente atenção, tá, essa é uma forma, seria o melhor que eu poderia dizer a respeito.

DOC. - É, e, por exemplo, você falou aí que ela, ela é médica né. Ela tem, uma roupa especial pra ir trabalhar?

LOC. - Não, ela não, ela trabalha, quer dizer, eu acredito que, lá no hospital, ela coloque algum, avental, algum jaleco né. Mas, é, ela sai de casa pra, trabalhar com o mesmo, com as mesmas roupas que ela iria, por exemplo, fazer compras, num lugar, levar, as crianças em algum lugar, à escola etc., quer dizer ela não tem uma roupa, específica para o trabalho ou pra os outros lugares. Ela tem um vestuário que é, que é, padrão, né. Serve pra, vários propósitos.

DOC. - Eu ia perguntar sobre isso, e, bem, [?] como é que o senhor descreveria por exemplo, é o seu modo de vestir, é, nas várias situações do dia, quer dizer, quando o senhor **vai trabalhar**, quando o senhor tá em casa, quando o senhor **vai dormir**, tipo quais são as peças, quais são, como é que o senhor descreve?

LOC. - Não não é possível porque, eu tenho, quer dizer, pro trabalho eu procuro, uma roupa mais cômoda possível né mas. Então geralmente é uma, calça jeans, como essa que eu tô usando aqui, é, sapato, confortável, quer dizer, tipo, um mocassim, uma coisa que, realmente, que dê pra, pra mim andar, que cê já notou que nesses corredores aqui a gente vai de um lado e pro outro, no fim do dia a gente andou alguns quilômetros né, então a gente anda muito aqui, então eu digo que a minha roupa é, é assim, é um dia eu uso uma camisa, que é a primeira que eu pego no, no guarda-roupa. Às vezes, eu tenho até que, voltar e tirar, porque quando eu chego na sala ela diz: Mas você vai com essa combinação e tal! [?] Não, mas tá ruim? Já, eu volto e atendo a, não só minha esposa, meu filho também, critica: Ah pai, você vai assim! Então, então eu volto, e, mudo a, ponho a calça ou a camisa pra, satisfazer assim a, ao povo doméstico né, porque eu acredito que se eles reclamam os outros que tão lá fora, também devem, então para o trabalho é assim. Em casa, dependendo da estação né, eu, por exemplo, agora aqui nesse clima, quente, eu chego e tiro a roupa, é, uso uma bermuda, né, já nos climas, no clima, na estação mais fria, eu uso, um desses jogging, né, um macacão, e eu procuro. Eu uso a roupa pra, pra, me proteger da né da estação. Se tá calor eu quero ficar com uma roupa leve, não importa o tecido, não importa. Se tá frio, eu quero ficar bem agasalhado. Por exemplo, eu detesto frio, é. Ontem, vim, cai na asneira de vir sem, pulôver, passei mal aqui, porque esse Fundão, ele é, muito, né, no dia que, eles só trabalham com os extremos, exatamente, são paredes grossas, [muito espaço]? Então, ontem eu me senti mal né, então, hoje eu não esqueci de trazer um pulôver, que foi o primeiro que eu peguei. Se a minha mulher tivesse em casa ia dizer: Ah você vai com esse pulôver?! Que tem mais de quinze anos que tá lá na sala, todo surrado. Mas o meu problema

é o frio. Eu não quero sentir frio. Então, eu vim com aquele pulôver mas não sei se ele tá bonito, se ele tá combinando, eu sei, você, por exemplo, né, uma camisa, verde né de, esse tecido é o que, viscoso né?

DOC. - [É]

LOC. - Viscoso, com aquele pulôver, eu acho até que combina, mas enfim. Como eu disse eu não procuro, eu não me, pauto por essas, combinações, por tecido cores etc., é a funcionalidade que me interessa, quando eu, penso em roupa tá.

DOC. - É, mas não tem, tem algum tipo de tecido que o senhor prefira?

LOC. - Tem, tem, isso sim, mas não é que eu prefira, porque eu não me dou bem com tecidos sintéticos, tá, então eu, por exemplo quando eu vou comprar roupa eu realmente procuro ver se a proporção de, fibras, sintéticas, porque realmente, me incomoda. Eu gosto muito de algodão, se pudesse ser, tecido assim, todo de puro algodão eu, eu gosto porque, realmente é o que me me, dentro no meu, princípio de me sentir bem, é o que mais me dá conforto, então, o meu critério é evitar fibras, sintéticas, tá?

DOC. - As fibras sintéticas, quais delas?

LOC. - É, tipo nylon, né, essas fibras que, não são de, é produtos, naturais né, tipo algodão.

DOC. - E, no inverno, teria algum tipo de tecido também especial?

LOC. - Não, é, tem, lã, tecido, né.

DOC. - Lã é perigosa. Porque dizem que a lã natural é mais perigosa que a sintética.

LOC. - É, não sabia disso não.

DOC. - Normalmente as pessoas têm alergias né.

LOC. - Eu não tenho, a lã não tenho.

DOC. - E, bem, o senhor falou aí que morou em Londres, né? O senhor poderia é, falar, então do jeito de se vestir certamente as pessoas lá não se vestem do mesmo jeito. Como é que o senhor compararia, quais as diferenças que o senhor notou, sei lá, de repente, nunca pensou nisso né? Falando agora ...

LOC. - Não, não é não. É até interessante, eu por exemplo, é, apesar de eu, ter esse comportamento em relação à roupa, digamos, não me produzir né, não cuidar disso, eu valorizo as, pessoas que fazem, que se produzem, quer dizer, eu acho isso interessantíssimo, faz parte de, é, digamos assim, de uma sensualidade, né, normal das pessoas, então, uma coisa, que, me chamou muito a atenção, comparando Londres com o Brasil, que aliás dá pra comparar em vários aspectos né, cultura, forma de alimentação e forma de se vestir também, é que lá eles são, muito mais parecidos comigo, quer dizer, eles, colocam a roupa pra se proteger do frio. Não interessa a combinação, às vezes, eles usam aquelas roupas, por meses a fio, entendeu, não tão preocupados se aquilo tá cheirando bem, se tá limpinho, eles querem né, isso você sente muito bem, por exemplo, no metrô, que é um lugar fechado é uma coisa, às vezes, é insuportável, mas, então, eu acho que isso faz uma diferença marcante. Aqui no, Brasil, particularmente no Rio, mas acho que isso vale pro Brasil, inteiro, as pessoas gostam de se vestir, gostam de, não é, porque gosta de chamar atenção, acho que isso faz parte de uma sensualidade do povo brasileiro né, acho que a maneira de, mostrar, tô aqui, tô vivo, tô, e o inglês não tem isso não, não tem isso, e isso se reflete também na roupa, quer dizer é uma, um povo né que, que não tem essa sensualidade, ele não valoriza isso, não, sabe, de chamar atenção, de ser notado, entendeu, pelo menos, pelas pessoas que, não fazem parte do círculo, deles né. Se tem uma festa, eles procuram né, se abrir um pouco mais, se mostrar um pouco mais, mas no dia-a-dia na rotina, não há isso, então acho que é uma diferença marcante, entre o modo de vestir por exemplo do brasileiro, que procura mais ser sensual, tar sempre na moda, né.

DOC. - E quais seriam é, eu quero que o senhor descreva, que tipo assim de roupa, o senhor acha assim que é [do brasileiro] que é exuberante, que tá se mostrando e que tipo de roupa que [ininteligível] cores tecido.

LOC. - Não, acho que, é o tal negócio, se ele, valoriza, se ele valoriza, exatamente, procura uma combinação de cores, né, que seja, adequada ao, clima. Hoje tá sol tá um dia né, acho que eles vão acompanhando, tá um dia sol, ensolarado, a pessoa sai, com uma coisa que combine com aquilo, com aquela situação, né, então, é, [quais são] cores, a escolha do tecido, é, adequado compatível com aquilo, a moda, são pessoas que procuram, seguir a moda, da época da estação, e lá não, é uma mesmice apesar de, é, entra ano sai ano tão usando casaco de, quinze vinte anos atrás, quer dizer, então é a questão é a, funcionalidade, eles não querem saber se aquele casaco tá demodé, tá fora né, tá fora de moda, careta, né, eles tão usando, aquilo protege do frio, enquanto aquilo tá, funcionando, eles usam.

DOC. - E lá também [se tá fazendo frio é mais] [] né, as pessoas tem que andar de casaco no inverno.

LOC. - Sim, nesse aspecto muda, quer dizer, como lá as estações são mais marcantes você nitidamente vê o povo, mudando em bloco, da forma de, vestir, não é, aqueles casacos pesados, no inverno né, depois, a, na, primavera, a coisa já fica um pouco mais leve, no verão eles ficam, se despem né, eles ficam praticamente, que pra eles o verão é, assim, quando fica verão mesmo é uma maravilha, então as pessoas, ficam praticamente nuas, na rua, e eles, nesse ponto, é até, muito mais, vamos dizer assim, liberado, no ponto de vista, quer dizer, em relação ao nosso, povo, liberado no seguinte sentido, eles são capazes como você já deve ter visto, nos jornais, eles vão pro parque e, as mulheres por exemplo, tiram a blusa, ficam à vontade, e isso é uma coisa feita com a naturalidade que é outra com a questão da sensualidade, isso não é sensual nada, do ponto de vista, acho que sensual é você, colocar uma coisa provocante, uma roupa que insinua, né, que leva a pessoa, exatamente, a fantasiar, não, essa objetividade, isso não é, no meu modo

de ver, sensualidade, eu acho que o povo, o brasileiro, gosta de investir nisso, nessa questão da, da intenção, da fantasia, de deixar, eu acho que isso é que é sensualidade, que a, que faz parte da, que é importante na vida logicamente, né.

DOC. - Mas, é, por exemplo, mesmo no verão de lá eles usam os mesmos tipos de roupas que aqui, os tecidos são os mesmos?

LOC. - Agora essa é outra "tricky question", porque eu não, como eu não reparo não valorizo, é, realmente, eu volto a insistir você devia ter entrevistado a minha esposa, ela ia, dar detalhes aqui, incrível, é. Eu não ... não sei, realmente não sei te dizer sobre isso (ininteligível)

DOC. - Você não notava quando você ia comprar roupa lá ... assim o tipo de materiais diferentes, ou mesmo conte essas coisas ...

LOC. - Eu acho que eles, eu acho que eles são, o critério é sempre o da, da liquidação, fazer, comprar, procurando gastar o mínimo, né, eles procuram liquidação, as coisas que tão em liquidação, eles procuram, é, por exemplo tem, é muito comum a, eles procurarem lojas de, moda, de roupa infantil, porque lá, tudo que é pra criança é subsidiado né, desde leite, as coisas, que é uma coisa correta, então a roupa de, até quinze dezesesseis anos, é uma roupa bem mais barata do que a roupa de adulto, então muita gente vai a, às lojas de, roupa, pra jovens, pra se, tiver, servir, [um "fit"] o ajuste da roupa, a pessoa fica, porque, paga bem mais barato, então, quer dizer, nós mesmos, usávamos esse expediente, verificava, se a gente podia se vestir, numa loja de, roupa pra criança. Se não encontrasse, é que a gente, recorreria, no meu caso, a minha mulher não, ela gostava de uma roupa ela ia, não importa, se, o preço, mas enfim, mas se ela gostasse realmente de uma roupa ela compraria, custasse o que custasse né.

DOC. - Bem, **vou fazer** uma pergunta bem objetiva ... vamos supor que o senhor vá viajar, tá, foi viajar e, de avião e a sua bagagem foi extraviada, aí a empresa aérea vai lá e te dá uma indenização pra você ir comprar roupa, tá sem roupa nenhuma, quais são as peças que o senhor **vai entrar** numa loja e **vai comprar**? Quais são, o essencial?

LOC. - Compraria, camisa do tipo, como eu disse, camisas, de algodão pra poder, camisas confortáveis largas, sempre tudo largo, calça, jeans, com pano em jeans, pra, dependendo do tempo que eu for ficar lá né. Se eu tô viajando, eu certamente **vou participar** de alguma, palestra, algum ato que eu **precisarei** de uma roupa mais formal. Pensaria, primeiramente, pensaria nessa calça, é, mais assim pra, uma ocasião de, mais solene né, então uma calça por exemplo, de algodão, enfim. Agora, pijama, eu não uso, então não, certamente não compraria pijama, cuecas, é, meia, compraria um par certamente, embora eu não goste de usar meia, né, então, [?] básica, cueca, um sapato, confortável de preferência da cor marrom, eu gosto, não gosto muito de preto, não tenho nada preto.

DOC. - De que material seria o sapato?

LOC. - Ah, couro, seria couro com, sola, de borracha, uma coisa, então, quer dizer, não dá pra mesmo pra mudar o tema da pergunta e perguntar sobre outro assunto, não?

DOC. - Agora assim no meio

LOC. - Agora realmente depois desse, massacre, desse suadouro eu tô me lembrando da entrevista de vinte anos [?] se você comparar você **vai ver** que, tá a mesma coisa, eu tenho certeza, tá a mesma coisa.

DOC. - E, bem, questão de item, vamos mudar um pouco, eu **vou falar** de roupa, mas em questão de acessório, quais são os tipos de acessórios que as mulheres usam que os homens usam, além da roupa né, que as pessoas colocam assim pra enfeite?

LOC. - Eu por exemplo você vê não uso nada, não tenho, relógio, não tenho, pulseira, não tenho, nem aliança, eu não uso mais, não tenho brincos, então, se eu fizer um strip-tease aqui você **vai ver** que eu tô, com a indumentária, não tem nada, supérfluo aqui, é tudo coisa, em número necessário né, mulher, usa essas coisas, é, bracelete, né, é uma pulseira, anéis, coisas de, fantasia né, não é mais jóias, fantasia, coisas, enfim, essas coisas.

DOC. - E tem algo que seja assim exclusivo de homem [ou, exclusivo de quer dizer, que só possa ser exclusivo de homem ou exclusivo de mulher?]

LOC. - Não, eu acho que hoje em dia isso, as pessoas tão no, modo de se vestir, as pessoas tão, muito unissex, você vê homem usando brinco, usando rabo de cavalo, usando bolsinhas, que, antigamente eram exclusivas de mulher, essas bolsas a, tiracolo, né, então eu acho que, hoje em dia, falar em, em vestuário de homens, vestuário exclusivo de mulher, fica meio complicado, é, depende do local né, na cidade que você se encontra, aqui no Rio mais ou menos, cidades você já, mesmo em alguns bairros, em outros bairros do Rio, quer dizer, se comparando, bairros você vê diferenças, flagrantes, quer dizer, você **pode** certamente falar, [se você for num] bairro do subúrbio.

DOC. - Você acha que tem diferença?

LOC. - Ah, tem, isso, não tenha dúvida.

DOC. - O que que você vê assim de diferença?

LOC. - Eu vejo o comportamento né das pessoas, você vai, um bairro como, Ipanema as pessoas têm um comportamento mais, é, liberal a esse respeito do vestuário do que se você for, num bairro assim, do subúrbio onde as pessoas, ainda estão, presas a certos conceitos ou preconceitos não sei, sobre essa, questão da, roupa pra homem pra mulher você pode, você é posto pra correr num lugar desse, se você aparece de, brinquinho, de rabo de cavalo enfim, **pode** tá sujeito a um, a uma vaia, coisas assim enfim,

chamar de bicha, eu acho que certamente existe essa diferença, entre bairros e entre regiões do país, e aqui mesmo no Rio eu acho que não tem dúvida, né, isso.

DOC. - Bem, não sei, realmente, é capaz né, normalmente porque é mais conservador né, o que que a gente poderia ah... o senhor falou dos seus filhos né, e, o senhor nota, vamos supor, quando os seus filhos eram menores, eram crianças mesmo. O jeito diferente de criar ... de quando o senhor era criança?

LOC. - Ah, certamente né, **vou pegar** meu filho né, que, é melhor do que comparar, meu modo de vestir com o da minha filha, fica mais, difícil, mas o meu filho ele nesse aspecto é bem diferente de mim, porque esse meu comportamento vem desde garoto, quer dizer, sempre fui, assim, com relação a roupa, né, agora, pra pegar num exemplo, minha mulher, até hoje fala, no dia em que a gente, se conheceu, que foi numa festa, ela fala da calça que eu tava usando, uma calça, que era, que eu, pelo que eu me lembro não era nem uma calça minha, era emprestada do meu irmão, quer dizer, é uma coisa que eu usei para ir àquela festa, tinha que ir né, ir um pouco melhor, só que, mas enfim, ela até hoje fala da combinação terrível né, meu filho não, meu filho é uma pessoa que curte, roupas, ele procura, comprar as roupas dele nas lojas, que têm griffes né, as griffes mais, mais, famosas [interrupção] então ele, como a gente tava dizendo ele é uma pessoa que se preocupa muito com isso, né, então, as roupas dele tão sempre, seguindo a moda, é uma coisa que me chama a atenção por exemplo, eu às vezes eu peço a ele pra ir, comprar o jornal pra mim no jornaleiro né, coisa que meu pai fazia comigo também, e eu, pegava na hora o dinheiro começava e descia e ia comprar o jornal não me preocupava se eu tava, de calção sem camisa ou com uma camiseta, eu saía comprava o jornal. Se eu peço a ele para ir comprar o jornal, nunca ele **sai** imediatamente, porque tá, a roupa de casa não é a mesma, de sair. Então ele **vai** ao quarto, bota lá uma camiseta, uma camiseta diferente da que ele estava, que combine melhor e [tal] né, e sai, **vai comprar** jornal, coisa que me chama a atenção, coisa que eu nunca fiz, eu saía direto, voltava. Então tem todo esse, preocupação, de se vestir, de uma forma, combinada, consciente de tar na moda. Ele é um dos que me criticam, sobre a, o meu modo de vestir.

DOC. - Isso é mal dos filhos.

LOC. - É. Essa geração é muito mais, é ditatorial, né.

DOC. - [?]

LOC. - Pois é, essa geração é muito, ficou uma geração sanduíche né, porque os nossos pais eram, eram ditadores né, e os nossos filhos agora são ditadores, em relação à gente, então a gente levou, tá levando o [cacete dos nossos filhos], mas enfim, é isso, então é bem diferente, né, ele realmente, se cuida muito, e a turma dele eu vejo, que ele não é um, fato isolado, a geração, por exemplo, a turma da escola, eles todos, têm esse, cuidado, e minha filha, nem se fala né, muito vaidosa, tá sempre, é, reclamando da mãe, às vezes ela pede pra mãe, escolher uma roupa pra ela, porque ela tá na casa da avó, e nós **vamos sair**, então nós **vamos pegá-la** e ir pra algum lugar, aí ela, invariavelmente, reclama da escolha que a mãe fez né: Mas minha mãe você trouxe essa blusa, essa blusa, né, não combina, né. [Não, não posso não Flávio] Então, a, é isso, eu acho que há uma diferença muito grande.

DOC. - Mas quando o senhor era, bem pequeno, quer dizer, seus filhos já são adolescentes, quer dizer, já têm essa coisa de: Eu escolho o que eu **vou vestir!** Mas quando eles são crianças, os pais que vestem né, que escolhem o que os filhos **vão vestir**, tinha alguma coisa assim. E seus pais vestiam de alguma forma diferente. Você acha que os pais hoje em dia vestem os filhos diferente de como os pais vestiam antigamente?

LOC. - Eu acho que, os pais de hoje não vestem, as crianças é que se vestem, não há esse negócio de.

DOC. - Mas desde pequenininho?

LOC. - É, eu acho que eles hoje, são muito mais, independentes, né eles não aceitam essa, essa ingerência, principalmente pra se vestir, já, eu acho até que, mas, antigamente, meus pais, é que compravam roupa pra mim, eu saía com a minha mãe pra comprar roupa né, e ela, basicamente é que escolhia, a última palavra. Agora, porque ela não era assim: Não, você você **vai levar** isso! Mas, prevalecia a, visão dela né. Por exemplo, me lembro, na minha época a questão de, de usar calça comprida né, o jovem, o jovem, queria passar da fase da calça curta pra calça comprida, então havia uma briga com os pais, quando é que ia começar a usar calça comprida, hoje em dia, isso tá fora, de questão né, não só, não se discute mais isso como a criança vai lá e se ele quer compra uma, uma roupa dessa griffe aí, digamos a [?], [?] sei lá, como é que chama, cê vê, eu devia pelo menos saber o nome de uma delas né, eu sei da Adonis. Eu não sei se você já reparou, eu cheguei com uma sacolinha da Adonis porque, como eu te disse, há um mês atrás, eu, depois de dois anos, eu comprei roupa, e eu vou sempre nessas lojas é, Adonis, Casa José Silva, então eu, faço um crediário e compro assim, umas, duas três camisas, duas calças pra, eu não procuro, sair, ficar olhando na vitrine uma roupa não. Onde eu posso né em bloco, me vestir, quer dizer, ou seja comprar a camisa, calça é na Adonis, essas lojas tradicionais né, mas ele jamais faria isso, ele jamais, por exemplo, aceitaria se vestir, né, indo numa loja dessas fazer um crediário, tem que comprar uma camisa tem que ser dessa, loja, o sapato tem que ser né, daquela loja, então, são muito [?], então, analisando essa questão, quer dizer, eu acho que eles hoje, decididamente eles se vestem, não aceitam, pode haver uma opinião aqui mas no final prevalece a opinião, deles na nossa época era o contrário, quer dizer, a gente dava uma opinião, que eles não pediam opinião, mas a gente, tentava dar uma opinião mas no fundo prevalecia, era a visão o gosto dos pais, né.

DOC. - E, bem, o senhor dá aula só aqui?

LOC. - Só aqui.

DOC. - O senhor, não é muito de reparar não, mas, o senhor reparar também como os outros se vestem, mas eu **vou tentar**, o senhor vê assim diferença de como os jovens, se vestem, de como eles vêm na faculdade hoje em dia, de como era na sua época?

LOC. - Não só os jovens como alguns colegas, por exemplo, não **vou falar** de bermuda, porque os alunos hoje em dia, no verão eles vêm com bermuda de qualquer tamanho, né, camisetas, assistir aula de camiseta aquelas camisetas bem cavadas, etc., isso é uma coisa que na minha época de estudante não tinha, né, a pessoa vinha sempre, de calça comprida.

AMOSTRA COMPLEMENTAR:

Inquérito 23 (masculino / 33 anos)

Tema: Vida Social e Diversões

Local/Data: Rio de Janeiro, 2 de julho de 1996

Tipo de Inquérito: Diálogo entre informante e Documentador

Documentador: C L

DOC. - É sobre futebol... descrever... como é que é uma partida de futebol... quais são os elementos... os componentes... estrutura...

LOC. - Bom... descrever como é que é uma partida de futebol ((risos)) eu prefiro joGAR futebol... é melhor do que descrever como é que é uma partida...

DOC. - Você joga futebol há muito tempo?

LOC. - Olha... eu jogo futebol desde que eu me entendo por gente... [

LOC. - [sempre foi uma grande paixão na minha vida

DOC. - [como é que você começou?

DOC. - Como é que você começou a jogar futebol? Como é que você... começou a jogar futebol?

LOC. - Olha... eu nasci e fui criado em Ramos... subúrbio da Leopaldina... e acho que praticamente todo filho homem que nasce em Ramos ou em um outro subúrbio da Leopoldina ganha logo de presente do pai uma bola de futebol... a camisa do time do coração do pai... que acaba sendo a extensão do time do coração do filho... e... desde que eu me lembro... desde garoto... eu me lembro que... freqüentemente... nos aniversários eu ganhava bola de presente... eu jogava com meu pai... jogava com o meu avô... ele fazia... visitas semanais... a minha casa... e praticamente com o meu avô que eu aprendi a... começar a chutar a bola... e a ter interesse pelo esporte

DOC. - E até hoje você gosta de jogar futebol?

LOC. - Até hoje eu adoro jogar futebol...

DOC. - Mas é como hobbie...

LOC. - É... na impossibilidade de praticar... o futebol... profissionalmente... a única alternativa que me resta é praticá-lo como hobbie...

DOC. - E outros esportes que você conhece... que mesmo que você não pratique...

LOC. - Eu acho que tem isso.. quer dizer... em geral todos os esportes me atraem... me agrada... mas de forma diferenciada... quer dizer... alguns esportes eu gosto... por exemplo... de assistir... pela televisão... ou até... ir ao local específico pra assistir... mas não tenho...[interesse pessoal

DOC. - [qual o nome do local

LOC. - Bom... há esportes que são praticados em estádios... né... outros em... em clubes... em... em centros menores... mas o... enfim... alguns eu gosto... de assistir... tenho um gosto geral por assistir qualquer esporte... mais... especificamente até pela televisão... e há outros que me atraem a ponto de eu... querer... de gostar de praticá-los... e aí... essa referência já é mais restrita... porque a rigor o único que eu gosto de praticar de fato... é o futebol...

DOC. - E você entende de futebol? Qual a posição que você joga?

LOC. - Bem... o que se diz geralmente é que todo brasileiro entende de futebol... não é? Algo que está meio... no sangue... eu acho que sim... ou pelo menos tenho sempre uma opnião a dar quando eu estou vendo o jogo... tenho a minha avaliação dele... mais até do que quando eu estou jogando... eu acho a situa/ nessa situação é mais difícil de se ter com relação à posição... eu jogo de meio-campista...

DOC. - Quais são as outras posições que existem?

LOC. - Olha... eu não **vou designar** uma por uma... mas... em setores... dentro do campo... ou da ocupação do campo... você tem o goleiro... que é fundamental pra defender lá o objetivo do esporte... que é o gol... e aí nesse caso específico sobretudo não permitir que o adversário faça gol... você tem uma linha em geral formada por quatro zagueiros... que protege o zagueiro e dificulta ainda mais... essa tentativa do adversário de fazer o gol... você tem o meio campo que é o responsável por fazer a ligação entre essa defesa... e o ataque...e esse ataque é responsável... basicamente por tentar fazer o gol no time adversário...

DOC. - E você assiste só futebol pela televisão ou você... vai aos... aos jogos?

LOC. - É ... hoje em dia praticamente eu só assisto pela televisão... já não

[estou com tanta frequência ao estádio

DOC. - [Porque?

LOC. - Bom... em primeiro lugar porque... o meu time do coração... não é um time que... freqüentemente esteja em boa situação nos campeonatos... e me levando sempre a querer presenciar sempre as partidas do time... em segundo lugar... por questão de... de violência nos estádios... e terceiro... a... em geral... os partidos... do campeonato estadual sobretudo... que é aquele que poderia acompanhar mais de perto... já não estão... lá muito agradáveis... os times não estão muito bons... o nível do... do campeonato é relativamente baixo... que somado ao preço do ingresso acho que não atrai muito a torcida... e particularmente não me atrai...

DOC. - Agora... como é que se organiza o campeonato brasileiro... como é que... você sabe? Essas coisas assim... campeonato estadual... como é que essa estrutura...

LOC. - Bom... em princípio você tem campeonatos de dois níveis né... os ditos campeonatos regionais... que hoje se resumem... aos estaduais...que são organizados pels respectivas federações estaduais de futebol... isso no decorrer de um ano... não é... e além desse... você tem o campeonato nacional que esse sim... é organizado pela CBF... você vê que na verdadesão dois campeonatos nacionais hoje... quer dizer... um mais restrito... de clubes de elite... clubes de... de grande torcida que... é... mais recente... a existência dele... e um outro... mais tradicional... a copa... chamada copa do Brasil... que envolve... uma quantidade enorme de times até que... paulatinamente em geral o que ocorre é que os melhores times os de melhor expressão... a nível nacional... é que acabam sendo mantidos até o final do campeonato... mas a rigor são dois campeonatos nacionais hoje... sendo que... com esse campeonato... aliás eu não sei exatamente o nome que dão hoje... eu sei que a copa do Brasil... é esse que envolve... praticamente todos os campeões e vice-campeões de todos os estádios da federação... é hoje menos... valorizAdo do que... uma outra copa que só envolve os clubes de ponta

DOC. - E você vê algum problema assim no futebol do Brasil... nesses últimos anos... já que você gosta tanto... com relação a esses campeonatos... com relação a...

LOC. - Eu acho que o problema do... futebol no Brasil é como tantos outros problemas ou... ou está como outros problemas... vinculado... à situação financeira... econômica do país... por exemplo... essa tal copa do Brasil que envolve os principais times é uam copa por outro lado em geral deficitárias pra os clubes... porque... envolve times de menor expressão... a contrapartida da renda nos jogos não é lá muito positiva... só na fase final do campeonato como eu disse... com a tendência dos melhores... times principais do Brasil... permanecerem na competição é que as rendas em geral são maiorees... porque envolvem as torcidas de maior poder aquisitivo... eu acho que o grande problema do futebol hoje... é o fato de que a situação financeira do país é deficitária e com isso... os clubes têm dificuldade pra se manter... hoje em dia o jogador que despona como... craque de bola... já no junior... ainda nos dezoito dezenove anos () ser vendido direto pro exterior... quer dizer... ele pouquíssimo tempo no Brasil... isso... essa dificuldade ... quer dizer... agora... eu acho que a QUALidade do futebol brasileiro é indiscutivelmente a... melhor no mundo... e se a gente tivesse um mínimo de... de organização... como tem por exemplo... o basquete norte-americano... eu acho que nossa situação seria próxima à do time de... de basquete norte-americano nas olimpíadas... quer dizer era... em qualquer competição internacional... seria possível entregar logo de cara a taça ao Brasil... e nós seríamos infinitamente superiores...

DOC. - e tem mais algum esporte que você... goste... que você tem eh... gosta de assistir... basquete...

LOC. - Não... como eu disse... o futebol... aliás o esporte em geral me atrai... na perspectiva de ... de um espectador... né... por exemplo... então se eu tenho um tempo livre... e se eu estou em casa... porque em geral esses esportes eu assisto pela televisão... quer dizer... o que está passando... a princípio me atrai... a liga de basquete profissional norte-americano... até torneio de... de tênis... coisas desse nível... eu acho que se o esporte é bem praticado... seja ele qual for... a princípio ele me atrai... eu assisto... mas assisto sobretudo em casa... eu talvez tenha ido uma única vez a um estádio pra assistir um esporte que não fosse futebol...

DOC. - E... quais os outros assim... tipos de divertimentos... coisas que você gosta de fazer... ligada a... à diversão...

LOC. - É porque futebol é uma... uma diversão mas também é uma profunda necessidade que eu tenho... quer dizer... é uma atividade que pra mim é fundamental... agora... já... diversão... a idéia já é bem mais ampla... quer dizer... a princípio... estar em casa num dado momento... lendo uma certa obra... é divertido também... né... como sair à noite... ir pra um bar... beber com um amigo... dançar... eu me divirto até... agarrando e dando uns beijos na minha filha...

DOC. - Eh... deixa eu ver... e assim... quais são as opções de divertimento que você conhece... assim na cidade que você vive... mesmo que você não freqüente...

LOC. - Olha... hoje em dia eu já não conheço tantas opções de divertimento assim... porque já nem tenho tanto tempo livre pra... pra dedicar a isso... e por outro lado... minha mulher mantém também ali... em rédeas curtas... então eu já nem dá pra sair assim com tanta frequência né... mas como eu disse... em geral... como eu me divirto... quer dizer... quando eu saio de casa pra me divertir... ou com essa intenção...

eu saio pra jogar futebol... ou eu saio pra... pra encontrar com os amigos... num bar... por exemplo e beber... tomar um chope... ou ir ao cinema... ou ir à praia... que é o que eu gosto muito de fazer... viajar nas férias... enfim... em geral é assim que eu me divirto... mas... como eu disse... hoje eu já não tenho tanto tempo livre pra dedicar... à diversão...

DOC. - E antigamente... como é que era... a... as opções de... de divertimento que você tinha... que você fazia...

LOC. - [antigamente...

DOC. - [as que você possa contar... da sua juventude um relato... alguma coisa... interessante...

LOC. - Ah... sim... bom... porque antigamente a princípio é tempo mítico né... a gente não sabe exatamente como é... bom... com relação a minha... infância... na minha juventude... na minha... na minha infância eu me divertia sobretudo brincando... né... a diversão era essa... e aí era jogando futebol... soltando pipa... coisas que eu acho que gostava no mesmo nível... jogar futebol e de soltar pipa... relembro a minha origem suburbana... essas duas referências são importantes... além da... das outras brincadeiras... quer dizer... quando eu era garoto... as opções de brincadeira em geral não eram... muitas né... e eram meio que generalizadas... pelo menos no subúrbio... cada brincadeira tinha a sua época... à exceção da bola... que a gente brincava de bola o ano inteiro... a gente periodi/ tinha um período específico... de soltar pipa... que em geral eram as férias de meio de ano... de final de ano... além disso... tinha o pião... que era logo depois ou no iniciozinho... na retomada das aulas... a bola de gude... enfim essas brincadeiras... além do carrinho de rolimã... que a gente gostava também...

DOC. - O que você percebe assim... de mudanças... pelo menos alguma observa/

LOC. - Agora... não... faltou falar da juventude né... hoje o quadro na verdade mudou muito... mais uma vez como suburbano... adolescente... eu continuava a jogar bloa na rua... pião já não rodava tanto... a bola de gude também... muito menos... mas aí veio um quadro novo dos bailes né... de sair... com os amigos... à noite... pra ir pra os bailes... clubes... e na época da discoteca... que graças a Deus... () contemporâneo da discoteca... então... eu freqüentava também... todos finais de semana os clubes...

DOC. - O que que você acha assim... em relação a... a hoje... mesmo que você não participe tanto... no que você observe em relação a sua infância... e... () no subúrbio...

LOC. - Ah... eu acho que::: enfim eu tenho dificuldade de... de... fazer... de certa forma uma comparação... porque... a... o senso crítico que eu tinha... quando era... criança... e até adolescente era comparável () né... então eu não sei... por exemplo... a princípio me parece... que pelo próprio desenvolvimento tecnológico... então em comparação... hoje a opção por brinquedo eletrônico... talvez seja muito maior do que era na minha época... quer dizer na minha época eu me lembro do... do... autorama... que era uma coisa que eu queria muito ter... e nunca consegui... ganhar... acho que provavelmente por razões financeiras... né... então eu acho que comparativamente hoje... é a opção... o recurso... tecnológico é muito maior... até pra... conforme o divertimento... agora acho que... além disso tem também uma diferenciação financeira... a possibilidade... hoje... diferenciada também das pessoas terem mais acesso ao... eu percebo... por exemplo... pela minha filha... tem opções hoje de... de... de lazer que eu não tinha na minha época... computador... um jogo eletrônico... agora... isso também não quer dizer tenha sido generalizado... acho que certamente... se for aí... vamos dizer uma favela... sobretudo... até no subúrbio... as crianças continuam se divertindo... basicamente jogando bola... soltando pipa... essas referências não se perderam... eu acho que hoje... pra quem tem condição financeira... o leque de opções... é até muito maior... o que era entre alguns setores... ESSES brinquedos... tradicionais... ou talvez sejam hoje os brinquedos mais vinculados... às classes mais pobres... né... acho que hoje as crianças... de classes médias se divertem muito mais com... com vídeo-games... coisas desse tipo... do que... jogando futebol na rua... agora a... situação da rua hoje... também está completamente diferente da situação da rua quando eu era criança... em Ramos eu ainda morava quando... acho que até a minha adolescência vi... nas proximidades da minha casa... um jeito... campos... peladas diferentes né... e hoje não existe mais nenhum desse jeito... e hoje a rua é muito mais movimentada do que era na minha época... então... talvez já seja um risco muito maior jogar bola na rua... não sei... mas... quer dizer... acho que hoje o dado é... a tecnologia... à disposição da divresão... mas também não é generalizado a ponto de ter... extirpado... e feito desaparecer as outras formas de... de diversão...

DOC. - Agora... você acha que... essa coisa de... dos tipos de diversão... tem a ver também com... a localização... do bairro... você acha que é como você estava falando... se mantém alguns tipos...

LOC. - É... eu acho que... talvez... haja uma diferença de... de intensidade... vamos dizer assim... né... porque... eu fico imaginando o seguinte... há... há situações... há locais... e... e até... classes específicas onde não há outra opção além daquela opção de brinquedo... né... então uma pipa **vai... prevalecer**... a bola... nessas formas de... diversão com a criança muito mais barato... né... agora... por outro lado... se você for ao condomínio da Barra... de alto poder aquisitivo... você também **VÊ**... criança jogando bola e... soltando pipa... eu acho que é uma questão... é de aí de intensidade... eu passei a minha infância toda... onde brincar era... jogar bola... soltar pipa... entendeu... não havia outra opção... não... não há... é questão mesmo de opção inclusive... talvez né... porque... àquela altura... eu talvez pudesse me interessar por um brinquedo de outro tipo... mas não havia essa possibilidade... então eu acho que é mais questão de intensidade... hoje as opções são muito maiores pra quem tem... uma situação financeira... razoável... e que

permite ter acesso... a outro tipo de... de opção... pra que não TEM... as opções... continuam a ser as opções tradicionais...

DOC. - O senhor ainda não vê assim... por exemplo... principalmente com a situação da Barra... dos condomínios... as... crianças brincando muito mais... fechadas... no condomínio... esse... tinha na sua época... o que você achou disso?

LOC. - Não... quer dizer... a dimensão do condomínio de hoje é a dimensão do bairro... quando eu era criança... né... quer dizer... esses condomínios viraram talvez... até mais do que bairros... cidades... e se bastam... ou... pelo menos... se não se bastam completamente... é possível... a pessoa viver e com um nível de qualidade bastante alto... sem sair do circuito ali... da própria Barra da Tijuca... do shopping... da escola... e por ali mesmo... e o próprio condomínio... mas... so condomínios têm um pouco esse caráter de () na minha época... quer dizer... é possível dentro do condomínio brincar... na rua... brincar nos parquinhos... no play/ no playground... quer dizer... o isolamento é em relação ao condomínio e ao exterior... mas não ao interior dele... quer dizer... a () está toda... na possibilidade de que... as crianças nasçam e... e sejam formadas tendo... pura e simplesmente aquele referencial... que é um referencial de vida... mas ali dentro ainda há uma... esfera de liberdade... que eu talvez... tivesse... também na minha infância... vamos dizer... a situação não era tão violenta...

DOC. - E você acha que... se diz que as crianças criadas em condomínios só se divertem em shoppings... eh... sei lá... podem... viver num mundo... numa redoma de vidro... não ter... não saber... o que se passa na realidade... o que você acha disso?

LOC. - Eu acho que essa... essa realidade ela é... naturalmente multiforme... quer dizer... eu acho que... na perspectiva humanista... de... o que **serão** essas pessoas... quando crescerem... que postura **terão**... que visão de mundo... acho que... a princípio... tudo leva a crer... que não sejam lá muito positivo... a visão de mundo deles deve ser certamente muito restrita... muito vinculada àquela realidade mais... direta e... quase ()... que eles conhecem... né... agora... a perspectiva geral... eh... a relação das pessoas... com a... a realidade... a realidade é bem diferenciada mesmo... quer dizer... eu acho que... se pode também... estar alheio a uma série de problemas... a uma série de... de conflitos... e de misérias sem... estar isolado dentro de um bairro daqueles... não acho que... isso necessariamente... pode ser sim uma experiência traumática... quando lá na adolescência se começa a ter a noção que o mundo não se reduz àquilo né...

RECONTATO:

Inquérito 164 (masculino / 53 anos)

Tema: Sindicato e cooperativas

LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 14 de maio de 1992

TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador

DOCUMENTADOR: M A

DOC. -

LOC. - (inint.) É os sindicatos têm sua origem no século dezenove quando a revolução industrial projetou no mundo a idéia do capitalismo. Então, houve a tentativa do trabalhador de se defender da opressão do patrão e começaram então a surgir as primeiras associações de operários. Eh, o nome sindicalismo vem de um inglês (inint.) que lançou a idéia básica do sindicato. A partir daí houve então sempre uma luta entre o sindicato de trabalhadores com os patrões. Cada país organiza, a seu nível, os sindicatos. No Brasil eles são organizados muito mais a nível municipal do que a nível nacional, talvez pelo próprio tamanho do Brasil, é difícil fazer alguma coisa nacional aqui, e com o passar dos tempos em diversos países, se organizaram centrais sindicais pra melhor encaminhar a luta. O Brasil passou da famosa CGT da década de sessenta, cinqüenta, setenta, perdão, cassada duramente, destruída a pau, para as atuais CGT, CUT, aquela outra, fala o nome do ... É mais a direita um pouco, esqueci o nome dela agora. Também gosto muito. Então, esse pessoal consegue até hoje fazer um trabalho de, de, de tentativa de defesa do trabalho. Algumas são muito radicais, muito radicais mesmo, podiam pensar um pouquinho mais. Fazem greve pela greve e eu acho que greve é a arma de trabalhador pra gente usar na hora certa, no momento exato, senão a gente se desgasta. Ah, o caso dos professores e médicos, tantas greves foram feitas no serviço público que desmoralizou a palavra greve, a categoria acabou desmotivada, desmoralizada, que teoricamente sendo do serviço público não seriam demitidos, não sofriam qualquer restrição. Agora, os empregadores descobriram que podem descontar e **vão descontar**. O governador Brizola que se diz líder socialista descontou durante dois meses o pessoal de greve. O Moreira Franco no governo anterior reteve pagamento por um ou dois meses, quer dizer, fazem o que querem e os argumentos do Brizola chega a ser ridículo, eh, o direito de greve no serviço público não está regulamentado, quer dizer, exatamente o que ele condenava nos outros governos, Sarney e companhia. Mas o sindicato é muito bonito, é uma luta bonita se for bem encarada a, a, a ... Eu acho a nossa legislação trabalhista, até interessante ... A dificuldade é que os nossos sindicatos, só agora estão

tendo autonomia, quer dizer, a qualquer momento o sindicato podia sofrer intervenção do governo, acabou. Foi assim que o Lula foi preso, tirado do sindicato dos trabalhadores, etcetera.

DOC. - Eh, na época da ditadura já havia o sindicato (sup.)

LOC. - (sup.) Já. O sindicato surgiu no Brasil depois ... Primeiro, os primeiros no Brasil não eram chamados sindicatos. As primeiras associações começam a surgir na república velha. A primeira greve do país foi em mil novecentos e dezessete em São Paulo, a primeira greve séria, duramente reprimida. Era um momento importante no mundo, porque você vê, acontecera a revolução russa e teoricamente foi a primeira grande vitória do trabalhador. E isso repercutiu no mundo trabalhista assim uma coisa maravilhosa, os trabalhadores conseguiram derrubar o governo. Então aquela imagem foi passando de país a país. Ora, era época da guerra mundial, final de guerra. E no Brasil se passava por um processo novo, a instalação das chamadas indústrias de substituição, quer dizer, como a, a, os produtos não vinham por causa da guerra, montou-se às pressas algumas indústrias de alimento, de roupas, de calçados pra substituir esse produto que a, a, a classe brasileira importava. Então, esses operários foram trabalhando e explorados violentamente por esses patrões. Ora, as fábricas se localizavam em São Paulo e até interessante os, eh, operários eram de um modo geral descendentes de imigrantes italianos que aí iam trabalhar nas fazendas de café depois de mil oitocentos e setenta. Então era gente que trazia no sangue o germe do protesto, do anarquismo italiano e é o movimento anarquista que lidera o movimento anarquista brasileiro nesta primeira fase. Mas foi um (inint.) muito grande porque aí gerou todo um espírito nacionalista que veio casar em mil novecentos e vinte e dois com o centenário da independência do Brasil. Então, o Brasil deu um grito de nacionalidade com uma série de acontecimentos, veja bem, criaram-se em mil novecentos e vinte ou vinte e um, agora me falha a data, a Universidade do Brasil que é o embrião da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, eh, em mil novecentos e vinte e dois, o centenário da independência, nesse mesmo ano se realiza a semana de arte moderna, ainda nesse ano a, a, esse primeiro grupo tenentino que é a revolta do Forte Copacabana, então é todo um momento histórico muito importante no qual se cria o partido comunista brasileiro no mesmo ano que **vai assumir** a luta trabalhista. Aí a coisa vai crescendo, vão se organizando os sindicatos, associações de trabalhadores e começa a luta traba... trabalhista que **vai ter** assim um coroamento brilhante com a CLT de Getúlio em mil novecentos e quarenta e três. É muito gostoso a gente analisar isso, é muito bonito.

DOC. - (inint.) Eh, na ditadura a gente já tinha o sindicato (sup.)

LOC. - (sup.) Já tinha (sup.)

DOC. - (sup.) Qual era (inint. / sup.)

LOC. - (sup.) Ah, não havia qualquer chance. No momento atual (sup.)

DOC. - (sup. / inint.) A atuação do sindicato naquela época (sup.)

LOC. - (sup.) Olha, veja bem, Getúlio, inteligentíssimo que ele era, ele manobrou os sindicatos. Quando ele determinou que o Estado podia intervir nos sindicatos, ele, eh, acabou gerando um líder sindical submisso ao governo que nós chamamos de pelego. Pelego é aquela pele de, de carneiro que gaúcho bota entre a cela e o lombo do cavalo, ele ... Então, é pelego que fica no atrito do patrão com o empr... com o governo, do empregado com o governo, perdão, e com isso, eh, os lid ... , alguns líderes de sindicatos da época eram na verdade muito mais ligados ao governo do que outra coisa. Vários se tornaram juizes classistas, vários foram agraciados com benefícios, títulos, até hoje alguns, ainda restam ... O Ari Campista morreu não faz muito tempo, o tipo ... E Getúlio ... Os, os líderes sindicais eram mais ou menos manobráveis, alguns tentaram aparecer ao tempo de Juscelino mas sem aquela empolgação de antes. Quando a coisa cresce muito, eh, na década de sessenta com a inflação brasileira, já era Jango no poder como ministro do trabalho, depois como presidente da república, vice-presidente e presidente da república, aquelas situações todas que vieram acontecendo, os sindicatos voltaram a atuar muito forte quando surgiu essa CGT, que eu falei, forte, agitando os trabalhadores com greves quase diárias no país. Quando há o movimento militar em mil novecentos e sessenta e quatro, a repressão em cima deles é maior (sup.)

DOC. - (sup. / inint.)

LOC. - (sup.) Realmente violento porque as lideranças foram cassadas, sumidas, desaparecidas, a repressão foi violentíssima principalmente no período de sessenta e quatro até setenta e quatro. Foi violentíssima realmente, o ápice talvez tenha sido quando você falou essa tal época da entrevista, setenta e um, governo Médici, onde não havia qualquer chance de movimento sindical. O governo criou um acordo salarial com índices, pré-determinados que davam, eh, o aumento que você teria direito, não havia mais briga. Você tinha periodicamente aquele mesmo dissídio, a inflação é tanta, os aumentos são tantos, tudo oficial e aquela repressão violenta, um mascaramento dos índices que levou a dar uma inflação em mil novecentos e setenta e três de vinte e dois por cento, de treze por cento, perdão, oficial no país. Ah, nem parecia Brasil, treze por cento no ano, né, coisa que você vê em oitenta e cinco ... Quando o Collor assumiu estava dando oitenta e cinco por cento ao mês, é isso, sempre em índices oficiais, né, os índices reais, como vê, são muito mais altos, né? Com isso a, a, o sindicato não fazia nada. Quando começou o governo Geisel, um governo fortíssimo em termos de poder pessoal do Presidente, esse homem ... Geisel era realmente um todo poderoso presidente da república. Demitiu ministros militares, prendeu outros, não deu bola pra ninguém, pra ninguém, mas verdade se diga: conseguiu debelar a tortura, tendo coragem de demitir o comandante do segundo exército e liberou a censura. Então, aos pouquinhos foi mudando o relacionamento

patrão e empregado e o empregado, achatado durante tantos anos, começou a assistir a, o surgimento de algumas lideranças novas onde entra em cena, eu acho que a melhor liderança do país nessa época, que é o Lula, melhor que você sabe que não é um cara de grande estudo, ele nunca conseguiu concluir o primário, mas um cara de uma inteligência muito grande, dá pra sentir isso, e uma coragem fabulosa na minha opinião porque timidez não faz parte do vocabulário dele e conseguiu fazer a partir de setenta e oito, setenta e sete, um movimento operário muito sério no ABC paulista. Eles conseguiram em setenta e nove, botar naquele estádio (inint.) sessenta mil trabalhadores, que realmente é uma coisa fantástica, né, a nossa assembléia dos professores quando reuniu três, quatro mil mas não é um negócio a glória, a glória realmente, não é? Ele então se tornou um líder político a ponto de criar um partido. Agora, como é que eu **vou te dizer**, a partir daí começa a luta sindical. Aí volta a se organizar a, a central geral dos trabalhadores, a CUT que é a central unificada, aquela ... Tem uma outra que esqueci o nome, aquela do, que (inint.) é tão ruim que eu esqueço e, eh, que o pessoal sabe que é financiado pela (inint.) americana... Então há todo um trabalho de novidade hoje. Agora, surgiu muito bem duas figuras interessantes, né, um cara mais direita que é o Medeiros, que faz o que eles chamam de sindicalismo de resultados (inint.) e outro que apareceu agora esse ano, né, do PT, que é o Vicentinho, né, está impressionando maravilhosamente bem a todos, ele é inteligente, (inint.) que é outro Menegheli, mas não é não, o cara é muito coerente, tem uma liderança mesmo. Eu estou achando interessante isso, **vamos ver**. Eu sempre achei a luta, a chamada luta de classe, muito bonita. Eu sou sindicalizado há quase trinta anos e embora eu nunca tenha feito parte da militância, eu acho que não dá porque, ah, você se apaixona por essas coisas, você não **vai ter** mais emprego, se trabalhar como eu penso, mais emprego ... a família **vai ser** negligenciada, tudo isso (sup.)

DOC. - (sup.) Tem que se doar muito (sup.)

LOC. - (sup.) Muito. Agora mesmo estava vendo o, eh, o Vicentinho já se separou da mulher, não agüentou o tranco, a mulher não agüenta essa vida, sem contar as pressões, né, militares e outras coisas (inint. / sup.)

DOC. - (sup. / inint.)

LOC. - (sup. / inint.) É uma das poucas ... Eh, veja bem, eu comecei a trabalhar em vestibular, mas naquela época vestibular não tinha férias, não era cada universidade, cada faculdade fazia seu exame. Então, você emendava uma na outra. Se você quisesse, digamos, eh, ter férias, você ou tiraria férias, não receberia. Eu casei, vieram meus filhos, eu queria pelo menos curtir meus filhos porque, de vez em quando: quem é esse cara aí? Eu chegava eles estavam dormindo; eu saía eles estavam dormindo. Aí eu larguei os vestibulares e fiquei cinco anos sem trabalhar. Quando voltei em setenta e oito, nós tínhamos montado um curso e voltamos a trabalhar. Mas aí já estava regulamentado, eh, a partir ... No início não estava não, em setenta e três começou a haver Cesgranrio com ... acabando em dezembro, você já tinha um pouco. Então, parei e voltei agora. Voltei agora porque preciso de dinheiro, o achatamento da sociedade brasileira e principalmente da categoria dos professores é violentíssimo. Você vê, e, eh, eu sou professor também aposentado do município em final de carreira no Estado e o meu salário hoje (inint.) trezentos e noventa mil cruzeiros (pausa). Não conta as vantagens, agora vem aumento de quarenta por cento, dá quinhentos e pouco (sup.)

DOC. - (sup.) E o aumento sindical do professor, como é que o senhor vê? O, o senhor acha que ele age certo?

LOC. - Até certo ponto. Na luta salarial não é ruim não, mas só pensam no lado salarial. E eu já pedi a eles: olha, nós somos uma categoria que não temos um plano de saúde, um plano de, de aposentadoria, sequer um vale refeição, a única coisa que você tem é aquele ticket passagem, se você quiser, que você paga e não interessa pra gente, que você paga seis por cento do que você ganha, é mais caro que a passagem. O pessoal que ganha um pouquinho mais não se interessa por esses tickets. Então se inicia com um problema, você está se formando em Letras, se você **vai ser** professora hoje, começando a trabalhar, se você se formasse agora e começasse esse mês a trabalhar e fosse trabalhar, Deus lhe ajude, quarenta horas por semana como qualquer trabalhador normal seriam cento e sessenta, cento e oitenta horas por mês, o seu salário hoje, hoje, seria aproximadamente setecentos mil cruzeiros, só. Dois, não chega a três salários mínimos, três salários mínimos. É muito difícil conseguir uma carga de quarenta horas, você sabe disso, te obriga a ir a vários colégios, deslocamento, passagem (sup.)

DOC. - (sup.) Quarenta horas em sala, né? (sup.)

LOC. - (sup.) Em sala, em sala (sup.)

DOC. - (sup.) E cento e vinte em casa (sup.)

LOC. - (sup.) E se eu estivesse fora de coordenação não poderia estar conversando com você, que hoje por acaso é um dia mais suave, eu não dou a maioria, só seis aulas, segundo grau dou aula, e coordeno vinte e quatro, eh, mas tem dia que dentro de sala é isso, basta faltar um colega que eu **vou** lá. Se é terceiro ... Às vezes eu não **vou dar** minha aula pra não encher o cara de história. Então preparo exame de matemática, como eu gosto de certas cadeiras, e a gente que nesta vida, trinta anos, trinta e quatro, como eu estou dizendo a você, acaba aprendendo alguma coisa, o que o cara está dando, ah, é progressão, eu não conheço progressão e você está dando em biologia, é o quê? Reprodução, tem aqui, vamos lá. Eu tenho uma série de livros, depois **monto** alguma coisa e **passo**. Terça-feira um colega de química faltou seis aulas, duas em cada turma. Teve seis exercícios montados, dois para cada matéria: matemática,

história ... Eu, por acaso, o colega fala a, a, o que você está dando? Pa, vamos montar isso, vamos lá (inint.) Você tem que estar preparado para uma eventualidade dessa, né? Só agora é que a informática está chegando às escolas, os boletins estão saindo pelo computador, e nós estamos bolando umas fichas de questões pra ver se conseguimos fazer um banco de questões como tem a Cesgranrio.

DOC. - (inint.)

LOC. - É, você um dia poderia. Está faltando o primeiro professor, a matéria dele é essa, eu quero tais e tais questões. E na questão do assunto **haverá** na ficha o assunto, o objetivo (sup.)

DOC. - (sup.) É aquele negócio que a gente aprende na faculdade de educação, o aluno ... Aquela caixinha que o professor botava lá no fundo da sala, o aluno terminou a matéria vai lá e busca uma fichinha (inint. / sup.)

LOC. - (sup.) É. Pra você ver as fichinhas de educ... No outro dia brinquei com uma, uma (interrupção) Tinha conversado com a menina que faz estágio, quer dizer, eu brinquei com ela, digo: olha, há muita coisa que tem que mudar na faculdade que não tem nada a ver com educação. Porque eu não entendo escola com um setor que possa isolar (inint.) Eu acho que o profissional que está aí lutando tem que aprender a se virar inicialmente na parte de supervisão, coordenação e no dia a dia da escola. Primeiro porque todo mundo tem comodismo (inint.) Você não **vai poder**, trabalhar em escola e administrar bem se não for dar aula, quer saber um pouco ... E o mal é esse. Você vê jovens que sai de, de sala e vão dirigir colégios por aí porque herdaram, etcetera e tal. O nosso diretor trabalhou com a gente, deu aula e entrou com um grupo de dez para abrir um curso vestibular. Arrendaram uma escola e começaram, dez. Era o mais jovem talvez, na época ele tinha o quê? Vinte e seis, vinte e sete anos, trabalhava no antigo EDN, aí desses dez, o pessoal, ah, professor de inglês, garoto novo, mas ele sentiu que, poxa era o único ali novo, casado, recém-casado, praticamente, alguns mais velhos já com outras definições e ele tinha que ir à luta. Se atirou de peito aberto, houve algumas di... Bom, primeiro ficou sozinho, conseguiu, como ele diz, ele deu sorte, comprou esse colégio, tinha um outro prédio (inint.) Agora gramou, comeu giz, só no GTS dez anos, fora os outros (sup.)

DOC. - (sup. / inint.)

LOC. - (sup.) É. Não falei? Então ele comeu giz dez anos e dirigiu uma escola, foi isso mesmo, tudo bem. A filha dele entrou pra faculdade de Letras na UERJ. Faz um favor pra mim, meu irmão. Ensina a ela o que você puder, digo, eh, botar no meu lugar um dia que precis... Não, não no teu, no meu. Antes do teu, ela **vai** no meu. Mas daqui a algum tempo quando ela se formar **vai dar** aula também. Ela tem que comer giz, porque eu acho... Não, eu sei, por enquanto não vai. Ela saiu da escola no ano passado, quer dizer, é colega dos outros ainda, até o nível de respeito é diminuído, é claro? Não queremos que ela tenha (inint.) mas já ajuda um bocado.

Você conhece o professor José Ricardo da UERJ (sup.)

DOC. - (sup.) Não. Não estudei na UERJ.

LOC. - Você é federal. Nunca ouviu falar nele?

DOC. - Não.

LOC. - Que é o diretor de letras, da faculdade de letras da UERJ (sup.)

DOC. - Não.

LOC. - Ele trabalha com a gente aqui (inint.) de ensino e ele está agora liderando um projeto que ele chamou projeto excelência, tipo de programa com testes, funções, trabalhos, entendeu? E nesse trabalho todo ele (interrupção). Ele aturou um ano, agora não agüenta (sup.)

DOC. - (sup.) Mas voltando um pouquinho, eh, aos sindicatos. Falou um pouco do movimento sindicato dos professores ... E a greve? O senhor não acha que a, a greve está um pouco desgastada (sup.)

LOC. - Ah, eu acho, eu acho. Tanto que esse ano não houve greve, não se conta. Eu não sei se o instrumento da greve está desgastado. Eu acho que como a greve está sendo feita está desgastada. As greves hoje, elas não têm nenhum impacto. Veja, os médicos acordaram mais cedo, estão evitando greves. Como eles estavam desgastados, a categoria ficou desgastada, que a televisão que é empresarial sempre só **vai mostrar** a falha. Ah, porque aqui morreu um doente porque o médico em greve não atendeu. O cara podia até ser doente terminal, Deus que perdoe, eu não sei se é ou não, mas o fato de não ter sido atendido, ou não ter nem chegado lá às vezes exagera a questão. E com os professores públicos eu acho que está acontecendo isso. Você vê passou-se no município um período, o estado ficou só um mês em greve, entrou e saiu sem qualquer definição. A greve, o professor, já não tem ... Sério, sinceramente, eu não sei se é porque é (inint.) Não sei bem, você vê, a categoria do professor vem sendo aí usada e abusada, não é? Eh, os meios de comunicação, o aluno já não tem o mesmo respeito pelo professor. Há pouco tempo eu li uma revista, uma, uma pesquisa e colocava o magistério como benquisto, muito bem, ah, acreditado junto à população. A igreja e o magistério, são os mais acreditados. Mas eu não sei se a pesquisa hoje terá o mesmo efeito, entende? Eh, é um momento muito complicado, a profissão está acabando. Então você não tem ... Você vê. Esse plano que o prefeito anuncia hoje está, na minha opinião, privilegiando a professora primária, e eu acho que tem que ser assim. Eu acho o trabalho mais difícil em termos de educação do primário. Porque um primário bem feito, tudo fica mais fácil, não é? Eh, a nossa escola já aumentou a nossa carga de primário porque a gente acha que a criança tem que ficar um pouco mais na escola. Não pode ser uma escola particular (inint.) CIEP inteiro não dá condições disso. Mas, eh,

você vê há uns vinte anos atrás, talvez mais, né, as jovens de bom preparo, de boa família eram atraídas para a profissão de professora primária. Eram razoavelmente pagas, havia, havia a condição de ter um horizonte, havia chances e hoje o que que elas têm? O salário de uma professora primária do estado não chega a um salário mínimo. Então se você tem alguma condição, você não está querendo ser professora (inint.) Trabalha em casa e na escola. Tem ene profissões menos desgastantes e ganho melhor. Então você vê, está sendo atraído para a profissão um pessoal muito pouco interessado em alguma coisa. As escolas normais estão realmente com nível muito baixo, não é/ Não é que os professores sejam ... Se você cobrar um pouquinho a mais (inint.) baixo, é obrigado a nivelar por baixo e deve estar acontecendo no ensino superior. Ó, física, você não tem professor de física (inint.) Raríssimo (sup.)

DOC. - (sup.) Geografia está um caos também (sup.)

LOC. - Geografia há muitos anos. Física, (inint.) há uma explicação. É o problema da área tecnológica. Você ter qualquer profissão da área tecnológica te paga melhor que o magistério. Então, eh eu me lembro, são dois, eh, eh, dois momentos muito, delicados. Eu tenho um comentário de um professor do século dezesseis que visitou o século vinte. Ele ficou doido em ver tudo mudado: Esse país, esse mundo está louco, o que que é isso? Até que ele entrou numa sala de aula, foi a única coisa que não mudou. O aluno sentado, escutando o professor falando. E um outro um, um comentário, comentário, no Dia, de Carlos Eduardo Novaes sobre a última professora. No ano dois mil, ta-ta-ta, se achou-se uma mandíbula de uma professora e que ela teimava em dar aula, morreu na (inint.) Gozadíssimo isso, eu tenho em casa. Guardei agora domingo alguns materiais, achei isso aí e guardei de novo. Belíssimo. Novaes é um gozador ... e que realmente você não encontra... O governo não tem nenhum interesse. Pra que educar uma população para reclamar depois. Enquanto ela ignorar, não reclama. Quer dizer, um governo que se diz que apoia a sua plataforma política em educação, paga um salário mínimo aos professores. ele agora deu um aumento de cem por cento em três vezes, eh, ao final de três meses, **vou colocar** uma inflação de vinte por cento, vinte sobre vinte sobre vinte, você já não tem aumento. (pausa) Você não tem realmente nenhum compromisso com o magistério, perdão, com a educação, nenhum (inint.) A senhora secretária de educação do estado, professora da sua universidade, era uma mulher que eu tinha profunda admiração, Maria leda Linhares, que foi perseguida, cassada, exilada na França, era assim pra eu, pra mim, que sou de História, um símbolo. Ela voltou e foi guindada pelo seu Brizola , duas vezes, secretária de educação. Olha, eu assisti um debate dela, Deus me livre, não parecia Maria leda, parecia uma mulher atacada, agredida, reagindo contra feras. Falava com professores. Depois **reclama** do professor que vaia o governador. (pausa) É baixo? É. (inint.) Agora eu já não posso mais criticar mais ninguém. É um governador que aconselha jogar pedras e vaiar o Sarney como ele disse que era bom fazer. Colocar (inint.) de vez que sai de uma assembléia vaiado e no ano seguinte se recusa a participar. Me lembro de outra vez, ele entrou numa, numa, numa assembléia nossa de professores, essa eu estava presente, sob vaia e saiu terminantemente aplaudido. Mas este é o político, esse é o líder que entra e ganha a situação. Esse é o professor que entra numa turma preocupado, porque ele às vezes, **vai ter** que fazer um trabalho numa turma difícil e sai garantido.

DOC. - (sup. / inint.)

LOC. - É muito difícil isso. Então não é greve, quer dizer, é todo o processo educativo (sup.)

DOC. - O senhor acredita que possa existir outros instrumentos além da greve? Outros pra forçar, pedir (inint. / sup.)

LOC. - (sup.) A greve pra mim é em última instância. Ela só deve se deflagrar quando não houver mais recurso nenhum. Mas é um recurso válido que se usa. Desde da época que eu falei para você, há duzentos anos.

DOC. - (sup.) Não. Está desgastada, está demais, quer dizer, ela não está desgastada, está se usando demais a greve (sup.)

DOC. - (sup.) Tudo que se usa demais (sup.)

LOC. - (sup.) É.

RECONTATO:

Inquérito 052 (masculino / 59 anos)

Tema: Vida social e diversões

LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 29 de junho de 1992

TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador

DOCUMENTADOR: M A

DOC. - Bem, então, é, como o tema é vida e diversões, eu, queria que o senhor falasse, por exemplo, pra começar, é, o tipo de reuniões que a gente tem, por exemplo, reuniões que a gente pode fazer, em casa.

LOC. - Ah, reuniões normais, reunião de família, reuniões com amigos, é, das mais diversas, normalmente até em recepções se, mas, no que diz respeito a [tá boa a altura, ou não] é algumas mas, apesar de conveniência, com toda a família.

DOC. - [?]

LOC. - Ah isso é eventos né, diversos. Podem ser reuniões, informais podem ser reuniões, até, sociais, também, batizado, casamento, isso é a coisa mais normal entre as pessoas né, batizado, casamento, até, reuniões muito desagradáveis, muito provavelmente são aquelas que, quando os nossos vão, né, os nossos mais amigos, íntimos, vão embora, deixam, de existir né, mas de qualquer forma são essas, reuniões até culturais, às vezes também, onde são elaboradas coisas, diversas, normal.

DOC. - Em casas ...

LOC. - É, em casas de amigos, em minha casa, claro, é quase é, uma, rotina nossa né, ter que se, tem se agregar, tem que se , tem que procurar os, semelhantes né, é isso aí.

DOC. - E na casa ... é ... de reuniões em lugares públicos ...

LOC. - É, familiares, em às vezes, em, lugares públicos, que eu participo são, reuniões de trabalho. Essas daí já não pode se dizer, uma reunião social, são reuniões, a trabalho, são reuniões, inerentes ora, a nossa função pública né, então, normalmente, conferências, palestras, seminários isso aí. Não sei se é essa, essa, colocação, mas não deixa de ser né.

DOC. - festividade

LOC. - Bom, a gente participa normalmente dessas festividades estaduais, que, a gente é obrigado, por uma série de circunstâncias nós somos até obrigados a comparecer né, mas, não é muito comum não. Eu normalmente procuro, não, ficar um pouco omisso com relação a isso. Essas reuniões de, solenidade, inaugura isso, não sei que mais, e, cocktaill em favor disso, a posse do fulano de tal, isso realmente, eu procuro, recolher a minha insignificância porque como um técnico do Estado, não há como, me misturar. A gente tem que abraçar, a camisa do Estado, e não a, vestir a camisa do Estado, e não vestir a camisa da política. Eu não sou político. Eu sou, a minha área é administrativa, é outra coisa, tocar, relativamente bem. Tanto é que, como, ex-funcionário do Tribunal de Contas, na época inclusive, que dei a primeira entrevista eu, estava no Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro, de onde eu sou funcionário, mas só que me aposentei, e, antes de me aposentar, fui requisitado pelo Governo do Estado pra assumir uma, responsabilidade, e, no Planejamento do Orçamento de Secretaria de Estado de Educação, onde fiquei durante oito anos, todo o orçamento da Secretaria Estadual de Educação. Depois eu fui dirigir a Fundação de Amparo à Pesquisa, e, de onde saí o ano passado, quando estava ... requisitado também para, Secretaria de Estado de Cultura, onde dirigi durante seis meses essa Secretaria, e por uma série de circunstâncias fui, convocado pra, mais essa etapa de vida [?] trabalhar , em prol da área administrativa do Programa Estadual de Educação, né, [?] para, essa a, carro-chefe do Governo do Estado, mas isso, sem, nenhum, cunho político, e só pelo cunho, pela área administrativa, uma certa experiência né.

DOC. - É, bem, então vamos de, mudando um pouquinho, vamos falar por exemplo de formas, de tratamento, como é que é, ... o senhor falar como é que são as formas de tratamento na sua área, comparando com o trabalho, com os amigos, como é que o senhor, ... fórmulas mesmo ... como é que o senhor, quando o senhor tá conversando com a sua esposa, como é a forma de tratamento.

LOC. - Ah, isso é o mais íntimo possível né, é a mais, não só, com a esposa como com meus filhos também, né. Nós temos um, relacionamento uma maneira de tratar muito, muito, normal, sem, criar, probleminhas, que à vezes a pessoa trata, exige-se um pouco de respeito mas, o tratamento é, bem normal. Agora fórmula o que que você quer dizer com fórmula, é, se a pessoa me trata de senhor, ainda como o, feudo, não, não tem nada disso, lá, é tudo democrático, se é essa, e o tipo do trabalho também, o trabalho também.

DOC. - Aqui também é.

LOC. - É, embora eu, dirija a Secretaria, eu, tenha, essa responsabilidade, eu mantenho uma forma, uma maneira de tratar muito, cordial, entre os meus funcionários, não é nada, é melhor sabe com respeito, mas, cordial.

DOC. - E, em que outras situações ...

LOC. - É sempre muito difícil, a situação mais formal é quando você tem que tratar, com pessoas que hierarquicamente estão, acima, né. Então, se eu **vou falar** com o senador, vou, se **eu vou conversar** com o Governador eu tenho que tratar de uma forma, Vossa Excelência e tal, mas assim mesmo, com o Governador do Estado com o Vice-Governador. Com o Senador Darci Ribeiro eu trato de você mesmo, porque são trinta anos de convivência a gente, vai acostumando, não tem, é bem normal, e ele também faz por onde, tratar dessa forma, a todos que trabalham com ele.

DOC. - E, bem, mas, é, normalmente, como é que, normalmente, não só em relação ao senhor na maneira como se relaciona com a sua família com ... o senhor vê , as pessoas se relacionarem, pessoas de mesma idade...

LOC. - É, é, lá em casa meus filhos me chamam de você. Eu não vejo nada demais, claro, que, há uma, diferença, mas isso é questão de geração. A época em que eu tinha pais a gente, tratava com aquela reverência o senhor pra cá o senhor pra lá senhora pra lá e tal, mas, isso vai passando, isso vai mudando de geração a geração.

DOC. - Hoje em dia acho que nem mais de pai e mãe chamam.

LOC. - Não, nem pai e nem mãe, é, não, mas lá em casa ainda me chamam de meu pai, minha mãe, paizão daqui né, de qualquer forma, bem bem democrática, não há essa maneira de tratar com essas reverências e tal [?] isso aí não. Não chegamos a tanto né.

DOC. - E, bem, como é que o senhor vê por exemplo as formas de tratamento utilizado entre pessoas de classes sociais diferentes? O senhor acha que há um modo diferente de se ...

LOC. - Há, há, modos diferentes. Aqui mesmo, embora eu seja uma pessoa, bem aberta, no que diz respeito a, tratamento eu tenho alguns funcionários que, sempre botam um doutor pra cá, né, ou senhor pra lá, embora eu dê oportunidade que me chame de Mário Celso, mesmo, claro, desde que respeite e tenha, saiba o dever dele, as obrigações, eu acho que nada impede descentralizar ao máximo, sabendo que cada um é responsável, pela sua área mas, alguns ainda, mantêm, chega a secretária, vai me chamar Dr. Mário, chega o outro, você acabou de ver [?] Dr. Mário preciso de mais alguma coisa, e tal, caso aí, nessa, isso são diversas chamadas eu tenho aqui contínuos, eu tenho aqui, vigilantes, eu tenho, né, o pessoal do material, que toma conta da conservação do prédio, como também tenho contador, eu tenho administradores, então são, diversas, camadas sociais.

DOC. - [?]

LOC. - Há, é, é tudo de hierarquia, ah isso é.

DOC. - Vamos mudar um pouquinho então [?]

LOC. - Olha, eu sou, um fã incondicional de qualquer tipo de música, desde que ela seja melódica, né, desde o clássico ao popular. Agora se eu conheço, depende do do lugar. A minha origem embora eu seja carioca, é Minas Gerais. Então lá tem aqueles sistemas da música local, agora mesmo estamos na época de, festividades juninas, caipiras, e tal, música sertaneja, que a gente tem que admirar também.

DOC. - E a diferença ...

LOC. - A música, [], da Bahia, já é mais puxada pra o candomblé, puxada pra música, reggae tão puxando agora, lambada pra cá, lambada pra lá então tem que conviver com essa coisa toda. Mas eu sou fã da música clássica ou então do nosso samba mesmo, da nossa música popular.

DOC. - É, o senhor falou aí em festa junina né, e, e da sua influência de Minas, o senhor não vê, é, diferença da comemoração das festas juninas ...

LOC. - Olha, eu, participei desde garoto, de festas, juninas, tanto lá em Minas como, embora (eu) tenha sido, nascido aqui no Rio, mas, meus laços familiares, meus parentes, meus tios, [?] eu participava de festas lá, que eram festas muito agradáveis da mesma forma, que aqui eu inclusive, meu sítio volta e meia eu faço uma festinha junina, convido os amigos, depois, é importante que a gente mantenha, pelo menos a nossa cultura né, é uma forma agradável. Quando jovem, freqüentava muito a festa junina. Hoje tá, um pouco, desagradável até de sair, de casa por causa dessa violência, e a gente fica preocupado né, não sabe nem de chega, nesse Rio de Janeiro, nessa grande metrópole, então é um negócio muito sério. Não vejo muita diferença não.

DOC. - As brincadeiras.

LOC. - A mesma coisa, a mesma coisa, não, talvez as brincadeiras lá sejam até mais, é, eram na época, eu não posso dizer "sejam" porque há muitos anos que eu não participo, eram muito inocentes, eram brincadeiras, sem, maldade, às vezes aqui, é fogos pra cá e, balão dali e tal, aí.

DOC. - Quais eram essas brincadeiras?

LOC. - Pular fogueira, era subir o pau de sebo, era o casamento, então essas coisas, era beber lá toda, a quadrilha, que é o normal, não passava disso, aqui, às vezes fazem até maldade de soltar coisas, né, que venham até, criar problema para a nossa natureza mesmo né, balões imensos, há pouco tempo mesmo eu participei de uma, uma festa junina aí que soltavam balões aqueles que, proibitivos ...

DOC. - Mas eles são lindos né.

LOC. - São lindos mas não há. Se você soltar um balãozinho japonês ou quando muito aquele outro, pequenos, ainda dá, mas um balão que tinha, não sei quantas coisas, não sei quantos metros de altura, eu acho que é, é criar problema, ainda mais agora com essas, as refinarias por aí. Já imaginou o que isso representa, um balão desse cair numa refinaria como Duque de Caxias, ou como, o que **vai acontecer**.

DOC. - [?], bem ...

LOC. - Agora outras festas, normalmente, participo, só quando for, férias, carnaval, na Bahia, muito agradável, muito mais, Pernambuco também, eu há pouco tempo, eu não, deixei até de colocar, mas eu tive lá, em Recife, lá, é uma cidade bem agradável, carnaval em Olinda .

DOC. - Como é que é?

LOC. - Eles tão realmente pra brincar até, o pessoal está pra brincar pra pular o carnaval de rua que tem é que, quando eu era garoto era muito comum você vir pro Rio de Janeiro, hoje, o carnaval do Rio se restringe a, à , Av. Rio Branco, com os blocos, ou então com, o famoso Sambódromo aí onde que industrializou-se, o carnaval, [?] escolas de samba. Na época não, na época em que eu era jovem, escolas de samba, qualquer cidadão poderia até assistir porque, era em plena Presidente Vargas. Então a gente ia pro baile, participava daqueles. Depois assistia os carros alegóricos das escolas de samba, tudo normal, você passando de bonde, não tinha, nada disso, hoje não, hoje vale milhões e milhões de dólares por causa dos, contraventores né então deixa pra lá não vou pra lá.

DOC. - [?] o senhor toca algum instrumento?

LOC. - Não, gostaria de tocar. Pra não dizer que eu não toco, eu já toquei guitarra, mas, gostaria de tocar. Lá em casa, os meus irmãos, quase todos tocaram, piano, violino, violão, acordeón. Mas eu, mas eu, não tive esse privilégio. Fui o último né de uma família de nove. Então, fiquei fora.

DOC. - [?]

LOC. - Tinha orquestra, não precisava daquele pra tocar.

DOC. - E o senhor gostaria de tocar qual instrumento?

LOC. - Piano. Gostaria de tocar piano, mas não tive oportunidade e depois também, a idade vai chegando, preguiça aquela coisa. Eu até poderia ter, mas, perde o "elan" né, de certa, tem outras coisas pra fazer, tem que se pensar na vida, cotidiana, tem que se pensar, em ganhar o dia-a-dia e honestamente, manter uma família que hoje, você vê, quatro filhos, graças a Deus dois já estão encaminhados, um médico o outro é engenheiro, e , tô com a terceira, colega de você, só que tá estudando Biologia né, então praticamente, a minha, meta já está quase completa.

DOC. - ... em questões de, de tipos de reuniões, diversões, coisas assim, que tipo de diversão... filhos né ... é atraente

LOC. - não veja bem, isso, depende muito da, formação dos filhos, né, claro que as diversões são várias, uns gostam de baile, de festinhas, de. Outros gostam de esporte, de freqüentar, o Maracanã, casa cheia, assistir um jogo, então, são, várias diversões, cada um se diverte, praticar um esporte, não deixa de ser um divertimento, né, então isso depende muito de gerações. Lá em casa é assim, eu tenho, dois filhos, um, gosta muito, de, é, participar de reuniões, de festas, já o outro já é mais, fechado, ele prefere ficar, se limitando a ler, assistir uma televisão, muito difícil também mas, ouve música e, trabalhar, fora que eu tenho as filhas, uma gosta de festa, a outra adora baile, a outra de teatro, cinema então, são várias diversões, isso depende, é muito variável, cada um tem, uma maneira de pensar.

DOC. - Muito individual

LOC. - É, é, por geração, e repare eu tenho, três gerações em casa, eu tenho, dois filhos, praticamente da mesma idade, uma filha, com mais ou menos a sua idade, a outra com 16 anos. Então já são três gerações, cada uma, aí a mais nova tá pensando no bailezinho, na festa, é no, assistir um, teatro, uma programação, fazer [?] [?] ídolos, sabe como é que é, ainda tá, já aí, que tá na sua idade tá pensando em se formar, em ser uma boa bióloga, e aí já tá com namoro sério, já tá pensando em casar amanhã ou depois, esquece um pouco, o divertimento.

DOC. - O senhor falou aí também do esporte né ...

LOC. - Não, nós lá em casa todos gostamos, de esporte.

DOC. - Todo mundo pratica alguma coisa?

LOC. - É, embora, a minha idade, eu ainda, gosto de praticar o esporte. Gosto de jogar futebol, gosto de jogar um voleibol, né, gosto de, nadar, e lá em casa todos.

DOC. - Cada um tem um, tem um, uma modalidade?

LOC. - É, lá em casa todos não não, lá os rapazes são, do futebol, é. Adoram futebol, tem até campo de futebol na minha casa, de campo , justamente pra, pra que a gente no fim de semana, aproveite bastante, e aí, é, e aí vão todos os colegas, amigos, diversos, aí vêm, gerações diversas. Hoje ainda, alguns amigos que jogavam comigo, jogam com os meus filhos, da mesma forma que eu. Então, a gente fica ali, praticando, fazendo exercício, e se divertindo, é uma maneira de divertir também né, bem saudável.

DOC. - [?]

LOC. - É, piscina, ginástica agora isso daí que agora tá em moda né, que tá na moda, né, ficar freqüentando academia, Equipe 1, não sei o quê, e tal, são mais preguiçosos, só gostam disso.

DOC. - [?]

LOC. - É, não, porque veja bem, na época em que eu era jovem, lá em casa nós praticávamos esporte mesmo, [?], jogar, minha irmã jogava, voleibol, eu jogava futebol, basquete, vôlei. Agora, as minhas filhas já são mais preguiçosas. Gostam, muito, de uma piscinazinha, dar uma nadada, ou então malhar numa academia.

DOC. - [?]

LOC. - Não tem [?] não tem

DOC. - Vamos falar sobre os jogos, o senhor assiste jogo?

LOC. - Se eu assisto jogo?

DOC. - [?]

LOC. - Olha eu, como eu lhe disse, assisto tudo, sou fã incondicional do futebol. Então, todo domingo que tiver o meu clube jogando, estou lá no Maracanã, assistindo. Sou freqüentador, já dirigi clube, né. Então, sou freqüentador assíduo do Maracanã, futebol, basquete, vôlei através da televisão. Não gosto de corrida de automóvel, acho que Fórmula 1 é, talvez, a grande responsável por essa loucura que nós temos de trânsito né, pessoas, pilotos, em potencial, assistem, [?], você repare só, logo após uma corrida de Fórmula 1, como os desastres acontecem com muito mais rapidez porque normalmente o motorista começa a ziguezaguear, fazer loucura. Então, não gosto. Não gosto de boxe. Acho que é, um esporte brutal, eu gosto realmente é do esporte coletivo, isso aí, voleibol, basquete, e tal, mas o futebol, principalmente.

DOC. - E outros jogos ...

LOC. - Olha outro tipo de jogo que eu não gosto. Jogo de azar, se você chegar e disser assim: Vamos jogar um baralho! Dificilmente, talvez, um buraco, amigo, com parentes, com minha sogra, que tá velhinha, oitenta e oito anos e tal, eu vou lá, mas, realmente não, não sou chegado. Já freqüentei, como diz, já viajei nesses países aí, , da América do Sul. Entrei em cassino e fui incapaz de gastar um centavo, porque não gosto. Corrida de cavalo eu nunca fui ao Jockey Clube. Não gosto. É questão de gosto, né, não é questão de apostar, eu, não tenho ... [?] uma vez ou outra eu faço uma fezinha aí na, Sena, na Quina esse negócio da Loto mas, isso já não é, não é assim não, tem gente que fica viciado, às vezes, aposta até o que não deve.

DOC. - O que não tem!

LOC. - É, exatamente, eu tenho um funcionário aqui que recebe o salário, daqui a dois três dias, embora não seja um salário grande, [?] corrida de cavalo, ele tá, daqui a pouco, precisando de auxílio, porque que não, não é por aí né, tem família tem que, ajudar os filhos, dá muita dor de cabeça.

DOC. - As pessoas perdem a cabeça, né.

LOC. - É

DOC. - Quer dizer então que quando o senhor faz uma fezinha é, Loto.

LOC. - Uma vez ou outra, uma vez ou outra, e já ganhei, já ganhei, já ganhei na quadra aí um dinheirinho.

DOC. - [?]

LOC. - É, não jogo, essas, raspadinhas, essas coisas novas, bicho, não **vou dizer** que, às vezes, já, sonhei, o número de carro a placa, vi um carro batido, mas nunca, nunca tive a sorte de ganhar nada. Então, não sou chegado a essas coisas.

DOC. - [?]

LOC. - É, não, já tive oportunidade, imagina você o seguinte, nessa, quando eu trabalhava já fui tesoureiro da Caixa Econômica em Brasília, cheguei a tesoureiro geral mas houve, numa época em que eu, trabalhava numa agência, e ao lado, era a agência de, bilhete lotérico. Quando não tem que acontecer, não **vai acontecer**. Imagine você que, é, ao sair de uma casa de material esportivo onde fui pagar uma fatura de um clube que era diretor lá em Brasília, fui abordado por um, vendedor de bilhete que me conhecia, porque era assim, lado a lado não tinha nem separação. Aí ele chegou com um bilhete e disse assim: Fica com esse bilhete! Me oferece bilhete pra quê? Você sabe que eu tô cansado de ver bilhete na minha frente. Fica, esse aí, pode ficar, cê tá sem dinheiro, paga depois. Pois bem, foi o primeiro prêmio da loteria, e era justamente o número do telefone que ficava em frente ao meu guichê, que era numa farmácia, pois bem, então quando não tem que acontecer, não adianta. Nós tamos aqui seguimos uma linha.

DOC. - E o vendedor soube depois?

LOC. - Soube, não, ele foi lá e disse assim: Tá vendo! Se você tivesse ficado, com o bilhete, eu tenho certeza que você ia me dar uma compensação. Quando acaba, o dono da casa, o Fábio Bastos, que era o gerente lá da farmácia, ganhou o bilhete e não me deu um centavo!

DOC. - O senhor não tinha ficado com o bilhete!

LOC. - Eu não fiquei, eu não fiquei, e não, me arrependo disso não. Acho que o que a gente tem que, o que ... tiver que acontecer, minha filha, **vai acontecer**, não é fácil não.

DOC. -trabalhado muito

LOC. - É, pode acontecer.

RECONTATO:

Inquérito 373 (feminino / 76 anos)

Tema: Dinheiro, banco, finanças

LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 1996

TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador

DOCUMENTADOR: F L

DOC. - **terá** como tema... dinheiro... bancos... finanças... a bolsa... por favor... o que a senhora poderia dizer... sobre esse tema... o que faz... o que fazer num... num tempo de tantas crises... em que bancos estão sendo... estão quebrando... em que há... uma diferença enorme... entre o nível da população... o nível econômico da população... dez brasileiros têm um potencial altíssimo econômico enquanto a maioria... vive na mais profunda miséria... o que fazer com os bancos... com o governo... a senhora aplica em bolsa... o que que a gente deve fazer... com essa parte econômica do país?

LOC. - bom... eu não sou ... financista... não sou... e come/...eh... econoMISta... e... não... não tenho assim... grandes interesses por esse... esses temas de:: compra:: e vende... economiza... e ganha e:: perde e... eu não tenho esse... não tenho esse hábito e não:: não tenho mesmo interesse nenhum nesse... nesse ponto...e:: acho que até é um tema pro momento... já que:: eu sou... uma:: repetente nê? nesse trabalho

que em setenta e oito eu já dei uma... uma entrevista... e... agora:: voltamos a... ao mesmo tema e... o:: tempo... os vinte anos hein... né... não é nem vinte anos né? nem vinte anos passados ainda... ah... porque nós (estamos) com dezoito anos e... e:: as coisas mudaram tão profundamente... que é difícil a pessoa que... EU que eu não parei de trabalhar nessas obras... ah... de filantropia... obras de:: culturais... e... () de mulheres que eu realmente estou na... sou... sou... sou... uma líder feminista...e:: mas acontece que... as coisas mudaram de tal maneira... que se torna difícil o tema... porque a gente **vai falar** sobre o quê? sobre banco? ni/sinceramente... eu não entendo hoje em dia como se procede aquilo... porque uma hora... eles tão/estão com uma série de... de títulos... né... de... de... de maneiras de se aplicar e... e de repente... lá vem outro expediente de... não... não diz nada sobre aquele passado... e vem com outros temas... outros... títulos... outro/ então... então... e... impostos também... mas nisso os bancos não falam... eles agem sem dizer à gente...nó/... nós sabemos como? através da imprensa... através de informações que vão sendo dadas... ah... pe/ pelas tevês... e... assim é que nós sabemos... que pagamos cheques... que pagamos transferência de mão de uma... importância pra ou/... pra...outra coisa qualquer... eh... então...isso... não... não há realmente um... assim... um diálogo com o público depositário... ele não tem o menor acesso às... às... o:: o menor diREito... à explicação do que está acontecendo com o direito dele... só vê que não está rendendo grandes coisas... isso... isso todo mundo... chega logo a uma conclusão né? mas... o... o... que está havendo? seria melhor mudar de... de conta... seria melhor mudar de banco... ah... não sei sabe...

DOC. - e qual o critério que a senhora... a seNHOrA pessoalmente... qual o critério de escolha... .porque a senhora sabe que está havendo casos em que... cheque... né... pode seer extraviado...

LOC. - sim...

DOC. - outra pessoa pode assinar o seu cheque e é pago mesmo assim...

LOC. - sim...

DOC. - () não há conferência...

LOC. - é... é...

DOC. - ()

LOC. - Isso é uma... é um descuido dos bancos né... eu me mantenho dentro dos bancos... ah... praticamente oficiais né... no... ah... () sou aposentada... e o que me pertence vem pelo Banco do Brasil... então... eu acho que o Banco do Brasil... é... tem que ser um banco credenciado né... e outra coisa também que facilita a mim... porque eu moro perto de uma agência... bancária... é o banco... é o banco... Banerj...então esses dois eu num... tenho nada que me queixar assim... a não ser esse silêncio sobre o que fazemos... o que deveríamos fazer pra... melhorar a nossa situação... financeira... como deveríamos aplicar... isso houve um tempo que havia muito bom... eles nos procuravam até em casa... eh... o Banco do Brasil... o.. Banerj... procurava...

DOC. - então... faça uma comparação entre...

LOC. - não... não... há

DOC. - ()

LOC. - sim...

DOC. - os planos econômicos...

LOC. - sim... os planos eram mais compreensíveis... eram mais acessíveis à... à compreensão das pessoas que não eram daquele (metier) né... que é essa questão bancária... economistas e tudo mais... eu... não... realmente eu nunca me interessei muito e... mas... eles procuravam... eles... eles... apontavam o que seria melhor... pra pessoa...

DOC. - A senhora tinha aplicações na época... e... então eles orientavam bem... realmente... a pessoa até ficava grata... porque era uma coisa positiva... era um caminho positivo que eles ensinavam... agora essa parte desapareceu... não mais proporam os... os... os clientes... e... nós não sabem coisa nenhuma mais... só... só... o que ouvimos ou lemos... e essa... e esse... é o problema... realmente eu também não sei... só se sabe que a... que a... a poupança caiu barbaramente... que não adianta mais fazer poupança nenhuma... porque de poupança é só o nome não é? Então... é difícil esse tema... pra mim é muito difícil... porque ele está muito diferente do dia a dia que a gente tem... através deles né..

DOC. - Uma pesquisa feita no IBGE descobriu os cariocas vivem na informalidade... devido à falta de empregados né... e que em média eles faturam dois mil e cem reais por mês... a senhora () de atividade... acha que eles estão estão corretos... que fazer... o que os brasileiros deviam fazer... continuar nessa obscuridade... sem um emprego...

LOC. - É claro... que não...

DOC. - É difícil... a onda de camelôs aumentou...

LOC. - É claro... bom a onda de camelôs... aí tem uma... um lado positivo... porque se a gente olhar bem as coisas... se são honestas... elas apresentam sempre um lado positivo... eu acho... esse lado do camelô... né uma coisa muito importante porque hoje em dia... olha... eu posso dizer... nunca houve tanta facilidade de... trabalhar... de ganhar dinheiro... por quê? Há vários anos atrás se... eu tive... uma amiga que se queixou a mim... eu encontrei com ela num momento em que ela estava um pouco desorientada... eu disse... que foi Fulana? ah... porque imagina só... eu venho com aminha saCOla e aí um homem pára na minha frente e diz... deixa eu ver o que tem na sua sacola... e... aí... eu falei... e ele se identificou... era um fiscal... e tudo mais... então eu achei isso um desaforo... então eu sou parada na rua pra ele saber o que é que eu tenho

na minha sacola... e ele se desculpou... bom... a senhora desculpe mas é que é nosso trabalho... porque está havendo muita... muita maneira de... de... de sonegar impostos... essa coisa toda... isso há alguns anos atrás... agora não se vê isso não... agora tem importados nos camelôs né... o pessoal que vai lá fora apanhar... e é apanhado às vezes também... e aí é um corre-corre chega a ser até engraçado... não é? porque as pessoas ficam horas e horas dentro dos ônibus... escondidas... pra poder passar a mão... não é com fortunas... lógico né... eu acho essa... que tudo tem a sua... seu pró e contra... eu acho que há realmente uma facilidade agora... talvez dada a essa crise econômica mesmo...

DOC. - são vendedores mesmo né...

LOC. - vendedores...

DOC. - ()

LOC. - é... de tudo... tudo... outra coisa muito interessante sabe... agora... e isso sabe que eu tenho a impressão... que os vendedores agora estão... estão levando a pior... porque já reparou... que há... há estações de televisão... há canais de televisão... que fazem uma porção de propagandas... é só escrever... telefonar... e nós mandamos o produto... não sei o que... então cadê o trabalho... cadê o trabalho do propagandista? O trabalho do... do... da pessoa... do vendedor? Como é isso? Isso é muito esquisito... e agora... realmente eu tenho que reconhecer que há muita falsida/ há muita dificuldade... (dinheiro está muito baixo) as pessoas... até a classe intelectual... como o caso das professoras... que vivem realmente numa miséria... minha filha é professora... e se não fosse eu ela não sobrevivia disso... ela tem colegas que são até faxineiras nas horas vagas... porque... tem família () pra compensar aquela... aquela falta... então isso está acontecendo muito... os cargos mais... humildes... estão sendo... usados () por professoras... que não têm parentes... ou que... que não passam suporte pra elas... né...

DOC. - ()

LOC. - É... então agora elas fazem um... um trabalho fora da alçada delas e... e... são pessoas intelectuais... eu acho que... aproxima... que reaproxima () entre o trabalho intelectual e o trabalho braçal... isso está havendo uma... um... excesso talvez... seja... aí um pouco retrógrado... pode ser até... mas eu acho que está aí havendo uma... um excesso... um excesso pra... tanto lugar... trabalho técnico... não é do intelectual... mas está nos (falando)... em... em... nessas barraquinhas né... e veja bem... eu às vezes gosto de parar e conversar... e eu... já vi muita gente formada... eles falando... (não estou bem) e então eu pergunto... eu pergunto... você tem um curso... superior? Ah... eu sou advogado... eu sou engenheiro... eu sou... não sei o quê... a mesma coisa com os motoristas de táxi... o... por força de saúde... eu trabalhonessas obras filantrópicas... eu resolvi ir de táxi... e então... eu converso com eles... principalmente as pessoas assim mais jovens... eu procuro ver... porque que eles estão ali naquela função... e realmente eu fico muito admirada... porque é um número muito grande de pessoas universitárias... com nível universitário... tem muita gente com nível universitário... e estão no táxi... tem muita gente que... ah... eu fui mandada embora... eu perdi o emprego... e então... eu resolvi pegar o táxi () de um parente... de um não sei quem... um amigo... e estou fazendo isso... e eu digo assim... você está gostando disso? olha... está melhor do que estava... isso eu estou ouvindo constantemente...

DOC. - (o dinheiro...)

LOC. - É... é o dinheiro... né... ele largou a posição dele de... de doutor... né... às vezes é... é um médico... às vezes é um dentista... às vezes né... e... e... prontamente... e se adaptou de tal maneira por quê? por causa da força do dinheiro né... mas aí não... mas aí (nós projetamos que a pessoa viva) pelo menos um terço da vida se preparando pra uma função e depois... de repente... ele vai fazer coisa completamente diferente... e se adapta e vive bem... e se dá por satisfeito... então isso realmente... dá muito o que pensar... nessa fase eu estou fugindo um pouco do... do... do assunto... mas o assunto propriamente não é da minha alçada e eu não tenho como responder... porque conforme eu disse... está muito diferente...

DOC. - ... mas é o dinheiro mesmo...

LOC. - ... mas é o dinheiro né...

DOC. - ... que está fazendo toda essa mudança...

LOC. - ... realmente... tudo é dinheiro... tudo se baseia em dinheiro... eu vi há pouco tempo... agora eu **vou aproveitar e vou fazer** ((risos)) **vou passar** o meu peixinho adiante... eu ouvi uma... uma reportagem muito interessante... não me lembro se foi a rádio... e... se foi... a... rádio... a TV educativa... ou se foi o quatro... mas foi uma dessas assim... o () aquele... aquele... governador do Estado do Rio Grande do Sul eu não me lembro do pri/ do primeiro nome dele... ele () pra aquele que acompanha o... o... ai meu Deus... não... foge de vez em quando os nomes... e... ele deu uma entrevista muito interessante... ele... ele realmente é um forte nisso... ele esteve na frente da Previdência e... e então foi um trabalho muito bom... muito bonito dele... e ele então dizia que há realmente alguns muito ricos... e outros muito pobres... então eu... eu disse... a... a... minha filha... eu estou com vontade de escrever uma carta... pra ele... e sugerir... por quê que... marcar eh... eu não sou financista eu não se como que seria... mas um x um teto... quem ganhar mais que esse... esse... esse teto... então concorreria com... um por cento da sua... da sua renda... do seu salário... lá o que fosse... e... e... em prol da... de uma economia que fosse beneficiar saúde... instrução... né... e... e um por cento realmente o que que é né... se você pega dez salários mínimos... ah... um por cento... é alguma coisa pra quem **vai receber**... mas quem dá... é muito pouco... e então eu achei que era... era viável... () o ministro () o ministro né... e... e... gostaria até de... de levar isso mesmo à frente viu... ouviu... de outras

maneiras vocês como pesquisadores... () seria interessante introduzir um caminho deste... porque este plano eralmente é difícil pra pessoa que está fora da área responder né...

DOC. - Que a senhora... eh... há pouco tempo... nós ouvimos falar sobre as fraudes que ocorreram no Banco Nacional né... e é (órgão) público... e o que... que a senhora acha disso tudo?

LOC. - Eu acho...

DOC. - A economia do país né...

LOC. - Eu acho... que... a lei é uma só... se... o que... um funcionário de... de banco... um caixa que dá um... um prejuízo... () tão grande assim... porque ele não poderia tirar tudo assim... então vamos... vamos desculpar que tirem milhões e milhões e milhões ali né... eu acho que a lei deve ser uma só... se **vai punir** o... o... o... assalariado do banco que... que faz um desfalquezinho... uma coisa... () desfalquezinho comparado com... nós sabemos que () não se sabe como nem quando nem por quem... ninguém assume nunca essa questão de que realmente né... erra... é um jogo de empurra né... nunca se sabe realmente quem foi... e assim a lei é... é ludibriada... e assim a lei não é cumprida... eu tento fazer essa hipótese que ela é mais simpática... do que dizer outras coisas mais né... eu acho que isso é muito simpático... a gente dizer que nós não conseguimos apurar... mas eu acho que se fizessem direitinho... teriam apurado... e aí sinceramente... eu não compreendo como se deixa... pessoas... seja senadores... sejam deputados... a posição não importa... importa é que ele está servindo... uma coletividade... ele foi eleito por uma coletividade... ele está representando... uma parte da população... brasileira... então ele tem que dar conta disso... deu desfalque é... é... é prisão... não pode deixar de ser... lei pra um... é lei pra todos... o que nós estamos sentindo aqui... é que... a lei só vai pra um laod... ela... não vai pro outro...

DOC. - Dos fracos...

LOC. - Sempre o lado do... dos fracos... a lei nunca fica do lado dos fracos... fica do lado dos fortes... então isso é uma coisa absurda... a gente tem que compreender... que isso não... não pode continuar dessa maneira... e é isso que... eu tenho um pouco de receio... porque o brasileiro é muito eh... é de surpresas e... está todo mundo... assim... muito para::do... muito cala::do... eu tenho muito medo desses silêncios assim... porque () do indivíduo né... nós não... sabemos de uma hora pra outra... é claro que se tivesse o acesso... já teria havido alguma coisa né... mas... além de... do dinheiro as armas também estão no alto dos morros né... então lá é que está... e eles não se interessam em fazer a coisa direito... eles querem pra eles também... então é uma situação muito difícil a gente dizer... como seria isso? Quem está culpada? É a lei? Que não se faz... não... não é... não se pode dizer que seja so a lei... e quem faz esses inquéritos que não... não apura di/ em profundidade? não se sabe... quer dizer... nós... as pessoas comuns... o povo... não sabe realmente o que que está acontecendo... que fica difícil a gente dizer... dar uma opinião... porque () às vezes eu... eu me distraio... ouvindo as opiniões nos coletivos... nos... e ouço... fico prestando atenção... vejo que todo mundo fala... fala... fala... mas a raiz da coisa mesmo... ninguém conhece... ninguém sabe direito como foi... como o brasileiro **vai se situar** pra dizer o que seria melhor não é? eu acho que está... que está talvez na... nisto a raiz do silêncio do povo brasileiro... é que ele tem consciência...

DOC. - que está errado...

LOC. - que tem algo errado... mas que ainda não chegou até ele... a... a... clareza... pra... pra... pra fazer um julgaMENTo... então eu acredito que seja muito isto que está levando o povo brasileiro a ter... a... a... um pouco de... displicência... vamos dizer assim... porque ele dá a idéia de que é muito displicente... que ele não liga... não é... é preferível um jogo de futebol:: do que um problema que nós acabamos de observar aí... não é? é banco... fecha ou não fecha... e... isso pra ele... é claro... ele nã/ deve estar pensando... mas ele não fala...

DOC. - mas ele também não tem acesso ao banco...

LOC. - exatamente... por isso...

DOC. - (por causa da renda)

LOC. - por isso é que ele não FAla... ele não tem acesso de maneira alguma... e ainda que tivesse... pouco... também não teria acesso... porque o acesso talvez seja para os gran::des depositários...

DOC. - é muito restrito... não é?

LOC. - é mui::to restrito... numa conta grande... essa conta miudinha de salário que é posto em banco... pro... pro... pro assalariado receber viu... isso aí... isso não conta... isso não conta... porque é dinheiro que entra e sai no dia seguinte quase... né... então fica uma coisa um pouco... difícil da gente... da gente... saber como **vai acabar** isso... só que eu... digo uma coisa a você... eu sou espiritualista... eu acredito... que Deus... Deus não dorme... Deus vê tudo... e:: quando isso começar a haver cobrança... aí é que **está** o perigo... nós não sabemos como ela **virá**... não é?

DOC. - e na sua associação?

LOC. - aqui?

DOC. - como é... como é feito essa parte de dinheiro... de ()... vocês não têm ajuda... vocês têm ajuda... vocês aplicam... o que vocês fazem nessa parte de finanças?

LOC. - bom... acontece... uma coisa... muito séria... que está havendo em todas as organizações... de... de filantropia principalmente né... algum/ a maioria está fechando...

DOC. - ah é?

LOC. - é...

DOC. - ()

LOC. - a maioria está fechando... e... as que... as que es/... têm... o... baixaram muito... o sistema de atendimento... aos internos... às pessoas internas... sejam de... sejam de... de idosos... seja... seja... orfanatos... seja... creches... tudo isso baixou muito a tônica... isso... são mil coisas que... que os motivos são vários...

DOC. - mas a questão financeira ()...

LOC. - nós aqui...

DOC. - [()

LOC. - [por exemplo...

LOC. - realmente a associação cristã feminina... está num problema muito sério... porque ela existe em dezoito associações do... do Brasil... é centralizada pela associação cristã feminina... do Brasil... que é a sede em São Paulo... nós todas somos filiadas à mundial... tá... há em Genebra... uma asso/ a Associação Cristã Feminina Mundial e... e... realmente... é uma espécie de filosofia... aquilo que nós temos... em... porque... o... o... principalmente pela mulher... só o Rio de Janeiro tem setenta e seis anos feitos... isso aqui tem setenta e seis anos... e... e realmente por aí a fora... essas dezoite... que estão espalhadas por aí... todas se queixam da mesma maneira...

DOC. - e há uma ajuda de custo... vinda de Genebra... pra vocês...

LOC. - olha... olha... havia... havia... um pouco... nunca veio muito... mas dava assim vamos dizer... pra... pagar uma obra que seja necessária... urgente... ãh... lá no interior da Bahia... que tem associações por lá também...

DOC. - tem em Brasília...

LOC. - Brasília não tem... Amazonas não tem... tem no Pará... porque o principal trabalho delas é como prostitutas... e por aí a fora você vai vendo como é... diversificado o trabalho... nas cidades grandes nós não podemos fazer isto... porque muita coisa já está... nas mãos... dos órgãos oficiais né... e não há assim... aCESSo... porque no interior elas têm mais facilidade de entrar em contato com prefeito... não é? aqui não... é muito fácil não... não é muito fácil não... e então cada uma se especializou numa coisa... naquilo que o seu... que a sua local tinha mais necessidade... né... então... tem... a maioria trabalha com creches... com pessoas idosas... com doentes... a maioria das associações... nós aqui fazemos um trabalho... de... com () enxovalzinhos...

DOC. - e esse dinheiro... vem da onde?

LOC. - eu **vou te dizer**... espera aí... nós te/ ainda atendemos... mensalmente... as nossas voluntárias... diretoras-voluntárias... porque as diretoras todas têm que ser voluntárias MESmo... não há tolerância de... de um... nenhuma maneira... retribuir esse trabalho... então...

DOC. - ()

LOC. - é... o que acontece é que sai do nosso próprio bolso... por exemplo... tem que entregar... entregar... algumas coisas já usadas... que vamos qre cadando... toalha de banho... lençóis... é roupa mesmo... outras coisas que nós fazemos muito aqui é de onde vem... o pouco do nosso... dinheiro... é... são chás... né... e a gente aquele... aquele chá de caridade que todo mundo sabe como é né... então nós fazemos isso e arrecadamos um pouco... bom... () a chefe do () que é sempre uma diretora... faz... promove aquele chá... e aquilo faz assim... uma coisa bem...

DOC. - tem uma taxa... como é?

LOC. - não... aí as pessoas são... compram um convite para vir ao chá... se não () jeito né... a gente vai passando pra os conhecidos... pras pessoas amigas né... e vai naquele dia então faz... faz aquele chá que pode ser pro...

DOC. - é aqui mesmo?

LOC. - aqui mesmo... é lá em cima... e isso é o principal... temos aí um clube de almoço... que também... é o nosso... um dos nossos... eh... vamos dizer... não não como um de...

AMOSTRA COMPLEMENTAR:

Inquérito 13 (masculino / 31 anos)

Tema: Vida social e diversões

Local/Data: Rio de Janeiro, 19 de junho de 1996

Tipo de Inquérito: Diálogo entre informante e Documentador

Documentador: M I S

DOC. - o que você costuma fazer fora do trabalho pra se divertir?

LOC. - bom... a gente pra se divertir fora do trabalho existem várias opções né... nós podemos ir à cinema... teatro... a SHOWS... eh... às vezes eu saio pra bar com amigos pra tomar cerveja... conversar e... uma das coisas que eu também gosto de fazer nas horas vagas é... fazer manutenção do meu carro... é uma coisa

que eu faço quase sempre... muitas vezes eu faço isso... ou ir à praia... não tem assim... realmente tenho muitas opções do que fazer...só que às vezes a gente fica assim na dúvida do que às vezes até escolher né... porque você tem tanta coisa pra fazer que você fica pô qual que **será** o melhor pra hoje? depende do tempo... depende do esPAço de tempo que a gente **vai ter** disponível... de repente você tem algum outro compromisso mais tarde... não sei... o aniversário de alguém... então... realmente existem várias coisas que eu faço e enumerar assim... agora... lembrar no momento... não consigo lembrar de todas agora...

DOC. - cinema... qual o tipo de cinema que você gosta?

LOC. - olha... normalmente eu tenho o costume de ver filmes que são filmes alegres... nada de suspense... nada de terror... só realmente filmes que me façam rir... porque de tristeza já basta o corre-corre o dia-a-dia de todos nós...né? então eu procuro ver sempre filmes calmos... tranquilos e de preferência... comédias.

DOC. - a última comédia que você viu... fale sobre ela...

LOC. - a última comédia que eu vi foi "O Máscara"... um filme de aproximadamente... uma hora e quarenta e cinco minutos...e foi um filme que não foi um dos melhores não... mas até que deu pra gente rir um pouquinho...

DOC. - e teatro?

LOC. - teatro eu realmente não... não vou com frequência... não vou... nem lembro a última vez que eu fui... o que eu vi... já tem tanto tempo... não tenho realmente o costume de ir em teatro não...

DOC. - nem pra comédia?

LOC. - nem pra comédia... realmente teatro não... não... não é uma das coisas que me atraem... o cinema me atrai mais...

DOC. - e aonde você costuma ir com os seus amigos? que tipo de bar... danceteria...

LOC. - eh... existem vários bares... Ilha dos Pescadores na Barra da Tijuca... eh... Universidade do Chopp aqui na Tijuca... Dom Chopp no Méier...em Itaguaí também tem uma casa chamada Beer Time...até essa semana eu fui num show lá ver o show do Falcão... no Alto da Boa Vista também tem lá o () Vale.. que é um lugar bonito de se ir porque você tem... aberto... então você tem aquela floresta toda pra olhar... pra ver a praia da Barra toda...é um local muito bonito...

DOC. - você gosta de música?

LOC. - gosto de música...eu ouço música o dia inteiro... e fora... no trabalho eu ouço música o dia todo... e fora do trabalho... o tempo que eu tiver podendo ouvir também estou ouvindo...não tenho preferência por tipo de música... ouço música... inglês... música portuguesa... música brasileira... francesa... realmente pra mim não tem música... não tem nacionalidade... depende realmente de música que agrada... que a gente se sintam bem...eh... sintam bem ouvindo né?

DOC. - tem preferência de ritmo?

LOC. - não... às vezes eu ouço música mais rápida... às vezes mais calma... depende do que toque... não tenho muita preferência não... a preferência realmente é por música popular brasileira... mas não pagode... músicas que têm alguma coisa... alguma coisa interessante... Milton Nascimento... Beto Guedes... Chico Buarque... músicas que digam alguma coisa pra gente...

DOC. - você gosta de jogos?

LOC. - não pratico nenhum esporte... nenhum tipo de jogo... nem dama nem dominó... futebol... nada... nada... nada... xadrez... estou fora de todos...

DOC. - nunca praticou?

LOC. - já pratiquei natação, quando eu era mais garoto... jogava xadrez... jogava botão... pingue-pongue... mas depois que eu comecei a trabalhar nunca mais pratiquei nada mesmo... nenhum tipo de jogo...nem baralho...

DOC. - nem tem vontade de fazer nada?

LOC. - não... não... não me interessa realmente por este tipo de...de diversão não...

DOC. - instrumento musical... você toca algum...

LOC. - não... não toco nenhum instrumento musical... realmente nunca me interessei por tocar nenhum... e hoje até... o tempo é pouco também... né? a gente trabalha tanto que fica faltando... o pouco tempo que sobra a gente sempre tem alguma coisa pra fazer e não se preocupa muito em aprender mais alguma coisa...né? bom... em se tratando assim de reuniões sociais... né... normalmente a gente se reúne os amigos.. os parentes em casos de aniversário assim... muito mais difícil acontecer em casos de você sair pra... pra... pra show... alguma coisa assim...não se reúne muita gente.. mas em aniversário... quando se reúnem várias pessoas... normalmente é na casa de alguém... né... raramente em algum clube... normalmente em casa...e conversa-se muito... brinca-se muito... todo mundo... um encarnando no outro... um negócio animado realmente...todo mundo procura prestar atenção em todo mundo... todo mundo procura conversar com todo mundo... é até uma data assim... que as pessoas vêem pessoas que não se vêem há muito tempo...às vezes até se conversam pelo telefone mas não... não se vê... e realmente nos aniversários a gente encontra várias pessoas e coloca as conversas em dia...né? eh... são ocasiões boas e animadas às vezes acontece algum imprevisto... alguma coisa... alguma desavença... mas é muito difícil... com relação à forma de tratamento... eu tenho o costume de me dirigir às pessoas normalmente por senhor... ou quando é mulher eu digo: ô mocinha! tudo bem? como vai você? mesmo sendo pessoa conhecida e... mas normalmente eu chamo de senhor/senhora... independente da idade eu... a não ser que

seja muito novo eu não chamo de senhor... mas não exijo que ninguém me chame de senhor... porque eu acho que não há necessidade disso...-outro item também a gente poder conversar aqui seria com questão às classes sociais... eh... normalmente existe oportunidade de eu me reunir com pessoas de diversas classes... às vezes você está num local que... a classe social é mais baixa... mas nem por isso **vai deixar** de conversar... você **conversa** e... tem amigos naquele local... conversa... são os assuntos que normalmente já são um pouco mais diferentes... mas... de um modo geral... procura se entender com todo mundo independente do nível social da pessoa... né? e... realmente como eu frequento vários lugares... cada vez você encontra um... um tipo de... de conversa diferente da outra... e às vezes até a forma das outras pessoas de se dirigir a você ou de você se dirigir a elas... né? às vezes acontece de... de - normalmente as pessoas mudam assim... são um pouquinho diferentes...-com relação à música... realmente eu dou preferência pela música popular... que nos traga alguma coisa de... de...interessante... e... normalmente eu ouço sozinho ou no trabalho... aqui sempre tem gente acompanhando... em casa também sou de ouvir muita música... no carro... praticamente o tempo todo eu ouço música... porque quando eu estou em casa eu estou fazendo alguma coisa e fazendo alguma coisa você dificilmente vê... televisão... você acaba ouvindo música porque a música não te tira a atenção... agora... bom... normalmente a... a ... eh... o entretenimento que eu realmente gosto de fazer ... mas que depende realmente de esTAR realmente com tempo disponível é acampar... eu já acampe em serra... já acampe em costa... e... normalmente eu dou preferência pelas praias... apesar de ser um acampamento pouco mais desgastante... cansa mais... você não tem... acomodação boa... sal... você fica salgado... você quer tomar banho e já é mais difícil pra tirar o sal... e... normalmente quando você está na montanha... você sempre tem um rio... a água é limpa... você pode tomar banho e ficar sempre... se sentindo melhor... né? com a água... o acampamento normalmente não é com um grande número de pessoas... é grupo de no máximo cinco seis pessoas... e ali... a coisa que mais se faz é... conversar... realmente descansar um pouco... comer bastante... normalmente a gente faz aquela churrascada de que começa de manhã... e vai até de noite...vira a noite e o tempo todo o churrasco não apaga... muita cerveja... agora... de ginástica nada... realmente o negócio é conversar... comer e.. descansar um pouco...e... normalmente a gente acaba levando dois três dias acampando... não mais que isso... e se for pra levar menos tempo também... a gente não tem o costume de sair não... o... a última vez que eu fui acampar... eu fui pra... Lumiar... que é serra... perto de Friburgo... estava um dia muito frio... até chuvoso... o que atrapalhou um pouco o camping pois que nós montamos a barraca... logo depois choveu... a barraca ficou molhada... e isso desanima... no outro dia amanheceu com sol... quando a barraca estava seca... eu aproveitei que ela estava seca... dobrei... voltei correndo... foi o camping mais rápido que eu fiz... foi um camping de vinte e quatro horas só...e anteriormente eu tinha ido... à... praia (Amambucaba) e ... então eu levei realmente três dias acampado... foi três dias de sol... muita gente no camping... então estava realmente animado...(você) conversa além das pessoas que estão na nossa barraca... você começa a ter contato com pessoas de... de outras barracas...(já) são lugares diferentes... também acampe em Visconde de Mauá... que até hoje foi o melhor camping que eu já fiz... o local é muito bom... as pessoas que frequentam também... você lá tem uma infra-estrutura completa... você tem alimentação... você tem área pra... lavar as...as suas coisas... seus...

AMOSTRA COMPLEMENTAR:

Inquérito 02 (feminino / 28 anos)

Tema: Cidade e comércio

Local/Data: Rio de Janeiro, 05 de maio de 1992

Tipo de Inquérito: Diálogo entre informante e documentador

Documentador: M A

DOC. - Bem, então, é, vamos começar, por exemplo, você podia começar descrevendo o seu bairro. Você sempre morou aqui na Tijuca?

LOC. - Eu sempre morei aqui na Tijuca. Eu moro, morei, quatro a cinco anos na, na altura do do Largo da Segunda-Feira, depois vim morar nessa casa que eu moro, morei aqui durante, dos meus seis, aos meus treze anos.

DOC. - Você morava aqui quando era solteiro?

LOC. - É, quando era solteiro, adolescente. Depois, fui morar em Brasília. Morei em Brasília, do de setenta e sete né, meus doze treze anos, a oitenta, aos quinze. Depois voltei pra cá de novo, de oitenta e cinco mais ou menos. Aí depois, morei, na Muda, e depois voltei pra cá depois que, isso há três anos, há mais ou menos dois três anos.

DOC. - E, você sente assim diferença da Tijuca, de quando você pequeno, quando você era garoto e agora? [?]

LOC. - Sem dúvida, a, nível de super população, gente pa caramba hoje em dia a gente tem uma aglomeração de pessoas aqui na Tijuca, de carros, trânsito. Eu acho que o trânsito da Tijuca é um dos piores trânsitos do Rio de Janeiro, é, comércio também né, é uma, uma coisa até interessante que é um dos

comércios que eu acho mais, versáteis aqui, você tem a possibilidade de, compra, de, de opção, é o lado positivo né, o lado negativo é essa super população, as pessoas e com isso as pessoas ficam mais agressivas, há mais assaltos, mais roubos, mais, enfim é mais, tumulto.

DOC. - E em comparação a outras localidades da cidade, você acha que a Tijuca tá melhor ou pior?

LOC. - Eu acho que tava num nível médio. Não é o que eu idealizo, a nível de uma, moradia ideal mas também não é um caos.

DOC. - E o que você idealiza [?]

LOC. - O que eu idealizo é um lugar, um lugar que tenha uma praia perto (risos) um lugar que também tenha mais espaço, físico entre as pessoas. Eu gosto do Alto da Boa Vista, da Barra, o próprio Grajaú, eu prefiro Grajaú do que Tijuca.

DOC. - É mais calmo.

LOC. - É, mais tranqüilo, mas aí você corre o risco né, desses lugares muito, ermos, essa questão da da própria insegurança né, [?] vai pegar o carro, eu morei, um ano no Grajaú antes de vir pra cá, esse apartamento tava em obras, e, a gente, depois de dez horas não tinha mais porteiro né, e era um breu. Então você chegar depois de dez horas era um, um medo só né. Você tinha que sair do carro abrir o portão deixar o portão aberto entrar no carro sair do carro fechar o portão, e isso tudo numa rua totalmente deserta, quer dizer, é difícil essa opção mas. A princípio seria um lugar mais, mais perto do litoral né. Esse acesso mais fácil à praia, a lugares de lazer também. Eu acho que a Tijuca é um pouco carente dessas opções de lazer, tem muito cinema mas você vai coisa de restaurante de, de, é, teatro, eu acho que ela fica um pouco aquém.

DOC. - E, bem, [?] você, deixa eu ver o que que eu **vou perguntar**, você teria é sugestão, você, acha que tem solução, pra esses problemas de que você falou de super população da Tijuca, trânsito.

LOC. - Eu acho que é uma coisa difícil ver, que a tendência é só aumentar, aumenta, aumenta. Eu acho que a solução seria uma questão, [parte] ? , a nível de educação das pessoas sabe, de como, estar dentro dessas situações, de aglomeração. Eu acho que isso é inevitável. A sociedade tá aumentando, as pessoas tão aumentando em número, o espaço físico é o mesmo, mas isso em vez de, socializar mais as pessoas pelo contrário, tão deixando elas mais, agressivas. Então, se não for feito um trabalho a nível educacional, acho que, não tem solução. Eu acho que a, a, a seqüência disso será cada vez mais agressão, cada vez mais assalto, cada vez mais essas coisas que a gente vê né.

DOC. - E, em comparação aos outros lugares que você morou, até as outras cidades?

LOC. - Bom, eu morei, um ano nos EUA quando eu tinha cinco anos então a lembrança que eu tenho é muito, uma coisa muito longínqua, muito remota. Então não dá pra ter uma referência, mas, Brasília [?] é uma cidade muito mais, organizada, é uma cidade muito mais, calma, é uma cidade que, pelo menos na minha época, não tinha engarrafamento, e pelo que eu sei isso não mudou muito não, porque é uma cidade mais planejada e tal. Eu acho que a nível, relacional, de relacionamento das pessoas, ela é um lugar melhor, né, eu acho.

DOC. - E ...

LOC. - Apesar né, que é uma coisa, também, que fica a perder, você ser tão organizado, nessas questões de tráfego, de localização das pessoas das quadras, você também restringe né, essa amplitude, de relação que você tem aqui. Querendo ou não você sai aqui na rua, eu posso, eu tô me cruzando, com um executivo como eu tô cruzando com um pivete. Lá não fica meio esses meios, aglomerados, então uma quadra só de militar, outra quadra do Banco do Brasil, esses contatos eles ficam meio restritos a esses pólos.

DOC. - Como é que é que funciona lá em Brasília, eu só passei lá uma vez não, quer dizer.

LOC. - Eu acho que é muita quadra.

DOC. - [?] O que é que tem nessa quadras?

LOC. - Normalmente, porque eu acho que Brasília foi é, as pessoas foram, levadas pra lá né, então a princípio essas quadras, elas, elas são, de, pessoas específicas, então de bancos, militares, pessoas de um nível, porque é muito padrão, então numa quadra por exemplo, todos os prédios, todos os apartamentos são mais ou menos do mesmo nível, né, então querendo ou não você nivela também o nível sócio-econômico dessa pessoas né, então tem aqueles prédios mais fuleiros. Então as pessoas ficam, são mais inferiores a nível econômico. Então tem os prédios mais elitistas aonde tem as pessoas com mais pompa né, mais pose, então você querendo ou não você aglomera isso, em pontos. Eu acho que, com o próprio crescimento da cidade isso tá se diluindo um pouco mas é uma coisa muito concreta dentro da cidade, e tá se diluindo por quê? Você, hoje em dia, tem muitos muitos imóveis, vendidos que nem aqui no Rio, então você tem essa [listagem] ? maior.

DOC. - (ininteligível)

LOC. - É, e, o planejamento de, início de uma estrutura né, porque a princípio é uma coisa muito organizada mas muito organizada demais também enche o saco né, ao mesmo tempo que muito caótico demais também, [?].

DOC. - O meio termo né.

DOC. - Mas o que que tem, é, você falou é, nas quadras, tem os apartamentos onde as pessoas moram.

LOC. - E área de lazer, tem quadra de futebol, quadra, parques né, parquinhos, esses parquinhos que tem pracinha aqui.

DOC. - Comércio tem?

LOC. - Comércio tem, toda, entre as quadras tem um comércio a nível de, coisas essenciais né, um mercadinho, uma padaria, né, tem uma quadra e outra quadra e no meio dessas duas quadras passa uma rua, é que eu não me lembro qual o nome que eles chamam, mas tem todo, um nome, então entre essas quadras tem um comércio, da quadra 209 210, entre essas duas quadras tem um comércio. Aí em algumas até tem bons comércios, pizzaria, restaurante, né, espaços culturais, galerias e tal, mas normalmente é, mercado, padaria, farmácia, questões básicas, né, e tem, nos centros comerciais, que aí são os grandes comércios, você vai pegar coisas mais, vestuário, alimentações mais, variadas, os grandes mercados.

DOC. - E esses centros comerciais ficam localizados perto das quadras dos apartamentos?

LOC. - Mais ou menos, eu acho que, por exemplo, às vezes, entre uma quadra e outra você tem um grande comércio, mas, são pólos específicos, mas normalmente esse acesso é um acesso, que fica um pouco prejudicado, você, de carro é muito bom né, mas de ônibus, é, porque eu nem, nunca, acho que, pouquíssimas vezes eu andei de ônibus lá.

DOC. - Por que, usava carro?

LOC. - Não, porque eu era, [?] minha escola era perto né, eu ia andando, é, minha mãe e meu pai tinham carro, então a gente se deslocava pro clube, né, o programa lá final de semana é muito clube. A gente vai aos clubes de carro, e eu, meio que adolescente ainda né, geralmente tinha algumas pessoas dentro da própria casa que tinham carro, então essa coisa de vir de ônibus era, quase não existia, então é muito carro carro.

DOC. - Então, é, você não saberia dizer assim como é, se os, se em Brasília, o serviço ... [?]

LOC. - [?] isso tem muito tempo né, isso tem dez anos.

DOC. - Até a cidade é diferente hoje em dia.

LOC. - É, eu não posso nem, falar como é que tá, tem uma idéia assim [?] topográfica da cidade, sabe, que ficou meio gravado na minha, na minha memória né, mas as questões de situação atual da cidade, eu não tenho idéia. Mas um lugar que foi muito bom pra mim, eu não queria inclusive voltar pra cá.

DOC. - Ah é, você gostou mais de lá do que daqui?

LOC. - Eu gostei de lá, até porque, aqui né, tem, já existia, não com tanta força, mas esse medo de assalto, de tal tal tal, e lá não, era uma coisa muito solta eu podia voltar duas três horas da manhã, pra casa né, aqui não, aqui era coisa mais, contida, e lá não, então por isso que era uma coisa boa. Mas, com o tempo eu fui me adaptando de novo ao Rio.

DOC. - (ininteligível)

LOC. - Cê acha isso

DOC. - Eu acho que todas as cidades cresceram e acabam com o mesmo tipo de problema.

LOC. - Eu por exemplo, esse final de semana agora, eu tive em Vitória, fazendo um trabalho lá, eu achei uma cidade assim, super agradável. Os prédios, não são tão aglomerados, sabe, um colado com o outro, tem uma coisa mais de espaço você tem uma visão mais, mais ampla, mais, mais longínqua das coisas você, tem uma visão mais, do espaço físico você não fica não, tão contido né quanto aqui, aqui você sai você vê muito concreto na tua frente, você esbarra com isso, lá você não tem uma visão de um litoral, você tem uma visão de um verde, de um, de uma coisa mais, distante e isso é, como se você pudesse até respirar melhor né. Eu sinto uma coisa assim.

DOC. - Você viaja muito?

LOC. - Não muito, não muito, agora que tá pintando umas viagens mas eu não viajo muito, o que eu viajo mais, é a nível de lazer aqui perto mesmo né, final de semana vou pra, Barra de Guaratiba, Saquarema, Região dos Lagos, Teresópolis, Petrópolis, as opções são mais essas assim perto, né.

DOC. - E, bem, voltando aqui, à Tijuca então, é, você falou e a gente vê né, que a Tijuca tem um, um comércio bem, bem marcante, é [?]

LOC. - Variado.

DOC. - Você poderia descrever que tipo de comércio é esse que tem na Tijuca, se é um comércio específico?

LOC. - Não, eu acho que ele não é específico, eu acho que ele é bem abrangente, também acho que se você quiser, você **tem** "n" opções, mas se você quiser um alfinete você **vai arrumar**, como se você quiser um, pão, de alho você também **arruma**, né, não tem essa, acho que, aqui opção de roupa, todas as boas lojas que você tem, é, nos grandes bairros né, Ipanema, Leblon, Botafogo, você tem também na Tijuca né, eu sinto a Tijuca como um bairro elitista da zona Norte, né, assim porque, é um grande, é um grande, circulador, de dinheiro, eu acho que tem muita gente com grana aqui né, tanto é que, digamos, o Bob's, né, o Bob's monopolizou a Tijuca né, ele tem três Bob's aqui na Tijuca, que, vendem pa caramba, né, a própria Academia de Ginástica Corpore, ela abriu uma, senhora academia, aqui, né, por que aqui? Eles iam investir à toa aqui, depois de instalarem em Ipanema, São Conrado? Não porque aqui, é um grande foco né. Eu acho que aqui tem muito essa miscigenação, essa mistura, mas se você for fuçando ali por dentro, você **vai ver** ótimos apartamentos, ótimas casas, e que, pra morar nesses lugares, são pessoas com nível de renda alta, né, e muita classe média. Aqui querendo ou não, tá sempre, é, circulando essa, matéria que é o dinheiro.

DOC. - (ininteligível)

LOC. - Então, é eu acho que é um grande foco, de comércio, então por isso você tem essa, grande possibilidade de, de comprar tudo né.

DOC. - E sempre foi assim?

LOC. - Eu acho que de um tempo pra cá essa coisa cresceu muito mais, né. [telefone tocando].

DOC. - Bem, então eu tinha te perguntado se, o comércio aqui na Tijuca sempre foi, assim.

LOC. - Não, eu acho que é toda uma questão, também, do aumento do número de pessoas né. Então, aumentou o número de pessoas, aumentou a necessidade dessas pessoas, e o comércio, acho que ele é sábio né, esses comerciantes, eles tem uma um olho clínico aí pra ver o que que as pessoas tão precisando, a hora que elas tão precisando, vem diretamente proporcional, [?]: Pô, a Tijuca não tem, uma boa pizzaria! Aí de repente você vê: E, abriu aqui, outra ali. Não tem uma boa refeição de salada, abriu outra aqui, se bem que eu acho que essa questão de alimentação é carente.

DOC. - Cê acha?

LOC. - Eu acho. Eu acho que falta uma, um bom lugar de, porque a minha alimentação é natural, né, então, os restaurantes naturais, eles, que eu conheço, conheço inclusive as donas, são dois, bons restaurantes, que inclusive não abrem final de semana, né, só abrem dia de semana pra atender mais essa classe, trabalhadora de dia-a-dia, né, e a gente que usa mais o restaurante no final de semana, ele, que a gente não tem empregada, né, no final de semana, ele não, não atende porque ele fecha sábado e domingo, entendeu, então, digamos você vai no Leblon, numa Ipanema, em Botafogo, você vê um restaurante natural, um e, ou vários restaurante naturais, inclusive o próprio Sabor e Saúde, o Natural, enfim, outros né, funcionando, final de semana. Então a gente tem que se deslocar, é uma coisa até que a gente já pensou, assim: Pô, como seria.

DOC. - (ininteligível)

LOC. - É abrir um restaurante natural na Tijuca, com, aproveitando até a moda, da alimentação natural.

DOC. - Mas será que ia vingar?

LOC. - Eu acho que se for bem feito, sabe, bem divulgado eu acho que pega, a nível de mercado, mercado-restaurante, [entreposto] - restaurante, uma boa qualidade, de alimentação, porque alimentação natural não é essas coisas, não é, fantasmagórica, assim, de ruim, que as pessoas ficam pensando. Eu acho que tem altas opções pra você, administrar essa, essa cozinha natural né, então, o Sabor e Saúde, é um restaurante inclusive que faz isso, abriu no Centro da Cidade, tá todo o dia lotado, você.

DOC. - No Centro da Cidade tem, aonde?

LOC. - Abriu, na Sete de Setembro.

DOC. - Bom saber!

LOC. - Pois é, e tá sempre cheio e, é comida natural né, então, não é esse bicho todo né. Eu acho que a Tijuca ainda tá, muito, crua nesse sentido.

DOC. - E em termos de serviços, quer dizer, os serviços é.

LOC. - Médicos?

DOC. - Também.

LOC. - Eu acho que isso aí é, eu acho que isso aí tem, tem um bom clínico, né, acho que isso aí tem bastante nesses shoppings, você tem, bons médicos de homeopatia, de, é, plano de saúde, convênio, acho que isso aí tem bastante.

DOC. - (ininteligível)

LOC. - É, pois é, isso aí também tá meio monopolizado por esses grandes planos né, então você pega o teu catálogo e vai, procura uma pessoa dentro desse, nessa linha e tem, psicólogos mesmo, terapias, você encontra aqui na Tijuca bons.

DOC. - Em termos, é, que eu tava pensando então, era, em termos de serviços públicos, quer dizer, os serviços que o Estado. ...

LOC. - Correio?

DOC. - Município tudo, como é que é isso?

LOC. - Eu tenho meio trauma viu, de correio né, que as poucas vezes que eu fui, tavam filas enormes, horríveis, horríveis, horríveis. Então, eu detesto isso né, correio, que mais, área de serviço público assim, bancos né, se bem que o meu banco é um banco que não é bem cheio né.

DOC. - Tem hospital público aqui?

LOC. - Não assim, nessa, nesse contexto Tijuca, na Saens Pena, mas tem, o hospital do Andaraí, né, um pouco mais longe, mas eu nunca usei. Nunca tive a oportunidade de usar. Então não posso te responder né.

DOC. - E outros serviços, de transporte como é que é?

LOC. - O ônibus, eu acho que o ônibus peca, né, por esse sistema caótico que tá esse trânsito aqui, todo dia tem engarrafamento na Tijuca, independente de: Ah, horário de escola! Não, agora eu saí, quando eu voltei, eu peguei engarrafamento, né, então, não tem essa. Um sinal quebra, dançou, né.

DOC. - Não há manutenção.

LOC. - É, aí, fica trânsito, isso é [?] desgastante né, pra quem tá dentro de um ônibus, muitos assaltos né, outro dia, volta e meia a gente vê, mortes, atropelamentos também, mas mais mortes por causa de assalto, tem as famosas linhas, de ônibus que, são sempre assaltadas né, tipo, 426.

DOC. - Quais são elas?

LOC. - 422, eu nunca fui assaltado nela né, mas as pessoas falam que, e, 226, essas linhas são sempre assaltadas. Acho que essa questão do assalto vai, de encontro à questão da, da aglomeração, dessa, dessa insatisfação, você bate de frente com pessoas ricas, com pessoas pobres, isso já leva a uma certa, revolta e por aí vai né.

DOC. - (ininteligível)

LOC. - Fica difícil de você administrar isso mas existe, né, existe pra caramba, graças a Deus eu nunca fui assaltado, assim né, em ônibus e tal, inclusive outro dia, outro dia não, tem um bom tempo, mas eu tava, indo pra faculdade, eu pegava o 426, quando eu ia pra faculdade, estudava na, na Praia Vermelha, aí eu tava até de relógio, e o cara atrás, tinha acabado de ser assaltado roubaram o relógio dele. O meu não roubaram, mas isso foi uma experiência assim mais perto, que eu vi do assalto.

DOC. - Assaltado mesmo, você nunca foi?

LOC. - Não, já, já fui mas, de carro. Me roubaram dois carros aqui na Tijuca, inclusive. Um na Haddock Lobo, inclusive eu tava com minha atual esposa, me seqüestraram. Eu andei com os assaltantes junto, andei o que, da Haddock Lobo até a Leopoldina.

DOC. - Te deixaram lá.

LOC. - Me deixaram lá.

DOC. - Ainda te deixaram num lugar bom né.

LOC. - [?] É, graças a Deus, a segunda vez foi ali na rua Uruguai, eu deixei o carro, quando eu tô saltando vieram três caras me renderam, e também me levaram, e me deixaram na Andrade Neves, também me deixaram bem né, porque...

DOC. - É normalmente [?] tinha deixado na Dutra.

LOC. - É, graças a Deus eu tive sorte com isso mas já fui assaltado duas vezes, já tentaram arrombar meu carro, e já arrombaram, tentaram levar mas não levaram.

DOC. - (ininteligível)

LOC. - É, fusca, esses carros meio, Volkswagen eles tentam levar né, mas, ainda tô aqui né.

DOC. - Agora fiquei com medo que eu tô de fusquinha aí fora!

LOC. - É, fusca é um carro muito visado né, mas acho que assim nesses tumultos eles não, de repente, deixam um lugar, um lugar que tem...

DOC. - Lugar muito ermo.

LOC. - É, aí eles, parece que eles tão, na escuta disso né, isso acontece bastante.

DOC. - E aquele, é, tempos atrás a gente ouvia, acho foi até perto do Natal.

LOC. - Arrastão?

DOC. - Um arrastão, como é que é isso?

LOC. - Eu não sei, eu ouvi falar.

DOC. - (ininteligível)

LOC. - É, ouvi falar mas, eu sei lá, eu acho que esses boatos, eu acho que tem todo um...

DOC. - Você acha que foi boato, você acha que não ocorreu nada assim?

LOC. - Não, deve ter ocorrido né, mas, sei lá, eu acho que se a pessoa vai fazer um grande assalto ela não, **vai divulgar** assim não, eu acho isso daí relativo, não sei até que ponto tem um interesse aí, meio, não sei, eu não.

DOC. - Deve ter milhões de interesses, envolve política, envolve pessoal de morro ...

LOC. - É, pois é, pois é, tirar camelô, botar camelô, é, fechar as lojas, deixar os camelôs sabe, eu não sei quem coordena esses camelôs todos aí, você vê pessoas humildes mesmo pobres, com uma, baita de uma barraca, de aparelhos eletrônicos todos importados, de onde vêm, que, qual foi o acesso dessa pessoa, que é isso? que camelô é esse? Sabe, é então não dá pra você, com seus olhos avaliar isso, eu acho. Tem que se prevenir né, não se expor eu acho [?] mas que é estranho é.

DOC. - Dá pra desconfiar, é, bem, você falou, no caso do Rio, que cresce muito, e essa super-população que torna a vida caótica e tal. Bem, quais são os, vamos falar um pouco então da Administração, quer dizer, Administração Pública né, da cidade, do Estado, talvez até, o pessoal vive tanto é, faz tanta questão de diferenciar que que pertence ao estado, o que que é função do Estado, o que que é função do Município, essas coisas todas, mas, você poderia, é, dizer, é saberia dizer o que, é em que funções o Estado, seja ele qual for, é, não está atuando, que ele poderia atuar para a vida na cidade ser melhor?

LOC. - Eu acho que...

DOC. - O que que falta?

LOC. - A nível de melhores qualidades de vida, eu penso, numa questão de base né, que seria questão de base, educação saúde, alimentação. Eu acho que um trabalho, ele teria que começar por aí, né. Mas, eu acho que isso envolve "n" estruturas, mas a nível de Estado, eu acho que apesar de, digamos né, a gente **vai ter** esse ano aqui isso Rio-92. Tudo bem que, todos esses projetos, obras, né, melhorias, cê vê, estão asfaltando, "n" ruas do Rio, principalmente as de acesso à Barra da Tijuca, né. A Tijuca tá sendo beneficiada por aí, ruim com isso pior sem isso.

DOC. - (ininteligível)

LOC. - Eu acho, asfalto sabe, a Conde de Bonfim, vindo pro Alto da Boa Vista era um caos de buraco, ela tá um tapete, aí eu sou beneficiado né, ruim, e como eu falei né, ruim dessa forma, pois se tivesse continuado esburacado, sabe, a, a própria obra Rio-Orla, de repente: a Barra era melhor assim? É, mas eles tão mexendo sabe, melhor do que ficar só parado. A Linha Vermelha, **vai melhorar** né, eu acho que...

DOC. - O que dá raiva né, é pensar que eles só pensam em fazer isso quando alguém vem pra cá!! Esses projetos né, projetos de CIAC, educação ambiental. É pra inglês ver?

LOC. - É, mas será que também já não é o início de um, de um trabalho né, será que...

DOC. - (ininteligível)

LOC. - É, pois é, eles tão fazendo, ali no, no Borel, o, Ciep de lá, tava parado há uns três anos, era habitação, de pobre, pô, em dois três meses o Ciep tá um brinco, sabe, quando eles querem, eles fazem.

DOC. - Quando eles querem eles acham dinheiro, né.

LOC. - É, então, sabe, isso **vai gerar** alimentação, **vai gerar** educação, **vai gerar** emprego, né, de alguma forma isso é positivo, né, eu não quero nem entrar na questão política da história, porque se eu entrar eu **vou achar** tudo uma porcaria, mas a nível, pra comunidade, pras pessoas, eu acho que tem lances positivos aí, coisas boas, e, mobilizando sabe, as pessoas, profissionais, pra fazer um bom trabalho, pra apresentar esse trabalho pro mundo, né, eu acho que isso pode ser muito positivo, né, a nível de circulação também de capital. O que eles **vão fazer** depois é outra história né, mas que tá sendo feito, tá, né, Brizola tá fazendo coisa pra caramba, a gente tá vendo que ele tá fazendo.

DOC. - Pra inglês ver, né?

LOC. - Pra inglês ver mas, é melhor, dessa forma né.

DOC. - Ao menos dessa forma a gente vê alguma coisa né.

LOC. - É, nossa, é, e a gente tá vendo coisas que, tava há séculos né, parado, coisas que tavam paradas, né, eu acho que tem que mobilizar essas pessoas mesmo sabe, nós, que temos um trabalho, a nível, a nível da educação das pessoas, né, a nível de contato com, essas pessoas, pra mobilizar isso, pra lutar por um ideal de vida melhor, né, eu só **vou melhorar** a, essa questão social se eu melhorar a minha né, e por aí vai.

DOC. - E, bem, você falou aí, do, que eles asfaltaram a, subida do Alto da Boa Vista. Tem alguma outra, obra que foi feita por aqui?

LOC. - O Grajaú ...

DOC. - O Grajaú, o que que teve lá?

LOC. - O Grajaú. Eles tão, asfaltando, melhorando também. Tem outro, a própria, aquela rua, Teodoro da Silva né, eles tão recapeando também. A Avenida das Américas, eles tão recapeando ela toda, né.

DOC. - É só aonde eles **vão andar** né?

LOC. - É, que mais que eu vi também...

DOC. - O Centro da Cidade!

LOC. - O Centro da Cidade né, foi todo modificado né, pois é, eu acho que tem coisas boas né, eu concordo plenamente sabe, isso me revolta inclusive essa questão, "pra inglês ver", né, pros outros verem, mas, se é por aí que a gente pode, mexer com a, eu acho que, o povo, brasileiro ele tem uma, grave doença que é a inércia sabe, ah, o lance do, não fede mas também não cheira, né, fica meio no meio desse jogo aí.

DOC. - (ininteligível)

LOC. - Então né, como é que a gente **vai querer ser**, poder criticar alguma coisa, se você não tá fazendo nada, nem por você nem pelo social, tá parado no teu lugar, né, até que ponto você não tá sendo instrumento, reproduzidor desse sistema político ultrapassado aí, né, e nem se percebe, só sabe parar e criticar, criticar e não faz nada pra mudar. Então eu acho que também não é por aí. Então é perceber o que tá acontecendo e tentar interferir dentro disso de alguma forma, mas não ficar nesse joguete, né, só pichando, pichando, pichando, eu acho que virar anarquista, liberal e não mudar nada, só criticar, também não adianta porcaria nenhuma. De repente é melhor até ficar enquadrado do que ser só mais um pentelho, ficar perturbando aí. Eu penso assim.

1. Código no VARPORT Oc-B-9C-1m-001	7.2 Naturalidade Rio de Janeiro/RJ	
2. Variedade/Registro Culto/Informal	7.3 Idade 31 anos	
3. Tipo de texto Diálogo entre Informante e Documentador	7.4 Sexo Masculino	
4. Mês, ano e local da gravação Junho de 1996 – Rio de Janeiro/ RJ	7.5 Profissão Cirurgião-Dentista	
5. Tema Vida social e diversões	7.6 Nível de Instrução Superior	
6. Acervo/Instituição de origem e código Corpus NURC/UFRJ	8. Tempo da Gravação	
7. Informante 7.1 Iniciais do nome D.R.S.N.	9. Número de palavras 706	
	10.	Observações

DOC - você gosta de jogos?

LOC - não pratico nenhum esporte... nenhum tipo de jogo... nem dama nem dominó... futebol... nada... nada... nada... xadrez... estou fora de todos...

DOC - nunca praticou?

LOC - já pratiquei natação, quando eu era mais garoto... jogava xadrez... jogava botão... pingue-pongue... mas depois que eu comecei a trabalhar nunca mais pratiquei nada mesmo... nenhum tipo de jogo...nem baralho...

DOC - nem tem vontade de fazer nada?

LOC - não... não... não me interessa realmente por este tipo de...de diversão não...

DOC - instrumento musical... você toca algum...

LOC - não... não toco nenhum instrumento musical... realmente nunca me interessei por tocar nenhum... e hoje até... o tempo é pouco também... né? a gente trabalha tanto que fica faltando... o pouco tempo que sobra a gente sempre tem alguma coisa pra fazer e não se preocupa muito em aprender mais alguma coisa...né? bom... em se tratando assim de reuniões sociais... né... normalmente a gente se reúne os amigos.. os parentes em casos de aniversário assim... muito mais difícil acontecer em casos de você sair pra... pra... pra show... alguma coisa assim...não se reúne muita gente.. mas em aniversário... quando se reúnem várias pessoas... normalmente é na casa de alguém... né... raramente em algum clube... normalmente em casa...e conversa-se muito... brinca-se muito... todo mundo... um encarnando no outro... um negócio animado realmente...todo mundo procura prestar atenção em todo mundo... todo mundo procura conversar com todo mundo... é até uma data assim... que as pessoas vêem pessoas que não se vêem há muito tempo...às vezes até se conversam pelo telefone mas não... não se vê... e realmente nos aniversários a gente encontra várias pessoas e coloca as conversas em dia...né? eh... são ocasiões boas e animadas às vezes acontece algum imprevisto... alguma coisa... alguma desavença... mas é muito difícil... com relação à forma de tratamento... eu tenho o costume de me dirigir às pessoas normalmente por senhor... ou quando é mulher eu digo: ô mocinha! tudo bem? como vai você? mesmo sendo pessoa conhecida e... mas normalmente eu chamo de senhor/senhora... independente da idade eu... a não ser que seja muito novo eu não chamo de senhor... mas não exijo que ninguém me chame de senhor... porque eu acho que não há necessidade disso...-outro item também a gente poder conversar aqui seria com questão às classes sociais... eh... normalmente existe oportunidade de eu me reunir com pessoas de diversas classes... às vezes você está num local que... a classe social é mais baixa... mas nem por isso **vai deixar** de conversar... você conversa e... tem amigos naquele local... conversa... são os assuntos que normalmente já são um pouco mais diferentes... mas... de um modo geral... procura se entender com todo mundo independente do nível social da pessoa... né? e... realmente como eu freqüento vários lugares... cada vez você encontra um... um tipo de... de conversa diferente da outra... e às vezes até a forma das outras pessoas de se dirigir a você ou de você se dirigir a elas... né? às vezes acontece de... de - normalmente as pessoas mudam assim... são um pouquinho diferentes...-com relação à música... realmente eu dou preferência pela música popular... que nos traga alguma coisa de... de...interessante... e... normalmente eu ouço sozinho ou no trabalho... aqui sempre tem gente acompanhando... em casa também sou de ouvir muita música... no carro... praticamente o tempo todo eu ouço música... porque quando eu estou em casa eu estou fazendo alguma coisa e fazendo alguma coisa você dificilmente vê... televisão...

você acaba ouvindo música porque a música não te tira a atenção... agora... bom... normalmente a... a ...
 eh... o entretenimento que eu realmente gosto de fazer ... mas que depende realmente de estar realmente
 com tempo disponível é acampar... eu já acampeei em serra... já acampeei em costa... e... normalmente eu
 dou preferência pelas praias... apesar de ser um acampamento pouco mais desgastante... cansa mais...
 você não tem... acomodação boa... sal... você fica salgado... você quer tomar banho e já é mais difícil pra
 tirar o sal... e... normalmente quando você está na montanha... você sempre tem um rio... a água é limpa...
 você pode tomar banho e ficar sempre... se sentindo melhor... né? com a água... o acampamento
 normalmente não é com um grande número de pessoas...

1. Código no VARPORT Oc-B-9C-1f-001	7.2 Naturalidade Rio de Janeiro/RJ
2. Variedade/Registro Culto/Informal	7.3 Idade 27anos
3. Tipo de texto Diálogo entre Informante e Documentador	7.4 Sexo Feminino
4. Mês, ano e local da gravação Janeiro de 1993 – Rio de Janeiro/RJ	7.5 Profissão Analista de Sistema
5. Tema Cidade e comércio	7.6 Nível de Instrução Superior
6. Acervo/Instituição de origem e código Corpus NURC/UFRJ	8. Tempo da Gravação
7. Informante 7.1 Iniciais do nome C.A.F.	9. Número de palavras 714
	10. Observações

DOC - Ih, vem cá, é, você que já viajou né, com outra idade muito tempo faz que você saiu, e, tem algum lugar assim que você achou ótimo? Ah, esse lugar é um lugar legal de se morar.

LOC - Tem, eu, hoje em dia eu consegui conhecer os três países que eu gostaria de conhecer, tá, é, Japão, Austrália e Canadá. É, o Japão é outro mundo. É uma cultura completamente diferente, principalmente aqui no Rio de Janeiro, né, lá é, todo mundo muito ligado a trabalho, é, pontualidade impera, entendeu, você vai numa fila de metrô o pessoal tá numa fila realmente, não tá naquele amontoado, que nem aqui no Rio, e o cara fica parado e o Metrô pára exatamente onde você tá parado. Tem os locais marcados, é tudo por, cronometrado, entendeu, o fluxo de de carros não tem, não é essa zona que é aqui no Rio, entendeu, é tudo, é é engarrafado, tem bastante, que eu só visitei um a cidade [nome da cidade], no Japão. Não cheguei nem, e Kioto, não fui até Tóquio, mas a impressão que você tem, é isso, que é uma cidade, é um país assim super-avançado mas que por exemplo em Kioto você tem aquela confusão da rua, trânsito carro pra caramba, mas você tem aqueles castelos de imperadores antigos, não sei o quê.

DOC - Dentro da cidade?

LOC - Dentro da cidade, nossa! tem muitos castelos, templos, antigos e você entra assim aquela aquela calma de jardim japonês, que você só vê assim pássaro, água caindo, escuta vento, então isso eu acho, eu acho demais, eu acho a cultura japonesa... Não gostaria de ser japonesa, que eu acho que eles são muito rígidos. Eu prefiro ser uma brasileira que vai ao Japão, (risos) e você tem opção de sair de lá quando encher o saco, mas, agora, é um país assim incrível. E, deixa eu ver, Austrália, uma vez me definiram Austrália como a Inglaterra de bermudas, e, é um país assim, também um barato. Também não fui até Sidney, só conheci uma cidade [nome da cidade] que é do lado oeste tá, é a única cidade grande do oeste, e, é uma das cidades que tem o melhor, melhor é, padrão de vida, ou seja uma das melhores cidades do mundo pra se morar. Eu fiquei apaixonada pela cidade, sabe, tudo certinho. É uma cidade nova, tem mais ou menos 1.200 mil, de habitantes, e, e, eu fui pra participar de uma prova, tá, e, a prova era num rio. O rio cortava a cidade ao meio. Então a impressão era, mais ou menos como se você pudesse nadar na Lagoa Rodrigo de Freitas, tá, então o rio cortava a cidade e você tava nadando ali, entendeu, quer dizer é, a prova, eu achei o máximo, tá, o pessoal de lá, o povo muito simpático, super acessível, quer dizer, quando você

vai num esquema desse de competição, você não tá vendo exatamente o dia-a-dia da cidade, você, realmente tá em contato com pessoas que são, voltadas pro esporte ou tão ali já pra te ajudar, quer dizer, disfarça um pouco a cidade. De repente você pega, a nata das pessoas, né, quer dizer, o lado mais, dia-a-dia, cotidiano, de repente, você perde um pouco, mas eu só tive boas impressões sobre a Austrália. Achei, um país, fora parte de zoológico, entendeu, tinha a ver, animais que você nunca tinha visto: canguru, coala. Um barato! Entendeu ... E Canadá, realmente, era um país que não sei por que me atraía, assim, achava legal porque era um país, é um país desenvolvido mas que não é um país que, por exemplo, você é americano, tá, é um país super-desenvolvido mas se você, quiser ser atleta, os caras [?] tá ... eu não sei explicar direito, você, no Canadá, você pode ser o que você quiser mas os caras não **vão te exigir** nada, é essa a impressão que eu tenho. se você quiser ser um campeão do mundo, eles **vão te ajudar** a ser um campeão do mundo, mas se você quiser praticar natação porque você gosta, tudo bem, você praticar porque você gosta. Já nos EUA, acho que eles são competitivos demais.

1. Código no VARPORT Oc-B-9C-3f-001	7.2 Naturalidade Rio de Janeiro/RJ
2. Variedade/Registro Culto/Informal	7.3 Idade 76 anos
3. Tipo de texto Diálogo entre Informante e Documentador	7.4 Sexo Feminino
4. Mês, ano e local da gravação Setembro de 1996 – Rio de Janeiro	7.5 Profissão Engenheira-Química
5. Tema Transportes e viagens	7.6 Nível de Instrução Superior
6. Acervo/Instituição de origem e código Corpus NURC/ UFRJ	8. Tempo da Gravação
7. Informante 7.1 Iniciais do nome A.E.	9. Número de palavras 700
	10. Observações

DOC - podia fazer um paralelo né... do transporte aqui no Rio e de outros países...

LOC - bom... esse paralelo que você me pediu agora... eu posso fazer... com... base na minha viagem recente... em que... nos meses de julho... e... princípio de... agosto eu viajei trinta dias... ah... divididos entre a Nova Zelândia... a Austrália... e a África do Sul... passei... exatamente um mês viajando... não vi uma garrafa... não vi um copo plástico... não vi um papel nem um saco plástico no chão... em nenhum desses três países... e... também... todas as conduções que eu usei... circularam livremente sem passar em cima de buracos... porque eu não vi também nenhum buraco nas estradas... eu não sei quantos quilômetros eu fiz de circulação terrestre... aérea eu estimo uns sessenta mil quilômetros... mas pode-se estimar... porque eu viajei... durante uma semana... dentro da Nova Zelândia... cerca de uma semana na Austrália... de sul a norte... ou melhor... de norte a sul... e depois... dez dias no sul da África... nenhum desses três regiões eu vi um buraco na estrada... a pavimentação é liv/ LISA... completamente lisa... e... todas as ruas e estradas... completamente limpas... então... eu não sei porque o Brasil não chega lá... não sei... porque o governo tinha responsabilidade de já ter chegado... perto do primeiro mundo... num país que é rico... que infelizmente tem muito analfabeto... mas que haveri/ que devia haver programação... pra educar... ou para multAR... porque nos Estados Unidos em todas as cidades se se cuspir no chão paga-se uma multa... é... que é muito elevada... papel no chão -- há muitos anos atrás... nos anos setenta... já custava cem dólares... em muitas das cidades... e nas estradas jogar um papel pela janela do carro... um... copo lá o que fosse... custaria cem dólares mas curpir/ cuspir no chão na cidade de Washington... se não me engano custa quinhentos dólares...

DOC - coitados de nós...

LOC - eu não sei porque o brasileiro tem tanto cuspe na boca... e cospe em todo lugar... bom... esse não é um aspecto de... transporte... mas é uma observação... ah... local e de viagens... também nunca vi... nunca vi em muitos anos de vida nos Estados Unidos... nunca vi uma pessoa cuspir no chão... e durante muitas viagens a Europa... e essa recente... então... nessa região da... do Pacífico... a... e Atlântico não é... porque afinal de contas a África é... o encontro dos mares... eh... também não vi ninguém cuspir no chão...

DOC - e quanto à questão dos transportes ... o que é mais utilizado em cada um desses países ?
 LOC - na cidade de Sidney ... o trem aéreo passa por cima da cabeça da gente a toda hora ... ah ... o transporte de ôn/ há poucos ônibus relativamente ... mas/é uma cidade de tráfego pesado ... tráfego pesado porque ... a maioria das pessoas mora FORA do centro ... atualmente se constróem alguns edifícios procurando atrair gente para morar no centro não sei a razão ... mas... o tráfego é pesado no final da TARDE ... é um tráfego ... é ... que eu diria comparável ao tráfego de acesso à zonas sul no fim da tarde ... mas esses seria o tráfego em Sidney ... o de saída da cidade... poucos ônibus ... o TREM ... muito ativo ... mas se se quiser ônibus ... existem ônibus com horários .. o que não existe no Rio de Janeiro ... não é possível haver horário nos ônibus do Rio de Janeiro ... então o transporte no Rio de Janeiro é um DESASTRE ... e não É desmanchando as calçadas para tirar as/ o calçamento típico do Rio de Janeiro ... das pedrinhas... que eu não sei que destino tomaram ... no volume em que foram arrancadas ... é ... não é com esta solução colocando tijolinhos vermelhos fracos que se **vai fazer** uma reforma no Rio de Janeiro ... a re/repito a reforma do Rio de Janeiro tem de ser a melhoria do transporte ... as ruas são () de ônibus ... o barulho é in-to-le-rá-vel... os ônibus não são observados no seu funcionamento de poluição... poluição sonora e poluição química ... eu (...)

1. Código no VARPORT Oc-B-9C-2f-002	7.2 Naturalidade Rio de Janeiro/RJ
2. Variedade/Registro Culto/Informal	7.3 Idade 54 anos
3. Tipo de texto Diálogo entre Informante e Documentador	7.4 Sexo Feminino
4. Mês, ano e local da gravação Julho de 1996 – Rio de Janeiro/ RJ	7.5 Profissão Pedagoga
5. Tema Transportes e viagens	7.6 Nível de Instrução Superior
6. Acervo/Instituição de origem e código Corpus NURC/UFRJ	8. Tempo da Gravação
7. Informante 7.1 Iniciais do nome A.M.R.D.	9. Número de palavras 750
	10. Observações

DOC - () bom... então **vamos falar** de viagem... ()

LOC - olha... viagem eu gosto até porque... eu gosto de fazer... mas acontece... eu gosto de viajar... mas a estrada me bota assim um pouco nervosa... eu... quando a gente viaja... se é de carro eu vou do lado do meu marido feito co-piloto... então aquilo eu freio junto com ele... eu faço as mudanças junto com ele... então eu fico muito estressa/estressada porque eu fico muito preocupada com a estrada... entendeu... agora eu já estou mais... maleável... mas eu era bem... eu chegava nos lugares ansiosa demais... agoniada... e aquilo me cansava demais... então eu não não gostava de viajar porque a gente ia de carro... mas eu viajei... você perguntou se eu viajei muito né? é isso? eu viajei... nós fomos pela primeira vez de avião... eu fui pro sul... eles fizeram (no trabalho) meu marido trabalha na () fizeram uma viagem pra feira... então... fizeram... deram uma sugestão... as esposas iriam pra conhecer... nós ficaríamos três dias... foi sexta... sábado e domingo... a feira começaria na segunda e a gente viria embora e eles ficavam e um deles... um dos vendedores veio nos acompanhar... as esposas né... então nós fomos pro sul... gostei muito achei lindo o sul uma coisa maravilhosa... Porto Alegre... ficamos em gramado... ficamos num motelzinho... eh... tipo assim todo ele alemão né... toda a estrutura... toda... as pessoas que trabalhavam também lá tinham descendência alemã... muito gostosinho... vi pela primeira vez eh... ge... neve... caiu... geou né... aquela geada do sul a gente... pegando de manhã aquelas pedrinhas de gelo em cima das plantas... adorei... adorei o sul... mas já fui também de avião () no sul foi a primeira vez... fui rezando... voltei rezando... mas fui de avião... aí nós fomos pro norte... fui pra Recife... Bahia... demos uma passadinha... acho que foi... que deu um problema no avião... nós tivemos que... numa cidadezinha que nós tivemos que parar... agora não estou me lembrando qual foi... mas... eu passei mesmo foi em Recife... na Bahia... que nós passeamos... muito bom... gostei muito também... muita praia bonita... não gostei da Bahia não... Recife eu adorei... as

praias muito bonitas... um litoral muito bonito... mas Bahia não gostei não... cidade muito suja... muito sem... sei lá... falam muito da Bahia... mas eu não gostei muito não...

DOC - ()

LOC - apavorada...

DOC - () o que a senhora achou do avião?

LOC - olha... eu não deu nem tempo... não deu mesmo... muito ansiosa... mas vim mesmo... até a... a esposa de um de um vendedor amigo meu... "meu Deus do Céu... ela nem conversava... ela rezava o tempo todo"... mas eu realmente... rezava porque podia né... a gente só morre no dia... mas sei lá se era o dia do piloto... então eu tinha medo né...

DOC - ()

LOC - fiquei... nós ficamos no sul... ficamos assim... era uma espécie de uma... como é que eu posso dizer... não era hotel chiquérrimo não... assim de... quatro estrelas sabe... simples... tinha... você era... como é que chama quando você... bota... aí Jesus... eh... ar quente essas coisinhas no quarto... você não sentia frio... inclusive eu sou muito friorenta... aquecimento... eu sou muito friorenta... eu tirei até um retrato embaixo de um... de um termômetro pra mostrar que eu consegui ficar no sul a quatro graus... sou friorenta demais... e no hotel era bem quentinho... tinha aquecimento... você entrava e você não sentia... chegava até a sentir calor debaixo daquelas cobertas que eles botam... aqueles edredons pesados né... o aquecimento... a água é muito quentinha... então o tempo que você ficava dentro do quarto... apesar de ser assim um motel bem simples... tipo... fazenda... mas a comida é muito gostosa o atendimento é muito bom... isso sul... depois no norte eu fiquei... aí dei uma de... de bacana... fiquei num hotel cinco estrelas... ficamos... foi uma viagem assim paga... parceladamente... quer dizer... foi suave né... então nós ficamos no hotel... mas também foi só uma noite e metade de um dia... depois nós fomos prum hotelzinho mais... mais simples foi no... em Recife? não... Bahia? acho que foi Bahia... e quando houve esse... essa parada forçada na... na Bahia... aí o casal que estava nos acompanhando... brigando à beça... disse que a gente tinha que ficar num... pelo menos pra esperar... nós ficamos no... no aeroporto não... que colocasse a gente num lugar decente... aí... curti também outra vez um hotelzinho cinco estrelas...

1. Código no VARPORT
Oc-B-9c-2m-002

2. Variedade/Registro
Culto/Informal

3. Tipo de texto
Diálogo entre Informante e Documentador

4. Mês, ano e local da gravação
Junho de 1996- Rio de Janeiro/RJ

5. Tema
Vida social e diversões

6. Acervo/Instituição de origem e código
Corpus NURC/UFRJ

7. Informante
7.1 Iniciais do nome
R.G.M.

7.2 Naturalidade
Rio de Janeiro/RJ

7.3 Idade
38 anos

7.4 Sexo
Masculino

7.5 Profissão
Economiário

7.6 Nível de Instrução
Superior

8. Tempo da Gravação

9. Número de palavras
720

10. Observações

LOC - (meu garoto) vai muito a jogo... Maracanã... que há muito tempo eu não vou também...

DOC - então cê gosta né?

LOC - gos/ é... eu gosto... mas também num... eu sei lá de uns tempos pra cá eu fiquei muito comodista (também)...

DOC - por quê?

LOC - porque eu tenho assinatura ((riso))... aí passa os jogos na televisão... entendeu aí eu... fico em casa... assisto a -- fiquei muito comodista -- eu ia MUlto... muito ao Maracanã... TOdo final de semana eu tava no Maracanã... vendo jogo mas agora os ((ininteligível)) (sei lá) num tô: (com mais) aquele pique não...

DOC - então você acha que também tem tem... (doença) assim com... a situação de hoje em dia... a violên:cia..

LOC - não...

DOC - ((ininteligível))

LOC - [por mim... pra mim não... eu não penso assim... eu não penso... pode ter muita gente que tenha se afastado né?... realmente teve muita gente que se afastou...

DOC - cê conhece casos assim?

LOC - óh meu pai... meu pai é um...

DOC - (o que aconteceu?)

LOC - meu pai... meu pai ia muito ao Maracanã com os amigo dele né?... também... mas de uns tempo pra cá/ que uns tempo pra cá/ muito tempo pra cá... uns:... mais de um ano pra cá ele num... se afastou (também por causa disso) violên:cia... aSSALto ah... o amigo dele... faleceu já coitado... teve um:/ a última vez que estiveram no Maracanã o carro dele foi roubado... nem sinal... quer dizer aí... meu pai tá meio... tá meio desiludido... né tá com... quase setenta anos... (ele) num vai mais não... mas deve ter MULta gente que eu num conheço... muita gente mesmo se afastando...

DOC - [e a tua esposa não ((ininteligível)) não?

LOC - não... ((riso))... ela num... a gente num pode também ficar pensando nisso né?... senão a gente não faz nada né?... se você ficar pensando nisso em assalto aí... num sei quê cê num... sai na rua pô... né?... é um problema mas... a gente tem que/ ou a gente vive a nossa vida ou então... não tem jeito... **vamos se enclausurar**: em casa e... eu num vô é por comodismo mesmo... **(vô) ficar** em casa mesmo... sô muito caseiro...

DOC - [já... já foi assim... ah viagens também?

LOC - hum... viagens?

DOC - pra outro esta:do?

LOC - já... já viajamos bastante...

DOC - pra onde?

LOC - oh... nordeste... o nordeste eu conheço quase tudo... inclusive quase tudo porque ninguém comhece tudo né tudo né mas... quase tudo e no SUL... uma grande parte do sul... Rio Grande do Sul... aquelas cidadezinha serrana ali Grama:do...

DOC - [e lá a vida social daqui...

LOC - hum...

DOC - dessas regiões é bem diferenciada?

LOC - a vida social... bom... eu fui como turista né?

DOC - [e as pessoas também...

LOC - eu vô como turista né no no no... no (passo de) vida social que eu sei ...

DOC - e aí ((ininteligível))

LOC - [não... cada povo cada lugar tem o seu... tem o seu... seu costume né?... óh tu vai no nordeste o pessoal gosta de PRAias... lá no sul não tem nem pra gos/ né?... cada um tem sua:... óh eu fui numa cidadezinha em:... no Rio Grande... que eu achei interessante... éh... tu vê as meninas assim garotas novas de quinze dezesseis anos... todas elas faziam... como é que chama aquilo?... que se faz pullover... crochê né?

DOC - hum rum...

LOC - crochê ou tricô...

DOC - tricô é...

LOC - aquilo que cê faz pullover...

DOC - tricô tricô...

LOC - é tricô?... é o mais grosso né?... de lã né ?

DOC - isso isso... com aquela agulha comprida...

LOC - i:sso... achei interessante isso... todo mundo... (até) as garotas novinhas no no... na porta de casa... todo mundo... fazendo...

DOC - coisa que não acontece aqui né?

LOC - é que num... pois é né... ninguém faz né?... cada povo tem o seu costume tem...

DOC - e tinha assim clu:bes... tea:tro... como é que é?

LOC - não teatro também só fui em Gramado... teatro eu fui em Gramado só...

DOC - e aí... o que cê achou?

LOC - ... éh... ((riso))... tá deu pra... foi essa maravilha não mas... deu pra...

2. EF NURC

ELOCUÇÃO FORMAL (EF)

Inquérito 379

Tema: Aula de Geografia Econômica, Industrialização Japonesa

Duração: 35 minutos

Data do registro: 28/04/78

Informante: sexo feminino, 39 anos, professora, formação universitária: Economia, carioca, filha de pais cariocas, área residencial: Zona Norte e Zona Sul.

INF.: bom... a gente **vai ver** hoje... Andréa... o: problema da industrialização do Japão... como? Vocês **vão ver** pelo livro... né... que **vai dar** bem mais detalhes desse tipo de curso... o que eu **vou tentar** fazer hoje não **vai ser** só na aula de hoje... que Japão merece mais... hoje **vou dar** uma introdução... tentando localizar as principais diferenças práticas do início da industrialização no Japão... e dos Estados Unidos Atualmente... Bom... então... voltando um pouquinho atrás... nós vimos que o início da industrialização nos Estados Unidos... se deu de uma maneira direta... né... decorrente... de uma aplicação de excedente... europeu... no início da industrialização dele... encontramos lá:... no território... dos Estados Unidos... condições geográficas favoráveis... condições de população... favoráveis... quer dizer... constituindo uma força de trabalho... GRANDE e na medida... necessária... ao desenvolvimento... harmonioso que... desenvolvia nos setores... e os capitais... como nós já vimos... tanto equipamentos como capital estrangeiro... eles foram... eh... quase que linearmente aplicados... na economia americana... e conseguiu então essa trinca dos recursos favoráveis... de uma força de trabalho... preparada... e de... uma injeção de capital... grande... com que a economia realmente conseguisse... se desenvolver normalmente e então por isso é difícil... a gente não entender... como a economia americana chegou assim... quer dizer é muito claro porque ela chega até aos dias de hoje... claro com variações aí das formas de: evolução do papel do capital... (das) formas novas de capitalismo... mas sem dúvida alguma... dizer que é uma economia desenvolvida... é alguma coisa bem... de acordo com o que deveria ter sido... **vamos ver** agora alguma coisa da economia japonesa... tá? que também desde o seu início... o que a gente conhece mais no Japão... é... o propalado milagre japonês ... EU NÃO **VOU me deter** no começo... ao pós-guerra... eu **vou partir**... do início... da formação industrial do Japão... né? No início do século ((ruído))... a África e a América Latina... eram quase que ilustres desconhecidos... (vo)cês viram () aqui que o total de população... que o total de população... no início do século... na África... e na América Latina... era um total... bastante pequeno... e que foi a grande taxa... maior que a da... na América e na África que fizeram com que hoje... realmente apesar de uma taxa muito alta... ainda em termos totais... tanto a África como a América Latina... teriam uma população RELativamente pequena em comparação... à Europa e à Ásia... então como eu ia explicando... no início do século vinte ou melhor no século dezenove... só existiam... a Europa e a... Ásia... bom... formadas... por... culturas diferentes... atravessando situações históricas de feudalismos diferentes... mas... tanto a Ásia como a Europa... já... passavam por passados... o que não acontecia com América e com África... tá?... quer dizer a colonização... e o desenvolvimento da América Latina e da África é um fenômeno do século vinte... então o Japão... ele... desde o seu início... ((interferência de locutor acidental)) desde o seu início... ele tinha... ele contava como força fundamental das suas cidades-colônias... os dois fatores... um deles... extremamente abundante o fator... trabalho... né?... e o fator recursos naturais que... vocês procurem observar uma ilha... um arquipélago... aonde a escassez dos recursos... dentro da área... era suprida por quê?... pelas célebres... excursões fora da área japonesa dos japoneses... não é à toa que o início... da industrialização japonesa... primeiro em termos de... artesanato... quer dizer... da industrialização da seda... das indústrias chamadas domésticas... das indústrias aonde é a capacidade de realizar à mão à mão né?... sem a máquina realmente... conseguiu alguma coisa em termos etc...-- eu ia dizendo é o seguinte --... que não é à toa que a atual indústria naval japonesa... atual e já no início do século vinte... ela havia tido uma das maiores motivações... quais sejam... a saída da ilha... bom... voltando mais atrás ainda... no século dezenove... e aí até a literatura e os filmes

mostram né?... como os japoneses eh tiveram que lutar contra o chamado imperialismo branco... né?... as incursões americanas... as incursões do Japão procurando se defender... e a melhor maneira que ele encontrava para se defender era atacando... não né?... quer dizer às CUSTas... de aumento de território por exemplo... na Malásia... até na Austrália... na Índia e o Japão... o povo japonês... a população do Japão... extremamente GRANDe pra sua área e extremamente laboriosa no sentido de que... SABIA que pra conseguir sobreviver... tá?... PREcisava AMPLIAR a sua área de atuação... --tá claro isso? A aula é gravada mas as perguntas podem ser feitas e devem... senão fica parecendo monólogo nenhuma dúvida então?-- quer dizer... situando... o Japão... que a gente conhece e ouve falar de unidade japonesa que é o do pós-guerra... É UMA COISA... eu só estou me referindo ao início da industrialização japonesa... tá? e às principais motivações... o livro aí do ()... ele... eh... localiza um ponto bastante importante... que é o que ele chama de lutas políticas... ele está se referindo exatamente a essa essência tradicional da economia japonesa tá? quer dizer uma situação... eu vou repetir... muito diferente do início da economia americana... tá dando pra situar a diferença? Uma americana nascendo linearmente... etc. etc. e a outra BRIGANDO pra poder nascer... e contando basicamente com o quê?... com a sua mão-de-obra GRANDE... sabendo que tinha que trabalhar para sobreviver às outras potências... tá?... e (a)os recursos naturais pequenos... que eram supridos... naquela época... com o quê? com as incursões a outras áreas... É claro que também temos que admitir... que a realidade terceiro mundo foi descoberta no pós-guerra... tá?... não havia... na época das primeiras grandes guerras etc. etc. o quê? os as relações ((ruído)) (de produção) tão generalizadas de comércio com as áreas chamadas... do terceiro mundo... tá? então o Japão era geralmente Ásia e Europa... e como era... essa tecnologia... assimilada pelo Japão... não é?... antes... da Segunda Grande Guerra? era uma tecnologia... assimilada de duas formas... primeiro... pela própria... ah pelo próprio desenvolvimento interno deles... quer dizer a tecnologia aprendida... ou às próprias custas... ou então copiada... tá?... de uma indústria de uma tecnologia já existente na Europa... quer dizer... as incursões ((ruído)) (ou aquilo que) eu estou rotulando de incursões foram quaisquer tipos de quê? de relações... em função de aumento de ampliação de território que os japoneses tinham conhecendo outras áreas... e acontece que chega... a Segunda Grande Guerra com o Japão realmente sendo uma das grandes potências... a gente aprende muito de ()... né?... e muitas vezes a gente tende... a simplesmente explicar uma Segunda Grande Guerra como tendo sido uma guerra... claro... não uma guerra de ocupação como foi a primeira... mas uma guerra... principalmente em função de... antagonismos ideológicos... no caso o nazismo e o fascismo tá? (as) raízes do eixo... economia basicamente social e a guerra é o mais social possível... então é claro que excluir de uma possível causa... e aumentar o papel e dar um papel bem acentuado de uma possível causa de qualquer guerra... é o aspecto econômico... é claro... né? quer dizer o ideológico influencia... mas o econômico é a base inclusive (e) a formação de ideologias... então a Segunda Grande Guerra foi basicamente uma guerra de ampliação de mercados... ou de CONQUISTAS de mercados... por parte de quem? dos países nos mercados na época... de um lado... os estados europeus... Estados Unidos e União Soviética... que nós **vamos discutir** na aula da semana que vem... e do outro lado três potências também capitalistas FORTES... Alemanha e Fra/ e a Itália principalmente... perdão Alemanha e o Japão principalmente e a Itália... que também a gente **vai dar** um pouco mais de atenção a ela e à Alemanha dentro da Europa... então surge a Segunda Guerra e encontra o Japão de que maneira? com uma... eh pauta industrial bastante grande... quer dizer... BASicamente indústria de quê? de equipamentos e pesados sabe? depois de cada setor ao MESMO LADO numa indústria artesanal... PRINCipalmente da seda... do tecido... tá?... basicamente isso... e a indústria pesada... foi inclusive a que... fez com que o Japão pudesse... ser... uma potência industrial e por isso tentar dividir o mercado... bom... ocorre a guerra e... nada nessa história acontece por acaso... né? se... realmente a guerra foi perdida pelos países do eixo... é que as condições... sociológicas... econômicas e políticas etc. etc. fizeram com que fosse perdida a guerra... entretanto foi uma guerra geral né?... aonde os inimigos... eh derrotados eram inimigos fortes... (é) claro... eu dei o seguinte exemplo... em uma aula anterior... se quem tivesse perdido a guerra não fosse o Japão... já reconhecidamente... uma... potência antes da guerra... que conseguia às CUSTas... de gente demais... território de menos e capi/ capital conseguido... quer dizer... conseguido e não eh... CANALIZADO como foi a experiência americana... se o Japão conseguiu tudo isso... e chegou à Segunda Grande Guerra com a força que ele chegou... né?... a imagem que eu fazia era a seguinte... se o Japão... fosse uma Birmânia... por exemplo que é um dos países atrasados... as economias industriais aliadas que ganharam a Segunda Guerra NÃO TERIAM AJUDADO o Japão... quer dizer de outra maneira... se o Japão fosse a

Birmânia... né?... as economias industriais... européias e americana... e... a socialista União Soviética QUERIAM MAIS É QUE A BIRMÂNIA MORRESSE... mas elas sabiam que não era a Birmânia que era o Japão... que já tinha conseguido fazer em mil novecentos e cinco ...lutar com a RÚSSIA... e já tinha chegado à Malásia... tá?... já tinha chegado à Índia... então realmente era um inimigo forte... então em termos aí econômicos... tá? a perda da Segunda Grande Guerra? elas resolveram... trazer... a economia japonesa para seu lado... tá claro?... quer dizer... a palavra "neutralizar"... não sei se se aplica bem... mas resolveram mostrar ao Japão que não eram os inimigos que eles estavam do mesmo lado... que todos podiam em termos industriais... se desenvolver... então foi... sabe tentando ter uma visão de pós-guerra e de início de século vinte... no início do século vinte... a o Japão chegou à União Soviética em (mil novecentos e cinco) antes da Primeira Grande Guerra... chegou a atacar os impérios chineses etc.... então realmente numa visão nova de economia e de sociologia política... né? Os aliados do () resolveram incorporar o Japão à sua realidade... daí o início do chamado milagre japonês... então () o milagre japonês... como é... porque é milagre... como o Japão conseguiu... eh sobreviver a uma Segunda Grande Guerra... aonde toda sua... todo seu material bélico foi arrasado? Como ele conseguiu né?... sair disso e ser o Japão de hoje? Bem... resposta... milagre... é um milagre... foi uma economia... impelida a seguir o seu caminho... não tendo que tomá-lo... tá claro?... quer dizer... seria exatamente seria em uma figura um pouquinho talvez trágica... impedir uma terceira grande guerra vinte anos depois... tá claro? Vocês vejam que esse mecanismo () aplicou também à Alemanha... com diferenças aí em termos de divisão em dois blocos a menos tempo e apenas mais evidente... então em relação ao Japão... o milagre japonês realmente foi milagre... sabe? que... sabe? que em vinte anos... o Japão... ele... com toda sua falha de recursos... com toda sua... população realmente exceSSIVA... em termos de controle de população a gente viu aqui... que não é um controle tão natural... é um controle muito natural ou você não tem filhos ou **vai ser**... é castrado... (quer dizer) não é um controle assim natural... não é isso? quer dizer realmente é uma economia... que não conseguiu ainda... sabe? quer dizer dentro do meu ponto de vista... apesar de ser ALTISSIMAMENTE industrializada... ATINGIR a um desenvolvimento global... e vejam que nem poderia... estão entendendo a comparação que eu estou fazendo (com) com a economia americana? não poderia por quê? porque passou por um ((ruído)) passado feudal muito grande... porque teve a sua agricultura... com as condições precárias de território... muito pequeno enfim em em moldes de produções feudais... porque teve um início de industrialização conseguido na FORÇA... tá?... para se defender... se defender de que maneira? atacando... né? uma das melhores formas de defender é atacar... então foi um tipo de... um RUMO do início da industrialização japonesa TOTALMENTE diferente... não houve um crescimento harmonioso... então... há muita... discussão aí entre posições opostas de que se o Japão seria uma economia ou um país desenvolvido... na minha opinião... não pode ser considerado... se por desenvolvimento se entende o QUÊ? um crescimento em torno de suas estruturas... tá? então é uma economia altamente industrializada... seguindo numa corrida de fórmula um... no segundo plano... nas grandes potências... quer dizer se equiparando à economia soviética e à e à americana e o Japão... em termos de indústria competindo com Estados Unidos e... Alemanha no caso... agora em termos de desenvolvimento global... é um pouco difícil... eu... sabe? concordar... que seja uma economia desenvolvida... e por que não? tenho a impressão que o () cita... eh um provérbio japonês... que que... primeiro explicando o fato... o tipo de relação de trabalho do operariado entre o operariado... quem trabalha na indústria do Japão... é inclusive um tipo de operariado... eh... de origem rural... vocês tentem inclusive ver... como é um pouco difícil... você separar a realidade industrial e a realidade agrícola... no Japão... então coexistem hoje... HOJE... depois do milagre o quê?... relações de produção do tipo FEUDAL... tá?... tá claro?... aonde... eh jornada de trabalho de dez a doze horas... certo? quer dizer... de um tipo assim paternalista feudal... quer dizer... o salário... ainda não é a tônica geral... sabe?... de uma economia que deveria que é capitalista... tá claro?... são duas realidades que coexistem... uma economia por que é capitalista? é baseada no capital... claro... com o milagre japonês não é apenas a força de trabalho e os recursos naturais... é o capital MESMO... tá?... em forma de capital financeiro e equipamentos... então... coexistem dentro de uma mesma área... esse... esse... tipo de relação capitalista de produção com um outro tipo de relação... QUE NÃO É capitalista... entre o trabalho e o capital... tá claro isso? então o provérbio eh japonês é o seguinte... que se disserem que a vida de uma operária japonesa é huMANA... nasceriam flores nos postes telegráficos... tá?... saiam um minuto do ()... quer dizer pra dizer como realmente não é compatível... como na economia americana é... tá claro? é uma relação capitalista em desenvolvimento... GLOBAL... já no Japão... são duas

realidades... dentro de uma mesma situação... bom isso aí então... é... pra mais ou menos justificar ou explicar que na minha opinião... não é possível dizer... que a economia japonesa é desenvolvida... realmente... dentro de uma realidade aonde as relações de emprego estão... diferentes... tá? do nível que poderia ser... tendo em vista o nível da produção... tendo em vista o nível de quê?... de posição dentro do cenário industrial do mundo... tá? e isso aí se reflete em quê? No setor terciário... há universidades de monta no Japão?... HÁ... claro que há... mas há... para um número xis de pessoas grande como há nos Estados Unidos? Não há... tá claro? O nível do operário americano é o nível do operário japonês? Japonês melhor que americano NÃO É... que o operário japonês não é nem operário... exato?... eu estou tentando mostrar eu estou dando uma aula tentando resumir claro que o nível principal com relação do relacionamento ainda tem resquícios feudais... tá claro gente?... vocês imaginem a quantidade de operariado do Japão... né? () quer dizer... por mais... intensivo que seja o uso do capital... a mão-de-obra ainda é a RIQUEZA do Japão... claro... população de cento e tantos milhões... TODA ELA integrada à produção... TODA quer dizer... pelo menos na sua grande parte... bom uma outra coisa que a gente precisava ressaltar era o seguinte... então o () fala de em termos políticos e ele mostra no livro a sua... situação não é? quer dizer... que são as as indústrias mais mais ligadas à parte de indústria pesada... a indústria naval... quer dizer se com alguns estaleiros **vai poder** conservar o seu poder () capacidade de fazer sua fabricação... eh... muito produtiva... de... navios ou peças etc... e um outro setor que é a indústria química pesada... (vo)cês sabem que o Japão não tem QUASE... recurso energético... mas existe uma capacidade de refinação ENORME... tá claro?... quer dizer a indústria de transformação a indústria química eles importam o petróleo cru e refina... sai muito mais barato que comprar refinado... tá certo? ele tem uma capacidade de USAR AO MÁXIMO os recursos... ou DEles ou conseguidos de fora... e eles... ((ruído)) eh têm... exatamente (es)tou falando esse tipo de indústria são as indústrias... primeiro (as) indústrias políticas... tá bem?... quer dizer as indústrias mais voltadas como o () diz... voltadas como defesa... para estarem sempre como defesa que no (mundo cão) também se compete... e como... né?... numa defesa aí... em termos de indústria pesada... em termos de outras indústrias... ainda... tá?... artesanais do tipo tecido... seda de alta sofisticação AINDA consegue competir com os... como é que chama? com os sintéticos do mundo... tá?... a seda japonesa ainda compete com os sintéticos do mundo aí... e a indústria também há o aproveitamento da pesca... o litoral do Japão realmente é... tá com nível disso e também a base da alimentação... bom... em termos de outro tipo de indústria(s) que o... () coloca aí são as indústrias geográficas... que são aquelas indústrias no caso PESADAS... voltadas por exemplo... a poder... refinar... o carvão que vem ou da do sul ou de onde tiver... e essas eh... indústrias de siderurgia ou indústrias de transformação... se situam próximas... às áreas aonde existe minério... vocês não **vão achar** por exemplo que no Japão não há minério... HÁ... só que há numa quantidade totalmente inferior ao mínimo necessário pra eles... não é claro?... se você coloca... () diz dois tipos de indústria... um outro dado importante... tá resumido aí no capítulo seis... sem se sair muito... é o problema... que ele fala... da indústria de precisão... quer dizer quando se fala em indústria de armamentos geralmente se pensa apenas em... tanques... em quantidades... né?... mas não... é () precisão... indústria de equipamentos... muita gente ainda confunde com indústria pesada... mas não é... a indústria de equipamento(s) é indústria de... MÁQUINAS... tanto ou sejam MÁQUINAS... tanto faz FOGUETES como A MÁQUINA que faz o foguete subir... tá? Então... isso aí é... sabe é... é visível até pras importações do lucros japoneses... quer dizer são aparelhos de precisão ligados à indústria de quê? À indústria química... à indústria médica e (aos) aparelhos de consumo direto... tá?... quer dizer a falta aí dos eletrodomésticos é bastante grande de origem japonesa... E... a indústria têxtil ainda... da não só artesanal... mas indústria têxtil de uma forma em geral... bom... então nós **vamos... situar** o Japão tendo perdido a guerra... junto com os demais países do eixo... e constatar... que não foi por acaso que os três se reergueram depois da guerra... quer dizer... então se encontra... se encontra por exemplo hoje... no Japão... quer dizer uma situação DIFERENTE daquele Japão pré-guerra... né?... os grandes capitais americanos e de outras nacionalidades convivem dentro da realidade japonesa... quer dizer as grandes empresas multinacionais... se você apanhar dez... em nove **tem** capital japonês no meio... tá claro? quer dizer... o capital... a industrialização japonesa foi um complemento... né? de um passado sem indústria... de um passado com indústria apenas para se defender... e... trouxe... como decorrente dentro da de uma interação dentro da indústria moderna (quer dizer) no capitalismo moderno... a uma participação quase que no mesmo... no no na mesma mesa... né?... então o as grandes empresas... de capitais... mistos ou multinacionais realmente no Japão ()... então é é uma outra... um outro lado que a gente

tem que lembrar... é o seguinte... muita gente ainda pode pensar que uma das maiores deficiências do Japão seja a da sua ausência de recursos de insumos... claro... se acabar... o fornecimento de insumos ao Japão... ele **vai ter** que se esforçar muito... ele **vai conseguir** mas **vai ter** que se esforçar muito pra voltar a ser o que era... mas não é esse o único tipo de dependência... vejam... toda economia desenvolvida... isso aí é mais ou menos... o óbvio... ela tem como objetivo produzir e no caso de economias... capitalistas... produzir criando excedentes... criando lucros pra crescer etc. etc.... vejam a dependência que o Japão tem do RESTO do mundo SEJA agilizado pelo mercado pra quê? Para AMPLIAR O SEU MERCADO... estão entendendo a Sutileza? é uma sutileza um pouco GRANDE... feito um elefante ()... quer dizer o Japão precisa de quem compre as suas coisas... e que é que **vai comprar**? A Alemanha produz... tá?... Estados Unidos também produz... economia soviética não tá... desenvolvendo... a indústria de consumo... agora... aí é que tá a luta pela... sabe?... pelo refinamento do "know how"... se dois produzem... som... vamos ver qual é o melhor som... tá claro?... quer dizer... é uma... é uma... competição dentro de todos os campos de indústria e de uma necessidade de quê?... das áreas menos industrializadas ou não industrializadas do mundo... tá? como o quê?... destinatários de sua produção... quer dizer ou o problema da economia japonesa... da indústria nacional japonesa... sabe?... não PODE... não PODE chegar... a por exemplo crises de SUPERprodução... VEJAM... de um esquema da economia americana como nós vimos... é muito mais fácil... pelo menos em termos de análise econômica... né?... você ter uma distribuição da produção mais facilmente... porque todos setores são desenvolvidos... do que num num tipo de país tipo o Japão ()

ELOCUÇÃO FORMAL (EF) Inquérito 341

Tema: Aula de Direito do Trabalho

Duração: 40 minutos

Data do registro: 20/10/76

Informante: sexo masculino, 56 anos, formação universitária: Direito, carioca, pais baianos, área residencial: Zona Sul.

INF.: (...) se oferece... à parte... que tem o seu direito lesado para ()... assegurar a prestação jurisdicional... assegurando a satisfação daquele direito... então nós vimos o seguinte... dentro de todo o contexto... dentro de todo o contexto do direito individual do trabalho... nós vimos que o Estado... apresenta uma série de regras... apresenta uma série de normas... como se fosse ditar a regra de um JOGO... para que o empregado e o empregador... na vigência de um contrato individual de trabalho... possam... ir... levar aquele contrato a bom termo... ou SEJA... a... a teoria da livre contratação... não é absoluta dentro do direito do trabalho... nós vimos inclusive desde o início... que não seria possível... não seria possível... nós colocamos... duas partes... o empregado e o empregador... submetidos a um ajuste contratual... para execução de um contrato de trabalho... nós não poderíamos deixar essas duas partes com ampla liberdade... para ditarem as normas daquele contrato de trabalho... porque fatalmente aqueles que seriam iguais teoricamente... na realidade seriam desiguais... porque... haveria dum lado... um poder maior... uma força maior que era do empregador... como que achatando... como que... éh... despersonalizando... como que... éh... tornando sem efeito a liberdade do empregado... então na ocasião que nós falamos aqui desse assunto... nós citamos até um autor... que dizia... que seria o mesmo... que nós colocássemos... uma raposa livre... num... num galinheiro livre... cheio de galinhas livres... todos seriam livres... a raposa seria livre... o galinheiro seria totalmente livre... e as galinhas seriam totalmente livres... mas fatalmente o que ia acontecer dentro desse clima de liberdade total... seria fatalmente... que as galinhas seriam devoradas pela raposa... em nome de uma liberdade... então... no ajuste contratual de trabalho o que ocorre é a mesma coisa... se nós colocássemos de um lado um empregador... com todo o seu poderio normal... de sua estruturação de empresa... com um empregado... e disséssemos que eles dois poderiam pactuar livremente as condições contratuais de trabalho... fatalmente... surgiria a imposição da vontade do mais forte sobre o mais fraco... e evidentemente que nesse clima não seria possível estabelecer-se o desejo de uma contratação razoável de emprego... então... diante desse DESEQUILÍBRIO de forças... foi que o

Estado...resolveu intervir...nesse relacionamento...e ditou através...das leis aplicadas...do...do direito do trabalho...ditou as normas que deverão reger esse relacionamento entre empregados e empregadores...e essas normas é que constituem...na sua essência...o nosso direito individual do trabalho...ou seja...o EMPREGADOR...para ter um empregado sob suas ordens e dar vida a um contrato de trabalho...ele **terá**...ele empregador...de obedecer...a toda aquela gama de or/ ordena/ ordenamento... toda aquela gama de normas... de preceito...**terá** de obedecer...para que...haja/ se mantenha esse equilíbrio de contrato entre empregado e empregador...então...nós vimos que o Estado...além ...de ditar a norma para o jogo...além de fixar esses CRITÉRIOS de...de...de relacionamento entre empregado e empregador...esse Estado ao mesmo tempo...se dispõe...a uma prestação de uma garantia jurisdicional...ou seja...eu seria totalmente vazio...se eu dissesse...para vocês o seguinte..."as alunas sentam na primeira...na...nas...primeiros lugares e os alunos nos segundos lugares..." quando chegasse aqui um dia...as alunas encontrariam todas as carteiras...ocupadas pelos rapazes...pelos homens...e...teriam que sentar atrás...então elas viriam dizer assim pra mim..."POMBAS...mas o senhor não disse...não ditou uma norma...que as alunas senta/ iriam sentar na frente? como é que hoje eu chego aqui e não encontro lugar na frente porque os homens estão sentados na frente?" então eu...Estado...tinha ditado uma norma e ponto final...não tinha feito mais nada...então eu ia chegar pra aluna e dizer..."e...eu disse isso...mas eles sentaram na frente...paciência..." então não basta eu...Estado...ditar uma norma...não basta que eu...Estado...dite uma regra pro jogo...é necessário que...a par dessa regra que eu estou ditando...há necessidade que eu diga..."NÃO...se um aluno sentar na frente...EU...Estado...**vou fazer** com que ele vá pra trás"...então...isso significa que eu estou prestando uma garantia jurisdicional...eu...Estado...estou garantindo a parte...se a aluna não reclamar...ela senta lá atrás...mas se ela disser/ chegar lá de trás...disser..."eu ESTOU reclamando...que o meu lugar é...é aí na frente e não aqui atrás..." então...EU...que ditei a norma...eu **vou dizer**..."tem paciência...rapaz...você **vai** lá pra trás...a moça **vem** aqui pra frente..."isto que eu estou fazendo é garantindo aquilo que eu determinei...eu estou garantindo o meu jurisdicionado...é...assegurando a esse meu jurisd...jurisdicionado o direito...a que...esta vinculação padrão empregado...se regule...através das normas que eu...Estado...ditei...então...esta prestação das...da...da...da...da...da...garantia jurisdicional...se traduz através de que? do processo de trabalho...quando você acha que está errado...que houve alguma coisa errada...no relacionamento seu com o empregador...e este erro...enVOLVE infração a um preceito legal que eu...Estado...ditei...então cabe ao lesado...àquele que teve o seu direito lesado...tomar a iniciativa...de solicitar ao Estado a prestação daquela garantia jurisdicional...que se faz através da instauração de um processo...bom...mas...a minha...a minha atuação Es/ de Estado...não teria também nenhuma finalidade...nenhuma função...se após eu assegurar o direito...ao trabalhador...que veio buscar na justiça o reconhecimento desse direito...se a minha... tuação...se limitasse à declaração do direito su/...subjeto do seu possuidor...ou seja...se a moça lá de trás no exemplo...por exemplo -- eu estou citando um exemplo elementar mas **poderá** servir para...gravar bem -- se a moça lá de trás chegasse assim..."bom...mas existe uma regra...uma regra...que o senhor ditou...que eu tenho lugar de sentar na/ que eu tenho o direito de sentar na frente..." aí eu chegaria aqui e diria..."muito bem...a senhora...tem o direito de sentar na frente..." declarei o direito dela...proclamei o direito...e se eu...a partir desse momento...pegasse meu casaco e meu guarda-chuva...fosse embora pra casa...ela continuaria sempre lá atrás...o rapaz sempre aqui na frente...com a declaração daquele direito...então...haveria uma necessidade de que eu fosse um pouco mais além da declaração desse direito...que após eu declarar esse direito...eu EXECUTASSE essa minha declaração...dissesse..."NÃO...agora o senhor se levante e vá lá pra trás e a senhora vem aqui pra frente..." ponto final...está liquidado...TODA a controvérsia...porque eu reconheci um di/ um direito de uma parte lesada...eu proclamei esse direito...e...eu executei esse direito...executei o que eu decidi...fazendo com que tudo aquilo que eu proclamei...tivesse vida...tivesse realmente um resultado concreto...concreto...então se eu chego numa reclamação trabalhista...após uma série de discu/ uma...uma...longa instrução processual...se eu ouço testemunhas...se eu...colho a prova das partes...se ouço razões finais...se eu preencho TODos aqueles requisitos indispensáveis à instrução do processo... e no final sentencio...proclamando o reconhecimento do direito...eu **terei** que ir um pouco além...porque o empregado...com aquele reconhecimento do direito...ele não **poderá** pedir uma certidão dessa sentença...botar num quadro...botar na sala...na sala dele...na sala principal da casa dele e chamar toda a família e dizer..."está vendo...eu tenho direito a isso que reclamei..."aí...os...os parentes dele...os filhos ou a mulher..."bom...estás com o direito...mas...e

o tutu? e o dinheiro...que a sentença disse que você tinha direito? cadê? reconheceram? foi reconhecido...mas você não chegou em casa...com esse di...dinheiro..." então...eu...em vez de publi/ de publicar aquela sentença num...num...num quadro...na minha casa...eu teria é que transformar...aquele reconhecimento de direito... efetivamente num direito...TOTAL...convertido...que se faz através da execução...então...se diz que...mas essa decisão que eu proclamei...que eu decidi...ela só **poderá** ser executada...se ela transitou em julgado...porque enquanto aquela decisão...estiver passível de um recurso...ela não se torna exeqüível desde logo...porque se ela ainda está sujeita a esse recurso...passível de ser reformada num recurso...eu não iria reformar uma decisão minha...não iria executar uma decisão minha...se ainda caberia um recurso...é o caso...vamos voltar ao exemplo aqui da sala de aula...se eu dissesse..."a senhora tem o direito de sentar aqui na frente e ele não tem o direito de sentar aqui na frente..." proclamei esse direito...aí o rapaz da frente diz assim..."bom...está muito bem...professor...mas a questão é que eu não me conformo com essa...com essa sua interpretação...eu **vou levar** este caso...ao... diretor da faculdade..." então...enquanto o diretor da faculdade não resolvesse o recurso que ele pode apresentar...eu não poderia mandá-lo pra trás e ela pra frente...mas depois que o diretor da faculdade dissesse..."ESTÁ CERTO...sua decisão foi cem por cento...está certíssima..." então...pro/ não há mais nenhum outro recurso...nem para o Ministério do/ da Educação nem pra...pra ninguém...então eu **vou dizer**..."agora...meu caro...você vai...vai pra lá pra trás e ela vem aqui pra frente...que a decisão transitou em julgado..." então essa decisão para ser executada...para ela ter vida efetiva e real...há necessidade de que ela transite em julgado...bom...se a parte...espontaneamente...se a parte...espontaneamente...cumpre a decisão...ou seja...se eu proclamei o resultado...não houve recurso algum e você...o...o Alberto...na mesma hora...levanta e diz..."está jóia...o senhor está certo...eu concordo com a sua decisão...eu **vou** lá pra trás e a Ivone **vem** aqui pra frente..." então não há necessidade...do Estado intervir...por que? porque você cumpriu a decisão...você aceitou a decisão...então ele **vai** pra trás...ela **vem** pra frente...está líquidado...o Estado não **terá**...mais nada a fazer porque a decisão dela...a decisão do Estado foi satisfeita...mas...se...ao contrário...o Alberto recalitra...se mantém inativo...à concretização do julgado...está aberto então à Ivone a via do socorro ao poder estatal...já não mais para julgar...já não mais para julgar...declarando aquele direito...senão...para executá-lo...satisfazendo-o...toda... a conduta humana... isso é a coisa mais certa do mundo... toda a conduta humana...está... pode ser catalogada...em três fases...conduta humana extra-direito...fora do processo...como dentro do processo...pode ser catalogada em três fases distintas... o saber... o querer...e o agir... SABER...QUERER... e agir... você passa... o Silas passa...na... loja Ponto Frio e verifica que lá tem uma televisão jóia...ele sabe... que existe uma televisão no Ponto Frio...se você parou...nesta fase... líquidou-se o assunto...você sabe... está lá a televisão... você vai pra casa...diz a todo mundo que tem uma televisão e não/ e não ACIONOU...todo o seu complexo de/ ah... de vida... de raciocínio... no sentido de ir mais adiante um pouquinho... você sabe que existe uma televisão no Ponto Frio... mas depois de você passar...várias vezes na porta da loja...sabendo que lá existia aquela televisão...você...passou a querer... a televisão... então você já...ACIONOU... TODO esse teu mecanismo... no sentido de querer aquela televisão... você sabia que tinha... um dia passou a querer a televisão...mas se você sabia e você queria e PARASSE no querer... tu ias ficar a vida inteira sem ter a televisão... porque sabia... "poxa...eu vi a televisão... sensacional... último tipo... eu sei que dá/ agora eu gostaria de ter essa televisão dentro da minha casa..." mas se... neste momento... bloqueasse... todas as demais conseqüências desse saber e querer...você continuaria sem a televisão... aí você vai... e ACIONA a terce... a terceira fase... você **vai AGIR**... para ter a televisão... você entra na loja... pergunta quanto custa a televisão... outro qualquer... pedi... pedi... pediria o plano de... de crédito... mas você não...você ia pagar a vista... você chegava lá... "quanto custa esse troço?" o cara dizia pra você... "a televisão custa tanto..." ele diz... "bom...eu dou a vista... quanto é que tu via me dar?"... começou o mecanismo da transação comercial... e o sujeito vai... e diz assim... "custa tanto..." o sujeito tira a mão do bolso... emite o cheque... assina... então...você soube... você quis...você agiu...obteve ... então se você parasse numa das fases... você não ia... atingir o seu objetivo... pois bem...no campo do direito... a mesma coisa acontece... o saber... dos fatos do direito... você está numa firma trabalhando... e um dia o empregador faz uma... uma... procede erradamente com você... e lesa um direito seu...você estudou na faculdade de direito...sabe que ele não podia fazer aquilo... sabe que aquilo estava errado... sabe que aquele ato praticado pelo empregador... estava errado... muito bem... bloqueou esta fase do saber... foi pra casa... voltou no dia seguinte... trabalhou quarenta e oito anos errado... porque o empregador fez errado... fez

errado...fez errado... você apenas sabia... e não quis fazer mais nada... mas se você a partir desse momento... que sentiu a lesão a esse seu direito... sabia que aquilo era lesão ao seu direito... e você QUIS o resultado...você então entrou com uma ação na justiça do trabalho... reclamou contra o empregador... dizendo... "EU SEI do meu direito...e EU QUERO O RESULTADO... eu quero o resultado... ou seja... que a justiça... reconheça esse direito... que EU SEI... que existe..." mas se você parasse... depois que a justiça reconheceu esse seu direito... o direito não seria satisfeito... e a justiça iria proclamar o seu direito... e ponto final... então você **vai agir**... para realizar esse resultado... pois bem... essa... esse ato de ação... esse agir é que corresponde à execução do julgado... na AÇÃO... no curso da ação... na sua fase de conhecimento... sabe-se... e quer-se... na parte de conhecimento EU SEI e EU QUERO... na execução... eu ajo... então... eu inicio... um processo... aciono um processo... aciono... TODO esse mecanismo do judiciário... objetivando o quê? a que aquele resultado que eu... eu desejava... tenha a sua concretização plena... portanto...isso chama-se execução... execução... vem... do vocábulo latino executio... executio significa... ir adiante... prosseguir... continuar... completar... então... quando eu executo... eu estou indo adiante...eu estou... prosseguindo... eu estou... continuando... eu estou... completando... aquilo que eu... pretendi... quando eu soube... quando eu quis... portanto... isso chama-se de execução... pura e simplesmente execução... e é justamente na execução... que... a parte **vai conseguir** em juízo... um resultado concreto... positivo... de tudo aquilo que ele postulou... eu... pedi pro meu empregador que ele reconhecesse... o direito à percepção de horas extraordinárias... porquanto eu sempre trabalhei horas extraordinárias... e meu empregador jamais me pagou horas extraordinárias... eu sabia que a lei dizia que eu não poderia trabalhar horas extraordinárias...sem que eu tivesse... uma... com-pen-sa-ção por aquele trabalho extraordinário... eu fui à justiça querendo... e postulei uma ação contra o meu empregador... para que ele fosse... para que fosse declarado o meu direito àquelas horas extraordinárias... e a justiça veio reconhecer o meu direito... mandando-o pagar... as importâncias que seriam devidas como compensação... por aquelas horas extraordinárias que eu trabalhei... e a justiça vem e diz "julgo procedente a reclamação... e condeno o empregador... a pagar ao empregado... a importância xis referente às horas extraordinárias que ele trabalhou... e não teve compensação salarial própria..." muito bem... para que eu... consiga que aquele valor declarado na sentença... saia do bolso do empregador e entre no meu bolso... eu **vou executar** aquela sentença... daí o fato de que a... a execução... só se faz... depois da coisa julgada... dois tipos de execução existem... a execução provisória... a execução provisória... e a execução definitiva... ((ruído)) a execução provisória... e a/ e a definitiva... está evidentemente na própria... no próprio significado dos dois vocábulos que uma sentença de execução provisória não é definitiva... isto é o óbvio... e que a definitiva é mais do que a provisória... então... na execução provisória... não há necessidade de existir coisa julgada... e eu **vou explicar** a vocês... eu ganhei uma questão... eu ganhei uma questão... houve um recurso... a esse recurso não foi dado um efeito suspensivo... então eu poderia ficar aguardando que essa decisão fosse ao tribunal e a... capaz... competente... pra apreciar o recurso... para... depois... que essa decisão transitasse em julgado... eu fosse iniciar a execução... mas eu... por uma questão de... de... de... de: precaução... eu quis iniciar desde logo a execução... para ganhar tempo... então... essa execução provisória... não se completa... ela irá até apenas uma penhora... na penhora ela pára... porque o... o julgado que está sendo apreciado em recurso... sem efeito suspensivo... pode ser modificado... e eu não poderia penhorar e levar a execução até o fim e no final ganhava a questão e estava o meu bem já vendido... etc... então... essa execução provisória é uma execução que pode ser () ((ruído))... ser cautelara... uma decisão... é... garantidora... então...como se faz essa execução provisória? o titular do direito de posse da decisão... ao... a outra parte... ao recorrer... com um recurso... sem efeito suspensivo... ele requer... que se extraia do processo... uma carta de sentença... uma carta de sentença... esta carta de sentença... é nada mais nada menos do que um conte... ela tem no seu conteúdo... nada mais nada menos do que as peças necessárias a que se execute... enquanto o processo vai adiante... a cópia da decisão da sentença... o pedido e etc... nós **vamos ver** mais adiante... então... de posse dessa carta de sentença... ele inicia essa execução... que **vai encontrar** um obstáculo intransponível na ocasião da garantia da execução que é feita com a penhora... mas na execução definitiva... a sentença já transitou em julgado... não há mais recursos de espécie alguma... então... essa execução definitiva... **vai se processar** até... até que o:... o titular do direito seja... ao titular do direito... seja entregue tudo aquilo que ele demandou e que a justiça reconheceu... portanto... essa de... essa... essa execução... éh... se divide em duas... como nós vimos... provisória e definitiva... e nós **vamos ver** a partir de agora como se processa uma execução provisória... ora... para que haja uma

execução... há necessidade... de que a sentença... que **vai ser** executada... seja líquida... porque eu não posso executar... nada... que não for líquido... se eu não precisar na decisão... o direito total daquele empregado... evidentemente que ele não pode executar... porque ele tem na mão... uma espécie de um... de um... de uma bola de encher... ele aperta prum lado a bola estoura pro outro... ele aperta de outro... estoura pro outro... há necessidade... de que essa decisão seja... por exemplo... um... uma bola de ferro... você pode apertar de todo jeito que ela não vai pra lu/ pra lado nenhum... então... é necessário... que na sentença que **se vai execu... executar**... que ela tenha no seu conteúdo a liquidez do direito reclamado... por exemplo... se eu condeno o empregador a pagar ao empregado a importância de cem mil cruzeiros... está líquida a decisão... porque eu na decisão... já fixei o valor da condenação... já está fixado o valor da condenação... então eu posso imediatamente partir pra execução... eu quero receber os cem mil cruzeiros que a/ que a... que a junta me reconheceu... mas se a decisão... não é líquida... se eu apenas reconheci o direito do empregado... como no caso... daquelas horas extraordinárias... daquelas horas extraordinárias... e disse assim... "reconheço o direito do trabalhador receber as suas horas extraordinárias durante o tempo em que ele trabalhou na empresa..." ponto final... o direito está reconhecido... mas esse direito... não se transformou num valor líquido... num valor líquido... e há necessidade... de alguma coisa a mais... porque eu não posso chegar e dizer assim... "reconheço ao trabalhador o direito a duas horas extraordinárias em dois anos não prescritos..." ponto final... essa é a decisão... se a decisão é desse tipo... não pode ser liquidada imediatamente... então transita em julgado a decisão... se a parte pudesse chegar e dizer ao empregador... "olha... a decisão me reconheceu duas... duas horas extraordinárias em dois anos não prescritos..." ()..."eu não sei quanto é..." ninguém sabe quanto é exatamente... por que? porque a... a decisão é ilíquida... ou seja... não tem liquidez... então... para que haja necess/ para que haja possibilidade... de que... éh... de que se faça uma decisão... uma ah... execução definitiva... há necessidade de que se atendam dois pressupostos... PRIMEIRO... que a decisão... tenha transitado em julgado... debate... uma decisão em trânsito em julgado não pode ser executada... a não ser provisoriamente... segundo... que essa decisão seja líquida... mas se a decisão não é líquida... como é que eu **vou fazer? vou ficar... vou ficar** sem fazer nada? não... existe uma FASE processual que PROCEDE a execução propriamente dita... e esta fase chama-se liquidação...

eu **vou**... PRELIMINARMENTE... **LIQUIDAR** aquela decisão ilíquida... para em seguida... executá-la... ou seja... eu **vou con... converter**... através de um processo... que nós **vamos verificar**... eu **vou converter**... aquele meu direito i:LIQÜIDO... num direito líquido... e essa liquidação...então se **poderá**...se pro/ ela/ essa liquidação se processa por três formas diferentes... por cálculo... por artigo... e por arbitramento... então... antes de entrar na fase de execução... nas sentenças ilíquidas... eu tenho de transformá-las em líquidas... para que eu possa na realidade para que eu possa na realidade... ah::... liquidá... executá-la... me ocorre no momento... talvez o exemplo talvez não:...não: seja nem a propósito... mas me ocorreu no momento uma coisa... vocês... ganharam um disco de vitrola... ganharam um disco de vitrola... esse disco de vitrola... foi gravado... foi gravado... na rotação de uma vitrola antiga... muito bem... então você pega...numa velo...() é setenta e quatro... né?
ALUNOS: setenta e oito...

INF.: setenta e oito.... daquelas antigas... então você pegou aquele disco setenta e oito... é um disco sensacional... cantado pelo Joaquim-não-sei-das-quantas... que era um GRANDE seresteiro naquela ocasião... e você tinha uma vontade LOUCA pra ouvir aquele cara... então você está com o disco... bota na tua vitrola e não consegue ouvir... bulufas... porque sai um::... uma vozinha fininha... um troço assim... você não... não consegue ouvir aquilo... não consegue mesmo... então é como se você tivesse na tua mão uma sentença ilíquida... porque ninguém **vai conseguir** entender aquela sentença... se você não passar aquela... aquele negócio do setenta e oito... para os trinta e três... para o trinta e três... então você **vai pegar** aquele disco... **vai colocar** num aparelho e **vai trazer** aquele disco... da rotação de setenta e oito pros trinta e três... então **vai gravar** no trinta e três e a partir desse momento você **vai botar** na vitrola... **vai ouvir** tudo... **vai ouvir** inclusive que a voz do cara era sensacional realmente... então... por que? porque você submeteu aquele disco... a um processo... que não deixa de ser um processo de liquidação... para que ele se tornasse entendido... então a sentença é a mesma coisa... se o cara tem uma sentença... que não diz nada quanto é que ele **vai ganhar**... diz apenas que ele tem o direito... ele não pode chegar e executar que o empregador não **vai entender**... e não **vai entender**... o negócio do setenta e oito tá entrando... tá atravessando...

não **vai dar** pra entender... agora... se ELE... passou para os trinta e três... tudo bom... tudo bom... **vai ouvir** o negócio perfeito... **vai (ouvir)** cem por cento a coisa... né? então... por que? porque ele LIQÜIDOU...ele liqüidou o... o... ah... o disco dele... transformando num disco audível em que...no que ele passa entender... então é a mesma coisa na sentença... se a sentença... é ilíquida... ele com uma sentença ilíquida não **vai conseguir** nada... então ele **vai ter** que passar aquela sentença para os trinta e três... ou seja... liqüidá-la... e liqüidando... então... ele está de posse... de uma sentença líqüida que ele **vai poder** executá-la... tranquilamente... bom... essa liqüidação... **poderá** ser feita em três formas... por cálculo... por artigo e por arbitramento... quando é que se faz uma liquidação por cálculo? na sentença... existem... no processo... existem todos os elementos necessários à sua liquidação... por exemplo... existe o salário desse empregado... durante os dois anos que ele trabalhou... existe no... no... no/ na... na/ no... corpo do processo a freqüência desse empregado daqueles dois anos... existe no... no... os dados relativos a tempo de serviço... então não há necessidade de provar mais nada... o empregado pode chegar e dizer assim... "bom... eu trabalhei... de primeiro de setembro... de primeiro de janeiro de sessenta e oito a... a... a: a primeiro de maio de setenta e oito... ganhando o salário xis"

ALUNO: primeiro de maio é feriado...
INF.: como?

ALUNO: primeiro de maio é feriado...
INF.: () a firma estava autorizada a trabalhar em dia feriado e pagava em dobro... () ((risos e vozes)) bom... ((vozes e risos))... bom...((vozes e risos))... então... ((vozes e risos))... então... se nesse processo existem todos os dados... eu **vou liqüidar** essa decisão por simples cálculo... eu **vou dizer**... ele ganhava tanto... mais tanto por duas horas e tanto... tanto... tanto... tanto... porque todos os elementos estão dentro do processo... não há necessidade de que eu tome outra nenhuma outra precaução... nenhuma outra precaução... nenhuma outra precaução... nenhuma outra precaução... para liqüidar... era a mesma coisa... era a mesma coisa do... do disco... voltando ao exemplo do disco... se eu tivesse na minha casa... todo o equipamento necessário... para transpor de setenta e oito pra trinta e três... então eu não ia pedir mais nada... ia colocar dentro daquela... do meu equipamento... ia transpor aquilo e ia acabar liqüidando e não precisaria de outros... outros subsídios... de outro recurso senão aquele... certo? bom... então... quando a decisão... quando o processo... tem no seu ventre... TUDO o necessário para se liqüidar... então o juiz manda que os autos sigam ao contador e o contador faz o cálculo... e as partes não falam mais nada... porque está tudo ali dentro... **vão falar** depois com o contador para ele dar o cálculo... mas se não existe nos autos os elementos necessários a essa liqüidação... então o juiz **vai optar**... pela segunda forma... que é a liqüidação por ar/ por... por artigo... por artigo se diz... se manda... que o empregado leve ao processo... seu cálculo... então... ele **vai dizer**..."olha... de tanto a tanto... são tantos dias... eu ganhava tanto... tantos por cento de xis... tanto a tanto... tanto de xis... ípsilon... zê... etc..." então ele ofereceu o seu cálculo... o empregado **vai oferecer** o cálculo... o juiz manda a parte contrária dizer quanto é aquele cálculo... se a parte contrária concorda... está liqüidado o assunto... se a parte contrária não concorda... há uma instrução sumária... onde ele pode ouvir testemunhas ou pegar depoimentos... doc/ documentos... e ele vai então nesse processo de artigo de liqüidação... ele **vai colher**... elementos para encaixar nos direitos reconhecidos... porque a sentença reconhece uma série de direitos... mas deixou espaços em branco... ou seja... as cifras... correspondentes àquele direito... então no processo de artigo de liqüidação... a parte **vai trazer**... o conteúdo... desses espaços em branco... então **vai dizer**... isso é tanto... isso é tanto... isso é tanto... se a outra parte concorda... está liqüidado... se a outra parte não concorda... cabe ao juiz destruir aquilo... para verificar se aqueles espaços vazios foram real/ foram efetiva e legitimamente preenchidos pelo empregado... então... nesse processo de artigos... assunto sobre o qual nós **voltaremos** na próxima aula... nesse processo... o juiz **vai... buscar**... elementos que ainda não estão no processo...() (tá trazendo para o) processo... para então preencher todos os espaços vazios... e finalmente.. o arbitramento... o arbitramento é uma forma pela qual se... se... se... se utiliza da liqüidação da sentença... quando as próprias partes... quando as próprias partes pactuaram... inicialmente... que aquilo fosse liqüidado por arbitramento... ou seja... não havia necessidade de provar coisa nenhuma... e sim uma arbitragem... um ar/ um árbitro seria nomeado pelo perito... então... de posse desses elementos todos... utilizando uma dessas/ uma... uma dessas formas... ah... ah... assim a sentença ilíquida se... torna líqüida... o disco de setenta e oito... fica em trinta e três e fica tudo certinho... tudo prontinho... para então iniciar a execução... O K.?

ELOCUÇÃO FORMAL (EF)

Inquérito 356

Tema: Criatividade e redação no nível superior de ensino

Duração: 40 minutos

Data do registro: 3/5/77

Informante: sexo feminino, 30 anos, formação universitária: Letras, carioca, pais cariocas, área residencial: Zona Sul.

INF.: eu **vou ler** a introdução do trabalho para... vocês terem uma noção do que se trata... ((inicia leitura de texto)) "este trabalho visa a analisar o problema da redação e o da criatividade na expressão lingüística... focalizando especificamente o nível superior de ensino... **ater-nos-emos** à forma escrita da linguagem... já que esta modalidade lingüística é que nos interessa mais de perto... a expressão ORAL... é sem dúvida alguma um fenômeno relevante e criativo da atividade verbal... entretanto... embora o trabalho dos professores das faculdades de Letras e de Comunicação... não consista apenas... em observar a mani... manifestação escrita do idioma... consideramos o fato de que nossos universitários têm mostrado maior dificuldade nesta... do que naquela modalidade do idioma... o nosso objetivo é através de uma visão crítica do ensino de Língua Portuguesa nas escolas e nas universidades do Rio de Janeiro... o de procurar um caminho que desenvolva no aluno... a capacidade de redigir correta... E/OU... artisticamente... julgamos que para o desenvolvimento pleno da expressão oral... seriam necessários... em nível superior... cursos específicos de arte dramática... visando ao teatro... e de retórica... campo fértil e interessante sem dúvida... mas que foge um pouco aos nossos interesses imediatos... no presente estudo... tenta-se fazer uma análise do ensino de português... comunicação e expressão... nos primeiro e segundo graus... uma vez que partimos do pressuposto... de que o estudante universitário não pode ser analisado como um fenômeno isolado daquela realidade... ele é consequência da formação que recebeu anteriormente... e... precisa de um apoio no sentido de melhorar os erros... e as deformações que traz de seu nível médio... abordaremos criticamente os métodos empregados naqueles dois níveis de ensino... não deixando de levar em conta o fenômeno dos cursinhos... e do vestibular que tanto influenciam e prejudicam a formação de nossos discentes... a partir disto... **tentaremos** analisar a nossa estrutura universitária... tomando por base principalmente a realidade da Faculdade de Letras da U.F.R.J. ... na qual exercemos atividades docentes e a qual conhecemos mais de perto... **far-se-ão** sugestões... de modificações do programa de língua portuguesa que se prendem sobretudo ao possível e não ao ideal... já que todos os planos visando a alcançar o ótimo... têm acabado por limitar-se ao satisfatório... este trabalho não quer... portanto... ser uma reforma... do ensino universitário em termos de redação e criação... criatividade... uma vez que isto implicaria medidas e mudanças radicais que alterariam todo o sistema... embora concordemos com ele... não temos a pretensão de cumprir o pensamento de George Kneller "para que possa realmente nutrir a criatividade a educação deve ser RECRIADA..." visando apenas contribuir com a nossa experiência pessoal e nossas observações de sala de aula para o ensino mais eficaz de nosso idioma... mormente naquilo que se refere à redação e à criatividade..." ((termina leitura do texto)) bom a partir... desse... dessa introdução... nós podemos... ver o primeiro ponto... que... eu focalizei aqui no trabalho... que é justamente uma análise... uma abordagem crítica dos métodos e dos livros... éh... adotados... no... primeiro e segundo graus de ensino... eu parti da análise... eu fiz a análise de mais ou menos:... vinte e cinco livros didáticos... mas também utilizei os resultados... que saíram... numa reportagem do Jornal do Brasil... do escritor éh... Osman Lins... ele tinha analisado quatrocentos e trinta e cinco trechos de livros didáticos... e chega à conclusão de que... realmente... éh... esses livros didáticos... esse novo ensino de Comunicação e Expressão... tem... deixado muito a desejar... no que tange à parte de literatura... à parte de formação literária... ele faz... uma espécie de levantamento estatístico e diz... que os autores mais citados pelos livros didáticos de Comunicação e Expressão... são Carlos Drummond de Andrade... Stanislaw... éh... Stanislaw Ponte Preta... muitas vezes Edson Arantes do Nascimento... Pelé... e... Chico Anysio... e pessoas... vinculadas sobretudo aos meios... de comunicação de massa... televisão... rádio... cinema... etc... e ele discute esta escolha... na medida em que não é que ela não seja válida... e eu particularmente sou a favor... da inserção

de meios de comunicação de massa na divulgação do ensino do idioma... mas ele mostra que houve uma troca... em vez... de se estudarem os autores literários pela literatura em si... se estuda um autor literário a partir dos meios de comunicação de massa... ou seja... o fato de Carlos Drummond de Andrade... que é um dos nossos maiores poetas... encabeçar a lista... dos mais citados não se deve ao fato de ele ser um grande poeta... e sim... ao fato... de ele escrever crônicas no Jornal do Brasil... ou seja... ele é um nome conhecido através de um meio... de divulgação de massa... então para que o trabalho tomasse uma estrutura... tomasse corpo... eu parti da análise dos manuais tradicionais... e cheguei... aos manuais... aos últimos que nós temos em termos de Comunicação e Expressão... parti... éh... dos antigos... manuais... que apenas aquela visão que todos nós conhecemos... e eu não preciso ficar repetindo aqui... ou seja... de trazer um texto de Camões... né? d' Os Lusíadas ... e mandar o aluno simplesmente fazer uma análise sintática... o que acontecia é que o aluno nem sabia fazer a análise sintática... NEM aprendia nada do texto... nem entendia o texto lido e passava a odiar Camões... então o ensino se mostrava totalmente inoperante... os textos eram... escolhidos sobretudo ATÉ Camilo Castello Branco... ou seja... Camões... Dom Dinis... Almeida Garrett... e... até Camilo Castello Branco se ia... até Olavo Bilac se ia... mas depois disso não havia mais citações de texto... não é que eu tenha nada contra... contra Camões... ao contrário... não tenho nada contra Camilo Castello Branco... mas eu acho que no primeiro e no segundo graus... o... aluno ainda não tem a capacidade e a maturidade para entrar em contato com um texto deste tipo... bem... estes manuais tradicionais não funcionavam... eles ensinavam o idioma a partir de textos que não atingiam o nível do aluno... a parte de gramática era dada totalmente DESVINCULADA do texto... ou seja... havia um texto de Olavo Bilac por exemplo... e vinha uma ques/ uma... um capítulo sobre fonética... no capítulo sobre a disciplina... dizia-se que... havia vogais e consoantes... e que eram vogais... o que eram consoantes... classificavam-se as vogais e as consoantes e a partir daí o aluno decorava uma lista... enorme... de... éh... fonemas ou de sons... no caso da fonética... que não tinham... éh... a menor utilidade... a menor vinculação com a língua que ele falava... um dos primei/ primeiros manuais a trazer... uma nova visão... uma visão mais vinculada entre teoria e texto foi o "Manual de Português Para Terceira e Quarta Séries... do professor Celso Cunha... que... hoje em dia... já está antiquado... já não é mais dotado... mas na época... inovou bastante... a metodologia do ensino...ou seja ele trouxe citações de escritores modernistas... não só modernistas... havia uma mistura EQUILIBRADA entre Camões... Dom Dinis... Camilo Castello Branco... Olavo Bilac... Carlos Drummond de Andrade... Fernando Pessoa... Fernando Sabino... Rubem Braga... Graciliano Ramos... etc... mas... esse manual também não funcionava ainda em termos estruturais... ou seja... a gramática... e as noções teóricas não emergiam TOTALMENTE do texto proposto... bem... houve um um uma outra etapa... da: didática brasileira e esta veio ... no Rio de Janeiro... eu estou falando em termos de Rio de Janeiro que é a realidade que eu conheço melhor... não posso falar em termos de São Paulo e dos outros estados... mas no Rio de Janeiro apareceu... uma série didática da professora Maria Helena Marques e do professor Domício Proença Filho... os três primeiros livros eram de Maria Helena... e de Domício... os dois últimos... número quatro e número cinco... só de Domício Proença Filho... éh... este livro trouxe uma série de inovações... ou seja... desenhos... imagens coloridas... pertinentes ao texto... uma vinculação maior... eu gostaria de ler um trechinho mínimo pra vocês do prefácio de um dos livros... da Maria Helena... Marques... e do Domício Proença Filho... em que eles definem... o objetivo... da didática... e do livro... de português... nós **vamos ver** que... a gramática passa a emergir do próprio texto... e passa a ser... vinculada à realidade brasileira... então... aqui está o trecho do livro deles... do livro número quatro... não... do livro número três... se não me engano... ((inicia leitura do texto)) "tendo em vista que o ensino da gramática... visa... a conduzir o discente à consciência dos processos que espontaneamente utiliza ao falar... ou escrever... o fato gramatical... foi examinado... em função... do T₀ significativo em que ocorre... procurou-se evidenciar a atitude dos escritores... ao selecionarem as palavras e estruturá-las em frases... houve também... a preocupação... de vincular o estudo da língua ao conhecimento da realidade cultural brasileira..." ((termina leitura do texto)) ou seja... davam-se informações não só de literatura... mas da realidade brasileira... ao introduzir um texto de Graciliano Ramos... era importante colocar o aluno em contato com a realidade em que viveu... Graciliano Ramos... ou seja... para compreender o regionalismo... o aluno tinha de entrar de contato... em contato com a região... obviamente... bom... mais tarde houve a reforma do ensino... eu ainda faço a análise de outros livros mas eu acho que eu iria... encomprar muito... eu ainda tenho aqui... vinte minutos e eu gostaria de chegar ao cerne da questão até o final do meu tempo... bem... outros livros... a

partir da reforma de ensino... o/ a disciplina que se chamava Português... ou Língua Portuguesa... passa a se chamar... Comunicação e Expressão... então... a partir da Lingüística... a partir de uma visão mais ampla... do que seja língua... do que seja cultura... né? nós temos uma modificação no ensino de Língua Portuguesa... o que fazem os livros? um dos... melhores e um dos principais... não sei se vocês conhecem... ((ruído)) é este aqui... desta série... da Maria Helena Silveira... vocês já devem ter entrado em contato... quem foi aluno de Maria Helena Silveira... ou mesmo quem não foi... me parece excelente... o que Maria Helena faz... ou seja... ela parte da comunicação em geral... ela parte... do código... lingüístico mas também... focaliza outros meios de comunicação que não sejam... o da linguagem articulada... ou seja... a linguagem de trânsito por exemplo... ela utiliza... onomatopéias e interjeições para introduzir... o código de linguagem articulada... e a partir daí ela entra no texto literário... e não só no literário... ela traz também textos de jornal... ela traz... textos... éh... como linguagem de requerimento... por exemplo... ela traz a Declaração dos Direitos do Homem... ou seja diversas modalidades... de... linguagem... bom... mas ao lado deste bom livro de Maria Helena Silveira... há também o da Ada Rodrigues que é muito bom... aparecem livros... deste tipo... os livros... são muito coloridos... eles são muito... atrativos... e uma das críticas que o Osman Lins faz naquele artigo que eu já citei... o artigo se chama "O que os alunos desaprendem de literatura Brasileira..." uma das críticas que Osman Lins faz... é justamente... o fato de os alunos serem atraídos NÃO pelo... hábito de ler... NÃO... pelo texto em si... não pela língua que eles **vão manipular**... e que eles **vão usar** pela vida a fora e sim eles são atraídos pelo que é mais fácil... o que é mais digerível... ou seja... o alu/ o professor escolhe... o texto... porque o aluno... **vai ficar** satisfeito com aquele texto na medida em que ele conhece o Chico Anysio da televisão... mas nem sempre um trecho do Chico Anysio **vai trazer**... elementos estéticos ou elementos literários pertinentes à matéria a ser transmitida... então... este livro aqui... que... é da... maria Gessi Militão e Marisa Serrano Feseli... me afirma na página cinquenta e um... da oitava série... o seguinte... ((inicia leitura do texto)) "os modernistas da primeira fase... **vão se importar** APENAS com o significado... isto é... o conteúdo..." ((termina leitura do texto)) ponto... acabou a informação... então o que acontece... é que... se por um lado a Comunicação e a Expressão... ampliaram a visão da língua... ou seja... a... questão de comunicação não está restrita ao código verbal... e isto é válido... e isto é desejável porque como diz o... o Samir... o... o Samir Curi Messerani... que é o autor de uma série didática chamada "Criatividade"... que eu acho excelente... visando ao ensino de redação... ele diz... não adianta nós lutarmos contra os meios de comunicação de massa... porque... se nós não o... os colocarmos nos livros... nós **estaremos** fora da realidade dos alunos... porque os... eles já entraram no aluno... não adianta afastar essa possibilidade... mas no momento em que nós ampliamos demais... né? nós corremos o risco... de dar informações deste tipo... quer dizer... ((cita texto lido)) "os modernistas da primeira fra... fase se preocuparam apenas com o conteú... com o conteúdo da mensagem..." ((termina citação)) ora... o que acontece nestes livros de Comunicação e Expressão e no exame dos quinze livros... com... raras exceções... com três ou quatro exceções... o que me pareceu haver... é uma tremenda mistura de conceitos... ou seja... o professor começa... dando um conceito do que seja signo lingüístico... por exemplo... bom... no capítulo seguinte... ele não... **vai jogar** com semântica... né? com... com as variações de significado ou de significante... no caso da fonética... não... ele passa pro conceito... por exemplo de sintagma... dois minutos depois ele me vem com função poética do Jakobson ... né? ele me dá todas as cinco funções... bom... há uma mistura terrível de noções de teoria literária... com noções de lingüística... porque o próximo capítulo é de modernismo... então ele me afirma alguma coisa deste tipo que eu acabei de ler... então... o que acontece é que em vez de se ampliar... pertinentemente o âmbito do ensino... o que está ocorrendo nos nossos alunos é uma fragmentação do ensino... ou seja... ele perde a noção do todo... e fica com uma série... de aspectos teóricos... isolados... que ele não sabe vincular à realidade nenhuma de seu idioma... isto é válido também para a Faculdade de Letras... ou seja... né? há uma série... de conceitos teóricos... que têm nomes bonitos e sofisticados... mas que... na hora de serem empregados... deixam muito a desejar... eu não digo que nós não devamos... éh... estudar lingüística... não é esse o meu ponto de vista... eu acho... ao contrário... altamente pertinente -- estudei lingüística nesta Faculdade e não faço outra coisa... durante a minha carreira... senão utilizar os conceitos de lingüística -- mas não ... a lingüística pela lingüística... ou seja... né? o aluno... apenas operar com o que seja um sintagma... então... por que que é importante a noção de seqüência e a noção de sintagma? por que que nós não vinculamos isso... à coordenação... e a subordinação... tradicionais? por que é que na hora que o professor... que vem... com um aparato... né? com

livros coloridos... os livros cheios de imagens e fotografias... e ele motiva o aluno... de repente ele corta a sua aula... e diz... hoje nós **vamos estudar** orações... dois pontos... as orações se dividem em... coordenadas e subordinadas... as coordenadas podem ser... sindéticas e assindéticas...ou seja... ele quebra toda... a estrutura da língua... quando ele... chega em sala de aula... com um esquema pronto e lança isso... ao aluno... sem perguntar sequer ao aluno se o aluno sabe o que é uma subordinação... o que é uma coordenação... bom nesse ponto... nós **vamos chegar** a um ponto agora... eu ainda teria muito a dizer... sobre... o... os livros didáticos que me parecem... éh... bons na intenção... mas bastante deficientes na realização... éh... o que me parece que fica... em geral... a crítica geral que se pode fazer é esta... há uma mistura de conceitos... lingüística e gramática normativa se misturam... teoria literária... e... lingüística se misturam... semiologia e lingüística se misturam e o aluno acaba não sabendo o que fazer com tudo aquilo que ele aprendeu... então eu sugiro... quer dizer... um dos outros problemas é que... a redação... que é o principal e objetivo primeiro... do ensino do primeiro e segundo graus... tem sido marginalizada... né? vocês devem ter contato com alunos... né? em colégio esta... em colégios estaduais e... e... e... mesmo ... éh... particulares e também foram alunos de colégios... e sabem perfeitamente que são RARAS... as aulas dedicadas à redação... ou seja... o que acontece é que precisa haver uma nota de redação... geralmente de dois em dois meses o professor um dia chega em sala de aula e diz... redação... tema tal... o aluno senta e escreve... o professor dá uma nota... baseado normalmente em critérios formais... ou seja... ele corrige ortografia... sintaxe... morfologia e acabou a aula de redação... ele passa pra noções teóricas... então... nesse trabalho eu sugiro... um outro método... ou seja... primeiro... a primeira coisa... é óbvio... né? que tem de haver uma reforma... no sentido de que os professores sejam bem remunerados... porque com a remuneração que os professores recebem não é possível eles terem tempo para corrigir essas redações... para dar essas redações... para discutir o tema com os alunos... para motivar o aluno... tudo o que seria desejável... ele já não tem... porque o que acontece é que ele é mal remunerado... então ele dá trinta e cinco aulas por semana e mal tem tempo para chegar em casa e poder realmente... corrigir essas redações... bem... então a primeira sugestão é que o governo apóie... os professores... aumente a carga horária e a remuneração... em segundo lugar... que se... motive o aluno... ou seja... se proponha um tema que seja discutido em sala de... por exemplo... saiu um artigo no jornal interessante... de interesse geral... alguma coisa que possa despertar polêmica... esses alunos debateriam numa aula... seriam duas aulas seguidas... debateriam o tema... um grupo iria discutir... discutir esse tema... e o resto da turma não participaria... e isso foi sugestão de um outro grupo do ano passado de Problemas Brasileiros que eu adotei... citando o grupo naturalmente... e achei muito boa... ou seja... na hora que um aluno... quer dar a sua opinião sobre o tema debatido... ele então... **vai escrever** a sua opinião... quer dizer... ele não... se permite que o aluno fale até determinado momento... quando ele está querendo participar... então o professor diz... não... escreva o que você está pensando... e... no início o critério de avaliação... **poderá** ser bastante flexível... ou seja... éh... nós **vamos procurar**... despertar no aluno uma capacidade de expor o conteúdo de uma maneira lógica... e com pertinência ao tema... a partir daí... num segundo estágio... nós **poderemos** colocar algumas questões de gramática e... o que eu achei excelente -- isso também foi sugestão de outro grupo... não é sugestão minha -- é que o... o... o grupo disse... nós não devemos corrigir... ou seja... pegar a redação e colocar a forma certa... nós devemos... assinalar o erro... colocar um número ao lado desse erro e o aluno... estaria de posse de uma apostila... de alguma coisa... um... um roteiro... em que os números corresponderiam aos erros... por exemplo... número um seria ortografia... então em vez de o professor riscar aqui o arbitrário com agá... o professor apenas sublinha o arbitrário e dá ao aluno as fontes onde ele pode encontrar essa palavra corretamente escrita... ou seja... um dicionário.. então... número um seria ortografia... onde o aluno pode procurar a palavra correta? em um dicionário... então... o professor sugeriria um bom dicionário... né? que não se sugira o do MEC... que saiu agora uma reportagem contra do Silveira Bueno... né? que se sugira um outro... bem... em segundo lugar... por exemplo... o problema de concordância... então... número dois seria concordância... em vez de colocar a concordância correta... o professor colocaria a... fonte de pesquisa... ou seja... Evanildo Bechara... "Moderna Gramática Portuguesa"... Celso Cunha... "Gramática da Língua portuguesa"... páginas tais e tais... onde o aluno poderia procurar... o que é concordância... então ele começaria a... ter uma certa... noção... de que... a gramática serve pra aquilo que ele escreve e não só pra aquilo que o escritor escreve... ele não **vai aprender** a gramática como alguma coisa isolada... do contexto dele... aluno... e não do profes... do... do escritor... então ele iria à gramática... e tiraria dali as normas... isso seria dado em termos de trabalho de casa... ou seja... o aluno teria de trazer a

sua redação corrigida por ele mesmo... com a forma correta após este aluno pesquisar... na fonte aquilo que ele errou... quer dizer... o professor não assume aí uma atitude paternalista de está errado e eu dou a forma certa... ele assume uma atitude de orientador da pesquisa... quer dizer... eu acho isso muito válido e muito eficaz em termos de ensino... e uma outra sugestão também é que... se faça... na Faculdade de letras... além de um curso de redação... não do mesmo nível do primeiro e segundo graus... quer dizer... um curso... de dissertação propriamente dita... porque os alunos... pelo visto... não sabem... né? redigir... não sabem estruturar seu pensamento... porque ensinar... a escrever é ensinar a pensar... como diz o Othon Moacyr Garcia... eles provavelmente não sabem nem pensar... então o curso... na Faculdade de Letras... poderia dar... essa orientação... ou seja... o professor daria princípios de lógica... cobraria do aluno uma certa pertinência ao te... ao tema proposto... daria uma redação... o próprio aluno pesquisaria... os problemas que essa redação apresentasse... e... ao lado disso... poderia haver um outro curso... e este curso eu acho que deveria ser optativo... que visasse mais a despertar a criatividade do aluno... ou seja... do estudante no caso... né? de nível universitário... ou seja... existem... éh... pessoas aqui que querem ser escritores... poetas... cronistas... contistas... etc... eles não recebem o menor apoio na Faculdade de Letras... eles não em um curso dedicado a isso... então se houvesse... por exemplo... um curso optativo... né? porque nem todo mundo pretende abraçar esta carreira... em que o... estudante pudesse treinar... exercitar esse seu talento... ou seja... ele escreveria crônicas... contos... poemas e um professor julgaria e a turma julgaria também... e haveria então uma coordenação entre as cadeiras de teoria literária... de lingüística e de língua portuguesa... para que os critérios de correção... pudessem ser pertinentes... não é? éh... a partir daí... também uma sugestão que eu dou no meu trabalho é que se promovam concursos na Faculdade de letras... ou seja... estes alunos que criam... crônicas... ou contos ou... poemas ou... mesmo... romances... poderiam concorrer... a algum prêmio aqui dentro da Faculdade de Letras... isto seria apoiado pela direção... e nós poderíamos inclusive convidar escritores... e pessoas interessadas no assunto para julgarem estas obras... isso motivaria o aluno a escrever... mas acontece que... nós não temos essas condições e o que eu sugiro no meu trabalho... e a minha conclusão é a de que ensinar é saber lidar com o possível... ou seja... eu não pretendo aqui... uma reforma estrutural... básica do sistema... porque esta é desejável mas... no momento impossível e improvável... o que eu desejaria é que houvesse uma mudança... no próprio programa de Língua Portuguesa... da cadeira de que eu faço parte... esta... este problema de redação... deveria ser encarado no primeiro ano da faculdade... em que o aluno apresenta maior dificuldade de redigir... e este outro... de criatividade... seria então... éh... adiado para... os níveis profissionais um e dois... né? quando o aluno teria oportunidade de opção... agora rapidamente... que o... o tempo já está se esgotando... eu gostaria de falar de um problema que eu toco aqui no meu trabalho com alguma profundidade mas aqui eu **vou ter** que ser um pouco superficial... mas eu acho fundamental que se fale disso... agora... é o problema dos cursinhos... e do vestibular... bem... o diretor da Cesgranrio... veio... aqui o ano passado fazer uma conferência sobre o problema da redação no vestibular... ou seja... as vantagens... de se colocar a redação... a partir do ano que vem no vestibular... durante a sua conferência eu perguntei a ele... se paralelamente... o Governo estava tomando alguma medida... para melhorar a condição dos professores e dos alunos... ele me disse... "absolutamente nenhuma... a medida... está tendo o maior apoio no vestibular... nós somos responsáveis pelo vestibular... mas com o primeiro e segundo graus nós não temos nada... e nós não **vamos mexer** nesse sistema..." ora... eu pergunto... a qualquer pessoa... daqui. vocês acham que um... um aluno que me frequenta o primeiro e segundo graus... de repente... no ano do vestibular... **vai aprender** a escrever? não há possibilidade... né? então **vai ser** tão ineficaz quanto... a solução de prova de cruzinhas... né? porque ele está colocado num funil... ou seja... o aluno vem... e de repente se vê obrigado a escrever... escrever bem... escrever claramente... escrever corretamente... sem ter tido a menor... infra-estrutura para chegar a este ponto... bem... ele me disse que não se tomavam medidas neste nível... então eu desisti de discutir... achei que não valia a pena... comecei a examinar também... no trabalho... os livros adotados nos cursinhos... quer dizer... fora as apostilas... né... que são assim os macetes tradicionais... né? do vestibular... mas os livros... de vestibular... e os dois livros mais famosos são... o do Gualda Dantas... né? José Gualda Dantas... e do Celso Luft... muito bem... eu trouxe aqui alguns exemplos de exercícios... que esses livros apresentam... gostaria também de ler o objetivo do Gualda Dantas... e o que ele faz em termos de exercícios... aliás... eu não sei se eu **vou escrever** porque eu acho que não **vai dar** tempo... eu prefiro ler pra vocês rapidamente as palavras do próprio Gualda... na sua introdução... ele diz o

seguinte...((inicia leitura do texto)) " com base em textos apropriados e significativos... procura-se medir... não só conteúdos programáticos... mas ainda e sobretudo... capacidade de compreensão... análise... síntese... avaliação dos fatos lingüísticos presentes na comunicação... tendo isso em vista... atenuou-se a CARGA... de memorização... e a indagação a respeito de designações... terminologia... morfologia e fonética..." ((termina leitura primeiro parágrafo)) atenuou-se a carga... dentro do seu livro... ((reinicia leitura do texto)) "assim... este programa... não objetiva que o candidato armazene conhecimentos especializados dos principais centros de interesse do idioma... mas reúna condições... que provem... sua capacidade de entendimento... e expressão... ou seja... revele domínio... efetivo do idioma... sistema de regras... que permite gerar e interpretar... frases..." ((termina leitura do texto)) e ele... entre muitos... me... me dá o seguinte exercício... ((reinicia leitura)) "assinale a forma correta... precavenha ... entreviu ... entretesse ... precavesse ... manteram ... ((termina leitura)) então eu pergunto... aonde está... esta visão estrutural do idioma? aonde está esta carga de memorização atenuada... que ele prega no seu prefácio? o que ele faz aqui... é colocar quatro formas erradas e uma certa... ou seja... a probabilidade é de o aluno gravar a forma errada... porque ele lê... quantitativamente quatro formas... e tem que saber que uma está certa... então a probabilidade é de ele gravar a forma errada... não a certa... ele **vai... continuar...** a dizer precavenha ... ele **vai continuar** a dizer manteram ... porque... este exercício é fragmentário... e não leva a estrutura nenhuma... do mesmo Gualda... aliás... este aqui eu acho que é do Celso Luft... diz o seguinte... ((inicia leitura)) "assinale a classificação da oração subordinada adverbial em... "chamam-te ilustre... chamam-te subida"... éh... --que mais... hem...? -- "chamam-te subida... sendo dina de infames vitupérios..." Camões ((termina leitura)) em vez de ele me perguntar ao aluno se ele entendeu o que ele leu... se ele sabe o que é vitupério... se ele sabe o que é dina... se ele sabe o que que é subida... se ele entendeu... enfim... a frase... ele me dá as seguintes... as seguintes opções... ((reinicia leitura)) "causal... condicional... modal... concessiva... conformativa..." ((termina leitura)) e o aluno tem que saber que é concessiva... né? então... não se perguntou... o que é uma concessão... o professor não chegou e disse... ah... "chamam-te ilustre... chamam-te subida..." ou seja elogiam... embora sejam digna... né? de... difamações públicas... por exemplo... isto não foi dito... foi dito apenas... e exigido do aluno que ele saiba classificar a oração "sendo dina de infames vitupérios..." então é óbvio que este aluno... aprende a ver a probabilidade maior de uma resposta correta... porque ele não está entendendo nada do que ele está lendo... né? que esse aluno -- ih... agora eu caí pra um registro informal... né? -- ele está... fazendo este exercício pra chegar a esta sintaxe que eu escrevi aqui... porque quando ele faz aquele tipo de exercício... ele só pode escrever deste modo... na minha opinião... de modo que... o que eu proponho e vocês que estão saindo da Faculdade de Letras -- eu nem sabia que eu ia falar a vocês... eu pensei que eu ia falar pra meus colegas... quer dizer eu tive que mudar um pouco o tom e mudar... toda a idéia inicial... mas isso não tem importância -- e vocês estão saindo da Faculdade de Letras e eu peço a vocês que... revejam tudo aquilo que vocês aprenderam e... se vocês não aprenderam... que vocês aprendam autodidaticamente ... porque isto funciona... também... que vocês leiam a gramática normativa... e leiam também... os princípios de lingüística... e saibam tirar aquilo que é essencial... aquilo que é realmente necessário... para o aluno... mostrem ao aluno que quando ele pega um texto e faz a análise sintática... ele não deve... absolutamente achar que gramática é uma coisa e língua é outra... comecem... da própria redação do aluno... mostrem a ele a necessidade de ele entender... o porque daquela frase dele... em todas as resenhas que eu corrigi desse primeiro ano... eu coloquei... "faça uma análise sintática do seu período"... porque há vários períodos de subordinadas sem principal... então... a partir daí... pode ser que o aluno comece... a vincular aquilo que seja estrutura do idioma... não só em termos de gramática normativa... com... a realidade que ele fala e escreve... porque na realidade o que ele faz não é absolutamente... utilizar os conceitos de gramática... ele continua a falar na gíria dele... no no... registro informal e... quando escreve alguma coisa... ele tem sempre medo... ele acha que aquilo não está correto e acaba cometendo mesmo... ultracorreções... ou seja... coloca formas que estão incorretas mas que ele pensa que estão corretas... porque... ele é sempre corrigido quando ele diz "me dá um livro" e... o professor -- antiquado... naturalmente... porque o de hoje em dia nunca faria isso -- diz a ele "não se começa frase com pronome átono"... então aparece na redação e aparece na resenha dos meus alunos da Faculdade um ... verbo desse tipo... "poderia-se"... ham? porque ele foi tão corrigido... porque ele nunca podia usar a próclise... né? ele não podia dizer "me dá o livro"... então acha que quando ele escreve... ele tem de usar a ênclise... então... ele nunca... usou a mesóclise... que realmente... não é de... de uso corrente... e muito menos pensaria... que se

ele colocasse "ele" ou "ela se poderia transformar"... isto estaria correto porque há um sujeito antes... há uma palavra que permite a próclise... mas ele acha que a próclise por princípio está errada... porque a ênclise é mais certa... e me comete um erro desse tipo... né? a mesóclise realmente é muito pouco usada... embora em registros formais... em conferências... em... requerimentos a gente ainda use... mas pelo menos a próclise correta... ou seja... ele passa a usar uma linguagem do século dezesseis... né? porque a ênclise... ao futuro só se deu no século dezesseis... então... de tudo -- e eu já estou passando da hora -- de tudo eu só queria deixar a sugestão pra que vocês no nível médio procurem fazer a gramática... os conceitos normativos emergirem do próprio texto do aluno... que vocês não isolem... uma realidade da outra... e... dentro da Faculdade de Letras... no que for possível... nós **estaremos** aqui pra transformar aquilo que for transformável... tá? ((palmas))

3. DID POPULAR

1. Código no VARPORT	Atafona – RJ
Op-B-90-1m-001	7.3 Idade
2. Variedade/Registro	24 anos
Popular/informal	7.4 Sexo
3. Tipo de texto	Masculino
Diálogo entre Informante e Documentador	7.5 Profissão
4. Mês, ano e local da gravação	Pescador
Novembro de 1994. Atafona-RJ	7.6 Nível de Instrução
5. Tema	2a. Série do Ensino Fundamental
Atividade pesqueira	8. Código da gravação
6. Acervo/Instituição de origem e código	Op-B-90-1m-001 (G)
Corpus APERJ/UFRJ - ATA149A1	9. Tempo da Gravação
7. Informante	3 min.
7.1 Iniciais do nome	10. Número de palavras
E. S.	771
7.2 Naturalidade	11. Observações

#I - então ele - estava tempo frio eles estava com preguiça não - preguiça - não - estava esperando pra ver () pra a gente puxar a rede que lá a gente se molha todinho puxa de roupa mesmo ou senão quem tem capa leva alguma capa de plástico coloca pra não molhar né mas lá não - tinha nada não aí eles foram puxar a rede daí quando um foi lavar a boca né que a gente lava a boca de manhãzinha né

#I4 - ()

#I - quando foi lavar a boca assim na - olhou pro lado assim (vinha) um navio estava pertinho já daqui pra ali não tinha tempo de/ dos cara fazer nada nem ligar o motor nem nada pra sair fora né o navio estava em cima já aí um um um falou assim ó pula n'água todo mundo esse cara que foi pescar com ele era calminho ele era um cara dado calmo né que ele pensava às vezes que o navio não ia bater naquela hora aí enquanto que ele pulou pra água que estava na popa e os outros dois saiu pela frente da casaria que tem duas portinha pularam também na água que eles pularam é - o navio estava batendo estava ro/ voando tauba pra tudo quanto é canto as tauba já estava voando aí o cara ficou lá dentro morreu aí saiu os três nadando dois pro lado de lá e um pro lado de lá do navio que o navio é grande né? isso é uma rua dessa aqui pra lá assim mais ou menos de largura aí saíram nadando depois juntaram o/ ficou a frente do barco que a urna () isopor () né na urna do barco aí o barco ficou assim com o bicozinho dentro da água assim assim na/ em cima da água né aí eles foram seguraram ali ficaram umas duas horas depois o navio voltou e pegaram eles de novo o cara morreu (na hora)

#D - então vocês não ficam sossegados né? tem que ficar tomando conta dos navios

#I - não lá fora quem está pescando lá fora (mesmo na linha do navio) tem que ficar acordado não dorme não - tem que ficar olhando sempre olhando aí passa navio pra lá navio pra cá navio pra lá sempre assim

#I2 - (é o lugar dele passar)

#I - e se a gente der mole lá der vacilo ele passa por cima mesmo não pára não e tudo que eles bater aqui acusa né? tem radar né? tudo que eles bater acusa eles não está nem (ligando)

#D - esquisito né ?

#I - tem uns que sai da/ por exemplo de dia mesmo você está assim essa horinha assim por exemplo você está com a rede n'água né? o tempo está aquele tempinho calminho por exemplo que vem três quatro navio de lá pra cá que lá é direto não pára não aí o navio está vindo lá ele vê gente ou senão o radar acusa tem uns que sai aí faz isso sai fora e tem uns não - que toca em cima mesmo

#I2 - ()

#I - é

#I4 - é ... ()

#D - e deixa eu ver assim se tem alguma coisa ah e aqui? o local aqui você acha que melhorou? você falou que os ba/ tem barcos melhores e tudo aqui essa parte onde encosta os barcos isso aqui melhorou ou não? tem muito pescador não dá pra ()

#I - não

#D - está difícil a vida está difícil aqui?

#I - não aqui está está legal

#D - está legal?

#I - está tem nada não

#D - e tem bastante comprador pro peixe também

#I - tem

#D - está tudo correndo bem

#I - está

#D - você tem alguma história assim alguma tenha visto alguma coisa? tem alguma lenda por aqui na localidade assim? (às vezes) o pescador ()

#I - eu vi uma co/ () eu vi uma coisa dentro d'água

#D - ah?

#I - quando estava pescando de caída ela era grande sabe? que nem um plástico branco dentro d'água andando devagarzinho pra cima do barco vinha vinha vinha aí eu fui peguei um bate-puxa é um anzol com chumbo agarrado na/ nuns cabelinho que tem que pega enchova né aí eu fui joguei o bate-puxa em cima pra ver o que que era eu pensei que era plástico (**vou pegar**) aquele plástico ali joguei numa distância daqui pro carro assim den/ dentro d'água né? aí eu estou vendo aquele troço andando devagarinho vindo vindo vindo pra cima da gente aí eu fui joguei joguei agarrou não sei se é água-viva grande que tem né água-viva enorme né grandona né aí eu fui joguei agarrou eu senti que agarrou assim pô agarrei o plástico aí eu vim puxando quando eu vim puxando vim puxando escorregou saiu o anzol saiu aí o bicho foi se afastou não vi mais de noite isso foi à noite

1. Código no VARPORT	Macaé-RJ
Op-B-90-1m-003	7.3 Idade
2. Variedade/Registro	35
Popular/informal	7.4 Sexo
3. Tipo de texto	Masculino
Dialogo entre Informante e Documentador	7.5 Profissão
4. Mês, ano e local da gravação	Pescador
Fevereiro de 1995, Macaé/RJ	7.6 Nível de Instrução
5. Tema	4ª série do Ensino Fundamental
Atividade pesqueira	8. Código da gravação
6. Acervo/Instituição de origem e código	Op-B-90-1m-003 -(G)
Corpus APERJ/UFRJ - MAC169A1	9. Tempo da Gravação
7. Informante	5 min.
7.1 Iniciais do nome	10. Número de palavras
J. J. B.	753
7.2 Naturalidade	11. Observações

#I - quando o tempo a gente conhece (que) o tempo **vai virar**?

#D1 - é

#D2 – hum hum

#I - é quando por exemplo assim o vento aqui né (passa) está um vento Nordeste aqui de repente pára total aí já a gente já olha pro Sul vê tipo assim chama rabo-de-galo é umas nuvem assim entendeu ? riscada aí a gente fala assim (olhar)

#D2 - é

#D1 – é colorido ?

#I - não não é colorido não (ele)

#D1 - aquilo ali já indica alguma coisa pro senhor ?

#I - aquilo ali indica diz assim ó **vai vim** o sudoeste aí entendeu ? aí a gente pô de repente fica naquela (vê) se a gente vem embora ou se espera né um tempo né

#D2 - pra comprovar né

#I - é isso aí já aconteceu isso comigo foi o seguinte à noite eu pescando pargo né aqui ah fora da ilha aqui umas seis hora por fora da ilha né aí o tempo estava legal aí à tarde aí à tarde criou aquele aquela aquele aquelas nuvem preta aí eu falei assim gente **vai vim** temporal aí vamos embora aí o tempo pegou a gente no meio do caminho mas foi um sufoco danado porque a vida de pescador não é brincadeira não sabe ? é uma vida muito sacrificada é bonito a pescaria entendeu ? eu adoro pescar e pescaria (passou) até um vício entendeu eu já larguei a pescaria mas estou nela já larguei já pra trabalhar embarcado trabalhei quatorze ano embarcado entendeu ? ()

#D2 - mas aí sempre volta

#I - é sempre volta e na minha folga também eu pescava entendeu ? e eu sei qualquer tipo de pescaria um pouco eu sei entendeu?

#I - e cada dia a gente nunca sabe mais né sempre vai aprendendo né entendeu?

#D2 - o senhor estava falando de temporal como é que é o temporal aqui?

#I - temporal é assim quando o vento vai virar que a gente vê que não tem condições da gente por exemplo não tem condições de prosseguir viagem e nem de pescar

#D2 – aí pára o barco ?

#I – aí os (cinco) ficam ancorado esperando o tempo passar aí por exemplo eu peguei eu estava pescando dourado em frente ao Farol - o Arraial do Cabo né umas cinco hora pro Farol do do Cabo o local aí bateu um

temporal assim rapidamente entendeu ? foi o noroeste o vento noroeste aí eu fiquei assim poxa é como pedir a Deus que ajude a gente

#D2 - graças a Deus não aconteceu nada

#I - é aí graças a Deus não houve nada

#D2 - hum hum

#I - mas pegamos um tempo meio ruim pra Arraial do Cabo entendeu ? mesmo assim com vento eu peguei o vento de proa uma embarcando entendeu?()

#D2 - que que é pegar vento de proa?

#I - é por exemplo o vento noroeste eu estou fora entendeu? estou vindo pra terra aí o vento aí o vento aí de terra né pro Noroeste entendeu? aí vai batendo no barco né vai subindo aquela água né o mar fica rapidamente agitado entendeu? as onda alta

#D2 - ah sim

#I - entendeu? que o vento ele faz a as onda ficar alta né agora pra gente estar no mar por exemplo eu já pesquei oito hora por fora aqui daqui da costa entendeu ? sem bússola entendeu ? sem nada () mas aí

#D2 - mas aí como é que o senhor se orientou?

#I - mas aí aí aí é que está nós **vamos chegar** lá é nós largamos uma rede né a gente botava a rede no fundo sabe chama rede de minjoada é uma rede que a gente bota bota por exemplo quarenta sessenta rede aí no outro dia é que **vai virar** e a gente fica ali permanece ali perto dali e ancora ali perto dela da rede né ? pra não perder a rede que a gente só vê navio e só vê céu e água e às vezes um navio que passa de vez quando assim por fora ou por terra né e a gente tem uma por exemplo o a gente vai ver por exemplo ancorou as ancoramos né largamos a rede ancoramos aí depois viaja a água está ao sul as água virando a gente sabe mais ou menos a posição que a gente está e as onda do mar é sempre pra terra sempre pra terra

#D2 - ah é sempre

1. Código no VARPORT	Itaocara
Op-B-90-2m-004	7.3 Idade
2. Variedade/Registro	47 anos
Popular/Informal	7.4 Sexo
3. Tipo de texto	Masculino
Diálogo entre Informante e Documentador	7.5 Profissão
4. Mês, ano e local da gravação	Pescador
Março de 1991- Itaocara/RJ	7.6 Nível de Instrução
5. Tema	4ª série do Ensino Fundamental
Atividade pesqueira	8. Código da gravação
6. Acervo/Instituição de origem e código	Op-B-90-2m-004 (G)
Corpus APERJ/UFRJ - ITO037B1	9. Tempo da Gravação
7. Informante	4 min
7.1 Iniciais do nome	10. Número de palavras
L. J. A.	720
7.2 Naturalidade	11. Observações

#I - não tem época.era era só respeitamos mais nós estamos respeitando hoje em dia por/ porque o IBAMA é uma entidade que está dando uma força total à gente aí os fiscais pra não pescar na época da desova

#D – certo
 #I - porque se pescar na época da desova o peixe **vai acabar** no rio Paraíba já está em extinção **vai acabar**
 #D - ô L. que que é a desova hem?
 #I - a desova é o peixe que se/ ele vem des/ de São Fidélis ele vem agrupando o peixe só nos cardume milhões de quilo de peixe vai pra Ilha dos Pombo chega na Ilha dos Pombo não tem como subir fica preso o cara até
 #D - mas não tem como subir por quê?
 #I - a barragem não tem escada não é igual a do Pará lá de
 #D - ah sei
 #I - Sete Quedas não é igual a de Tucuruí você entendeu?
 #D - chega na Ilha dos Pombos tem uma barragem ali?
 #I - chega no na Ilha dos Pombo tem uma barragem então o peixe fica só fica batendo nas comporta e não sobe aí o sujeito vai de tarrafa pega dois três quatro mil quilos de peixe ovado é o problema nosso do rio Paraíba maior está sendo esse o governo não se conscientizou ainda de melhorar
 #D - mas quem que faz essa matança de peixe?
 #I - os próprio pescador
 #D - ué? mas pra quê que ele se/?
 #I - mas porque não tem como não tem ele não tem um emprego na época ele não tem como se virar
 #D - mas ele tem como colocar esse pescado?
 #I - ele vende tem que prender o comprador de peixe que compra o peixe ovado aí o pescado pára de pescar
 #D - ah tá estou entendendo
 #I - você está me entendendo?
 #D – perfeito
 #I - porque se prender o comprador de peixe aí o cara não **vai pegar** peixe ele não **vai ter** onde vender ele **vai ter** que pegar o peixe e **vai ter** que soltar o peixe o peixe **vai ter** que desovar livremente agora não o IBAMA está apertando esse ano foi tomada umas cinco mil tarrafa na região lá em cima na Ilha dos Pombo então o peixe esse ano desovou tranqüilo desovou dia vinte e quatro dia vinte e cinco no dia do Natal na noite de Natal que ele desovou esse ano lá
 #D - sei quando o pescador pega o peixe ele tem sempre quem compre o peixe?
 #I - na hora
 #D - na hora é?
 #I - mais procurado de que ouro em pó
 #D - é mesmo?
 #I - é ué
 #D - e quem é que compra esse peixe?
 #I - o consumidor né venda bar ou pessoas que trabalham em lavouras que é um troço um peixe é um produto mais barato é um pescado mais barato
 #D - que nome vocês dão a esses compradores de peixe?
 #I - isso aí é atravessador
 #D - atravessador né e o pescador se sente assim vamos dizer explorado? ah
 #I - ó ele compra da gente por trezentos vende por seiscentos
 #D - hum hum e a turma os pescadores têm raiva dessa gente
 #I - não é ter raiva mas (a gente) não concorda porque agora eu nessa estou agora eu não vendo mais o meu peixe eu mesmo pego eu mesmo vendo na minha casa vendo mais barato mas vendo lá em casa
 #D - hum hum vende mais barato mas
 #I - recebo na hora e não vendo pro atravessador mais
 #D - e quando você é na sua casa você guarda o peixe ah
 #I - eu tenho freezer
 #D - ah tem um freezer né
 #I - limpinho o peixe é todo limpo
 #D - sei sei bom depois a gente ainda volta a esse ne/ esse papo de peixe porque eu estou seguindo aqui uma ordem no
 #I - hum hum
 #D - no no guia né vamos falar aí de céu é a es/ ah de vez em quando aparece uma estrela assim né
 #I - hum hum
 #D - antes mesmo de anoitecer
 #I - tem
 #D - que nome como é que vocês chamam essa estrela?
 #I - aqui tem já é a estrela das seis a Ave Maria tem o o Três Maria são três estrela junto tem
 #D - certo
 #I - Cruzeiro do Sul
 #D - e o pescador identifica essas estrelas?
 #I - essa identifica
 #D - identifica né

#I - tem a estrela que sai três hora da manhã a estrela-d'alva
 #D - estrela-d'alva né
 #I - tem
 #D - sei agora me diz uma coisa essas estrelas têm importância para o pescador?
 #I - tem porque ah é na época que é a estrela-d'alva só na época de do tempo frio
 #D - sei
 #I - na época que dá robalo
 #D - quer dizer a estrela indica o tempo
 #I - indica na época que dá o robalo o tempo na época do tempo frio
 #D - ah é? tempo frio
 #I - ela já começa a aparecer agora esse mês que nós estamos
 #D - perfeito e a lua tem importância?
 #I - tem tem a lua nova e tem a lua cheia né a lu/ nós estamos numa lua agora numa lua numa fase da lua minguante
 #D - qual é a melhor lua para pescaria?
 #I - na na na entre entre nova e cheia
 #D - entre Nova e Cheia
 #I - é sim senhor
 #D - e por que Lauro?
 #I - ah porque aí só o mistério de Deus né?
 #D - há alguma coisa alguma explicação
 #I - há
 #D - olha o seu irmão dá dá explicações sobre isso
 #I - não mas eu não eu não estou eu não ó sinceridade o meu irmão ele ele tem eu **vou explicar** ao senhor que que é o meu irmão ele tem muito mais esses pessoal que procura ele eu sou procurado a primeira vez o J. sabe disso eu nunca fui entrevistado assim com negócio de pesca fui entrevistado com O Globo umas vezes um negócio de pesca de lagosta você está me entendendo? esse problema da lua meu irmão tem mais conhecimento de que eu
 #D - sei sei mas você sabe que a lua nova é
 #I - é a lua

1. Código no VARPORT	S.N.
Op-B-90-3m-003	7.2 Naturalidade
2. Variedade/Registro	Gargaú - RJ
Popular/Informal	7.3 Idade
3. Tipo de texto	59 anos
Dialogo entre Informante e Documentador	7.4 Sexo
4. Mês, ano e local da gravação	Masculino
Fevereiro de 1992- Gargaú - RJ	7.5 Profissão
5. Tema	Pescador
Atividade pesqueira	7.6 Nível de Instrução
6. Acervo/Instituição de origem e código	1ª série do Ensino Fundamental
Corpus APERJ/UFRJ - GAR 084C1	8. Código da gravação
7. Informante	Op-B-90-3m-003 (G)
7.1 Iniciais do nome	9. Tempo da Gravação

7 min

745

10. Número de palavras

11. Observações

#I - (...) pra rede

#D - ah sim porque tem que o ma/ fazer manutenção

#I - é porque o dono a gente pode pegar a rede pode pescar a rede (no no voltar)

#D - certo aí me diga a a pessoa que vai ali na frente é né porque é na proa

#I - é

#D - é qual é a função dela? do proeiro?

#I - do proeiro é jogar a rede na água é puxar a rede pra dentro

#D - é?

#I - é tirar o peixe da rede

#D - bom na popa vai o mestre normalmente né então o mestre é o popeiro

#I - mestre é claro é o popeiro

#D - e quando o pro/ o proeiro vai o jogar a rede ele começa jogando por onde? ele pela pela parte de cima ou pela parte de baixo como é que ele faz?

#I - pela parte de do pela parte do do (que solta) dentro porque solta dentro bem dizer por dentro (barra) dentro por fora

#D - ah sim deixa eu ver se está certo aqui seu (porque senão eu morro cedo não está aceso) está bom e e então ele vai jogando por dentro e não tem perigo de (emaranhar) aquela história toda né porque é rede que não acaba mais né

#I - é não aquilo é ela vai aparelhadinha antes de de de chegar na pescaria vai tudo certinha encolhidinha pode jogar até de noite não tem problema nenhum

#D - e pra recolher? como é que o senhor recolhe ? e e começa a recolher por pelo chumbo ou pela cortiça?

#I - chumbo e cortiça

#D - tudo junto?

#I - ela mede aquilo certinho

#D - ah é né e e vai marcando e vai cortando e **depois vai puxando** também né?

#I - ela fica a cortiça na popa e o chumbo na proa

#D - hum hum

#I - vai se tocando e soltando o chumbo e a cortiça sai sozinha

#D - ah perfeito

#I - e o chumbo que tem que jogar na hora de recolher tudo fica dois homens pra colher (melhor)

#D - é porque é o peso ele é

#I - quando é pesado um puxa um bocado o outro puxa também

#D - ah sim aí junto vai tudo bem né

#I - é

#D - o senhor não precisa de gelador não é? porque vai pertinho

#I - não eu é pertinho outros pescador leva gelo e passa a semana no mar

#D - e aí o que que eles têm de levar além do gelo?

#I - não só só aparelho a rede da pesca

#D - hum hum

#I - o combustível do motor

#D - hum hum

#I - as compra pra ele as coisas deles comer lá

#D - sim

#I - e o gelo pra gelar o peixe durante a semana

#D - é né e aí como é que o senhor faz ?

#I2 - remédio também

#I - remédio também

#D - o senhor como é que traz o seu peixe?

#I - não o meu o meu peixe é pescado e trazido pra casa ()

#D - o senhor o senhor não ah é diretamente nem se nem esquentam mais

#I - () de vinte e quatro de doze horas pescando é é é um eu estou pescando e trago pra casa apanhei e trouxe pra casa apanhei e trouxe pra casa

#D - ah tá

#I - é tem outros pescador que pescam e ficam lá a semana toda né

#D - ah perfeito eu notei que aqui não tem colônia não é seu T.? por que não tem?

#I - temos colônia sim

#D - onde?

#I - em Atafona

#D - ah Atafona é que faz esse esse cuidado então
 #I - é na boca da barra
 #D - ah certo eh quem compra o peixe a gente diz que é o quê?
 #I - os frigorífico né de peixe tem frigorífico aqui
 #D - {ah os frigoríficos e o preço quem dá é o é o comprador ou é o vendedor?
 #I - isso aí eles eh compra o peixe o que eles o que eles diz a gente é que leva o pescado a maioria é assim não é e leva a maio/ a minoria controla o preço na hora
 #D - hum hum
 #I - quando vai pra mercado perto
 #D - hum hum
 #I - vamos supor se eu vender () vender em Campos aí eu **controlo** o preço na hora eu **vendo** por tanto tal aí nós controlamos tal mas se é pra ir pro Rio ou pra São Paulo pra lugar grande quantidade de peixe
 #D - hum hum
 #I - aí o dono do frigorífico que leva a semana toda o peixe do pescador e quando for sábado ele **junta** eles **controla** o peso **tira** como diz eles o a parte deles e **paga** o pescador tanto
 #D - bom mas aí Deus é louvado né aí a coisa fica meio esquisita né?
 #I - é eu não **vou falar** mais porque não precisa ()
 #D - é não não não precisa entrar nesses detalhes eu só quero saber (esse nome) o que é pro senhor escalar o peixe ?
 #I - escalar o peixe que a gente salga ele
 #D - salgar e hoje ainda tem quem saiba salgar o peixe? porque eu vi um peixe ali (aí em cima) pensei que fosse salgado é isso?
 #I - é tem gente que sabe salgar ele
 #D - porque tem que ser muito conhecedor pra salgar né porque senão estraga essa carne é muito sensível né
 #I - é é claro claro claro
 #D - e tem alguma técnica que as pessoas não dominem mais na salga do peixe?
 #I - não - não - salgar peixe é pra quem sabe é comum
 #D - ah é?
 #I - é pra um igual eu que pes/ salga peixe fa/ há mais de trinta anos salgo fica igual um bacalhau
 #D - pois é exatamente né
 #I - eu tenho prática disso
 #D - é porque ou salga assim ou estraga né
 #I - não quem não sabe não se me/ não pode se meter
 #D - é não pode entrar nessa né
 #I - é tem que ter é prática
 #D - bom a/ agora vamos pensar aqui ó o senhor veja isso aqui é uma agulha né de consertar ou de fazer rede
 #I - é
 #D - e de que que é feita uma as agulhas? de que fazem?
 #I - antigamente nós fazia de pau
 #D - e hoje?
 #I - hoje é plástico
 #D - de plástico né como é que se chama essa parte aqui de da da da agulha?
 #I - a ponta da agulha
 #D - e e e essa partezinha?
 #I - é a língua da agulha
 #D - e aqui atrás?
 #I - é o o cabinho da agulha
 #D - é e a linha entra aí no meio né?
 #I - é
 #D - qual é o fio que o senhor trabalha?
 #I - senhora?
 #D - com o que que
 #I - trabalhamos com plástico antes barbante linha e tal hoje é plástico
 #D - é e antes quando era barbante o pessoal tingia isso né?
 #I - tingia com com tinta de mato casca de mato
 #D - casca de mato hoje não tinge mais porque o náilon não favorece?
 #I - não hoje não precisa mais
 #D - ah porque tingia pra proteger a rede não é pra espa/ pro peixe ser tapeado?
 #I - não não não senhora é pra tingir pra a rede agüentar
 #D - e quando o senhor vai fazer uma malha como é que o senhor sabe a altura da malha que o senhor **vai fazer**? o senhor usa o que pra aumen/ pra medir essa altura?
 #I - faço uma tabuleta
 #D - ah a tabuleta

#I - é a taubinha que dá a medida pra sair toda aquela malha só
 #D - ah naquele tamanho né
 #I - naquele tamanho
 #D - bem aqui eu espero que o senhor veja aqui o meu desenho né então eu começo com esse nó e faço essa laçada e aí vai embora a rede né?
 #I - é
 #D - então fica esta parte mas esta parte eu tenho que prender nessa corda como é o nome dessa corda mais grossa aqui onde vão as bóias?
 #I - aqui a tralha da cortiça
 #D - sim
 #I - a bóia é uma tralha tralha com encala
 #D - sim
 #I - uma linha pra encalar na tralha
 #D - sim
 #I - aqui outra tralha do chumbo
 #D - sim
 #I - outra linha pra entralhar a rede na tralha
 # D - e essa

1. Código no VARPORT	Rio de Janeiro
Op-B-90-1m-007	7.3 Idade
2. Variedade/Registro	29 anos
Popular/informal	7.4 Sexo
3. Tipo de texto	Masculino
Diálogo entre Informante e Documentador	7.5 Profissão
4. Mês, ano e local da gravação	Pescador
Fevereiro de 1994 - Pedra de Guaratiba	7.6 Nível de Instrução
5. Tema	1ª série
Atividade pesqueira	8. Código da gravação
6. Acervo/Instituição de origem e código	Op-B-90-1m-007 –(G)
Corpus APERJ/UFRJ- PGU161A1	9. Tempo da Gravação
7. Informante	6 min.
7.1 Iniciais do nome	10. Número de palavras
P.J.S.	727
7.2 Naturalidade	11. Observações

#D - e tem algum grupo aqui de pescadores que se reúnem todo mês que discutem os problemas?
 #I - tem (...) tem () sim
 #D - tem algum lugar que eles fazem isso?
 #I – (faz) como assim?
 #D - que tem médico essas coisas de pescador
 #I - não tem tinha colônia mas a colônia aí já era não tem todo mundo a pagou ainda por cima ninguém não tem direito quase nada entendeu? () tem nós temos hoje () está proibido está proibido né então muitos pesca/ muitos

pescador aí agora não agora ontem veio aqui um rapaz chama/ chamado Pedrinho que a gente pagava à colônia quando precisava de uma coisa não tinha um apoio () a gente pagava a ele pegava e gastava. né com ele mesmo farra aí né e agora entrou uma mulher aí ela é maneira a Aldinha muito maneira então a gente paga à colônia nesse nesse pagamento ela vai circulando ela compra um remédio pra medicamento pra colônia (quando) que o pescador precisar tem dentista tem remédio entendeu? uma escola que o pescador () que o pescador tem obrigação de ter (que pagou lá) né então isso aqui está a gente paga aqui pra colônia né porque é o direito entendeu? então quando é quando era o outro a gente pagava a gente ia lá resolver ele disse que não sabia de nada entendeu? que era () é () confusão (). às vezes a gen/ a gente nem nem pagava mais nem pagava mais por causa disso

#D – e deixaram de lado

#I - deixamos agora agora agora é a a mulher entrou de novo aliás eu te/ tenho que ir lá ir lá pra falar com ela do pagamento pra mim ter o meu direito o direito que agora tirou a permissão e está pra parar a pescaria aí então nós temos direito e o IBAMA mas isso isso daqui tem carteira de pescador é embarcado legalmente e dá () pra colônia aí tem o direito de ir lá no IBAMA e receber um salariozinho () procura respeitar a pesca () tem que respeitar né? então nisso a gente lá no IBAMA () nosso dinheirinho tranqüilo sem sem tomando ninguém é pouco mas a lei é cumprir a palavra né... respeitar né? então a gente tem esse direito

#D - e quando você vende o peixe você vende direto pras pessoas que **vão comer** ou você vende pra uma pessoa

#I - não não

#D - que **vai vender**?

#I - a gente vende pra uma pessoa outra pessoa vender e

#D - pra supermercado

#I - é... supermercado peixaria

#D - e como é que você chama o nome daquele daquela pessoa que recebe o peixe pra vender? como é que é a profissão dele?

#I - ó nós que somos pescador nós vende pro revendedor o revendedor vende pra outro () esses que a gente vende eles compram muito em quantidade compra assim: dois mil quilo três mil quilo mas não é só não é só o meu pescado é o pescado de todo mundo

#D - de todo mundo

#I - viu? então ele (compra) muito ele passa () um mercado às vezes um mercado às vezes passa pra peixaria peixaria (é bem) perto não é? as pessoa que gosta de comprar peixe também pra revender vende também então aí vai entendeu? então nós nós não está assim de pescar pescar e chegar do mar cansado e ter () que vender () no/ nosso nosso sistema é pescar e vender logo e tomar um banhozinho almoçar e descansar no outro dia ()

#D - e aqui tem alguém que sai de bicicleta com os peixes que sobraram por exemplo sai de bicicleta e vai vendendo de porta em porta?

#I - vende... muitas pessoa aparece aqui pra comprar o peixe

#D - como é que é o nome? como é que chama aquele

#I - eles se chamam é o comprador

#D - não mas o nome que o do cara que sai de bicicleta pra vender?

#I - é o peixeiro

#D - peixeiro isso e vocês aqui usam salgar o peixe quando não dá pra gelar e tal

#I - não isso aí a gente salga quando quan/ quando é um peixe bom bom a gente () tira pra gente a gente mesmo a gente pega ele abre ele quando quer um peixe salgado a gente abre ele e salga ele

#D - você gosta de peixe?

#I - Gosto eles são peixe salgado quem não gosta né? um peixe desse aqui sadia né criado no mar mesmo não tem química nenhuma como () hoje em dia tem química né? aqui não tem então o peixe puro a gente pega o melhor peixe mais gordo abre é só abrir só tirar as tripa e salga ele

#D – e ah está certo agora a gente **vai ver** aqui como faz rede né você sabe fazer rede?

#I - não... eu fazer rede não sei não mas sei remendar

#D – mas você usa isso daqui por exemplo?

#I - ah usa agulha

#D – e quando você vai por exemplo remendar a malha da rede

#I - hum

#D - você usa isso daqui que ()

#I - não a bitola não

#D - não

#D - ela a..a a nossa bitola é na mão mesmo no dedo

#I – no dedo mesmo?

#I - é

#D - e a rede é feita de quê? como a linha é de quê?

#I- olha tem vários tipos de linha tem linha é linha plástica a a quarenta, sessenta a vinte, vinte e cinco a linha que tem () é pra rede né? pra - remenda né? e faz também e tem ou/ também ou/ outras também outra outra linha é a quarenta e oito que faz remenda a rede e faz também pra outro tipo de peixe

1. Código no VARPORT	Ponta Negra - RJ
Op-B-90-3m-001	7.3 Idade
2. Variedade/Registro	63 anos
Popular/Informal	7.4 Sexo
3. Tipo de texto	Masculino
Diálogo entre Informante e Documentador	7.5 Profissão
4. Mês, ano e local da gravação	Pescador
Fevereiro de 1991. Ponta Negra - RJ	7.6 Nível de Instrução
5. Tema	Alfabetizado
Atividade pesqueira	8. Código da gravação
6. Acervo / Instituição de origem e código	Op-B-90-3m-001 -(G)
Corpus APERJ/UFRJ - PNE-046-C1	9. Tempo da Gravação
7. Informante	4 min
7.1 Iniciais do nome	10. Número de palavras
I. J. S..	711
7.2 Naturalidade	11. Observações

#I – nasceu em Ponta Negra?

#D – nasci em Ponta Negra

#I – e que idade o senhor tem?

#D – sessenta e três

#D – seu I. é o senhor pesca aonde?

#I - eu pesco em Ponta Negra agora

#D - e em que lugar de Ponta Negra?

#I - é por esse mar todo aqui de fora esse mar grosso aí de fora aí é aqui de Saquarema pra cá - como é que se diz - é é Pedra do Cherne é é - como é que se diz – a linha do navio é que é Pedra da Seda isso tudo eu pesco por esse meio de mar todo eu corro isso tudo por aqui

#D - e o senhor e o senhor só pesca no mar?

#I - só no mar - não - pesco na lagoa também né quer dizer lá é a parte do mar aqui já é parte de lagoa já é canoa né é rede rede tarrafa mas em frente assim é o mar ontem eu não fui hoje eu ainda **vou** se Deus quiser

#D - vocês dão um nome especial pra aquela parte do mar a parte de cima do mar da lagoa

#I - sei sei

#D - vocês chamam de alguma forma especial?

#I - é porque essa parte alta do mar aqui isso é um – (vamos dizer) - isso é uma vista que né todo mundo gosta de ver porque você chega aqui no farol você olha pra fora aquilo é um é uma beleza porque o mar você tem aquela caída porque o mar é mais alto que a lagoa o mar é mais alto e aí você **vai ver** quando o mar é alto ele vem

#D - hum hum

#I - não é? não tendo o mar alto ele bate na beirada e volta e então essa vista de fora isso aí é um uma coisa pra ninguém botar defeito né quer dizer e já e a lagoa não a lagoa já é mais baixa já é mais diferente não é? (já já como se diz) já cai num buraco que mais pra cá é alto já a lagoa já vai abaixando mas a lagoa de Ponta Negra também é uma senhora lagoa a única coisa é que a lagoa não tem (esgota) por aí já começa limpa

#D - e vocês dão um nome especial àquela parte de cima da água? ah onde às vezes aparece um peixe vocês dão algum nome?

#I - é às vezes a gente é o seguinte a gente diz assim ó essa água aqui já está suja não serve e essa água ali já está limpa está bonita a gente vê assim um dourado é que o dourado é peixe de água limpa e com aquilo ali que

às vezes muita gente diz assim ah se a gente tivesse uma máquina pra gravar que às vezes o peixzinho levanta (a) sai principalmente a a (tuninha) que é o boto né bate e levanta você está com o motor ligado ela vem atrás do barco (pô) mas aquilo é uma é uma beleza pra gente né e quando a gente está sentado lá conforme agora está aqui lá não tem banzeiro não tem nada está igual isso aqui está igual uma piscina bonita dá até pra levar a senhora lá levava lá

#D - o que que é banzeiro?

#I - banzeiro é o mar é aquelas onda é a gente trata banzeiro mas é o é a onda né aquela onda grande que levanta o barco baixa levanta de novo e às vezes quando não tem quase - como se diz - banzeiro que é a onda que se faz quando está sereno não tem vento (a água tem que estar) sereninho agora quando o mar está ventando qualquer vento aí já já forma já aquela onda já maior que a gente às vezes já na na lancha tem que diminuir o motor que senão ela ela desce na né na vala pode até (envirar) conforme virou uma agora há poucos tempos lá em Saquarema perdemos nossos amigos né perdemos dois aquilo também foi licença da palavra também foi malvadeza [interferência de outra pessoa] () podia podia até acontecer mas eu acredito que aquilo aconteceu antes da hora

#D - e aquela parte mais longe do mar como é que vocês chamam?

#I - aquilo lá sim quando a gente já vai pra fora mais pro meio aí já vai pro oceano né porque lá já vai modificando já vai crescendo mais quanto pra fora mais pro oceano mais pra fora mais lá também já é o mais banzeirado que se trata entendeu? lá já é um mar já mais virado

#D - e quando o mar é não está banzeirado como é que vocês dizem que o mar está?

#I - bom aí quando não está banzeirado a gente diz bom o mar hoje está calmo o mar hoje está mesmo na né no jeito de pescar que se diz né a gente já sai tranqüilo conforme está hoje né sai aqui liga o motor nem precisa olhar pra trás é só pedir pedir a Deus o que tem que falar e e sair pra fora

1. Código no VARPORT	Rio de Janeiro
Op-B-90-3m-002	7.3 Idade
2. Variedade/Registro	66 anos
Popular7Informal	7.4 Sexo
3. Tipo de texto	Masculino
Dialogo entre Informante e Documentador	7.5 Profissão
4. Mês, ano e local da gravação	Pescador
Fevereiro de 1994. Ilha do Governador/RJ	7.6 Nível de Instrução
5. Tema	4ª série do Ensino Fundamental.
Atividade pesqueira	8. Código da gravação
6. Acervo/Instituição de origem e código	9. Tempo da Gravação
Corpus APERJ/UFRJ- IGV132C1	7 min
7. Informante	10. Número de palavras
7.1 Iniciais do nome	736
T. S. F.	11. Observações
7.2 Naturalidade	

#D - o senhor já viajou para outros Estados assim?

#I - não sempre aqui no Estado do Rio de Janeiro né pesquei lá pra Parati Ilha Grande pra essas toda essa parte aí do do Sul eu pesquei fui até a como é? como é o nome daquele lugar? esqueço o nome da do lugar onde vira

que vai lá que vai que já **vai dar** lá em Santos eu fui até ali dali eu não passei né conheço as ilhas aí fora eu conheço quase todas elas

#D - olha só quando nós estamos assim perto da do mar se a gente joga alguma coisa no mar e ela vai lá pra baixo ela vai pra onde?

#I - como é?

#D - joga uma pedra na água e ela vai afundando ela vai pra onde?

#I - ela **vai pousar** no fundo né

#D - Ah sim era isso que eu queria saber era a palavrinha e o contrário do fundo é o quê?

#I - su/ superfície

#D - isso e quando o senhor sai vai bem pra longe da/ daqui da daonde o senhor mora isso dentro d'água o senhor diz que aquilo lá é o quê? está cercado de água o senhor olha pra um lado só tem água olha pro outro só tem água é o quê aquilo?

#I - é um oceano né

#D - e por exemplo é quando é o mar assim está está liso o senhor diz que o mar está o quê?

#I - está calmo o mar está calmo

#D - e o contrário o senhor diz que está como?

#I - o mar está como é? está revoltado né

#D - e quando é que costuma ficar revoltado?

#I - quando tem vento trovoadas temporais aí ele fica revoltado

#D - mas é todo tipo de vento que causa ele ficar revoltado?

#I - todo tipo de vento causa a - levanta o mar

#D - e o senhor conhece o o movimento das águas?

#I - aqui dentro da baía a água só corre pra boca da barra pra sair ou quando vira de enchente pra entrar agora lá fora da barra ela corre ou pra Sul ou pra Leste

#D - e quando a água vem aqui até a beira como o seu D. falou o mar está o quê?

#I - águas pra Leste

#D - e quando ele diminui fica o quê?

#I - (vira com Sul) quando as águas viram pro Sul aí o mar diminui é baixa quando ela cre/ a maré cresce na praia é nós tratamos que é águas pra Leste

#D - águas pra Leste?

#I - é

#D - quando diminui?

#I - as águas estão viradas pro Sul

#D - ah está legal existe alguma diferença entre as ondas? por exemplo tem uma umas pode ter uma pequena e uma muito grande tem alguma diferença?

#I - tem as ondas é às vezes de acordo com o vento, né se o vento é fraco as ondas são são baixas agora quando o vento é forte as as ondas aumentam o vento é que mexe com a com o mar

#D - e aqui o fundo do mar ele tem o quê? costuma ter o quê?

#I - tem lugares que tem cascalhos outros lugares é areia e tem a maioria dos lugares é lodo é lama

#D - mas dá pra pescar em qualquer lugar?

#I - dá pra pescar que desde que desde que não tenham pedras altas, né pra nossa pescaria não poder ter pedras altas pra onde tem pedras altas só pra pescar com rede de espera ou com anzol agora rede de arrasto não pode pescar onde tem pedras altas que a rede prende nas pedras

#D - e tendo um se bater um temporal e o senhor está dentro d'água o senhor tenta se esconder ou

#I - recolhe a rede o mais po/ o mais depressa possível pra procurar um abrigo

#D.- e que espécie de abrigo tem ao redor?

#I - são ilhas tem ilhas às vezes até um pro um até um navio serve de abrigo a gente entra no abrigo do navio e amarra com com temporal até a a Marinha tem aqui o Boqueirão tem esses lugares aqui proibidos mas quando quando há temporal eles são obrigados a dar o abrigo ao pescador ele o pescador encosta em qualquer lugar encosta e se apresenta lá às autoridades: sou pescador o temporal está aí eu não posso viajar e aí eles botam um homem lá tomando conta da gente

#D - ah sei

#I - botam um fuzileiro lá um policial lá qualquer lá pra tomar conta até o tempo/ o temporal passou a gente **pede** permissão a ele pra seguir viagem

#D - e é comum ter temporal por aqui?

#I - é só nessa época de verão sempre cai algumas trovoadas né aí quando vê a trovoada que ela está se preparando pra vir a gente já puxa a rede o - de camarão rede de espera bota pra dentro e procura o abrigo mais próximo

#D - e quando o senhor está lá bem pro oceano assim o senhor olha aqui pra onde tem as casas o senhor diz que tem algum nome?

#I - como assim?

#D - pra ver o senhor vê os morros o senhor vê as casas isso tem algum nome quando o senhor vê de longe?

#I - estão com com boa visibilidade né agora quando chove não há visibilidade a gente vai mais pelo pela prática

#D2 - mas o - lá de baixo o senhor olha aí diz assim diz o quê? vamos voltar pra pra onde que volta? lá está fora, né?
 #I - lá está fora
 #D2 - e pra lá?
 #I - vamos voltar pra terra
 #D2 - terra?
 #I - pra terra
 #D2 - está bom
 #D - e esse trecho aqui que tem na na Praia da Engenhoca é é o quê?
 #I - uma enseada
 #D - uma enseada?
 #I - é
 #D2 - o que que é uma enseada seu T.?
 #I - uma enseada é uma espécie de um um () geralmente quase geralmente quase todas ilhas têm fazem aquele ressaco como muita gente muitos tratam ressaco outros tratam enseada né é onde o lugar é mais calmo que tem mais abrigo pra vários tipos de vento né?
 #D - e tem mangue por aqui por perto?
 #I - aqui tem só aqui na na Marinha ali é proibido né que aqui nós está é reserva da Marinha né tanto que eles cercaram vocês vieram de ônibus por acaso?
 #D - viemos
 #I - não viram ali na Panamericana aquele muro que tem um muro? ali pra dentro é reserva da Marinha ali ninguém pode entrar ali tem
 #D - que tipo de animal dá ali?
 #I - ali tem a famosa garça-cor-de-rosa que só tem aqui e tem lá no Pantanal né tem vários tipos de garça tem a rosa tem a cinzenta e tem a branca né dá muito caranguejo né e vários tipos de aves marinhas que de dia de dia eles estão por aqui pescando por aqui e à noite eles todos se recolhem lá

1. Código no VARPORT	Itaocara - RJ
Op-B-90-3m-007	7.3 Idade
2. Variedade/Registro	71 anos
Popular/Informal	7.4 Sexo
3. Tipo de texto	Masculino
Diálogo entre Informante e Documentador	7.5 Profissão
4. Mês, ano e local da gravação	Pescador
Fevereiro de 1990. Itaocara-RJ	7.6 Nível de Instrução
5. Tema	3a série do Ensino Fundamental
Atividade Pesqueira	8. Código da Gravação
6. Acervo/Instituição de origem e código	Op-B-90-3m-007 -(G)
APERJ/UFRJ - ITO035C1	9. Tempo da Gravação
7. Informante	5 min
7.1 Iniciais do nome	10. Número de palavras
J. S. O.	732
7.2 Naturalidade	11. Observações

#I - hum dói 24 horas
 #D - poxa
 #D2 - mas o mandi não é uma espécie de bagre?
 #I - é espécie de um bagre mas ele é bem pequenininho não é ? é um peixinho
 #D2 - ah é um bagre pequeno?
 #I - é que o bagre é amarelinho ele não ele é é clarinho ele é de de couro igual o bagre mas só que tem que ele é clarinho
 #D2 - com barriga branca
 #I - e a gente pega ele ele vem todo todo cheio de estripulia no jeito de passar aquele ferrão na gente não é
 #D - ah tá agora tem quais são os peixes que normalmente são usados como isca?
 #I - ah nós usamos aí a acará o mandi
 #D - hum hum
 #I - o sairu o sairu pequeno
 #D - hum hum
 #I - sairu médio não é assim do tamaninho assim
 #D - hum hum
 #I - assim de uns dez centímetros menos até
 #D - hum hum
 #I - é que nós usamos pra isca né
 #D - e qual é aquele tipo de peixe que se o senhor pescar **joga** no rio de novo? Ou ou são ah ou qualquer peixe é pescado aqui?
 #I - não a gente aqui tem peixe que a gente que a gente solta pega e solta né?
 #D - hum hum
 #I - o mandi por exemplo nós não aproveitamos
 #D - hum hum
 #I - não é? só pra isca quando ele é maior a gente aproveita pra isca e e o outro peixe que a gente pega aqui que eu não falei ainda é o camboatá
 #D - ah sei
 #I - porque o camboatá a gente não aproveita
 #D - ah não? por quê? ele é ruim?
 #I - é porque ele é um peixe difícil de descascar ele é cascudo igual ao cascudo mesmo o caximbau
 #D - hum hum
 #I - mas ele é um peixe que dá num lugar de de lagoas parada
 #D - hum hum
 #I - lugar de tanques d'água né? cacimba parada que não põe pra fora
 #D - hum hum
 #I - costuma até aparecer ele lá
 #D - agora aqui dá camarão?
 #I - dá aqui em cima tem uma mina de camarão
 #D - e só tem um tipo de camarão?
 #I - só tem um tipo
 #D - como é que vocês chamam esse camarão?
 #I - nós tratamos ele de camarão aí muita gente que vem de fora diz que não é camarão é o pitu
 #D - ah quer di/ mas vocês chamam eles de camarão
 #I - nós tratamos de camarão
 #D2 - agora o que é essa mina de camarão que o senhor mencionou? mina? que que é mina?
 #I - mina é é um é um lugar apropriado pra eles viverem que lá é é uma é uma pedra toda perfurada cheia de fresta cheia de pedra solta e e em grande profundidade
 #D - hum hum
 #I - numa grande extensão do Paraíba não é?
 #D - hum hum
 #I - tanto faz do lado do canal que é a correnteza como do outro lado
 #D - hum hum
 #I - então eles vive ali
 #D - ah
 #D2 - e há muita quantidade de camarão?

#I - há muita quantidade até nós estamos nós estamos até pedindo pra pra a represa não sair aqui onde está permitida porque **vai acabar vai inundar** tudo

#D - ah tá

#I - então eles só vive em lugar de água forte água corrente né?

#D - é

#I - lá ele **vai ficar** água parada

#D - é eles

#I - é logo por baixo da represa onde é que **vão fazer** a a represa

#D - agora aqui tem algum bicho dentro d'água que estrague barco não?

#I - não não aqui tem o bicho mais mais ofensivo aqui ao homem é o jacaré

#D - é?

#I - que o jacaré quando quando ele está quando ele está criando

#D - hum hum

#I - ele corre atrás da gente

#D - mas aqui tem muito jacaré ainda?

#I - tem bastante jacaré

#D - ah é?

#I - tem ele ele rasga a rede às vezes ele persegue o barco né

#D - hum hum que qualidades de jacaré tem aqui ? vocês dão outro nome?

#I - só tem o jacaré amarelo

#D - ah é?

#I - é

#D - vocês chamam de jacaré amarelo?

#I - é nós tratamos de de-papo-amarelo

#D - papo-amarelo

#I - é

#D - agora quando o senhor vende seu seu peixe o senhor vende como? o senhor dá pra pra alguém como é que o pessoal normalmente faz pra vender o peixe ? dá pra alguém vender?

#I - aqui aqui eu não saio vendendo porque a gente pega pega pouco então sempre aparece um aí que quer comprar um peixinho pra revender né

#D - hum hum

#I - um ou outro a gente não tem comprador certo

#D - hum hum

#I - aí vende o o comprador mais certo que a gente pega aí uns peixinho aí e vende pra ele assim mesmo em pouca quantidade é esse lá de de de Providência em Minas

#D - hum hum

#I - que ele vem aqui em Itaocara buscar em Itaocara sempre ele pega oitenta quilo

#D - hum hum

#I - é aqui em casa ele pega aqui oito quilo de traíra

#D - hum hum

#I - sete quilo oito quilo quase que não compensa

#D - e quando quando o senhor vai pescar o senhor leva alguma coisa pra botar o peixe dentro?

#I - não senhora

#D - o senhor põe o peixe aonde?

#I - a gente leva um saco né

#D - hum hum

#I - a gente leva um saco por exemplo às vezes eu eu quero guardar um cascudo

#D - hum hum

#I - dum dia pro outro pra pra servir uma pessoa amiga

#D - hum hum

#I - aí eu vou lá ver a rede às vezes encontro uma meia dúzia e não dá

#D - hum hum

#I - que meia dúzia não dá dois quilo não é?

ANEXO C – PB escrito

PE ESCRITO

1. ANÚNCIOS	475
2. EDITORIAIS	482
3. NOTÍCIAS	489

1. ANÚNCIOS

1. CÓDIGO NO VARPORT	Anúncio
E-P-95-Ja-003	7. Secção e página
2. Natureza do texto	p.21
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	-
Diário de Notícias	9. Instituição de registo e cota/código
4. Periodicidade	Biblioteca Nacional
Diária	10. Número de palavras
5. Data e local	54
01.12.1979 - Lisboa	11. Observações
6. Tipo de texto	ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Anuncios \Diario_de_Noticias \dn19791201_pag21 \casamento.txt @t@bCASAMENTO@b@t

Jovem, 33 anos, trabalhando actualmente no estrangeiro, formação superior, boa apresentação, regressando breve a Portugal (Maio 1980), deseja corresponder-se c/ menina/senhora, dos 22 a 35 anos, boa apresentação, educada, para fins matrimoniais (no ano que vem). Agradeço fotografia, que **será** devolvida caso não interesse (mutuamente). Resposta ao Rossio, 11, ao nº 1411.

1. CÓDIGO NO VARPORT

E-P-95-Ja-012

Anúncio

2. Natureza do texto

7. Secção e página

Jornalístico

p.18

3. Fonte

8. Autor

Diário de Notícias

9. Instituição de registo e cota/código

4. Periodicidade

Biblioteca Nacional

Diária

10. Número de palavras

5. Data e local

169

01.02.1980 - Lisboa

11. Observações

6. Tipo de texto

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Anuncios \Diario_de_Noticias \dn19800201_pag18 \alfandega_de_leiloes.txt

@t@bALFÂNDEGA DE LISBOA LEILÕES@b@t

Conforme edital publicado no Diário da Republica((SIC)) III-Série, faz-se publico((SIC)) que quarta, quinta e sexta feira dias 6, 7 e 8 de Fevereiro p. f. pelas 14 horas, no Armazém de Leilões desta Alfândega sito na Rua do Jardim do Tabaco, 61, nesta cidade **será** iniciada a venda em hasta publica((SIC)) das mercadorias abaixo indicadas, que se encontram nos seguintes locais: - Entrepasto de Alcântara-Sul: juntas, artigos de ornamentação, papel de parede, material eléctrico, torneiras, dinamometro,((SIC)) móveis, colchões, tapetes, fitas magnéticas, sucata de ferro, lã, filtros, abrasivos, acessórios de automóvel, plástico em obra, pés de mesa, cadeiras, peças, tintas, baterias, ferramentas, fatos de mergulhador, escovas, parafusos, fio, calçado, borracha em folha, motores e sifões; Entrepasto Jardim do Tabaco: embalagens para supositórios, aparelhos de laboratório fotográfico, chapas de aço, lixa, tubos, válvulas, lã, rádios, mangueiras, bobines de plástico, parafusos, plástico em obra, livros, lâmpadas, fibras, objectos uso doméstico, tecidos, gravatas, traço, fio de cobre, torneiras, rebites, condensadores, candeeiros, válvulas para aerosol, rolamentos, <>

1. CÓDIGO NO VARPORT	6. Tipo de texto
E-P-95-Ja-018	Anúncio
2. Natureza do texto	7. Secção e página
Jornalístico	p.8
3. Fonte	8. Autor
Diário de Notícias	9. Instituição de registo e cota/código
4. Periodicidade	Biblioteca Nacional
Diária	10. Número de palavras
5. Data e local	382
01.06.1983 - Lisboa	11. Observações

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Anuncios \Diario_de_Noticias \dn19830601_pag8 \nova_vela.txt

@t@bNova vela Motorcraft Super uma revolução na concepção de velas de ignição.@b@t
 A Motorcraft apresenta uma nova vela com núcleo de cobre - a vela Motorcraft Super, superior em todos os aspectos. Testes rigorosos, em laboratórios e em estrada: provaram-no - a vela Motorcraft Super excede em duração todas as outras velas de cobre concorrentes. Por exemplo, comparando as velas Motorcraft Super com outras velas de cobre e depois de séries de testes de aproximadamente 20 000 km em estrada, resultou que as velas Motorcraft Super ficaram ainda para durar. A erosão do eléctrodo foi mínima, não tendo havido necessidade de qualquer substituição durante o teste. Quanto às velas concorrentes, elas apresentaram uma severa erosão do eléctrodo e até nalguns casos a desintegração do eléctrodo central. O que faz a vela Motorcraft Super durar mais do que as outras? Muito simplesmente, o especial "design" do eléctrodo, que a torna mais resistente.

O eléctrodo lateral e a parte externa do eléctrodo central são feitos duma resistente liga de níquel, crómio e ferro. Um isolador maior e um condutor de calor de cobre, introduzidos no eléctrodo central, asseguram um rendimento máximo apesar das grandes variações de temperatura do motor, o que faz com que as velas de cobre Motorcraft Super possam competir com as maiores exigências da condução dos nossos dias.

As velas Motorcraft Super têm uma muito maior resistência à formação de carvão que as velas normais. Isto é particularmente importante no frequente pára-arranca do trânsito de hoje e, assim, com velas Motorcraft Super você pode contar com um arranque fácil, um andamento suave e uma maior economia de combustível a todas as velocidades.

Há outras velas de cobre. Mas só a vela Motorcraft Super oferece todos os benefícios do "design" do núcleo de cobre e uma tão longa duração.

Por tudo isso, exija a nova vela Motorcraft Super; **poderá** reconhecê-la pelos seus três anéis vermelhos e pela letragem igualmente vermelha no isolador. E não esqueça, ela tem a garantia Ford

Sr Concessionário:

O agrado dos Clientes pela grande "performance" das velas Motorcraft Super vai reflectir-se no seu volume de vendas.Pense já em abastecer-se aproveitando as óptimas condições oferecidas pela Ford.

Motorcraft Super - a melhor vela do mundo!

@bPeças de qualidade para todos os carros. Motorcraft Ford
 GARANTIDO PELA FORD@b

1. CÓDIGO NO VARPORT

E-P-95-Ja-019

Anúncio

2. Natureza do texto

7. Secção e página

Jornalístico

p.12

3. Fonte

8. Autor

Diário de Notícias

9. Instituição de registo e cota/código

4. Periodicidade

Biblioteca Nacional

Diária

10. Número de palavras

5. Data e local

97

01.07.1984 - Lisboa

11. Observação

6. Tipo de texto

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Anuncios
 \Diario_de_Noticias \dn19840701_pag12 \cimpomovel.txt

@bcimpomóvel

@tNOVAS INSTALAÇÕES@t

Com vista a proporcionar aos seus estimados Clientes um cada vez melhor serviço de assistência após venda a CIMPOMÓVEL decidiu transferir a sua sede social, a partir de 2 de Julho, para Santa Iria de Azóia, onde **vai dispor** de instalações mais amplas, mais funcionais e devidamente apetrechadas.

Nesse novo edifício ficam instalados não só os escritórios centrais como também os serviços de peças e oficinas SCANIA.

cimpomóvel

Estrada Nac. nº10, ao km 14

Stª Iria da Azóia

2625 PÓVOA DE STª IRIA

2591219 - 2591551 - 2594005 - 2594287

Telex: 12298 CIMCAR P@b

1. CÓDIGO NO VARPORT

E-P-95-Ja-021

Diário de Notícias

2. Natureza do texto

4. Periodicidade

Jornalístico

Diária

3. Fonte

5. Data e local

01.07.1984 - Lisboa

6. Tipo de texto

Anúncio

7. Secção e página

p.22

8. Autor

9. Instituição de registo e cota/código

Biblioteca Nacional

10. Número de palavras

188

11. Observações

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Anuncios
 \Diario_de_Noticias \dn19840701_pag22 \anuncio.txt

@b@tANÚNCIO@t

Banco Português do Atlântico

União de Bancos Portugueses

Banco Pinto & Sotto Mayor

Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa

Crédito Predial Português

Banco Borges & Irmão

Banco Totta & Açores

Banco Nacional Ultramarino

Banco Fonseca & Burnay

ALIENAÇÃO DE PARTICIPAÇÕES DO SECTOR PÚBLICO NA NACIONAL RÁDIO, SARL@b

Aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada, que **deverão** ser entregues na Rua Eugénio de Castro, 352-2º, Porto, até ao dia 26 de Julho de 1984, para venda das participações das entidades acima referidas na empresa NACIONAL RÁDIO, SARL, num total de 28876 acções, que correspondem a 59,982% do capital social da empresa participada.

A alienação **será** feita por meio de negociação particular((SIC)) e face à proposta que melhores condições ofereça, encontrando-se as condições de alienação à disposição dos interessados nos balcões do Departamento de Títulos do BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO, sitos à Rua da Bandeira, 39 r/c, no Porto, e à Rua de S. Nicolau, 74 r/c, em Lisboa.

@bAs propostas recebidas **serão** abertas em sessão pública que **terá** lugar no próximo dia 27 de Julho de 1984, pelas 15 horas, na Rua Eugénio de Castro, 352-2º no Porto.@b

1. CÓDIGO NO VARPORT

E-P-95-Ja-024

Anúncio

2. Natureza do texto

7. Secção e página

Jornalístico

p.58

3. Fonte

8. Autor

Diário de Notícias

9. Instituição de registo e cota/código

4. Periodicidade

Biblioteca Nacional

Diária

10. Número de palavras

5. Data e local

73

16.08.1993 - Lisboa

11. Observações

6. Tipo de texto

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Anuncios
 \Diario_de_Noticias \dn19930816_pag58 \soflusa.txt

@b@tSOFLUSA@t

SOCIEDADE FLUVIAL DE TRANSPORTES, SA@b

(T. PAÇO-BARREIRO)

@bADMITE:

MARINHEIROS DE 2ª CLASSE@b

Os candidatos **deverão** possuir cédula marítima de Marinheiros de 2ª classe ou de Marinheiros de Tráfego Local.

As candidaturas **deverão** indicar além do nome:

Residência e telefone se possível

Idade

Habilitações escolares

Cédula Marítima

As candidaturas **poderão** ser entregues directamente ou enviadas pelo correio para o
 @bServiço de Recrutamento e Movimentação/DCP, Calçada do Duque, nº 20, 1294 Lisboa
 Codex.@b

1. CÓDIGO NO VARPORT

E-P-95-Ja-036

Anúncio

2. Natureza do texto

7. Secção e página

Jornalístico

Local, p.52

3. Fonte

8. Autor

Público

9. Instituição de registo e cota/código

4. Periodicidade

CRPC

Diária

10. Número de palavras

5. Data e local

80

Sábado, 23.09.2000 - Lisboa

11. Observações

6. Tipo de texto

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Anuncios \PUBLICO \pu20000923_p52loc \fundo_fundacao_oriente.txt

@t@bFundo Fundação Oriente \ Johnson & Johnson para a Saúde@b@t

Informamos os interessados que termina no próximo dia 30 de Setembro a segunda fase de candidaturas ao Fundo.

Os pedidos de informação ou as solicitações de formulários e regulamentos para a formalização da candidatura **deverão** ser dirigidos à Comissão do Fundo, presidida pelo senhor Prof. Doutor Jacinto Simões.

Para qualquer informação adicional ou apresentação de candidatura contacte:

Telefone.:213585200; Fax.: 213534746;

e-mail: fundoriente@mail.telepac.pt

Rua do Salitre, nº 62

1260-065 Lisboa

2. EDITORIAIS

1. CÓDIGO NO VARPORT

Editorial

E-P-95-Je-002

7. Secção e página

2. Natureza do texto

-

Jornalístico

8. Autor

3. Fonte

José António Saraiva

Expresso

9. Instituição de registo e cota/código

4. Periodicidade

CRPC-J45031OC

Semanal

10. Número de palavras

5. Data e local

706

Sábado, 06.09.1997 - Lisboa

11. Observações

6. Tipo de texto

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Editoriais \Expresso \ex19970906.txt

@t@bSentimento de culpa@b@t

A SOCIEDADE ocidental olhou-se ao espelho, nos dias que se seguiram à trágica morte da Princesa de Gales, e não gostou do que viu. Porque o impulso inicial, primário e consolador, de inculpar os «paparazzi» que seguiam o carro de Diana deu rapidamente lugar à denúncia das publicações que recebem essas fotografias furtivas e, em última e desconfortante análise, à co-responsabilização dos milhões de leitores que compram essa imprensa e justificam a actividade dos «paparazzi». Todos se sentiram culpados.

A onda de emoção que varreu o mundo nestes dias explica-se pelo facto de, na era das imagens e da informação global em que vivemos, Diana se ter tornado a celebridade mais mediática do planeta. A sua figura, distante e próxima, de «top model» associada à de princesa de um conto de fadas tornou-se familiar em milhões de casas, através das televisões ou dos jornais - da Europa aos Estados Unidos, da China a África, da América do Sul ao Japão. E as manifestações de pesar e dor multiplicaram-se em incontáveis países de todos os continentes.

A força da sua imagem de beleza e juventude tornou-se de tal forma íntima e impressionante no imaginário e nos corações do público que mereceu honras e homenagens que, porventura, nenhum líder mundial **terá** recebido no momento da sua morte. De Mandela a Clinton, de Ieltsin a Chirac, quase todos os grandes do mundo se sentiram na obrigação de glorificar Diana e darem uma satisfação à opinião pública dos seus países.

MAS a comoção que abalou o planeta - e as impressionantes manifestações públicas que antecederam e rodearam o funeral, nas ruas de Londres - também encontra razões no sentimento de culpa colectivo de uma sociedade que se habituou a ter um acesso quase instantâneo a toda a informação e a poder ver tudo. E que exige ver sempre mais. Em particular, a possibilidade de espreitar a vida íntima dos ricos e famosos.

<>

1. CÓDIGO NO VARPORT

Editorial

E-P-95-Je-004

7. Secção e página

2. Natureza do texto

Nacional

Jornalístico

8. Autor

3. Fonte

-

Expresso

9. Instituição de registo e cota/código

4. Periodicidade

CRPC, J47310

Semanal

10. Número de palavras

5. Data e local

453

Sábado, 14.02.1998 - Lisboa

11. Observações

6. Tipo de texto

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Editoriais \Expresso \ex19980214.txt

@CIT@i«A concepção é o momento único, sublime, magnífico, em que a vida humana começa, pela simples razão de que aí se inicia um processo que, se não for interrompido, **dará** inexoravelmente origem a um ser humano. Interromper esse processo é negar uma vida. É um atentado contra a vida.»@i@TIC

@t@bA escravatura da maternidade@b@t

VOLTAMOS ao tema do aborto, que continua a incendiar os espíritos.

Para o discutir seriamente, é preciso primeiro entendermo-nos sobre o momento em que começa a vida.

E, aí, só por hipocrisia ou para tranquilizar a consciência **poderemos** negar que a vida começa no momento da concepção.

Não começa às cinco semanas, nem às dez, nem às vinte, nem na altura do parto: começa no momento da concepção.

A concepção é o momento único, sublime, magnífico, em que a vida humana começa, pela simples razão de que aí se inicia um processo que, se não for interrompido, **dará** inexoravelmente origem a um ser humano.

Interromper esse processo é negar uma vida.

É um atentado contra a vida.

É, portanto, um acto insusceptível de deixar de ser considerado crime.

As leis têm de se fundar em valores - e a vida humana é um valor absoluto contra o qual é inadmissível atentar.

Mas - como escrevemos na semana passada -, se a lei não pode deixar de ter em conta os valores, a aplicação da lei não pode deixar de ter em conta as circunstâncias.

Ninguém contesta, por exemplo, que a lei puna o roubo.

Mas há uma diferença abissal entre um ser esfomeado que rouba uma maçã para comer e um vândalo que rouba uma caixa de fruta para a destruir.

Ninguém contesta que a lei puna o homicídio.

Mas há uma diferença abissal entre um homem que dispara contra outro que lhe aponta uma arma e um assassino que mata a sangue-frio um indivíduo desarmado.

Ora, do mesmo modo que o facto de haver pessoas com fome não nos conduz a despenalizar o roubo mas apenas a considerar que o juiz, quando julgar esses casos, deve ter em conta as

circunstâncias, o facto de haver mulheres que abortam por razões compreensíveis não nos deve conduzir a despenalizar o aborto.

<>

_COD

| PRIMEIRA PÁGINA || REVISTA || OPINIÃO || POLÍTICA ||
SOCIEDADE |

| ECONOMIA || INTERNACIONAL || DESPORTO || CARTAZ || VIDAS |

Última actualização em 14/2/98 às 05:54:19.

Copyright 1998 Sojornal. Todos os direitos reservados.

Seleccione para obter informações sobre publicidade.

Pedidos de informação para info@mail.expresso.pt.

Mantido por webmaster@mail.expresso.pt.

Desenvolvido por Neurónio.

1. CÓDIGO NO VARPORT

E-P-95-Je-006	Editorial
2. Natureza do texto	7. Secção e página
Jornalístico	Nacional
3. Fonte	8. Autor
Expresso	-
4. Periodicidade	9. Instituição de registo e cota/código
Semanal	CRPC, J48059
5. Data e local	10. Número de palavras
Sábado, 21.03.1998 - Lisboa	381
6. Tipo de texto	11. Observações

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Editoriais \Expresso \ex19980321.txt

@CIT@i«É esta, hoje, a questão. E a impressão que temos, a esse respeito, é que alguma coisa na imagem e na respeitabilidade de Clinton se quebrou. Tudo se passa como uma peça de loiça que se parte e que, por muito cuidadosa que seja a colagem dos fragmentos, nunca volta a ser a mesma.»@i@TIC

@t@iComeça a ser demais@i@t

HÁ seis semanas escrevemos em Editorial: @CIT@b«Soam a falso os milhões de artigos escritos 'a sério' sobre os escândalos sexuais do Presidente dos Estados Unidos»@b@TIC.

Hoje, porém, depois de mais um suposto escândalo envolvendo uma mulher que foi pedir emprego a Bill Clinton e que este abusivamente **terá apalpada**, dizemos: começa a ser demais.

Da primeira vez, com Gennifer Flowers, tratava-se de um caso relacionado com uma ex-cantora de «cabaret».

Da segunda vez, o escândalo envolvia uma mulher - Paula Jones - cuja imagem não suscitava confiança.

Da terceira vez, estávamos perante um episódio despoletado por confidências entre amigas, o que suscitava sempre reservas.

Já vamos, contudo, na quarta vez...

Agora, já não se trata de saber se Bill Clinton foi ou não foi infiel a Hillary.

Se Bill Clinton mentiu ou não mentiu à América.

Agora, trata-se da própria imagem de Clinton que começa a desagregar-se - porque as sucessivas acusações de que foi alvo lhe retiraram credibilidade.

A verdade é que o próprio nome de Clinton já é motivo de risos e olhares cúmplices.

As anedotas sobre Clinton sucedem-se.

Ora, pode um homem nestas condições continuar a ser Presidente dos Estados Unidos?

Terá ainda a figura de Clinton a respeitabilidade suficiente para continuar a ser o líder da maior potência mundial?

Continuará a ser Clinton olhado como o homem cujas decisões os americanos estão dispostos a seguir?

É esta, hoje, a questão.

E a impressão que temos, a esse respeito, é que alguma coisa na imagem e na respeitabilidade de Clinton se quebrou.

Tudo se passa como uma peça de loiça que se parte e que, por muito cuidadosa que seja a colagem dos fragmentos, nunca volta a ser a mesma.

Por muito que recupere o seu prestígio, por muito bem que o seu «marketing» e os seus advogados funcionem, a imagem de Bill Clinton como símbolo da América jovem, optimista, franca e pura perdeu-se para sempre.

_COD

| PRIMEIRA PÁGINA || REVISTA || OPINIÃO || POLÍTICA ||
SOCIEDADE |

| ECONOMIA || INTERNACIONAL || DESPORTO || CARTAZ || VIDAS |

Última actualização em 21/3/98 às 07:47:40.

Copyright 1998 Sojornal. Todos os direitos reservados.

Seleccione para obter informações sobre publicidade.

Pedidos de informação para info@mail.expresso.pt.

Mantido por webmaster@mail.expresso.pt.

Desenvolvido por Neurónio.

1. CÓDIGO NO VARPORT	6. Tipo de texto
E-P-95-Je-007	Editorial
2. Natureza do texto	7. Secção e página
Jornalístico	Nacional
3. Fonte	8. Autor
Expresso	9. Instituição de registo e cota/código
4. Periodicidade	CRPC, J49362
Semanal	10. Número de palavras
5. Data e local	315
Sábado, 05.06.1999 - Lisboa	11. Observações

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Editoriais \Expresso \ex19990605.txt

@CIT@i«O ex-ministro foi apenas leviano; os deputados foram mais do que isso - porque divulgaram o documento com o intuito deliberado de comprometer o ministro, não hesitando para isso em prejudicar o Estado.»@i@TIC

@t@bO crime dos deputados@b@t

O EX-MINISTRO da Defesa, Veiga Simão, cometeu uma imprudência ao enviar para o Parlamento um relatório sobre os serviços secretos militares que incluía os nomes de todos os agentes.

Veiga Simão devia saber que distribuir um documento aos deputados é o mesmo que apresentá-lo na praça pública.

Mas **será** isto correcto?

Deveremos conformar-nos com este estado de coisas?

Julgamos que não.

Entendemos que os deputados devem ter certas prerrogativas, como o acesso a informação «confidencial» e «secreta», que os colocam em situação privilegiada relativamente ao cidadão comum.

Só assim, aliás, poderão decidir de forma responsável.

Mas, exactamente por isso, não é legítimo que se comportem depois como cidadãos comuns - divulgando sem quaisquer reservas a informação qualificada a que acederam.

No caso do relatório sobre os serviços secretos militares - e a ser verdade que a fuga de informação partiu de membros do Parlamento - deve considerar-se que o seu comportamento foi irresponsável e lesivo dos interesses do Estado.

Colocar à disposição de jornalistas um documento onde se referem os nomes, as funções e os vencimentos dos funcionários de um serviço secreto é um acto condenável e incompreensível.

Tão condenável que os jornalistas se sentiram na obrigação de respeitar a confidencialidade do relatório, não divulgando os nomes dos agentes ou tapando-os nas reproduções «fac-similadas».

Veiga Simão foi forçado a demitir-se por ter enviado o relatório do SIEDM à Assembleia sem quaisquer cautelas.

Deve dizer-se, no entanto, que o crime principal não foi dele.

O ex-ministro foi apenas leviano; os deputados foram mais do que isso - porque divulgaram o documento com o intuito deliberado de comprometer o ministro, não hesitando para isso em prejudicar o Estado.

_COD

| PRIMEIRA PÁGINA | | REVISTA | | OPINIÃO | | POLÍTICA | | SOCIEDADE | | ECONOMIA | | INTERNACIONAL | | DESPORTO | | CARTAZ | | VIDAS |

Última actualização em 5/6/99 às 04:18:20.

Copyright 1999 Sojornal. Todos os direitos reservados.

Seleccione para obter informações sobre publicidade.

Pedidos de informação para info@mail.expresso.pt.

Mantido por webmaster@mail.expresso.pt.

Desenvolvido por Neurónio.

1. CÓDIGO NO VARPORT

E-P-95-Je-008	Editorial
2. Natureza do texto	7. Secção e página
Jornalístico	Nacional
3. Fonte	8. Autor
Expresso	-
4. Periodicidade	9. Instituição de registo e cota/código
Semanal	CRPC, J49726
5. Data e local	10. Número de palavras
Sábado, 17.07.1999 - Lisboa	504
6. Tipo de texto	11. Observações

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Editoriais \Expresso \ex19990717.txt

@CIT@i«A diversidade, a variedade e a maleabilidade do EXPRESSO dão-lhe possibilidades quase inesgotáveis de adaptação a situações novas e de resposta a necessidades diferentes. E já provámos que tudo isto pode ser feito conservando a fidelidade dos leitores, garantindo a identidade do projecto e respeitando a matriz da fundação.»@i@TIC

@t@bUm jornal para o século XXI@b@t

OS RESULTADOS do primeiro semestre indicam que o ano de 1999 **será** provavelmente o melhor ano da história do EXPRESSO - o que nos **levará** a entrar no ano 2000 com um enorme capital de esperança.

As tiragens e as vendas do jornal situam-se nos valores mais altos de sempre - verificando-se neste momento, em relação ao ano passado, um aumento de 20 mil exemplares semanais, o que representa um acréscimo de 15%.

E se tivermos em conta que o patamar em que nos situamos já é, para o mercado português, altíssimo, estes números assumem ainda maior significado.

Por outro lado, em termos financeiros, os resultados de 1999 são também os melhores da nossa história: só num mês - o mês de Maio - as receitas resultantes da publicidade e das vendas do jornal ultrapassaram o milhão de contos.

Estes números reflectem a força da imprensa escrita e a sua capacidade para se projectar no futuro.

E mostram, ao mesmo tempo, o êxito de uma fórmula.

Nos últimos anos, o EXPRESSO tem desenvolvido o conceito de jornal capaz de interessar a diferentes públicos.

Em lugar de se definir um leitor-tipo a quem o jornal se dirige, procura-se fazer um jornal capaz de interessar a públicos distintos e com interesses diversificados.

Esse objectivo é facilitado pelo facto de dispormos de vários cadernos.

O 2º Caderno, dedicado à economia e à política internacional, **será lido** por um grupo de leitores que não **coincidirá** exactamente com o que lê o Cartaz; e os leitores deste não **serão** exactamente os mesmos do Vidas.

Temos, além disso, cadernos em papel de jornal - vocacionados para a publicação da notícia ou do comentário de actualidade - e cadernos em papel de revista - abertos a temas como a reportagem, que pressupõem um recurso abundante à imagem.

E este casamento do papel de jornal com o papel - mais sofisticado - de revista possibilita uma variedade de «andamentos» e confere ao jornal uma grande maleabilidade, permitindo-lhe adaptar-se a situações e a tipos de jornalismo diferentes.

<>

_COD

| PRIMEIRA PÁGINA || REVISTA || OPINIÃO || POLÍTICA || SOCIEDADE || ECONOMIA ||
INTERNACIONAL || DESPORTO || CARTAZ || VIDAS |

Última actualização em 17/7/99 às 20:45:33.

Copyright 1999 Sojornal. Todos os direitos reservados.

Seleccione para obter informações sobre publicidade.

Pedidos de informação para info@mail.expresso.pt.

Mantido por webmaster@mail.expresso.pt.

Desenvolvido por Neurónio.

1. CÓDIGO NO VARPORT

Editorial

E-P-95-Je-010

7. Secção e página

2. Natureza do texto

-

Jornalístico

8. Autor

3. Fonte

-

Expresso

9. Instituição de registo e cota/código

4. Periodicidade

CRPC, J43160

Semanal

10. Número de palavras

5. Data e local

402

Sábado, 01.08.2000 - Lisboa

11. Observações

6. Tipo de texto

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Editoriais \Expresso \ex20000801.txt

@CIT@i«A carreira e o rosto de Vladimir Putin transmitem a ideia de um burocrata frio e implacável - e o pior que as sociedades humanas podem produzir são burocratas com um imenso poder.»@i@TIC @t@bO sonho de Putin@b@t

O HOMEM que está hoje ao leme de um dos maiores países do mundo é um desconhecido.

Sabe-se que trabalhou no KGB, tendo vivido vários anos em Bona, integrado no aparelho da embaixada soviética, onde nunca se distinguiu.

Um seu superior recorda que ele @TIC@b«se limitava a fazer recortes de jornais, sem recolher informações directas».@b@TIC

Em meados de 1990 regressou à sua terra, S. Petersburgo, onde se tornou número dois do presidente da câmara local, cargo que desempenhou até 1996.

Só nessa altura foi para Moscovo onde, pela mão de um político seu conhecido, começou a trabalhar no Kremlin.

Ora é este homem - que há pouco mais de três anos era o cinzento adjunto do presidente de uma câmara, que até aí não se distinguira em lugar nenhum, que quase não conhecia Moscovo, que

chegou ao Kremlin sem ter sido número um de coisa nenhuma, - que agora ocupa a Presidência da Rússia.

Trata-se de um risco enorme.

Porque a carreira e o rosto de Vladimir Putin transmitem a ideia de um burocrata frio e implacável - e o pior que as sociedades humanas podem produzir são burocratas com um imenso poder.

Ainda por cima o novo Presidente russo chega à liderança do Kremlin numa época de grandes incertezas e indefinições.

Os Estados Unidos dirigem hoje sozinhos a política mundial - mas ninguém acredita que esta situação seja durável.

A tendência é para o mundo ser bipolar.

Em todos os países há Governo e oposição, em todas as instituições há duas correntes que se confrontam, na ordem divina há Deus e o Diabo.

Mais tarde ou mais cedo **surgirá** pois, inevitavelmente, no palco planetário, uma potência ou um conjunto de potências que se **constituirão** como alternativa à liderança solitária dos Estados Unidos. Isto é certo.

E um dos principais protagonistas deste rearranjo de forças **será** seguramente a Rússia - pelo seu passado, pela sua dimensão e pelo seu poderio, quando este puder ser reabilitado.

É isto o que **irá** certamente tentar Putin - sem contemplações, sem olhar a meios, friamente.

Fazendo as alianças que se revelem necessárias - e não, como fez Ieltsin, procurando mostrar-se um bom aluno do «amigo americano».

_COD

| PRIMEIRA PÁGINA | | REVISTA | | OPINIÃO | | PAÍS | | ECONOMIA | | INTERNACIONAL | | DESPORTO | | CARTAZ | | VIDAS |

Última actualização em 8/1/100 às 04:51:27.

Copyright 2000 Sojornal. Todos os direitos reservados.

Seleccione para obter informações sobre publicidade.

Pedidos de informação para info@mail.expresso.pt.

Mantido por webmaster@mail.expresso.pt.

Desenvolvido por Neurónio.

3. NOTÍCIAS

1. CÓDIGO NO VARPORT

E-P-95-Jn-001

2. Natureza do texto

Jornalístico

3. Fonte

Diário de Notícias

4. Periodicidade

Diária

5. Data e local

11.01.1981 - Lisboa

6. Tipo de texto

Notícia

7. Secção e página

p.5

8. Autor

-

9. Instituição de registo e cota/código

219

CRPC, J105

11. Observações

10. Número de palavras

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Noticias \Diario_de_Noticias \dn19810111.txt

O presidente do Afeganistão, Babrak Karmal, recebeu, sexta-feira, uma delegação de deputados trabalhistas britânicos, com os quais analisou questões de interesse mútuo e a situação internacional, informou a agência Tass.

Durante uma conferência de Imprensa dada em Cabul, e transmitida pela rádio soviética, os três deputados, Ron Brown, Allan Roberts e Robert Litherland, afirmaram que a sua ida ao Afeganistão tinha por finalidade «preparar um relatório objectivo sobre a situação no país» onde, acrescentaram, «tinham sido recebidos com excepcional calor e cordialidade.

«Em Cabul avistámo-nos com autoridades, passeámos pelas ruas da cidade, conversámos com transeuntes, comerciantes e pessoas comuns. Verificámos que o país leva uma vida normal de trabalho.»

«Na Inglaterra ouvimos muitas coisas diferentes sobre a situação no Afeganistão. Devemos dizer que tudo quanto vimos aqui não corresponde de modo algum, com o que se diz no Ocidente sobre este país».

«Actualmente, quando as relações entre o Leste e o Oeste se agravaram, é muito importante que as pessoas saibam a verdade sobre os acontecimentos que estão a ocorrer no mundo e no Afeganistão, em particular» - afirmou Roberts, acrescentando: «Se conseguirmos fazer pelo menos um pouco neste sentido, **teremos dado** a nossa contribuição à causa do fortalecimento da paz.»

Os deputados britânicos encontram-se no Afeganistão a convite da organização deste país para a paz, solidariedade e amizade.

1. CÓDIGO NO VARPORT

Notícia

E-P-95-Jn-005

7. Secção e página

2. Natureza do texto

-

Jornalístico

8. Autor

3. Fonte

-

Diário de Notícias

9. Instituição de registo e cota/código

4. Periodicidade

CRPC, J2285

Diária

10. Número de palavras

5. Data e local

349

01.05.1986 - Lisboa

11. Observações

6. Tipo de texto

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Noticias \Diario_de_Noticias \dn19860501.txt

O CONSELHO de Ministros aprovou, ontem, um decreto-lei que introduz alterações ao Código do Imposto Profissional, ajustando o «limite de isenção ao mínimo de existência» e «desagravando fortemente a tributação dos rendimentos do trabalho», na sequência, aliás, da publicação da lei do Orçamento do Estado.

O comunicado da reunião refere que a pronta aprovação do diploma **permitirá** que os cidadãos sejam reembolsados por aquilo que pagaram em excesso nos primeiros meses do ano, tendo o ministro Fernando Nogueira admitido que tal possa ocorrer ainda no mês de Maio.

O novo regime jurídico da Enatur foi igualmente objecto de aprovação pelo Conselho de Ministros, visando reconduzir a acção da empresa a «@CITobjectivos mais consentâneos com as realidades actuais@TIC» e «@CITcometendo-lhe importantíssimas funções no domínio da actividade turística nacional@TIC».

A incorporação no património do Estado do edifício-sede, arquivos e biblioteca da extinta Empresa Pública do Jornal O Século foi também objecto de resolução governamental.

Simultaneamente, o Conselho de Ministros decidiu transferir para a Direcção-Geral da Comunicação Social o acompanhamento da última fase do processo de liquidação, com a consequente extinção da Comissão Liquidatária da Empresa Pública do Jornal O Século, «@CITo que representa uma poupança de 900 contos por mês dos dinheiros públicos@TIC».

O alargamento do âmbito de qualificação de autoprodutor da energia eléctrica, de modo a aproveitar as iniciativas num domínio em que o País é fortemente dependente do exterior, foi igualmente decidido pelo Governo. Com esta medida visa-se o melhor aproveitamento dos recursos enegéticos, nomeadamente pequenos recursos hídricos.

O ministro Miguel Cadilhe deu a conhecer ao Governo o modo como decorreu a reunião dos responsáveis da Economia e das Finanças da CEE, que se realizou na passada segunda-feira, no Luxemburgo.

Nessa reunião, e de acordo com o comunicado do Conselho de Ministros, o responsável português pelas Finanças defendeu que «@CITo peso do passado, isto é, compromissos e políticas comunitárias assumidos antes da entrada de Portugal na CEE, não **deverão** prejudicar as novas acções dos fundos estruturais, que muito interessam a Portugal. Esta posição@TIC», acrescenta o Governo, «@CITmereceu bom acolhimento, indicando que os interesses do nosso país estão devidamente salvaguardados@TIC».

1. CÓDIGO NO VARPORT	6. Tipo de texto
E-P-95-Jn-004	Notícia
2. Natureza do texto	7. Secção e página
Jornalístico	Nacional, p.3
3. Fonte	8. Autor
Diário de Notícias	9. Instituição de registo e cota/código
4. Periodicidade	CRPC, J1912
Diária	10. Número de palavras
5. Data e local	172
02.02.1985 - Lisboa	11. Observações

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Noticias \Diario_de_Noticias \dn19850202.txt

A EVENTUAL abertura de uma Embaixada saudita em Portugal **será** um dos temas a abordar pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, que parte para uma visita oficial de três dias à Arábia Saudita, donde **seguirá** para o Barheim e Emirados Árabes Unidos, soube-se de fonte oficial. Jaime Gama, que é o primeiro membro do Governo português a visitar oficialmente a Arábia Saudita, desde que, em 1980, foram reatadas as relações diplomáticas entre os dois países, torna assim efectivo um convite que oportunamente lhe fora feito pelo seu homólogo saudita, Seud al Faiçal, com quem **manterá** conversações.

Estão em agenda, entre outros assuntos, a situação da balança comercial, altamente deficitária para o nosso país, a posição de Portugal perante o conflito israelo-árabe e a guerra entre o Irão e o Iraque. Também **poderão** vir a ser afloradas a questão palestiniana (e mais concretamente as relações com a OLP), a situação na África Austral, sabendo-se que a Arábia Saudita possui duas fundações destinadas à cooperação com a África, e a situação do Magrebe

1. CÓDIGO NO VARPORT

	Notícia
E-P-95-Jn-009	7. Secção e página
2. Natureza do texto	-
Jornalístico	8. Autor
3. Fonte	Domingos Amaral
Diário de Notícias	9. Instituição de registo e cota/código
4. Periodicidade	CRPC
Diária	10. Número de palavras
5. Data e local	460
09.07.1997 - Lisboa	11. Observações
6. Tipo de texto	

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Noticias \Diario_de_Noticias \dn19970709.txt

@dDN9 de Julho de 1997@d

@t@bA "guerrilha económica" que vai moendo o nosso Governo@b@t

Num país onde a macroeconomia vai tão bem, com a inflação estável e rasteirinha como há muito não se via, com o desemprego a descer, a taxa de câmbio segura e a taxa de juro serena e a baixar lentamente, não deixa de ser motivo de alguma perplexidade que os maiores problemas do Governo sejam económicos. São problemas com empresas, com impostos, com fundos.

Problemas que moem devagar, sem pressas, mas também sem pausas, a popularidade de um governo. Se a macroeconomia é o motivo de orgulho de Guterres e seus pares, já a microeconomia é motivo de pesadelos para os mesmos. Os problemas espalham-se, e quem melhor que os telejornais para reflectirem e mostrarem o vírus.

Não passa um dia sem que a SIC, a RTP e a TVI passem as pequenas misérias que vão assaltando o País, num tempo de falsa tranquilidade. Senão vejamos: - Há algumas semanas começaram os

folhetins Torralta e Grande Prémio de Fórmula 1, nos quais se consumiu prestígio e se consumiu um ministro, Augusto Mateus.

- O folhetim pilotos da TAP versus administração continua. Depois da comédia da greve ainda não se encontrou uma solução, e volta o tempo das novas ameaças de greve.

- Veio depois a questão do aumento do preço da gasolina, mal explicada, divisionista. Um desejo de aumento, que não chegou a acontecer, veio a público e apenas serviu para mais uma facada na popularidade do Governo.

- A colecta mínima foi mais um passo em falso. Primeiro avisa-se os contribuintes da nova obrigação, depois recua-se, com temor de revoltas civis e perda de percentagens nas sondagens. Pelo meio perde-se a confiança dos portugueses, que passam a perceber a distância que vai entre a palavra intenção e a palavra capacidade.

- Mas há mais. Os comerciantes zangam-se com a despenalização dos cheques pré-datados, pois ficam sem uma solução para as suas vendas. Saem estatísticas apocalípticas sobre a falência dos sectores metalúrgico e metalomecânico do País. Os mineiros de uma empresa participada pelo Estado recusam-se a "aumentar a competitividade" e entram em greve, que não tem um fim marcado. E da Europa chega a notícia de que os fundos estruturais para Portugal **vão diminuir**, e muito.

Os telejornais cumprem a sua função, e falam sobre tudo isto. Uma a uma, estas parecem ser as notícias dos dias que passam. Mas quando se somam, e se acumulam, nota-se que valem mais todas somadas do que consideradas uma a uma. E fazem estragos. São uma espécie de "guerrilha micro", o atrito permanente de um país com o seu governo. Não matam mas moem. Sem pressas, mas também sem pausas.

@iDomingos Amaral escreve esta coluna de segunda a sexta-feira@i

1. CÓDIGO NO VARPORT

Notícia

E-P-95-Jn-010

7. Secção e página

2. Natureza do texto

-

Jornalístico

8. Autor

3. Fonte

-

Diário de Notícias

9. Instituição de registo e cota/código

4. Periodicidade

CRPC, J40162

Diária

10. Número de palavras

5. Data e local

353

13.08.2000 - Lisboa

11. Observações

6. Tipo de texto

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Noticias \Diario_de_Noticias \dn20000813.txt

@d13 de Agosto de 2000@d

@t@bPobreza leva 150 mil crianças a fugir de casa na China@b@t

Cerca de 150 mil crianças chinesas fugiram de casa devido à pobreza ou aos maus tratos das famílias. Segundo um estudo oficial do Ministério dos Assuntos Cívicos, "a maioria procede de zonas rurais, é analfabeta e tem entre oito e 15 anos". O Ministério diz que devido ao problema, o Governo

chinês "criou 79 centros de acolhimento para meninos de rua onde eles recebem cuidados médicos e educação".

@t@bAbatidos em França 130 cães perigosos desde Janeiro@b@t

Cerca de 130 cães perigosos foram abatidos em França desde que, em Janeiro, entrou em vigor uma lei referente àqueles animais. Segundo as estatísticas, as autoridades referenciaram, no mesmo período, 368 pessoas mordidas por cães perigosos. A nova lei visa o controlo mais severo dos cães de ataque e a erradicação dos pitbulls, que, desde Janeiro, têm de ser esterilizados.

@t@bChuvas de monção desalojam mais de 700 mil pessoas@b@t

Mais de 700 mil pessoas foram obrigadas a abandonar as suas casas devido às inundações provocadas pelas chuvas de monção no Bangladesh, informaram ontem as autoridades. Os deslocados fogem para os pontos mais altos, esperando que o nível das águas volte a descer. Pelo menos uma dezena de pessoas morreu, arrastada pelas fortes correntes de alguns rios.

@t@bBritânico afoga-se ao tentar obter a mão da amada@b@t

Um britânico de 31 anos afogou-se ao tentar atravessar a nado um rio para conseguir a mão da sua amada, revelou, na sexta-feira, a imprensa local.

Paul McGrewgor propôs-se atravessar o rio Trent, no Centro de Inglaterra, pois Emma Priestley, de 19 anos, prometeu casar com ele como recompensa. A meio do caminho afogou-se e o corpo só foi encontrado no dia seguinte.

@t@bUma serpente pitão devora trabalhador da Shell na Nigéria@b@t

Uma serpente pitão devorou um trabalhador da Shell na Nigéria. Segundo a emissora Raypower, de Lagos, o incidente ocorreu quando George Otoh deixou a exploração onde trabalhava, em Egdema-Ogba, para almoçar, sendo surpreendido pelo réptil. Quando os vizinhos, que ouviram gritos a pedir socorro, chegaram ao local, a serpente já tinha engolido a presa.

1. CÓDIGO NO VARPORT

Notícia

E-P-95-Jn-011

7. Secção e página

2. Natureza do texto

Astronomia, p.26

Jornalístico

8. Autor

3. Fonte

Máximo Ferreira

Público

9. Instituição de registo e cota/código

4. Periodicidade

CRPC, J2858

Diária

10. Número de palavras

5. Data e local

585

13.03.1992 - Lisboa

11. Observações

6. Tipo de texto

ficheiro: \home \corpus \VARPORT \ESCRITO \PORTUGAL \secXX \1975_2000 \Noticias \PUBLICO \pu19920313.txt

A TERRA está a ultrapassar o planeta gigante do sistema solar, circunstância que só ocorre quando, no seu permanente movimento orbital, o nosso planeta passa entre aquele planeta e o Sol. É sabido que uma observação continuada dos planetas visíveis em certa época do ano nos permite verificar

que eles alteram, embora muito lentamente, as posições respectivas relativamente às estrelas que, para intervalos de tempo curtos, se podem considerar fixas.

Tais deslocamentos resultam, como é óbvio, não só do próprio movimento do planeta em observação, mas também daquele que a Terra descreve em volta do Sol. Trata-se afinal de uma composição dos dois movimentos, do que resultam situações de algum modo curiosas, em particular por os planetas observados, a partir no nosso habitual local de observação, se deslocarem por vezes, em sentido contrário ao habitual.

No caso daqueles situados entre a Terra e o Sol - Mercúrio e Vénus - essas "laçadas", como em tempos se lhes chamava, envolvem o Sol, razão por que se avistam ora à esquerda ora à direita do Sol e, por isso, são observáveis à tarde ou de madrugada, respectivamente. Para os planetas exteriores ao nosso, as "laçadas", ou "retrogradações", ocorrem numa direcção diametralmente oposta ao Sol, e por isso são mais facilmente observáveis, apresentando uma amplitude na esfera celeste tanto menor quanto maior a distância a que se encontrarem.

A figura de cima recorda o facto de, por viajarmos mais rapidamente que Marte, Júpiter ou Saturno, verificarmos que eles diminuem os seus deslocamentos na esfera celeste a partir da posição do nosso planeta referenciada por (1). Ao alcançarmos a posição (2) vemo-lo como que a andar para trás, para, depois da posição (6), retomar o normal sentido de deslocamento.

Embora sejam das retrogradações de Marte os registos mais antigos encontrados em tábuas de argila na Babilónia, e o facto de sua amplitude e frequência terem permitido a Kepler estabelecer a sua teoria para os movimentos dos componentes do sistema solar, é Júpiter que nesta época está em posição ideal para nos oferecer o passatempo interessante de verificarmos como muda sensivelmente de posição. De recordar que a afirmação frequente de que os planetas se movem, leva, com frequência, à suposição de que, olhando para o céu, os veríamos a moverem-se, o que não corresponde à realidade, mesmo no caso de Mercúrio ou Vénus, que se deslocam mais rapidamente. Júpiter, que há meses brilha na constelação do Leão, alcançou a posição oposta ao Sol em 29 de Fevereiro último, e surge agora com brilho intenso, e bem alto no céu, logo ao princípio das noites desta época. Nesta ocasião ele executa mais uma das suas retrogradações, como já se referiu. Em Janeiro, estava praticamente na direcção da estrela onde os antigos viam uma das patas traseiras do Leão deslocando-se na direcção de Régulo, a mais brilhante da constelação. Em Maio **retomará** o seu deslocamento normal na esfera celeste, para em Agosto voltar a passar um pouco a sul da estrela por que passou em Janeiro.

A constelação do Leão, que não é difícil de localizar no céu, mesmo de locais francamente iluminados à noite, contém um astro mais brilhante daquela região e que, na verdade, não é uma estrela.

Apesar de separado de nós por mais de seiscentos milhões de quilómetros, ele **permitirá** que continuemos a observar a sua lenta retrogradação e, pela utilização de pequenos telescópios, a contemplar as <>

ANEXO D – PE oral**PE ORAL**

1. DID CRPC	497
2. ETR	542
3. EF	548

1. DID CRPC

TÍTULO: Homens e Bichos
 LOCAL: Portugal - Castro Verde, Beja
 DATA: Década de 70
 INFORMANTE
 SEXO: M
 IDADE: 59 anos
 ESCOLARIDADE: Analfabeto
 PROFISSÃO: Trabalhador rural

- ora, o senhor não é caçador?

-> não, não sou. sou caçador é... de arma branca, com um cachorrozinho...

- como é?

-> chama-se um podengo.

- e como é esse... caçador de arma branca?

-> caçador de arma branca é a gente, por exemplo, ir a pé por o meio dum campo e encontrar uma lebre, possuir um galgo, e, por exemplo, dar força ao cão, dar força, isto é, açodá-lo, para esse cão ser útil, apanhar a lebre para a gente trazer para casa para comer; para comer ou para vender a qualquer pessoa que, que seja preciso comprá-la. é isso. há caçadores também, por exemplo, de arma branca que não caça só coelhos nem lebres, caça, por exemplo, um ouriço que é um animal que tem o pêlo bicudo e tem, e focinho de porco e a gente apanha aquele animal e traze-o para a nossa casa, serve até para, para apanhar os ratos em casa... que onde há um ouriço, os ratos não entram. e mesmo para, para se entreter, às vezes, brincadeiras, de, para um, um miúdo de dois ou três anos ou de quatro ou cinco entretém-se a brincar com aqueles animais. e há então a perdiz e há a codorniz que a gente apanha com facilidade e às vezes agachadas; há outros bichos mas isso não são bichos de caça, por exemplo, uma cobra, um lagarto, um rato, isso é tudo animais do campo que se pode utilizar, não para comer, para, para se matar para não, não des[...], não desdenharem por exemplo os ninhos dos outros animais que podem prejudicar, por exemplo, a morte a qualquer pessoa. por exemplo o lagarto não faz mal, isso até é amigo do homem, pode uma pessoa estar a dormir muito descansado no campo, passa um lagarto por a cara ou por as mãos, a gente acorda, sabe que está o inimigo ao pé, pode ser uma cobra para nos fazer mal, e a gente nessa altura com um pauzito, ou, pauzito que tem ao pé, que chama-se-lhe a arma branca, mata-o.

- ah, quer dizer, ele avisa, o lagarto.

-> o lagarto avisa, o lagarto é amigo da pessoa. e é contra a mulher. ah, o lagarto é contra a mulher e a favor do homem. e a cobra... é... contra o homem e a favor da mulher.

-> ah sim? porquê? diga lá. isso nunca tinha ouvido.

-> ah, porque a mulher... geralmente tem muito medo das cobras, e a cobra quanto mais medo sente à pessoa mais, mais a ataca, e ao passo que o homem... não faz mal...

- e o lagarto?

-> o lagarto é que não faz mal ao homem.

- e à mulher faz?

-> à mulher faz. e a...

- então a cobra e o lagarto gostam mais dos homens que das mulheres.

-> gostam. não, a cobra é contra a mulher e o lagarto é, o lagarto é contra a mulher e o, e a favor do homem. são esses bichos que os podem atacar, por exemplo, a mulher é o lagarto, e a cobra pode atacar o homem quando está a dormir mas tem o lagarto que é a favor dele; se é que está próximo. e há então é o, o tal pato-bravo que é criado nas lagoas que a gente também pode utilizar para comer. o galo, o galo-de-campo, galinha-de-mato que é a galinha-da-índia que a senhora já **há-de ter visto** nesses montes, não é, em casas assim de lavradores onde há grandes habitações, e então tem essas coisas: galinhas-da-índia, têm patos-da-índia, isso é tudo, hum, sim, é criado no campo, à vontade. e então são estes animais que, que se podem caçar à arma branca... também se podem caçar com arma de chumbo, pois claro.

- mas...

-> há a rola, a rola que é, ah, caçada no, por exemplo no dia quinze de, de quem? de Agosto, é que começa a caçada às rolas. também é um animalzinho que é parecido a um pombo que se pode utilizar para comer, faz até por acaso um belo arroz,

- hum!

-> isso faz.

- então, mas diga-me uma coisa, mas a arma branca, então, portanto, quem apanha é o cão.

-> pois, a arma branca é para uma defesa da gente, a arma branca só, a gente pode encarar com um bicho desses se estiver deitado dá-lhe uma pancada e matá-lo, ah, caso contrário não o mato com uma pancada, está o cão que o apanha. chama-se uma arma branca que é cão

- pois.

-> é o, é o pau.

- é o pau.

TÍTULO: Um Culto Tradicional

LOCAL: Portugal - Ribeira Grande, Açores

DATA: 1973

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 47 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Sacerdote

- e vão donde até onde? e como? o que é que fazem?

-> ai, **vão levar** aquela coroa pronto, porque aquilo que se tem é um mordomo, chamam-lhe um mordomo

- ah, [...]

-> durante o ano, que ele fica responsável durante aquele ano, por que o Espírito Santo fique na casa dele.

- sim.

-> e, e ele vai recebendo de, de pessoas, voluntariamente que queiram dar dinheiro

- sim.

-> e esse dinheiro no fim eles compram bezerras ou queijos

- hum.

-> matam e a carne depois, como eles chamam pensões

- ah.

-> aquele... bocado de carne, chamam aquilo uma pensão.

- hum.

-> juntamente com um pão de trigo, com uma garrafa de vinho, aquilo é oferecido, é uma retribuição à pessoa que deu o dinheiro

- ah!...

- ah!...

-> mas isto é agora actualmente, mas o espírito não era este

- pois, pois.

-> antes davam e aquilo era distribuído aos pobres

- pelos pobres, hum...

-> agora já não fazem isso.

- mas é uma pena! que isso é que estava certo [...]

-> é pena, é pena. sempre dão aos pobres, mas já não é aquela quantia

- pois.

-> nem com aquele espírito

- hum, hum.

-> que se dava naquele tempo.

- e acha [...]

- e o que eu achei interessante é que as pes[...], as pessoas que acompanhavam e[...], esse estandarte eram só jovens.

- eram. [...]

-> sim, é só jovens.

- crianças e raparigas e rapazes. só, só.

-> é, é.

- porquê ?

-> é um costume aqui. na Ilha Terceira já vão senhoras, já crescidas e...

- eu achei piada. porque vimos duas, na estrada,

- e eram assim...

- e eram só jovens. achei piada.

- [...]

-> esta, esta mudança, é a mudança do antigo para o novo mordomo.

- ah.

- pois, pois.

-> eles **vão levar**, umas vezes faz-se de noite, quase sempre faz-se de noite, outras vezes faz-se de dia, e fica então no, no, depois no ano seguinte fica na outra casa. e então ao Domingo, cada, cada coroa, aquilo é assim, cada coroa tem o seu Domingo: a dominga tal, é conhecido então ou pela rua, ou pelo nome dum santo. [...] tem, tem a dominga da, da pombinha, como eles chamam, tem, aqui tem a dominga da, de Trás-do-Mosteiro, é, é uma r[...], uma rua que há ali para cima e fazem o império. o império também nas ilhas também se faz

- [...]

-> é uma espécie dum, dum, onde toca as bandas de música, dum coreto

- sim.

-> em madeira, que é armado num canto da rua a que pertence

- ah!...

-> aquela irmandade do Espírito Santo [...] deve ser assim

- hum.

-> a irmandade, e no Domingo que há a coroação, quando a coroa, depois de passar pelas ruas, sai da igreja.

- sim.

-> de manhã naquele dia, a missa, na missa, ah, **vai** uma pessoa **ser** coroada com aquela coroa

- ah!...

- ah!...

-> geralmente são crianças

- hum.

-> mas também há adultos que são então ou fruto de promessas, da família, ou por uma doença

- sim.

-> ou qualquer outra circunstância, ou então pelo gosto

- hum.

-> de ter a sua filhinha ou o seu filhinho que coroaram imperador ou imperatriz em Espírito Santo.

- ah! que piada.

- eu já tinha, a Rosa Maria já [...] isso tudo.

-> ou então, a pessoa não, outra pessoa qualquer pede ao mordomo, "eu gostava que minha filha ou o meu filho fosse... coroados", e a coroa[...], e a coroa, a coroação, então sai o cortejo, aquelas meninas, aqueles rapazes, vestidas de branco, as meninas

-hum.

-> e tudo, e levam ofertas, doces, geralmente, ou fruta, vão pelas ruas, vão acompanhados de música; a que foi... coroadas vai rodeada de, digamos, de damas de honor ou de

- hum, hum.

-> de, [...], aios, não é, e tem o senhor que leva a coroa, ge[...], geralmente é o dono da casa, ou um convidado, ou então uma senhora, ou uma menina que leva a coroa

- pois.

- [...]

-> e vão dois ou três ali ao lado a fazer de, de guarda de honra; depois então vai o cortejo para esse império

- hum.

-> que é uma espécie de coreto em que a coroa está ali e depois começa a haver ah, as ofertas que, que as crianças levaram

- sim.

- hum, hum.

-> **vão ser** rematadas...

- ah!...

- ah! pois, já tinha ouvido dizer isso, sim, sim.

-> rematadas e depois a música toca, há o entretenimento durante a tarde, para aquela, para aquela gente. dan[...], aqui não se dança, aqui o, o micalense não é muito amigo...

- não?

-> não.

TÍTULO: A Juventude Ontem e Hoje

LOCAL: Portugal - Braga

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 82 anos

ESCOLARIDADE: 11 anos

PROFISSÃO: Professora Primária reformada

OBSERVAÇÕES: A filha da informante está presente durante a conversa.

-> naquele tempo não, não, não se andava muito ah, ah, sozinho, era, tinha de ser. isto, já está a ver, há sessenta e tal anos. eu estou com oitenta e quatro, faz favor de ver.

- eh, eh, disse que naquele tempo não se andava muito sozinho

-> não.

- ao contrário do que se passa hoje, não é,

-> oh, oh, hoje é uma desgraça. só, as, os pequenas - tenho uma sobrinha-neta que aos catorze ou quinze anos já queria, sei lá, andar sozinha, não queria n[...], era de noite e de dia, tudo mais, já sabe como é. elas agora entendem que a, que a liberdade e a felicidade que se constrói assim mas... está bem.

- e acha que os pais actualmente podem fazer alguma coisa?

-> não podem, porque q[...], se quiserem prender em casa, estragam tudo. porque eles vão, encontram-se uns com os outros "ou o teu velho faz assim, o teu velho faz assado, eu não ad[...], eu não admitia isso, eu fugia", até a[...], aconselham isto. portanto, os de fora, se todos se, se reunissem e fossem homoge[...], uma, uma educação homogénea, não! mas não é. porque cada um o que se quer é ver livre dos filhos. não se preocupam com o futuro deles. preocupam-se com o bem-estar deles e que tem a sua fa[...], eu bem sei que agora a, a altura também não é para brincadeiras. o pai trabalha, a mãe trabalha, os filhos ficam abandonados, não é, eles lá já se habituam a preparar os seus alimentos, etc., etc., tudo coisas que no meu tempo nunca acontecia, não é, e enfim, a, a, a mentalidade agora é diferente porque também a vida é completamente diferente da que eu fui criada.

- claro.

-> completamente diferente. de maneira que, olhe, temos de s[...], de andar com os tempos, mas olhe que escandaliza muito. esc[...], é verdade.

- faço ideia. faço ideia.

-> escandaliza, escandaliza. lá, olhe, na, na, no meu tempo, Deus me livre. então! nós, as festas do Carnaval e tudo o mais fazíamos-las no colégio. de maneira que vestiam-se umas de rapaz, outras de raparigas e faziam os bailes, etc, etc, as que fossem mais magrinhas era, eram rapazes, as que fossem mais rechonchudinhas eram meninas, olhe, e nós éramos felizes, no meio daquilo tudo éramos felizes. mas... enfim. não tínhamos as aspirações que agora têm estas meninas agora, não, não.

- e na sua opinião, como é que isto **vai evoluir** para o futuro?

-> eu, eu não sei. olhe que, preocupa-me muito isto. porque daqui, mas também digo: as telenovelas brasileiras têm tido grande influência nisto. eu acho que, ou, eu não sei, o senhor doutor não se perde com as telenovelas mas, nós agora, entretemo-nos. eu vejo que não há rapariguinha nenhuma de treze, catorze anos que sim, que seja enfim uma, uma, uma rapariguinha s[...], s[...], s[...], direita, séria. e estão mortinhas por, por conhecer toda a vida etc, etc. ora isto, as de cá também vêm isto

- claro.

-> e acham que é tudo muito natural. e é porque é natural mesmo. agora nas nossas universidades é, é, é, é o que, é o que se sabe, não é,

- pois é.

-> tem grande influência, também, isso tem, porque se a, se o, se as... telenovelas tivessem um, enfim, um, antes de serem exibidas, se, se as fiscalizassem e etc, etc, ajudavam muito a modificar isto. assim não. vamos cada vez para pior.

- para pior.

-> vamos cada vez para pior. infelizmente, mas, mas vamos, vamos.

- mas eu estou convencido que... nem sequer no Brasil a vida é como as telenovelas mostram.

-> ora é isso. eu também estou convencida. mas fazem muito mal.

- pois.

-> fazem mal. porque eu quantas e quantas vezes eu digo ao meu marido "é impossível que seja tudo assim, porque isto, isto é uma pouca vergonha. tanto faz casados como solteiros, como miúdas, como miúdos tud[...], tudo aquilo, tu[...], tudo, é mesmo, só, só pensam em, em sexo e porcarias e... é só na te[...], naquilo. aquilo é, tem de ser. porque se não, pronto.

- este hábito que as, que, que a juventude tem de tratar os pais por os velhos...

-> pelos velhos, os meus velh[...]

- concorda com essa maneira de tratar os pais?

-> mas isso é brasileiro. isso é brasileiro.

- acha que sim?

-> os velhos. é, é. eles t[...], na, na televisão cá vem ele "ai o meu velho faz assim, o meu velh[...], o meu coroa, o meu velho", é tudo isto assim.

- acha bem essa maneira

-> não!

- dos filhos se dirigirem aos pais?

-> não. e tratá-los por tu, ainda menos! esta trata. os outros dois não. esta é mais atrevida. mas, mas a, mas os outros dois não. e eu nunca lhe dei licença de tratar por tu. até o neto agora também que a mãe na[...], trata, o neto também trata, o filho dela. mas não gosto porque perdem um bocado do respeito. não gosto não, não gosto.

- portanto acha que os seus outros filhos r[...], a respeitam mais que a s[...]?

-> muito mais, muito mais. nunca, nunca nos tra[...], nem um nem outro. sentem muito, muito medo.

- sim. mas...

-> é, é.

- se calhar, isso, não é isso o mais importante, não é...

-> não é o mais importante mas olhe que tem influência. tem, tem. os outros dois são mais respeitadores do que esta. estou pro[...], pr[...], dá o sermão no[...], logo aos pais c[...], por menos de nada. e, e os outros não fazem isso.

- é a mais nova?

-> é, é, é, é por isso, é. é a mais nova, é a única rapariga e, e, pois o pai... tinha sempre um fraco pelas meninas, depois sempre nasceu esta e... enfim. foi, foi mais... mal educada.

- acha que as meninas dão mais trabalho a educar do que os rapazes?

-> eu hoje dizia que antes queria três, três filhos do que um fi[...], dois filhos e uma rapariga. a rapariga dá sempre mais canseira. mais canseira. é mais difícil. mas... também há, há ca[...], há alguns casais, também já tenho encontrado alguns casais que dizem que são mais felizes com as raparigas, principalmente no estudo.

- hum, hum.

-> que são mais cuidadosas que o rapaz, que os rapazes. esta não foi. esta não foi assim muito, não. aquilo foi mais obrigada senão...

- [...]

-> Deus me livre! mas o, o, os rapazes também lá deram conta de si, vamos, mas, mas est[...], mas esta também deu, mas, mas foi mais um, à força. mas, ah, mas eu, nesse ponto não tive essa sorte. mas, há, há pessoas, há casais que nos têm dito "ai, as meninas são mais cuidadosas, são mais aplicadas, são assim, são assado", está bem, pronto. que seja assim mas eu p[...], por mim não reparei assim muito lá, cá, comigo.

- mas não acha que agora dá mais apoio, se calhar, que os irmãos, não?

-> sim! agora está aqui

- ah!

-> na, mora aqui pegado mesmo

- hum, hum.

-> e assim. agora está bem. bem, mas, eu digo no, no tempo em, de meninas, dos meninos.

- claro.

-> era muito refilona, muito refilona.

- a quem **terá** saído?

-> não sei. a mim não. ai, não, não, não, não. não, não, não! [...] já viu, a força dela?!

- [...]

-> é, é, a mim não saíu não, que eu, eu, eu tratava a minha mãe - ai meu Deus - se a minha mãe me ch[...], quando a minha mãe me cha[...], chamava "ó dona Adília" eu já não sabia de, "que **virá** por aí?" e nunca a tratei por tu, nunca na vida. e d[...], quando ela me chamasse com aquelas senhorias todas eu desconfiava logo que havia mouro na costa. mas... não, não. nós também estávamos pouco tempo com ela. mas mesmo assim.

- a sua mãe era professora?

-> não, não era.

- ah, desculpe.

-> era doméstica. era doméstica.

- era doméstica.

-> o meu pai é que era

- [...]

-> tesoureiro da câmara, n[...], em Lourenço Marques.

TÍTULO: Bom Senso e Bom Rosto

LOCAL: Portugal - Lisboa

DATA: 1996

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 55 anos

ESCOLARIDADE: 9 anos

PROFISSÃO: Vendedora de cosméticos

- e é, é sobretudo uma clientela feminina, isso nem é preciso perguntar?!

-> sim. não, sim, nós temos uma gama também para, para homem. eh, e já tivemos essa gama, portanto muito mais completa. mas, de qualquer das maneiras, temos uma gama, pronto, de creme hidratante para a pele, uma opção after-shave, eh, águas-de-colónia, after-shaves, mousses de barbear também, temos, embora, claro, que os produtos abundem, mais, em quantidade para, para a mulher, não é,

- hum, hum. eh, na sua opinião, os, os homens não necessitam de usar produtos de beleza, como é que...?

-> bem, eu acho que sim. todos os homens, o, a, a pele é igual. precisamente. eu os ho[...], acho que os homens devem-se tratar. o que é, é que não está muito nos hábitos dos nossos... homens portugueses, não é,

- hum, hum.

-> porque em França, quando eu entrei na firma, havia uma linha bastante completa de homem, onde tinham um peeling, que é um esfoliante para limpar a pele em profundidade, para retirar as células mortas, eh, pronto, pontinhos negros e depois uma máscara. e de facto era ótima. é, é, era ópti[...], eram óptimos esses produtos. só que não tinham aquela venda, pronto

- hum, hum.

-> enfim, que a, que a Yves en[...], entendia que havia de, de ter, e eles acabaram por tirar cá no nosso país, em Portugal retiraram

- hum, hum.

-> e em França continua a haver, é evidente, já estão mais mentalizados. isto passa por uma preparação também. que é necessária, não é,

- a máscara, é de facto, é um creme

-> é u[...]

- que se aplica, não é,

-> po[...], é um creme. sim. o que é, é que tem outra... função. uma máscara, pronto, é um creme mai[...], eh, eh, a máscara deve ser utilizada, tanto um peeling como uma máscara é um tratamento

extra, que se deve fazer no final de semana, portanto, de oito em oito dias, para fazer uma limpeza mais em profundidade, pronto.

- hum, hum.

-> e, e pronto. e é muito boa [...], deixa a pele muito macia, especialmente o peeling, deixa a pele muito macia, limpa os poros, vai dar origem a uma renovação celular muito mais rápida e depois a, a máscara vai dar todos aqueles elementos que são necessários à pele.

- hum, hum. eh, o que é que terá feito com que os homens portugueses não se interessassem por esse...?

-> eh, não sei. isso há muitos factores. olhe, o, tenho a impressão que o primeiro é o factor económico, também

- hum, hum.

-> e depois cla[...], não sei eh, eh, eu não, não sei muito bem, mas, ah...!

- o factor cultural, não acha?

-> cultural também. sim. também o factor cultural, acho que sim, também, isso também, pois, os, eh, certos hábitos que não foi, não foi adquirindo ao longo da história, não é,

- hum, hum.

-> os portugueses...

- não, não se costuma dizer que os homens querem-se feios, como é que é?

-> não, isso, o homem não se quer bonito, para não ser ...

- sim. mas que se querem feios, sujos e não sei quê.

-> ah, eu não sei. não, eu na[...], pronto, a mulher evidentemente está sempre com medo de perder o seu homem, não é,

- hum, hum.

-> e então também não o, não o, não, não lhe interessa muito estar a embonecá-lo, não é, talvez com m[...], com, com m[...], com medo, enfim, mas penso que não. eu acho que, que isso já não tem razão de ser nos nos[...], no nosso tempo. acho que não.

- com medo que ele seja catrapiscado

-> eh...

- por outra...

-> exacto. exacto. então! depois, dizem, segundo diz a lenda que cabe a cada homem sete mulheres, não é, veja a posição da mulher, não é verdade? não gosta de repartir, não é, isso não... sei.

- e o próprio homem não **sentirá** que perde a sua virilidade?

-> não. isso acho que não tem razão de ser. acho que não. então porque é que há-de perder? pelo contrário, se ele se, se vai usar coisas que ele possa se sentir melhor, muito ma[...], enfim, eu acho que não. qual é, perde a virilidade porquê? acho que isso não faz r[...], sentido.

- não. claro! eu não digo que, que f[...], que perca a virilidade

-> exacto.

- por isso. o que eu digo é que alguns podem pensar que perdem.

-> é, pronto. eles podem pensar porque, pronto, ah, na cabeça deles, eh, não estão mentalizados, pronto, não estão muito mentalizados para isso, não é, eh, é tudo uma questão de educação, acho eu, e de princípios.

- pois.

-> leva o seu tempo.

- e acha que [...]

-> o homem hoje está muito mais aberto já, enfim, a certas mudanças, não é, que não estavam os nossos avós e...

- claro!

-> eh, e pronto, enfim, as gerações muito anteriores. hoje o homem está muito mais aberto.

- hum, hum. e acha que com o tempo essa, essa evolução...

-> sim, sim. eu penso que sim. eu acho que sim, que com o tempo que o homem vai... criando hábitos e vai mudando. acho que sim. mesmo hoje um homem já se interessa bastante por usar um after-shave, portanto a seguir à barba, eh, pôr uma água-de-colónia, enfim já acha es[...], que isso é um produto necessário, não é, e já por norma o homem, isso usa. agora um creme hidratante ou, enfim, fazer um, um tratamento especial à, à cara é natural, pronto, que a maior parte não estejam de facto mentalizados. eh, pronto, eh, enfim, ainda perdura assim uma mentalidade um bocadinho antiquada. mas eu penso que os nossos jovens que já estão noutra direcção.

- hum, hum. e...

-> isso seria os, os homens antigos, enfim

- hum, hum.

-> mais antigos, vá!

- eh, talvez também porque são coisas minuciosas, estar a fazer uma máscara demora tempo.

-> não é, não demora nada. a máscara, eh, isso era antigamente, quando fazia-se aquelas máscaras, eh, pronto, em casa, caseiras, isso é que, pronto, a preparar, e tudo isso. hoje não! hoje está tudo, o campo está todo facilitado. é um creme como outro qualquer, que se põe na, na pele. e depois fica. a maior parte, eh, das máscaras é para ficar, nem é preciso retirar. a menos uma máscara de firmeza. essa normalmente é necessário, porque ta[...], forma uma pasta e, portanto, e estica a pele e é necessário depois, eh, nós lavarmos a cara. mas há máscaras já com as duas propriedades: de firmeza e de... hidratação que são utilizadas como um creme. não é necessário depois retirar. eh, eh, ah, a não ser que a pessoa, pronto, sinta que está um bocadinho engordurada, ou assim, pode passar um lençinho para tirar o

- hum, hum.

-> o excesso. mas não, não há necessidade. portanto isso, não é d[...], nem absorve muito tempo. é uma questão de hábito.

- hum, hum.

-> não é, a pessoa todos os dias lava os dentes, toma o seu duche e tudo isso. se o homem também se mentalizar que todos os dias tem que pôr um cremezinho na cara para amaciar, é uma questão de, de há[...], de um hábito adquirido

- hum, hum.

-> hoje, que a mulher hoje já tem esse hábito, não é, sente essa necessidade. portanto, em pôr o seu baton, ou em pôr um bocadinho de base na, na cara, pôr um pó-de-arroz, pintar os olhos, hoje em dia a maior parte das mulheres já sentem essa necessidade. pronto! e, porque adquiriram esse hábito ao longo dos anos. e os homens também, acho que, com o tempo, lá **chegarão**. a, não, enfim, não pintarem-se, mas pelo menos a porem o seu creme. não pintarem, é como quem diz, porque enfim, os a[...], artistas pintam-se e não há mal nenhum nisso, não é,

- claro. para actuarem.

-> sim, homens. e até mesmo os jornalistas vão para a televisão e tudo isso e a gente vê que eles estão maquiados.

TÍTULO: Jogar Futebol

LOCAL: Portugal - Faro

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 20 anos

ESCOLARIDADE: Bacharelato

PROFISSÃO: Técnico agrícola

- portanto, pertences a um... grupo de futebol, tens os treinos mais ou menos diários, é?

-> sim. normalmente. depende de, vá, da qualidade do clube, do cal[...], da qualidade do campeonato que está a disputar.

- hum, hum. hum, hum. e esse treino, portanto há uma parte que é mesmo igual para todos, então, não é?

-> é. há o treino conjunto, que é

- ah, pois. [...]

-> pois, futebol. e há o treino técnico específico, que é jogadas ensaiadas, tipo livres, directos, cantos, e depois há outro treino técnico mas... de, da própria técnica em si, tipo, aquilo que eu lhe disse há bocado

- sim

-> fintar

- hum, hum.

-> receber a bola, rematar.

- normalmente, eh, quantas horas treina por dia um jogador?

-> profissional? da primeira divisão?

- ao nível a que tu jogavas?

-> ah, p[...], a nível a que eu jogava, pouco. uma vez, du[...], de dois em dois dias, para aí, duas horas.

- duas horas de dois em dois

-> mas um jogador do Benfica ou um jogador profissional

- hum, hum.

-> da primeira divisão treina quatro horas por dia, ou cinco mesmo. duas e meia de manhã, duas e meia à tarde.

- é duro!

-> é duro.

- e chato também, com certeza, não?

-> sim, não, um gajo faz o que gosta, é sempre bom.

- eu penso que, ah! mesmo fazendo o que se gosta há partes que são chatas.

-> ah, claro! eu, por exemplo, gostava muito de jogar futebol, mas, se jogava ao Domingo à noite, [...] ao Domingo de manhã aliás, Sábado à noite não ia sair. prontos, é logo aquela, mas pronto, não ia sair. e depois há os esfolões, as feridas, eh, aquelas coisas todas. mas prontos isso... a gente está no chão todo esfolado, vê a bola a passar, levanta-se logo e pronto. passa logo tudo.

- mas, portanto essa história de, de, de mu[...], de na véspera de jogar não poder sair é chato, não é,

-> é um bocado.

- e es[...], e a juventude mesmo assim reage... e ultrapassa...

-> ah! depende, claro. isso só depende de cada um, não é, até há jogadores no Benfica e no Sporting que não, que não ultrapassam, e saem à noite, e vão às meninas, e... discotecas. mas prontos, nunca rendem o, não é,

- estás a pensar na história recente

-> do Sekouravi.

- bom. pois. mas, no meio disso tudo, desse trabalho duro, creio que numa equipa, eh, e é isso que, que eu acho que é interessante, se desenvolve um espírito muito especial, não é,

-> ah, claro. uma pessoa conviver, não é, todos os dias com o mesmo grupo, depois ainda por cima é tudo homens, não é,

- hum, hum.

-> aquilo é, prontos, mais ou menos um desporto de homem, prontos, eh, conversas de homem, aquelas coi[...], aquelas cumplicidades, e prontos, cria-se sempre bons ambientes, bem dispostos, normalmente.

- bom, e aí há uma questão interessante, que é normalmente diz-se que o elemento feminino num grupo que, que equilibra.

-> sim, se calhar sim.

- mas, n[...], em contrapartida, eh, nesse, nessas situações em que só estão homens há um ambiente muito especial que se desenvolve.

-> é, muito especial. claro.

- e que não precisa de ser equilibrado, não é,

-> pois, acho que não. pois, que cada um... é, é, é mais, é mais, são mais expansivos quando é só homens, não é, mas isso é normal.

- portanto, no fundo não é preciso... o elemento feminino para equilibrar, como se diz então.

-> sim, numa equipa de futebol, julgo que não **será**. não, mas há muitas mulheres que gostam de futebol e...

- eu sei. eu sei que há muitas mulheres

-> fanáticas [...]

- mas normalmente as equipas não são mistas.

-> não, não. não há equipas mistas.

- pois.

-> há futebol feminino, mas não há equipas mistas.

- pois. penso que neste momento é um problema sério, que começa a...

-> não mas, eh...

- a levantar-se.

-> devem ser poucas, prontos, mulheres atletas para jogar futebol de competição com, o futebol é um desporto rijo!

- achas que as mulheres não...

-> costuma-se dizer que não é para m[...], não é para mulheres o futebol.

- é?

-> o futebol não é para meninas. quando um jogador se queixa "ai, ai! e tal, ele bateu-me". "o futebol não é para meninas". mas, prontos, entretanto, é um jogo duro.

- é um jogo duro. mas há mulheres que são muito resistentes.

-> mas, acho que sim, está bem, mas um jogador sente sempre, não é, fazer uma falta a um gajo ou fazer uma falta a uma mulher é sempre, não se sente bem à vontade. ou se está uma mulher à baliza, não é, a gente não vai mandar um bojardão sabendo que pode acertar na cabeça da mulher [...]

- olha, eh, numa equipa de futebol, eh, tu muitas vezes encontras ali jogadores que são... praticamente analfabetos, não é,

-> sim.

- como é que, que os teus, que as tua[...], os teus laços de camaradagem se vão desenvolver com um tipo que é completamente analfabeto? qual é a capacidade de diálogo que vocês têm?

-> oh, prontos, bem, se vamos falar de cultura, claro que não é a mesma, não é, mas... os diálogos

- eu estou apenas a fazer perguntas, não...

-> pois. nos diálogos no futebol baseiam-se muito na, pois, conversa de homens, tipo de mulheres e "viste aquela", "é muito boa!" e tal, aquelas coisas, e depois conversa sobre o jogo e sobre o treino e "vê lá se jogas mais assim e mais assado", nunca entramos em discussões filosóficas, não é, sobre cultura geral porque normalmente não, os jogadores de futebol não são muito para aí virados. mas não digo que não haja. deve haver.

- achas que...

-> uns mais espertos que os outros, claro. há jogadores de futebol com, licenciados.

- pois. normalmente têm-se a ideia que jogador de futebol igual a analfabeto, não é,

-> sim. não é bem assim. um jogador de futebol para ser muito bom tem de ter... uma personalidade, prontos, não digo cultura, mas uma grande personalidade.

TÍTULO: O Linho

LOCAL: Portugal - Ponta Garça, Vila Franca do Campo, Açores

DATA: 1996

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 62 anos

ESCOLARIDADE: 4 anos

PROFISSÃO: Agricultor

OBSERVAÇÕES: O informante produz 'currales' por "currais", fenómeno ainda frequente nas camadas mais idosas da região dos Açores.

-> semeava-se, eh, as senhoras co[...], conhecem a semente do linho, não conhecem?

- sim.

-> é uma sementinha muito miudinha, não é,

- linhaça.

-> é uma lia[...], tratam de linhaça, que é a semente, que até é muito, diz que é muito bom para deitar em vistas quando, quando está inflamado e que no tempo a gente deitava, na nossa casa deitava-se, se tinha alguma coisa dentro aquilo no out[...], a gente deitava um grãozinho daquilo e aquilo limpava a vista, tirava tudo para fora. aquilo semeava-se na terra, um bocadinho de terra daquilo, não é, aquilo crescia, não é, bom, quando estava assim grandinho, aquilo era mondado. tirar aquela erva que não e[...], que não era boa, para o li[...], para o linho crescer. as mulheres, raparigas iam mondar aquilo, nem sequer os homens mondavam. era, se tinham tempo os homens também ajudavam a mondar, mas quase sempre era raparigas que trabalhavam nisso. ele crescia mais um bocadinho, não é, crescia. é, o linho era, com rapazes outras vezes e as raparigas, era todo amassado, debulhado, todo, am[...], para ele amassar

- [...]

-> para ele tombar. para ele ficar tombado, a dormir para ali. ficava ali. e ele dali é que se punha em pé outra vez. chegava à fim de muito tempo ele ia-se pondo em pé. até ele espigar e dar a semente outra vez. chegava a altura da semente estar cheia, as pessoas arrancavam o linho e, ah, traziam-no para casa. havia um ripanço - a senhora, não sei se sabem o que é um ripanço

- [...]

-> com uns dentes assim de ferro, sim senhora. encostavam-lha, encostavam aquilo num banco

- calça-se a uma pedra.

-> calçavam duas pedras aqui que eram pesadas para aguentar o banco, calçavam o, o ripanço atrás com uma pedra, também pesada, não é, e as mulheres ripavam aquilo. para, para a semente cair toda, para, para tirar a semente, para o ano ter semente outra vez. depois do linho estar ripado, o linho era estendido em currais de reses, que havia muito curral de reses

- [...]

-> nout[...], num lugar duro, num lugar, não é, na, na terra. num lugar fir[...], num... chão duro. e aquilo estava para ali a secar. acabava de secar, estava ali uma temporada a secar, não é, acabava de secar, o linho ia para o forno. as mulheres coziavam pão, e o linho entrava para o forno e coiso, depois de tirar o pão, o forno quente

- pois, pois.

-> aquilo estava tudo em manchinhas, para o forno a secar. acabava de, de secar bem. quando ele estava bem seco, havia aqui nesta casa de meu sobrinho, que é aqui, nessa entrada dessa canada havia ali um, umas pedras do mar, que era de amassar o linho. com a ajuda das mulheres todas ali, que aquilo e[...], estava sempre pedido, quando um acabava entrava outro, aqui essa casa, a minha madrinha tinha isso ali. era o lugar de, de ma[...], de amassar bem o linho.

- com quê?

-> com uma maça, com uma maça de madeira, eu te[...], ainda tenho lá uma em casa, também. as mulheres lá am[...], amassando aquilo bem amassado, acabavam de amassar o linho, o linho entrava outra vez para o forno. ia outra vez ao forno e do forno ia para as pastagens. se[...], ah, estendiam nas pastagens, depois do pasto est[...], ter, ta[...], estar comido, não é com erva grande, é quando, ah, as vacas acabavam de comer o pasto, as mulheres pediam aos lavradores "homem, tu podes-me deixar estender linho no teu pasto, e assim, assim", ele lá deixava. estendiam aquilo tudo. havia temporadas de vento, que às vezes enrolava aquilo tudo para os cômoros, para as barreiras, alarg[...], era só dizer a elas "o linho está para ir, vocês **vão ver** o linho que aquilo estava tudo lá pa[...]", lá as pobrezinhas, juntar aquilo outra vez, para deitar aquilo tudo. quando a erva pegava bem no linho, é que o vento nunca mais levantava.

- pois.

-> aquilo estava ali uns tempos outra vez em [...] e traziam o linho para baixo. ah, lá l[...], l[...], linho para baixo outra vez para as, havia outras mulheres que trabalhavam no linho, que era... gramar o linho.

- [...]

-> com a gramadeira, gramar o linho. depois do linho gramado ia pa[...], para as costas de uma cadeira, para a tasquinha, para tasquinhar o linho.

- que era para tirar o quê?

-> eh, para pôr o linho fino.

- pois.

-> a tasquinha é que tirava aquela folhada toda do linho, aquilo tudo que não prestava que ia fora. e ficava aqueles cabelos, f[...], aqueles cabelos fininhos, muito fininhos, bem tasquinhado, a mulher estava nas costas da cadeira e com uma tasquinha, que era como uma espada de, tudo em madeira

- pois.

-> sempre a dar-lhe e dava, viravam aquilo para um lado e para o outro, tasquinavam aquilo muito bem tasquinhado. depois de ter bem tasqu[...], eh, tast[...], eh, eh...

- tasquinhado.

-> tasquinhado, ia para os teares, para, ah, ah! havia

- [...] havia

-> ainda havia uma roca.

- as mulheres que fiavam...

-> as mulheres que fiavam, com a, com saliva da boca e estavam com a roca fiando com um fuso. enrolavam aquilo, quando aquilo estava em fio

- fazer linhas, para fazer linhas.

-> fazer linha, é, é que aquilo ia fazer obra.

TÍTULO: O Trabalho e a Posse da Terra

LOCAL: Portugal - Beja

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 41 anos

ESCOLARIDADE: 11 anos

PROFISSÃO: Director do Instituto Politécnico

OBSERVAÇÕES: O texto inclui uma conversa telefónica, da qual só estão gravadas as intervenções do informante; a mudança de linha significa que o informante fez uma pausa para ouvir o interlocutor.

- quer dizer que o problema da reforma agrária deixou marcas profundas, no Alentejo.

-> deixou, deixou. deixou, sim, sim, sim. deixou. deixou e, pronto, eh, hoje reconhece-se que... possivelmente o caminho que se seguiu não foi o melhor, porque, inclusivamente, os trabalhadores não foram os mais beneficiados. eh, a terra, pronto, em meu entender e daquilo que conheço, acabou por ter uma exploração mais activa, e racional, portanto, havia muita terra abandonada, começou a ser, eh, trabalhada, e havia um uso abusivo, com a plantação de cereais, que de algum modo também começou a ser... repensado, e começou a faz[...], começaram a fazer-se culturas de uma outra dimensão, não é, deixando os pousios, fazendo culturas rotativas, enfim, digamos que houve uma gestão mais racional da terra. de qualquer das formas, houve... aqui questões político-partidárias, eh, havia interesses por trás disso, os trabalhadores continuaram a trabalhar com investimento, com afinco, enfim, com, com dedicação à terra, que no fundo era isso que eles tinham

- hum, hum.

-> feito sempre e sabiam fazer. e até gostariam, e gostavam de fazer. eh, no entanto houve alguém que tirou daí dividendos, não é, e as coisas acabaram por, por dar dividendos a esses outros que estavam na rectaguarda, e aqueles que trabalhavam efectivamente a terra não melhoraram a sua... forma de estar na vida, a sua qualidade de vida.

- o que me está a dizer implica que eles deixaram de ser explorados por uns para passarem a ser explorados por outros.

-> é um bocado, é exactamente isso. acho que sim. acho que foi um bocado isso que aconteceu.

- hum. hum.

-> foi um bocado. sim, sim. aliás, depois quando foi, quando se procedeu à entrega das reservas, das reservas de terra

- hum, hum.

-> aos p[...], aos antigos proprietários, verificou-se que muitos trabalhadores se colocaram imediatamente do lado dos proprietários, porque... tinham pelo menos a garantia de ter o ordenado ao fim do mês, não é, cumpriam com um conjunto de determinações e, ao fim do mês, portanto, havia uma maior estabilidade no seu percurso de vida, e no seu trabalho. na situação anterior, portanto, era uma grande agitação, toda a gente, de algum modo, mandava e afinal ninguém mandava, eh, cometeram-se muitos erros por falta de, dum plano de organização, e, eh, naturalmente havia alguém que estava por trás a receber e que às vezes lhe falhava no final do mês, quando eles tinham que prestar contas no merceiro e no padeiro e por aí fora.

- hum, hum, hum.

-> sim, sim.

- e, e, e os antigos, eh, latifundiários, ao recuperarem a terra

-> sim, sim.

- eh, qual foi a reacção deles em relação aos operários, aos trabalhadores que, que vinham de trás e...?

-> sim. de um modo geral foram bem aceites. de um modo geral foram bem aceites. eh, eram pessoas que trabalhavam, portanto, eh, gerações sucessivas foram trabalhando nas mesmas fazendas. portanto, houve uns que foram herdando a propriedade e houve outros que foram herdando o trabalho.

- hum, hum.

-> hum? portanto, digamos que aquilo era, foi uma situação que passou de pais para filhos, e as relações que se estabeleciam já vinham, eh, de trás. portanto, havia, digamos que... implícito, no desempenho de uns e de outros, algum compromisso

- hum.

-> que tinha a ver com, com o estatuto da família.

- hum, hum.

-> portanto, havia, de algum modo, que dar, que dar resposta, em termos de respeito perante a situação, àquilo que a família anteriormente tinha... feito e tinha combinado e trabalhado. eh, cons[...], con[...], consta-se até que - isto é uma situação anedótica, não sei se a posso transmitir [...] se não...

- com certeza.

-> um sujeito que, um patrão aqui do Alentejo que, eh, portanto, logo a seguir ao Vinte e Cinco de Abril, as terras foram ocupadas e ele... foi embora. eh, foi para o Algarve. e... regressava de vez em quando à, à terra, eh, não conseguia falar... com muitas pessoas porque, pronto, não era bem aceite, e então, quando lhe foi entregue a reserva, ele, eh, um dia falou lá com um dos f[...], empregados, daqueles mais antigos na casa, e disse-lhe "ó senhor Manel, você, eh, devia de vir aí uns dias comigo para a praia, que era para saber o que a gente sofre na praia. porque esta gente daqui acusa-me toda de... passar dois meses na praia todos os anos. mas eles não imaginam o sofrimento que eu lá passo." e então, "oh, mas, mas venha lá então connosco, senhor Manel". então, leva o senhor

Manuel para a praia, põe-no ali deitado na areia de manhã até à noite, o homem coitado, branco como a cal, ao fim de dois dias já estava todo empolado. e então ele manda-o para a terra e diz "olhe, agora vá lá dizer aos seus amigos o que é que eu me farto de gozar aqui todos os anos". [...] isto, de algum modo ilustra a forma como, eh, enfim, as pessoas se relacionaram após a entrega das reservas, não é, que, houve uma aceitação grande, houve. houve, e houve entendimento, as pessoas aqui no Alentejo têm uma particularidade, principalmente as pessoas ligadas à terra. são pessoas que são muito honestas, têm uma forma de estar muito... radical

-> sim, sim

-> eh, faz favor então.

-> sim, sim.

-> sim, sim.

-> sim, sim.

-> boa tarde.

-> viva, dona Conceição.

-> diga.

-> sim, sim. já chegou aqui, eu já dei parecer favorável. portanto, eh, vai agora para o pessoal, é provável que... amanhã ou no outro dia receba a resposta. mas pronto, não há problema, em relação à troca.

-> não, não, não.

-> não, não. quem, quem va[...], quem, quando se ausenta **deverá**, eh, informar que... vai de férias nesse dia, não é,

-> exactamente, sim, sim, sim, sim.

-> pois. e é bom que isto conste no processo, não é, até para defesa das partes.

-> está muito bem.

-> não faz mal absolutamente nenhum. e pode preparar as suas coisas para essa data, as suas férias.

-> muito obrigado então. boa tarde. adeus.

-> pois, mas

- mas

-> ah! dizia eu que, que as pessoas aqui, principalmente as pessoas ligadas ao campo, têm uma mais-valia enorme, pelo menos naquilo que eu conheço e... tenho tido a oportunidade de viver, são pessoas que têm uma grande dimensão humana, não é, são pessoas, eh, com uma grande dignidade, que, quando dão a sua palavra, eh, pronto, não há, não é preciso ir ao notário, não há... outro tipo de, de meios a que recorrer, porque as coisas são exactamente como as pessoas dizem, não é, e... aqui em relação à, à recuperação das terras por parte dos agricultores aconteceu um bocado disso, não é, as pessoas estavam de algum modo comprometidas com uma situação, elas o que queriam, na sua esmagadora maioria, era trabalhar, não é, era garantir um posto de trabalho, era, pronto, de algum modo dar uma vida mais digna aos filhos, e a preocupação deles era um bocado... essa, não é, por, trabalhar e, e, e ter garantias de continuidade no trabalho. parece-me que nunca houve aqui grande preocupação por parte dos trabalhadores de se tornarem proprietários, ou de, bem, de terem terra para si próprios, um bocado assim.

- até porque a terra não, não era, não ficou para eles, não é, aqui?

-> sim, sim, sim, sim. pois. eh, pronto, hou[...], houve algun[...], houve zonas onde, onde a propriedade foi efectivamente... repartida

- ham, ham.

-> e distribuída às pessoas.

- nominalmente, às pessoas?

-> sim, sim, sim, sim. principalmente em zonas onde havia regadio

- hum, hum.

-> onde através de uma pequena parcela de terra as pessoas podiam tirar uma rentabilidade

- hum, hum.

-> maior. agora ao nível da grande propriedade, não. eh, e no geral, até, as pessoas não, não tiveram grande preocupação em

- hum, hum.

-> em, houve uma altura em que foi be[...], permitido, ou possibilitado às pessoas poderem pedir nas estações agrárias um, uma reserva de, de terra, para exploração directa. e poucas pessoas diligenciaram nesse sentido. foram mais os agricultores que fizeram es[...], que andaram à procura desse...

- hum, hum.

-> desse benesse, do que propriamente os trabalhadores. não houve assim uma grande... preocupação, nem anseio

- hum.

-> pela terra.

TÍTULO: Os Amores de Camilo

LOCAL: Portugal - Landim, Famalicão

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 60 anos

ESCOLARIDADE: 4 anos

PROFISSÃO: Operário têxtil na reforma

OBSERVAÇÕES: O informante produz "la" por "a" em "la meteram nisso"; "presigar" é utilizado num sentido metafórico - literalmente significa "acompanhar com conduto, carne"

-> [...]

- bom, mas, eu, a gente podia passar aqui o resto da vida a conversar, senhor Avelino

-> da vida, da v[...], a com[...], a conversação

- mas há uma questão que eu gostava que o senhor Avelino me dissesse

-> fizesse.

- que é: nós comparámos Dom Afonso Henriques em relação à sua mãe

-> isso.

- de certo modo, ele violou um princípio que é o princípio da obediência e do amor filial.

-> filial.

- e não condenamos, apenas constatamos.

-> pois.

- bom. Camilo Castelo Branco e Ana Plácido, de certo modo, há também ali uma violação de princípios estabelecidos.

-> pois há.

- como é que vamos olhar para eles?

-> eu, o Camilo, admiro o Camilo e bato-lhe palmas, na parte literária.

- na parte literária.

-> na parte conjugal, marido e esposa, não gosto. não gosto, porque ele foi r[...], roubar uma mulher com quem vivia com outro marido. agora se a mulher fosse viúva, que ele esperasse que morresse o Manuel Pinheiro Alves como morreu muito cedo, e ele aguardasse - com certa incerteza, é claro - mas que aguardasse e que se unisse a ela, eu já não condenava. porque ela já era livre. agora ir buscar a mulher ao seio conjugal de outro homem que a amava, ou não saberia amar melhor, mas ele amava-a, já por isso casou com ela, eu acho que Camilo cometeu um grande erro. como ainda hoje muitos con[...], casais o fazem. casou a dona Ana Plácido com um homem que não, não tinha, eh, carinhos, que não sabia olhar para ela com olhos benévolos, olhos de, de, de amor, olhos de, de reverência até. mas, era o marido dela. ela tinha que ver isso antes de casar com ele. entrou na poça que gostava dele, então foi, gostou do dinheiro dele?

- ninguém sabe como é que isso foi.

-> ah, mas i[...], isso... é mau.

- pode ter sido casada porque os pais a induziram a isso.

-> sim. há casos desses. que é o, é o caso do "Amor de Perdição" com Teresa

- hum, hum, hum.

-> a Teresinha

- a Teresa e s[...]

-> com o primo

- com o primo.

-> com um primo. há casos desses, mas, se há casos desses ela tinha que reprovar os pais que a meteram nesse sarilho, e nunca o marido. o marido apenas foi saboreá-la porque gostava dela, dentro do matrimónio. eu penso assim.

- hum, hum.

-> portanto, o Camilo, para mim é um ho[...], um ser falhado, na parte do lar. é um grande homem na parte das letras, porque deu vida a muitas novelas, a muitos contos, a muitas histórias que andavam por aí, eh, apagadas, aqui no Minho, e não só, mas aqui sobretudo, na parte... minhota, e ele deu-lhe vida. com personagens, avivou, impregnou certos movimentos que a literatura alcançou outro tom que enriquece o património nacional das letras, suponha eu.

- hum, hum. portanto, quer dizer o senhor Avelino então que acha que Camilo não inventou o que escreveu!

-> podia ter inventado e, e, e a função do escritor também é um bocado essa. mas, foi sempre beber a uma fonte.

- portanto, recriou.

-> é. a uma fonte. e ele, ao, ao, ao escrever "A Brasileira de Prazins", que era uma casa abastada aqui de Landim, bastante gananciosa, que tinha muitas quintas, e o proprietário, que era um tal senhor Joaquim Araújo, eh, foi ao Brasil, e enriqueceu e veio para aqui, casou com a sobrinha, sobrinha dele mesmo, e essa sobrinha, eh, passado anos adoeceu. e ali havia uma doença implantada por ser tio com sobrinha, o sangue com sangue que não resulta muito bem. e Camilo, segundo dizem, que andava sempre a pedir dinheiro emprestado, bateu à porta dessa referida quinta, a ver se era atendido. essa quinta lá não o atendeu porque duvidava do porte dele, e ele lá não gostou porque sabia dinheiro que, que havia lá com certeza, procurou como historiador saber os motivos da família e onde lhe disseram que a fa[...], a fortuna foi adquirida no Brasil e que ele que era um homem bastante adinheirado, mas que era homem para ir ao Porto com umas côdeas de pão no bolso, para chegar a casa só comer à noite para não gastar dos grandes rendimentos que ia buscar das acções que tinha, de rendimentos através do banco... do Brasil. ele sabendo esses pormenores, viu que a mulher que passou a parte, a maior parte do tempo... adoentada, entrevada, no leito de sofrimento, começou então a desenvolver isso e escreveu a célebre "Brasileira de Prazins", que muitos dizem que até hoje até que **será** o melhor romance escrito por Camilo Castelo Branco, porque focou aquela parte dos liberais, desenvolveu, lá mostrou os que queria, e a ganância do povo. ah, entre eles, o, o José de Vilalva, que gostava muito, o José de Vilalva gostava muito da tal brasileira de Prazins, porque era um amor que, construído desde a adolescência, mas quando o, o, o irmão do, do, do pai da noiva resolveu vir para o bra[...], do Brasil para Portugal, o, o, o pai procurou desviar o coração da filha e entregá-lo ao tio, porque do José de Vilalva nunca viria os cobres tão largos para comprar quintas aqui à volta, como ele tinha. que ele tinha mais de oito quintas, naquele tempo. e portanto, houve aqui, digamos, uma ganância, hem! camuflada pelos interesses sentimentais dum lado e, eh, e impregnados do, do in[...], do, do, do, do, da mesquinhez do, do venha a nós do rendimento, e o amor deram-lhe um pontapé. de maneira que essa mulher tornou-se logo imediatamente uma infeliz porque quem ela amava a, ao fundo era o José de Vilalva.

- bom, vamos voltar à dona Ana Plácido, porque é uma figura que...

-> central.

- por quem, é, ah, nós só temos uma vida

-> isso.

- e só, portanto, tudo o que podemos fazer é durante essa vida. se o Camilo foi o grande amor da vi[...], da dona Ana Plácido

-> Ana Plácido.

- ah, se apareceu depois dela ser casada

-> sim.

- mas se era a sua única oportunidade de viver esse grande amor, o que é que o homem que há e[...], dentro de si diz?

-> ora bem

- fora dos princípios e da moral

-> sim, nós...

- o que é que o seu sentimento pessoal lhe diz?

-> a minha mãe dizia-me que todos os dias nasce e cresce quem melhor nos parece

- hum, hum.

-> uma frase que já ela ouvia quando era menina e por aí fora, não é, claro que todos os dias, ainda hoje nós mesmo, nós homens, já adultos, se formos por aí fora, com os olhos bem abertos, vemos belezas encantadoras, que nós até nem temos força de resistir. pois. mesmo hoje. nós, às vezes é muito comum dizer "um padre falhou acima, um padre fa[...]", pois ele ao ver tanta beleza, às vezes à volta dele, ele é um homem. tem um grande carácter, tem uma vocação, tem um, uma ordem religiosa, mas humanamente é um homem.

- hum, hum.

-> se ele começa a presigar, a saborear as belezas encantadoras que estão estampadas no rosto das jovens de dezasseis, dezassete, dezoito anos, que vêm para junto do harmónio, ou para junto do altar, adornar, decorar, cantar, dar, eh, vida ao acto do culto, ele tem que ser um homem muito seguro, senão ele estatela-se. como nós hoje, chefes de família, não sei se os senhores o são, mas sou eu

- hum.

-> mas nem que o sejam. ainda hoje, os senhores, nessas viagens que andam, de colheita

- hum, hum.

-> se realmente não for firmes interiormente o senhor estatela-se como se estatela qualquer um, porque a beleza humana está em toda a parte. se uma mulher é, é possuidora das belezas das estrelas, eh, dos cânticos dos anjos, que Deus adornou a mulher com um encanto infinito, ora nós, que se viemos ao mundo para as apreciar, temos de ser conduzidos por coisas muito mais firmes do que a beleza que nos es[...], eh, estampa logo aos olhares, senão perdemo-nos.

- muito bem.

-> mas nós não podemos andar atrás de coisas bonitas, só de exterioridade. nós também temos de fazer um caminho

- hum, hum.

-> e trilhá-lo.

- sim senhor. senhor Avelino, mas o senhor mesmo disse que Deus adornou a mulher desses encantos e dessas belezas

-> é verdade.

- acha que Deus adornou a mulher desses encantos, e dessas belezas para nos tentar, para nos mandar para o inferno?

-> não. também acho que não.

- também não.

-> não. deu-lhe essa beleza porque ele gostou de, de criar e de ter a criatura bela. uma flor, a humanidade, tudo belo, desde o pensar a, a, a, a tudo! quer dizer, no desejo, nos olhares, sabe que um olhar fascinante de uma mulher prende um homem. eu também fui rapaz novo e bem vi. eu às vezes era preso por um olhar e elas, até da inocência delas, mas eu, pronto, sabia, eh, colher. os senhores hoje andam a colher usos e costumes e eu também saberia colher um olhar, ou um sorriso que me... prendia. e ela sem saber estava a mandar em mim. o que eu tinha era de lá depois dar um pontapé e se quisesse seguir sempre, ou estatelar-me depois.

[...]

- não acha que, que devíamos ter, em relação a ela, a at[...], a atitude que Cristo teve em relação a Maria Madalena?

-> sim, sim. pois. nós devemos perdoar à Ana Plácido. e eu perdoou-lhe, mas, eh, sei que ela que fez mal.

- pois.

-> não posso dizer que fez bem.

- é que eu acho que, mais do que perdoar, devíamos compreendê-la.

-> sim. mas que fez mal fez. que fez mal fez. e até, ela escrevia também bem. ela era, era uma mulher que também sabia escrever.

- já imaginou o que seria a existência de Camilo Castelo Branco se não tivesse

-> sim.

- encontrado Ana Plácido?

-> a Ana Plácido. bem...

- acha que teria sido melhor ou pior?

-> **continuará** a ser o grande boémio... cidadão, como era até aí.

- sim.

-> pausa aqui, pausa acolá, um pouco dizia bem, um pouco dizia mal, ia aos saraus das freiras ao Convento da Avé-Maria quando a abadessa fazia anos, recitava, elas batiam palmas. no outro dia escrevia logo um romance a, a, a, "A Freira sub[...], no Subterrâneo", eh...

- ham, ham.

-> outras coisas, logo a picá-las. eh, eh! tinha esse dom, mas não deixava também, nos dias de festa atender aos convites, e como homem literário que era, ia abrilhantar os saraus literários. quer num convento, quer noutra.

- sim.

-> portanto era um homem que tanto cambava para um lado como descambava para outro, como seguia em frente. tinha os seus, a sua maneira de ser. não era um homem certo.

- hum, hum.

-> Camilo não era um homem certo.

- sim. mas finalmente, então, Ana Plácido terá tido um papel positivo ou negativo na vida de Castelo Branco?

-> ora bem

- na sua vida pessoal, no seu equilíbrio.

-> no seu equilíbrio de... ele rever-se no lar, o homem agasalhou-se. não há dúvida que manteve-se ali fiel ao, ao lar, lutando sempre com a pena para fazer sobreviver ao lar, porque não havia outro rendimento que não fosse a pena dele. eh, dona Ana era uma senhora da, eh, da alta sociedade que, eh, oferecia muitos banquetes, e sobretudo lanches ao, ao, ao Garrett, ao, ao Guerra Junqueiro, e... ao Dom António Feliciano de Castilho - que até está lá um par[...], um padrãozinho de mil oitocentos sessenta e seis, a atestar a visita dele a Seide - e etc. e então ela oferecia es[...], esses lanches, fumava charuto, oferecia uma caixa de charutos aos que fumavam, e tudo isso era uma despesa... fabulosa. ainda hoje, nas nossas casas, se nós metermos muito na sociedade a, a dar brindes de coisas, a, o, as nossa bolsa começa a esvaziar-se. ora na casa de Camilo era na mesma. eh, o Camilo tinha que sustentar isso e ela então com as suas fidalguias, com as suas burguesias, lá sustentava, ia-se polindo, não é, ia até escrevendo, que ela também, eh, tem um livro intitulado "Luz Coada por Ferros".

TÍTULO: Ser Pastor

LOCAL: Portugal - Penedo Gordo, Beja

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 59 anos

ESCOLARIDADE: 4 anos

PROFISSÃO: Pastor

OBSERVAÇÕES: Também participam na conversa os donos da casa onde foi feita a gravação, amigos do informante.

-> [...]

- tem muitas ovelhas, é?

-> setecentas.

- ih! está sozinho a tomar conta de setecentas ovelhas?

-> [...], sozinho, sozinho. então, para que é que eu quero mais gente?

- então é [...]

-> eu estou, as pessoas [...] ali para nada.

- e se fugirem meia dúzia delas, como é que faz?

-> não fogem que eu não deixo.

- tem um cão?

- [...]

-> tenho o cão, que ajuda.

- ah!

-> é, é.

- e as ovelhas, e aqui, eh, cria-se as ovelhas, e o leite delas, como é?

-> o leite delas agora não temos disfrutado.

- hum, hum.

-> faz-se em... criações.

- sim.

-> e a criação é, dá carne, e pronto.

- pois.

- então, mas eu já tirei o galheteiro ao senhor João?

- mas há, quando chega

-> está aqui um bocadinho.

- ralha-lhe!

-> o seu marido partiu-me um bocadinho, não vê?

- ah!

-> eu não tenho as mãos muito lavadas.

- isso, nada faz mal, não é, ah! nem vale a pena...

-> hum.

- preocupar muito.

-> pois é.

- ah, e a lâ das ovelhas, para tosquiar aquilo tudo, como é?

-> há uns rapazes

- hum, hum.

-> à máquina, depressa as tosquam. depois mete-se [...], aqui em Beja, não sei para onde é que ela vai, depois.

- já não é como antigamente, que era à, à tesourada, não?

-> é, à tesourada. lembra-se disso?

- eu não me lembro, mas ou[...]

-> que idade tem o senhor?

- eu tenho cinquenta e três anos.

-> cinquenta e três, é quase da minha idade.

- no[...]

-> eu tenho cinquenta e nove.

- cinquenta e nove. [...]

-> hum.

- lá nos Açores há poucas ovelhas.

-> sim, lá não tem assim muitos gados de ovelha.

- não, têm muitas vacas.

-> muitas vacas, nos Açores.

- é.

-> hum.

- ovelhas há poucas.

-> há poucas. não, aqui o, a nossa região de Alentejo, que é aqui Beja

- hum, hum.

-> havia muitas ovelhas. só que hoje estão muito reduzidas. têm reduzido muito, muito, muito.

- hum, hum.

-> dedicaram-se à, mais à seara, mais à seara, mais à seara, porque, as ovelhas têm que trazer pessoas atrás, ou adiante, e as searas é com tractores e a pessoa chega à tarde mete o tractor num casão e vai para casa e penteia-se e vê a televisão, e prontos, já está.

- acabou.

-> acabou. e então as ovelhas têm-se reduzido muito, muito, muito. mais, que temos tido bastante subsídios

- hum, hum.

-> para as ovelhas. mas não, mesmo assim.

- hum.

-> não há ninguém que queira

- que queira.

-> andar à par de ovelhas.

- é uma vida muito sujeita, não é,

-> vida sujenta, e além disso, presa e [...]

- pois. aquilo é, de Verão é, enquanto há luz elas andam por aí, não é?

-> sim, depende, da maneira que elas têm tratamento... que apanham no prado.

- hum, hum.

-> se tiver um tratamento bom no Prado elas não andam muito tempo de noite.

- não, deitam-se.

-> ah! deitam-se

- depois...

-> pronto. mas se não houver o tratamento preciso, pois de noite também fazem um jeitinho.

- hum, hum.

-> mas só que a gente não tem tido Verão aqui.

- este ano...

-> no nosso Alentejo.

- sim.

-> que quando não chove faz frio. não temos tido aquele Verão. portanto, pouco se encostam durante o dia, mas quando vem ali à tarde, ainda com sol, já estão encostadas. eu até me aborreço da maneira. ontem, por exemplo

- hum, hum.

-> aqui à tarde, ainda estava o sol alto, já elas estavam deitadas. digo "ó velhacas, venham para aí mais um pouco", qual quê.

- já estavam jantadas, senhor José?

-> estavam.

- pois. [...]

-> estavam fartas, vieram-se embora, deitaram-se. "olha, eu **vou fazer** também o comer, e como, e deito-me também". pronto. deitei-me ainda com ar de dia, ainda se via bem.

- e de manhã, elas acordam

- [...]

-> de manhã, às seis horas, então marchámos. marchámos, levei-as a um sítio em que elas quando veio o fim de uma hora e pouco estavam cheias. "eh pá, então mas a gente agora, o que é que eu faço?" trouxe-as para cá, vieram, vieram, vieram, vieram-se deitar. o r[...], o resto, precisava, não beberam. aquilo, a comida era verde, não tiveram apetite da bebida.

- [...]

-> para, quando a gente come uma salada também não tem muito

- pois é, também não tem muita sede.

-> também não tem muita sede, é.

- e nunca ninguém lhe rouba uma ovelha aí, nem, nem nada?

-> que eu dê notícia, não tem acontecido. mas não diga que não aconteça amanhã ou depois.

- pois.

-> mas que as pessoas muita das vezes têm apetite de comer

- claro.

-> o que não querem é trabalhar

- pois.

-> isso é que aí acontece, há muita...

- nem... pois é. pois é.

-> assim, uma maneira de, dum borreguito, já me tem acontecido, de achar em falta.

- ham, ham.

-> ali ovelha não, não me tem acontecido.

- ham, ham.

-> hum, hum.

- são suas mesmo, as ovelhas?

-> n[...], são minhas umas, e outras são da dona aqui desta área toda.

- ah!

TÍTULO: Um Meio Pequeno

LOCAL: Portugal - Angra do Heroísmo, Açores

DATA: 1996

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 28 anos

ESCOLARIDADE: 9 anos

PROFISSÃO: Jornalista

- e, e portanto esses conjuntos que tu dizes conjuntos de baile significa que aí, por essas freguesias fora, as pessoas já não ouvem aquelas modinhas de antigamente, de...

-> ah, já não, não querem e, pronto, os conjuntos que existem cá todos eles tentam estar sempre, eh, em cima do, do top e aprenderem a, os primeiros classificados, aprenderem da melhor maneira para agrad[...], para agradarem ao, aos jovens que **vão ouvir**, já também não se vê as, as senhoras velhotas a irem... a, ao, a, por exemplo, quase sempre os concer[...], os concertos é na Segunda-Feira à, à, à noite

- hum, hum.

-> já não são as senhoras que se **vão sentar** à frente da cadei[...], com a cadeira à frente do, do palanque, já é os jovens e, e pronto.

- isso sugere que actualmente há uma diferença pequena entre a juventude de, de, digamos, do campo, das freguesias e a juventude da cidade, não é,

-> há uma diferença muito pequena porque, pronto, a maioria qu[...], qu[...], quase, quase eles todos estão a estudar na cidade, passam praticamente o dia, vêm de manhã vão-se embora já por cinco, seis horas e pronto, o tempo que, que passam nas freguesias rurais é para dormir ou

- hum, hum.

-> ou, ou, ou estudar, estão fechados dentro de casa, pronto, a diferença é mínima.

- pois, porque numa fre[...], freguesia rural, a um jovem que está a estudar, oferece poucas coisas, não é,

-> pois. muitas poucas. não deve haver nada até s[...], não s[...], não sei, não estou a par disso mas suponho que o, a casa do povo não, o que é que a casa do povo deve ter? uma antena parabólica para se ver televisão... de fora e pouco mais, sim...

- e achas que as pessoas nas freguesias vêem, eh, programas de televisão de f[...], eh, estrangeira?

-> ah, como novidade, eu suponho, eu tenho passado, quando passo assim pelas freguesias e olho para as casas do povo vejo sempre uma antena parabólica, logo, suponho que

- hum, hum.

-> que eles tenham uma antena parabólica e ve[...], e, e devem ver, eh, eu suponho que, por uma questão de curiosidade, pelo menos, eh, mal se pôs a antena parabólica devem ter ido lá ver, não?

- pois! porque as pessoas não percebem

-> sim, sim.

- depois, não é,

-> às vezes também é um erro, não percebem, eh, algumas percebem, não é,

- algumas...

-> precisamente esses jovens que estão a estudar percebem, pois...

- a estudar percebem. exactamente. e por outro lado também, desafios de futebol, não é,

-> ah, sim, isso então enche tudo, que é casas do povo, cafés, bares...

- hum, hum.

-> é, é...

- portanto, digamos que aquela diferença entre a cidade e o campo está-se a esbater...

-> ah, absolutamente! acho que sim. ma[...], e mais a mais, pronto, jovens, eh, sabendo precisamente isso, os jovens do campo querem-se parecer mais com os jovens da cidade, apesar de isso não ser nenhuma vantagem, nem ser nada de...

- hum, hum.

-> de bom, mas, para não, para não se[...], precisamente para não serem apelidados de jovens do campo, então...

- e...

-> imitam os outros

- hum, hum.

-> o que também não é bom.

- e também não é bom. e tu achas que actualmente, eh, continua a ser melhor morar em Angra de que no campo, visto que os do campo têm acesso a isso tudo, eh, morar no campo, morar na cidade, o que é que isto te diz, esta dicotomia?

-> não. morar na cidade? morar na cidade é bom porque temos acesso a muitas mais coisas, basta sa[...], sai-se de casa e está-se em tudo onde se quer ir. agora, talvez seja mais calmo e, e mais repousante morar no camp[...], morar no campo, mas aí é que está, tem que se ter transportes também à mão, não é,

- hum, hum.

-> por exemplo, um jovem, o jovem que não conduza... tem que estar dependente de, de, de urbanas e

- hum, hum.

-> de camionetas, de carreiras.

- eh, e agora uma questão bastante pessoal: eh, para uma jovem como tu, o que é que uma cidade como Angra pode oferecer?

-> eu, eu, eu estive, eu estive na Bélgica há, em oitenta e seis, oitenta e sete, com dezoito, dez[...], dezoito, dezanove anos, quando vim para cá odiava isto. porque não tinha nada, não havia nada - apesar de eu na Bélgica estar numa aldeiazinha, coitadinha, de três mil habitantes, que também não tinha nada mas tinha tudo o resto ao pé - eh, então odiava Angra. "quero-me ir embora, não gosto", não sei quê. agora espanto-me a olhar para Angra e a gostar. às vezes saio e olho para as, ah, tão giro, tão bonito, uma cidade tão linda e, eh, por isso acho, precisamente que ela o[...], oferece-me tudo o que eu quero. pronto, em aspect[...], no aspecto de lojas, de s[...], no, negócios, de comércio, tem tudo.

- hum, hum.

-> agora não há nada que Angra não, não tenha. eh, em aspec[...], pronto, para se def[...], para divertimento, também tem tudo, tem, está bem que tenha pouco de cada coisa mas... tem discotecas, tem pubs, tem, eh, por isso, eh...

- e profissionalmente falando, saídas profissionais?

-> ah! profissionalmente falando! pois! no meu caso, que estou no jornal, claro, aí está! surgiu agora a hipótese de entrevistar os, os Extreme, mas isso é uma hipótese que surge... de cinco em cinco anos, se é que surgir! de vez em quando pela san[...], pelas sanjoaninas principalmente, vêm cá grupos de, mais grupos de fora

- hum, hum.

-> dois ou três. aí já há mais uma hipótese

- hum, hum.

-> de eu fazer umas entrevistas. durante o ano, claro que não há muito trabalho. e aí está: é uma das desvantagens, se eu por exemplo, se estivesse em Lisboa, já tinha entrevistas todas as semanas, não é,

- hum, hum.

-> aí, neste campo, nesta profissão, é, é pena, de facto!

- e nos momentos em que tu tens poucas entrevistas a fazer então r[...], fazes trabalho... de gabinete...

-> sim, sim, sim. pois, eu estou no jornal a trabalhar nos computadores também

- hum, hum.

-> precisamente por não haver material suficiente para me manter ocupada o ano todo.

- hum, hum. e tu achas que é mais excitante fazer as entrevistas?

-> ah, absolutamente, credo! claro, sem dúvida! dá mais trabalho mas, mas é muito melhor.

- sim?! porque... aprendes coisas novas ou p[...]

-> sim, porque olh[...], eu o que eu mais gosto é... c[...], música, cinema, literatura

- hum, hum.

-> e, eh, e pronto, faço também os, o cinema, a crítica de filmes e, eh, mas qual era a pergunta? eu entretanto esqueci-me.

- não, porque é que tu achavas que fazer as entrevistas era mais excitante, se era por aprenderes coisas novas.

-> ah sim! por aprender coisas novas, por contactar com, pronto, já não tenho idade para isso, mas com os meus ídolos, entre aspas.

TÍTULO: Um Namoro de Outros Tempos

LOCAL: Portugal - Landim, Famalicão

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 73 anos

ESCOLARIDADE: 4 anos

PROFISSÃO: Doméstica

OBSERVAÇÕES: Participam na conversa o marido da informante, uma irmã desta e um vizinho, todos da mesma região.

- o que eu gostava que me contasse era: como é que conheceu o seu marido? como é que isso aconteceu?

-> ele é que me procurou.

- mas como é que foi? conte-me tudo!

-> ai não, ai nossa senhora, ai como é que hei-de contar?

- ai não olhes para mim [...]

- foi na romaria?

- tu é que sabes.

-> eu como é que hei-de contar?

- ora...
- não foi na romaria que o conheceu?
- > olhe, foi à vinda da igreja
- vinha da igreja
- > dantes a gente ia ao terço, às ta[...] - agora não há
- ham, ham.
- e ele vinha do terço e, e s[...], perseguiu-me, pronto.
- eu, [...]
- mas ele já a co[...], já a conhecia antes? ele já a conhecia antes?
- > não, isso não sei. a primeira vez foi à vinda do terço.
- mas a, a senhora não o tin[...], nunca o tinha visto?
- > não senhor.
- ah, foi assim?
- > podia até vê-lo, mas sabia lá.
- não sabia quem era.
- ia passear à montanha.
- > [...]
- e então quando viu que vinha aquele rapaz atrás de si, o que é que pensou?
- > eu não pensei nada, ele é que veio falar para mim.
- e o que é que ele lhe disse?
- > ai eu agora sei lá!
- mais ou menos.
- > como ele entendeu.
- a primeira vez não deu resultado.
- > atrás de mim vinha o meu pai
- ham, ham.
- > do terço [...]
- a primeira vez
- > então contas tu [...]
- foi no dia da inspecção.

- espera, espera, espera, espera, espera, espera.

-> prontos, vai lá então.

- ela conta e depois o senhor conta a sua versão.

- um de cada vez.

- é uma versão de cada um. diga lá.

-> atrás de mim, o nosso pai também ia ao terço e levava-nos, pronto, éramos católicos e somos, e depois ele levava uns socos, um tamancos, também não era como agora, eram tamancos e eu disse assim "ai, sai daqui que vem aí o meu pai" e ele nã[...], ainda não o conheceria, não é, e eu "não venhas para a minha beira", eu assim "que agora vem aí o meu pai, vem aí atrás de mim" e ele, pronto, retirou-se um bocado e eu vim para baixo. naquele dia não... me falou nada. depois tornou-me outra vez a perseguir, ah, outras vezes fui ao terço e ele foi também. foi também! ele vinha de Castelões, se ia ou não, não sei, ele andava por ali.

- [...] para beber uma pinga.

-> prontos. então, havia lá um tasco à beira

- [...]

-> e ele em vez de ir para o terço até eu sair da igreja, foi para o tasco. tornou-me a perseguir. pronto, e daí, começou depois

- olhe, e quando viu que andava aquele rapaz a persegui-la, como é que o seu coração ficou?

-> eh, ó meu Deus, ó senhor, desculpe, ele também tem de desculpar, eu antes destes vieram outros.

- ai é?!

-> eu tive muitos mais.

- ai não foi o primeiro?!

-> ah, pois não foi, ah! eu não estou a mentir!

- ah!

-> vieram outros. mas eu, prontos

- não ligava.

-> calhou, calhou de ser, não liguei a muitos, foi verdade. que até dois já estão viúvos e outros assim, pronto. e depois a, pronto, ali calhou de ligar a este, depois

- está bem [...]

-> depois eu disse-lhe "vai-te embora que...", eh, eh, desculpei-me

- diz lá.

-> "que a minha mãe não, não me deixa conversar. não me deixa, pronto, e eu não estou para andar por aí..." e ele depois, eh, esteve para aí dois meses ou três, depois tornou a vir. então depois tu[...], prontos, digo assim "bem! sei lá se é para, tem de ser ou não tem". foi assim.

- portanto, gostou mais deste do que dos outros.

-> mas tive mais, pulha. e ele também teria outras raparigas, pulha

- sim.

-> ele também diz que teve mais raparigas, mas pronto.

- sim. mas porque é que gostou mais deste do que dos outros?

-> ó senhor, calhou! pronto. [...]

- devia haver alguma coisa de especial.

-> eu não posso dizer, ah, então, não houve nada de novo, graças a Deus, não houve nada de especial, de novo

- hum, hum.

-> cá não houveram frocotiques.

- muito bem. e depois então começaram a conversar.

-> é, começámos a conversar.

- sim.

- mas é

- e o seu pai teve que dizer que deixava.

-> nós tínhamos de, não podia ir para longe de casa, que nossa mãe não nos dava essas rédeas. eu tinha de estar, a minha mãe dizia mesmo "tu tens de estar onde eu... chame e tu me fales logo".

- hum, hum.

-> e eu era assim. chamava e eu tinha de lhe falar logo. senão

- então a senhora quê, ia só ali

-> senão elas caíam

- para baixo para a rua?

-> como? não senhor.

- ia, descia.

-> não, não

- ah.

-> a, na, a casa dos meus falecidos pais é ali por trás.

-ah.

-> ele até se vê da, daqui do telhado.

- hum, hum.

-> e até tinha assim um, também assim, ainda é mais assim escondido que aqui, é um recanto [...]

- ela vê-se daqui, destas pedrinhas, vê-se dali.

-> ela vê-se.

- hum, hum.

-> pronto, e eu comecei, ele começou-me a perseguir, prontos, e eu... calhou assim. mas eu tinha de estar onde eu, eh, ela dizia-me "tens de estar onde eu te chame

- [...] teve muita sede

-> onde eu chame por ti e tu me fales". foi assim.

- [...]

-> e eu tinha de lhe falar.

- e quanto tempo...

-> só dez minutos.

- ham, ham.

- dez minutos, não havia mais?

-> não me deixavam estar mais, pronto.

- quanto tempo durou esse namoro?

-> olhe, não foi muito. foi para aí, seria dois anos?

- ah!

-> seria dois anos, não, nem tanto.

- que idade tinha a senhora, na altura?

-> tinha vinte e sete anos quando casei.

- então já...

- [...]

- [...]

- já era crescida.

-> já era crescida, criada, graças, tinha vinte sete anos.

- olhe

- hum.

- e se comparasse

-> e, e ele tinha vinte e oito.

- ah, se a senhora comparasse o, a maneira de namorar dessa altura

-> oh!

- e a maneira de namorar de agora, acha que é muito diferente?

-> oh, esteja, oh, esteja caladinho.

- porquê?

-> a maneira de namorar de agora é um nojo.

- porquê?

-> porque a gente vê as coisas. agora não, não ando, mas eu bem sei como é. até se vê nas televisões.

- sim.

-> eh, isto agora não é, dantes não era na[...], Deus me livre de dantes tocar... um, um, um rapaz numa rapariga. bem, não seria todos, vá. olhe que o nosso falecido pai, uma vez, - ele bem se ri - o nosso fal[...] - já lá está - deu com nós ali a conversar. ele ia com umas cordas na mão, ia buscar um molho de coroas, sabe como é, dos milhos

- sei.

- hum.

-> cortar para o gado, aquelas coroas.

- sim.

-> e eu i[...], ia a, estava ali à beira de uma casa - os senhores não conhecem, não vale a pena dizer o nome da pessoa, não é, - e estava ali. e o meu falecido pai lá foi ver se

- [...]

-> se haveria alguma coisa de novo. os senhores querem saber eu digo, não é,

- [...]

-> e ele, e e[...], e eu estava desviada do meu homem

- [...]

-> por exemplo, o meu homem estava aqui e eu estava ali, assim, assim, é verdade, era assim. e ele foi, e eu assim que vi a sombra do meu pai - nós já falávamos há uns mesicos, porque ele depois deixou e tornou a vir. também foi contado esse tempo - eu assim que vi assim uma sombra, olhei para trás, o que vale, ele estava - ele bem sabe que é verdade - estava desviado e eu também, e assim que vem a sombra do meu pai eu tremia. parece que até, pus-me amarela. e eu então fiquei assim. e ele foi assim, saiu. deixou-me ficar. eu fiquei assim, fui para o lado de casa e ele, foi assim, pronto. e depois, eh, o meu pai dizia assim "eu, se tu deres, se tu c[...], entenderes que dás uma treta" - chamava-lhe ele assim - "a um amigalhote qualquer, tu tens de estar de longe, que se vos eu topo perto, mato-te". e então, disse-me isso algumas vezes. uma vez também nos topou assim desviado e foi ao, ao... ao penso para os animais - chamamos nós os pensos

- o penso.

-> cortar aquelas coroas que o milho puxa

- ham, ham.

- hum, hum.

-> e o meu homem tinha falado comigo em falar o casamento e em vez de, seguiu o meu pai, seguiu o meu pai, prontos. [...] e pronto; e depois ele é que lá falou o casamento. não, não andei muito tempo na conversa, não.

- hum.

-> não, que a nossa mãe não queria. dizia assim "ou para uma banda ou para a outra". se quiseres casar, se quiseres um moço, casais, e se não quiseres, larga, eu não estou para andar a pa[...], a espreitar ninguém, nem, não ando agora atrás de ti." ó senhor, não era preciso andar atrás de mim, mas ela tinha a ideia que, que tinha de olhar por mim, pronto.

- hum.

-> mas já tinha de, já era de maior idade, não é,

- pois, de facto.

-> mas dantes não era assim, de como agora se vê, prontos.

TÍTULO: Um Sonho

LOCAL: Portugal - Lisboa

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 29 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Professora universitária

OBSERVAÇÕES: A interlocutora da informante também é de Lisboa.

-> então o outro era o outro, que era: estávamos na praia e aquilo tudo cheio de areia e não sei quê, era um grupo de mulheres, assim, com fatos de banho antigos tipo [...].

- tipo quê?

-> sei lá...

- anos vinte?

-> anos vinte, sim, tipo anos vinte. mas só que os fatos eram todos verdes-escuros e assim com uns folhinhos, depois tinham uns barretinhos na cabeça, também assim com os folhinhos, tudo verde-escuro. elas também tinham toalhas verdes-escuros. e então aquilo era um grupo de prisioneiras.

- ah!

-> era tudo prisioneir[...], estavam todas na praia e eu era uma delas, percebes, era, só que não era eu, era uma pessoa que eu sei que era eu, porque eu falava através daquela pessoa e sentia o que aquela pessoa sentia mas ela não tinha a minha cara...

- sei.

-> nem o meu corpo, nem nada. e então, de repente, e havia assim uma rede verde, a separar a areia e de um lado estavam as prisioneiras, não é, e do outro lado eu pressuponho que eram as pessoas normais, que estavam ali, no resto da praia e depois para se sair dali tinha que se atravessar aquele bocado da areia e depois ia-se para a prisão...

- sei.

-> suponho eu. e, e de repente elas começaram-se a arranjar e já tinham saído muitas pessoas à nossa frente, e eu olhei e disse "então, então vocês vão para onde?" porque elas em vez de irem para o lado da rede, estavam a i[...], estavam a ir para o outro lado. e elas disseram "ah nós vamos fugir". e eu acho que estava um homem metido no meio delas mas é difícil de saber isto, eu tenho a impressão que estava lá um homem...

- curioso.

-> mas não, mas não tenho a certeza, porque eram m[...], mu[...], eram, eram mulheres só, eram para aí umas três mulheres e ela "nós **vamos fugir**" e eu fiquei assim a olhar e disse "pois é, é muito fácil fugir, por aqui, de facto, mas não adianta de nada, fugir, para que é que a gente vai fugir? depois apanham-nos". sabes, e eu achei que aquilo era tão natural, que nos iam apanhar a seguir, não valia a pena fugir. então muito naturalmente fui-me embora sozinha.

- para a prisão?

-> para a prisão. e virei para me ir embora para a prisão, só que quando cheguei à prisão, não era nada a prisão era a minha casa...

- Paula!

-> com o António, não é giro? e o António já estava a vestir-se, no quarto, e eu fui tomar banho. e depois, saí enrolada na toalha, espreitei, vi o António a vestir-se, voltei para a casa de banho. e quando voltei para a casa de banho, a água da banheira onde eu tinha estado a tomar banho, estava cheia de peixes, Helena!

- incrível.

-> peixes, peixes de todas as cores, de todos os feitios, lindos, uns pequenos, outros grandes, uma coisa enorme, olha, e ao mesmo tempo que aquilo era lindíssimo, era aflitivo, era um horror. eu comecei a gritar "António anda cá ver, António vem cá ver". e ele "o que é que foi, o que é que foi?" porque eu entretanto, tinha, tinha ido lá para tirar o, o ralo da banheira, percebes,

- sei.

-> e fiz aquilo na mesma, em vez de não tirar o ralo, tirei o ralo na mesma, então os peixes todos a irem pelo ralo abaixo e um tão grande e eu a pensar assim "este não **vai** s[...], **caber** no ralo". então aquilo já era nojento, estás a perceber, porque o peixe já era grande demais, para caber no ralo, e eu pensei "estes peixes vieram todos agarrados à minha pele"!

- meu Deus, Paula, isso é

-> estás a perceber,

- Dali

-> era isso que eu estava a pensar, era em larvas, vieram larvas ou ovos ou, ou qualquer coisa, vieram agarrados à minha pele, porque eles, depois quando eu me meti na banheira, na água, foi como se na água eles tivessem crescido.

- incrível!

-> estás a perceber, aqueles peixes tinham vindo todos colados a mim.

- da praia, da pri[...], da, qu[...], daquele grupo de mulheres.

-> da praia, daquele grupo das mulheres, da prisão, daquela coisa toda, estás a ver, e eu ali "António vem cá ver, vem cá ver" e ele a ver, e, e pronto, e, e o, e os peixes foram-se embora. e depois eu muito aflita, com aquilo, e quando chego ao quarto, havia peixes a voarem no, num, no quarto, assim era um peixe muito lindo, assim preto e cor-de-laranja, assim com riscas...

- imagina.

-> e eu a ver o peixe assim voar, no ar, a passar assim como se estivesse num aquário e eu, e eu a olhar, para aquilo, assim.

- é bonito... até.

-> não é? mas não é?

- só a narrativa, já é... sugestiva

-> pois, mas é muito estranho, não é,

- é, é curioso. já falaste nisso assim?

-> não, não, não falei com ninguém. não sei o que é que isto quer dizer...

- mas deve ter aí, há cargas óbvias, não é,

-> sim, pois, há coisas óbvias.

TÍTULO: Vida de Estudante

LOCAL: Portugal - Porto

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 47 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Farmacêutica

- não acha que, de um modo geral, a miudagem já não est[...], eh, em todos os aspectos da vida, não, não quer grandes sacrifícios? não é só no estudo. são...

-> mas exigem, exigem-se-lhes muitos sacrifícios, eu acho, hoje.

- acha?

-> acho, acho. então, eh, nos complementares, naquilo que se chamava complementares, e no décimo segundo ano sobretudo, eu acho que é uma exigência brutal, m[...], brutal.

- em níve[...], a nível da matéria, dos programas?

-> matérias, de, e falta de tempo, muita coisa para estudar, pouco tempo, e eles não têm, não conseguem viver nada que diga respeito à idade deles. eh, eu tenho uma filha, por exemplo, que está no décimo segundo ano, e que eu ontem fui almoçar a casa de uns amigos, e ela ficou aqui a estudar. e tem sido isto sistematicamente, todos os fins-de-semana. porque durante a semana não têm tempo para estudar, porque têm um currículo muito pesado, em termos de horas, e o que acontece é que durante a semana não têm suficiente tempo, depois têm testes, têm que estar preparados para os testes, acabam uns começam outros, e a verdade é que eles não têm tempo absolutamente nenhum. é uma adolescência estúpida, porque eles não vão ao, não podem ir a lado nenhum, não têm tempo para, para se dedicar a, à música - ela, por exemplo, andava em piano teve que deixar, andava em ginástica teve que deixar - não há tempo para nada. o que eu sinto é isso.

- hum.

-> que eles p[...], passam a, a sua juventude a estudar, agarrados aos livros, assim em cima de uma mesa, e não fazem mais nada. a[...], aqueles que se aplicam, claro.

- claro.

-> sorte a dos outros, se calhar, que não se aplicam.

- pois. e quando é que eles **vão viver** a sua vida...?

-> não sei. não sei. realmente acho... que está, está-se a exigir demasiado de, desta gente desta idade.

- hum, hum.

-> não se, se depois na, na universidade se as coisas continuam

- ui!

-> como no meu tempo, se pioraram, não sei.

- penso que continua a ser [...].

-> eh, só sei é que realmente se está a estraga[...], e[...], eu olho para eles - claro que eu não **vou dizer** isto assim, à minha filha posso dizer, porque ela é muito responsável, mas a verdade é que não se pode dizer isto aos miúdos de quinze, dezasseis, dezassete anos - mas a verd[...], mas sinto que eles não vivem nada que diga respeito à adolescência. eles não podem ver televisão porque os pais mandam-nos para a cama, porque de manhã têm que se levantar às sete e um quarto, depois passam o dia inteiro nas aulas, chegam à noite, eh, não têm tempo, como digo, para fazer, ah, qualquer actividade extra-curricular.

- nem sequer para conviverem

-> é o que eu sinto

- com os pais, não é,

-> sim. eu cruzo-me poucas vezes até com a minha filha, a não ser à noite.

- pois.

-> é isso que eu sinto, que, que, acho que têm muitas disci[...], demasiadas disciplinas, penso eu.

- e tudo isso em nome de, de se prepararem para vencer na vida, não é,

-> é verdade. vencer na vida, ao fim e ao cabo é para, só para, para ter possibilidades de um dia vir a ganhar dinheiro, empata-se toda uma adolescência, toda uma ju[...], uma juventude, para se começar a trabalhar já tarde, não é, porque é

- pois.

-> já tarde, e se calhar nem sequer emprego ter.

- pois. muitas vezes acontece isso também.

-> então esta, esta geração agora **vai ter** muitos problemas, penso eu.

- pois. só os muito bons é que vão... arranjar alguma coisa com mais facilidade, não é,

-> se calhar. mas mesmo esses... depende dos cursos que também pretendem ir.

- hum, hum.

-> mesmo os muito, os chamados muito bons ainda depois **terá** que haver, eh, os ainda me[...], melhores, melhores que os bons.

- pois é. e depois as entradas nas universidades são complicadas também.

-> sim, e eu penso que aqui em Portugal, pelo menos - não sei se nos outros países sucede a mesma coisa - mas parece-me que é muito injusto, ah, algumas coisas que estão a suceder, que é o facto dos alunos que frequentam colégios particulares, eh, conse[...], conseguem, eh, alcançar médias que nunca conseguiriam alcançar na, no ensino público. e isso faz com que eles ocupem, eh, primeiro, as vagas que deveriam ser ocupadas por efectivamente aqueles que se empenham mais.

- pois.

-> e isso verifica-se aqui, por exemplo, no Porto, eu tenho alunos que... são capazes no segundo período de estar chumbados a quase todas as disciplinas, vão para o colégio, na, matriculam-se portanto na Páscoa no colégio, passam e regressam às, ao liceu à, que não é liceu, não se chama liceu

- pois.

-> actualmente, aqui é

- pois.

-> aquilo é quase como se fosse um liceu

- pois.

-> à escola secundária. e regressam e, depois no ano seguinte é a mesma coisa, e chegam lá, voltam a passar, e, e depois no décimo segundo então frequentam mesmo o colégio, tiram as notas necessárias e suficientes para entrar num

- pois.

-> curso qualquer e, e realmente vão ocupando as vagas que os outros mereciam.

- portanto isso leva-nos a um problema interessante, que é o problema da avaliação, que deveria ser, se calhar, de âmbito nacional, e não...

-> eu acho, mas, mas o problema é que, dá-me, o facto de ser de âmbito nacional, quem é que corrige?

- equipas nomeadas

-> pois, não sei. porque também o facto do teste ser nacional não significa que depois eles sejam avaliados da mesma maneira.

- pois. antigamente como é que se procedia, no caso dos colégios? iam fazer aos liceus, os exames, não é,

-> iam, iam.

- era isso que devia acontecer, não é,

-> mas mesmo assim, como a classificação - que eu acho correcto que a classificação final entra com a média das frequências.

- claro.

-> mas a frequência, essa nota da frequência é dada p[...], na então, no sítio onde eles frequentaram. portanto automaticamente está viciada.

- pois está.

-> porque mesmo que haja um teste a nível nacional, eh, se cinquenta por cento da, da nota entrar com a frequência, automaticamente está outra vez viciada.

- sim. mas se o aluno for realmente muito mau chumba e... portanto não serviu de nada a média que ele tinha do colégio, não é. se ele tem quatro ou cinco no exame de nível nacional, eh, bem pode ter catorze ou quinze de média, não é, porque chumba.

-> bem, nã[...], eu, há uma, uma, uma... fórmula de avaliação final do décimo segundo ano, que neste momento não tenho presente, mas, eh, que, que realmente me parece que os alunos, eh, do ensino público estão sempre um bocado em desvantagem em relação aos do ensino privado. e a prova é que eles vão todos p[...], quando estão mal, vão para os colégios. por alguma razão é.

- portanto, não é justo.

-> por alguma razão é, não é.

TÍTULO: O Marido Ideal

LOCAL: Portugal - Faro

DATA: 1996

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 22 anos

ESCOLARIDADE: Bacharelato

PROFISSÃO: Estudante

- mas, já pensou que é dif[...], não acha que é difícil, nos dias que correm, para uma mulher, ah, ser... profissional de uma coisa qualquer, e a sua vida de, pessoal? combinar as duas coisas.

-> tem que começa[...], para já, hoje em dia já é bastante diferente do que era há uns anos atrás

- hum, hum.

-> e tem que ser mesmo assim porque acho que hoje em dia tanto as mulheres como os homens realizam-se profissionalmente

- hum, hum.

-> e a ligação das duas coisas, sei lá, é uma coisa que vem depois. primeiro vem a profissão, o emprego, o futuro. depois tem que vir o resto.

- hum, hum. diz que tanto as mulheres como os homens realizam-se profissionalmente. no entanto, eh, para a mulher o realizar profissionalmente implica uma dupla... tarefa, não é, porque em casa normalmente é a mulher que trabalha...

-> ah, mas isso não pode continuar assim, pelo menos no mes[...], no meu ponto de vista. porque, se ambos trabalham fora de casa também têm que trabalhar os dois dentro de casa.

- hum, hum.

-> por isso não pode ser só da parte de uma pessoa, o trabalhar em casa.

- e está habituada a ver isso à sua volta, ver o homem trabalhar em casa?

-> não. por v[...], por ver exactamente o contrário é que eu penso assim.

- hum, hum. e acha que o homem pode facilmente - a mulher aprendeu a fazer tarefas que até aqui há uns anos atrás eram só do homem, não é,

-> hum, hum.

- acha que o homem facilmente pode entrar nas tarefas que eram, normalmente, d[...], especialidade da mulher?

-> tem que se ir habituando aos poucos. porque há homens que quando querem fazem as mesmas coisas que uma mulher, em casa. quando eles não querem é que já é pior. mas acho que sim. acho que aos poucos conseguem. e mesmo, não digo, por exemplo, uma mulher pode cozinhar, não é, mas há outras coisas para além de cozinhar que se podem fazer em casa. e acho que é principalmente isso.

- eh, na sua opinião, quais são essas tarefas, concretamente, que são... mais fáceis para o homem fazer?

-> estar sentado a ler o jornal, não.

- sim, mas isso não.

-> não sei, mas, por exemplo, a partir do momento em que se constitui uma família

- sim.

-> em relação aos filhos

- hum, hum.

-> não é, por exemplo, uma mulher pode faze[...], pode fazer o jantar, o homem pode ir lavar a loiça, pode ir levar os filhos à escola, também pode vesti-los

- hum, hum.

-> pode, portanto, todos, as tarefas, não é, que podem ser a fu[...], a função duma mãe, podem ser função de um pai também.

- acha que um homem, acha que um homem facilmente dá, eh, banho a um bebé recém-nascido, por exemplo

-> não.

- a escorregar por todos os lados?

-> não, mas... acho que é uma coisa que... tem que se ultrapassar. por exemplo, eu conheço pesso[...], conheço homens que dizem que não, que não, que não, mas já os vi depois conseguirem fazer isso.

- hum, hum

-> têm é que ultrapassar a barreira. é preciso, eu acho que é... mais a questão... de força de vontade

- hum, hum.

-> do que, o acomodamento é que leva a que não façam nada.

- hum, hum. por exemplo, pegar num ferro e engomar a roupa. acha que o homem facilmente consegue ter des[...], paciência, mentalidade para isso?

-> nem por isso. nem por isso, mas... eu também não tenho

- ah! bom...

-> pois. não, acho que as coisas podem ser divididas. acho que há coisas que se calhar agradam mais a um e outras que agradam mais a outro.

- hum, hum.

-> e aí, depois tem que se resolver alguma coisa. comigo já é assim, quando vou para algum lado não, não dá hipótese, tem que ser.

- pois. ma[...], mesmo na, nos casos em que as tarefas são compartilhadas

-> hum, hum

- eh, normalmente é a mulher que toma a, o leme da casa e é q[...], é a mulher que tem a preocupação, o que é que **se vai fazer** para o jantar, etc., não é,

-> sim. muitas vezes é, mas, é o que eu digo, eu acho que isso se parte de um princípio, quando se, quando se toma a decisão de viver em, em conjunto, as coisas têm que tomar um rumo desde o primeiro dia, porque, se a mulher começa a tomar o rumo da casa e depois passado cinco ou, só, ou dez anos é que decide que o homem tem que trabalhar, aí... as coisas já vão um bocado mal. acho que é uma coisa que tem de partir do princípio. se não partir desde o princípio, não sei se **dá** muito resultado.

- bom, isso que me está aí a dizer faz pensar que olha para... a relação do casal como uma coisa muito racional, muito programada, logo à partida.

-> não. não, não é a questão de ser programada, só que, não, não acho bem que, prontos, quando o homem trabalhava só e a mulher estava em casa, aí até, até era justo que quando o homem chegasse a casa quisesse descansar mais.

- hum, hum.

-> agora, a partir do momento em que uma mulher trabalha tanto, mais ou menos, do que um homem, não vejo justificação nenhuma para um chegar a casa sentar-se e o outro trabalhar.

- e tenciona definir assim as coisas com o seu namorado antes de casar?

-> ele já sabe o que é que eu penso.

- já sabe?

-> já.

- e, e imaginemos que ele lhe diz "ah, tem paciência, mas eu... lavar louça e, é coisa que eu não faço".

-> ele já lava. já lava.

- já lava.

-> já. ele, por acaso, ele agora até, ele já dá aulas e, portanto está a morar sozinho e as vezes que eu tenho ido lá passar fim-de-semanas, faz o jantar, lava a loiça, arruma a casa, por isso está a ficar bem treinado.

- portanto, acha que não **vai haver**... problema.

-> penso que não. penso que não. mas também não sei se **vou pensar** casar com ele. ainda me falta tanto tempo.

- ah, é?

-> na[...], eu para mim

- ainda falta tanto tempo para quê?

-> porque... sem ter a minha vida profissional definida, sem, sem saber que me posso sustentar a mim própria, não é, na, na altura do casamento e se resolver, por exemplo, sei lá, pode acontecer tanta coisa, eu tenho que me sustentar a mim própria. não po[...], eu não entro num casamento a depender de outra pessoa. por isso, até chegar essa altura não.

- estou a ver que é uma pessoa muito racional.

-> um, nesse aspecto, um bocado. talvez por causa das coisas que eu já, já vejo à minha volta, não é,

- hum, hum.

-> tanto na minha família como em pessoas que conheço. e, prontos, é assim que eu quero, eu não posso dizer que não me pode acontecer outra coisa...

- hum, hum.

-> mas, é o que eu espero.

- claro. mas a pessoa pode-se sempre enganar. mas não acha que, que na, na relação entre as pessoas deve haver também um certo romantismo?

-> sim, mas uma coisa não exclui a outra.

2. ETR

TÍTULO: O Quotidiano e a Lei

LOCAL: Portugal - Porto

DATA: 1989

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 45 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Advogado

OBSERVAÇÕES: Este texto foi extraído de uma gravação do programa de televisão "Às dez" da RTP - Porto.

- chega-nos agora uma carta de uma telespectadora do Porto; «vivo maritalmente com um senhor há dezoito anos numa casa arrendada a ele. pergunto: se o meu companheiro morrer, tenho ou não direito à casa?»

-> chegou-nos problemas do, da transmissão do direito ao arrendamento que tanto temos falado. ora bem, a nossa telespectadora não nos esclarece se o seu companheiro é uma pessoa casada ou não. isso é importante. porquê? porque ela **terá** direito a que se lhe transmita o direito ao arrendamento desde que o seu com[...], companheiro não seja casado, portanto, seja solteiro, viúvo ou divorciado ou desde que, sendo casado, esteja separado judicialmente da mulher. portanto, nesta situação - no fundo, duma pessoa que não está já ligado verdadeiramente à mulher por laços legais - eh, nesta situação o companheiro vivendo há mais de cinco anos em comunhão de vida idêntica à dos cônjuges, que é o caso da nossa telespectadora, tem o direito a que se lhe transmita o arrendamento. evidentemente - e suponho que **será** a situação - desde que no prédio não vivam pessoas com um grau de parentesco ou de afinidade em relação ao arrendatário, ao companheiro da nossa telespectadora, que, para as quais se transmita o direito ao arrendamento. já aqui tenho dito portanto que o companheiro está em último lugar na situação de transmissão do contrato de arrendamento. neste caso presumo que a senhora **viverá** sozinha com o companheiro e transmite-se-lhe o direito ao arrendamento nas condições que referi.

- surge agora uma carta dum telespectador de Portalegre. diz o seguinte: «sou casado mas estou separado da minha mulher há doze anos. pergunto: que passos **hei-de dar** para ela não ter nada a ver comigo nem eu com ela?»

-> bom, a resposta, a resposta é... óbvia embora careça de algumas explicações. é óbvia porque o passo que tem que dar é tentar divorciar-se da mulher. é a única forma de não ter nada a ver com ela e de ela não ter nada a ver com o nosso telespectador. ah, poderemos adiantar mais alguma coisa que ajude o nosso telespectador a resolver o assunto, uma vez que pelos vistos, eh, ignora totalmente - o que é compreensível - ignora totalmente estas situações. ah, o primeiro aspecto é que, se o conseguir, **deverá** tentar resolver a dissolução do casamento através do divórcio por mútuo acordo. **será** aconselhável, **será** preferível. para isso **terá** que resolver fundamentalmente três problemas, se é que eles existem todos. havendo filhos menores **terá** que resolver o problema dos filhos menores, entrar em consenso com a mulher sobre... chamada regulação do poder paternal dos filhos menores. concretamente em três aspectos: primeiro lugar, saber a quem ficam confiados os filhos menores; em segundo lugar saber o direito de visita do outro progenitor com quem os filhos não ficam; e em terceiro lugar, a pensão que **ficará** a pagar aquele dos progenitores que não fica com os menores à sua guarda e cuidados. depois **haverá** que se ver resolvido o problema do direito à habitação da casa de morada de família; saber quem fica com o direito de habitar na casa de família, ao menos até à partilha do, dessa casa, se ela for comum, ou saber para quem fica o direito ao respectivo arrendamento, se se tratar duma casa arrendada. também tem que haver acordo quanto a isto. finalmente tem que haver acordo quanto à pensão a pagar por um, por o cônjuge que careça dela ao outro cônjuge. isto é fundamental, a verificação destes acordos. por último tem que ser apresentada uma relação dos bens comuns do casal e, preenchidos esses requisitos, é possível requerer o divórcio por mútuo consentimento. se por ventura a mulher do nosso telespectador não estiver disposta a acordar com ele neste divórcio por mútuo consentimento, ele tem pelo menos um fundamento evidente que a carta revela: está separado dela há doze anos. a separação por mais de seis anos, separação de facto por mais de seis anos consecutivos constitui fundamento de divórcio. para isso é necessário propor uma acção em que se tem que alegar e provar essa mesma separação e alegar e provar também que existe da parte do nosso telespectador o intuito de se divorciar da sua mulher.

TÍTULO: Os Poderes do Chefe de Estado

LOCAL: Portugal - Lisboa

DATA: 1990

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 65 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Presidente da República

OBSERVAÇÕES: Este texto foi retirado de uma entrevista da Rádio.

- [...]

-> porque eu estou a falar em questões que vêm muito de trás, nós não podemos esquecer que o nosso país esteve parado no tempo durante cinquenta anos, e depois destes cinquenta anos em que esteve parado no tempo e apesar dos progressos imensos que fez a demo[...], a democracia ao país, a democracia, o hábito da democracia por um lado, por outro lado, ah, a nossa adesão à Comunidade Europeia, representaram um choque e uma grande, uma grande modificação, uma grande mudança em Portugal, como eu também reconheço

- exacto

-> no país, mas nós gostaríamos que... tivesse sido erradicada completamente a miséria, e sabemos que nos meios urbanos continua a existir, eh, muitas barracas e que as condições de habitação para muitos portugueses são ultra-deficientes, eh, sabemos que existem carências muito grandes na nossa sociedade a vários níveis que gostaríamos de ver naturalmente modificadas. pode isso tudo ser modificável de um dia para o outro? naturalmente que não! isso não vem muito de trás? pois vem. eu estou a chamar a atenção para uma situação e porquê? porque nós estamos numa fase de grande desenvolvimento. indiscutivelmente, e eu digo, nos últimos anos o país deu grandes saltos, quer no aspecto da melhoria do nível de vida dos portugueses e quer no aspecto de certas infra-estruturas, eh, como também na própria mentalidade dos portugueses porque a, a própria mentalidade dos portugueses está a ser modificada e desenvolvida. isso eu reconheço. mas em relação àquilo que nós precisamos e em relação aos nossos parceiros comunitários nós estamos de facto em atraso

- [...]

-> e temos que ter a consciência desse atraso para andar mais depressa e o que e[...], e o que eu quero é que se ande mais depressa.

- exactamente. o senhor presidente lamenta nessa, nessa ordem de ideias que de facto, por exemplo, a, a máquina entorpecedora da burocracia não tenha sido movida de outra maneira, não...

-> exacto, exacto, eu penso que a sociedade civil...

- que a reforma do estado não tenha ido mais longe, não é,

-> exacto. eu penso que a sociedade civil, e penso que sobre isso não **haverá** dúvidas nem polémicas políticas à volta disso, eu penso que a sociedade civil está a andar mais depressa que o Estado e que os corpos, e que os diferentes corpos do Estado. mas não quer dizer que esse seja uma responsabilidade do governo ou uma responsabilidade d[...], da oposição ou deste governo ou daqueles que foram o governo no passado. não é nessa matéria que eu estou a entrar.

- justamente eu gostaria...

-> estou a fazer uma constatação de facto.

- justamente eu perguntava-lhe era se, se o senhor presidente em vez de ter sido o presidente consensual que torna de si hoje, ah, o presidente que sete de cada dez portugueses quereriam comprar segundo uma sondagem recentemente publicada, se tivesse assumido um protagonismo mais activo...

-> apesar de os presidentes não se comprarem.

- apesar de os presidentes não se comprarem.

-> nem em s[...], nem em sentido literário.

- tem to[...], tem toda a razão, mas enfim é uma liberdade de expressão dessa sondagem. se tivesse assumido um protagonismo mais activo não poderia, embora com evid[...], com, talvez com um desgaste maior da sua popularidade que é neste momento enorme, não poderia ter ajudado a avançar essa reforma do Estado de que, que enfim, que considera tão necessária?

-> penso que não, penso que não. porque, justamente isso é um dos aspectos que eu trato neste prefácio e que é um dos aspectos interessantes, acho eu, porque põe um problema de... sistema, de sistema político e de funcionamento desse mesmo sistema. o presidente da república não tem no nosso sistema funções executivas. quem tem as funções executivas é o governo. na medida em que o presidente da república queira avançar mais do que deve, cai numa área de conflitualidade. e então é pior a emenda do que o soneto, desculpe-se-me a expressão, porque pode querer agir com as melhores intenções mas o que provoca são as maiores perturbações. e eu tive a prudência de não cair nesse aspecto. não por razões eleitorais que nunca estiveram no meu espírito e por i[...], porque eu tenho como sempre, como sabe e sempre dito que não desejo recandidatar-me. não por razões portanto eleitorais que nunca estiveram no meu espírito mas por leitura que faço da constituição e coerência. eu há muito tempo que digo que o presidente não deve intervir. o presidente não tem que intervir na área do, do executivo, tem que respeitar o executivo e tem que ter solidariedade institucional em relação ao executivo.

- em todo o caso, senhor presidente, o que está em jogo nesta globalidade das questões europeias, eh, que se nos apresentam, não justificava, com todos os riscos que acaba de, de anunciar ou, enfim, de, de relembrar, uma intervenção mais dinâmica da sua parte?

-> poderia eventualmente justificar se ela me fosse solicitada, mas só nesse sentido, porque como quem orienta a política externa do país é o governo, obviamente que eu não podia nunca, ah, permitir-me tomar iniciativas em matéria de política internacional, nesse aspecto ou noutros, sem estar em concordância com o governo.

- tem sido solicitada, essa intervenção?

-> nalguma medida tem, noutra medida não.

- isso, entende isso como uma queixa ou, ou um reparo ou...

-> não. naturalmente que não é uma queixa

-> visto que eu não, não tenho idade nem posição para me pôr em bicos dos pés e estar a dizer "aqui estou eu, aproveitem-me".

- claro, claro.

-> se entendem que me devem aproveitar, pois que me aproveitem e eu naturalmente estou ao serviço do país. agora não posso é eu tomar iniciativas numa área que não é da minha competência.

TÍTULO: O Pai da Medicina

LOCAL: Portugal - Lisboa

DATA: 1989

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 56 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Médico

OBSERVAÇÕES: Este texto faz parte de uma entrevista realizada na RTP.

-> para nós o pai da medicina tem sido Hipócrates, cujo juramento ainda continua a estar actualizado. viveu quatrocentos e sessenta anos antes de Cristo e Hipócrates dizia sobre a alimentação que, ah, o estômago é uma espécie de panela de guisar, onde os alimentos são cozidos no calor do próprio corpo. é uma, uma, uma noção extraordinária. duzentos anos antes de Cristo, Galeno, um outro médico, ah, grego, conseguiu demonstrar que o que circula nos nossos vasos não é ar mas sim sangue. isto, isto fo[...], teve realmente muita importância. contudo nós entrámos num período de trevas durante a idade média, em que praticamente, ah, não houve conhecimentos acerca de nada

ou pelo menos o conhecimento estava estagnado. e, ah, ao ler a, a história de tudo isto, ah, é com uma certa pena que vejo por exemplo o relato de um, um médico italiano, Santoris, que no fim do século dezasseis concebeu uma balança onde num dos pratos tinha uma cadeira onde ele passou grande parte de trinta anos, muitas vezes até dormia nela, e pesava tudo o que comia e bebia e pesava tudo o que excretava, ah, ah, quer fezes e urina e via que havia uma diferença de pesos. ah, ele notou sempre essa diferença de pesos e nunca encontrou uma resposta para, para esta questão. o, no século, ah, dezasseis, no, perdão, no dezasseis já falámos, no século dezassete, com a invenção do microscópio, já começou a, uma investigação e, mas o grande pulo vai no, já no século dezoito, ah, com um francês a estudar o que é que acontecia aos alimentos na, no estômago; um italiano também que, ah, se, fez estudos sobre a, o, a, as transformações dos alimentos, ah, que ao passarem pelo, pelo estômago e até, ah, qual era a função do suco gástrico; e um inglês, Boyle, que é considerado o pai da química, vem, acaba por referir que há qualquer coisa no ar, eh, sem a, a, a qual nós não podemos viver; e Maillon continuou, ah, esses estudos, até dizia que essa qualquer coisa que existe no ar entra nos nossos pulmões, é transportado pelo, pelo s[...], ah, pelo, pelo sangue e chega a todas as partes do corpo. contudo estas considerações que são tão válidas e s[...], tão verdadeiras só cem anos mais tarde é que foram aceites. e por quem? quem é que **vai realizar** esses estudos? ah, Lavoisier, de quem já vos falei, o francês que foi considerado o, o pai da, da nutrição, e que morreu na revolução francesa...

- nada se perde, nada se cria, tudo se transforma...

-> exactamente, foi o que, ah, morreu decapitado na, na revolução francesa. e, é, f[...], é Lavoisier que **vai descobrir** que esse algo que está no ar é o oxigénio. e oxigénio quer dizer no latim, ah, um gerador de ácidos. no século seguinte é o século da, da grande investigação. é o pulo para a investigação. o século dezanove... dá classificação dos alimentos de origem animal, de origem vegetal e o grupo dos gorduras e óleos. depois vêm todos, ah, ah, franceses e ingleses a, a fazerem experiências. é interessante que, por exemplo, um francês, Magendie, ah, ah, fez a experiência com cães, que, se não tivessem alimentos com nitrogénio, morriam. depois, alguém foi ver que alimentos eram esses e esse foi Müller, que, eh, chamou a esses alimentos com nitrogénio proteína, que quer dizer a primeira coisa, a primeira vida, como também já aqui vos referi. e finalmente Hopkins vem pela primeira vez falar de substâncias acessórias dos alimentos, abrindo caminho para, para as vitaminas, que só vêm a ser descobertas neste século, como eu já vos falei, por Funk, em mil novecentos e onze.

TÍTULO: O Leiloeiro

LOCAL: Portugal - Porto

DATA: 1989

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE:

ESCOLARIDADE:

PROFISSÃO: Leiloeiro

OBSERVAÇÕES: Este texto foi extraído de uma gravação do programa de televisão "Às dez" da RTP - Porto

- vamos agora falar da sua actividade de leiloeiro. ah, já há muitos anos que é leiloeiro.

-> há vinte e cinco.

- o que é que é necessário para ser um bom leiloeiro? claro que tem que se conhecer as peças

-> é...

- tem que se, tem-se um trabalho de bastidores, digamos assim.

-> é um ba[...], um trabalho de bastidores muito intenso. é preciso uma pessoa ter uma preparação, como antiquário, bastante grande, ler diariamente, estudar diariamente, estar a par dos valores que se praticam no estrangeiro pelas várias peças, porque não há dúvida nenhuma que há muitas pessoas e eu estou-me a referir, por exemplo, às pesso[...], aos directores de museus, sabem muito bem, conhecem todas as peças, mas os valores comerciais das peças são praticamente os lei[...], os leiloeiros que as conhecem, porque é com esses valores que se trabalham, todos os dias, não é, eh, pois, eh, eu realmente até para vários museus e para companhias de seguro, enfim, sou procurado para dar valores, ah, para efeitos de seguro, de certas e determinadas peças, porque, na verdade, nós, os leiloeiros e antiquários, é que estamos realmente preparados para comercialmente dizermos o valor de determinada peça.

- é ao leiloeiro que compete avaliar a peça

-> sim.

- ou ela já vai para leilão avaliada?

-> não, a peça, eh, quanto a mim, deve ser lei[...], deve ser avaliada pelo leiloeiro, e a base de licitação deve ser imposta pelo leiloeiro. às vezes as pessoas **vão entregar** uma peça e dizem "ai eu vendo esta peça mas não vendo por menos de xis". o leiloeiro pode concordar ou não com a proposta da pessoa. eu, no meu caso, devo dizer, eu, no meu caso, tinha e tenho este princípio: as peças que **vão ser** licitadas, debaixo da nossa inteira responsabilidade, ou, a avaliação é nossa. a partir daí é com o público: quem mais der.

- senhor Acácio Luz

-> [...]

- uma questão que me surge, ah, quando um leiloeiro está a fazer a avaliação de uma peça tem que saber que ela é, eh, fidedigna.

-> ah! pois. tem que fazer, tem que ir peritar e especialmente na pintura. hoje há inúmeras vigarices, quem, desculpe-me o termo, mas é mesmo isto, e... que é preciso detectar, pois há, pintor morre, passado... uns dias aparece logo obra bastante desse pintor, não é, e, e claro, como [...]

- significa que nem sempre são autênticas.

-> não são autênticas. há realmente um mercado de, de falsidades, falsificações bastante grande, mas eu também lhe **vou dizer** que nós não somos os melhores e os maiores falsários do mundo, pois os outros países, ah, já andam nisto há muito mais anos e as falsificações lá fora são dum volume extraordinário, não é, aqui ainda estamos a dar os primeiros passos mas mesmo assim é preciso cuidado, não é,

- que tipos de leilões é que faz? de todas as peças?

-> sim, faço leilões de tudo. praticamente de antiguidades e também fazia leilões judiciais. o leilão judicial é um leilão, é um leilão com outras características, ah, porque, enfim, são peças, eh, industriais, são, eh, peças que foram apreendidas por qualquer motivo ou por falências, mas eu nunca gostei muito dessa faceta.

- prefere os outros.

-> eu prefiro, e gostei sempre das coisas mais difíceis, e, e realmente tenho este princípio, eu... continuo a estudar, gosto da mi[...], muito da minha profissão e, e cada vez que estudo, mais, mais me convenço que sei pouco.

- porque é que...

-> isto é uma profissão tão difícil, tão difícil...

- não é fácil ser leiloeiro em Portugal?

-> hum, ah, para mim um leiloeiro com, dos pés à cabeça, é muito difícil. é muito difícil porque em Portugal nós temos que saber de louças, temos que saber de pratas, temos que saber de jóias, temos que saber de quadros, temos que saber de móveis, enquanto, por exemplo, as grandes empresas mundiais dos leilões têm técnicos, por exemplo, na pintura, do século dezoito, do século dezanove

- especializado.

-> cada um exclusivo, especializado nas várias, eh, técnicas e nos, várias p[...], espécies

- [...]

-> nós aqui temos que fazer tudo.

3. EF

TÍTULO: Cartografia Portuguesa

LOCAL: Portugal - Lisboa

DATA: 1989

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE:

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Oficial da Marinha

OBSERVAÇÕES: O texto faz parte de uma conferência proferida na Academia de Ciências de Lisboa.

-> o Visconde de Santarém foi o primeiro fogacho, no sé[...], há mais de um século, como acabo de dizer, e no início desse século, ou melhor, no final da segunda década deste século, aparece Armando Cortesão. Armando Cortesão é o grande entusiasta, foi membro, desta academia, sócio desta academia, e até ao final da vida aqui veio com muita frequência, dar conta dos seus trabalhos... de investigação. Armando Cortesão publicou, interessou-se, pelo estudo da cartografia... e, portuguesa, do tempo dos descobrimentos, e começou por publicar uma monografia. era a ideia dele, primeiro há que classificar as coisas, juntá-las, saber onde é que estão os mapas, estudá-los, ver como são. ele começou por fazer um trabalho, eh, sobre... os homens, que eram cartógrafos, do século... dezasseis, de meados do século dezasseis, aproximadamente, segunda metade do século dezasseis, um pai e dois filhos. afinal eles são irmãos, hoje sabe-se isso, embora, inicialmente, tivesse havido du[...], dúvidas, sobre as relações entre eles. Armando Cortesão publicou esse trabalho, se não erro, eu estou a citar de cor, em mil novecentos e vinte e oito, mas já acalentava a ideia de percorrer todos os cartógrafos possíveis, portugueses e do século dezasseis, o que veio a dar lugar a um... livro, dois volumes publicados inicialmente pela Seara Nova, quando ele já estava exilado, em Madrid. pode dizer-se que foi um bom exílio, porque deu essa obra, eh, um livro que se intitula, "Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos Quinze e Dezasseis". obra bem conhecida, que ainda hoje é uma fonte de... informação... segura; os lapsos que há nessa obra são pequeníssimos, são... pouco numerosos, Cortesão era um homem... cuidadoso, pelo menos nesse tempo era muito cuidadoso com o que dizia, e essa obra é realmente o que **vai lançar**, a obra que **vai lançar**, outras pessoas no mesmo caminho. lança, por exemplo Teixeira da Mota, que também foi, eh, membro, nosso... companheiro nesta casa; lança, António Barbosa; lança Abel Fontoura da Costa, que também passou por esta casa. todos estes homens trabalharam na cartografia, com aspectos diferentes, porque além da classificação e do estudo dos cartógrafos que elaboraram essa, ah, da vida desses cartógrafos, a biografia desses cartógrafos que elaboraram tais cartas, há que saber também como é que as faziam, e aí, os cartógrafos começaram, os historiadores da cartografia começaram a ficar em desacordo. eu penso, há, houve discussões variadas e até acesas, entre estes

homens, de, para se chegar a uma conclusão, de como é que se fazia, uma carta, no século dezasseis. não há motivo para discussões, penso eu, por uma razão muito simples: é que nós temos um documento, um texto, dum padre, o padre Francisco da Costa, que estava em inédito mas foi publicado há relativamente pouco tempo, que indica como é que se fazia uma carta. como há outros textos que dizem como é que se faz um globo. bom, em todo o caso, hav[...], houve especulações acerca do sistema de projecção, a meu ver não há nenhum sistema de projecção, houve especulações acerca duma chamada carta plana-quadrada, que teria sido até inventada segundo alguns pelo Infante Dom Henrique, a carta plana-quadrada é um perfeito equívoco, e o António, e o António mac[...], e o António Barbosa mostrou-o, num livro que publicou, e que teve reedição, aliás publicou também, e a reedição, foi paga exactamente pelo Instituto de Alta Cultura, foi há pouco aqui falado, não foi pelo Senhor Professor Abreu Faro, mas foi por um dos seus antecessores, que publicou, a reedição do António Barbosa, que tem o se[...], tem um título muito comprido "Subsídios, eh, para a História da Cartografia Portuguesa", é um título muito comprido que eu agora não sei reproduzir, eh, textualmente. mas aí ele prova duma maneira muito f[...], muito... clara, a meu ver, que não há lugar para tais discussões; e por uma razão, ele diz o seguinte: de facto, nas cartas portuguesas, a partir de determinado momento, como se começaram a observar, no mar, latitudes, nas cartas portuguesas foi inserida uma escala de latitudes, embora as cartas não estivessem preparadas para isso. foi abusivamente, podemos dizer, inserida uma escala de latitudes e mais tarde alguém teve a ideia de transferir a mesma escala de latitudes para o equador, o que deu como resultado que a carta está, não expressamente mas implicitamente, dividida em pequenas quadrículas. é uma quadrícula. e então nasceu a tal célebre carta plana-quadrada, que efectivamente não foi com esse intuito que o cartógrafo desenhou a carta, foi um acaso de sucessivas, foi uma consequência de sucessivas... abusos, porque se é, se já a escala de latitudes era um abuso, porque a carta tinha sido desenhada por [...] magnéticos e por distâncias estimadas, em que, a, em, a passagem dessa escala para o equador foi outro abuso. bom, esses eram os problemas da cartografia que estavam em suspensos, mas em mil novecentos e sessenta deu-se um grande passo. deu-se um grande passo quando se publicou a "Portugalia Monumenta Cartographica".

ANEXO E – PM escrito**PM ESCRITO**

1. ALUNOS DA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE	551
2. ALUNOS DA UNIVERSIDADE PEDAGÒGICA	573

1. ALUNOS DA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Informante: FCF/04/EP1
 L1 Português /Xitshuwa
 Sexo Masculino
 Idade 23
 Naturalidade Maputo

Importância da língua

Pretendo falar da importância da língua! Devo, antes de tudo, encontrar o seu possível conceito: O meio através do qual os homens estabelecem a comunicação. A comunicação, que se subordina à Língua, é de carácter social: ela participa e acompanha a sociedade no seu desenvolvimento. Com efeito, o relacionamento entre os homens em sociedade tem a base na capacidade (eles têm) que eles têm de se comunicar. A organização político-social é feita por meio de comunicação (é falando-se que os dirigentes são escolhidos, falando os dirigentes organizam).

Para além da organização política, a língua é importante no sentido em que ela participa no desenvolvimento intelectual dos indivíduos. Esse desenvolvimento é explicado pela existência da educação. Há escolas e muitos centros de formação profissional ou intelectual, em que as pessoas **vão aprender** sobre o mundo e a ciência. Essa aprendizagem deve-se, sobretudo, à capacidade que alguém tem de falar, e outro, de perceber a fala (comunicação). O desenvolvimento intelectual por sua vez faz com que haja o desenvolvimento técnico

científico numa sociedade. O relacionamento entre o homem e a ciência é todo ele devido a capacidade que ele tem de estabelecer a comunicação. Os homens consultam e debatem por meio da língua em prol do desenvolvimento técnico-científico. Os homens fazem inovações e materializam-nas por meio da língua.

O desenvolvimento técnico-científico tem, por sua vez, consequências que incidem sobre a própria sociedade: é o desenvolvimento económico. A partir da altura em que, num país há desenvolvimento técnico-científico os homens podem, por meio de comunicação, gerir o que daí se ganha por forma a elevar a situação económica do país.

Concluindo, a língua participa e acompanha a sociedade no seu desenvolvimento na medida em que ela é importante em todas as áreas do desenvolvimento do homem.

Informante: SJV/04/EP1
 L1 Português
 Sexo Masculino
 Idade 21
 Naturalidade Sofala

Importância da língua

Antes de começar a falar sobre a importância da língua, seria importante salientar que estamos dentro do campo muito complexo, na medida em que os detalhes que **serão** focados em seguida, apenas constituem uma ponte muito íntimo daquela que de facto constitui uma grande riqueza nos homens.

A língua constitui um meio pelo qual, membros duma determinada sociedade, comunidade, etc, relaciona-se entre si, estabelecem uma correspondência e concorrência. A língua é um meio pelo qual o "eu" se descobre no "outro", na medida que facilita a comunicação entre os homens. Esta, é um grande instrumento, que começou com o balbuciar das palavras, tendo seguido um estágio até ao desenvolvimento actual.

Apesar de diferenças ou seja, variedade e diversidade, condicionada por vezes por factores ou carácter geográfico, socio-culturais e a estratificação social, esta continua ser, aquela que permite um contacto psicomental entre povos distantes, uma vez que só se pode realizar em sociedade é "um produto social". É a língua que assegure e garante o desenvolvimento de sociedade, comunidade,

países, etc, pelo facto de permitir e facilitar a troca de experiências e realizações em grupos que apresentam níveis diferentes de desenvolvimento.

A língua permite-nos também exteriorizar aquilo que constitui ou seja, que chamamos de emoções, seja ela, Uma paixão, afeição, dôr, tudo aquilo que vem contido no íntimo humano.

Porém, é a língua que nos faz homens, distintos dos animais que têm apenas uma linguagem.

Informante: SAM/04/EP1

L1 Changana

Sexo Masculino

Idade 26

Naturalidade Maputo

A Importância da Língua

A Língua, que é um código que foi convencionado para dar sentidos à certas Potências segundo a Gramática Portuguesa é um código indispensável para discodificar, comunicar-se, interpelar, intercompreender tantas mensagens que podemos encontrar no universo. Mensagens essas que partem desde: Oraís, escritas, radiofónicos, etc. etc.

A língua constitui, constituiu **constituirá** um dos grandes pilares do desenvolvimento da Humanidade. É a partir dela que Todos nós nos comunicamos, é a partir das suas regras que melhor implementamos, desde os seres Racionais até os seres irracionais, Todos tem uma forma de se comunicarem, de manifestar a dor, a alegria, a tristeza, o amor, o ódio, o desprezo, a ira, a cólera e tantas outras formas a partir da Língua, seja ela Oral ou não oral.

Entretanto de uma forma quase universal posso garantir e afirmar que a Língua é uma das grandes Riquezas que o Homem teve do ser onipotente. Todo o ser tem de usar a língua no seu dia a dia, na escola, no lazer, no Trabalho, etc.

Sem este instrumento garanto sem nenhuma ressalva que, o Homem não estaria completo, não porque sou homem, os animais também de certeza poderiam ou podem afirmar isto sem nenhuma ressalva. Todos nós precisamos de nos comunicar, os bichos comunicam-se os grandes animais comunicam-se. Olhando de longe é interessante acompanhar todos os movimentos do Homem em particular, quando explora este dote, esta riqueza, usa a língua, Trabalha a língua, modifica a língua de uma forma tão esplêndidas que até deixa

Quem está a observar de boca aberta. A Língua não foi convencionada simplesmente para ser usado e só, é preciso desenvolvê-la, implementá-la e colocá-la em disposição dos outros. Isto tudo resume-se em usá-la. A língua é um veículo para o desenvolvimento do Homem, da própria Língua e da sociedade.

É preciso usar os códigos convencionados, é preciso reconhecer a identidade da língua, é preciso acima de tudo Trabalhámos cada vez mais em prole do enriquecimento deste Instrumento Humano. Porque se deixarmos como está garanto que ela **vai oxidar** nos seus aspectos fundamentais. A língua é muito importante.

Temos que usar a Língua.

Informante: HCA/02/EP3 HCA/02/EP3

L1 Português

Sexo Masculino

Idade 22

Naturalidade Zambézia

«Síntese»

José Saramago faz alusão a uma colectânea de fotografias de guerra descrevendo imagens de horror e de violência ocorridas em Angola, Israel e Índia. De igual modo faz referência a imagens e cenas de violência que assolaram o território norte americano onde terroristas destroem o World Trade Center. Saramago refere também a imagens de outras guerras como a de Ruanda e a 2ª guerra mundial que ceifaram vidas humanas. Refere igualmente ao impacto que as religiões concedem aos seus crentes condicionando-os diversas formas de violência semeando mortes em nome de Deus, uma vez que as religiões fomentam falsos paraísos e infernos.

Nietzsche comunga (também) o ateísmo do autor afirmando que Deus é apenas uma construção humana e é por meio dele que se tem permitido e justificado tudo. O factor Deus é o elemento dinamizador do texto, razão pela qual faz-se alusão a Inquisição e os talibãs uma organização terrorista que de forma perversa interpretou textos sagrados fomentando elevadas doses de violência. Estas e outras situações fazem com que Saramago conclua que o factor Deus é comum a todos os homens e todas as religiões. Para terminara Saramago mostra-se completamente ateu reforçando a ideia de que o factor Deus é apenas uma construção humana e lança e (levanta) lança um apelo aos perigos que o factor Deus fomenta.

«Resumo»

Nélito Vasco e milhares de moçambicanos regressam as suas terras de origem na condição de deslocados de guerra. O País estava enfraquecido e recheado de vestígios deixados pela guerra civil que se fez sentir. Apesar do sofrimento alimentavam-se esperanças que pudessem apagar as magoas dos

últimos acontecimentos, mas o País confortava-se por mais uma catástrofe natural. As cheias invadiram o País semeando desgraças para milhares de moçambicanos. Moçambique é tido como um ciclo de tragédias como é o caso da transata guerra civil, dos efeitos nefastos do regime do apartheid e das cheias. Apesar de insuficiente, é de louvar a solidariedade providenciada por organismos nacionais e estrangeiros face a este desastre natural. É importante referir o trágico destino de Moçambique e dos moçambicanos uma vez que depois das cheias **ficarão** águas paradas e estagnadas que **condicionarão** a eclosão de muitas doenças. O sofrimento manifesta-se de forma cíclica como se tratasse de herança biológica. Do ponto de vista mitológico admite-se que estas resultam da insatisfação dos deuses sobre a terra, pelas inúmeras mortes ignobis ocorridas.

«Texto Livre»

A minha infância remonta de 1980 ano em que me vi nascer na cidade de Quelimane. 17 de Agosto é o dia e o mês do ano acima, que comecei a trilhar por este mundo repleto de glórias e inglorias que perfazem o nosso dia a dia. Embora as memórias murchem, vivemos um mundo em que a realidade não se compadece com os horizontes de expectativa por isso, não faltaram ilusões, sonhos e episódios que marcaram de forma objectiva o meu passado. Entretanto, o episódio mais significativo e emblemático ocorreu em 1994, ano em que fui solicitado pelo emissor provincial da Zambézia da Rádio Moçambique à assegurar os destinos do programa BONS SONHOS. A solicitação resultou de um colóquio levado a cabo pela R.M. e que tive acesso, subordinado o tema DE CRIANÇA PARA CRIANÇA. Sr. António Barros o então delegado provincial da R.M. foi o responsável pela solicitação.

Para não agir emocionalmente, levei a proposta aos meus pais, que apesar de atónitos acederam entusiasmados a proposta. A partir de então, um novo desafio estava celebrado, porque para além da tenra idade (14 anos) que ostentava, devia conciliar a escola, a RM e outros afazeres caseiros. Assim sendo, foi imperioso renunciar algumas actividades, sobretudo as pouco relevantes, no sentido de conciliar o útil ao agradável. Porém, apraz-me dizer que a minha presença na R.M. durante 5 anos marcou de forma significativa a minha infância e abriu horizontes de um futuro promissor. Assim seja.

«Teste»

A conclusão acenta-se no último parágrafo porque é a sumula do conteúdo do texto. A conclusão condensa as questões referidas na introdução e no desenvolvimento. A conclusão mostra-nos de forma clara os processos e todo um conjunto de elementos que estão na origem da produção do sistema verbal que envolve a oralidade, a escrita, a leitura que se sintetizam no acto de ouvir e falar.

«Exame»

Tradição e Modernidade

A tradição é um conjunto de valores sedimentados, partilhados e aceites por uma comunidade, que se esbarra com o estágio moderno da sociedade. Entretanto, a modernidade como reflexo do desenvolvimento técnico científico do homem e da sociedade, concorre de variadas formas, para o absentismo do manancial tradicional de diferentes sociedades. Assim sendo, a modernidade transformou o homem num “homo tecnicus” ou seja dependente de todo um conjunto de valores imanados do desenvolvimento da ciência e da técnica. Com efeito, a força modeladora do homem moderno, não se compadece com os trâmites do universo tradicional, já que, são mundos que têm interpretações a luz dos valores previamente estabelecidos. A modernidade proporciona, de algum modo, a perda da dimensão ética e moral, estética da sociedade tradicional, uma vez que há uma incompatibilidade tamanha entre estas duas realidades. Porém, a identidade e a personalidade dos indivíduos do universo tradicional, **será** embebida de todo um conjunto de elementos do universo da modernidade, concedendo-lhes a chamada crise de identidade. Em síntese, a modernidade condicionou as sociedades, um vasto leque de benfeitorias não obstante as clivagens que esta modernidade oferece ao universo tradicional. A modernidade acessorada pela civilização globalizante deturpam a cosmovisão do homem tradicional.

Informante: VMJ/02/EP3 VMJ/02/EP3

L1 Português

Sexo Masculino

Idade 22

Naturalidade Inhambane

«Resumo»

Nelito Vasco e milhares de moçambicanos regressavam ao país, sobretudo à Mutarara, depois de tantos anos de refúgio nos países vizinhos por causa da guerra. O país estava numa situação lamentável. Mas, os regressados tinham esperanças na eventual recuperação para uma vida normal. (Tudo se compunha no país) No país tudo se compunha quando, as chuvas caíam sem parar, destruindo às casas, os bens das populações e do estado, milhares de pessoas morriam abraçados à seus bens. Os meios de salvação eram importantes perante tanta gente que era necessário salvar. Mas o problema não é só dos mortos que se avoluma. Os salvos não **irão escapar** da malária ou da cólera pelo consumo de água suja. A comida que possuem têm um prazo limitado, pois, há incomunicação entre vários pontos do país. Os que estão ao relento **resistirão (escaparão)** a doenças respiratórias. Depois das cheias e do ciclone **virão** para os deslocados das chuvas a fome, doenças e mortes.

«Síntese»

Em primeiro plano, o autor do texto descreve as imagens ilustradas nas fotografias referentes as guerras entre guerrilheiros e soldados na Índia, Angola e Israel. E as imagens referentes a ataques terroristas nos EUA que envolvem civis e os terroristas. Em seguida, ele sugere que as fotografias da Índia, Angola e Israel atiram-nos com o horror à cara, as vítimas são nos mostradas no próprio momento de castigo, morte e outros. Enquanto que as imagens dos acontecimentos dos EUA, alega não diferenciar a (com) uma catástrofe cinematográfica. Aponta para o horror de violências, um fenómeno repetitivo, uniforme, tendo como ponto de partida referências a vários acontecimentos que ceivaram vidas humanas. As duas guerras mundiais, ruanda-de-um-milhão de mortos, guerra do Vietname, dos Iraquianos e outras. Ele deduz que de algo morreremos. Mas, acha criminoso e absurdo mortes em nome de Deus, quando na real, os indivíduos tem conhecimento que as religiões nunca **servirão** para consagrar os homens, em contrapartida são causadores de sofrimentos, morticínios, violências, físicas e espirituais. Obstantemente, os crentes que ignoram estes princípios ficam iracundos com os que consideram Deus um simples nome. Nome no qual em troca os indivíduos são prometidos paraísos e ameaçados inferno, assim como

justificar todos os actos bárbaros. Contudo, considera Deus inocente e presente nos cerebros humanos. Sendo o responsável das retorsidades, dos actos intolerantes entre os homens o “factor Deus” presente na vida dos homens. Finalmente, o autor roga aos leitores crentes (de qualquer crença) uma compreensão pelo sentimento ou pela razão, que, se há Deus, há um só Deus e apela que se desconfie do “factor Deus”

«Texto livre»

«O sonho»

Eu tinha quinze anos, quando /que me surgiu o sonho de ingressar-me ao Ensino Superior, pois antes, ainda no ensino primário pensava que depois de concluída a 12ª classe seguia-se a 13ª, 14ª, por aí. Estava subjacente a este sonho a ideia de ser doctor, mas não sabia doctorar-se em quê, mas só lá é que o podia fazer. Depois de ter concluído o nível médio apurei-me dos critérios de ingresso e sobre os cursos existentes na Universidade Eduardo Mondlane. Conversei com indivíduos que estavam a frequentar o Ensino superior, mas nada me ficou explícito quanto aos cursos. Daí que, no âmbito das inscrições não sabia que curso ia seguir. Olhei para o edital, vi os cursos que lá vinham escritos e para o número de vagas para cada curso. Encontrei-me com o de ciências sociais como primeira opção e Ensino de Português como segunda. Estava a espera dos resultados e confiante numa eventual positiva, andei conversando com alguns estudantes, amigos de infância, que estavam a fazer o curso de ciências sociais na UFICS. Assim, fiquei com uma noção do curso que eu tinha escolhido, especialmente na área de administração pública, aumentando a segurança na opção e ficando com uma aparência de ter escolhido um bom curso. Quando saíram os resultados, eis que veio à ilusão e à alegria em simultâneo: ilusão porque não tinha entrado para fazer o curso que já era de preferência e alegria porque tinha ingressado ao Ensino superior. Foi difícil acatar esta situação quer antes, quer depois do início das aulas, pois, não tinha dom para ser docente. >Para além de que escrevia mal, um técnica de expressão não muito boa devido à realidade em que eu estava envolvido. A biblioteca era pobre, a escola disponibilizava fontes de estudos insignificantes e outros. Este abalo psicológico reflectiu-se nos testes durante os primeiros dias de Faculdade porque não estava a gostar do curso que estava a seguir. Contudo graças aos meus docentes, amigos e na reflexão sobre o curso apeguei-me a realidade e passei a gostar.

«Testes»

O sentido da citação O autor na citação nos deduz que as modalidades de escrita e leitura não são adquiridas, como acontece com a fala, mas sim são aprendidas através de um ensinamento. A pertinência do conector “isto é” na frase está na ligação de orações. E sendo um conector explicativo, verificamos a seguir a este, uma explicação ou síntese daquilo que foi dito anteriormente.

Síntese – Competências linguísticas escolarizáveis

O autor do texto deduz que “ler e escrever”, “falar e ouvir” são capacidades óptimas do sistema linguístico que nos remetem a um objectivo final de instrução. Debruça ainda que essas capacidades só são asseguradas por uma duração de escolaridade. Daí que/ Sendo assim , compete as escolas ensinarem, sobretudo as crianças por pussuírem uma gramática que **irá se instalar** por volta dos 6 anos resultando um limite no sistema oral competências de discurso oral diversificadas ou específicas em várias situações de simulação. Ensinar também a ler silenciosamente, escrever, ouvir, falar e aprender as formas linguísticas intermodais: transposição do oral para o escrito, do escrito para escrito e do oral para o oral.

O texto divide-se em: (...) Justificando a minha opção diria que na introdução o autor faz uma apresentação daquilo que **será** desenvolvido a seguir, propondo começar por um esquema. Encontramos ao 3 parágrafo a demonstração de como funciona a mensagem nos indivíduos: como processa-se e transmite-se.

Os modos de apresentação do discurso presentes no texto são:

A descrição. Justificaria está opção pegando nos verbos e adjectivos que são na maioria no primeiro parágrafo. Temos um momento de descrição no primeiro parágrafo justificado por verbos no tempo pretérito imperfeito. (...) E a narração justificando pelo segundo parágrafo, há predomínio de verbos no pretérito perfeito do indicativo, presente em maior parte indicando um momento de avanço, de dinamismo da narrativa.

«Exame»

Vida urbana e vida rural

A minha reflexão **incedirá** no tema acima referido, na tentativa de abordar esta questão nas vertentes em que elas são completamente diferentes. Vida urbana e vida rural são duas formas de vida complementares diferentes, o que faz com que exista uma diferença social entre indivíduos da cidade e do campo.

Ora, começaria por abordar a forma de vida no campo. A sociedade rural tem como base a agricultura de subsistência. As trocas comerciais são entre famílias. É uma vida normal onde as pessoas simplesmente contentam-se com o que tem, não são ambiciosos, há pouca criminalidade, usam na medicina raízes para a cura de várias doenças sem terem que recorrer ao posto médico. Os seus comportamentos, neste caso, da sociedade rural está mais virada para os seus antepassados. São indivíduos que seguem muito a tradição, porém estão mais em contacto com a natureza. A vida urbana é caracterizada pela revolução industrial, pela civilização o que faz com que os indivíduos desta vida sejam corruptos, maus, ambiciosos. Parafrazeando o que diziam os grandes filósofos o homem do estado da natureza é bom, selvagem. Mas torna-se mau porque é corrompido pela civilização. É neste contexto que os indivíduos da vida urbana tem comportamentos maleficos devido a ambição, difíceis condições de vida por falta de emprego, as coisas são caríssimas, os salários são baixos, há várias doenças em relação a zona rural devido a poluição sonora. Os postos médicos são caros e como consequência há maior taxa de mortalidade. Em suma a vida rural é normal, caracterizada pela agricultura de subsistência em quando que a vida urbana é mais difícil, caracterizada pela revolução industrial, pela civilização e outros.

Informante: LAC/02/EP3

L1 Português

Sexo Feminino

Idade 26

Naturalidade Zambézia

«Síntese»

Nelito Vasco regressa a casa, donde fugira da guerra. Na mesma condição a de refugiados de guerra, estiveram também muitos moçambicanos, que regressaram ao país trazendo consigo esperança de dias melhores, e tentando esquecer os anos passados com muito sofrimento. Quando tudo se compunha surgem as cheias provocadas pela chuva. Perante esta realidade dramática as imagens passadas nos meios de comunicação social mostravam o sofrimento de muitos moçambicanos vítimas dessa tragédia. Sofrimento que antes fora causado pela guerra, associa-se o sofrimento causado pelas cheias e como consequência da enxurrada houve mortes e perda de bens materiais.

Face a dimensão do problema os meios de salvamento disponíveis eram insuficientes. Perante esta realidade de sofrimento quotidiano, a esperança continua nos moçambicanos incerto é o futuro de muitos moçambicanos que se deslocaram das suas zonas de origem.

«Resumo»

O Factor Deus

O autor põe em destaque os períodos da História da Humanidade marcados por diversas guerras. Ele compara as várias situações de guerra com os acontecimentos ocorridos nos EUA e constata que as fotografias que documentam as diferentes guerras retratam o horror das cenas causadas pelos métodos desumanos usados pelos homens contra os seus semelhantes enquanto que os acontecimentos ocorridos nos EUA ultrapassaram a realidade chegando a comparar-se a uma produção cinematográfica. Mas para o autor das diversas formas de morte inventadas pelo Homem, a

mais cruel tem sido a morte em nome de Deus. Lembra que as religiões têm sido a causa da discórdia e afastamento entre os homens o que tem causado violência física e espiritual, intolerância, revoltas e vinganças. Em seguida faz referência ao papel dos crentes e as responsabilidades que as religiões deviam ter, evitando fazer promessas de falsos paraísos e infernos e onde devia ser dado ao Homem o direito a escolher e o respeito ao não crentes. Contudo nega a existência de Deus criado pelo Homem e apela aos perigos do “factor Deus”. No entanto acrescenta que o facto não acreditar na existência de Deus, o seu texto não serve para influenciar negativamente os crentes, pelo contrário apenas serve de alerta `Humanidade que o verdadeiro Deus é aquele que existe em cada um dos Homens e não aquele inventado pelas religiões.

«Texto Livre»

Mais importante que saber ler é sentir a necessidade de ler. Nos últimos tempos, nota-se que em muitas sociedades as pessoas sentem a necessidade de ler com regularidade. Durante muito tempo, a preocupação dos governos era de criar políticas para acabar como Analfabetismo, mas actualmente para além dessa tarefa, vêe-se na obrigação de criar mais mecanismos de informação. Com o desenvolvimento das sociedades e as exigências actuais é notório a forte procura de informação, as pessoas sentem cada vez mais a necessidade de ler e estar bem informados, por isso buscam e procuram várias fontes de informação. O velho mito que só as pessoas literatas é que sentem a necessidade de ler vai desaparecendo, nota-se uma procura constante e consumo de informação por parte das pessoas independentemente do nível de instrução, idade, sexo ou raça. Várias motivações encontram-se por detrás desse “despertar repentino”, elas querem conhecer mais os seus direitos, deveres e obrigações, querem participar activamente na resolução dos problemas da sociedade e estar preparadas para enfrentar os novos desafios. Por causa da crescente procura, a informação não é somente, veiculada nos meios de comunicação social, mas também por meio de debates, artigos científicos, internet e isso ajuda bastante porque a distância deixou de ser um impedimento e a informação circula além fronteiras. Daqui resulta a diversidade da informação, a concorrência e a melhoria de prestação de serviços. Saber ler é quase que uma referência obrigatória nos últimos tempos, mas a necessidade que as pessoas têm de ler é um desafio que as sociedades modernas estão a enfrentar.

«Teste»

Tendo em conta que a gramática de uma língua está implantada por volta dos 6 anos isso implica que o uso e actualização do sistema oral no contexto familiar e social é limitado É da responsabilidade da escola ensinar o uso e a adequação da língua a diferentes situações. Também é no contexto escolar que se devem criar oportunidades para o uso do discurso oral, o treino a oralidade através de simulações na sala de aulas. A escola tem um papel exclusivo de ensinar a ler e escrever sendo estas actividades consideradas básicas de instrução. O aluno deve aprender a fazer uma leitura silenciosa, aprender os processos de escrita, onde ele **irá pôr** em prática os símbolos gráficos aprendidos, **deverá** aprender a ouvir – sendo-lhe dado a oportunidade de expor as suas dúvidas, e onde lhe **serão** dadas oportunidades de falar. Em síntese é na escola onde **deverá** se ensinar e ser dado a oportunidade de aprender, criando situações que permitam a aprendizagem de formas linguísticas e intermodais sendo estas: a transposição do oral para o oral, o escrito para o oral, o oral para o oral. Ler e escrever, falar e ouvir são os objectivos finais de instrução.

Informante: AEM/02/EP3 e: AEM/02/EP3
L1 Português
Sexo Masculino
Idade 45
Naturalidade Maputo

«Resumo»

Nelito Vasco estava em Mutarara para regressar a casa depois de anos no Malawi. Regressava com milhares de moçambicanos. O país estava exangue e nas estradas viam-se despojos de guerra. Do sofrimento restava ao Nelito Vasco ausência de memória. Muitos moçambicanos que sempre viveram como deslocados de si próprios regressam agora à condição de deslocados, pois a chuva veio estragar tudo e nem se pode falar em colheitas e nem se falará em comercialização. O nosso destino é trágico e os últimos 25 anos foram dramáticos. A chuva não pára e muitos morrem abraçados às suas cabeças de gado. Aqueles que se salvaram da fúria da chuva não **irão escapar** da violência da malária ou da cólera, da fome e de frio. Os órgãos de informação avançam com o número dos mortos, mas provisórios. Em Moçambique não havia chuva, agora choramos por causa da chuva.

«Síntese»

No texto encontramos horrores cometidos na Índia, Angola, Israel e Estados Unidos contra rebeldes, guerrilheiros, palestinos e civis americanos. Os horrores da Índia, Angola, Israel são, desde o primeiro instante, nítidos e verosímeis que os de Nova Iorque que pareceram ireais e cinematográficos. Ajuntam-se a estes horrores os de Vietname, dos iraquianos sepultados vivos, das bombas atómicas que arrasaram e calcinaram Hiroshima e Nagasaki, dos crematórios nazis que vomitavam cinzas. Estas mortes revelam a maneira mais criminosa, mais absurda e a que mais ofende a simples razão é aquela que manda matar em nome de Deus, pois religiões nunca serviram para aproximar e congraciar os homens **serão** a causa de sofrimentos inenarráveis, de morticínios, de monstruosas violências físicas e espirituais. O texto revela que Deus é um nome dado por medo de morrer e para travar o passo de uma humanização real e se Deus não existisse, segundo Nietzsche, tudo seria permitido, mas para o autor do texto, o contrário é que acontece. O texto diz que Deus é inocente e é tornado inocente, isto é, assassino pela acção do homem, mas o "factor Deus", esse, está presente na vida como se efectivamente fosse o dono e o senhor dela. Foi o "factor Deus" em que o deus islâmico se transformou que atirou contra as torres do World Trade Center os aviões da revolta.

O texto roga ao leitor que não passe ao ateísmo de quem escreveu estas linhas, senão que compreenda pelo sentimento se não puder ser pela razão que, se há Deus, há só um Deus e que o "factor Deus" deve-se desconfiar.

«Texto Livre»

A minha mãe ia deixando-me com o meu irmão que estava em cima de uma massaleira. Lembro-me de ter acontecido isto aos dois anos de idade, na Ilha de Inhaca. Vendo o isolamento em que ela havia de me deixar, chorei titanicamente, suplicando-a que voltasse ou que o meu irmão descesse da massaleira.

Durante a minha angústia, vislumbrei no firmamento nuvens escuras passageiras às quais apelei socorro: que me levassem com elas nas suas asas como bom amparo e sossego. A minha mãe não se apoquentou nem voltou com o meu brado, Sei, apenas, que ela olhou para mim, abanou a cabeça, pegou no cesto e partiu, metendo-se por entre arbustos que logo beberam a sua sombra e imagem. O meu irmão, de árvore em árvore, ia arrancando as massalas sem "eira nem beira". Acabada a lida, ele nem com as massalas embrulhadas na camisa que quase se ia rompendo e oferece-me algumas que partimos e comemos. Outras foram para o jogo aos bois e outras ainda foram vendidas. A minha zanga acabou com as massalas: nada mais tinha a ver com a mamã nem com as nuvens errantes. A noite chegou e o sono se fez à cabeça e descansamos.

Informante: JSM/02/EP3
L1 Xitshuwa
Sexo Masculino
Idade 30
Naturalidade Inhambane

«Resumo»

Nelito Vasco, natural de Tete-Mutarara, regressa à sua terra vindo de Malawi, onde se refugiara durante longos anos de guerra civil. O seu país ainda mostrava sinais desse conflito armado que o deixara completamente destruído e sem o mínimo de esperança para os seus sobreviventes. Contado, para Nelito interessava-lhe regressar, à sua terra, aos seus mortos, aos seus vivos.

Muitos moçambicanos que regressavam à condição de deslocados de guerra e decididos para reconstruir o seu país, são confrontados por mais uma tragédia, desta feita natural. A chuva derrubou as casas, destruiu estradas, pontes, escolas e culturas. E até mesmo parece que trazemos este destino sempre de sofrimento na nossa vida hereditária. Há pessoas em cima das árvores, das casas, mergulhadas na lama, sem comida, energia, nem água potável. O pior são as consequências desta catástrofe, nomeadamente doenças respiratórias, diarreias, malária, em fim a morte. Antigamente lamentávamos pela falta da chuva, agora choramos por causa da chuva.

«Síntese»

José Saramago é um escritor de renome internacional pela forma como os seus textos se apresentam; o engenho das palavras e a sequência lógica dos acontecimentos narrados. Neste texto "O factor Deus" publicado, em exclusivo, nos jornais "El País" e

Público, nas suas edições de 19/09/01, Saramago começa por apresentar as fotografias das guerras entre militares e guerrilheiros, nomeadamente entre a Índia e os Britânicos; Angola e Portugueses; Israel e Palestinos. Em seguida, apresenta as imagens ao vivo das torres gémeas dos E.U.A. e o Pentágono atacados por aviões civis sequestrados pelos terroristas

Mais adiante o autor estabelece uma semelhança entre os acontecimentos dos E.U.A. e a ficção cinematográfica. Descreve o horror de outras guerras com o maior destaque para o genocídio em Ruanda; mortes em Vietname; das bombas atómicas que destruíram Hiroshima e Nagasaki durante a IIª Guerra Mundial; o racismo dos Nazis que ceifaram a vida de milhares e milhares de Judeus. Todavia, para ele a morte em nome de Deus é a mais criminosa, ou seja, as religiões têm sido a causa da violência física e espiritual e criam a desunião entre os Homens.

Para Saramago, a maioria dos crentes ignoram estes acontecimentos e são intolerantes contra os que não acreditam em Deus. Ele estabelece um paralelismo entre a Inquisição e os Taliban; e o Pacto entre a Religião e o Estado contra o direito de escolher.

Segundo o autor Deus não existe, não existiu, não criou este ser Humano violento, portanto, os deuses existem dentro do próprio Homem. O Factor Deus não respeita as diferenças, intoxica o pensamento e condiciona as intolerâncias, entre os homens. O autor conclui o seu texto revelando o seu ateísmo e apela aos leitores sobre os perigos do factor Deus.

«Texto Livre»

Um Episódio da Minha Infância

O nosso passado, seja longínquo, seja recente, geralmente tem algo que marca na nossa vida, tanto do lado positivo como negativo. O episódio que a seguir **tentarei** contar marcou-me profundamente e numa forma inesquecível. Os meus pais são verdadeiramente católicos, tendo se casado nesta religião. Talvez fosse esta vivência que me influenciou a ser também católico. Após o meu 9º de escolaridade, em 1991, em Inhambane, tive grandes dificuldades em continuar no ensino pré-universitário que, naquela altura, só existia aqui no Maputo. Fiquei um ano sem estudar.

Em 1990 recebi Baptismo, 1ª comunhão e o Sacramento da confirmação/ Crisma na Catedral de Inhambane, com o Bispo local. Tornei-me catequista e tive a vocação de ser sacerdote. O espírito vocacional foi se enraizando até que no II semestre de 1992, um velho Padre Português, bastante reconhecido na cidade de Inhambane, de nome Aquilis de

Nascimento conversou longamente e várias vezes comigo, e perguntava-me sempre se eu desejava ser Padre. Eu respondia seguramente que sim gostaria de seguir a vida sacerdotal. Em 1993 fui enviado para Seminário Médio "Cristo Rei" na Matola. Fiquei dois anos. Em 1995 passei para o Seminário Maior "Santo Agostinho" também na Matola para fazer filosofia.

Durante este período, 1993-1995, sofria bastantes pressões com o resto da família, ou seja tios, primos, irmãos e outros, alegadamente porque estava a quebrar a linhagem familiar dado que não teria filhos. Contudo, os meus pais sempre me encorajavam e eu ficava firme e continuava.

Quando me encontrava em casa, em gozo das férias anuais de Dezembro de 1995, passei por enormes dificuldades para me relacionar com a minha família, uma situação que me levou a que no início do IIº ano de Filosofia, pedisse um ano ao Reitor para reflectir e tomar uma decisão definitiva. Durante esse período de Reflexão, em casa, a situação agravou-se de tal forma que me vi forçado a não voltar mais ao Seminário para concluir o meu desejo. O meu sonho não podia se concretizar mais.

«Teste»

A luz foi importante pois clarificou o ambiente da casa, ou seja Carlos e Afonso acabaram descobrindo que aquele avô que passava com a vela não se tratava de nenhum fantasma, como eles julgavam inicialmente. A cor por sua vez criou um ambiente diferente dado que a casa reflectia uma realidade não habituada pelos residentes da casa.

Informante: AJM/02/EP3

L1 Português

Sexo Feminino

Idade 27

Naturalidade Maputo

«Resumo»

Estamos condenados ao sofrimento?

Nelito Vasco regressa a Mutarara vindo do Malawe onde se refugiava por causa da guerra. Vinha junto com milhões de moçambicanos com esperança de esquecer o sofrimento causado pela guerra. O país estava sem sangue, viam-se marcas de guerra e imagens de terror por que tínhamos passado.

Agora olho estas imagens na televisão, sobre as cheias, tudo está destruído. O nosso destino é trágico. Primeiro enfrentámos as guerras de agressão, a partheid e depois a guerra civil. Quando tudo se compunha e o país começava a caminhar para um futuro

diferente, vieram as cheias arrancarem-nos tudo e colocarem-nos na miséria. A nossa pobreza até não nos permite contabilizar os mortos. muitas zonas afectadas não tiveram ainda socorro Eu não sei descrever este sofrimento, não sei dizer o que acontece hoje. Em

Sofala, Gaza, Inhambane e Maputo. Toda a ajuda é pouca. Depois das cheias e do ciclone **virão** a fome, doenças, mortes e o frio dentro de dois meses. Os que sobreviverem **voltarão** a repetir a história dos deslocados de guerra, mas com um futuro sem esperança

«Síntese»

O factor Deus

O texto "O factor Deus" fala sobre diferentes guerras que põe em causa o factor Deus. O autor José Saramago aponta vários factores que entre os quais alguns defendem a existência de Deus como sendo responsável pelas vinganças e por outro lado defende o ateísmo.

O autor primeiro expõe os factos que através dos quais sustenta os seus argumentos ao longo do texto. Apresenta situações de guerra na Índia contra os Britânicos, em Angola com os portugueses, Israel com os palestinianos e, por último, os Estados Unidos da América do Norte com dois aviões comerciais norte Americanos sequestrados pelos terroristas. Fala das fotografias que mostram o horror das guerras na repetidas de outras guerras. Fala dos seres humanos mortos das piores maneiras, dizendo que tem mandado matar em nome de Deus, uma vez que as regiões nunca serviram para reconciliar o homem muito pelo contrário são a causa do sofrimento inarrável, de violências físicas e espirituais e os crentes ignoram este facto. Expõe a ideia de Nietzsche que diz que as religiões prometem falsos paraísos. Em oposição responde que por causa de Deus é que se tem permitido e justificado tudo principalmente o pior. O autor sustenta a sua posição com exemplo de Inquisição.

Portanto o autor nega que Deus seja responsável pelas mortes. Mas também nega a existência de Deus. Ele defende que deuses existem dentro do cérebro humano. Mas "o factor Deus" este está presente de forma dominadora.

Para concluir o autor faz apelo ao leitor crente para os perigos "factor Deus" (ateísmo) e roga que seja compreendido pelo sentimento se não pela razão pois se Deus existe, só há um Deus.

«Texto Livre»

Pequeno episódio da minha infância

Eu cresci sob os cuidados dos meus avós. Os meus pais estavam separados. O meu pai era casado quando conheceu a minha mãe. Teve um caso com ela e deu-lhe uma filha. Mais tarde, ela conheceu outro homem e casou-se. Quando a minha mãe casou-se, deixou-me na casa dos meus avós, e foi começar uma nova vida.

Nessa altura eu era a única neta. Os meus avós gostavam muito de mim, e faziam tudo para que eu fosse feliz.

tudo agradava-me, mas não era feliz. Queria conhecer o meu pai. Quando os meus avós ou meus tios berrassem para mim, ficava num canto a chorar e a lamentar pelo facto de ser filha bastarda. E ficava mais triste porque sabia que o meu pai sempre vinha para ver-me e os meus tios trancavam-me no quarto. Fui crescendo e sempre encomodava a minha mãe para apresentar-me ao meu pai.

Numa bela tarde, o meu avô decidiu fazer-me uma surpresa. Levou-me ao banco de Moçambique, onde o meu pai trabalhava. Quando chegamos, apresentou-me um senhor alto, magro, muito claro e disse:

-Melita este é o teu pai.

Não acreditei no que o meu avô acabava de falar e pensei que ele estivesse a brincar. Pus-me a rir.

O meu avô vendo que eu não estava à acreditar disse:

-É sério, este é o teu pai. Parei de rir, aproximei-me à ele e dei-lhe dois beijinhos. Mesmo assim, não estava à acreditar que ele fosse o meu pai porque esperava ver um senhor forte, cheio de barba e escuro.

No entanto, mesmo depois de conhece-lo, não consegui chamá-lo por pai. Chamava-o por tio. Talvez porque nunca tinha chamado alguém por pai. O que mais marcou-me foi a maneira como o meu avô fez a apresentação, o local onde aconteceu e a surpresa que tive porque não esperava que o meu pai fosse magro e claro.

«Teste»

3) A importância da luz e da cor na criação dessa atmosfera é que quando a luz clariou sobre o tapete vermelho veludo, deu impressão de que era o sangue espalhado no chão.

«Exame»

3) os comportamentos dos animais referidos no 1º parágrafo elucidem a situações da wushene na medida em que ela é imposta, querendo como não, a cumprir as vontades da mãe.

a) E para além da malária e cólera que muitos estamos sujeitos depois das chuvas, outros problemas vieram. acrescentei o acento agudo nas palavras hisdrúxulas e na palavra estamos para mostrar o pretérito perfeito

«O lobolo e o estatuto da mulher moçambicana»

Estando num país pobre como Moçambique, a mulher é submetida a várias tradições que comprometem o seu estatuto como mulher. No que diz respeito à lobolo, temos assistido várias situações em que a mulher é feita de um objecto para angariar fundos ou é feita de um produto de negócios. Tal significa que para ela ser feliz tem de cumprir com as obrigações da sua família que são as tradições, pois se ela não cumpre não é feliz no lar ou não faz filhos. Para além desses rituais a que ela é sujeita, é estiplado um valor simbólico,

acompanhado por vários objectos nomeadamente: a roupa da noiva, do pai da noiva, da mãe, dos tios e das avós, tudo isto para demonstrar o valor do genro. A partir do momento em que é feito o lobolo, a mulher é tida pelo homem como se fosse um objecto e ele faz o que quiser sem receio porque a comprou. Contudo a mulher se torna mais tímida nesta sociedade e daí o seu valor, a sua inteligência não é vista em outras sociedades e por causa dessas tradições perde o seu

estatuto como mulher que tem a liberdade de expressão nesta sociedade.

Informante: JBM/02/EP3

L1 Português
Sexo Feminino
Idade 38
Naturalidade Gaza

«Resumo»

Estamos condenados ao sofrimento?

Nelito Vasco, regressa a Mutarara -sua terra natal na condição de deslocado de guerra. O seu país estava ainda enfraquecido e viam-se os vestígios da guerra de destruição por q passara. Quando tudo parecia estar se a restabelecer outra tragédia assola o país: as cheias.

Passam na televisão imagens de paisagens destruídas pelas chuvas, pessoas a serem resgatadas no cimo das árvores, no tecto das casas e despojadas de tudo. As consequências das chuvas são notórias, observando-se estradas, pontes, culturas, pessoas, gado, árvores engolidas pela fúria das águas.

Há milhares de sobreviventes sem abrigo, comida nem roupa para satisfação de necessidades primárias. Estes **irão provavelmente enfrentar** outras catastrofes de doenças provocadas pelo consumo de água impura, falta de combustível, energia e comida diminuta. Não se sabe quando **chegará** o reforço, pois não há comunicação. A pobreza do país é tão grave que, até é impossível contabilizar os desalojados, os mortos, os desaparecidos. Os órgãos de informação limitam-se apenas, em adiantar dados provisórios por existirem zonas ainda não socorridas. O sofrimento é inenarrável, apesar da solidariedade manifestada por muitos povos. O país de Nelito foi e continua a ser vítima de tragédias cíclicas, tanto naturais assim como humanas. O seu futuro é terrível porque, até então ninguém conseguiu explicar as causa deste fenómeno.

Prever esperanças, melhorias no futuro é impossível, pois sempre que o país tenta se recompor, uma nova tragédia o abala.

«Síntese»

O texto aborda diversos tipos de tragédias provocadas pelo homem, desde os tempos mais recuados em defesa de Deus. José Saramago faz apresentação de uma série de guerras entre militares em Angola, Israel, Índia, até ao terrorismo contra civis protagonizado por terroristas que se lançaram contra as torres gémeas de World Trade Center nos EUA. Também faz alusão a outras atrocidades cometidas: as guerras de vietname, Iraque, Ruanda, Japão com recurso a arma de destruição maciça -as bombas atómicas.

O mais caricato é que essas atrocidades mais hediondas são perpetradas em nome de Deus. Milhares de mortes e violência espiritual são cometidas por algumas confissões religiosas e/ou grupo de indivíduos que se proclamam defensores de princípios diversos, chegando a atropelar o mais simples dos direitos universais do Homem a heresia. Esses "defensores" nunca quiseram reflectir sobre as consequências da sua doutrina, limitando-se apenas a ignorá-las.

O mais agravante ainda é que essa intolerância e ira sempre houve conivência do estado, permitindo a implantação do tribunal inquisitório e de organizações islâmicas como os Talibans. Saramago inocenta "Deus" e culpabiliza o factor Deus pois para ele e tantos

outros Ele (Deus) nunca existiu nem **existirá**, sendo isso manipulação do Homem ditando normas invioláveis para defender aquilo em que crê. Afirma que se realmente, é só um Deus, o qual deve ser venerado por todos de modo a evitar as barbaridades que vem sendo cometidas no mundo.

Saramago, lança um apelo a todas as comunidades religiosas a respeitar os direitos do Homem alertando os perigos que a intolerância religiosa representa para o mundo inteiro

«Texto livre»

A leitura reveste-se de grande importância para o desenvolvimento do mundo técnico-científico. Como se sabe ela permite ao indivíduo a aquisição de informação e instrução indispensáveis, para a vida estudantil, e, posteriormente, a profissional.

O nível de literacia no indivíduo é desenvolvido através do contacto regular com textos de diferentes índoles: científico, recreativo, etc. Para que isto, aconteça é imperioso que o mesmo tenha gosto ou necessidade de estar permanentemente em contacto, com qualquer, material escrito.

A necessidade de ler permite ao indivíduo a actualização e aquisição de conhecimentos/ informações de tudo o que se passa tanto a nível nacional como internacional. Para além de, servir para auto-formação técnico-científica, com recurso a bibliografias para o efeito.

Segundo Paulo Freire, saber ler sem se interessar pela leitura é inútil. É necessário que se explore todo o conhecimento adquirindo-o e transmiti-lo aos outros; desenvolver uma actividade que requeira a leitura. Embora "saber ler" seja condição necessária, ela não é suficiente para a formação do indivíduo. Portanto, é indispensável associá-la ao factor "necessidade de ler ou gosto pela leitura". Este, contribui sobremaneira, para a aquisição do grau de literacia que permite responder às necessidades do mundo científico, de trabalho e de sociedade em que esta inserido.

Como, se pode depreender os factores: "saber ler e sentir a necessidade de ler" são indissociáveis na formação de qualquer indivíduo. Sem os quais, não há nenhum desenvolvimento técnico-científico de nenhuma sociedade.

«Teste»

Síntese

Competências linguísticas escolarizáveis

O texto faz uma abordagem de problemática da aquisição da linguagem e de produção escrita que, enquadra as componentes "ouvir, falar, ler e escrever" adequadas a situações diversificadas. Para que as capacidades acima tenham sucesso é indispensável a instrução formal, pois o grau de literacia adquire-se à medida que o indivíduo progride na sua carreira estudantil. A escola formal deve criar oportunidades ao estudante para que ele possa produzir textos, discursos e estar permanentemente em contacto com diferentes situações.

Informante: JNR02TF1

L1 Português

Sexo Masculino

Idade 22

Naturalidade Maputo

(sem título)

Nos nossos dias, a vida do homem tem tomado rumos que, se outrora impensáveis, hoje irram conversa corriqueira, sobre a qual ninguém precisa pensar duas vezes para falar nela. Se em tempos passados falar de fome, miséria, desemprego, criminalidade e marginalidade em alta, pestes doenças venéreas, e não só, em números aquém do impensável ou, pelo menos, estimável, era apenas coisa de gabinete, actualmente mudou tudo. Esta resume-se, toda ela, em "custo de vida". Mas, o que **será** custo de vida? Se é algo assim tão mau, **será** também impossível combatê-lo? Quais são as suas causas? Quais as suas consequências? E sobretudo, quais as soluções possíveis e breves para que os países, principalmente os países em vias de desenvolvimento, saiam desta crise que os abala?

Para começar, há que saber, no concreto, o que é o custo de vida. Tem sido difundido pela comunicação social que este é representado pela subida galopante dos produtos básicos alimentares, subida dos custos da educação e outras necessidades básicas do homem no seu dia-a-dia, principalmente o cidadão. Portanto, não existe uma explicação científica para o custo de vida. Entretanto, existe a necessidade de se analisarem as suas causas, as suas consequências e, sobretudo ainda que se encontrem de modo a minimizá-lo.

Uma das principais causas que têm sido apontadas como sendo o núcleo do elevado custo de vida e pobreza total a que estão votadas as pessoas, é a corrupção que grassa nestes países. Sendo assim, difunde-se a ideia segundo a qual os doadores internacionais e empresários dos países desenvolvidos mudam de ou abandonam-se as suas intenções quando, ao fazerem propecção de mercado verificam que a corrupção está em alta, daí que os seus negócios não ocorreram bem, preferindo não abrir fábricas e outros tipos de investimentos que criariam postos de emprego, do que abrí-las e terem de fechá-las em pouco tempo por falência. Outra causa apontada é a burocracia que está infestada nos gabinete, em que um projecto submetido leva anos à espera de resposta fazendo com que o investidor procura outros lugares para submeter o seu projecto. Fala-se, ainda, da alta criminalidade e marginalidade que imperam no seio dos países subdesenvolvidos, criando uma insegurança total a projectos de grande invergadura.

Um facto curioso é que os corruptos utilizam todas as artimhenas para convecerem os investidores e, mais do que isso, são os primeiros a estenderem a mão, fazendo pedidos

de patrocínios. Utilizam o argumento de que a vida está cara para todos, como se as suas necessidades fossem extra-humanas. Ora bem, se as causas do custo de vida são apontadas basicamente contra a corrupção, temos de analisar quais são as suas consequências e as principais vítimas do seu trabalho, o produto final, ao qual chamamos “custo de vida”. Portanto, se desde sempre onde há figuras e lutas pelo poder que sofre é o povo,

do elevado custo de vida, este também não escapa. Batalha-se no dia-a-dia à procura de pão e água condignos, chora-se por mudanças nos sistemas mas o que se vê são na maioria as consequências: a fome; a miséria total a que estão votadas algumas pessoas; altas taxas de desemprego, levando a que os jovens optem pela marginalidade e criminalidade como formas de sobrevivência ; as doenças venéreas alastrando-se pela população causadas pela crescente prostituição é outra das formas de luta contra a pobreza , adoptada principalmente pelas mulheres; altas taxas de mortalidade e de mortalidade infantil vista a escassez de viveres para a aliamentação das crianças.

Contudo, apesar de todas as lutas parecerem difíceis, é possível que se encontrem soluções minimamente aconselháveis para que se mude um pouco o cenário. Uma das principais formas, talvez a básica, seria o combate cerrado à corrupção que persiste entre governantes. Que se criem formas viáveis de combatê-la e sejam punidos os que a praticam. Outras soluções seriam a criação de micro-parcerias com empresas privadas, principalmente estrangeiras, para a educação de técnicos recém-formados, uma vez que a maioria dos estudantes desses países acabam a formação e depois ficam desempregados; que se criem formas de auto-emprego para os jovens, de modo que estes arranjem maneiras de se sustentarem e também a criação de órgão de assistência social para os que vivem em pobreza absoluta.

Em conclusão, o custo de vida não deve ser visto como um “bicho de sete cabeças” pois que, se ele é um problema criado por pessoas, então que sejam essas mesma pessoas a combatê-lo.

Informante: VFC/02/TF1

L1 Português

Sexo Feminino

Idade 22

Naturalidade Maputo

CUSTO DE VIDA

O custo de vida é uma situação problema ou aspecto que abrange todo o mundo, tanto de forma positiva como de forma negativa.

Na maior parte, o custo de vida mesmo nos países mais desenvolvidos é difícil de ser controlado, por outras palavras que não é fácil manter um nível de vida consideravelmente estável. Em Moçambique, tendo em conta o período pós-independência, o custo de vida, aumentou e tende a aumentar consideravelmente visto que a maioria da população , para não dizer toda, tem sérias dificuldades para manter um nível de vida estável e razoável.

Neste texto, **vou abordar** questões relacionadas com o custo de vida em Moçambique no que se refere às regiões ou populações mais abrangidas, às consequências a às possíveis soluções. **Darei**, também, um ou mais exemplos relacionados com esta situação.

Maputo, por ser a capital e o centro de negócios e investimentos do país, apresenta uma percentagem considerável da sua população que consegue manter um nível de vida mais ou menos estável. A cidade da Beira, por ser capital da “segunda província do país” e que tem sido alvo de vários investimentos apresenta uma situação idêntica a de Maputo. Com exceção destas duas províncias, as restantes apresentam graves problemas. Quanto mais ao interior se desloca, em todas as províncias do país, mais problemas e dificuldades são encontradas relacionadas com o custo de vida.

Portanto, as populações que se encontram no interior das províncias: distritos e localidades, o custo de vida é elevadíssimo. Por ser Maputo o centro de negócios e investimentos e apresentar, aparentemente um custo de vida baixo, as populações das outras províncias deslocam-se para a mesma. Como consequência, verifica-se em Maputo. Um elevado índice de marginalidade e um número excessivo de desempregados.

No meu ponto de vista, a solução para esta problemática, não só em Moçambique como também nos outros países, seria o estabelecimento de um balanço nos preços dos produtos de primeira necessidade de acordo com o nível económico e social das populações. Em Moçambique, a maioria da população é pobre ou com um nível de vida médio. Nampula, é um exemplo vivo de uma das províncias com elevado custo de vida.

Por ser rico em atrações turísticas apresenta uma elevada aderência por turistas. Porém, os lucros obtidos pelo turismo beneficiam apenas as instituições ou complexos turísticos das populações locais são ainda mais desgraçadas.

Para concluir, pode-se dizer que “custo de vida” é um assunto difícil de ser resolvido, mas que, porém, deve ser analisado tendo em conta todos os níveis sociais e económicos que constituem uma sociedade.

Informante: TLS/02/TF1

L1 Português

Sexo Feminino

Idade 23

Naturalidade Maputo

CUSTO DE VIDA

É frequente, ouvir-se nos dias de hoje, as pessoas abordarem este tema. Toda a gente, ou pelo menos quase toda a gente, fala do custo de vida para justificar ou pelo menos responder as questões relativas a sua estabilidade financeira.

O custo de vida de um determinado país tem a ver com as oportunidades que tal país oferece aos seus habitantes em termos de infra-estruturas, tais como a existência ou não de escolas, hospitais, habitação, suficientes para albergar toda a população. Está ligado também ao salário mínimo que cada país estabelece como forma de equilibrar as assimetrias existentes entre o que os habitantes recebem como o salário, e o custo de vida do país.

Existem países em que o salário mínimo possibilita para que pelo menos os habitantes possam se alimentar minimamente bem, impedindo-os apenas de viver “mergulhados” no luxo mas com uma vida digna e portanto aceitável.

Nesses países não se verificam, penso eu, problemas de deficiência ou mesmo de incapacidade de pelo menos mandar os filhos à escola. As lamentações são, normalmente relativas a carros de luxo que não se tem, as casa de praia que se ambicionam, as quantias “gorda” nos bancos, etc.

Existem, por outro lado, países em que os seus habitantes não ganham nem mesmo para comer como é o caso de Moçambique em que o salário mínimo é de tal forma “magro” que verificam-se casos de pessoas que embora estejam a trabalhar a bastante tempo, não conseguem sequer Ter habitação própria. Ganham tão mal que para a própria alimentação tem que se sacrificar consumindo, muitas vezes, não que na verdade gostariam de consumir mas sim o que lhes possibilita aguentar durante o mês seguinte aquando da chegada do novo salário.

Sendo assim, é, portanto inevitável que a juventude desses países como Moçambique comece a questionar-se sobre o seu futuro. Torna-se inevitável ainda que desde cedo as pessoas conheçam o sofrimento causado pela falta de dinheiro. Pois é inevitável, que as dificuldades financeiras, nomeadamente, a falta de dinheiro numa família, que provoque sofrimento. Primeiro são os pais que sofrem pela dificuldade em alimentar os seus filhos, e

em mandá-los à escola. Depois são os filhos que pelo sofrimento causado por essa incapacidade dos pais em sustentá-los e ou criá-los começam a optar por outros caminhos pouco ou nada satisfatórios tanto para eles como para a própria família como forma de responder as suas necessidades.

O custo de vida, que um país oferece, é, também responsável pela permanência ou abandono do país por parte dos seus habitantes. Estes, por sua vez, tendem a deslocar-se ou permanecer onde existem maiores oportunidades de melhorar a sua condição de vida. Dai que, é normal que chefes ou mesmo famílias inteiras, abandonem, muitas vezes, o seu país de origem, e **vão fixar-se** onde as oportunidades sejam melhores. Sendo assim, existem lugares com uma densidade populacional bastante elevada e outras fracamente povoadas (regiões anecúmenas).

O custo de vida, é, infelizmente e naturalmente um tema abordado principalmente pelas massas que vivem este problema no seu dia-a-dia pois, existem aqueles que só se apercebem da existência deste problema pelas imagens que casualmente vêem na televisão ou no jornal ou mesmo pela rádio embora seja tarefa de cada governo envidar esforços no sentido de, se não acabar pelo menos, colmatar esta situação. Porque muitas vezes, o custo de vida elevado, tem sido consequência da baixa estabilidade económica dos países causada pela má governação do mesmo. Alegam que a instabilidade económica, deve-se, por exemplo em Moçambique, ao facto do país estar a sair duma guerra que durou muito tempo. Mas, esse não constitui o factor essencial para justificar o elevado custo de vida do país pois a população precisa de ter o mínimo para viver se não tem sequer o mínimo o que mais pode esperar dessa população senão uma baixa esperança de vida e um nível de pobreza cada vez mais elevado.

Portanto, é preciso que o custo de vida de um país vá de acordo com as oportunidades que esse mesmo país oferece para que se possa progredir e elevar cada vez mais o país. Que se criem condições de responder as necessidades mais peculiares da população sobretudo jovem como habitação, emprego, escolas e hospitais como forma de criar um enquadramento, neles, que, devido as inúmeras dificuldades que “são obrigados” a enfrentar, na altura em querer ou criar a sua independência, ou mesmo constituir família ficam desenquadrados pois não encontram, muitas vezes, apesar do esforço, caminhos para a resolução dos seus problemas

Informante: HAG/02/TF1

L1 Português

Sexo Feminino

Idade 21

Naturalidade Maputo

TRANSPORTES

Desde os tempos mais remotos, até aos nossos dias, o transporte é um meio indispensável para a deslocação humana bem como para a circulação de mercadorias em diversas formas evolutivas até as mais perfeitas que existem hoje. Isto é do boi ao metro.

Numa primeira fase, o boi foi utilizado como um meio que não levava as pessoas ou mercadorias a longas dimensões. Mas graças ao desenvolvimento técnico-científico que atingiu dimensões maiores até levar à existência deste que é o metro.

Infelizmente, o nosso país ainda não foi barcado por este rápido e eficaz meio de transporte que é o metro. Portanto, referir que simplesmente pelo facto de se estar a desenvolver uma vasta rede de transportes como por exemplo a with banhk esta **vai permitir** a troca bem como o contacto directo entre Moçambique e África do sul, de produtos pelos quais Moçambique não pode produzir, não so **vai permitir** troca valente de culturas e experiências.

E quanto a questão da estrada nacional número um, esta merece também uma grande importância pois **será** através desta que Moçambique não **será tido** como um país desligado ou separado das suas províncias. Esta estrada **vai permitir** a um contacto directo entre a nação, a troca de culturas bem como a diversidade dos usos e costumes de cada província ou distrito.

No que concerne aos diversos meios de transportes que o nosso país possui, o transporte rodoviário é o que é mais usual até ao momento para viagens de cuto bem como de longo percurso. Este é tido como indispensável para as diversas áreas da vida da população Moçambicana. Caso concreto o “chapa”, refiro-me ao “chapa” porque é o meio pelo qual grande parte dos cidadão recorrem visto que só uma pequena parte consegue Ter transporte próprio.

Quanto ao transporte ferroviário, este, ultimamente tem demonstrado requerer uma pequena reabilitação visto ter causado bastantes transtornos ou talvez falta de competência ou seriedade pelos os que hoje teem a responsabilidade de velar por este meio. Falo desta forma pelo acidentes que com frequência ou seriedade, se tem verificado em diversos pontos do país, bem como pelas avarias técnicas que tem acontecido ao longo dos seus percursos. Sendo assim tem-se verificado elevadas perdas humanas o que é desagradável, ou os produtos que são transportados de um ponto para o outro não chegam ao destino na sua totalidade, ou nas melhores condições de serem consumidos.

Quanto ao transporte marítimo, não tenho nenhuma reclamação a fazer, apenas referir que pelo menos os portos existentes aqui no nosso país, são tidos como grande fonte de entrada de divisas para os países que não tem produtos marinhos. É a partir destes portos que saem produtos como peixe, camarão, lagosta, caranguejo etc. para países como África do sul, Zimbabwe, Swazilandia. Estes que não tem acesso ao mar.

Quanto ao transporte aéreo, referir que não tem sido muito recorrido pela população Moçambicana. Não quero com isso dizer que não seja importante. Mas grande parte da população prefere, ou devido ao elevado custo recorrer ao transporte rodoviário para efectuar viagens para os diferentes pontos do nosso país.

Para concluir, salientar que o transporte facilita a vida dos diversos utentes bem como economisa o tempo para os que nele recorem.

IDENTIDADE CULTURAL

Em diversas áreas do mundo, a população está dividida de modo desigual. Isto é em comunidades. Portanto, dentro dessas comunidades existe um certo modo e forma de vida que simboliza a cultura daquela comunidade. Sendo assim, o modo de viver, de agir, de expressar-se dentro de uma comunidade será distinta das outras. Sendo assim é possível identificar a cultura de certas comunidades o que se **designará** Identidade Cultural. Tomando como exemplo, a forma de viver da população da região sul de Moçambique, em comparação com a população da região norte. Pelo menos, no que concerne a forma de falar de ambas as partes, notaremos certamente que existe um sotaque diferente dos falantes da população do norte que lhe **irá identificar**, bem como o falar a população da região sul.

Não só pelos sotaques também pela forma de expressar-se, a população de ambas as partes identifica-se de forma divergente. Certamente que cada população tem certa forma de expressar-se acompanhado de alguns gestos ou valores culturais habituais ex: aquela forma de ajoelhar ao cumprimentar alguém, tirar sapatos ao entrar dentro da casa de alguém; etc. A forma de dançar cantar, vestir etc.

CORRUPÇÃO

Desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, em vários lugares do mundo tem estado a coexistir a problemática da corrupção na qual está relacionada ao suborno. Segundo várias fontes, a corrupção deriva de várias estratégias de suborno no diferentes órgão que estão ligados à sociedade.

Será que é possível banir a corrupção? Porque **será** que os diversos dirigentes aderem a corrupção? Quais são os efeitos da corrupção? Como ponto de partida, referir que este mal assolou, ou seja, abrangeu toda a camada que se deixa levar por este efeito, nem todos os dirigentes são corruptos. E para responder as questões acima expostas, salientar que, elaborando uma estratégia da segurança e de controle máximo nos diferentes órgão, e dando uma educação moral aos dirigentes dos mesmos, ou se por acaso se apliquem sanções aos que forem descobertos a praticar este tipo de acto, o número **reduzirá** consideravelmente. E quanto a Segunda questão, salientar que os diversos dirigentes aderem a corrupção, justificando os mesmos razões de ordem diversa, sobretudo, questões monetárias, outros ainda atraídos pela ganância, isto é, não se contentam com o que tem, querem sempre mais.

E, finalmente, para repôr a última questão, dizer que este mal tem por consequência efeitos bastante negativos tais como: a falta de competência para as pessoas que **vão subornar**, o mau andamento do trabalho ou dirigência no diversos órgãos de serviço devido ao suborno para as gerações futuras; para o país, o país nunca progride, **ficara** sempre estabilizado. Como conclusão, apelar à sociedade em geral que colabora contra este mal que a sociedade assuma uma atitude séria para acabar com o mal e que sejam aplicadas medidas para os corruptos e os praticantes do suborno.

Informante: CCM/02/TF1
 L1 Português
 Sexo Masculino
 Idade 25
 Naturalidade Maputo

O NAMORO

O namoro é um relacionamento entre duas pessoas do sexo oposto com intuito de conhecer melhor os indivíduos envolvidos antes do casamento. O namoro tem várias definições ou interpretações dependendo da pessoa que o encara.

Segundo o relato dos mais velhos, o mesmo servia como um meio para melhor conhecerem-se os indivíduos que estão envolvidos antes de chegarem ao casamento que é tido como uma instituição muito séria. Mas nos dias que correm o namoro ganhou novas feições, há que ache que que sirva de um meio pelo qual pode se trocar carícias, relaxar, Ter relações sexuais sem nisto haver nenhum compromisso ou mesmo adquirir bens materiais. No entanto o namoro é mais sério na medida em que envolve sentimentos e que a sua ruptura pode ser um golpe para uma das partes implicadas.

No que vivenciamos nos nossos dias, o namoro é uma espécie de desporto em as pessoas aproveitam-no como passa-tempo e, na maioria das vezes pessoas envolvidas não estão naturalmente preparadas para o enfrentar.

Por vezes assiste-se para de namorados de idades inconcebíveis como 12, 13 ou até muito menos; o resultado destes relacionamentos na maioria das vezes resume se em desgraças. É comum ver na actualidade jovens muito para além da idade que são os pais de uma criança tão nova quanto eles. Portanto estas actitudes de pais muito jovens têm criado constringimento aos pais dos namorados e até a própria sociedade. Porquê?

Porque as vezes os hábitos de uma certa família devem mudar devido a chegada de um novo membro, a própria sociedade queixa-se destes namoros no momento em que este pai fugindo das suas responsabilidades abandona o filho na rua. Outros problemas que advêm de namoros furtivos tem sido doenças venéreas entre elas a mais perigosa o HIV/SIDA.

Como forma de dar carnis real ao namoro, as pessoas deviam saber esperar, os pais tem a obrigação de dar uma educação condigna; tinham que ser mais cuidadosos na escolha de um namorado ou namorada, tinham que procurar se informar nos circulos dos mais velhos acerca da utilidade do namoro.

Como melhor "remédio" deviam abster se das relações sexuais até ao casamento na altura em que obviamente **estarão** mais preparados para enfrentar uma série de vicissitudes.

(SEM TÍTULO)

Primeiro dizer que a cultura é o reflexo das nossas vivências ao longo dos tempos, os nossos receios, o nosso progresso em vários ambitos Indentidade cultural seria como certos indivíduos se apresentam perante outros, no que diz respeito a indumentária, gastronomia, sistema político, língua e outros.

Mas esta identidade cultural pode ser usado por alguns grupos extremistas para subjugar os outros tidos como não tendo uma identidade desejável ou não evoluída. Bem gerida esta questão de identidades culturais pode ser de grande ajuda a humanidade porque parte-se do princípio que nenhuma sociedade é detentor do saber de tudo e desta maneira o intercâmbio entre as mesmas seria bom para todos.

Informante: NFB/02/TF1
 L1 Português
 Sexo Masculino
 Idade 18
 Naturalidade Maputo

CUSTO DE VIDA

Desde longos tempos que o homem se encontra a enfrentar problemas com a carência de vida. O desejo de trabalhar para satisfazer as suas necessidades, sempre acompanhou o ser humano. Não obstante o maior esforço feito não se consegue eliminar ou reduzir o custo de vida. Por todo o lado pergunta-se: porquê? Ainda mais, porque é que o custo de vida torna-se mais alarmante ao invés de baixar? E como não havia de faltar, quais são as consequências deste encarecimento? Para responder estas questões, **usarei** o exemplo concreto da nossa sociedade moçambicana. Ora, as condições de vida estão relacionados ao estágio de desenvolvimento do país. E, a relação existente entre aspectos, é tal que, quando menos desenvolvido o país estiver, maiores dificuldades **enfrentarão** os seus habitantes. Isto deve-se ao facto de se registar maiores restrições no mercado de trabalho. Isto explica-se pelo facto de se exigir experiência até indivíduos recém-formados. E, associado a isto, está também a exiguidade dos postos de trabalho. Deste modo, verifica-se que os poucos que conseguem ingressar no mundo de trabalho são vulneráveis ao suborno e à corrupção. Por detrás disto, encontra-se a insuficiência do salário com vista às satisfações das necessidades do trabalhador.

Perante este procedimento, o ritmo de desenvolvimento do país é lento. Como exemplo, pode-se citar o facto de os funcionários negligenciarem os bens comuns e levarem-nos para fins particulares. Nesta análise, ainda se pode ir mais longe, dizendo que os actos de corrupção e negligência nos serviços (sobretudo públicos) remetem a sociedade numa situação de miséria prolongada porque se ser exemplo, um director apropria-se dos fundos destinados à manutenção de uma escola, remete a sociedade ao analfabetismo e, por conseguinte à marginalidade. Há que notar que nem todas pensam particularmente nas suas vidas. Por exemplo, há indivíduos que se oferecem a abrir micro-projectos para auto-emprego; onde a comunidade passa trabalhar e obter um rendimento mínimo para o seu sustento. Nisto tudo observa-se que a nossa sociedade é maioritariamente carente. Sendo por isso que seja imperioso que cada um de nós se sinta responsabilizado por uma resolução deste caos. Acima de tudo é importante que todos nós sejamos humildes para com os outros. E, a primeira grande condição para isso é eliminar a corrupção. Pois quem aceita a corrupção retarda o crescimento económico e, como é lógico empobrece a sociedade em geral.

IDENTIDADE CULTURAL

Muitos têm-se enganado ao pensar que o que dita a cultura de uma dada região são as pessoas que aí residem. Ora, vários factores se congregam no aspecto da variação da cultura inclusive na sua identidade.

Assim, para se esclarecer estes equívocos e outros como, por exemplo, a marca fundamental da identificação de uma cultura, baseiarei-me na própria língua.

É importante ressaltar que a língua é um sistema de signos articulados em comum por uma mesma comunidade para se comunicar. Assim, ela aparece como o factor principal da identificação e diferenciação das culturas; pois ela é usada para designar e retratar os hábitos e costumes de uma dada região, isto é, os pensamentos e actividades subjacentes.

Assim, a identidade cultural de uma dada região é constituída, conjuntamente pelos hábitos, costumes, pensamentos e, sobretudo, pela língua usada nessa região.

Deste modo, a preservação da ideia de que a língua e outros factores que com ela contribuem para definir uma cultura são aspectos evolutivos e é sobre eles que está assente o pensamento dos seus utentes pode auxiliar na compreensão deste assunto. Como conclusão, dou o exemplo da etnia chopi, concretamente na sua identidade cultural. Ora, aquela etnia possui uma identidade cultural que é posta pela prática de cantas e danças acompanhado pelo ritmo de 'mbila' (marimaba em português) usam arcas e flechas na caça e os seus bem prestigiados são feitos de palha. Portanto, esta é identidade cultural chopi e também os distancia das outras etnias.

Informante: NAA/02/TF1 NAA/02/TF1
L1 Português
Sexo Masculino
Idade 19
Naturalidade Maputo

NAMORO, NECESSIDADE OU MODA

O namoro é uma necessidade biológica para todo o homem, se não Deus não poria Adão e Eva no mesmo lugar, ele criou o homem e a mulher para se amarem, por isso que ele diz “casai e multiplicaivos”. Para quê esconder?

O namoro não deve ser encarado como um pecado uma vergonha, um tabú, não. O namoro deve ser encarado como outra necessidade biológica do homem. Não é por acaso que hoje ouvimos histórias de padres “adúlteros” ou pedófilos. Para quê privarmo-nos de algo tão natural.

A criança ao atingir a adolescência deve libertar-se conhecer a outra parte de si antes escondida. O limitar o adolescente ao namoro pode trazer consequências psicológicas e mesmo sociais muito graves. Este adolescente limitado pode tomar um destes rumos: como se vê limitado pelos seus encarregados, a chave do namoro, da liberdade lhe foi vedada ele ao querer satisfazer-se fisicamente e emocionalmente **vai fugir** de casa às escondidas e pôde adquirir maus hábitos como drogar-se e prostituir-se.

Ou pode também este adolescente tornar-se acanhado, não podendo abordar certos assuntos porque acha imoral fica com medo de conviver intimamente com seus amigos, mantendo-se distante, frio e conservador.

O jovem deve ser amigo íntimo de seus pais, seus educadores, e estes por sua vez devem-lhe mostrar todo o apoio, dando toda harmonia, através de diálogos compreensivos principalmente na fase da adolescência que é mais turbulenta, assim, muitos problemas podem ser resolvidos.

Mas por outras palavras, é preciso saber namorar. Parece normal nos dias de hoje uma criança dos seus 9, 10 anos e muitas vezes menos, já terem praticado sexo e abusado dele com maior naturalidade. Hoje em dia se um jovem de 14 anos não namora, sente-se como um peixinho fora da água, pois, os seus amigos e até mais novos que ele, namoram e já praticaram sexo.

Ô jovem de hoje confunde o namoro com sexo, primeiro sexo, depois o resto (conhecer o parceiro, etc.) em vez do contrário (conhecer o parceiro, criar amor entre ambos e verem que estão preparados para tal, com uma boa idade é que podem ir ao sexo). O namoro praticamente não existe hoje em dia, foi substituído por uma outra coisa que continua com o nome de namoro, mas no seu sentido original, o namoro é moda, é o sexo, quem não pratica o sexo está fora da moda. Por isso que as taxas de prevalência do SIDA, DTS na camada jovem é lata em relação às outras faixas etárias.

A principal causa deste cenário triste é a falta de diálogo entre os pais e filhos (por isso que muitos países com população pobre menos escolarizada, tem um número alto de prevalência de SIDA do que outros países). A falta de escolarização muitas vezes remete o homem a ignorância não sabendo lidar com situações que ocorrem no dia a dia e deste modo não saber e não conseguir explicar o seu filho o que é certo ou errado pois ele se encontra quase em mesmas situações que o filho.

A outra causa é da falta de programas educativos e o hábito das crianças que aprendem muito rápido querem imitar tudo que vem nas novelas, “Marias”, nos filmes principalmente pornográficos, pois não sabem distinguir muitas vezes o que é certo ou errado pois os órgãos de comunicação social não se importam em separar os programas, não notam nas publicidades que às vezes para uma criança ingênua é chamativa e bonita.

A solução reside principalmente nos pais e nos órgãos de comunicação, se estes invertem os factos acima mencionados (os pais conseguirem dialogar com seus filhos, existir campanhas de educação para pais e filhos e saber dar programas certos em momentos certos nos meios de comunicação) a situação **vai tomar** um rumo para melhor.

Mas, temos de ter uma coisa em mente: saber namorar no tempo e hora certa é uma das melhores coisas que existem no mundo. Não podemos-nos privar e aos nossos filhos por tolices. A vida deve ser vivida.

Informante: OIM/02/TF2
L1 Português
Sexo Feminino
Idade 21
Naturalidade Maputo

Tabagismo: Consequências

O tabagismo é um problema com múltiplas facetas a nível sanitário, científica, educativo, económico e legislativo, O tabagismo tem sido a causa de várias doenças fumar é um risco para saúde até os fabricantes advertem nos massos de cigarru, sem contudo deixarem de fabricar o referido producto, pois contribuir para economia no que concerne ao emprego e lucros de venda.

Existem dois tipos de fumantes: Os activos e os passivos, os activos são aqueles que consomem o tabaco directamente enquanto que os passivos consomem indirectamente através da inalação. Os fumantes activos são vulneráveis a várias doenças pulmonares tais como bronquite crónica, o enfisema pulmonar, o câncer de pulmão associado a doenças cardio vesculares e tumores de vários locais, as mulheres estão sujeitas a contracção do câncer no colo do utero, se o tabagismo estiver associado aos anticoncepcionais.

Os fumantes passivos estão sujeitos as mesmas consequências que os activos, embora em menos quantidade, estes absorvem nicotina que pode ser encontrada na urina dos mesmos, isto porque as pessoas passem 80% do seu tempo em locais fechados (trabalho, Faculdade locais de lazer) onde estejam fumantes activos, o que faz com sejam também fumantes (embora passivos), Os fumantes passivos sofrem efeitos imediatos do tabagismo tais como, irritação nos olhos, manifestações nasais, tosses, aumento de problemas de câncer nas vias respiratórias, e dor no peito, durante a gravidez, o tabagismo pode causar problemas não só a mãe fumante mas também ao filho, que pode nascer com menor peso, quando não surgem problemas de aborto, o que **vai contribuir** para o aumento da natimortalidade, as criansas na sua vivência involuntária tornam-se fumantes passivos, sujeitos as infecções respiratórias, apreias de sono, e apresentam um quociente de inteligência baixo.

Os fumantes passivos morrem duas vezes mais por causa do câncer do pulmão e tem valores funcionais respiratórios abaixo do pulmão normal de um individuo não fumante Por isso, os fumantes (passivos e activos) médicos, as autoridades governamentais, a sociedade em geral, devem assumir posições fortes no sentido de reduzir os danos causados pelo tabagismo a saúde, as autoridades governamentais devem estabelecer leis e normas que protejam os indivíduos não fumantes que proibam o uso do tabaco e sua comercialização, e que os fumantes restrigam sua prática em locais públicos e colectivos.

Informante: ORN/02/TF2
L1 Ronga
Sexo Masculino
Idade 27
Naturalidade Maputo

O Papel da sociedade na reintegração dos ex.toxicómanos. A toxicoddependência é o estado de dependência causado pelo consumo excessivo de doses de substâncias tóxicas. Este mal tem destruído inúmeras famílias no mundo e em particular países do terceiro mundo.

Assim, a sociedade e as autoridades/governo têm se preocupado com a eradicacção deste mal e com a recuperaçao dos ex toxicómanos. Entretanto tem-se questionado o papel da sociedade na reintegraçao dos individuos na fase de recuperaçao.

Portanto, a sociedade é a força motriz para a reintegração dos ex. Toxicómanos. É ela quem deve acompanhá-los, aceitando-os como membros da sociedade e da família, esquecendo e ajudando a esquecer o seu passado, insentivando os outros jovens para que não caiam no mesmo erro.

Deste modo, apesar de tanta dificuldade no seio da sociedade devemos compartilhar os bons e os maus momentos e demonstrar o nosso afecto a todos os que necessitam. Assim sendo, estes individuos **sentir-se-ao** amados e protegidos, bem como acolhidos pela sociedade.

Informante: ILC/02/TF2
 L1 Português
 Sexo Feminino
 Idade 23
 Naturalidade Maputo

A Toxicodependência

A Toxicodependência, toxico algo que encena veneno e dependente que significa subordinação, é o estado de dependência causado pelo consumo excessivo de doses de substâncias tóxicas, processo pelo qual numa primeira fase são consumidas pequenas quantidades de droga até que o organismo fique dependente mesmo que o individuo esteja consciente dos efeitos prejudiciais.

Hoje, a toxicodependência é muito frequente nos jovens com idade compreendida entre os 14 e os 22 anos. E isso se deve a inúmeros Factores só para enumerar alguns, a depressão em que os jovens passam por várias situações principalmente a falta de emprego, as humilhações o jovem fica deprimido, as más influências as quais o individuo pode deparar-se ocasionalmente, e a Falta de auto-confiança pelo qual os pais são de certa Forma os culpados pois, os Filhos não se sentem totalmente acolhidos, não se confia e por isso engrenam no caminho dos toxicómanos.

Há uma grande diferença entre os não toxicómanos e os toxicómanos para os não toxicómanos é Facil com a influência de um individuo toxicómanos introduzir-se na toxicodependência e para os toxicómanos é por vezes muito difícil sair da toxicodependência, pois passam por diversas fases, tornando-se numa experiência dolorosa. Actualmente, Falar de toxicodependência, imagina-se pessoas com auto-estima que

podem acabar com a toxicodependência. **Será** possível através de centros de desintoxicação, saras culturais e outros meios diminuir o fluxo de toxicómanos.

Informante: AAG/02/T11
 L1 Nyungwe
 Sexo Masculino
 Idade 28
 Naturalidade Tete

Namoro é o encontro de duas pessoas de sexo oposto, quando convivem, conhecendo-se um ao outro em termos de pensamentos, ideias, sentimentos, sensibilidade, para uma futura união matrimonial. Quer dizer, o namoro é a ponte indispensável para casamento ou matrimónio. Duma forma mais lata, o namoro é a preparação para uma vida a dois (homem e mulher). O namoro é a chave de união futura entre os dois; estando mais virado à parte moral, espiritual e não logo material.

Em Moçambique, o namoro ocorre em várias circunstâncias e com finalidades mais materiais. As pessoas namoram, encontram-se, partilham os bens disponíveis, comungam pensamentos mas nem sempre estão juntos em termos de ideias e objectivos.

A maioria dos namorados só estão próximos um do outro, mas nunca estão juntos (mesmas ideias, intenções). E é exactamente o que estraga o namoro. Por exemplo, muitas mulheres são oportunistas e também muitos homens não são sinceros e rectos. Há mulheres que se dirigem aos homens só para poderem aproveitar os seus bens como dinheiro, carro, casa, conta bancária.

Na praça moçambicana e sobretudo em Maputo, as mulheres dizem “quero chular o gajo”, “o gajo é tapado” “não gosto dele” “só quero o dinheiro dele” “depois vou pular”. E são casos frequentes em que as mulheres fazem manobras para os maridos ou ainda, homens morrem ou desaparecem da circulação de dez e elas ficam a vangloriar com todos os bens e filhos deixados pelo falecido. Doutra

lado, os homens ficam a namorar com mulheres durante muito tempo, promessas prompensas de casamento e no fim “pulam” dando às devida diogo e juntam-se a umas mulheres novas. Em geral, os namoros em Moçambique estão muito difíceis e até que quase inexistentes porque uma moça chega de ter onze a doze e até mais homens como amigos, aí, os homens também chegam a ponto de ter vinte namoradas ou raparigas, quer dizer um homem para vinte raparigas e nenhuma delas é amada ou talvés só uma, defendendo-se de que as mulheres são muitas em relação aos homens. Tem sido só para satisfazer os desejos sexuais e assim não é namoro mas brincadeiras aprobriosas, vergonhosas e perigosas devido a proliferação do vírus do HIV e SIDA.

O namoro moçambicano é mais material actualmente do que “ontem”. A mulher diz: mas o que ele tem?” e não o que é que ele tem? As mulheres estão mais mais acorrentadas pelo dinheiro e outros bens do que pelo carácter ou personalidade do homem. Uma outra objecção que se verifica é a arrogância dos pais da moça ou do moço. São frequentes atitudes e expressões como: “minha filha, não podes namorar com um homem descalço “pobre”; “meu filho, não deves casar com aquela moça porque ela é...”. Desta forma, os pais tiram a liberdade da escolha do cônjuge ou ainda namorado(a), forçando os dois a separarem-se à procura de alguém que nunca amam. Como resultado disso, os filhos(as) ficam magoados e recentidos.

«O meu caso por exemplo: precisava de uma mulher para esposa. Então, saí de Maputo e fui à Tete. Expliquei a causa da minha presença e logo procuraram-me uma rapariga em menos de uma semana e logo carreguei-a para Maputo. Não houve tempo de namoro nunca tinha conhecido a ela. Aquilo foi sol de pouca dura. Não tardaram abusos, insultos, boatos com a vizinhança. Daí decidi devolvê-la aos pais e a coisa acabou fiquei solteiro» Aí, falhei bastante porque não namoramos para nos conhecermos melhorem termos morais, espirituais, ideias um ao outro.

O principal problema do namoro em Moçambique tem sido o problema de pobreza moral. As pessoas não têm ou não acatam uma boa educação moral que até certoponto as igrejas ensinam. Deveria haver também por outro lado uma educação moral nas escolas afim de secultivar a mentalidade dos alunos, pois o seu futuro depende de hoje. E se o governo continuar tanto impávido no mutismo, **vai aí haver** uma degradação morale e a destruição do tecido social moçambicano. As consequências não **serão** para menos por causa da falta de moral, fé, carinho e amor de mulher para homem e vice-versa. Portanto, sem apoio do governo, o namoro **vai ser** uma fonte de desgraça para muitas famílias moçambicanas. Era melhor introduzir já nas escolas do ensino primário e secundário a educação moral a fim de se fazer uma integração adequada do Homem novo na sociedade moçambicana.

2. ALUNOS DA UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA

BAN/05/BEI (169)

L1: Cishona

Idade: 43

Querida Amor

Antes de tudo, gostaria que a presente carta vá encontrar-te em perfeitas condições de saúde na comunhão de toda a nossa criatura e de todos os restantes familiares que dia após dia conjugam as várias dificuldades da vida contigo.

Por mim cá, menos mal, graças a Deus, Somente os estudos estão Sendo intensos, Sobretudo, no concernente o incremento de muitas fichas de leitura, Sistematização de temas, Seminários entre outras actividades. De Salientar que, no Segundo Semestre tínhamos falta de profeSSor de PSicologia geral, mas, esta dificuldade, já foi ultrapasaSSada, visto que, apareceu muito embora tardiamente.

Por outro lado, goStaria de Saber qual é o decurSo dos noSSos filhos em termos de aproveitamento P. em particular o mais novo? E qual é a Situação da mais velha, foi admitida aos exames? Nesta perSpectiva, gostaria que informasse-me o mais cedo possível.

Para terminar, eu apenas **Virei** no fim do mês de Novembro, pelo que, aguarda-me entre diaS 29 a 30.

E recebas um beijo deste teu muito enesquecível amor.

MIG/05/BEI (163)

L1: Portugues/Cinyungwe

Idade: 36

HIV/SIDA

O meu ponto de vista posso chamar de bicho de sete cabeças a este tema HIV/SIDA porque de tantas lutas que a sociedade em geral está fazendo parece-me que nada está feito. Temos tantas organizações e diferentes cada uma com suas metodologias em como combater este grande bicho , mas ainda nota-se o alastramento e tantas mortes devido a este flagelo.

Mas que tipo de doença que até hoje não tem cura? **Será** que é o tal fim do mundo que se fala por aí?

Para mim única solução é encontrar o mais rápido possível a cura e a vacina para estancar este problema.

É verdade que está a deixar o mundo e o nosso país esburacado, tantas crianças orfãs sem amparo, lares destruídos, discriminação no seio familiar ou mesmo nas empresas.

As causas de transmissão são várias e outras, as vezes não conhecimento quando é que se contamina. poderia falar mais só que pra este assunto de transmissão é tão vasto.

CGH/05/BEI (236)

L1: Xitswa

Idade: 25

História do dia a dia

É impensante notar que cada dia que passa vemos situações completamente distintas embora algumas vezes se repitam às vezes situações praticadas pelas mesmas pessoas.

Quero acreditar, aqui, que realmente devemos em cada dia mostrar alterações e dinamismos comportamentais porque isto é o que de verdade precisamos para construir uma sociedade sã, tranquila e saudável na medida em que lutamos para alcançar este fim. Mas surpreende-me muitas vezes que alguém, numa determinada sociedade ou comunidade ou mesmo dentro da sua família drasticamente mude de atitude, muitas vezes de bem para o mal.

Vou agora procurar formas de descrever as razões que me parecem ser em muitos casos impulsionadoras destas mudanças:

- Primeiro, o desagrado do ambiente familiar talvés causado pelos próprios pais, irmãos e outros membros desta;
- As más companhias (amigos, namorado/a, etc);
- As ambições, entre outras.

De forma geral são estas as razões que levam alguns jovens a mudar de bom comportamento para o mau consequentemente, estes tornam-se frustrados consigo mesmos e como formas de procura de um outro ideai vão à rua com acções violentas enfermando assim a sociedade.

Como forma de combate à esta situação diária, o jovem deve saber discernir, procurar novos horizontes que os ache melhor ao invés de vingança porque não é com atitudes violentas que construímos mas sim forma-se a nova sociedade com atitudes coerentes associadas a uma educação moral e cívica competente.

CPZ/05/BEI (168)

L1: Cishona

Idade: 32

HIV/SIDA

O HIV/SIDA é uma doença que está a assolar todo o mundo. Esta tem como agente causador o vírus de imunodeficiência Humana (HIV).

O vírus contamina-se de um indivíduo doente para um São por meio das relações sexuais ocasionais sem protecção (principal via), através de objectos cortantes ou perfurantes não esterilizados; transfusão de sangue contaminado, transmissão vertical (da mãe grávida para o feto) e outros.

O vírus, dentro do corpo humano ataca primeiramente o sistema imológico. Assim sendo, na fase de destruição a pessoa é chamada de seropositiva e não apresenta nenhum sintoma- é fase de incubação do vírus. Quando completamente está destruído o Sistema de defesa do corpo, a pessoa **vai apresentar** várias doenças (tuberculose, malária, diarreias agudas.etc.), nesta fase o indivíduo é chamado de doente de Sida.

Como meios de prevenção somos aconselhados a usar o preservativo nas nossas relações Sexuais ocasionais ou abster-se ou ser fiel ao parceiro e evitar a transfusão do Sangue contaminado e o uso de objectos cortantes contaminados não esterilizados.

FRR/05/BEI (143)

L1: Português/Cisena

Idade: 43

HIV/SIDA

Em Moçambique fala-se tanto de da Pobreza absoluta, até aqui o nosso governo esta fazendo um esforço junto as organizações governamentais e não governamentais de modo a lutar contra esta epidemia do século (HIV/SIDA). Neste momento não existe a tranquilidade entre os dois lados. São palestras, teatros feito no combate contra a fome e a doença.

No principio era muito difícil entender o que quer dizer (HIV/SIDA), mas agora a população em geral já sabe tomar as precauções neste mal, como:

- Fome- combate (uso das segonhas e motobombas de água.

- Doença- combate (uso de preservativo e ter um parceiro).

Mesmo assim, são muitos moçambicanos que tá tem esta doença e os que ainda ficarem e se não seguirem com os conselhos não **haverá** a outra geração porque **acabaremos** todos por padecendo.

Quanto a situação do SIDA é crítica em África.

CRN/05/BEI (245)

L1: Cisena

Idade: 22

HISTÓRIA do dia-a-dia

«Recordar é viver e viver é recordar» dizia-me o velho Carmona que por destino pai meu foi, a Poucos anos da minha vida. Se eu tivesse o conhecimento de que nasceria e depois morreria, Preferia o «não vida». De tal maneira acredito que a vida é uma caixinha de surpresa, que por vezes tem destinos espantosos.

Cronicar, poderia eu, mas, não tenho modos nem jeito, porque as minhas palavras, **poderão** não ir ao encontro meu, porque elas abstratas na verdade São.

«Os africanos, ensinam os seus filhos para futuramente comer o que é deles». Foi o que recordo, até hoje das suas tantas, e milhares palavras. Acreditava, acredito do que citado foi. Vi e vejo indivíduos que já são «fulanos» a serem maltratados, feitiçados, injuriados, perseguidos pela família por não tirar nenhum tostão, roupa ou outros alimentos em benefício da família.

Medo, eu tive durante a minha carreira estudantil, principalmente antes de ter o nível médio. Me empreguei, como docente numa das escolinhas da cidade. Tive o vencimento; como nossa tradição rege, deve-se apresentar o salário no seu todo aos indivíduos que soaram Por isto ou aquilo ai. Fiz e qual foi o resultado...

Nenhum tostão ficou comigo. Decepcionado, Marimurado, Desamparado, volto a cidade onde frequento o ensino superior, a necessitar de alimentação, dinheiro para custear as despesas da faculdade, dinheiro para transporte, roupa, ... Essa entrega do dinheiro é mensal e é numa quantidade muito elevada.
Que culpa tive de nascer?

MOG/05/BEI (176)

L1: Xitsonga

Idade: 43

Futuro profissional

Para qualquer estudante, o futuro profissional está em primeiro lugar e é a tônica principal.

A primeira questão que surge logo a prior é saber o que **será** logo que concluir um dado nível de escolaridade.

O estudante sonha em trabalhar em instituições que ofereçam melhores condições de trabalho e salarial.

É muito frequente ouvir ou acompanhar situações em que um determinado jovem está desempregado por não aceitar trabalhar fora da cidade ou vila, alegando a inexistência de condições mínimas no campo.

Face a esta situação pode se dizer que de um modo geral o futuro profissional põe-se em causa, fazendo com que haja desvios de aplicação dos conhecimentos e formação adquirida durante a carreira estudantil.

Este fenómeno nem sempre é da iniciativa do jovem, mas também o próprio estágio do desenvolvimento socio-económico do meio onde está inserido. Não obstante as adversidades já mencionada, o futuro profissional de pautar por uma cultura que lhe possa dignificar na sociedade, de acordo com a sua formação específica e que **poderá** contribuir para o desenvolvimento da mesma.

LUA/05/BEI (327)

L1: Echuwabo

Idade: 22

História do dia-a-dia

A minha vida

Nasci numa família pobre e analfabeta, mas com muita vontade de ver os seus descendente indo para a escola, para atingir inicialmente o impossível que naquela família reinava, "o saber ler e escrever" como um grande sonho. Eu inicialmente sustentei este sonho familiar, mas com o tempo, fui criando um outro sonho diferente, que era: estudar não só para saber ler e escrever, mas também estudar para me formar, para me doutorar e viver apenas do esforço da caneta.

Quem me podia ajudar, e alimentar este sonho fora de fronteira da família? Se nem para comprar sapatos, camisas, calças e outras ninguém me dava!! Se não do trabalho da "machamba" que a minha mãe trazia. Machamba pobre e pobre e pequena!

A vida que levava, convenceu-me que não era fácil ser doutor, ou então viver de caneta!! Fui acreditando que, era um sonho espiritual, e devia segui-lo, mesmo sem dinheiro, mas com vontade.

Em 1991 entrei na escola, no ensino primário e em 1995 fiz a 5ª classe e em 1997 a 7ª classe, que correspondia o sonho da família. Dai, iniciei uma nova etapa, Conquista do Bem e viver de caneta. A minha mãe não disançou na machambinha, fui aceitando, mesmo sem roupa para usar, ela dizia vai p`ra escola!! meu filho!! é lá onde **vais trazer** a nova camisa...

Em 2001 fiz a 10ª classe e ai a pobreza mandou-me ao IMAP, para ver se reduzia, assim o fiz e 2003 fiz ou comemorei á 1ª vitória da caneta, porque já era professor, e em 2005 entrei no lugar dos verdadeiros académicos, para continuar o meu sonho; mesmo sem emprego. Com a ajuda de amigos e colegas, vou acreditando que um dia, dificilmente realizarei o meu sonho de doutor. A tristeza será

a falta da minha mãe que com a sua machambinha me trouxe até aqui e ela foi pela ordem de deu ao mundo dos mortos, que tristeza!!

MEQ/05/BEI (272)

L1: Portugues

Idade: 25

Querido primo

escrevo-lhe essa pequena carta para lhe informar que é com grande alegria e emoção que lhe faço esta messiva, para lhe informar que depóis daquela linda batalha no ensino secundário, cheguei a conseguir entrar na universidade pedagogica (U.P.). Então face a essa situação eu devo-lhe dizer que as coisa cá por dentro da faculdade vão bem por enquanto em que me refiro ao modo de assimilação dos conteúdos ou matéria, o nosso relacionamento com os docentes, colegas de carteira e com muitos indivíduos vai indo de boa maneira. Primo eu devo-lhe dizer que se as coisas continuarem assim como estão, sou capaz de concluir em tempo recorde programado e que isso logo **vai me facilitar** no meu crescimento profissionalmente, em que **terei** um futuro brilhante e uma carreira rica e cheia de conhecimentos para dar aos outros, profissionalmente eu quero brilhar e dar o meu máximo ao País e não sou como também ao meu futuro e as pessoas que me rodeiam e com algumas experiências adquiridas ao longo do processo de ensino aprendizagem eu devo-lhe dizer que me faz ser mais forte e mais grato pela maneira como os docentes nos transmitem os seus conhecimentos e também os seus estilos de trabalho.

é de louvar e é de agradecer ao jesto que nos é proporcionado para que haja um bom processo de ensino aprendizagem.

Sem mais nada a dizer ou à escrever eu devo-lhe dizer que espero que essa carta-lhe sirva de instrumento de comunicação e que te siteve mo tempo e no espaço, O meu agrado pela instituição e pelo processo de ensino aprendizagem.

= Um Abraço =

SHA/05/NAM (100)

L1: Xironga/Xitsonga

Idade: 35

A vida nos ensina e mostra-nos que a nível do Mundo, África é o continente mais pobre e em particular Moçambique nossa terra. Empiricamente, afinal a que se deve a pobreza? Ora vejamos, na Europa, América e por aí fora são chamados países ricos. Há muita produtividade profissional e pouca produção biológica. Não **será** esta uma das razões dessas riquezas?!

E tú África, Moçambique, tem pouca produtividade profissional apesar de muita terra virgem mas com muita produtividade biológica. Hoje agravado com o problema do sida. Que tal se começarmos a pensar em novas estratégias ou novos desafios para a vida.

SEC/05/BEI (191)

L1: Xironga

Idade: 50

Querida irmã,
A. A.

De saúde não tenho razão de queixa com a graça de Deus estou bem. Não sei como tens andado com os seus miúdos aí em Maputo.

Só histórias do dia-a-dia não falta nesta cidade, refiro os assaltos, a vida difícil isto é, a vida social é tão caro que não podes imaginar. A vida estudantil nem digo sempre fotocópias e assim torna difícil economizar o dinheiro. Penso que até no fim de Dezembro **estarei** aí em Maputo em gozo das férias escolar e descansar as histórias desta cidade. Imagine que a minha filha foi roubado celular na baixa desta cidade, um dos meus colegas foi assaltado e carregaram o pasta que continha cadernos e textos de apoio que acabava de produzir fotocópias, aqui, as histórias são de mais.

Convido-te para vir assistir de perto o quotediano da Beira acho que **vais ficar** louca. Mas a melhor coisa é chegar cedo porque de noite não vale a pena **serás** levada tudo o que pensas me oferecer.

Já te dei digas sobre histórias do dia-a-dia desta cidade; a guarda a minha chegada em Dezembro. Beijos da sua irmã, J.

RAV/05/BEI (301)

L1: Gitonga

Idade: 23

Histórias do dia-a-dia

Hoje, acontece muitos Problemas na nossa vida quotidiana, Principalmente aos jovens. Por isso, eu **vou falar** do Problema da droga que cada vez mais está a aumentar o seu índice.

Um jovem Pensa que fumar ou drogar-se é Para não estar fora da moda ou então Poder integrar-se num determinado grupo de amigos. Ele não pensa nunca ou melhor em nenhum momento, quais o mal que a droga lhe **Poderá** causar, Porque naquele momento, ele só quer saber de integra-se naquele grupo e ser visto como um modelo da curtição. É quase inevitável, Podemos assim dizer que o jovem hoje não esta exPosto a esse grande mal que Pertuba a nossa sociedade. Entretanto, nós como membros desta sociedade temos a obrigação de lutar Para combater este mal tão grande que têm vindo a Perturba-nos diariamente.

É, neste contexto que eu Pesso que todos nós façamos uma reflexão Para este Problema; e não Pensar que este Problema não **Podera** acontecer connigo ou com o mas Proximo. Porque, quem quer que seja está sujeito a este grande mal, que é a droga e que têm vindo a destruir enúmeras vidas da nossa juventude. Como é o caso dum jovem que conheci que ia tão bem nos estudos e derrePente disviou-se e comessou a fumar droga e a injetar-se até Perder a nocção do que era vida da morte.

Mas, este jovem conseguiu vencer este obstaculo, no momento em que deParou consigo mesmo e não reconheceu e lutou Para mudar aquela situação buscando ajuda Por todos os cantos confiantes.

É Por isso mesmo, que se cada um de nós começar a Pensar como este jovem e ultraPassar os grandes obstaculos da vida, ai sim, **estaremos** em condições de viver bem na sociedade em geral e em harmonia com as nossas famílias.

MUH/05/BEI (273)

L1: Elomwé

Idade: 23

HIV/SIDA

O HIV/SIDA, nesses últimos dias está a se tornar num problema crítico que quase afecta todas as anteções quer à nível social, político, religioso tanto como cultural.

Como nós sabemos, o HIV/SIDA é causado pelo vírus denominado por «vírus do SIDA», transmitido de pessoas afectadas para as não afectada, atravez de um dos meios mais testados - o contacto sexual, ou o uso de materiais cortantes como: instrumentos medicinais, agulhas, alfinetes etc.

Podemos também aceitar que certas práticas tradicionais verificadas em algumas regiões do país, promovem para a radicalização desta doença. Essas culturas, obrigam que por motivos de perecimento de um dos parceiros, faça-se um cerimônia, onde um membro da família relacione-se

sexualmente com a (o) viúva(o). que em língua cerna por «pita kufa». Este pode ser um dos motivos de aumento de índices do HIV/SIDA.

Verifica-se hoje em dia muita morte de, principalmente da camada jovem, pessoas que poderia garantir o futuro do país.

Para minimizar este dilema, muitas organizações não governamentais e em quase todas as associações religiosas e culturais do país e que operam hoje no país estão empenhados para o combate e a sua prevenção.

Falar hoje do HIV/SIDA é falar da realidade e desenvolvimento ameaçado. Muitas pessoas, não tomam isto como um assunto sério, algumas por uma simples ignorância, outros por falta de uma educação cífica eficaz e eficiente, outras por questões culturais-tradicionais.

Para terminar, convidamos à todos para que tomassem este problema como um ponto de reflexão da vida, lutassem antes para o combate e prevenindo do sida, porque o sida só mata e não tem cura.

PREVINA-SE DO SIDA E LUTE PELA VIDA.

VAL/04/NAM (186)

L1: Emakhuwa

Idade: 35

Problemas da juventude:

Futuro profissional.

No nosso país, prevalece o problema da escolha profissional. O jovem, ao longo dos seus estudos, sejam eles do ensino primário até o ensino pré-universitário, não conseguem alcançar o seu sonho profissional.

Entretanto o "jovem" que entra no ensino primário tem alguma inclinação (domínio) de determinada área de estudo, este vai perdendo na medida em que **passará** dum grau de ensino para outro. Por exemplo, um jovem tem habilidades na área mecânica e adota que seja sua futura profissão, ele **acabara** se desviar por haver falta de instituição específica para o tal ensino.

Contudo, em Moçambique, com o desemprego e a falta de Instituições vocacionadas para as várias formações profissionais, e, ainda com a subida da vida do nível social, os jovens acabam mudando de vocação, de certeza, lutando para fazer o nível pré-universitário no ramo de ciências sociais que pensam ser fácil e ou o ensino secundário- 10ª classe, para recorrer a contratação na docência.

Com isso, nos vários subsistemas de ensino Moçambique, deveria afectar os jovens nas instituições vocacionadas às suas futuras profissões atendendo o domínio de cada jovem.

SHA/05/NAM (100)

L1: Xironga/Xitsonga

Idade: 35

A vida nos ensina e mostra-nos que a nível do Mundo, África é o continente mais pobre e em particular Moçambique nossa terra. Empiricamente, afinal a que se deve a pobreza? Ora vejamos, na Europa, América e por aí fora são chamados países ricos. Há muita produtividade profissional e pouca produção biológica. Não **será** esta uma das razões dessas riquezas?!

E tú África, Moçambique, tem pouca produtividade profissional apesar de muita terra virgem mas com muita produtividade biológica. Hoje agravado com o problema do sida. Que tal se começarmos a pensar em novas estratégias ou novos desafios para a vida.

MBL/05/NAM (223)

L1: Elomwé

Idade: 38

História do dia a dia
(A falta do transporte)

O transporte é um meio para locomoção na vida cotidiana de um ser humano, e não só também para outros fins. A falta da existência dos mesmos, constitui um transtorno para a vida da sociedade em geral. E pode-se dizer que a vida praticamente pode parar em muitos níveis.

E se existe por caso alguns transportes ou benefício da sociedade, nota-se a falta de capacidade de lotação o que não podia ser. Um transporte deve ter a capacidade de lotação para se evitar a falta de respeito do ser humano na sociedade, num transporte em viagem deve-se prever muitas situações que possam acontecer sem ter contado. Daí, a precaução de cada pessoa viajar num meio de transporte bem segura e bem acomodada e para isso, precisa-se de controlar a lotação.

No nosso dia a dia, vive-se esse problema da falta dos transportes e se há, o enchente dos mesmos que constitui uma preocupação para a sociedade. O ser humano deve ocupar em primeiro plano num transporte de que objectos.

Num transporte comum deve haver a união entre o passageiro e o motorista. E por que não o respeito humana e a ética dos valores culturais e morais da sociedade. Respeitando essas normas todas que fazem parte da educação, **estaremos** ao lado de quem sofre.

NHA/05/BEI (173)
L1: Echuwabo/Cisena
Idade: 38

HIV/SIDA

Esta doença mortífera por enquanto que esteja a maltratar as pessoas no mundo, não tem cura. O que os homens devem fazer para se safar desta pandemia é abster-se e manter a fidelidade ou, então, usar a camisinha "Jeito".

Eu, na qualidade profissional como docente que **serei formado** neste instituição, **farei** de tudo para explicar aos meus alunos para precaverem desta doença de modo a não sucumbirem da vida muito cedo. Também educar a sociedade e a comunidade do meu bairro residencial para puderem mudar de comportamento perante esta situação, aplicando as medidas preventivas que ajudam a proteger a sua saúde.

Do mesmo modo, **terei** a tarefa tão importante na escola onde **estarei a trabalhar**, de formar um núcleo de alunos e professores que **farão** parte na apresentação de um grupo coral com canções, músicas, poesias e peças teatrais que vão dramatizando no bairro, nas outras escolas, nos mercados a cerca do perigo desta doença, as formas de prevenção e as medidas acautelares a observar quando um parente for seropositivo em casa.

TEM/05/BEI (198)
L1: Cibalke
Idade: 43

O futuro profissional

A nível do globo terrestre, qualquer cidadão independentemente do paralelo ou meridiano em que se situa, desde que esteja a estudar ou a seguir uma formação, realmente projecta na mente um futuro profissional onde antevê: o ramo de serviço, instituições do ramo, organigrama organizacional e administrativo do ramo, locais de operações, meios de acesso, sacrifícios necessários a empreender, o ambiente de trabalho, a remuneração, e, mais.

Para o meu caso o futuro profissional após a conclusão dos estudos na U.P., está que quase ensombreado. Não se sabe onde depois **ir trabalhar** dada a extensibilidade do nosso país; como também para se beneficiar do salário compatível ao nível **será** muito complicado e tardio por ser docente de N3 e que para mudar de categoria é um autêntico câncro dada a falta do cabimento

orçamental. Porém, se, tudo fosse automático ou imediato, pelo menos o futuro profissional seria um regalo na vida.

Assim seria porque era de esperar um salário melhorado, meios circulantes para o serviço, escolas apetrechadas com materiais modernos, direitos concretizáveis, deveres cumpríveis e tudo isso o somatório seria igual à "longa vida num futuro melhor".

Mas, **ver-se-á** na prática, que o mundo não está parado!

ANEXO F – PM Oral

PM ORAL

1. DID UEM	583
2. DID/D2 de <i>Panorama do português oral de Moçambique</i>	590

1. DID UEM

TÍTULO: Cantar e Pintar
 LOCAL: Moçambique - Maputo
 DATA: 1983
 INFORMANTE
 SEXO: M
 IDADE:
 ESCOLARIDADE:
 PROFISSÃO:

OBSERVAÇÕES: Estão presentes vários amigos do entrevistado, que conversam entre si. O informante produz 'realidade' por «realidade».

-> eu **irei** portanto **falar** um bocadinho da arte, quer dizer, a arte, **vou falar** muito concretamente no ramo da pintura, música, aliás nos ramos de pintura e música. se for falar, começar a falar de música, tenho principalmente a afirmar que os primeiros passos dei em mil novecentos e setenta e nove quando um alto sócio meu inspirou, inspirou uma coi[...], não esteja a rir-se, é, é uma realidade, 'jô',

- iá.

-> inspirou-me por concre[...], quer dizer, eu ia lá em casa dele, tocava aquelas músicas profundas com notas tão complicadas, eh pá, eu ficava totalmente impressionado. a única solução era pedir o homem i[...], a ensinar algumas músicas. e ele disse "olha, a única coisa que posso te dar agora [...] estudar, não sei quantos". eu fiz o mesmo. porque, quer dizer, antes disso eu andava lá a tocar [...] sem regras sem nada, sabes, hoje, com o andar dos tempos, devido à, às aulas que o meu sócio me deu felizmente já toco alguma coisa. e felizmente posso me or[...], quer dizer, não é orgulho mas é uma realidade que re[...], que surge, que acontece, verídica, que posso mostrar. agora tenho feito várias músicas, feitas por mim, portanto, com várias letras. ah, tenho muitas músicas, não sei se posso mostrar uma delas por exemplo. uma delas é esta. portanto, se for a cantar a letra é assim

- por exemplo, essa letra foste tu a fazer, não é,

-> fui eu. est[...], é de começar a cantar, não é, um momento, tem que sair uma pequena introdução. "não foi preciso olhar-te duas vezes para me lembrar daquela paisagem. não foi preciso olhar-te duas vezes para me lembrar daquela paisagem, aquela paisagem que me impressionou e desejei tranquilidade. aquela paisagem que", portanto, esta é uma das música que tenho feito e, quer dizer, neste momento eu já nem sei como agradecer ao amigo que me, que me ensinou a tocar a, a viola. por isso co[...], quer dizer, acerca da música não tenho mais nada a dizer senão, **irei** já **saltar** um bocadinho no, no ramo de pintura. a pintura, quer dizer, foi uma coisa que já vinha desde criança, gostei de, gostei de desenho desde talvez a infância porque lembro muito bem que quando era garoto andava a esboçar no chão, pá, com o dedo e tal. mais tarde comecei a fazer, quer dizer, desenhos assim de criancice, sabes, nos cadernos de escola primária e lembro-me que em mil novecentos e oitenta tive um primo que estava a tirar o curso por correspondência de desenho e pintura, Alberto Torrão, quer dizer, ele foi a pessoa que me deu mais força e infelizmente quando estava para me inscrever o curso já estava encerrado mas nem com isso fiquei parado. pedi ao mesmo primo para ver se me dava alguns, alguns tópicos deste ramo, mas, eh pá, não sei o que é que se passou com ele, pá, talvez por causa do tempo, ele disse que não podia. mas mesmo assim também não fiquei parado. a única coisa que tinha a fazer era só investigar assim sozinho através de, eh pá, material que eu tinha, não é, lápis de carvão e tal. mais tarde dediquei-me, comecei a dedicar-me na pintura. comecei a pintar, pá, principalmente foi com aquarela, e vi que, que estava subdesen[...], não sei, quer dizer, como eu estava a treinar sozinho, para mim aquilo era um pouco difícil. comecei a pintar com guache também, também não resultou muito bem, mas afinal era, mais tarde notei que era falta de táctica, sabes, porque se, eh pá, se tivesse aqueles conhecimentos básicos, não haveria

nenhuma, nenhuma dificuldade. por isso, pá, quer dizer, agora tenho um pouco de jeito mas que não é aquele jeito que se diz... jeito.

TÍTULO: Maternidade

LOCAL: Moçambique - Maputo

DATA: 1997

INFORMANTES

SEXO: 1 M e 1 F

IDADE:

ESCOLARIDADE:

PROFISSÃO:

OBSERVAÇÕES: O texto consta de um programa de rádio em que participam uma ouvinte, o apresentador e o então Ministro da Saúde, todos de Moçambique. Uma vez que os informantes não intervêm ao mesmo tempo, não é necessário distinguí-los e a fala de cada um aparece a seguir a ->; a fala da responsável pelo programa aparece a seguir a -.

-> está?

- bom dia.

-> está sim?

- estou sim, bom dia.

-> bom dia.

- por favor, o seu nome?

- está, bom dia!

-> bom dia.

-> Neli Elias.

- senhora Neli Elias, já está a participar no programa, estamos a debater o projecto de lei da, da revisão da lei do trabalho.

[...]

-> em princípio parece que algumas empresas aí não concediam licença de parto quando se tratasse, por exemplo, de nado morto. mas que... parece que esse problema foi ultrapassado

[...]

-> nesse novo, ou nessa nova lei que está-se aí em, em estudo. é o seguinte: claro, neste momento vamos por partes, porque tenho na mente que não **estará** aí nenhum médico, ou nenhuma médica aqui da ginecologia. porque, tenho a máxima certeza de que ao conceder licença do parto, não concedem licença de parto porque... nós temos o bebé. não é só isso, em primeiro lugar, temos que ter em conta que uma mãe, desde o primeiro m[...], dia da sua gravidez, até o último mês que é o nono mês em que a senhora tem lá o seu bebé, **terá sofrido** tantos, tantos gastos a nível... físico, a nível... de saúde e não sei quê, e tenho a máxima certeza de que também os médicos de facto, se dão, claro, estão aí de acordo com o próprio governo que concede essa licença, não sei quantos. tenho a máxima certeza de que não dão só por causa do bebé. primeiro porque a própria senhora tem que se reconstruir fisicamente, a nível de saúde, que é para poder entretanto retomar o seu trabalho. imaginemos então para uma senhora que tem licença de parto, eu **vou falar** mesmo do meu

caso concreto, que eu tive uma miúda... pela cesariana. dentro de dois meses eu tinha que retomar serviços. eu onde trabalho subo lá escadas. sinceramente que eu sofri tanto que até hoje em dia ressinto esse sofrimento de dois meses só que me concederam e que eu tinha que retomar o, o meu trabalho. porque, se eu for a ver uma senhora que tem parto por cesariana, uma senhora que tem parto normal, há uma grande diferença. agora, gostaria de saber se está se estudar essas duas discrepâncias. entretanto dizia assim, digamos, entre aspas, duas diferenças de parto, se **haverá** licença de parto para aquelas que têm cesariana, porque o sofrimento não é o mesmo logicamente para curar a ferida às três carnes, assim digamos, às três carnes que eu sofri de corte para eu poder tirar a minha criança. se essas, esse sofrimento dos parto, passa essas cicatriz todas só por dois meses.

[...]

-> e em segundo, se de facto, efectivamente, o governo, quando faz essas leis, tem mesmo na mente que também, hum, essas crianças que a gente tem, ao ficarem em casa só por dois meses, conseguem mesmo efectivamente ter o afecto próprio, hum, se é possível mesmo isso. em terceiro lugar, o aspecto que eu desejava de colocar é o seguinte: se não é possível, na mesma lei que está em discussão, quando pelo menos as senhoras tiverem, ou no oitavo mês eu sei que há uma dispensa antecipada de alguns meses, conheço algumas partes do estatuto, um pouquinho. dá uns vinte dias ou o quê antes da pessoa requerer e não sei quê, para ver se pode descansar em casa. mas sinceramente, se eu gasto esses dez dias, então quantos é que eu **vou ficar** com eles, para depois do parto recuperar um bocadinho o meu estado físico? porque o que está em causa aqui não é o facto de eu ficar com criança em casa. é a mim própria, a ter que recup[...], recuperar o meu estado físico, o meu estado de saúde, que eu sofri durante os nove meses e que sofri durante o parto. ainda [...] a cesariana, não é só o bebé que eu tenho que ver o bebé crescer [...] se for para ver o bebé crescer dois meses não é nada, isso. não é nada, praticamente. penso que aí a maioria dos senhores que estão aí a participar são todos casados, têm assistido muito bem a, as suas... senhoras em casa, com as suas bebés. não é só os dois meses em que a gente deve acompanhar e dar afecto aos nossos bebés em casa. é um problema destes: imagine que eu tive uma colega há pouco tempo, hum, quase que dava parto nas escadas. quase que dava parto nas escadas. porque é que então não pode entrar nesse estudo?

[...]

-> por isso que eu estava a pedir a todos os intervenientes que sentissem este problema de maternidade, não ver isso como uma coisa assim de brincadeira, de facto, isso dói muito para nós, dói muito para nós, as senhoras. dói mesmo.

[...]

- muito obrigado por esta sua intervenção, eh, neste programa "Linha Directa". senhor ministro, queria dar alguma achega a isto, ou, ou o so[...], o Sembé pediu há muito tempo para usar da palavra. mas, por favor, senhor ministro.

-> bom, eh, podemos todos falar sobre isto, porque, eh, é justamente esta a composição agora completa, que tratou de fazer o debate daquilo que é o projecto que **vamos levar** à assembleia da república. eh, aos empregadores interessa esta matéria, portanto, se o representante dos empregadores que aqui está quer falar, penso que é justo. mas dizer o seguinte: que de facto a proposta procura clarificar uma série de aspectos que, eh, a ouvinte colocou. e, e outros, porque, enfim, não temos ainda a, a, as condições materiais para poder introduzir aqui, não estão cá. relativamente a esta questão do, o nado ser vivo ou morto, o projecto, no seu artigo setenta e quatro, eh, preconiza que a licença de sessenta dias, referida na alínea "e" de, desta disposição, aplica-se igualmente aos casos de parto a termo ou prematuro. independentemente de ter sido um nado vivo ou um nado morto. portanto, eh, se há parto, há licença. não, não, não tem nada a ver se o nado foi vivo ou morto. houve parto, é aquilo que ela referiu. eh, foram nove meses de gravidez, portanto a licença visa a, a recuperação da parturiente e não do, do, do, do, do filho, e em relação ao filho, ou à filha, o, o, o, a lei preconiza o, o, um outro benefício, que é um intervalo, eh, para in[...], fazer a interrupção da jornada, para ir amamentar o bebé. dizer também que esta questão que nos coloca, de o parto ter sido a cesariana ou um parto normal, eh, eventualmente **teremos** de encontrar, eh, tratamento, eh, da situação do parto da cesariana como um caso de doença. portanto o, o, já não é

porque a ferida ou ferimento que, que se deu p[...], para poder, eh, enfim, eh, remover o bebé, eh, esse ferimento já não é o, o, digamos, o parto. é, é um caso de doença. e, e aí, eh, penso que encontramos, eh, eh, cobertura noutras disposições do, do projecto. o artigo quarenta e dois, eh, preconiza, por exemplo, que as faltas que sejam dadas por causa, eh, eh, dessa situação, eh, possam, eh, eh, ser consideradas justificadas.

TÍTULO: A Chuva

LOCAL: Moçambique

DATA: 1986

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 32 anos

ESCOLARIDADE:

PROFISSÃO: Professor

-> bem, voltando um pouco atrás

- hum.

-> voltando um pouco atrás, queria-me referir lá a certos aspectos, eh, da minha vida... lá no campo.

- hum.

-> precisamente quando, eh, vivia... com a minha mãe, bom, conjuntamente estavam, estavam dois irmãos, um mais velho, que eu sigo a ele, e outro segue-me a mim, eh, [...] a vida no campo, o, a base económica é a agricultura!

- hum.

-> que a minha mãe tinha que logo de manhã muito cedo sair para a machamba e muitas vezes eu ficava sozinho

- hum, hum.

-> e isto criou em mim uma... situação, quer dizer, **vou dizer**, acabei por ganhar timidez!

- hum.

-> e isso está-se a reflectir mesmo até, eh, estes dias

- hum, hum. hum.

-> da minha vida. sou um bocado tímido

- hum.

-> mas eu penso que consigo ultrapassar esta situação porque, eh, como professor, muitas vezes nós, eh, somos obrigado a falar, falar, e... falamos muito. mas, em certos casos tem-se verificado, muito, essa situação, portanto, timidez. eu sou tímido por natureza

- hum, hum.

-> eh, eh, durante esse período, julgo que já tinha quatro anos, eh, aconteceu-me algo de muito engraçado. eu gosto até agora, como sempre gostei, eh, de ver cair a chuva.

- hum, hum.

-> é muito engraçado.

- hum, hum.

-> eh, recordo-me de... ter uma vez, na ausência de... toda a gente em casa, estava eu sozinho, devia ser período da manhã, minha mãe estava na machamba, o meu irmão mais velho não me recordo onde é que estaria, mas o mais novo, esse estava sempre com, com a mãe.

- hum, hum.

-> eu sozinho em casa, começou a relampejar, a trovejar, e pouco tempo depois choveu. e... em nossa casa havia, eh, uma de alvenaria, uma casa de alvenaria e outra uma palhota. eh, e eu preferi ficar, eh, na palhota. mas não dentro da palhota, entre, le[...], a cobertura das palhotas deixa um certo

- hum.

-> espaço. e, e mesmo chovendo, a pessoa não apanha

- hum.

-> estando de fora da casa. fiquei ali, a ver... o, o engraçado para mim era ver as águas a cair daquele capim para o chão!

- pois.

-> fiquei ali durante... todo o tempo que pude, a assistir àquele espectáculo de água que caía, depois acabei por apanhar sono, e eu estava um pouco deslocado, eh, em relação à porta. portanto, como aquilo é redondo, a minha mãe quando chegou não foi capaz de me localizar! é engraçado que ela aflita

- ih!

-> eh, nunca se lembrou de dar a volta à casa.

- hum, hum.

-> teve que me procurar na vizinhança, que também não podia sega[...], ah, seguir a pegada, porque, como choveu, todas elas desapareceram!

- [...]

-> eh, eu continuava ali a dormir, eh, e ela também aflita, só muito mais tarde, quando ela já estava a pensar que devia fazer uma distância de quase dois ou três quilómetros, para casa dos meus avós maternos para ver se eu teria ido para lá

- hum.

-> é que, quando ia a sair, em vez de utilizar o caminho que dava saída, portanto, de casa, eh, quis cortar. portanto, então viu que eu que estava ali, sentado, mas adormecido. eh, é um facto que eu nunca mais esqueci na minha vida e, bom! isto aconteceu porque eu gosto de ver chover e mesmo agora que sou adulto, quando começa a choviscar, é à noite, de dia, prefiro ficar na janela ou saio mesmo para ver...

- hum.

-> as águas a cair.

- hum.

-> é engraçado mas... eu gosto da chuva.

TÍTULO: Sentimento e Desporto

LOCAL: Moçambique - Maputo

DATA: 1997

INFORMANTES

SEXO: 2 F

IDADE: 25 e 26 anos

ESCOLARIDADE: Frequência de um curso superior

PROFISSÃO: Professora estudante e estudante

OBSERVAÇÕES: Trata-se de um diálogo entre duas amigas, ambas de Moçambique e com a voz muito parecida; a seta indica a primeira interveniente no diálogo.

-> bom, falando de desporto, eh pá, o desporto em Moçambique... s[...], eh, depois da independência, nós víamos que as pessoas, eh, praticavam desporto

- hum, hum.

-> praticavam desporto por amor à camisola. porquê? porque ganhava-se muito pouco. mas também pelas condições de vida, nunca foram assim muito coiso, [...] ain[...], ainda não eram assim muito complicadas, como agora, depois do coiso, eh, do plano de reabilitação económica. porque depois do plano de reabilitação económica o que é que aconteceu? os jogadores começaram a passar muito mal.

- porquê?

-> os subsídios que eram dados nos, nos clubes não eram suficientes para a sobrevivência. então é daí que o nosso desporto começou a, a quebrar-se. mas olhando para esse momento em que, as pessoas já estão a despertar a atenção nisso, nós vemos que há de novo uma participação na área desportiva.

- iá. também a, a Lurdes é que nos abriu a porta. nós começámos a ver que afinal a, o, a mulher também é capaz de chegar muito longe. eh, ant[...], era muito raro ouvirmos, até parece que ela foi a primeira a participar num campeonato mundial.

-> não parece...

- é, foi a primeira, não é,

-> [...] entre os moçambicanos, ela é a primeira, claro!

- hum, hum. iá. então ela abriu-nos a porta. agora, acho que **hão-de surgir** mais. só que, por exemplo, no atletismo, parece que é a única, a, a, a [...], como? a Argentina já não se faz falar muito, não se fala tanto dela. então até dá a impressão de que basta a Lurdes envelhecer, já o, o atletismo, eh, vai a, é, atletas n[...], não há, não, não **vai-se falar** mais de atletas moçambicanos.

-> mas falando do desp[...], do, do enquadramento da mulher, no desporto

- hum.

-> nós já tivemos, eh, eh, atletas de renome, no básquete, hum, quando falamos

- hum, hum.

-> da... Esperança Sambo, hum, foi uma pessoa de renome, era uma boa basquetista, que se tivesse tido oportunidade naquela altura de ir para o exterior, talvez também tivesse chegado ao extremo talvez da Lurdes. quem sabe?

- iá. eu acho que o nosso problema aqui é, é financeiro, não é, porque as pessoas só se fazem ouvir quando saem para fora. aqui em Moçambique nós ficamos, é muito ra[...], pouca gente conhece, por exemplo, eh, eh, a Marta, Marta de, de Maxaquene, pouca gente conhece, mas a Lurdes, como está fora, todos nós passamos a conhecer a, a, a outra, a, a, a Clarisse, também como está fora, nós passamos a conhecer. eh, mudando de assunto, falando da, da derrota da Lurdes Mutola nos oitocentos metros, deu impressão de que ela desleixou-se no fim, não é,

-> ó pá, aquilo nem foi bem desleixo. ela tinha aquela impressão de ganhar, hum, impressão não! ela fez todo o esforço para ganhar, eu acho que ela até teria conseguido a medalha de prata!

- sim, é por isso que eu acho que ela desleixou-se. porque já no fim, é quando ela, acho que parece que ela só estava a correr para o primeiro lugar, a pensar só no primeiro. mas quando viu que estava no segundo, ela deixou a outra pessoa ultrapassar.

-> ah, para ficar no pró[...], para ficar no terceiro.

- sim.

-> quando falas em desleixar-se, falas... em raza[...], em, em, em, em relação a estar em terceiro lugar

- [...] sim.

-> porque ela podia ter ganho o segundo.

- sim.

-> porque, em termos de vitória, de cortar a meta, ela ser a primeira, ó pá, aquilo depende das técnicas: ela puxou tanto no princípio, desde o princípio que quando já estavam quase para cortar a meta, ela já estava cansada, e a Ana recuperou, como vinha lá de trás, ela tinha mais energia, foi por isso que conseguiu ultrapassar. não porque ela desleixou-se para ela poder ultrap[...], para a, para a Ana poder ultrapassar.

- iá, depois, no fim, ah, depois do, do jogo, não é, a, de, da corrida, muita gente começou a criticar a ela. é, eu acho que se nós estivéssemos perto dela talvez nós nem teríamos dado apoio. ela deve-se sentir marginalizada. acho que no fundo, nós devíamos dar um apoi[...], um apoio moral. até foi bom quando vi, aliás, a men[...], a mensagem que o presidente mandou, a mensagem do, do ministro Cadufa, iá, eu gostei porque eu comecei a pensar: ela deve es[...], deve estar a sentir-se já, deve, porque, é um peso para ela, perder. ela começa a pensar: todos os moçambicanos estão à espera dela. se ela perde, ela sente-se em baixo, mas como as pessoas, algumas pessoas, não é, tentaram dar-lhe força, eh, não, não lhe puseram em baixo, claro, só se estivesse cá em Moçambique ela havia de sentir.

-> ó pá, sobre essa questão de dar força ou não dar força, é claro que n[...], é, é de direito dos moçambicanos de darem força, mas... nós temos, somos, acho que somos m[...], exigentes demais. recordas-te do último jogo dos Mambas no Estádio da Machava?

- hum, hum.

-> o que é que aconteceu? aos cinco minutos, quando Moçambique marca, muita gente já estava fora do estádio, estás a ver,

- iá, iá.

-> então, nós somos pessoas que não conseguimos, quer dizer,

- a nossa [...]

-> até porque, naquela altura, nós podemos aceitar mais tarde, mas naquela altura é difícil as pessoas aceitarem. quer dizer, toda a gente saiu de casa para o estádio, tinha na cabeça que Moçambique ia ganhar.

- então dá a impressão de que esse é o pensamento moçambicano. é, a Lurdes também fez o mesmo: viu que não, que não, não ia conseguir o primeiro lugar, [...], preferiu ficar perdendo, não é, um terceiro, até ao terceiro, se tivesse aparecido mais um, acho que ela havia de ficar longe no quarto lugar. acho que é o pensamento moçambicano. não aceitamos a derrota.

-> não vamos dizer que é o pensamento moçambicano. é um sentimento de desportista. porque toda a pessoa que vai para o campo espera ganhar.

- sim, mas eu acho que noutros países, por mais que os jogadores percam, mas são recebidos com um pouco de, de carinho, não é, quando chegam. mas nós já rece[...], às vezes recebemos com, des[...], desprezamos. mesmo quando os Mambas foram perder na África do Sul. toda a gente, "esses, quando chegarem cá, **vão passar** mal connosco", "eles foram brincar, não jogaram bem". temos sempre essa tendência. sem querermos entender que eles também podem ganhar ou perder. é difícil o moçambicano meter na cabeça que ele pode ganhar ou perder.

2. DID/D2 de *Panorama do português oral de Moçambique*

1.2. Extracto da entrevista

PC1URA

AT: Isaura pode nos falar um pouco da: sua infância?

URA: ha eu nasci em mil novecentos e setenta e três -- portanto no dia seis de agosto e de lá vivi com os meus pais cresci com:/junto deles e comecei a estudar co:m sete anos de idade isso na escola primária três de fevereiro onde concluí o ensino primário em mil novecentos e: -- oitenta e quatro -- daí transferi-me para uma escola pré/pré-primária que é a escola secundária da maxaquene isto na: ...eduardo/na avenida ahmed sekou touré -- daí fiz a classe em mil novecentos ha -- fiz o ensino né :/em mil novecentos e: oitenta e oito passei agora para a josina machel e eu acho que até próximo ano **poderei** concluir o ensino/o ensino pré-universitário aqui nesta escola –

AT: isaura/agora **vai falar** um pouco do que fazia quando era pequena

URA: quando eu era pequena era muito cómoda né:... minha mãe sempre dizia “isaura tens que fazer isto não sei quê” eu gostava muito de brincar com bonecos outras coisas/carrinhos brincava com areia minha mãe sempre não me deixava mas eu sempre eu ia lá brincar/no entanto uma das vezes

157

quando eu estava na segunda classe o meu pai batia-me tanto porque eu não gostava de estudar... então ele tinha que insistir deixava umas cópias do livro para eu ficar a fazer aquele trabalho e viesse apresentar mais logo quando ele voltasse do serviço assim eu ficava a brincar e minha mãe dizia “olha menina vai estudar porque senão o teu pai **há de vir** te bater ... não sei quê” eu dizia ha “**hei de ir**” então o velho vinha ver aqui//aquele trabalho pá erros não sei quê corrigia então mandava-me fazer a cópia das palavras erradas não sei quê -- eu sempre fazia esse trabalho mas/cresci na companhia das minhas irmãs - tenho seis irmãs mais novas que eu - portanto sou mesma velha da casa --

AT: normalmente nessa idade nessa fase infantil há sempre episódios que nos marcam não é? que ficam connosco por terem sido alegres ou por terem sido tristes eu queria que a isaura agora nos contasse um desses episódios

URA: bem ha sobre isso... na minha infância eu -- fui muito feliz! só que: na fase de adolescência né/ é onde tive muitos problemas após quando o papá descobre que já estou a crescer... estou na fase de que os meninos **podirão** me perseguir ... então ele começou a apertar-me! eu/eu ia à ginástica no ministéria da educação voltava ia lá de manhã voltava às doze ia à escola às dezoito estava em casa! portanto ele começou me a impedir comecei a treinar para a escola quando estava na escola primária/pré-primária – pré- preparatória aqui na maxaquene começou a me proibir

de treinar ... porque eu podia ter namoradinhos... não sei quê ele começou a me impedir dezassete horas tinha que estar em casa ... trancada ... não podia brincar com ninguém ... eu me sentia muito mal porque eu gostava de brincar ter amigos tinha muitos amigos e amigas mas papá não me deixava brincar é onde eu me sentia mal... às vezes pensava em fugir de casa mas não podia fazer nada e num momento em que: -- com os meus dez anos meu pai e minha mãe separaram-se eu comecei a tomar conta de casa era-me/foi muito difícil encarar -- as coisas naquela altura ... eu não sabia cozinhar não sabia fazer nada -- serviço de casa comecei ai a -- a trabalhar... aprender ir ao mercado cozinhar... essas coisas todas mas foi um momento muito mau para a minha vida porque eu: não estava preparada para encarar aquele tipo de -- de/de situação --

AT: digamos que esse foi o acontecimento triste e o outro acontecimento que tenha sido alegre então

URA: ha acontecimentos mais alegres da minha vida na infância né? ha – eu a minha mãe dava-me passagens de viagem ... viajava comigo sempre e eu gostava né e tinha a minha avó que ia sempre a suazilândia pude ir ver/visitar a suazilândia pela primeira vez quando tinha oito anos de idade e lá vi que as coisas eram muito diferentes daqui de maputo... a vida de lá as pessoas de lá eram mais bonitas... mais gordas... e/eu... gostaria também não é quando eu era criança dizia que “eh pá quando eu crescer **vou viver** lá...” não sei quê só que acontece que agora já que estou crescida começo a ver que a vida não era ...aquilo que eu via dantes e já não penso em ir viver lá!

AT: onde é que pensa ir viver?

URA: não eu prefiro ficar aqui no Maputo ou -- estados unidos!

AT: porquê estados unidos?

URA: porque/eu acho que lá a vida -- está mais ou menos né quer dizer nunca ouvi falar assim muito mal mas a vida de lá está normalizada para todo ... para todas as pessoas... para todas as pessoas que vivem lá! não têm assim tantas dificuldades como por exemplo nós temos aqui não têm problemas de guerra pode ter ter mas tem tido soluções mais óbvias e muito rápidas

AT: por falar em viagens que fez na infância ha tu tiveste mais viagens para além dessa?

URA: sim tive agora por exemplo que estou... crescidinha fui sozinha na companhia da minha prima fui até à suazilândia novamente fui lá visitar aquilo/ só que eu não sabia falar a língua de lá mas como sei um pouco de inglês pude me conversar pude perguntar isto mais aquilo para comprar uma coisa e sabia me contactar com as pessoas que estavam lá

AT: e como é que foi essa viagem? conte lá a ... foi de carro ... foi: de avião como é que foi ?

URA: para lá eu fui de de de machibombo saí daqui até -- ali à vitória apanhei os chapas dali para -- para/a namaacha chegámos em namaacha entrámos ali na fronteira -- dali passámos das migrações para carimbarem os passaportes de entrada não sei quê depois dali encontrámos o carro/apanhámos o machibombo de lá na suazilândia quando eram catorze e trinta saímos de lá até/chegámos a manzine quase dezasseis horas -- e -- lá procurámos os hotéis para a hospedagem assim conseguimos localizar ficámos lá hospedados dois dias

AT: ninguém da família vos esperava lá?

URA: não porque a família está assim distante e nós não quisémos dar trabalho quer dizer nós íamos lá passar exactamente fim de semana não queríamos demorar levar mais tempo por isso que não avisámos que íamos lá

AT: e durante essa vossa estada lá a vida como foi? foi difícil? o dinheiro que levavam foi suficiente para pagar tudo?

URA: o dinheiro foi suficiente para pagar tudo e: eu observei que as pessoas de lá são: vivem de uma maneira... tal que não podia suportar aquela vida ... na vida de hoje né como já sei como se vive ... eles por exemplo podem comer na rua é o normal podem -- quer dizer/ tudo para eles é normal ficam fora só que observei uma coisa que as pessoas de lá parecem ter um horário para poderem se separarem da cidade a cidade praticamente quando são -- dezanove horas tem que ficar sem ninguém a partir dessa hora para a frente todo o mundo recolhe pá não apanhas ninguém a andar na rua à noite como nós fizemos aqui em maputo! aqui em maputo a qualquer hora alguém está a circular carro tudo mais mas agora lá é diferente ... agora o que não cheguei a saber os porquês daquele: -- daquele tipo de vida não cheguei a saber mas houve quem teve a oportunidade de me explicar “porque as pessoas vivem longe da cidade e apenas as cidades têm lojas fábricas não sei quê” e é por essa razão que as pessoas têm que se recolher muito cedo porque vivem nas montanhas é muito longe e não têm transporte para ir até lá onde vivem

2.2. Extracto do encontro

MX17ALB

PAR1: mamã -- antigamente -- da nossa -- ha da nossa -- familiar -- como conhecer você mamã? que você viviam você sabe não é? sim não antigamente vivia sempre comia mandioca ... dançavam ... xingombela ... brincava ... comia ... ((tosse)) esse -- sei lá se o quê! muita coisa né? não sei se: -- agora -- pra nós podemos fazer?

ALB: bem antiga eu andava na escola -- mas primeira lá na nossa terra manjacaze até lá aquela escola era andar as casa em casa levar as crianças pra lá na escola pra ir pra quê dar roupe ((tosse))

PAR23: é verdade o que está a dizer isso?

ALB: é sim senhora

PAR2: não

ALB: é sim senhora é o régulo dingane não é mentira é é

PAR2: é verdade vovô

ALB: depois régulo dingane vamos lá dar roupa pra ir dar roupa quando ia entrar lá na escola volta vai lá no machamba entrar dentro da machamba com a crianças e levar

PAR1: xxx as crianças lá na machamba

ALB: him machamba

PAR1: é aonde na sua machamba?

ALB: é lá machamba de manguene de mandioca e mandoim

PAR1: só isso?

3 PAR2: Segundo interlocutor (parceiro) do Informante no encontro.

PAR2: e feijão nhemba?

ALB: feijão nhemba não é tempo minha senhora agora nesse tempo é tempo de coiso de frio

PAR1: xxx

ALB: grande feijão nhemba era tempo de frio depois começamos estudar lá depois quando estudar ... sábado tem que ser escolher o outro que fica em casa do professor na cozinha quando escolhermos sábado volta sábado e outro sábado para em casa dele/bem para ficar lá

PAR1: ham ficar esse tempo o professor não faria

ALB: é era da vizinha

PAR1: não tinha senhora

ALB: senhora? mas não pode trabalhar

PAR1: porquê?

ALB: porque é um senhor da professor

PAR1: é mentira

ALB: não é mentira é verdade/a nossa professora é raul santo dima

PAR1: já eu conheço já aquele professor aí

ALB: é a primeira professor de manjacaze aquele ali primeira professor de manjacaze mas fica lá na cozinha lá -- lavar ... voltou cozinhar voltou lavar roupa e parar e depois no sábado arranjar coiso tenha mas na em casa para ir dar professor sábado sábado pra em casa de professor a nossa escola era perto de coiso hospital

PAR1: você **ficará**?

ALB: na//nossa casa

PAR1: mamã **ficara**: na: agora tempo de agora esse esse sei lá se é o quê esse escolinha não sei o quê

ALB: ham escolinha de agora é bom mas não é bom porque o dinheiro de pagar escolinha são vinte contos

PAR1: não chega só vinte conto ainda passa mas de vinte conto porque mês e mês vocês pagam dois conto e quinhento uma das vezes

ALB: agora primeira a na escolinha era -- coisa vinto eu foi perguntar lá na coisa no no ali na no coiso

PAR1: xxx

ALB: na escolinha do coiso do distrito número três disse que iá sã

PAR1: mas se eu dizer agora quer vinte conto mas você não sabe mês e mês você **paga**

ALB: agora já às vezes passa não é vinte -- às vezes passa mesmo

PAR1: você gosta de pagar vinte contos por mês dessa escolinha? porque ele estuda bem ou não?

ALB: embora não é estudar bom -- mas come lá a criança às seis vai lá levar às dezanove e trinta para em casa ... de tratar aquela criança é muito o dinheiro

PAR1: também bom -- mas eu acho que o tempo passado não estudavas escolinha xxx mas estudavam na escola e: levavam mandioca para escola e comerem aí sim mas mesmo assim estudavam bem ou não?

ALB: estudava bem porque aquela antiga não tinha -- não tinha caderno não tinha nada nossa caderno era só no chão

PAR1: ah! sim muito certo!

ALB: era aqui no chão mesmo escrever no chão na areia depois passar ... passar ... passar ... depois entra coisa/coisa/na na esteira

PAR1: mas tem

ALB: na na xxx depois xxx depois começar escrever ali agora uma caderno agora custa trinta e cinco

PAR1: antigamente era quanto?

ALB: era uma quinhenta até quando comprar coiso

PAR1: era escudo né?

ALB: comprar aquele ali coiso de coiso ardósia

PAR1: sim

ALB: era dar um coiso um coiso um porteiro era dar uma porteiro dar mesmo sem comprar nada agora custa eu tenho minhas netos cada um lápis ou lapiseira custa mil

PAR1: antigamente era assim?

ALB: semana passada eu tirou dois mil e quinhentos comprar coiso duas canetas para minhas netas outra encarnada são minhas

PAR1: então veja minha senhora que as coisas agora e antigamente não são mesma coisa

ALB: não

PAR2: de agora muito mal minha senhora porque as coisas de agora sai de longe para cá agora isso aí também é uma coisa que deve custar muito dinheiro né?

ALB: tem de longe mas outro faz aqui -- a caderno para aqui porquê no no corta o preço?

PAR1: tá: bem é que a vida já:

ALB: ele tem que cortar o preço porque há muitas crianças aqui não **há-de estudar** ante agora não estudam agora não estuda por causa disso de dinheiro dinheiro para comer é difícil nem para vestir as crianças é difícil como é que **vai estudar**? não pode estudar porque as coisa agora

PAR1: antigamente tinha esse coisa chamada «mussoco» já não tem só esta/nesse espectáculo ali

ALB: esse coisa de mussoco: também era bom tempo de mandioca ... tempo de mandoim ... qualquer talho de vizinha brinca com mussoco quando comer mandioca cozido ... mas anda brincar com mussoco agora

PAR1: já:

ALB: agora -- mussoco de agora é sassaricar

PAR1: sassaricar tá ver!

ALB: a mussoco de agora é espectáculo

PAR2: é hospital/tenho uma pergunta mas o quê que sobre a paz o quê que você vê para a paz nesse tempo de agora?

ALB: a paz? -- eu ainda não vejo nada a paz porque ainda não está ficar bom bom aquele aquele queria para saber que com a paz é isto -- hum ainda não chegamos o baso porque o renamo ainda não vem para --

PAR1: tem muita razão mas desde quando começou trabalhar na frelimo?

ALB: eu? em mil novecentos e setenta e quatro até agora estou dentro do partido frelimo

1 ENTREVISTAS

1.1 - Extracto da entrevista

MX9KUT

AT1: para além da viagem que:/ das viagens que o senhor tem feito à manhiça não **terá** feito outras viagens? por exemplo aquela que fez até à namaacha como é que foi? conta lá

KUT: bem: a viagem que eu fiz à namaacha foi uma espécie de aventura posso dizer que foi uma viagem de aventura porque em princípio eu não conhecia ha o distrito de namaacha ha fiquei muito surpreendido quando cheguei na escola em mil novecentos e oitenta... fui ver a

lista dos alunos que eram transferidos e que lá constava o meu nome e que eu deveria seguir a escola secundária de namaacha inclusive eu tive que reclamar porque não conhecíamos os professores deram moral que/ «olha -- acho que não é você sózinho que vai para lá são muitos alunos vocês **vão ser** acompanhados aqui por um professor até: a escola secundária de namaacha»/ bem procurei saber qual era o: meio que a gente devia utilizar para poder alcançar aquele sítio disseram/ que para lá vai-se de:: autocarro que esse autocarro as pessoas podem/ «vocês podem apanhar no coiso na na vitória ao pé da fábrica vitória» então a gente organizou-se no dia quinze de fevereiro do mesmo ano partimos para o:/ para a escola secundária de: de namaacha onde fomos recebidos e atribuídos os sítios para: o nosso alojamento sim

AT: como é que foi essa viagem? foi agradável porquê?

KUT: realmente foi agradável porque tive a oportunidade de ver uma outra paisagem que: na minha vida nunca tinha visto né? ha uma paisagem: bem bonita e tal vê-se lá montes -- e montanhas - - com uma floresta densa... e muitas outras coisas que pude ver ao longo da do ao longo da viagem/ sim

AT: muito bem ha relativamente a educação falou nisso disse ter estudado na manhiça ... depois estudou também em namaacha...e mais tarde na francisco manyanga o quê/ que tem a dizer sobre estes três sítios?

KUT: sobre estes três sítios posso dizer que fiquei mais ha alegre quando estive na escola secundária de: de namaacha também porque estava num nível um pouco elevado já tinha uma certa visão sobre -- as coisas né? ali o indivíduo pelo menos tem/ tinha a mínima noção de de investigar certas coisas e: sentia-me:/ alegre porque: para além de me dar com com os colegas dava-me mesmo com os professores eu ia mesmo à casa dos professores ... lá: estudar...os professores davam-me certas explicações .../e: além disso eu também dava: aulas/ aulas de alfabetização aos trabalhadores da da godica- há uma empresa lá que se chamava godica - e a veterinária dava lá aulas de:: matemática.../ matemática e ciências/ ciências chamavam de ciências geográficas lá/ ciências naturais melhor digo é isso

AT: sim ha que comparação o/ pode fazer.../ em relação ao ensino... no seu tempo e ao ensino... hoje em dia?

KUT: bem em relação ao ensino naquela altura e o ensino neste preciso momento posso estabelecer uma grande diferença/ existe uma grande diferença naquela altura é verdade que::/ não era qualquer indivíduo que devia --/ ou que deveria ingressar a escola em princípio -- deviam ingressar a escola - nesse caso nas escolas oficiais - os filhos dos pequenos burgueses... os filhos dos assimilados.../ não sei quantos mas que:: qualquer outro indivíduo poderia ir à escolas mas lá havia problema da/ de da palmatória que muitos alunos/ ou que muitas pessoas receavam tal da palmatória mas eu tive sempre coragem de enfrentar a palmatória não tinha prob// não tinha medo nenhum e também a educação naquela altura não era tão cara como hoje se verifica/ porque hoje em dia o aluno para poder tirar a sua décima primeira classe é preciso que os pais suem tanto... há problemas das propinas... há problemas do material didático... que é: muito caro há problema também da própria matrícula que o aluno deve contar um bom dinheiro para poder se matricular não digo para quem vai à universidade que aí já é necessário mesmo que seja filho de alguém para poder suportar as despesas de educação na universidade/ sim

AT: em termos da própria qualidade de ensino?

KUT: ha em termos da pró// da própria qualidade de ensino julgo que::/ o ensino neste preciso momento;/ reveste-se de uma boa qualidade mas também é preciso -- ver que:: não exi/ / não há aquela atenção que na altura havia né? ultimamente os aluno:s no// não tem-se dedicado tanto ao estudo tal como era desejado né? porque o aluno: ultimamente opta por utilizar a cábula ou opta por subornar o professor para poder transitar também / bem! muitas outras coisas que os alunos utilizam para poderem transitar de classe/ claro existem aqueles que mesmo transitem de classe utilizando os seus próprios esforços mas também existem aqueles que têm utilizado outras vias para poderem transitar de de classe sim

AT: tem algum conhecimento de um caso de:de passagem por suborno?

KUT: bem em relação a isso: não posso precisar de comentar mas: tenho acompanhado mesmo a verdade de de exames ... a venda de exames ... em muitos estabelecimentos de ensino embora não possa precisar de citar em que estabelecimentos de ensino isso se deu/ mas temos acompanhado através da informação... que houve venda de exames/ até inclusive são anulados certos exames até à elaboração ou até à nomeação de uma comissão de inquérito... para investigar certos casos ou certas anomalias verificadas sim

AT: uma pergunta importante -- mas estudar é mesmo uma coisa útil?/ é mesmo importante estudar?

KUT: é real! é muito real isso -- estudar é uma coisa muito útil porque o indivíduo que estudou tem o seu futuro garantido ... tem o seu futuro garantido e: onde quiser se empregar ... acho que **pode** se empregar mediante os seus conhecimentos né? mediante os seus conhecimentos enquanto que o indivíduo que não estudou olha! é muito difícil/ muito difícil para arranjar emprego nem digo hoje em dia em que é preciso que o indivíduo reúna pelo menos as habilitações mínimas décima primeira classe ou o ensino superior para poder ter os empregos sim

AT: também se diz que as crianças vão hoje à escola mas quando voltam para casa perdem respeito para com as pessoas com quem convivem/ quer dizer a escola não ensina nada?

KUT: bem a escola ensina né? se as pessoas/ não só na escola é/ que se deve ensinar né? mesmo em casa os alunos ou as crianças merece a educação do do do dos seus pais ... a criança deve sair da da casa com uma mínima educação do do do do seu pai ... chega na escola também adquire a educação do do coiso/ do seu professor e:: unindo essas duas fases de educação julgo que já há uma razão para tal para a criança poder ter o mínimo de de respeito se a criança sai da casa o pai não se preocupa em educar a sua criança ... só se limita a dizer «olha vai à escola ... o professor é que **vai-te educar**» nem sempre isso pode corresponder à à verdade né? nem isso sempre pode corresponder à verdade sim

AT: a propósito o senhor é pai como é que educa os seus filhos?

KUT: bem -- eu sou pai tenho - sempre estado com as minhas crianças aqui em casa ... sempre tenho aconselhado/ qual o comportamento que elas devem ter em relação às pessoas que:/ apanham pelo caminho em relação aos próprios professores devem saber saudá-los ... de boa maneira ... quando o professor lhe manda **deve** cumprir ... obedecer as orientações do seu professor assim como para qualquer outra pessoa que deseja um certo ofício assim deve cumprir sim

AT: para a construção do lar normalmente se começa pelo namoro e depois o casamento o que é que estas duas coisas dizem para si?

KUT: bem realmente é isso preciso/ primeiro é preciso namorar para depois: casar: casar-se né? e eu em relação a isso poderia dizer que: tive oportunidade de namorar com uma moça ... da minha própria zona ... com ela namorei/ tive três anos de de namoro ... a caminho mesmo dos quatro anos ... a gente estava a estudar ... o comportamento um do outro e vi realmente a moça: res// correspondia a a minha/ ao meu desejo né? correspondia ao meu desejo e: aos cinco anos a gente veio a contrair matrimónio estou viver com ela já há mais de: sete anos e nunca houve problema ... temos tido um bom relacionamento ... existe um respeito tal entre nós os dois -- não entre nós só mas com os meus pais ...para com os pais -- dela sim

AT: então que comparação pode estabelecer entre o namoro no seu tempo e o namoro hoje?

KUT: bem eu posso estabelecer era que: posso dizer que .../ em relação ao namoro naquela altura e neste preciso momento existe -- uma série de de diferenças né existe uma série de diferenças enquanto que naquela altura o namoro era um namoro mesmo com um certo objectivo existem certas famílias que não admitiam que o/a sua filha fosse namorada por um um rapaz só por simplesmente para passarem um tempo/ tinham que namorar mas tendo um certo objectivo por atingir enquanto que hoje em dia o namoro: parece uma coisa que: as pessoas/ para elas é um meio de divertimento né? as pessoas estão estão uns dois dias a namorar no dia seguinte: ah pá separaram-se porque «este é assim aquele é assim não sei quantos» quer dizer as coisas não chegam a atingir uma maturidade tal! uma maturidade tal que isso provoca mesmo tantos desastres entre -- os namorados sim

2. ENCONTROS

2.1 - Extracto do encontro

CH17LUM

LUM: qual é a velocidade máxima que tem xxx

PAR1 2 : cento e sessenta quilómetros

LUM: alguma vez já conseguiu também andar xxx

PAR1: ainda não temos estrada para tal

LUM: era capaz de andar a essa velocidade?

PAR1: ah claro!

LUM: mas o teu irmão já já é o contrário

PAR1: é o contrário

LUM: ele ele não consegue atingir essa velocidade

PAR1: ah também ele tem muito tempo sem andar de mota

LUM: mas aquela mota que ele tinha ha --

PAR1: tinha há quanto tempo está parada já passa um ano e eu tenho a mota como se estivesse com um relógio no pulso

LUM: ah claro mas também aque// aquelas motas da marca uz têm problemas muito sérios ha para assistência técnica daquelas motas ha -- é preciso fazer um trabalho muito muito duro para arranjar peças sobressalentes

PAR1: isso é muito claro aqui em moçambique mesmo a honda é muito difícil arranjar peças sobressalentes pode haver mas são caras

LUM: eu estava a pensar em comprar aí uma suzuki cento e vinte e cinco mas receio não poder arranjar peças não sei qual é a sua opinião ha relativamente a ha --

PAR1: suzuki cento e vinte e cinco são raras ha é como a uz

LUM: são raras né?

PAR1: é como a uz

LUM: então deve ter problemas?

PAR1: **terás** muitos problemas

LUM: então o que é que me aconselhas que eu não comprasse?

PAR1: para meio de transporte podes comprar mesmo uma bicicleta

LUM: uma bicicleta? uma bicicleta não dá jeito nenhum porque olha é preciso ter muita energia para poder conduzir a própria bicicleta né? depois o equilíbrio -- você tem que fazer equilíbrio e:: para ter para ter possibilidade de

2 PAR1: Primeiro interlocutor (parceiro) do Informante no Encontro.

PAR1: mas aconselho-te também a andar na bicicleta por uma coisa tu **hás- de precisar** de mais energia menos combustível menos óleos e é a coisa que sai mais barata para ti

LUM: mas o problema também é de morosidade não é a pessoa pega na bicicleta precisa de chegar na baixa ha **vai perder** muito tempo só a fazer o trajecto daqui para baixa cerca de trinta minutos ou mais ao passo que numa motorizada não, é logo cerca de cinco minutos né?

PAR1: ya mas só que uma pessoa andando de motorizada né? tu não **vais andar** na mota porque **vais comprar** um maço de cigarros na baixa sai-te mais caro

LUM: ah claro mas é mais barato também ir de mota à baixa do que -- é mais barato do que chapa cem

PAR1: não

LUM: não

PAR1: é mais barato ir de chapa cem que de mota

LUM: não numa mota tu podes ir com um amigo ha portanto contas logo duas pessoas e à volta ha também mesmas duas pessoas portanto ha se fosse chapa cem era preciso dispendir há

PAR1: dois mil

LUM: dois contos o contrário da mota não penso que a pessoa não acaba um litro de gasolina daqui para baixa e voltar

PAR1: se é que vê lá se não vais à baixa e voltas sem a mota

LUM: com um litro de gasolina?

PAR1: sim! roubam-te a mota

LUM: ah sim esse é outro problema dos ladrões já contaram-me uma história aí de um ladrão de motas ali para o prédio dos trinta e três andares dizem que chegou lá alguém pá estacionou a sua mota o ladrão também chegou lá pá queria rou//queria surripiar a mota entretanto o que é que fez? trazia um cadeado e: uma corrente ha: chegou portanto fechou a roda de frente porque a de trás o dono da mota tinha fechado entretanto ele saiu escondeu-se aí perto nisto o dono portanto desce para sair da mota e viu que pá a roda de frente estava fechada decidiu ir buscar uma chave de fenda e um machado para ver se arrombava o cadeado estranho que estava lá a verdade é que ha -- naquela altura o ladrão aproveitou tirar a a sua chave pegou na mota e foi-se xxx com ela portanto há muitas coisas que acontecem cá no maputo estragos né?

PAR1: ya são coisas

LUM: por isso é sempre aconselhável um indivíduo andar de motos bem grandes -- uma motinha cinquenta facilmente se rouba

PAR1: uma vez acompanhei que há um senhor que tinha a casa toda ela gradeada e os os ditos ninjas né? foram para lá para irem roubar a alta noite viram que a casa toda estava gradeada então eles abrem a torneira

LUM: mas a torneira da --

PAR1: no jardim

LUM: sim senhor

PAR1: abrem a torneira a torneira tira água

LUM: pois

PAR1: e os donos o dono da casa corre abre a grade para ir fechar a torneira e foi quando os gajos tiram a arma né? apontam ao dono da casa dizem que "não, não é preciso fechar a torneira" está a ver? são coisas que acontecem

LUM: ou//ou//outro indivíduo tinha estava na sua residência né assistir televisão muito bem entretanto o ladrão chega rouba a antena lá lá do tecto entretanto a televisão já não conseguia sintonizar nenhuma estação e o dono da casa fica muito preocupado sai pá ah descobriu que era a antena que se tinha deslocado sai e vai acertar a antena né só que deixou a porta aberta os ladrões entram dentro da casa tiram-lhe o televisor o vídeo e mais alguma coisa que estavam mais perto foram-se embora o dono da casa quando desce verifica lá para dentro da casa viu que eh pá o televisor que deixou lá dentro já não estava no sítio e quando sai lá para fora para ver de facto o que teria acontecido quando olha para o tecto nem a antena já estava lá

PAR1: levaram tudo junto

LUM: é verdade mas tu disseste que ias para o jogo não não percebi bem xxx

PAR1: xxx

LUM: lá lá no peixoto ((mudança de tema)) uma carrinha fechada não, fechada não lha caixa aberta

PAR1: caixa aberta

LUM: eu sei eu sei que na suazilândia é possível suazilândia ou áfrica do sul é possível comprar uma carrinha com: dez mil rands tu consegues pá apanhar aí uma datsun ou uma toyota hiluxe e: bmw de bom jeito para os meus trabalhos particulares né?

PAR1: que trabalhos porque há vários tipos de trabalho há os famosos chapa cem?

LUM: chapa cem não vale a pena com isso é só para estragar a viatura né?

PAR1: hum

LUM: eu posso me meter pá aí na coisa na praça e cobro aí taxas de aluguer para transporte de certos materiais ha sacos pá aquelas senhoras aí do mercado quando quiserem ir buscar o peixe **podem**-me alugar por exemplo

se eu conseguir um rendimento diário de cem ... cento e cinquenta contos acho que já não é nada mau

PAR1: já dá para ir às barracas?...

LUM: ha barracas?

as barracas sempre trazem barracas pá

PAR1: ah claro né

LUM: não dá pelo menos fazer dar uma festa em casa aí fim de semana com amigos pá

PAR1: estar no jardim com a família

LUM: família sim

PAR1: a trocar uns copos...

LUM: sim

PAR1: ya